

CRÓNICAS DE ALLARYIA

TERCEIRO VOLUME

MARÉS NEGRAS



FILIPPE FARIA

CRÓNICAS DE ALLARYIA

TERCEIRO VOLUME

MARÉS NEGRAS

73

EDITORIAL PRESENÇA

Email do autor: aewyre@email.com

FICHA TÉCNICA

Título: *Crónicas de Allaryia Marés Negras*

Autor: *Filipe Faria*

Copyright © by Filipe Faria e Editorial Presença, Lisboa, 2003

Capa: *Samuel Santos*

Pré-impressão, impressão e acabamento: *Multitipo Artes Gráficas, Lda.*

1.a edição, Lisboa, Dezembro, 2003

Depósito legal 202 147/03

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa à EDITORIAL PRESENÇA Estrada das Palmeiras, 59 Queluz de Baixo
2745-578 BARCARENA Email: info@editpresenca.pt Internet: <http://www.presenca.pt>

Digitalização e arranjos de Vítor chaves

CALENDÁRIO DE ANAERIN

Neste volume é pela primeira vez mencionado o Calendário de Anaerin. Um ano em Allaryia compreende 360 dias; 60 semanas de 6 dias cada; e 12 meses de 30 dias e 5 semanas cada.

Os dias da semana são seis no seu total, correspondentes à Mãe, ao Guia, às três Entidades e ao Vazio que as precedeu (um resquício do antigo calendário de Annugim, caído em desuso no início da Era da Discórdia):

Vitanan Tanotan Lurian

Sirian

Sirulan

Vidan (dia de descanso)

Os doze meses são os seguintes, cada um dedicado a um dos nove deuses, à Mãe, ao Guia e ao Vazio:

Inaen (Vazio) Balsaman (Acquon) Indolin (Nirille) Equis (Bellex) Ergais (Joral) Seros (Assana)

Praelar (Gilgethan) Aticus (Mãe) Sacras (Gorfanna) Pikaris (Kispryn) Kroftan (Tharobar) Vilius (Guia)

O presente ano é o de 4029 P- D. (Pós-Discórdia).

Valter Ramos e Hugo Viegas, pela comunidade que ajudaram a criar Francisco Pinto Espadinha, pela amizade dentro e fora dos negócios Diogo Pedro, o pai de todos e uma excelente pessoa Ricardo Rei Rodrigues, pela cromaticidade e amizade Manuela Cardoso, a fada madrinha editorial Jorge Laranjeira, o bom selvagem

PREFÁCIO

No anterior volume das Crónicas foi relatada, entre outras, a baixa que os companheiros sofreram. Babaki, o último dos shakarex, sacrificou-se de forma a permitir que Quenestil e Slayra escapassem de jazurrieh, a cidade eabanoir para a qual a eabanna negra fora levada e que por pouco não os clamou aos três. Desalentados, ambos os eahan empreenderam uma travessia na esperança de encontrarem vivos os seus amigos, enquanto Aewyre e os restantes companheiros lutavam pela sobrevivência nas inóspitas Estepes de Karatai, procurando Kror e enfrentando uma tribo ocar na sua própria terra. Prevalecendo perante todas as adversidades, incluindo encontros com a progénie do Flagelo, os companheiros acabaram por fazer tréguas com os cavaleiros das estepes, e Aewyre e Kror selaram um pacto de não-agressão mútua até ambos terem cumprido os objectivos de encontrar Aezrel e matar Hazabel, a traiçoeira harahan, respectivamente. Após uma longa viagem para fora de Karatai, o grupo encontrou Quenestil e Slayra em Tanarch, a nação mais próxima de Asmodeon, o seu destino último, e aí algo que estava dormente acordou.

A Sombra agita-se, atizada pela proximidade de Ancalach, e a sua prole tetra sente o chamamento. Sem o saberem, os companheiros encontram-se cercados em terra de inimigos que aguardam nas trevas e se escondem atrás de fachadas dissimuladas, esperando pacientemente pelo momento certo. Muitos e variados desígnios e atenções se centram neste singular grupo, alheio a tudo menos ao seu propósito de alcançar Asmodeon, e uma grande convergência é iminente naquele que é um dos mais delicados e voláteis pontos de Allaryia.

Pearnon, o Escriba Crónicas de Allaryia

PRÓLOGO

As robustas botas de um homem afundavam-se na neve macia do entardecer, deixando para trás um rasto de pegadas molhadas por entre os pinheiros de ramos vergados pela brancura. O sol era espicaçado pelos cumes alvacentos das montanhas a oeste, raiando a encosta do vale com parcimonioso calor. A Primavera começava por fim a dar de si no Norte, embora não parecesse muito motivada em se fazer sentir nos vales gélidos que o caminhante diariamente calcorreava. Daevin, um Batedor da Fronteira, tinha uma postura rígida como a de um tronco enregelado e o porte de um homem que era o seu próprio pior crítico e mais impiedoso juiz, os preceitos sirulianos que nem após anos no ermo esquecera ou renegara. Alto e espadaúdo, embora adelgado pelos rigores e provações da vida que escolhera, com cabelos negros listrados de branco pelo ombro, vestindo uma camisa de cabedal forrada a pêlo de lebre e uma capa verde revestida de variadas peles quentes, Daevin portava uma lança às costas, um arco curto ao ombro e o fruto do seu uso numa mão: uma perdiz branca cujas asas pendiam frouxamente. Os animais principiavam a despertar, sentindo o silente chamamento da Natureza a afoitá-los para a proliferação da espécie, o que era bom, pois o Inverno fora longo e o batedor tivera dificuldades em arranjar comida durante o seu frígido predomínio. Os tempos mais difíceis já haviam passado, mas não seria isso a fazer com que Daevin relaxasse de alguma forma ou se permitisse *gozar* da vindoura relativa abundância. O seu dever, a sua vida, era a de um infiltrado em terreno hostil, constantemente em perigo, jamais em segurança. Somente aos melhores e mais devotos dos sirulianos lhes era permitido escolher o caminho dos Batedores, o mais arriscado dos

mesteres, o mais importante serviço prestado aos seus e a Allaryia. Era também a única forma directa de um Ajuramentado se opor às adormecidas, embora sempre latentes, forças da Sombra, a oportunidade pela qual todos ansiavam de embeber as suas lâminas na carne dos filhos do Flagelo.

Mester algum era mais prestigioso.

Apesar de viver no ermo, a cara de Daevin estava impecavelmente barbeada e as lâminas do seu facalhão e machada eram diariamente afiadas com quartzo, que, apesar de deixar sulcos brilhantes no aço, era forçado a usar por ser o único material de que dispunha para amolar as armas. A disciplina siruliana nunca o abandonara, mesmo após ter passado a primavera da sua vida longe da civilização, ou talvez por isso mesmo, pois precisava dela para sobreviver no perigoso território que adoptara como seu. As suas feições eram nobres e altivas, os seus olhos cinzentos e penetrantes, vivos apesar da cor pardacenta, dois orbes de granito polido ladeados por pés-de-corvo e outras linhas cinzeladas pela idade, pelo frio e pelas provações. Era neles visível um cansaço impossível de esconder, mas também uma vontade indómita, um brilho determinado que ofuscava quaisquer sinais de fadiga do corpo ou do espírito. Daevin fora escolhido, e o seu dever era claro. Apenas a morte o impediria de o cumprir.

Chegou por fim ao seu acampamento: um buraco cavado na neve a servir de fogão subterrâneo e uma cova em redor de um pequeno pinheiro com um alpendre de ramos cobertos de neve. Daevin ajoelhou-se perante o buraco e, com a sua mão livre e enluvada de pele de toupeira, começou a desentupir os pequenos buracos que serviam como tubos de ventilação, cuja função era fornecer tiragem ao fogo que iria fazer debaixo da neve. Era trabalhoso preparar a comida daquela forma, mas pelo menos o fumo era reduzido, e os rastros que deixaria para trás seriam mínimos, o que era essencial para quem queria passar despercebido em terreno hostil. Sacudindo a mão e pousando a perdiz, o batedor ergueu-se e foi buscar ao seu abrigo gravetos secos que colocou dentro do "fogão", polvilhando-os com aparas de casca de árvore. Procedeu a depenar, descabeçar e eviscerar a ave, arrancando-lhe uma perna e um quadril, que meteu dentro de um recipiente de casca de bétula com água, e enfiando o resto na neve. Pendurou o tosco receptáculo sobre os gravetos e pronunciou uma curta frase em Eridiaith, originando uma faísca que cedo ateou pequenas chamas pelas aparas de madeira, pegando fogo aos gravetos. O Eridiaith era uma língua mágica, um dialecto abastardado da

Palavra, falado pelos sirulianos e pelos Eahan, e era um dos seus segredos mais bem guardados, capaz de se servir do poder da própria Essência, embora a um grau muito inferior ao daqueles que faziam uso da verdadeira Palavra. Com a tarefa provisoriamente cumprida, Daevin tapou o recipiente com um pedaço de casca e recolheu as penas para isolar o seu leito, pois iria passar mais uma noite naquele local que ainda não chegara a explorar minuciosamente: podia haver sinais, mensagens ou mesmo avisos deixados por outros Batedores, potenciais esconderijos, rastos de drahregs, vestígios de migrações... um sem-número de coisas de importância oscilante, mas todas elas de uma forma ou de outra relevantes para um Batedor. Enquanto o quadril da perdiz cozia, Daevin manteve-se ocupado substituindo com a penugem branca da ave as penas molhadas que protegiam a manta sobre a qual dormia. Finda mais uma tarefa pois assim eram os seus dias definidos, pelo cumprimento de tarefas o homem saiu do seu abrigo e permitiu-se um dos seus poucos e breves momentos diários de relaxamento, contemplando o horizonte ruborizado pelo sol poente e inalando profundamente o ar fresco do vale. Os gravetos crepitavam atrás de si enquanto Daevin pousava as mãos nas ancas e principiava a entoar em voz baixa uma canção em Eridiaith, uma cantiga de paz e sossego que aprendera enquanto recruta e que lhe afagou os sentidos, acalentando-lhe os membros como um balsâmico elixir espiritual. Qualquer fadiga ou cansaço que pudesse ter sentido foram expelidos pela boca numa longa condensação, e o batedor fechou os olhos, deixando-se mergulhar no silêncio crepitante da encosta. Daevin não era servo da Mãe sirulianos serviam apenas Sirulia e não se deixavam reger por nada mais além dos seus votos sagrados mas ao longo dos anos no ermo aprendera sozinho a entrar em sintonia com o que o rodeava, acompanhar o pulsar da terra, a sua respiração, o seu fluxo vital. Assim fez naquele local, um ser isolado no meio de uma entediante massa de vida que se aprontava para repousar, entrando lentamente numa sonolenta modorra que se prolongaria pela noite fora. O merecido descanso da terra aproximava-se, esperando apenas que o sol se recolhesse...

Tremura.

Daevin franziu o cenho. Uma batida desregulada? Não... um tremor... um vibrar constante no solo... passadas? Os olhos do batedor abriram-se, focando o vale, mas nada parecia destoar da serenidade bucólica do local, da vertente calma e queda, do moroso fluir do riacho que cindia as montanhas sobre as quais o sol assentava... porém,

pareceu-lhe ver a penumbra da encosta sombria em frente mexer-se, um movimento subtil, quase imperceptível no local do sopé onde o riacho curvava, desaparecendo da vista. Aí, as sombras formigavam, agitadas, indistintas. O siruliano estendeu a mão enluvada em pala sobre os olhos semicerrados de modo a resguardá-los da claridade poente e ver melhor, e o que viu inflamou-lhe o peito.

Aves levantaram voo dezenas de passos à sua esquerda, açoitando o ar com asas a soltarem neve, e Daevin virou a cabeça instintiva e bruscamente, sem nada ver. Inclinando o ombro para baixo, fez com que o arco lhe deslizasse pelo braço e torceu o pulso para o agarrar, preparando uma flecha num movimento instintivo. A sua respiração repentinamente acelerada e rítmica saiu-lhe condensada pela boca, e os seus penetrantes olhos dardejaram em redor. Sabia agora que alguém se aproximava; e esse alguém não estava sozinho. A neve arfava com os passos que a pisavam, e Daevin apercebeu-se de que se dirigiam ao fumo e ruídos estalantes originados pela sua fogueira. Ciente da futilidade do gesto, o siruliano correu mesmo assim a chutar neve para dentro do buraco, suscitando um sibilante e vão protesto do fogo, que se apagou. O fumo fora escasso, mas certamente teria destoadado no vale deserto, e os passos aproximavam-se, afoitos, cercando-o. Daevin sabia quem dele se acercava, reconhecia muito bem as passadas sonantes de ânsia e antecipação, a marcha de predadores para os quais a caça era um fim em si, os descuidados movimentos de quem sabia ter encurralado a presa para além de qualquer fuga. O Batedor era o veado, não tinha onde se esconder e os lobos não estavam longe.

Mas este veado tinha hastes afiadas e, curvando-se furtivamente, correu por entre os pinheiros na direcção de uma das frentes que se aproximavam, mantendo a seta apontada para baixo. O coração retumbava-lhe no peito, todos os seus sentidos estavam agudamente despertos e movia-o um imprudente desejo figadal de enterrar as suas hastes bem fundo na carne daqueles que se aproximavam. Uma pinha estalou seca e sonoramente ao ser pisada a escassa distância do pinheiro coberto de neve atrás do qual Daevin aproveitou para se esconder. Através dos ramos e agulhas, distinguiu um vulto que corria a curta distância, acompanhado de outros que apenas podia ouvir. Não iria esperar que lhe caíssem em cima.

O fio do arco vibrou e uma seta singrou, sibilante, perfurando o ombro esquerdo do drahreg, que caiu de lado ao chão devido à força do impacto. Quatro mais estavam à vista e outros tantos moviam-se indistintamente na sua visão periférica, humanóides de tez negra e

longos cabelos entrançados, envergando peles e armaduras de couro fervido e malha de ferro. O instante de surpresa permitiu-lhe disparar outra seta, que se alojou na barriga de mais um inimigo, mas a última encalhou em cota de malha, e por essa altura os drahegs já estavam perto de mais para um quarto disparo. Daevin atirou o arco curto ao chão, puxou a lança detrás das suas costas e enristou-a para receber a investida. Dois drahegs atacaram o Batedor de lados opostos, urrando em Olgur e brandindo as espadas de lâmina larga, e os seus companheiros estavam perto. Esporeando o ar com a lança, Daevin deixou a sua guarda direita aberta para que um draheg o atacasse enquanto mantinha o outro à distância. O idiota assim fez, e o Batedor girou em si, virando a extremidade grossa da lança para o draheg que ameaçara e orientando a ponta para a barriga do que o atacara, furando couro fervido, carne e entranhas. O companheiro do moribundo não se deixou intimidar e tornou a atacar, mas Daevin passou por baixo da lança, agarrando-a pela ponta, e a espada do draheg partiu a haste, originando um urro de agonia do seu congénere e deixando o batedor com pouco mais que um pau na mão.

Daevin não precisou de mais nada para partir os dedos do draheg ao interceptar-lhe um golpe subsequente e tombando-o com uma sonora cacetada na nuca. Enquanto um inimigo baqueava de cara na neve e outro se contorcia enrolado no chão, agarrando a haste da lança cuja ponta lhe incendiava as vísceras, outros dois se aproximavam com mais uns quantos atrás de si, rejubilando com o derramar de sangue. Daevin desembainhou o seu facalhão e machada e enfrentou, temerário, a desigual investida. O primeiro tencionava fender-lhe a cabeça, porém o batedor desviou o golpe com a cunha e cabo firme da sua machada e retribuiu com um varar o seu facalhão no estômago do draheg, finalizando com uma machadada nas costas que lhe despedaçou a coluna. Rodopiando em frente, Daevin deixou o morrente para trás e desviou com o facalhão o corte que o visava, trazendo então a machada num arco descendente de encontro à frente do draheg, escachando-lha. Com um pontapé e um violento puxão, o humano arrancou a cunha do crânio do adversário, que caiu vertendo sangue e fluidos cranianos da fenda na testa. Cruzando ambas as armas, Daevin virou-se e aparou uma espadeirada de um outro draheg vindo do seu flanco, empurrando a arma para baixo com lâmina e cunha e passando-lhe de seguida o gume do facalhão pela garganta negra. Sangue quente respingou-lhe a face afogueada e urros de drahegs vindos de trás encheram-lhe os ouvidos. Uma lâmina evitada com uma passada

lateral rasgou o braço do drahreg que gorgolejava, agarrado à garganta, e quem a empunhava viu o seu controlo contestado pela cunha da machada que nela se enganchou. Daevin torceu o pulso e forçou o adversário a compensar, desequilibrando-se na tentativa de libertar a arma e criando uma abertura que o humano foi rápido a aproveitar, empurrando-lhe a ponta do facalhão debaixo do queixo pela boca até ao cerebello. Uma dor lancinante ardeu atrás da perna do batedor, dobrando-lhe o joelho, e Daevin soube que fora atingido. O breve vislumbre que se permitiu ao seu ferimento revelou um farpão que fora arremessado pelo drahreg que agora corria na sua direcção, prestes a arrojá-lo outro dardo. Com um possante arremesso, a machada do humano guinou até à cara do adversário, arrancando-lhe os pés do chão com o violento impacto e deitando-o por terra na qual ficou, vasquejando de costas arqueadas com a cunha embebida na cabeça.

Desarmado, Daevin viu mais drahregs correrem por entre os pinheiros na sua direcção, revoltos e sedentos de sangue. O local era demasiado exposto, nunca os conseguiria enfrentar a todos. Arrancando o doloroso farpão da coxa tensa, que soluçou um quente jorro vermelho, o siruliano virou as costas aos atacantes e principiou a "correr tropegamente pela encosta abaixo, com os uivos dos seus perseguidores a morderem-lhe os calcanhares. Uma trompa soou, um lamento ominoso e sonoro a ditar a sua sentença de morte. Pequenos vultos negros subiam a vertente na sua direcção e outros corriam por ela abaixo a alguma distância a seu lado, apertando o cerco. O chofre de um objecto arremessado fez-se sentir ao seu ouvido, mas o siruliano ignorou-o e aos que se lhe seguiram em rápida sucessão, acompanhados de praguejos, urros e berros. A adrenalina que lhe corria nas veias tolhia-lhe a dor na parte posterior da coxa, cujos músculos haviam sido perfurados, mas não impediu a perna de ceder com o esforço, o que fez com que o batedor caísse contra um pinheiro, cujos ramos lhe arranharam a cara enquanto passava através dele, vergando o tronco e rebolando descontroladamente pela encosta abaixo de encontro a uma árvore mais sólida que o reteve bruscamente. Atordado, Daevin ergueu-se, escorregando e deslizando às cambalhotas para baixo apesar de se tentar apoiar no farpão, e ao conseguir, por fim, parar, viu que vários drahregs se aproximavam, afoitados pelo soar da trompa, subindo a largas passadas o sopé, enquanto os seus companheiros praticamente patinavam pela encosta abaixo. Avaliando as suas probabilidades, o siruliano soube que apenas na zona mais arborizada da base da montanha poderia sequer considerar a hipótese de

sobreviver, o que o levou a seguir em frente, descendo na diagonal em direção aos pinheiros. Os algozes que subiam já estavam próximos o suficiente para que o batedor lhes conseguisse ver os olhos vermelhos, e apercebeu-se de que o iriam interceptar a meio do caminho se continuasse a seguir a sua trajetória, pelo que optou por uma abordagem diferente. Apelando a toda a força da sua perna boa, saltou como um bode da montanha, aterrando com todo o seu peso em cima de um drahreg mais ousado e impulsionando-se para longe dele com as pernas, empurrando-o para trás e contra alguns dos seus companheiros. Completamente desequilibrado, o siruliano caiu ele também e tornou a rebolar pela neve, lesionando as costelas ao tentar manter um aperto firme no cabo do farpão, a sua única arma. Quando conseguiu, por fim, controlar a sua descida, Daevin ergueu-se desajeitadamente, esbofeteando a neve para fora do cabelo e da cara de modo a poder ver os seus agressores. Não pôde deixar de reparar no rasto de sangue que deixara pela encosta e que os drahregs espezinhavam, e mesmo com a dor tolhida pela adrenalina, o Batedor sentia o calor húmido que lhe escorria pela perna abaixo, calor esse que o ia abandonando gradualmente. Rilhando os dentes, Daevin bradou uma exclamação belígera em Eridiaith e, apesar de não pararem, os drahregs que estavam prestes a cair-lhe em cima vacilaram por um instante que o Batedor não desperdiçou. Varreu as pernas de um inimigo do chão, derrubando-o, e cravou a ponta do farpão na barriga de outro, calcando a cabeça do que tombara enquanto o fazia. Um terceiro ainda oscilou desajeitadamente a sua espada curva, mas Daevin evitou o golpe, baixando-se e, acompanhando o movimento, deixou que o ímpeto da descida fizesse com que o drahreg esbarrasse e passasse por cima de si. O siruliano baixou-se e crispou os dedos no punho da espada embainhada do drahreg cuja cabeça pisoteara, pulando para trás de modo a evitar uma espadada e desembainhando a arma ao mesmo tempo. Brandindo a cruel lâmina com as duas mãos, o Batedor bateu-se brevemente contra dois adversários, atingindo um com uma finta alta seguida de um corte baixo no joelho, bloqueando o golpe do outro com uma parada dura na qual aproveitou a proximidade para agarrar o pulso do adversário, torcendo-lho bruscamente. O drahreg uivou e arqueou as costas, deixando-se vergar pela dor e convidando a ponta da espada do siruliano para o seu pescoço exposto. Antes que pudesse libertar a arma da garganta do moribundo, um corpo abateu-se pesadamente sobre Daevin, levando-o consigo a rebolar pela encosta abaixo uma vez mais. O fedor azedo do drahreg encheu-lhe as narinas, e a

sua boca ficou tapada por cabelos ensebados enquanto o mundo andava às voltas e uma voz rouca e vil, grunhia pela sua morte. Algo frio e afiado enterrou-se no flanco do Batedor. Agindo puramente por instinto, o siruliano conseguiu agarrar a cabeça do adversário com as duas fortes mãos e, aquando de uma cambalhota de costas, partiu-lhe o pescoço. O curto trajecto terminou em dor quando Daevin baqueou sobre o punhal cravado no flanco, sentindo o gume roçar-lhe uma costela. Tirando o drahhreg desajeitadamente de cima de si, o Batedor crispou os dedos no punho do punhal, puxando-o com um brusco grunhido, pois o gume da lâmina tinha falhas que agiram como farpas na sua carne e pele. Agarrando a pequena arma pelo pomo, Daevin arremessou-a contra o inimigo mais próximo, atingindo-o em cheio na traqueia e virou as costas aos que vinham atrás dele, continuando a sua cambaleante descida, empurrando ramos de pinheiros para fora do seu caminho. Já ouvia a água a correr; estava perto do riacho, mas o soar da trompa e os urros perseguiam-no e naquele momento o siruliano soube que não conseguiria escapar. As passadas e os arquejos de um drahhreg atrás de si deixavam bem claro que estava a abrandar fatalmente e que a sua hora se aproximava.

Pois que fosse.

O Batedor chegou por fim ao riacho, mas não teve sequer tempo de se virar ou olhar em redor antes que o seu perseguidor lhe saltasse para as costas, caindo com ele dentro da água rasa, cujo frio lhe queimou a cara, alastrando-se através da gola pelo peito abaixo. Unhas fincaram-se-lhe no couro cabeludo e duas mãos grosseiras empurraram-lhe a cara contra os seixos do rio, mantendo-lhe a cabeça dentro de água. Instintivamente, a mão direita de Daevin ergueu-se e procurou algo, encontrando uma nuca e cerrando os dedos em cabelo entrançado. A esquerda foi de imediato ao seu encontro e ambas envolveram a nuca do drahhreg num possante amplexo, começando a puxar-lhe a cabeça. O seu adversário resistiu, empurrando a cara do Batedor para baixo, e os membros de humano e drahhreg tremeram por breves instantes, mas a força do siruliano acabou por provar ser superior e o seu oponente cedeu, indo com a cara de encontro às próprias mãos, esborrachando o nariz contra elas. Daevin estrebuchou, batendo na água com braços e pernas antes de se conseguir erguer, vacilante, e o drahhreg fez o mesmo, cambaleando para trás com uma mão no nariz e a outra freneticamente à procura do punho da espada. O Batedor baixou-se e pegou num pesado calhau enquanto o seu adversário se distanciava, cego de lágrimas e dor. Quando investiu, o drahhreg

golpeou-o

desastradamente e a lâmina vibrou agudamente contra a pedra molhada. Daevin pontapeou o inimigo no estômago, o que fez com que este se curvasse, e trouxe o calhau com ímpeto para baixo, partindo-lhe o crânio e caindo com ele. A força do Batedor estava a esvair-se-lhe pela perna, mas o contacto com a água gelada manteve os seus sentidos despertos e apressou-se a apoderar-se da espada do adversário morto, erguendo-se. Podia ouvir os restantes drahegs a aproximarem-se, incitados pelo mugir da trompa. O siruliano olhou em redor, avaliando as suas opções, e soube que estas haviam diminuído drasticamente quando viu o que descia pelo vale, lastrando como um edema na brancura do sopé.

Um exército marchava a passo acelerado na sua direcção, as suas fileiras entusiasmadas com a trompa que parecia descer pela encosta abaixo. Fileiras. Desde a Guerra da Hecatombe que Daevin não via tantos: drahegs negros e terríveis, armados de farpas e aço cruel; catervas de pequenos e pardos ulkekh lens numa correria desenfreada, tentando evitar serem pisoteados, arrastando carretas de mantimentos e equipamento; enormes e massivos ogroblins, derribando todos para fora do seu caminho.

Daevin soube então que não podia correr mais. Não correria mais.

Morreria ali.

Tomada esta decisão, o siruliano pegou com a mão livre a um saquete que tinha preso ao pescoço por uma tira de couro e puxou, partindo-a. Com os dentes, tirou o que sobrou da tira e abriu o invólucro, despejando as folhas de teixo secas e pulverizadas que continha para dentro da boca. Iria morrer lutando, mas mesmo morto causaria baixas nas forças do Flagelo, pois sabia bem o que drahegs faziam com os corpos dos seus inimigos... Mastigando, o Batedor foi incapaz de evitar uma careta devido ao sabor amargo do suco venenoso, que teve dificuldade em engolir devido à secura da sua garganta. Drahegs irromperam dos pinheiros, urrando pelo seu sangue. Calmamente, o Batedor colheu um pouco de água com a mão e levou-a à boca, engolindo. As botas dos drahegs chapejaram no riacho. Brandindo a espada serenamente, o siruliano recitou a elegia dos caídos na batalha, sentindo o veneno a acalentar-lhe o estômago.

Eis chegada a minha hora; aparou o golpe do primeiro adversário e girou em si, talhando-lhe as costas Irmãos, de vós me despeço; sem sequer olhar, impeliu a ponta da lâmina para trás, enterrando-a no ventre de outro Todas as minhas faltas; a ponta de uma lâmina punctionou-lhe a ilharga Todos os erros que cometi;

oscilando a espada com as duas mãos, decapitou o drahreg que o ferira Atenuo agora com a minha vida; desviou uma estoqueadura, que mesmo assim lhe lacerou o braço a elevado preço vendida à Sombra; estocou em frente, penetrando a defesa e o peito do seu algoz Por Sirulia, por Allaryia; uma possante varredela sua retiniu nas espadas de quatro oponentes, afastando-os, e Daevin caiu de joelhos Pela memória de Sirul...

Um urro, e uma lâmina cruel ceifou-lhe a face.

O seu corpo iria ser profanado e devorado.

O veneno mataria muitos mais.

Cumprira o seu dever.

LIVRO QUINTO

CONFIDÊNCIAS FORÇADAS

Os punhos de Aewyre bateram ruidosamente na mesa sobre a qual seguidamente se inclinou, apoiando-se neles. Sentado à sua frente estava um homem baixo e grisalho, com um afilado bigode branco debaixo de um nariz largo e que sobre uma beca vermelha envergava um manto azul, no qual estava bordado o símbolo de Bellex, um punho cerrado unido a uma mão aberta. O legista estivera a anotar as respostas ao interrogatório com uma pena e o acesso de fúria do jovem causara uma rasura no pergaminho, o que fez com que a mão do homem congelasse em pleno ar e os seus olhos papudos encarassem friamente os de Aewyre.

O que é que você ainda quer saber? Eu já lhe disse tudo. A voz do jovem estava regular, mas notava-se nela um certo tremor que fez com que os dois guardas vestidos de cota de malha postados à porta dessem dois passos em frente e levassem as mãos aos bordões.

O legista ergueu a mão que empunhava a pena, assegurando os homens de que não seria necessário interferirem. Ainda. A sala de interrogação na qual se encontravam era pequena, mobilada apenas com a mesa na qual se sentava e iluminada pela luz entrecortada da janela gradeada atrás das suas costas. Os dois guardas seriam rápidos a acudi-lo caso fosse necessário.

Senhor Tuorin Aewyre insistira em que os companheiros usassem nomes falsos para si, para a Lhiannah e para o Allumno, peço-lhe que se porte com civilidade perante a presença de um legista de Bellex. Existem certas discrepâncias nos depoimentos que os seus companheiros prestaram e que eu devo esclarecer...

Aonde é que você quer chegar? Eu já lhe disse que estávamos na estalagem e fomos atacados! Não, nunca estivemos em Val-Oryth! Não, não conhecíamos os agressores! Não, não falámos com ninguém na cidade a não ser com os guardas do portão sul, uma vendedora de tecidos, um barbeiro e o estalajadeiro...!

Segundo o senhor Mãosdelã, também estabeleceram contacto com um apotecário no Distrito do Mercante... lembrou o legista, folheando calmamente os relatórios à procura do interrogatório do burrik. Falava Glottik fluentemente, o que pelo menos facilitava a comunicação entre ambos.

Porra para isto! explodiu Aewyre, varrendo os objectos da mesa e agarrando o oficial pelos colarinhos com as duas mãos. Nós fomos atacados, a minha amiga quase morreu e ainda não sei se vai sobreviver ou não! E você vem-me com estas...?!

Quatro mãos agarraram o guerreiro pelos braços e puxaram-no, afastando-o do legista e cingindo-o num amplexo refreador. Aewyre resistiu instintivamente, mas não forçou ao ponto de os guardas se virem forçados a subjugar-lo.

Senhor Tuorin disse o legista com uma calma glacial, ajustando o colarinho com dedos curtos e grossos, o que acabou de fazer é motivo para encarceramento imediato nas masmorras. Encontra-se no Cenóbio da Equidade, numa santa casa de nosso senhor Bellex, não num estabelecimento de ócio.

Aewyre permaneceu tenso, estremecendo ao libertar a energia que ficara por soltar, mas bastou-lhe imaginar os insultos que Lhiannah lhe dirigira caso tivesse presenciado o seu acesso de raiva para se acalmar.

Posso pedir-lhes que o soltem, ou devo mandá-lo prender, senhor Tuorin? O guerreiro exalou, relaxou e acenou afirmativamente com a cabeça. O legista olhou para os guardas, fez o mesmo com a sua e os homens largaram o jovem cuidadosamente. Sente-se.

Aewyre assim fez, recostando-se e enclavinhando os dedos, suspirando.

Eu compreendo a sua situação, senhor Tuorin, e é só por isso que ainda se encontra nesta sala de interrogatório e não numa masmorra. É óbvio que foram atacados e que, pelo menos no evento que discutimos, o senhor e os seus amigos foram vítimas. O que não nos impede de tentarmos aprofundar o assunto e descobrir a sua causa... O legista folheou os relatórios, encontrou o que procurava e, após murmurar as formalidades, leu-o em voz alta: Em Vitanan,

ao terceiro dia de Aticus do ano de 4029, os quinze indivíduos pertencentes ao grupo de rua apelidado de "o bando do Ruinen", com o qual o proprietário do estabelecimento se encontrava endividado, atacaram os interrogados. Avistam cinco estrangeiros armados na estalagem e, abrindo hostilidades sem qualquer razão aparente, segundo os testemunhos dos interrogados e o do proprietário do estabelecimento, atacam. A meio da pugna, surgem pelas janelas seis indivíduos armados que procedem a atacar indiscriminadamente os combatentes com intenções assassinas. Entretanto, no andar superior, um agressor não identificado ataca Aeren Tuorin, que é acudido por Lhianah Syndar, que por motivos de incapacidade física não pôde prestar depoimento. O agressor, após ferir gravemente Lianah Syndar, é atacado por Aeren Tuorin e foge pela janela, após o qual o lesado corre a acudir os seus companheiros. Não se registaram sobreviventes de nenhum dos grupos que atacaram o estabelecimento, e dos seis alegados intervenientes nada mais sobrou que ossadas decompostas no piso... O legista ergueu as sobrancelhas e pousou o relatório, descansando as mãos sobre a barriga e recostando-se à cadeira. Como vê, senhor Tuorin, a situação não é assim tão simples como gostaria de a fazer parecer, razão pela qual a guarda de Val-Oryth deixou este caso a nosso encargo.

Aewyre nada disse, embora tivesse vontade de atirar à cara uio legista o prosaico facto de que o caso fora entregue ao templo não pelas suas complicações legais, mas porque não havia queixosos que pudessem levar à cobrança de uma coima de qualquer espécie da qual a guarda pudesse colher dividendos... o que mais o apoquentou foi o facto de já se encontrarem em Aticus. Mais três meses e faria um ano desde a sua partida de Ul-Thoryn; já passara assim tanto tempo?

Temos quinze mortos, seis esqueletos putrefactos, um agressor... não identificado havia suspeição na voz do homem e sete estrangeiros... peculiares, se me permite dizê-lo. Compreende a minha posição?

Perfeitamente... despertou o jovem.

Os depoimentos coincidem, embora o senhor Anthalos se tenha referido à sua companheira enferma como "Lhiannah" Syndar...

O senhor legista deve ter ouvido mal apressou-se o guerreiro a alvitrar.

Perfeitamente possível... aceitou o homem sem grandes reservas, esfregando o queixo enquanto estudava Aewyre. Bom, não tenho nenhuma razão forte para o manter e aos seus companheiros

retidos. Deduzo que permanecerão nas Alas da Convalescença? perguntou ainda, referindo-se ao templo de Acquon.

Sim respondeu o jovem, erguendo-se.

Durante quanto tempo?

Até a minha amiga Lhianah recuperar.

Muito bem. Requisitaremos a sua presença quando tal se justificar. Depois tratarei de enviar um delegado ao templo para que o senhor Taramon e a senhora Slayra prestem depoimento. As melhoras para a sua companheira desejou o legista, dispensando Aewyre com um gesto da mão e tornando a focar a sua atenção nos relatórios.

O guerreiro retirou-se com uma curta vénia e um dos guardas abriu-lhe a porta com um olhar pouco amigável, acompanhando-o com o seu colega até à sala na qual os restantes companheiros se encontravam.

Tiveste sestro, siruliano opinou a meio do corredor em Leochlan sem sequer olhar para o jovem. Agressão a um legista é uma coisa gravosa. Eu seria mais cuidadoso.

Aewyre olhou de lado para o homem. Sobre a sua túnica de cota de malha, vestia com óbvia dedicação um brial azul com o símbolo de Bellex nela bordado. Estava apenas a ser zeloso, embora também não parecesse nutrir grandes amores por sirulianos, tal como grande parte dos tanarchianos que até agora encontrara. Resignado, o guerreiro limitou-se a acenar com a cabeça. O corredor que percorriam era sobriamente iluminado por tocheiras de ferro em forma de uma mão aberta, que sustia um cabaz dentro do qual ardiam brasas, unida a um punho que crispava os dedos numa barra horizontal afixada à parede, decorada com gravuras em relevo de cenas obviamente jurídicas e alegorias a uma vida ordenada e bem regulamentada. Um devoto murmúrio oratório ouvia-se como ruído de fundo, mesclando-se aos passos e às vozes isoladas que pareciam pregar às pedras do Cenóbio da Equidade.

Aewyre nada tinha contra o deus da justiça; sempre estivera de acordo com o preceito de que regras e leis eram necessárias para a vida civilizada em comunidade, mas por vezes os clérigos de Bellex que se auto-intitulavam cenobitas exageravam e mais pareciam pretendentes a tiranos, com a obsessão de controlar e regimentar tudo o que os rodeava e por vezes para além disso. Os seus serviços como juizes eram incontestavelmente úteis, pois poucos se dedicavam com tal convicção ao caminho da verdadeira equidade imparcial, isolando-se do mundo como autênticos ascetas, estudando as leis sobre as suas mais variadas formas e a evolução das mesmas, despindo-se de todos

os preconceitos e devotando-se de corpo e alma à justiça como um fim em si. Contudo, o préstimo mais vantajoso que providenciavam a reis e regentes era aquele que os laicos prestavam na forma da vigilância das comunidades. Com a excepção do ocasional pedido de apoio monetário, os laicos de Bellex poupavam uma considerável quantia em ouro a monarcas, pois subsistiam dos donativos dos próprios cidadãos e, tendo sido criteriosamente seleccionados entre os voluntários do cenóbio, cumpriam o seu dever com brio e rigor. Naturalmente, haveria sempre uma guarda da cidade mantida pelo soberano, mas o serviço prestado pelos laicos de Bellex era mesmo assim muito vantajoso para a segurança da comunidade e para os cofres de quem sobre ela presidia.

O corredor abriu-se numa antessala fria e austera, predominantemente cinzenta nos seus tons, decorada com um singelo escudo pendurado com o símbolo de Bellex nele embutido, tocheiras idênticas às do corredor, um mosaico que representava uma balança e assentos de pedra na parede para quem aguardava, neste caso os companheiros de Aewyre, que se ergueram assim que o jovem entrou na câmara. Apenas Allumno, Quenestil e Taislin o haviam acompanhado ao cenóbio para prestarem os seus depoimentos; Worick havia-se recusado a sair de perto da Lhiannah e Slayra dera veementes mostras de vontade de ficar com o thuragar e a princesa, pelo que teriam de prestar as suas declarações mais tarde. O mago tinha a testa cingida por um lenço à laia de ligadura de modo a tapar a gema e parecia aliviado por Aewyre não ter armado nenhum escândalo, o eahan mostrava um certo desconforto por se encontrar confinado na sala e o cabisbaixo burrik continuava taciturno.

Vamos? perguntou, e todos acenaram afirmativamente com as cabeças, obviamente sem vontade de discutirem as suas experiências com os laicos de Bellex.

Todos foram seguidamente conduzidos à entrada do complexo, que constituía uma dependência do Cenóbio no qual se realizavam as menos consagradas tarefas como interrogar e reter suspeitos. Um laico encontrava-se detrás de um balcão de pedra à entrada e, ao ver os companheiros, começou de imediato a remexer nos objectos que se encontravam aos seus pés, apresentando o facalhão de Quenestil, o bastão de Allumno, quatro punhais de Taislin (três ainda se encontravam em posse do burrik, escondidos entre as suas roupas) e a esguia espada com ponta em forma de diamante de Lhiannah. Ao entregar esta a Aewyre, o laico franziu a testa e ergueu um intrigado sobrolho

como se perguntasse: "*Que faz um matulão destes com uma espadinha assim?*" O guerreiro ignorou a expressão jocosa na cara do homem e embainhou a elegante lâmina com o pomo em forma de rosa. Achara por bem deixar Ancalach no templo de Acquon, pois previra que seriam obrigados a deixar as armas à porta do Cenóbio e naquela cidade não confiaria a espada do seu pai ao cuidado de ninguém que não os seus amigos.

Temei o punho e sede dignos da palma despediram-se os laicos que os haviam acompanhado, exibindo os respectivos punhos defronte das suas faces e virando as palmas de seguida na direcção dos companheiros.

Um bom dia para os senhores também. Empenhar-nos-emos na tentativa de um comportamento recto e íntegro retribuiu Allumno diplomaticamente, indicando aos companheiros que saíssem, sendo obsequiado sem qualquer hesitação pela parte destes.

Quando a porta se fechou, ambos os laicos trocaram olhares duvidosos, alheios aos comentários chistosos que o seu confrade proferia acerca do tamanho do guerreiro e da espada que este usava.

Os companheiros calcorrearam rapidamente o pátio pavimentado com tábuas do Cenóbio e enveredaram pelas ruas lamosas de Val-Oryth, ansiosos por se afastarem do edifício e dos seus inquiridores ocupantes. Não abrandaram o passo até as casas os ocultarem das vigilantes janelas do Cenóbio, que pareciam observá-los, perseguindo-os como se sondassem uma culpa oculta. A cidade estava no pico da sua actividade diária, com o sol primaveril directamente acima das cabeças dos azafamados transeuntes, iluminando os largos arruamentos e acalentando a húmida lama espezinhada. Pairava na rua um odor a terra molhada, mesclado aos aromas de comida cozinhada, dejectos urbanos e suor humano tão comuns às vias mais agitadas das grandes cidades. Os companheiros ainda não haviam arranjado tamancos e as suas botas estavam completamente enlameadas, e as calças salpicadas de imundície a condizer com a aparência geral de cada um: Aewyre tinha quatro arranhões emplastrados no meio do restolho de barba por *fazer*, Allumno não fazia a sua havia semanas, Quenestil tinha a pele vermelha e o cabelo pesado de sebo, e a cara de Taislin estava enodoadade sujidade. Tinham todos um aspecto miserável e sem dúvida afiguravam-se como indivíduos a evitar aos olhos de qualquer cidadão ordeiro, o que lhes permitiu atravessarem as apinhadas ruas com relativa facilidade. Aewyre ignorava os olhares hostis que lhe eram

dirigidos e os comentários decerto pouco lisonjeiros que eram proferidos em Leochlan nas suas costas, mas mesmo sem o seu aspecto lastimoso não teria como evitar que as atenções dos pedestres recaíssem sobre si, pois era bem mais alto que boa parte da multidão, e tanarchianos não eram particularmente baixos. Assim que avistou uma viela, puxou Allumno pelo braço, indicando-lhe o escuso beco com um aceno da cabeça e dirigindo-se para lá. O mago chamou a atenção de Quenestil e Taislin, e os três seguiram o jovem guerreiro que haviam eleito como líder pela escura ruela adentro. Um esgalgado gato cinzento assanhou-se, bufando e cavalgando para longe dos intrusos com a cauda ultrajadamente entufada, sobressaltando-os. Aewyre suspirou e encostou-se à parede, cruzando os braços e fitando os seus companheiros com o lado arranhado da face.

Como é que foi? perguntou.

Allumno encolheu os ombros, apoiando-se no bastão.

Tão bom quanto seria de esperar; um inquérito conciso e fluido...

Usaste os nomes falsos?

Naturalmente... respondeu o mago secamente, ajustando o lenço na sua testa.

Os olhos do jovem dirigiram-se a Taislin, cujas felinas orbes piscaram.

Disse tudo o que tu pediste.

Acenando com a cabeça, Aewyre fitou Quenestil, que estava a estranhar o interrogatório.

Disse-lhe o que nós tínhamos combinado no templo de Acquon, e os nomes?

Os... nomes?

Sim... os nomes insistiu o guerreiro com voz tremulamente calma.

Os nomes... O eahan parecia incerto. Usei os que tu pediste...

Disseste o nome da Lhiannah, porra! vociferou Aewyre, descruzando repentinamente os braços e avançando sobre o shura com tal ímpeto que este julgou que ia ser agredido e deu um involuntário passo atrás. Quantas vezes vos disse eu para não dizerem a porra dos nossos nomes verdadeiros?!

Allumno interpôs-se entre ambos, estendendo uma mão de modo a refrear o seu exaltado protegido.

Aewyre, acalma-te! Então?

Vocês não viram como aquele velho picuinhas reparava em tudo? Ele deve ter escrito quantas vezes nós piscámos os olhos durante o interrogatório! O jovem virou as costas aos seus companheiros e deu um pontapé num monte de detritos, espalhando-os pela ruela, e volveu para o eahan uma vez mais, apontando acusadoramente com o indicador. E tu foste dar-lhe o nome da Lhiannah! Também lhe disseste o que viemos cá *fazer*, já agora?

Aewyre... apelou o mago à calma com um perplexo Quenestil atrás de si. Taislin limitava-se a observar a cena com olhos tristes.

O guerreiro rosnou de frustração e esmurrou a parede de madeira, encostando nela a testa de seguida como para se acalmar. Parecia que a sua cabeça ia explodir, tal era a força com que as suas têmporas latejavam...

Aewyre... A hesitante mão do eahan pousou no seu ombro tenso algum tempo depois. Enthulidas, *finn amenid. Entbulidas...*

Dito em Eahan, de alguma forma o pedido de desculpas parecia mais sincero, ou talvez mais convincente. Fosse como fosse, o jovem suspirou e acabou por se virar, agarrando as espáduas de Quenestil com força e fitando os olhos cinzentos do shura, cujas feições pareciam mais graves do que era habitual no soturno ambiente da ruela.

Não, meu amigo. Eu é que peço desculpa... o eahan acedeu com um nuto da cabeça e apertou o ombro de Aewyre. Eu só não sei o que fazer... a Lhiannah está ferida, não conhecemos ninguém nesta cidade, temos um legista de Bellex em cima de nós e nem sei onde começar a procurar os desgraçados que nos atacaram, nem a harahan... nem sequer sei ao certo quem eles são, bandidos, Fadados, Filhos do Flagelo...

Eu sei, Aewyre, mas tens-nos a nós. Não estás sozinho nisto. *"E de certa forma, é isso o que mais me preocupa..."*, pensou o guerreiro

sem no entanto o dizer, receando um grave mal-entendido. Obrigado agradeceu.

Allumno relaxou e tornou a agarrar o bastão com as duas mãos, abanando a cabeça em incredulidade perante o temperamento mercuriano do seu protegido.

Vamos para o templo? sugeriu.

Aewyre e Quenestil concordaram, e os três prepararam-se para sair da ruela, mas Taislin chamou-lhes a atenção, tossicando. O burrik olhava para o chão e tinha as mãos atrás das costas, numa, para ele, invulgar posição que aparentava denotar algo parecido com recato, que nele destoava visivelmente.

O que foi, Taislin? quis Aewyre saber, ajoelhando-se perante o seu pequeno companheiro.

Na obscuridade da ruela, os olhos do burrik estavam grandes e pretos, inocentes e desprovidos do brilho matreiro que normalmente os caracterizava e que de uma forma ou de outra conquistara o afecto de todo o grupo.

O que é que tens aí atrás?

O pequeno larápio murmurou qualquer coisa ininteligível, encolheu os ombros e olhou para o lado, parecendo ter mudado de ideias.

Taislin, o que é que se passa? insistiu o guerreiro, pegando-lhe nos diminutos ombros com as grandes mãos de unhas sujas.

Não... vais ficar chateado... esquivou-se o burrik.

Não fico nada! Taislin, diz-me o que tens atrás das costas. Agora. Senão é que eu fico mesmo chateado.

Sem olhar para o seu amigo nem parar de murmurar, o burrik exibiu uma folha de pergaminho dobrada entre dois dedos. Aewyre ergueu o sobrolho e pegou na folha, desdobrando-a com cuidado e cerrando os olhos em esforço de modo a lê-la na escuridão do local.

O que é isso? inquiriu Allumno, acometido de um súbito mau pressentimento fundamentado pelos hábitos desregrados do burrik.

Os lábios de Aewyre mexiam-se em silêncio enquanto o jovem lia, e conforme o ia fazendo, os seus olhos iam-se arregalando em aparente espanto.

O que é que diz? perguntou Quenestil a Taislin, sem obter resposta. Aewyre riu. O que foi?

Parecendo não ter ouvido a pergunta, o jovem envolveu o burrik num esmagador abraço, arrancando-lhe os pés do chão ao erguer-se e agitando-o pelo ar como um saco de nabos.

Seu destravado! Eu não acredito! ria Aewyre, incrédulo.

O que foi? O que é isso? persistiu o eahan.

Ele foi roubar logo isto debaixo das barbas do legista!

O quê? proferiram Quenestil e Allumno em agravado uníssono, dirigindo os olhares para Taislin, que permanecia invulgarmente envergonhado.

São as notas pessoais dele! O homem tem aqui toda a investigação planeada! explicou o animado guerreiro, batendo na folha com a mão aberta.

Que a palma de Bellex nos vede do seu punho... imprecou o mago, levando a mão à consternada cabeça.

Não sei muito acerca das leis das vossas cidades... admitiu o eahan. Mas isso não parece bom.

E daí? Com isto já sabemos pelo menos onde começar! Diz aqui os nomes dos suspeitos, onde os encontrar...

Aewyre, isso é um documento oficial escrito pela mão de um legista! lembrou-lhe Allumno, mas o ânimo do jovem era impossível de esmorecer.

E ele vai pensar que nós o roubámos? Com todas as folhas que tinha na mesa, se calhar nem vai reparar...

... embora deva ter escrito quantas vezes piscámos os olhos durante o interrogatório...?

Aewyre descartou a ideia com um despreocupado gesticular da mão e tornou a ajoelhar-se perante Taislin, pegando nele pelas espáduas.

Que faríamos nós sem ti, meu diabrete? O burrik limitou-se a encolher os ombros modestamente em mais um gesto pouco característico. Então? O que é que se passa, campeão?

Nada...

Passa-se alguma coisa, Taislin. O que foi; é o Babaki? Quenestil puxou a manga de Allumno e disse-lhe algo em surdina,

mas o guerreiro não estava a prestar atenção, pois o burrik não respondia e continuava a evitar os seus olhos. Aewyre suspirou em triste compreensão, acenando com a cabeça e olhando para baixo.

Taislin, o Babaki era nosso amigo... e sentimos muito a sua falta, todos nós. Doe-nos saber que ele morreu e que nunca mais o vamos ver, ainda dói, e muito, mas nós ainda cá estamos, e temos de continuar. Mas isso vai ser muito mais difícil se não te tivermos a ti para nos animar, campeão... Aewyre afagou amigavelmente a cabeça embaraçada do burrik. Tu rias em Moorenglade, dizias piadas estúpidas em Alyun, gozavas com o Worick em Karatai... precisamos de um Taislin sorridente e descarado. Senão ainda nos matamos uns aos outros...

Não! gritou o burrik, sobressaltando Aewyre e abraçando o tronco deste com uma força surpreendente para a sua pequena estatura. Ninguém vai morrer, nenhum de vocês vai morrer! Nunca mais! Eu não deixo! A voz abafada do burrik soava chorosa quando este gritava contra o peito do guerreiro. Não deixo! Ouviram bem? Não deixo!

Boquiaberto, Aewyre acabou por lentamente retribuir o abraço, tentando sem grande sucesso apaziguar os estremeções soluçantes nas

costas de Taislin. Virando a cara, o jovem fitou Allumno e Quenestil, as suas taciturnas expressões ainda mais ensombradas pela escuridão da ruela. Porém, nenhuma palavra foi proferida, e o triste choro do burrik fez com que todos esquecessem por momentos a zoeira citadina e se preocupassem com os seus próprios tumultos interiores causados pela morte de Babaki.

O silêncio imperava no quarto em que Worick e Slayra se encontravam: o thuragar sentado numa cadeira ao lado da cama na qual Lhiannah jazia, inconsciente, e a eahanoir sentada de braços cruzados e de costas para a parede. Ambos haviam escolhido permanecer nas Alas da Convalescença, mas apenas a escolha de Worick não fora inesperada, pois apesar de a eahanna negra já não ser mal vista pelo grupo (ou pelo menos assim o esperava), todos menos Quenestil estranharam a sua vontade de ficar. Apenas o shura sabia a verdade, que Slayra estava simplesmente indisposta, tendo já começado a sentir umas semanas atrás os primeiros efeitos do enraizamento gestacional da semente que portava dentro de si. O seu ventre e seios haviam aumentado subtilmente, pouco visíveis ainda, mas suficientemente protuberantes para lhe apertarem à cintura e ao peito as roupas que comprara na cidade de Ul-Syth no dia da chegada à costa de Tanarch. Por algumas das contas de âmbar que o druida lhe dera, a eahanoir comprara mantimentos, uma camisa e largas calças azul-escuras de homem presas por uma faixa vermelha à cintura, um casaco preto de abas curtas e um par de botas escarlates de couro macio. Fora uma indumentária confortável para a viagem que os eahan haviam empreendido até Val-Oryth, mas naquela manhã parecia-lhe apertada ao ponto de Slayra desejar ter também comprado algo mais folgado, mas sabia que isso chamaria muito a atenção. Nenhum dos dois falara acerca do inevitável assunto de revelarem aos companheiros o que sucedera, pois apesar de se tratar de algo que, mais cedo ou mais tarde, diria respeito ao grupo inteiro, era também um tema delicado que teria de ser discutido na altura certa. Com a notícia da morte do Babaki, o ataque à estalagem e os ferimentos da Lhiannah, ambos os eahan duvidavam de que essa altura chegasse tão cedo... e talvez fosse melhor assim; pelo menos teriam mais tempo para pensar e reflectir.

Acariciando distraidamente o seu ventre, Slayra desviou a mente das suas dúvidas e observou Worick, cujas costas estavam viradas para si. A luz do vitral azul e branco da janela incidia-lhe lateralmente sobre a armadura, resplandecendo no aço das placas sujas e baças ao

mesmo tempo que esbatia a sua cabeleira cinzenta. O seu elmo encontrava-se a seus pés, com a cicatriz de um possante golpe de lâmina que o thuragar tratara com marteladas, cujas marcas permaneciam na forma de mossas que cercavam a fenda semicerrada, e o martelo estivera encostado à cabeceira da cama a noite inteira, qual sentinela inanimada a velar pela princesa. A eahanoir notou também que o escudo que Worick sempre tivera acoplado à manopla desaparecera, provavelmente de forma violenta, julgando pelos sinais de maus tratos na luva e pelos fragmentos pendentes no lugar do escudo. As mãos sujas e sapudas do thuragar aninhavam com desabitual delicadeza a da sua protegida, que ainda não abrira os escurecidos olhos inchados. As equimoses na cara de Lhiannah tinham uma cor acastanhada, os cortes na pele pálida e nos lábios empapuçados começavam a formar crosta e o seu maxilar solto e inchado era mantido no lugar por uma faixa em torno do queixo e da cabeça. O sangramento do seu ouvido esquerdo parara antes de ter chegado ao templo, e o sangue seco no canal auditivo já fora limpo por uma laica de Acquon, mas haviam mantido a compressa no lugar por precaução. A eahanoir vira a expressão aflita de Allumno quando o mago notara o corrimento sanguinolento que o ouvido de Lhiannah vertia na estalagem e temera o pior, mas felizmente as suas piores suposições não se haviam confirmado. Pelo menos ainda não...

Slayra afastou tais pensamentos funestos de imediato. Por estranho que lhe parecesse, desde a noite anterior que a eahanoir dera consigo a pensar que gostava da aguerrida humana, a despeito de todas as suas diferenças, animosidades e rancores passados. Ambas haviam chorado juntas a morte de Babaki, partilhado da perda mútua que lhes abrira uma ferida nos seus corações que jamais sararia por completo, e essa partilha revelara muito acerca das duas mulheres, muito que porventura não teriam sequer pensado em confessar noutras circunstâncias, mas naquela altura, enquanto procuravam conforto nos braços uma da outra, as palavras haviam fluído como as lágrimas. E agora o único pensamento que lhe ocorria era que em breve podia estar a chorar a morte da princesa nos braços do Quenestil... mas tornou a descartar a teimosa e insistente cisma e levantou-se como se a cadeira fosse a responsável pelas suas mórbidas apreensões. Afagou os braços e decidiu aproximar-se de Worick, passando por cima dos camastralhos estendidos no chão. Todas as suas anteriores tentativas de conversa haviam sido grosseiramente repudiadas pelo thuragar, cuja disposição estava compreensivelmente mais azeda do que o habitual e cuja atitude de qualquer

forma não a surpreendia. Mesmo tendo convivido com humanos durante boa parte da sua vida, Worick era o que era, e nada do que tivesse porventura aprendido através do prolongado contacto com uma raça e uma cultura tão diferentes das suas poderia alguma vez mudar isso de uma forma significativa. O thuragar nem era tão egoísta ou mesquinho como os seus congéneres, e a evidente preocupação por Lhiannah e (por vezes) pelos restantes companheiros era a prova disso, mas um thuragar seria sempre um thuragar, com a disposição de um texugo acirrado, o tacto de uma pedra-pomes e toda a compaixão que um açougueiro demonstra perante um cordeiro. Slayra limitou-se a postar-se atrás de Worick, sombreando-o silenciosamente ao bloquear parcialmente com as suas costas o fecho de luz colorida da janela.

Não vais tentar consolar-me outra vez, pois não? catarreou o thuragar.

Já sei que não vale a pena. Queria só...

Consolar-me?

Não assegurou Slayra com todo o cuidado para não o hostilizar. Mas eu...

Mau...

Já disse que não vou tentar consolar-te...

Ótimo. Então também não preciso que me digas que ela vai ficar boa, ou que aqueles sacerdotes rabilas disseram que não há nada de grave, que ela vai acordar ainda hoje de certeza ou que vamos dar cabo de quem lhe fez isto e que vai tudo ficar bem no fim. Arre, mulher! Deixa-me sossegado!

A eahanoir suspirou e cruzou os braços resignadamente.

Podes não acreditar, Worick, mas eu também me preocupo com a Lhiannah e também tenho medo que algo de mal lhe aconteça... Não houve resposta, o que incomodou a eahanoir, apesar de esta estar ciente das ínfimas probabilidades de ter direito a uma. Ou ainda pensas que eu estou só a fingir, que é uma questão de tempo até eu vos espetar uma faca nas costas?

- É assim que me vês?

Silêncio, desprovido de qualquer iminência de resposta. Slayra descruzou os braços e agarrou as amplas mangas da camisa com força, sentindo um germinar exasperado no peito.

- É isso, não é? Depois de tudo o que se passou, ainda me julgas capaz de vos trair, que a qualquer altura vos posso apunhalar pela calada... Contra tudo o que o seu bom senso lhe ditava, a eahanoir pegou no thuragar pelas espaldeiras e abanou-o na tentativa de extrair alguma reacção dele.

Worick ergueu-se repentinamente, virou-se e agarrou o pulso de Slayra com dedos de aço, olhando-a altivamente de baixo.

Só vou dizer isto uma vez, minha menina, por isso vê lá se arrebitas essas orelhas pontudas e se fica bem assente nessa tua cabecinha. Se eu em qualquer altura, em qualquer lugar, tivesse sequer pensado que tu nos poderias mesmo trair, ter-te-ia partido a cabeça à martelada como a um ovo. Por isso guarda as tuas acusações e lamúrias para quem as mereça ou queira ouvir, porque eu de certeza não quero.

Dito isto, o thuragar largou-lhe o pulso bruscamente e tornou a sentar-se, resmoneando qualquer coisa certamente pouco amável. Slayra sentiu um nó na faringe, como se as palavras da sua impensada resposta tivessem ficado presas a meio caminho da boca. O seu estômago contraiu-se, e a eahanoir foi acometida de uma súbita náusea que lhe espiralou da barriga, pela garganta acima e até à boca. Curvando-se e agarrando o seu abdómen, Slayra virou as costas a Worick e vomitou sem cerimónias o frugal pequeno-almoço de pão e cerveja, que chapejaram azedamente no chão. Tão depressa como se sentara, o thuragar tornou a levantar-se, proferindo um alvoroçado impropério.

Então? O que é que tens? perguntou, ajoelhando-se ao lado da eahanna negra e agarrando-a por trás pelas ilhargas.

Não me toques! gritou Slayra, torcendo o corpo para se afastar de Worick e caindo de joelhos e mãos ao fazê-lo.

O thuragar ergueu as suas, perplexo, e deixou-se estar de joelho assente no chão de modo a não assustar a eahanoir, que permaneceu de gatas, ofegando e expelindo cuspe acre.

Mas o que é que se passa contigo, ó minha gravisca? Fiz-te alguma coisa?

A eahanna negra limpou a boca com os dedos e fitou Worick com a face meio oculta por cabelos desgrenhados.

Desculpa... não foi nada... a culpa não foi tua... explicou enquanto se erguia, cambaleante, tentando apoiar-se no armário do quarto. O thuragar tentou ajudá-la, mas Slayra afastou-se, erguendo a mão suja de vômito. Eu estou bem...

Oh sim, só estarias melhor se eu te tivesse cravado uma martelada na cabeça... Olha para ti, estás mais branca que cal em barreira!

Eu *sou* pálida; foi a cerveja do pequeno-almoço... aquela mistela tanarchiana tem um sabor esquisito. Eu estou bem... assegurou Slayra, virando as costas a Worick e dirigindo-se à taça com água em cima da mesa-de-cabeceira de Lhiannah.

Nota-se... aliás, só não vomitei ainda porque me estou a sentir mal esta manhã. Deixaste que os rabilas te vissem?

Não, eu não fui ferida no ataque. A Lhiannah é que precisava de ajuda...

Não estamos a falar da Lhiannah agora. O que é que *tu* tens que os sacerdotes não viram?

A eahanoir ignorou a pergunta e bebeu da taça, bochechando e cuspiendo, e despejou a água para um bueiro na base da parede, passando por ela os seus dedos sujos de vômito e secando-os na faixa vermelha que lhe cingia a cintura. Ouviu os pesados passos metálicos do thuragar aproximarem-se de si e suspirou, ciente de que não iria conseguir tornear o assunto. Um roçar de placas de aço delatou o cruzar de braços de Worick, dando a entender que dali não sairia enquanto Slayra não lhe explicasse o que se estava a passar.

Sabes, gostava mais de ti quando tu não querias saber de mim...

comentou, pegando num jarro e despejando o seu conteúdo dentro da taça que esvaziara.

E eu gostava mais de ti quando tu não vomitavas.

Acredita que és menos chato quando não te importas com os outros... Se espicaçasse o thuragar, podia ser que este se chateasse e se fartasse.

Tu és chata de uma maneira ou de outra. Ótimo, já estava a responder às provocações. Slayra afastou-se da mesa-de-cabeceira e dirigiu-se à cadeira com o intuito de se sentar.

Então fica a olhar para a Lhiannah. Ela não te vai chatear...

Achas que sou parvo? Os pés da eahanoir congelaram.

Pitosga sim, mas parvo é que não sou. Essas tuas roupas largas estão-te apertadas, o teu andar já não se parece com o de um gato, e o pequeno-almoço não estava mau ao ponto de o vomitares...

Incrível. De todos os companheiros, o mal-encarado thuragar de visão fraca fora aquele que Slayra menos esperara vir a descobrir a sua condição. Slayra virou-se para Worick com os olhos grandes e surpresos.

Como... como é que tu...

Eu fui general, minha menina, e um bom general observa sempre aquilo e aqueles que o rodeiam. Eu andava distraído, mas o teu estômago traiu-te. Com que então tu e aquele bodefe do eahan, ha? a pele de Slayra continuava algo avermelhada devido à longa exposição ao sol, mas enrubesceu ainda mais. Em que é que

estavam a pensar, seus láparos primaveris? A altura pareceu-vos boa para fazer eahanzitos, foi?

Worick, tens de me prometer que não vais dizer nada aos outros...

Ai tenho? Explica-me lá porquê...

A altura é má... a Lhiannah está ferida... eles não iam perceber...

O que é que há para perceber? O eahan saltou-te para a espinha e emprenhou-te!

Worick, por favor! A eahanna correu a agarrar o thuragar pelos ombros. Promete-me que não lhes dizes! Por favor!

As farfalhudas sobranceiras do thuragar eriçaram-se, dúbias.

Os outros não precisam de ter mais este problema a preocupá-los, percebes isso, não percebes?

Então e que vais tu fazer? Continuar a fingir que nada se passa até lewares um murro ou uma facada na barriga?

Sensibilizada pelo que lhe pareceu ser preocupação da parte do thuragar, a eahanoir não respondeu de imediato e reflectiu sobre a questão.

Eu... fico com a Lhiannah. Se... *quando* ela recuperar, vai ter de ficar algum tempo de cama. Eu fico com ela, e trato dela. Era isso que eu ia fazer de qualquer forma...

Worick nada disse, e Slayra manteve os olhos do thuragar fixos nos seus.

Por favor?

Hum, daqui não vai sair bom minério...

Prometes que não dizes?

Ah, pedras me partam... está bem, não digo nada.

Obrigada. Sabendo como o seu companheiro reagiria, a eahanoir refreou-se de mostrar o seu agradecimento com um abraço ou carícia de qualquer espécie e deixou-o em paz, dirigindo-se para a porta.

Vou buscar qualquer coisa para limpar isso... disse, indicando a poça de vomitado no chão.

Resmungando e abanando a cabeça, Worick voltou por sua vez para perto de Lhiannah, novamente absorto nas suas contemplanções.

VELHOS RESENTIMENTOS

Mas afinal o que pensas fazer com esse documento, Aewyre? quis Allumno saber, caminhando exasperado ao lado do seu protegido e calcando profundos buracos na lama e neve meio derretida com o bastão.

Usá-lo, claro admitiu o descontraído jovem, olhando em frente com ar ausente.

Mas tu não percebes que...? Peço desculpa... pediu o mago ao embater num transeunte, que não pareceu notar.

Percebo, mas não interessa. Se o papel não nos ajudar a apanhar quem nos atacou, devolvo-o, mas só se não nos servir para nada.

Allumno dirigiu um breve olhar ao céu nublado, visível entre os altos telhados da cidade, como se esperasse que chovesse bom senso em cima do néscio rapaz.

Entrarmos em conflito com os fiéis de Bellex nesta cidade seria tudo menos conveniente...

Não vai haver conflito nenhum assegurou Aewyre distraidamente, dando a nítida impressão de que estava a pensar noutra coisa. O mago encolheu os ombros conformado e limitou-se a andar, questionando-se acerca do que ia na cabeça do seu protegido capaz de desviar os seus pensamentos de tão importante assunto...

”A tua filha, Aewyre Thoryn! A tua filha!”, gritara a harahan na noite anterior antes de fugir. A mulher era para Aewyre um mistério, mas após três encontros parecia saber muito sobre o jovem e os seus amigos. Passara uma noite com ela em Nolwyn, combatera-a em Karatai e quase morrera às suas mãos na noite anterior. Já não podiam restar dúvidas de que a harahan os perseguia, mas o guerreiro

desconhecia as suas razões e o seu propósito. "A tua filha?" Seria possível...?

O guerreiro deteve-se abruptamente, ficando espcado a olhar para nenhures, revendo a noite que passara com a mulher em Llen, a escuridão do aposento, o estranho odor a gato molhado e hipericão-bravo, a luz macilenta das velas pretas, as manchas nos lençóis, o voraz ardor da harahan...

Aewyre? ouviu Allumno questionar.

Passa-se alguma coisa? Quenestil olhou na direcção do indeterminado ponto que o seu amigo fitava.

Não... não é nada. Tinha de pensar, reflectir, e bastante, mas num lugar sossegado. Vamos.

Forçados a acompanhar as largas passadas do cismático guerreiro, os companheiros percorriam as congestionadas ruas de Val-Oryth com rapidez, escusando-se por empurrarem transeuntes, ignorando as discrepantes ladainhas de vendedores ambulantes e fixos, desviando-se das ocasionais bestas de carga puxadas ou acicatadas por condutores mais ou menos pacientes e tentando não ficar no caminho das desenfreadas correrias das crianças, que decerto teriam muita energia por libertar após aquele que evidentemente fora um longo e frio Inverno. Quenestil sorriu ao ver um grupo de petizes zumbir através das pernas dos pedestres, tão pequenos, alegres e despreocupados, com os barretes felpudos que as mães lhes haviam enfiado nas cabeças, e os seus pensamentos foram inevitavelmente para Slayra e o segredo que partilhavam. A viagem de três semanas entre Ul-Syth e Val-Oryth dera-lhe bastante tempo para pensar e reflectir, mas ainda assim o shura era por vezes atormentado por dúvidas causadas não pelos preceitos da sua raça, pois segundo esses a sua conduta fora apropriada, mas pelos seus próprios princípios. Agira correctamente? Engravidar Slayra quando tanto ainda podia e certamente iria acontecer? O facto de sentir que a altura não era apropriada para contar aos outros também não ajudava nada, e a sua consciência começava a pesar-lhe. Questionava a rectidão das suas acções e não estava a ser honesto para com os seus amigos... As crianças fizeram-no pensar também em Taislin, e Quenestil olhou para o chão em redor, procurando o seu pequeno companheiro. O burrik caminhava à sua frente, cabisbaixo, e não parecia minimamente interessado nas posses (ou "fardos", como lhes costumava chamar) das distraídas pessoas que por ele passavam. Era custoso vê-lo assim, pois Taislin sempre fora para Quenestil o eterno pateta alegre, sempre com um sorriso, uma risadinha irritante

ou uma piada de mau gosto a postos. De certa forma até era bom que tivesse por fim percebido que aquilo que estavam a fazer não era nenhuma brincadeira, mas ainda assim a tristeza e a perda de candura do burrik não deixavam de ser desanimadoras para o shura e, sabia-o bem, para o resto do grupo. Quenestil soltou um suspiro alquebrado. Ao virar de uma esquina os companheiros entraram num arruamento de curiosas moradias que, contrárias à índole das casas das cidades que o grupo até então vira, eram espaçadas entre si, e esses espaços encontravam-se preenchidos com pequenos jardins cercados. Como toda a paisagem tanarchiana, os infecundos hortos ansiavam visivelmente por uma folga dos rigores invernais. A estrada que os companheiros caminhavam estava a ser pavimentada com toros fendidos por atarefados obreiros, que se ajoelhavam no chão lamacento enquanto trabalhavam.

Não passámos por aqui observou Allumno, parando.

E daí? Pelo menos esta rua está pavimentada. Vá, venham daí, não deve ser difícil dar com o templo... respondeu Aewyre sem cessar a marcha.

Perante a aproximação do guerreiro, os trabalhadores interromperam o seu labor por breves instantes; alguns ergueram-se, empunhando os toscos martelos de madeira que usavam para cravar as estacas no chão, mas logo de seguida dirigiram-se à carreta com tábuas puxada por um pachorrento boi, como se tivesse sido essa a sua intenção inicial. As suas roupas estavam salpicadas e manchadas de lama, e as largas joelheiras de couro destinadas a facilitar o trabalho sujo pouco mais eram que um amontoado de camadas de lama seca sobre as suas pernas. Havia um certo ar de indignação nas suas expressões, que traduzia um sentimento de revolta pelo facto de se estarem a revolver em lama para que um siruliano não tivesse de sujar as botas. Tal era o sentimento por detrás das suas posturas e olhares que Aewyre não teve necessidade de palavras para o perceber e, separando-se dos seus companheiros, manteve-se diplomaticamente num dos lados não pavimentados da via mesmo após passar pelos obreiros.

Continuem o bom trabalho, rapazes... não se absteve de dizer, contudo, suscitando olhares e comentários hostis atrás das suas costas. Por que achas que só o fazem aqui? perguntou a Allumno, mais para fazer conversa e ignorar o sucedido que por genuína curiosidade.

O Inverno parece ter sido longo.

- É provável que as tábuas antigas tenham apodrecido e sido removidas...

Hm-hm. O que achas de Val-Oryth, Quenestil? O eahan não esperara ser abordado e piscou os olhos como se tivesse acordado de um sonho desperto. Com esta lama toda não pode ser assim tão diferente de um barranco na Primavera, pois não? E também tens jardins...

E... confinada na mesma. Sinto-me preso. Acho que nunca me sentirei bem numa cidade respondeu o shura, estacando perante o avanço de um casal e acabando por passar desajeitadamente pelo meio deles.

Aewyre reconheceu a falta de à-vontade do seu amigo com um meio sorriso, mas a sua atenção centrou-se por momentos no casal que por pouco não esbarrara contra ele, e nos muitos outros que já vira só naquela manhã. O jovem podia contar pelos dedos das mãos as vezes que vira um homem e uma mulher andarem juntos de braço dado nas ruas de Ul-Thoryn; pelos dedos de uma mão apenas, se excluísse as meretrizes que o faziam por razões óbvias. Ao que parecia, as mulheres eram realmente vistas e tratadas de forma diferente em Tanarch, o que seguramente se devia ao papel que as exiladas esposas dos sirulianos haviam desempenhado no forjar da nação e sem o qual as expatriadas hostes da Sirulia, crianças e homens fracos e enfermos, certamente teriam perecido. Notava-se de facto uma certa deferência para com as mulheres que passavam na rua, jovens e velhas, ricas e pobres, feias e bonitas, bem e mal vestidas; via-se em pequenos gestos, como subtis acenos de cabeça à laia de cumprimentos ou passos para fora do pavimento de tábuas de modo a dar passagem; tudo sem falsas cortesias ou segundas intenções, meras demonstrações de genuíno respeito da parte de homens, cujas expressões se mantinham sérias e sinceras ao fazê-lo. As mulheres aceitavam tudo com naturalidade, retribuía com modestos nutos das cabeças toucadas, como se tomassem as atenções por um dado adquirido que mesmo assim devia ser agradecido. Aewyre estava prestes a comentar o assunto com Allumno quando um coro de vozes alvoroçadas chamou a sua atenção e a de todos os transeuntes. Não se via nada, pois os sons provinham detrás de uma esquina da rua na qual se encontravam, o que levou muitas pessoas a apressarem o passo para ver o que se passava.

O que será? perguntou o guerreiro a ninguém em especial, avançando mais depressa e sendo seguido pelos seus companheiros.

O tom era claramente de protesto, sobretudo de homens mas com algumas mulheres à mistura, e mesmo no cerrado Leochlan no qual eram proferidas as ameaças e os insultos eram perceptíveis. Aewyre

entrou na rua perpendicular, ainda desprovida de pavimento de qualquer espécie e de imediato deparou com a situação que chamara a sua atenção e a de todas as pessoas que seguira até ali, bem como outras mais que se lhe estavam prestes a juntar. E, tal como todos os recém-chegados, incluindo os restantes companheiros, ficou inicialmente impressionado com o que viu.

Cercados pela exaltada multidão, três homens sobressaíam pela sua estatura e porte, calmos e serenos perante os ânimos que causavam e pelos quais eram visados. Lembravam estátuas de aço com capas azuis num mar de braços e mãos agitados, pois as armaduras de placas corrugadas que envergavam cingiam-lhes o corpo todo num abraço acerado exceptuando as cabeças, que estavam a descoberto e cujos elmos eram sobraçados. Os seus arneses tinham um acabamento por polir, e o do mais velho estava coberto por brial azul com uma insígnia bordada ao peito na forma do busto de uma mulher com uma coroa dourada. As suas expressões pareciam-lhes tão embutidas nas faces quanto as corrugações nos seus arneses, expressões de confiança e destemor que transmitiam ao mesmo tempo um misto de segurança e medo, tal era a intensidade dos olhares átonos que dispensavam à multidão, altos e terríveis no poder que não desejavam revelar, autênticos reis sem trono os três, herdeiros de uma glória passada com o sangue de um nobre povo a correr-lhes vigoroso nas veias.

Sirulianos... constatou Allumno.

Vocês já viram o tamanho deles? perante a majestosa presença do trio de homens armados, Taislin recuperou a voz que aparentara ter perdido no beco. São maiores que o Aewyre...

Ninguém respondeu, pois a envergadura dos três não se afigurava prodigiosa apenas ao diminuto burrik. O mais alto, um homem de cabelos grisalhos colados à cabeça pelo uso do elmo, olhos pardos e um nobre semblante escanhado, estaria provavelmente ao nível do nariz de Babaki, o que não era dizer pouco. Os outros dois, mais jovens mas com uma gravidade de expressão que contraditava as suas idades, tinham olhos azuis, cabelos pretos e castanhos penteados para a frente e com as nuças rapadas, e eram uns bons três dedos mais altos do que Aewyre. O trio mantinha as mãos enluvadas de aço sobre os pomos das suas esplêndidas espadas bastardas embainhadas à cintura, mas nada nas suas posturas indicava a intenção de fazer uso delas. Do lado oposto da cinta tinham adagas dentro de bainhas decoradas, comparáveis em tamanho ao facalhão de Quenestil.

Contudo, todos menos os companheiros pareciam dispostos a enfrentar os sirulianos. Havia muitos punhos cerrados na multidão, muitas mãos erguidas em protesto, muitas vozes indignadas, e a razão da querela aparentava ser uma mulher postada à porta da moradia em redor de cuja entrada a pequena multidão se concentrava. Era uma senhora alta, mais alta do que muitos dos homens presentes, e cujo porte digno e beleza serena transmitiam um ar de desafio perante os três indivíduos armados. Trajava um simples vestido alaranjado que pendia pregueado pela sua figura elegante, e o seu longo cabelo castanho e ondulado caía-lhe numa cascata solta pelas espáduas abaixo. Seguramente não pretendia sair vestida assim, pois envergava ainda um manto de lã bordada aos ombros e braços para a resguardar do frio e a sua longa saia arrastar-se-ia pela lama, mas aparentemente os sirulianos haviam-lhe dado um bom pretexto para sair, o que não parecia ter agradado à multidão. De costas para a mulher estava um homem de bigode eriçado a brandir um ameaçador dedo ao trio, embora nem com os tamancos que calçava e o barrete de topo chato que tinha à cabeça conseguisse ficar ao nível dos imperturbáveis olhos dos sirulianos, cujas atenções pareciam recair apenas e unicamente sobre a mulher atrás dele. O siruliano mais velho falava calmamente, mas a sua voz profunda pouco mais era do que um tom grave abafado pelos protestos da multidão, e os companheiros não conseguiam ouvir.

O que é que se estará a passar? questionou-se Aewyre.

Nada de bom... julgou Quenestil, guiando Taislin pelo ombro com uma mão e abrindo caminho por entre a multidão com a outra.

Quatro homens juntaram-se ao que estava entre os sirulianos e a mulher, formando uma barreira humana defronte desta, e outros não tardaram em dar a sua contribuição. Os três permaneciam imóveis, impassíveis perante a turba que se começava a formar à sua volta como se de algo de pouca monta se tratasse.

Vamos ver mais perto, daqui não se ouve nada... sugeriu o guerreiro, aproximando-se.

Eu acho que não devíamos... Aewyre! Oh, que Kispryn lhe estenda a mão decepada... protestou Allumno, seguindo o seu protegido a contragosto. Quenestil acompanhou-o, mantendo a protectora mão sobre o ombro de Taislin.

... nada para vocês! Alem para as vossas belonas! foi o que Aewyre conseguiu decifrar do cerradíssimo Leochlan do homem que continuava a empunhar o dedo como uma espada. Um coro de

vozes masculinas e femininas deu-lhe razão, todas igualmente carregadas, mas suficientemente parecidas com um Glottik arcaico para que o guerreiro percebesse o essencial.

Não é vossa!

Deixam-nas solitas, coitadas, e depois vêm buscá-las para...

Deviam ter desdouro, vocês são ostes aqui! ... e as pobres crianças!

Alem para a vossa plaga e prenhem as drahregs!

Se as queriam tanto, não as deixavam cá!

... e a mulher do meu primo outrossim! De noite apareceram e...!

Quem crêem que são?

Embrenhado no meio da massa de gente, Aewyre pôde sentir a tensão crescente que ameaçava explodir a qualquer instante, mas um estranho elo de afinidade instigava-o a avançar, a ver os sirulianos mais de perto e a fingir que não ouvia a voz de Allumno atrás de si, certamente a pedir-lhe que parasse. Um indivíduo careca fitou-o de alto a baixo e berrou-lhe qualquer coisa de boca escancarada, exibindo os seus dentes em falta, mas o jovem ignorou-o e continuou a avançar, vadeando lentamente a massa de corpos.

Adelia Ynyth ouviu o siruliano mais velho enunciar num dialecto límpido e perfeitamente inteligível. O sangue que corre nas tuas veias é puro. O teu dever é claro...

Qual dever! Cerdos! Ela não quer nada com vocês! protestou o homem do dedo.

... e o papel que desempenharás destina-se a assegurar a continuidade da existência dos herdeiros de Sirul, que juraram proteger-vos a todos... continuou, ignorando os protestos e insultos.

Proteger-nos de quê?

Temos de nos proteger de vocês!

... e cujas vidas compraram a terra na qual habitam em paz.

Em paz? Com rabazes como vocês a virem cá todos os anos?

A plaga é nossa, e a vida das nossas mulheres é delas!

Requisito então, por respeito, a entrada na tua residência... Perante o desprezo e a soberba do siruliano, o homem do dedo exaltou-se e avançou, olhando-o de baixo e protestando com gestos frenéticos para lhe chamar a atenção. Os outros seis deram uns passos em frente também, batendo no peito e erguendo os queixos em desafio. Apesar de ser a causa de toda a discórdia, a senhora alta permanecia impassível, sem nada dizer. Um dos indivíduos tentou empurrar o velho siruliano, mas este nem se mexeu e dignou-se pela primeira vez

a olhar para a barreira humana que se interpunha entre si e a mulher, e foi então que a tensão explodiu em acção. O homem do dedo desferiu um pontapé com toda a força no joelho do siruliano, tamanco de madeira contra joelheira de aço, o que causou mais ruído que efeito, mas foi o suficiente para incitar o resto da multidão a tentar a sua sorte. Uma bola de lama, estrume e palha singrou pelo ar, espalhando-se contra a cara de um dos jovens sirulianos, acompanhada pelo vitorioso vitupério de quem a arremessara. Houve gritos de apoio vindos da multidão e várias pessoas mostraram-se de imediato dispostas a seguir o exemplo, repentinamente armadas de paus, facas de bolso e qualquer outro objecto ao qual conseguissem deitar a mão. Aewyre viu-se arrastado pela turba, ouviu a voz de Allumno a gritar algo no meio do bulício e apercebeu-se de que estava no meio de um potencial linchamento público. Os seis homens à entrada da casa saltaram para cima do siruliano mais velho para ajudarem o homem do dedo, que continuava a desferir pontapés com os tamancos, e os dois jovens viram-se do lado errado de uma chuva dos mais variados projecteis. Quando Aewyre viu um indivíduo carregar contra ambos, empunhando um varapau, galgou instintivamente a distância que os separava aos empurrões e agarrou-o pelo pulso, cortando-lhe o ímpeto bruscamente.

Calma aí! gritou.

Quê? Larga-me! Mas larga-me! berrou o homem, assentando-lhe um tabefe no lado ferido da cara.

O guerreiro grunhiu de dor e puxou o braço do homem com força, derrubando-o com uma rasteira enquanto vários outros passavam por ele para atacar os sirulianos. Aewyre levou uma perna atrás e estendeu rigidamente os grandes braços para os seus lados, contra os quais duas pessoas colidiram, caindo. Algo lhe bateu de raspão na cabeça, mas um homem gordo que corria com abandono na sua direcção era meretório de maior atenção. Pegando-lhe os braços, o jovem desviou-se e deixou-o seguir a sua trajectória, ajudando com um forte impulso que fez com que o seu atacante se estatelasse de cara na lama. Alguém lhe desferiu então um pontapé na perna e vários pares de mãos agarraram-no, puxando-o e empurrando-o para o chão lamoso. Aewyre cobriu a cabeça instintivamente e retesou o tronco para proteger as costelas dos pontapés e pisadelas que sabia que se iriam seguir...

Mas uma possante voz sobrepôs-se aos ruídos da turba, atulhando os ouvidos de todos os presentes e ecoando nas cabeças destes. A exclamação fora curta e enfática, mas as palavras empregues insinuaram-se de alguma forma nos pensamentos da multidão e dos companheiros,

vocábulos desconhecidos cujo significado estivera latente nas almas de cada um e que fora descortinado ao ouvi-los, apelando para a calma e a moderação no âmago de cada homem e mulher naquela rua. Todos ficaram parados, ninguém se mexeu, olhando para os lados, incertos, hesitantes. O próprio Aewyre sentia-se calmo e, sabendo de alguma forma que já não corria perigo, descobriu a cabeça e, apoiando as mãos na lama, observou o que o rodeava. Os dois jovens sirulianos estavam de costas um para o outro, com os acerados punhos cerrados e vários homens inertes e gemebundos a seus pés. Nem sequer haviam desembainhado as espadas. O mais velho continuava no mesmo sítio como se os seus seis atacantes, que agora guardavam uma respeitosa distância, se tivessem abatido sobre ele como uma onda contra um penhasco. O indivíduo do dedo estava abraçado à mulher, que pelas aparências devia ser sua esposa, numa derradeira tentativa de a proteger, determinado, porém bastante menos agressivo.

Aewyre! ouviu Quenestil dizer, e as mãos do eahan não tardaram em pegar nele por debaixo das axilas para o ajudar a levantar. Estás bem?

Sim... respondeu o guerreiro, sem tirar os olhos dos sirulianos. Só me sujei um pouco...

O mais velho dos três mantinha o olhar fixo no casal, como se lhes estivesse a sondar as almas com os duros olhos pardos.

Adelia Ynyth, com a tua relutância, desobedeces não apenas aos sagrados votos proferidos aquando da Cisão, mas também às leis vigentes de Tanarch e o seu pacto com Sirulia.

O único som que se fez ouvir foi um leve murmúrio pela parte dos intimidados cidadãos, que pareciam continuar incertos quanto ao que fazer. Foi então que a mulher falou pela primeira vez.

- É uma lei cruel que não devia existir, muito menos feita cumprir por vocês acusou numa voz triste, mas que soava clara aos ouvidos de Aewyre.

O velho siruliano ficou longos instantes a perscrutar o casal, sem que a sua expressão se alterasse por uma vez sequer. A mulher agarrou a mão do seu esposo e apertou-a com força.

Como queiras, Adelia Ynyth acedeu o velho guerreiro por fim, virando as costas ao par. Os seus dois jovens seguidores juntaram os calcanhares e baixaram as mãos, aguardando ordens. Um deles continuava com restos de estrume e lama na cara, mas agia como se tal não o incomodasse. Peguem nos elmos. E limpe a cara, Ajuramentado. Em marcha.

Como um só, os dois curvaram-se para pegarem nos seus capacetes caídos durante a refrega, limpavam-nos antes de os pousarem nas cabeças, afastaram-se da casa e pareceram querer ir-se embora, mas o mais velho dos três ainda se reteve a poucos passos de Aewyre, fitando-o com o que podia ser interesse enquanto manuseava o elmo nas mãos. O guerreiro nada disse, nem tão-pouco Quenestil. Ambos sentiram o peso total daqueles inflexíveis olhos pardos e tanto humano como eahan deram consigo a encolherem-se reflexa e quase imperceptivelmente.

Tu, jovem, como te chamas?

Ayw... por pouco não revelara o seu nome verdadeiro. Aeren Tuorin... senhor.

Os orbes do siruliano afiguraram-se-lhe como dois pratos de uma balança que o pesavam, avaliando o seu valor ou falta dele. Os seus lábios sumidos apartaram-se para dizer algo que deu a impressão de reconsiderar, pois tornou a fechá-los para logo os abrir em seguida.

Sou Aelgar, Mandatário, e estes são os Ajuramentados Taeran e Deadan. Tentaste ajudar-nos e por isso te agradecemos... Aeren Tuorin, mas por essa mesma razão não será seguro permaneceres aqui. Podemos escoltar-te até ao teu destino, se assim o desejares.

Aewyre olhou para as pessoas à sua volta. Ainda estavam algo atarantadas com as possantes palavras proferidas pelo comandante naquela estranha língua, mas assim que os três se retirassem, era provável que não reagissem da melhor maneira ao vê-lo. Allumno e Taislin haviam-se achegado ao jovem sem que este tivesse reparado, também eles algo aturdidos pelo poder da voz do siruliano, e o mago não aparentava ter qualquer tipo de objecção a ser escoltado pelos três guerreiros.

Sim... agradecíamos...

Estás acompanhado? questionou, olhando de relance para os curiosos seres que se acercavam do jovem.

Sim, eles estão comigo respondeu Aewyre, solícito. Aqueles olhos... como haviam os tanarchianos aguentado?

Seja, acompanhar-vos-emos. Venham. Guarnecer flancos, Ajuramentados ordenou Aelgar, assestando o elmo graciosamente afunilado na cabeça, atando as correias debaixo do queixo e baixando a babeira côncava como a relha de um arado. Não pareceu minimamente interessado em saber os nomes dos restantes companheiros.

Dito e feito, os jovens sirulianos postaram-se nos flancos do pequeno grupo enquanto o seu líder tomava a dianteira e foi nessa estranha formação que avançaram pela rua fora, deixando a turba pacificada

para trás mas merecendo mesmo assim os olhares de todos pelos quais passavam. As pessoas saíam-lhes do caminho, cedendo o pavimento de toros em silêncio, porém incapazes de esconder o seu ressentimento, e nas costas do grupo ouviram-se mais do que insultos fugazes.

Qual é o vosso destino? perguntou o velho guerreiro assim que julgou estar longe de ouvidos perigosos, indiferente aos demais transeuntes e sem sequer olhar para os seus interlocutores.

As Alas da Convalescença respondeu Aewyre, algo desagradado com a atenção da qual ele e os seus amigos estavam a ser alvo. Já era mau que todos olhassem por causa da sua altura, mas na companhia de três sirulianos arnesados provavelmente seriam o tema de conversa dos dias vindouros. Olhando para os seus companheiros, constatou que estes também não se sentiam confortáveis naquela situação. Menos Allumno, naturalmente, que já recuperara a sua compostura, o que levou o seu protegido a dirigir-lhe palavra em voz baixa. O que é que ele fez àquela gente?

Eridiaith replicou o mago.

O quê?

Uma língua mágica dos sirulianos e dos Eahan, derivada da Palavra. Tem cuidado quando falares com ele.

Saber isso em nada contribuiu para o amainar do desassossego do jovem. Por sua vez, Taislin parecia mais curioso do que intranquilo, com o seu pequeno pescoço completamente inclinado para trás enquanto contemplava os dois enormes sirulianos mais novos, que se alheavam daquilo que os rodeava, olhando em frente com um qualquer objectivo indefinido, porém bem assente nas suas cabeças. O passo do grupo foi rápido, visto que os pedestres se dispersavam perante o avanço dos sirulianos como ratos diante de uma desinteressada serpente, como se a rua fosse propriedade legítima dos três guerreiros, o que para Aewyre era mais desconfortável ainda do que ser alvo dos olhares indiscretos aos quais cedo se habituara. Por alguma razão, o que presenciava incitava uma irrupção de desagradáveis memórias de Alyun e da Guarda Marcial...

Qual era o problema com aquela senhora? indagou numa tentativa de descreditar os seus próprios pensamentos.

Aelgar agraciou Aewyre com um breve olhar de viés por cima da espaldeira, mas não respondeu e continuou a andar, agindo como se tivesse ouvido um mero ruído.

Ela fez alguma coisa? insistiu o jovem. Um longo momento de espera.

Por que desejas sabê-lo, Aeren Tuorin?

Por... curiosidade.

Com um desagradado fungar, o siruliano deu a entender que a resposta não fora satisfatória, mas dignou-se a esclarecê-lo mesmo assim.

Três foram os crimes que Adelia Ynyth cometeu: trocou votos de matrimónio com um homem que não pertence aos seus, recusou-se a cumprir com a jura sagrada proferida aquando da Cisão e demonstrou contemto para com as leis da nação que tomou como sua.

Ah... A Cisão devia ser o que os sirulianos chamavam ao exílio forçado das suas mulheres. Aelgar falava de costas para Aewyre, mas tão clara e forte era a sua voz que o jovem não teve quaisquer dificuldades em perceber; era como se as suas palavras fossem carregadas pelo vento para os seus ouvidos, cada som impecavelmente pronunciado e cada sílaba perfeitamente encadeada. Parecia que estava a conversar em Glottik. Entendo... E nada mais perguntou, atitude que o siruliano aprovou em silêncio.

Aewyre olhou para Allumno, sabendo bem que o mago tinha ouvido a breve conversa, e este ergueu as sobrancelhas num acto de conformação de alguém que estava consciente daquilo que se passava e sabia nada poder fazer contra. Teria de falar com ele acerca dos sirulianos e do que *faziam* em Tanarch, pois havia algo que decididamente não lhe agradava naquela situação...

Aewyre sussurrou Quenestil, chamando-lhe a atenção com um toque leve nas costas da mão.

O que é?

Estamos a ser seguidos...

O guerreiro olhou de imediato para trás sem qualquer discrição e não demorou muito a destacar de entre os transeuntes quatro homens que olhavam atentamente para a estranha procissão e que não faziam o mínimo esforço para o esconder.

Profundezas de Asmodeon! praguejou, parando abruptamente.

Os sirulianos interromperam a marcha e viraram-se eles também de imediato, sem sobressaltos, como se tivessem mantido um estado de prontidão para qualquer eventualidade. Algumas pessoas tropeçaram e fugiram aquando deste gesto, provavelmente por julgarem que os insultos instantes atrás por si proferidos haviam sido levados demasiado a sério, mas os três nem se mexeram enquanto os seus olhos percorriam a multidão, avaliando e procurando uma ameaça.

Não invoques esse nome com leviandade, Aeren Tuorin admoestou Aelgar com rispidez, como faria a uma criança. O que te alarmou?

Aewyre quis indicar os quatro indivíduos, mas estes não haviam perdido tempo a misturarem-se com a multidão assim que o jovem se virara e tinham-no feito habilidosamente, mesmo enquanto esta se dispersava perante a atenção dos sirulianos.

Estavam uns homens a seguir-nos... esconderam-se.

Bom, isso dificilmente poderá ser evitado. Continuemos então praticamente ordenou, fazendo tenções de retomar a marcha.

Mas...

Não os poderíamos impedir de nos seguirem, mesmo que soubéssemos quem são. Escoltar-vos-emos até ao vosso destino e chamaremos a guarda de Val-Oryth se temem pela vossa segurança...

Não! Não precisavam de dar mais razões de suspeita às forças da lei da cidade. Os arbitrários olhos do comandante tornaram a incidir nos de Aewyre. Obrigado... não será necessário. Podemos continuar.

Seja apesar da aparente concordância, havia algo que claramente não agradava ao siruliano, embora fosse difícil dizer se a causa seria a pessoa de Aewyre ou a situação. Em todo o caso, virou as encapadas costas ao guerreiro e, ao seu sinal, o grupo recomeçou a andar.

Com os maxilares tensos de frustração, o guerreiro ainda olhou uma última vez para trás, notando que Quenestil também o fazia, mas não tornou a avistar os quatro homens, embora também não tivesse a certeza de que os reconheceria se os visse outra vez. Seriam Filhos do Flagelo ou simples homens da multidão irada? Podiam ser ambas as coisas. O eahan acabou por desistir e retomou o passo, cruzando um breve olhar preocupado com o seu amigo. Também pensava o mesmo.

FERIDAS DA CARNE E DA ALMA

O Inverno recusava-se a libertar Karatai do seu álgido abraço e descobrir a castigada terra do manto nívco que já há tanto tempo a cobria. Demasiado tempo. Os seus céus continuavam opacos, os ventos ainda fustigavam com uma fúria que há muito os devia ter abandonado, o ar estalava, frígido, e os filhos das estepes e os seus irmãos morriam de frio e fome. Montado num hemíono de esfaimadas costelas bem visíveis, a disposição de Kror igualava o ambiente que o rodeava: fria e agreste, com os seus bravios cabelos entrançados soltos debaixo do seu gorro de pele a contorcerem-se ao sabor do vento. As nuvens do vasto horizonte reflectiam-se no negrume que rodeava os seus orbes vermelhos, que o contemplavam como se pudessem ver para além dele, para além das coroas brancas da cadeia montanhosa que separava as estepes das terras onde o chão era acidentado. O drahreg seguia em busca de Hazabel, em busca de vingança por tudo o que a harahan fizera à sua tribo, à sua família. Fora enganado e usado pela mulher, e os seus haviam sofrido por isso. Tantos irmãos mortos no ataque ao cromeleque e a Venerável mutilada... dois actos imperdoáveis perpetrados por alguém que fora acolhido pelos Cho Tirr e que com eles partilhara tecto e comida. Não havia crime mais vil, e Kror comprometera-se a responder pelos actos de Hazabel aquando do acolhimento desta pela tribo. Nos dedos de uma mão enluvada segurava as rédeas folgadas da sua montaria, nos outros um fetiche feito pela Venerável uma delicada armação de pequenos ossos tintos com o sangue e atados com o cabelo da própria anciã e com penas de falcão nas junções que o deveria ajudar a encontrar aquela que tanto mal trouxera à tribo. Kror era o portador da vingança

da xamã, vinculado a ela por alma e palavra, e o fetiche era o seu guia, ardendo com o sangue da lesada Venerável, procurando a sua algóz com os olhos do falcão nos céus e conduzindo o drahreg na sua direcção para dispensar a punição que lhe era devida.

Um instrumento de vindicação... idealizou a demoníaca voz de Kerhex dentro da sua cabeça. Poucos papéis ser-te-iam mais adequados, devo dizer...

Não discordou Sassiras's. Não se trata de vingança.

- É justiça que vais dispensar a uma criatura que já provou estar para além da redenção, nada mais.

Chama-lhe o que bem entenderes... gozou Kerhex. A cabra usou-o. Ele vai eviscerá-la e...

Eu sei o que devo e vou fazer. Calem-se os dois! reagiu Krór. Não eram muitas as vezes que a divaroth e o azigoth discutiam um com o outro, pelo menos não que o ouvisse, mas quando começavam, nunca terminavam antes de o drahreg ficar com uma grande dor de cabeça.

Deves evitar direccionar a tua raiva seja a quem for, Krór, mas especialmente em nós sabes bem que ela é desperdiçada leccionou Sassiras's.

Não a ouças. Deixa-a arder, deixa que os fogos da fúria te acicatem os membros e a alma para que os teus inimigos ardam nas suas chamas... contrapôs Kerhex.

Que fatalmente acabarão por te consumir a ti também...

Logo veremos qual de vocês tem razão. Mas até lá, deixem-me em paz!

chicoteou o drahreg.

Será saturação que sinto no teu tom, Krór? inquiriu Kerhex.

Não é por malícia que o faço, Krór, sabe-lo bem. Mas aceitaste as condições do nosso pacto e...

Eu sei muito bem quais são as condições do nosso pacto, e nenhuma delas diz que tenho de vos aturar enquanto não tomo decisões!

Ah, mas esqueces-te de que não nos propomos só a tolher-te o discernimento quando mais dele precisas... lembrou o azigoth, mordaz.

Receio bem que tenhas de contar com o nosso incondicional apoio sempre que as dúvidas te atormentarem...

Bem sabes que as palavras dele estão sempre revestidas de logros e falsidades, Krór, mas desta vez há verdade naquilo que ele diz. O que nós acordámos foi...

Pronto, não preciso que me lembrem. Mas um pouco de descanso das vossas implicações seria pedir muito?

Como queiras... acedeu Kerhex, e a sua insidiosa voz quedou-se.

Age como melhor achares. Tenho a certeza de que tomarás a atitude correcta... retirou-se Sassirass.

Incapaz de conter um suspiro de alívio, o drahreg achou que era altura de parar um pouco para o descanso da montaria. Os hemíonos eram animais robustos e vigorosos, mas este estava debilitado pela falta de comida e o ritmo normal de marcha dos ocarr certamente matá-lo-ia. Nem sequer ousava beber o sangue do hemíono, como era costume dos guerreiros das estepes para pouparem comida durante viagens prolongadas, o que o forçava a racionar minuciosamente os poucos mantimentos que os Cho Tírr lhe puderam dispensar. Puxando as rédeas ao de leve e pedindo delicadamente à montaria que parasse, Kror desmontou num gesto rápido e deixou que o hemíono lambesse a dura crosta de neve para matar a sede, acariciando-lhe o pescoço e murmurando-lhe palavras de encorajamento e agradecimento pelo seu esforço. Quando o animal pareceu saciado, o drahreg começou a andar, puxando a montaria pelas rédeas, e assim que as suas pernas rígidas se habituaram às regulares passadas, a mente do drahreg tornou a perder-se em pensamentos. O pacto com Sassiras's e Kerhex raras vezes lhe ocupava os pensamentos nos últimos tempos, embora fosse algo que de uma forma ou de outra sempre estivesse presente, uma sombra na sua alma, uma luz quando fechava os olhos. Era um segredo do qual poucos estavam cientes, nem sequer os seus irmãos sabiam, embora desde sempre tivessem suspeitado de que algo de invulgar estava por detrás das suas acções. Por várias vezes a Venerável inquirira a esse respeito, mas respeitara sempre o seu silêncio e nunca fora demasiado intrusiva ou insistente com as suas perguntas. Todos o haviam aceite tal como era, ou pensavam que era, pois não podiam saber que o Kror que conheciam não era necessariamente o verdadeiro, não podiam sequer principiar a conceber a sua luta interior, o conflito que se desenrolava no âmago do drahreg a cada exalação, a cada batida do seu intrinsecamente negro coração. O pacto obrigava-o a viver pondo a sua própria natureza em causa, a questionar tudo o que sabia ou julgava saber, a interrogar-se acerca daquilo que o movia ou detinha, a alterar as suas percepções a cada dia, quase a cada instante que vivia. O pacto era tormento, e Kror selara-o de livre e boa vontade.

Era nestas alturas que os alfanges lhe pesavam nas costas, no espírito. As silenciosas admoestações benévolas de Sassiras's e as silentes censuras maliciosas de Kerhex, ambas pareciam querer entranhar-se

na mente do drahreg sempre que este pensava estar temporariamente livre dos seus sempre julgadores comentários. E era nestas alturas que Kror se procurava expandir, fazendo de tudo por aproveitar o silêncio na sua cabeça, usufruir da vasta quietude das estepes para viajar para além da sua atormentada prisão de carne e osso. Aprendera a fazê-lo aquando da sua chegada a Karatai, antes de sequer ter conhecido os Cho Tírr. O sentimento de solidão na imensidão plana podia ser avassalador, o que ensinara Kror a tornar-se parte das estepes, a partilhar da companhia do céu e da terra, jornadaando neles enquanto o seu corpo se encaminhava para um destino incerto... Só que agora o seu destino estava bem definido, e a clareza do seu propósito acordou o drahreg bruscamente do seu incipiente devaneio, despertando-o também para outro propósito, outra sensação.

Ele ainda vivia.

Aewyre continuava vivo, a sua espada ainda o desafiava, e aquilo que era seu por direito permanecia dividido entre os dois. A dormente tensão fatal que os atraía avivou-se por breves instantes, sendo contudo abafada de seguida pelo peso do novo propósito de Kror e das tréguas que acordara com o humano. Mas sabia bem que era apenas uma questão de tempo. A tensão continuaria sempre lá, até que um ou outro morresse, e Kror não estava disposto a arcar com mais, um peso na sua alma.

”Um dia, Aewyre Thoryn, um de nós terá de morrer...”

Uma rajada súbita e as estepes pareceram ulular como uma salivante alcateia em sangrenta antecipação. O drahreg continuou o seu caminho, puxando o cansado hemíono de resolutos olhos vermelhos postos no horizonte.

Slayra e Worick observavam com protegedora atenção cada gesto da sacerdotisa de Acquon que ministrava os ferimentos de Lhiannah, sentada à cabeceira da cama da princesa. Era uma mulher de porte bonacheirão, formas arredondadas e trejeitos bamboleantes, mas cuja mão sapuda de dedos curtos aplicava habilmente e com todo o cuidado as decocções e cataplasmas na paciente enquanto a outra segurava as duas pequenas tigelas que continham as mezinhas. Durante o processo entoava o que soava como uma gutural canção de embalar, carinhosamente maternal quando ocasionalmente vozeava as palavras da letra. A sua indumentária de fiel do deus da medicina consistia de uma toga azul-escura com estrias brancas e mangas amplas, um capelo

azul-esverdeado com a Ânfora de Acquon vertendo água nele bordada, por cima do qual pendia um colar com esse mesmo símbolo em prata, e um toucado branco que lhe cobria os cabelos, ombros e ambos os queixos.

O que é isso? indagou Slayra, estranhando a tintura que a mulher esfregava nos inchaços acastanhados da princesa.

Hum? despertou a mulher, piscando os miúdos olhos vivazes e agraciando a eahanoir com um sorriso da pequena boca carecida de lábios, apertada entre duas rotundas bochechas.

Essa coisa esclareceu Slayra, apontando para a tigela com a tintura, o que é?

Oh... espirradeira. Muito almo. Faz muito bem esclareceu a sacerdotisa, indicando os inchaços de Lhiannah. Leochlan era suficientemente parecido com Glottik para que Slayra e Worick pudessem perceber, mas nenhum dos dois sabia o que era uma "espirradeira".

A eahanna negra reconhecia o conteúdo da outra tigelinha como infusão de cavalinha, que sabia ser destinada à cicatrização das feridas abertas, e a sacerdotisa aparentemente sabia o que fazia, pelo que acenou com a cabeça e deixou-a continuar com o seu trabalho. Worick não proferira uma única palavra desde a sua não tão solene promessa, e não parecia minimamente interessado em trocar impressões de qualquer espécie com a recém-chegada, que, fosse como fosse, agia como se os dois não estivessem presentes.

Tão leina... que menina tão leina... lamentou a sacerdotisa, abanando a cabeça em repreensão dirigida a quem havia agredido a sua paciente enquanto dava uns toques leves numa porção exagerada de tintura de modo a espalhá-la pelo malar ferido de Lhiannah.

Findo o serviço, colocou as suas duas tigelinhas dentro de uma caixa de madeira marchetada que tinha sobre as pernas, fechou-a com um ténue estalido de fechadura, pousou-a no chão e procedeu a tirar a compressa do ouvido de Lhiannah. A mulher inalou através dos dentes enquanto o fazia, o que enervou Slayra momentaneamente, mas depois limitou-se a emitir sons guturais enquanto observava de perto o orifício.

Como é que ela está?

Hum?

Como é que ela está? repetiu a eahanoir. Vai ficar boa? A sacerdotisa encolheu os ombros, limpando uns restos de sangue seco no ouvido de Lhiannah com uma pequena haste metálica com um bocado de pano na ponta.

A menina está muito doente. Pode demorar tempo...

Quanto?

Pode demorar tempo...

Slayra soltou um exasperado suspiro e desistiu de tentar obter uma resposta satisfatória da sacerdotisa, que começou a destapar o torso de Lhiannah e a puxar-lhe a camisa para cima de modo a inspecionar o afrouxamento das ligaduras que lhe cingiam as costelas partidas.

"Deuses...", pensou Slayra, apercebendo-se uma vez mais da extensão dos ferimentos da sua companheira *"Como ela está..."*, e virou a cara. Já vira coisas bem piores, era certo, mas a visão da orgulhosa princesa naquele estado a ser casualmente tratada como um cavalo manco era mais do que a eahanoir naquele momento podia suportar. Além do mais, reparou, afagando o ventre, já se apercebera de que ultimamente, por qualquer razão, tinha andado com a sensibilidade à flor da pele...

Worick permanecia calado, observando atentamente cada gesto da sacerdotisa com um olhar severo de encouraçados braços cruzados. Encontrava-se dividido entre o sentido do dever de velar por Lhiannah e a quase esmagadora vontade de pegar no seu martelo, sair templo fora, calcorrear a cidade e virá-la do avesso se necessário fosse para defrontar quem fizera aquilo à sua protegida. Isso e malhar-lhe o corpo à martelada até que nada mais restasse além de um saco de pele sangrenta envolvendo carne amassada e ossos esmigalhados. Até então, o dever falara mais alto, pois caso contrário teria ido com o Aewyre e os outros, talvez mesmo sozinho, e não teria passado apenas pelo Cenóbio. De qualquer forma, era preferível para o thuragar alimentar tais pensamentos a deixar que o sentimento de culpa se apoderasse dele, culpa por ter permitido que Lhiannah participasse naquele disparate; pior, ter ele próprio participado nele e desperdiçado todas as oportunidades de a demover, forçosamente ou não. A arinnir já fora ferida antes, e quase chegara a tomá-la por morta quando ela e o Aewyre haviam caído na caverna dos Corações Quebrados, mas Worick nunca se havia até então repreendido tanto por não ter impedido Lhiannah de se juntar naquele fatídico dia ao raio do rapazola armado em herói acompanhado pelo raio dum mago com uma gema cravada na testa... Sem disso se aperceber, começou a resmonear em Garogar, dando a impressão de que trincava pedras, mas apenas Slayra reparou, pois a sacerdotisa continuava alheia a tudo menos à sua paciente, cujas costelas estava a acabar de reenfaixar após ter avaliado o seu estado.

Bom, a menina fica assim. Crás volto disse, esfregando as mãos sempre sorridente, como se fosse algo que devesse alegrar a eahanoir e o thuragar.

Obrigada, sacerdotisa... agradeceu Slayra.

A sacerdotisa tornou a sorrir, arrumou as suas coisas e deu uma palmadinha consoladora na espaldeira de Worick, que a ignorou. Alheia à insensibilidade do thuragar, a mulher deteve-se perante Slayra e, para surpresa desta, afagou-lhe a cara carinhosamente.

Não fique flébil. A menina fica boa foi o que a eahanna percebeu, e apenas conseguiu acenar com a cabeça em resposta.

A mulher prendeu-a com mais um sorriso de dentes pequenos e dirigiu-se à porta, que se abriu repentinamente e sem qualquer aviso prévio, por pouco não atingindo a sapuda mão que a sacerdotisa estendera para a abrir. Uma acólita entrou de rompante no quarto, por pouco não esbarrando com a sua superiora, e de imediato se desfez em deferentes pedidos de desculpa. Worick virou-se para a entrada, agarrando instintivamente o cabo do seu martelo e empunhando a arma, pronto para tudo, e embora não reconhecesse a acólita como ameaça, também não o baixou logo. A sacerdotisa levava a mão ao farto peito em susto, e ambas começaram a falar ao mesmo tempo num emaranhado tal de Leochlan que tanto eahanoir como thuragar tiveram dificuldade em compreender o que diziam.

O que é que se passa? exigiu Worick saber, mas foi ignorado pela sacerdotisa e pela acólita que esta tentava acalmar. O que é que aquelas galinhas estão a cacarejar? perguntou a Slayra.

Qual é o problema? tentou a eahanoir.

A mulher mais velha disse algo à recém-chegada, e esta anuiu com a cabeça, retirando-se a correr, e virou-se para os dois companheiros antes de se retirar ela também.

Amigos, os vossos amigos chegaram! Na entrada, sirulianos!

O quê? Worick mal percebera, mas a sacerdotisa alçou as saias e correu para fora do quarto sem mais demora. Mas o que é que se passa?

Eles chegaram, e... o melhor é irmos ver! concluiu a eahanoir, saindo porta fora.

Mas... O thuragar olhou para Lhiannah e para a porta aberta, ainda a empunhar o seu martelo. Oh, pedras me partam... e foi atrás de Slayra.

E aqui vos deixamos, Aeren Tuorin. Devemos prosseguir com a nossa incumbência anunciou o velho siruliano perante as escadas da entrada do templo, o único edifício de pedra em vários quarteirões, à frente do qual se começavam a ajuntar mais transeuntes do que seria desejável para quem como Aewyre gostaria de passar despercebido.

A pequena escadaria era ladeada por duas grandes esculturas representando ânforas a verter água, dando a impressão de que eram elas as responsáveis pelo estado alagadiço das ruas, e subia para um portal formado pela água fluente de duas ânforas cruzadas por cima da grande porta de dois batentes. Pelo menos três sacerdotes e uma dúzia de acólitos já haviam transposto a entrada, atraídos por curiosidade e pelos rogos quase alarmados dos laicos perante a aparente vinda de sirulianos às Alas da Convalescença. Todas as atenções recaíam sobre as três altas figuras arnesadas e os quatro companheiros que escoltavam, mas apenas estes últimos pareciam incomodados com o facto, olhando em redor como animais encurralados.

Obrigado... Mandatário agradeceu Aewyre.

O siruliano aprovou a escolha de título do guerreiro com um aceno da cabeça e reconheceu a presença dos restantes companheiros com outro, mais curto, que também serviu como gesto de despedida.

Sejam prudentes quando abandonarem a protecção do templo. Pode haver quem vos deseje mal por terem sido vistos na nossa presença.

”Não serão os únicos, de certeza...”, pensou o guerreiro. Sê-lo-emos, Mandatário. Desejo-vos sorte na vossa... incumbência.

Os olhos do siruliano pesaram mais alguns momentos sobre Aewyre através das frestas da babeira do seu elmo, parecendo estranhamente... dúbios.

Tanarch não é um lugar seguro, Aeren Tuorin, não nos próximos tempos e não pelas razões que julgas. Aconselho-te a teres muito cuidado.

E com isto libertou-o por fim dos seus acerados orbes, virando-lhe bruscamente as costas e voluteando a capa azul. Como um só, os dois jovens Ajuramentados emularam o movimento do seu superior e seguiram-no, afastando-se do templo sem mais nada dizer, permitindo um involuntário suspiro de alívio aos companheiros. Porém, os três estacaram subitamente ao mesmo tempo, como se tivessem sentido algo, e três rostos resguardados de babeiras voltaram-se para as portas do templo, das quais saíram uma rotunda sacerdotisa acompanhada

de uma nervosa jovem, uma mulher de cabelos negros como a noite e um thuragar arnesado armado com um temível martelo de guerra.

Quenestil! chamou Slayra, descendo as escadas apressadamente.

Qual é o problema? perguntou o thuragar com manifesta avidez de encontrar algum.

Os dois eahan abraçaram-se, tirando conforto da presença um do outro, mas os restantes companheiros, principalmente Aewyre, não deixaram de reparar na estranha reacção dos sirulianos, que não tiravam os olhos de Slayra e Worick, ignorando todos os restantes.

Passa-se alguma coisa? insistiu este ao chegar perto do grupo, mantendo uma empunhadura firme no cabo da arma.

Não... assegurou Aewyre com exígua convicção. Não há problema nenhum. Venham, vamos entrar. Dando dois lentos passos atrás, o guerreiro esperou ainda que os sirulianos tornassem a virar-lhes as costas e seguissem o seu caminho antes de fazer o mesmo. O peso dos seus olhares, no entanto, permanecia como uma marca nas almas dos companheiros mesmo enquanto os três desapareciam na multidão, fazendo com que sentissem que haviam feito qualquer coisa de errado, embora não soubessem bem o quê.

Querem dizer-me o que se passou ou não? Quem eram aquelas bisarmas ?

Já te conto, Worick. Mas vamos entrar antes, anda.

Allumno agarrou paternalmente o ombro de Taislin e levou-o consigo, seguindo o seu protegido. Worick ainda lançou um olhar de desafio à multidão que se aglomerara em frente do templo, cheio de vontade de esborrachar uma cara, qualquer cara, mas ficou-se por um resmoneio e pousou a cabeça do martelo no ombro, indo resignadamente atrás dos seus companheiros. O braço de Quenestil cingia a cintura de Slayra enquanto a sua mão escorregava pelo ventre da eahanoir, e os olhos de ambos trocavam silenciosas palavras de afecto que Aewyre não precisou de ouvir para perceber e que lhe trouxeram um comedido sorriso à cara, retirando uma certa medida de alegria daquela demonstração de afeição mútua.

Está tudo bem, Slayra? indagou, e o sorriso da eahanna foi afirmativo quando olhou para o guerreiro. Como está a Lhiannah?

A sacerdotisa já tratou dela indicou a mulher no topo da escadaria com um gesto da cabeça, e o jovem constatou que ainda eram o centro das atenções.

Falamos lá dentro. Vamos apressou-os Aewyre, pegando no casal pelos ombros de modo a que começassem a andar enquanto olhava para trás para a multidão que, embora longe de parecer hostil, tão-pouco se lhe afigurava amigável, e os sirulianos já não se viam.

O ajuntamento de acólitos e laicos fitava os companheiros com um misto de curiosidade e desconfiança enquanto estes subiam a escadaria. Entre eles, os três sacerdotes receberam-nos com expressões dúbias nos rostos e nada disseram, manuseando pensativamente as amplas mangas das suas togas azul-claras. Somente a sacerdotisa rechonchuda se dignou a dirigir-lhes palavra, ainda ofegante da sua corrida até àquele local, mas sem nunca deixar de exhibir os pequenos dentes do seu sorriso.

Há óbice para vós? perguntou amavelmente.

Não, sacerdotisa, não há problema nenhum. Podemos entrar? A mulher fez-lhes um despreocupado gesto com a mão sapuda para que assim o fizessem. Obrigado.

Era bom que não deixassem... resmungou Worick. Ficavam a cuspir os dentes durante uma semana. Mas afinal o que é que se passou?

Aewyre pigarreou e, enquanto percorriam o corredor perpendicular à nave do templo, relatou ao thuragar o seu encontro com os três sirulianos e como estes o haviam salvo de ser pisoteado pela multidão após os ter tentado ajudar. As Alas da Convalescença eram indubitavelmente mais acolhedoras do que o Cenóbio da Equidade, com os seus harmoniosos motivos aquáticos a deslizarem sinuosamente pelas cornijas, colunas e capitéis, os seus vitrais de cores vivas e revitalizantes em tons de azul, verde e branco e as tapeçarias que abafavam o frio das pedras que constituíam o edifício. O corredor abria-se na enfermaria que dava o nome ao templo, um longo espaço aberto transversal à abside iluminado pelos fachos de luz que manavam das altas e estreitas janelas, por vezes interrompidos pela silhueta de um laico que deambulava atentamente pelo andaime de madeira por cima das camas encostadas à parede que percorria. A encimar as cabeceiras dos catres havia também nichos nas paredes para os jarros e bacias de água necessários ao tratamento dos seus enfermos ocupantes, que gemiam e se revolviam, e cujos tossidos ecoavam pelo tecto alto de sólidos madeiramentos das Alas. O Inverno fora longo, e o seu pernicioso toque frio ainda perdurava nitidamente na saúde de muitos tanarchianos.

Pedras me partam e a ti, até depois de sair de um templo de Bellex consegues meter-te em sarilhos... barafustou o thuragar. Não há maneira de ficares quieto? Tens sempre de arranjar um problema qualquer aonde quer que vás?

Então, Worick? Nem pareces tu... reparou Aewyre com jocosidade algo forçada.

Aquela que está na cama também não parece a Lhiannah.

Por momentos, o único som foi o do débil eco dos passos e tossidos nas Alas, as sussurradas palavras reconfortantes dos acólitos aos doentes e as rumorejantes orações dos laicos ajoelhados aos pés das camas.

O que é que queres dizer com isso? quis o jovem saber. Allumno olhou de soslaio para o seu protegido, e Quenestil franziu o cenho, apreensivo.

Que neste momento não precisamos de mais problemas esclareceu o thuragar sem sequer olhar para o jovem. Que a minha cachopa não precisa de mais problemas. E que se tentares arranjar mais, eu tos dou de bom grado.

Worick... advertiu o shura, sentindo a disposição agressiva do thuragar.

Quenestil. Aewyre olhou para o eahan por cima do elmo de Worick e abanou a cabeça. *Deixa estar*, quis dizer, mas ficou-se pelo gesto e o grupo continuou o seu caminho pelas Alas em silêncio.

Quando chegaram por fim ao quarto onde Lhiannah estava instalada, Worick estugou o passo e entrou antes dos outros, resmungando qualquer coisa que os companheiros não perceberam nem tiveram vontade de perceber.

Tens de entender que o estado da Lhiannah... tentou Allumno explicar enquanto deixava Slayra e Quenestil passarem.

Eu sei, Allumno, eu sei. Não o posso censurar.

O mago acenou com a cabeça e entrou com Taislin, deixando que Aewyre fechasse a porta atrás de si. A primeira coisa na qual todos repararam com pesar foi que a princesa ainda não despertara; mesmo Worick e Slayra, que haviam estado com ela apenas há momentos e que mesmo assim se haviam atrevido a nutrir esperanças. A segunda foi o ofensivo odor azedo mal dissimulado com lavanda que lhes tomou os narizes de assalto.

Que cheiro é este? perguntou Taislin, torcendo o arrebitado nariz.

Ah... hesitou Slayra, lançando um olhar cúmplice a Quenestil. A Lhiannah teve umas convulsões de manhã e vomitou, mas

não lhe aconteceu nada de pior, nós estávamos aqui para a ajudar pôs os apreensivos olhos em Worick, mas o thuragar limitou-se a encostar o seu martelo à cabeceira de Lhiannah e sentar-se na cadeira

que aparentemente tomara como sua.

Os outros também nada disseram, e Slayra permitiu-se um discreto suspiro de alívio, apertando a mão de Quenestil com força. Aewyre dirigiu-se à cama enquanto desafivelava o talim da espada de Lhiannah e contemplou a princesa, cuja cara ferida estava manchada com tinturas e unguentos. Ajoelhou-se perante o leito e enquanto pousava a esguia arma embainhada a seu lado, procurou com a sua mão livre algo debaixo da cama, crispando os dedos assim que sentiu o familiar toque do couro da sua bainha. Tirou Ancalach do seu esconderijo e permaneceu de joelhos, apoiando o cotovelo no colchão sobre o qual a arinnir convalescia.

A sacerdotisa não soube dizer quando é que ela vai recuperar. Diz que pode levar tempo... informou Slayra.

O guerreiro limitou-se a nutar silenciosamente com a cabeça e deu com a sua mão suja a deslizar lentamente pelos lençóis brancos até à cabeça de Lhiannah, passando os dedos pela sua deslustrada cabeleira loura e afagando-lha. Os pequenos olhos de Worick observavam cada movimento do jovem como os de uma galinha desconfiada, mas nada disse, nem sequer quando Aewyre se soergueu para beijar gentilmente a testa da princesa, afastando-se de seguida e afivelando Ancalach ao cinto.

Bom, vou ver se há algum sítio aqui no templo onde me possa limpar um pouco... anunciou, coçando a espinhosa barba e esfregando uma oleosa madeixa de cabelo para trás. Depois vamos comer qualquer coisa e depois então começamos a... investigar.

Investigar? perguntou Worick.

Sim, nós... O jovem não queria fazer parecer que poderia arranjar mais problemas. Disseram-nos umas coisas no templo de Bellex que nos podem ajudar a encontrar quem fez... isto... à Lhiannah.

Ai é? A notícia avivou o thuragar, que não parecia muito hesitante em se envolver em tal tipo de "problemas". E que coisas são essas?

Sabemos onde encontrar alguns dos suspeitos. Já é um começo.

Lá isso é... concordou, levantando-se da cadeira. Então e como é que fazemos? Quem fica, quem vai? Onde é isso?

Bom... se calhar a Slayra devia vir connosco desta vez. Tu é que sabes lidar com estas situações... urbanas sorriu Aewyre, mas a eahanoir não correspondeu.

Eu... O branco dos olhos de Slayra quase tragou o azul das suas íris. Eu preferia ficar ao pé da Lhiannah. Ela pode precisar de mim... pode vomitar outra vez, e não há sempre um acólito à mão.

Allumno, banhado pela multicolorida luz do vitral que estivera a contemplar de braços cruzados, olhou para a eahanoir de sobrolho erguido, e os orbes felinos de Taislin estavam atentos e admirados.

Slayra, eu acho que a Lhiannah não poderia estar em melhores mãos do que as do Worick. Nós somos capazes de precisar de ti e de certeza ele...

Eu... preferia não ir, Aewyre. A sério.

Slayra, tu já não tens de provar nada assegurou-lhe o guerreiro com toda a sinceridade. Fico contente por ver que te preocupas com a Lhiannah, mas ela está num templo de Acquon e com o Worick a tomar conta dela. Não vejo o que...

Oh, que o martelo de Tharobar estilhace a Bigorna Dourada e as vossas cabeças ocas com ela! barafustou Worick, levantando-se. A cachopa não pode ir! O eahan escavou-a e descobriu-lhe o filão!

Todos os olhos se viraram para o thuragar.

O quê? exclamou Aewyre.

Ela está grávida, porra!

REVELAÇÕES

Slayra emudecera. Naquele momento só lhe apetecia tapar a cara, ser engolida pelo chão e não ter de ver as expressões atónitas nas caras dos seus companheiros. Queria também esmurrar Worick, queimar-lhe a língua suja com um ferro em brasa, arrancar-lhe as barbas, mas as suas pernas estavam demasiado moles para se mexer. Começou a suar da palma da mão que agarrava a de Quenestil mas não afrouxou o aperto, muito pelo contrário, parecia querer espremer os dedos do eahan, ele próprio também sem palavras, apanhado de surpresa como fora. O único que mantinha uma medida de compostura era Allumno, cujo singular sinal de surpresa eram as sobrancelhas erguidas, que lhe enrugavam a pele da testa devido à gema nela incrustada. Taislin foi o primeiro a aproximar-se, apoiando as mãos nas ancas, inclinando a cabeça para o lado e examinando atentamente a barriga de Slayra.

Olha, pois é... Ela está mesmo mais inchadita.

A eahanoir cobriu o ventre num gesto instintivo da sua mão, e Quenestil achegou-se dela, fitando Aewyre e esperando uma reacção do seu amigo. Os olhos do guerreiro permaneciam arregalados, os seus braços pendiam frouxamente aos seus lados e a sua boca abriu-se ligeiramente várias vezes, mas nenhuma palavra dela saiu, tal era o choque.

Nós íamos dizer-vos... escusou-se o shura.

Mas a altura não era apropriada acrescentou Slayra rápida e atabalhoadamente.

E lá vem ela outra vez com a mesma conversa... comentou Worick, sentando-se como se o assunto já não lhe dissesse respeito.

A eahanoir lançou um furioso olhar ao thuragar, mas nada disse, nada soube dizer, nada pôde dizer.

Há quanto tempo...? perguntou Allumno calmamente, mantendo os pensabundos braços cruzados.

Quase três meses...

Hm-hm... comentou o mago por falta de algo melhor para dizer.

Mas... grávida...? Tu e o Quenestil...? debateu-se Aewyre com os seus pensamentos.

Não, é só ela que está grávida mesmo esclareceu Worick.

O eahan permaneceu calado, com mais uma razão para a embaraçada vermelhidão da sua pele, e pôs um braço por cima do ombro de Slayra.

Mas... quando... como...

Quando não sei, mas se quiseres posso descrever-te como se faz.

Worick, cala-te! estalou a eahanoir. Tu prometeste-me, seu nanico mentiroso!

Nanico? Deves estar a pensar ali no eahan quando ele baixou as calças para...

Slayra rosnou e deu um passo em frente, mas Quenestil reteve-a, embora os seus olhos cinzentos também faiscassem por breves momentos.

Não abuses, Worick...

Vê lá tu...

Eu acho que nos estamos a exaltar, não vos parece? interveio Allumno, erguendo a voz e descruzando os braços ao avançar de modo a ficar entre o thuragar e o casal. Vamos todos acalmar-nos um pouco, sim?

Ambos os eahan permaneceram abraçados, sentindo a vergonha dar uma vez mais lugar à raiva, sem saberem o que mais dizer. Worick ainda resmoneou algo entre dentes, mas nada acrescentou. O mago suspirou e olhou para o seu protegido, que ainda estava visivelmente atarantado com a revelação, incapaz de organizar os seus pensamentos.

Aewyre, temos um problema? perguntou Allumno em tom de constatação.

Eu... O guerreiro olhou alternadamente para Quenestil e Slayra, que mais pareciam duas crianças prontas a receber o castigo por uma travessura. Heh...

A exclamação do jovem não fora a que os companheiros haviam esperado, o que lhe mereceu o olhar de todos.

Heh, heh... Os lábios de Aewyre contorceram-se num debatido sorriso, mais semelhante a um esgar. Hah... Ha, ha, ha, ha, ha!

Nenhum dos perplexos presentes percebeu o súbito ataque de riso do guerreiro. Taislin tirou o barrete com os dedos de uma mão e coçou a cabeça com os restantes, as sobrancelhas de Allumno estavam congeladas em arcos por cima dos seus olhos e as bocas do casal eahan entreabertas de surpresa. Mesmo Worick franzia o cenho, perguntando-se a si mesmo se não ouvira a piada ou se simplesmente não a percebera. A risota de Aewyre subiu num crescendo até uma gargalhada que fez com que batesse com as mãos nos joelhos para neles se apoiar.

Aewyre...? tentou Quenestil restabelecer o contacto.

Tal foi a rapidez com a qual o jovem ergueu o tronco e com a qual avançou na direcção dos eahan que o shura puxou Slayra para trás de si num gesto protetedor, ocasionado pela memória da explosão de Aewyre no beco, mas os braços do seu amigo abriram-se e envolveram-no num forte abraço.

Grávida! riu enquanto esbofeteava as costas do eahan com uma mão, agarrando-lhe os cabelos pela nuca com a outra. Minha raposa matreira, grande selvagem! Logo tu! *Logo tu!* Eu não acredito nisto!

Aparentemente, nem os restantes companheiros, pois as expressões nas suas caras eram da mais pura estupefacção. Quenestil só se recompôs momentos depois, apenas então conseguindo retribuir as violentas carícias e esforçar um riso que se equiparasse à gargalhada de Aewyre.

Logo tu, o pudico, sempre a chatear-me a cabeça por esta ou aquela, sempre em cima de mim por causa das mulheres e do casamento e do porco que eu era! O guerreiro pegou na cara do shura com as duas mãos, estudando-a como se de um novo semblante se tratasse. Ah, eu não acredito! Grande animal! E tornou a abraçá-lo.

Perante tal demonstração de pueril virilidade, as palavras ficaram em falta no seio do grupo, que se limitou a ver aqueles dois homens adultos rindo enquanto se abraçavam e desferiam sonoras pancadas nas omoplatas um do outro como dois rapazes. Quando se soltaram, Slayra parecia pronta a dizer algo, mas Aewyre deu-lhe nesse momento toda a sua atenção na forma de um forte beijo na bochecha e um abraço cuidadosamente menos forte do que aquele com que presenteara Quenestil. Os lábios do jovem soltaram-se ruidosamente da pele da eahanoir que, estonteada com tanta efusividade, ficou sustida pelas duas mãos que lhe seguravam os braços.

Como é que ele não havia de ir atrás de ti? elogiou Aewyre, sorrindo e baixando os olhos para a barriga de Slayra, abanando a cabeça em incredulidade e alegria. Isto... isto é incrível... confessou, largando a eahanoir, virando-lhe as costas e levando as mãos à cabeça enquanto se afastava a passos largos, acabando por ficar a olhar para a parede de mãos nas ancas. Incrível...

O silêncio tornou a reinar no cubículo enquanto os companheiros se entreolhavam, lançando olhares dúbios às costas do seu líder, que abanava a pensativa cabeça num silencioso debate com a parede.

Eu ainda não percebi se estás zangado ou contente... admitiu a aguda voz de Taislin.

A cabeça de Aewyre descaiu quando este lançou uma divertida fungadela, virando-se de seguida para encarar os seus amigos de viés, desta vez com ar mais calmo.

Eu vou limpar-me. A barba está a picar-me os arranhões, e as minhas mãos estão tão peganhentas que acho que se fechar os punhos já não as consigo abrir. Não demoro. Allumno, organiza as coisas até eu voltar, sim?

E com isto retirou-se, antes que qualquer um dos companheiros pensasse em algo para dizer.

Antes de o seu protegido transpor a porta de Ancalach à cintura, o mago ainda considerou recordar-lhe que manifestara o desejo de ser visto o menos possível com a Espada dos Reis, mas tomou essa precaução como desnecessária dentro do templo e absteve-se de lho lembrar. Assim que Aewyre fechou a porta, virou-se para os outros e através dos seus olhares notou que nele recaíam as esperanças de ouvirem palavras sábias e esclarecedoras, palavras que não estava certo de lhes conseguir proporcionar.

Bom, isto certamente alterará o que o Aewyre tinha planeado... concluiu.

Achas que ele ficou muito chateado? inquiriu Quenestil. O mago esboçou um meio sorriso.

Já sabes como é a índole do Aewyre; ele mais parece uma tempestade de Verão às vezes. Tão depressa está afundado em melancolia como a faiscar de alegria, ora calmo e sereno ora a chispar da boca. Sempre foi assim desde pequeno, desde que o conheço...

O sorriso do eahan foi mais franco e aberto.

Não o teria dito com tanto floreio, mas sim, esse é o Aewyre. E nós ficamos a adivinhar...

É um facto. Mas voltando à situação, vamos ter de repensar algumas coisas. Vocês escusavam *de* ter guardado segredo; não teria havido qualquer inconveniente em no-lo terem dito de início...

Quando? questionou-se Slayra. Antes ou depois de vos dizermos que o Babaki tinha morrido? Ou logo a seguir a trazermos a Lhiannah quase moribunda para o templo?

Pronto, paciência aplacou o mago, erguendo as mãos. O que está feito está feito, mas também não foi nada assim tão grave.

Nunca nada é grave para ti, pois não Allumno? perguntou a eahanna, ao qual o mago encolheu os ombros.

Procuo manter o discernimento e relativizar as situações...

Ai é? interveio Worick. Então *discerne* isto: a eahanoir está *relativamente* grávida e nós estamos relativamente presos numa cidade com gente que nos quer *relativamente* mal. Que me dizes disto, mago?

Toda a aspereza e o sarcasmo do thuragar pareceram passar ao lado de Allumno.

Esqueceste-te de mencionar os ferimentos da Lhiannah e o facto de sermos estranhos nesta cidade Worick grunhiu, irritado com a indiferença do mago.

- É evidente que já estivemos em melhores condições, mas não é motivo para atirmos os braços ao ar ou as culpas para cima uns dos outros. Por uma vez, podemos todos tentar refrear-nos de dizer a primeira coisa que nos vier à cabeça?

Dispenso os teus sermões, mago.

Está no teu pleno direito, Worick, até porque não me refiro apenas a ti, o mago abordou o casal eahan com os olhos de modo a ilustrar a afirmação, mas seria benéfico para todos se não dispensasses seja o que for que nós tenhamos para te dizer.

Está bem, diz lá então o que tens a dizer. Eu sou todo ouvidos.

Folgo em sabê-lo. Slayra, é óbvio que acompanhares-nos estará fora de questão durante os próximos... esqueci-me; há quanto tempo estás... nessa condição?

Há umas dez semanas.

Pois, decididamente não podes andar connosco. E a tua subtilidade ser-nos-ia de sobremodo útil para aquilo que o Aewyre está certamente a pensar fazer...

Quer dizer, eu também não estou...

Nem penses recusou de imediato Quenestil.

Terás de tratar de ti, Slayra. E ter cuidado com o que fazes. A eahanoir riu, incrédula.

Eu não preciso de amas de leite!

Pois não, precisas é de uns cascudos nessa cabeça leviana...

Worick, eu juro que te corto a... Slayra teve de ser agarrada por Quenestil, cuja verdadeira vontade parecia contudo ser a de ajudar a eahanoir a fazer valer a sua ameaça.

Allumno suspirou e olhou para Taislin, cuja estabilidade emocional naquele momento lhe pareceu exemplar. O burrik limitava-se a olhar com infelizes olhos felinos para os seus altercantes companheiros, abanando tristemente a pequena cabeça.

Parece que teremos de ser nós a decidir o que fazer, Taislin...

O quê? ouviu Worick. Tu e o mafarrico a tomarem decisões por nós? Essa é que não!

Allumno piscou o olho ao burrik, que se limitou a erguer um canto da boca em reconhecimento do esforço do mago.

Estava eu a dizer... Slayra, vais ter de ficar no templo, pois seria irresponsável da tua parte e desconsiderado da nossa envolver-te em qualquer situação de risco que te pudesse emperigar e ao teu... bebé.

O mago ainda tinha manifesta dificuldade em conceber a nova situação da eahanoir. Assim sendo, ficas a tomar conta da Lhiannah, como ainda há pouco sugerias, e...

Mas afinal o que é que o Aewyre quer fazer? exigiu Worick saber.

Não te posso dar certezas, Worick, mas sabendo ele os nomes dos indivíduos suspeitos de terem alegadamente organizado o ataque à estalagem e onde os encontrar, parece-me que irá tomar medidas assaz directas...

Ou seja, outra Alyun...

Não terá forçosamente de ser tão agoirento, mas é de facto imperioso que delineemos um curso de acção prudente desta vez...

Irra, homem! Fala como gente! Não estamos em Allahn Anroth. Allumno suspirou ao de leve e revirou os olhos, um dos mais claros

indícios de que a sua paciência estava a ser testada pela refractividade do thuragar.

Então está bem, eu fico com a Lhiannah interrompeu Slayra.

E vocês?

Bem... seja o que for que o Aewyre tiver em mente, vai precisar da nossa ajuda, mas a questão é quantos serão úteis e a partir de quantos é que serão empecilhos. Se te excluirmos a ti e à Lhiannah,

sobram apenas quatro de nós, mais o Aewyre. Ainda não sei ao certo com o que iremos lidar, mas como não poderemos contar com os teus conhecimentos e aptidões urbanos, o melhor é não excluirmos de todo a possibilidade de nos vermos envolvidos numa situação menos pacífica. Para esse tipo de eventualidades, o Aewyre, o Worick e o Quenestil estão bem preparados; eu e o Taislin nem por isso. Contudo, será necessário alguém com um mínimo de aptidões diplomáticas, pois existe a possibilidade de depararmos com alguém que não pense unicamente com a espada, ou mesmo homens da guarda de Val-Oryth...

Ou seja, tu... concluiu o thuragar.

Estarias tu disposto a desempenhar esse papel, Worick?

Os porcos sabem fazer magia?

Tanto quanto sei, não admitiu o mago, coçando distraidamente a barba do queixo como se de facto tivesse reflectido acerca do assunto.

Aí tens.

Certo. Nesse caso iremos eu, tu, o Aewyre e o Quenestil. Sobras tu, Taislin...

Eu vou convosco afirmou o burrik com uma convicção quase paternal, e tanto o mago como o eahan não puderam deixar de se sentirem sensibilizados pela determinação do seu pequeno amigo de os proteger e de impedir que algo de mal lhes acontecesse. Porém, Allumno duvidava de que os talentos do burrik pudessem ser úteis para aquilo que julgava que Aewyre tinha em mente. Aproximou-se dele e assentou um joelho no chão, incapaz de esconder uma careta de dor devido ao ferimento na rótula direita que para sempre guardaria como uma recordação de Moorenglade.

Taislin... disse, pousando as mãos nos ombros do burrik. Nenhum de nós duvida da tua coragem, e já nos salvaste a todos mais do que uma vez. Mas nós ter-nos-emos uns aos outros; a Slayra fica sozinha no templo com a Lhiannah, e por muito seguras que as Alas pareçam ser, a verdade é que não conhecemos esta cidade e devemos estar prontos para tudo. Lembras-te do que a Slayra nos disse, que ela e os eahanoir que a acompanhavam se sentiram atraídos por algo? Se foi a Ancalach, isso explicaria muita coisa, o que significa que estar perto da espada pode ser perigoso. Compreendes?

Os orbes felinos de Taislin estudaram o mago, as suas pupilas pouco mais do que duas frestas negras e invulgarmente perspicazes no bem iluminado cubículo, fitando Quenestil e Slayra de seguida e por

fim a inconsciente Lhiannah com Worick a seu lado. Algo lhe dizia que estava a ser posto de parte, mas Allumno tinha razão; não podiam deixar a Slayra sozinha, não após terem sido atacados por inimigos que ainda desconheciam.

Acenou afirmativamente com a cabeça.

Allumno presenteou o burrik com algo que esteve perto de ser um sorriso aberto, mas que devido à barba mais pareceu um torcer involuntário dos cantos dos lábios, e apertou-lhe os ombros como para lhe dar força. Força essa de que necessitou para se erguer, pois teve de transferir o peso do corpo quase todo para o joelho ferido, entremostrando outra careta ao fazê-lo.

Bom, assim sendo, parece-me que estamos... Um educado bater à porta interrompeu o mago, e todos os olhares se viraram bruscamente para a entrada. Sim...?

A rotunda sacerdotisa que vira os companheiros no pórtico do templo entrou, sempre sorridente, trazendo nas mãos uma bacia de cobre com água fumegante e toalhas brancas nos roliços braços. Atrás dela vinham duas tímidas laicas envergando singelas togas brancas, ambas pálidas e de cabelos alourados, uma com toalhas adicionais e um cavalete e a outra com um jarro de água quente e uma vasilha com o que devia ser sabão.

Ludros, não estão? Limpem-se com água quente... sugeriu a mulher, esperando que a laica pousasse o cavalete no chão para nele colocar a larga bacia.

Obrigado, sacerdotisa agradeceu Allumno, olhando para as suas mãos, abanando a cabeça ao tomar conta da imundície que as revestia e arregaçando as mangas para as lavar.

O menino diz que já vem cá acrescentou a mulher, dispondo por cima da tábua do cavalete as toalhas que trouxera e as que a laica lhe entregara. O mago deduziu que se referia a Aewyre e limitou-se a murmurar o seu entendimento, indicando a Slayra que se lavasse primeiro. As axes do menino estão boas... aditou ainda, traçando quatro linhas na sua bochecha com um rechonchudo indicador.

"Infelizmente, não são essas as suas lesões mais preocupantes...", lamentou-se Allumno, anuindo com a cabeça sem nada dizer enquanto esperava que Slayra terminasse as suas abluções.

Aewyre tinha a sensação de que alguém lhe aferroava a pele de dentro para fora de cada vez que arrancava um pêlo que crescera na orla de um dos arranhões na sua cara. Munido de uma pequena pinça

e de um baço espelho de mão que contemplava de lado, o guerreiro semicerrava o olho sempre que extraía um pêlo, que deixava para trás um ardor residual e um sangramento ligeiro na borda da tenra ferida. Executava este laborioso processo nas alas do templo, sentado numa das cadeiras destinadas aos acólitos para examinarem os doentes, e com uma bacia de água quente aos seus pés, na qual já abluíra a cara e as mãos, bem como uma pequena parte do seu desassossego. Desde os banhos de vapor em Karatai que não tinha qualquer contacto com um líquido quente, e a pequena lavagem fizera com que o guerreiro se sentisse francamente melhor; tal como se uma fracção das suas preocupações estivesse naquele momento a flutuar na água da bacia turvada pela sua própria sujidade.

Tornou a semicerrar um olho ao arrancar um pêlo encravado no lábio de um dos arranhões, mas aceitava aquela dor aguda como um custoso bálsamo, pois pelo menos mantinha o guerreiro distraído dos seus convolutos pensamentos por breves instantes.

A Lhiannah, o bebé da Slayra, a harahan, a sua *filha*, o Babaki, Kror, o "tendão", a Essência da Lâmina, o seu pai, a Ancalach... mesmo a Nabella. Era cada vez mais difícil pensar, concentrar-se numa coisa apenas, isolá-la das restantes de modo a poder ponderar a resolução individual de cada uma. Dúvidas do passado regressavam para atormentar o jovem e dificultar-lhe as escolhas do presente, comprometendo dessa forma o seu futuro, já de si incerto devido às novas dubiedades que pareciam despontar a cada instante.

Outra picada aguda de dentro para fora. A raiz do pêlo trazia consigo uma esférula de pus, o que explicava o incómodo ardor que Aewyre andara a sentir na zona da qual o arrancara.

Prioridades. Tinha de estabelecer prioridades. O que era mais importante naquele momento? O bem-estar dos seus amigos; disso pelo menos estava convicto. Tinham de proteger a Lhiannah e descobrir quem os atacara de forma a impedir que tal tornasse a acontecer. Sim, essa era a primeira prioridade... mas também tinha de ter a gravidez da Slayra em conta. Já não podia contar com ela, muito menos pô-la em risco, e a harahan era um risco, pois fugira e já por duas vezes os atacara nas mais inesperadas alturas. Mas a maldita mulher era outra prioridade, não a podia misturar com... e a sua filha? O seu couro cabeludo formigou com o afluxo de sangue à cabeça, causado pela crescente apreensão dentro do guerreiro. Seria possível? Ser pai de uma criança daquele monstro? Pai... o seu pai, pelo qual percorrera toda a distância que o separava de Ul-Thoryn,

pelo qual correria tantos riscos, pusera tanta gente em perigo, tanta gente que morreria... como a Nabella... como o Babaki... e recalado no cerne da sua consciência, no fundo da sua mente, a já familiar tensão letárgica, adormecida pelo pacto que fizera com Krór, umas tréguas transitórias que fatalmente findariam e que apenas adiavam o inevitável... o fatal e obscuro futuro, com todas as suas incertezas e ambíguas promessas... mas já estava a misturar as coisas outra vez, a confundir tudo!

Com um rosnido de raiva, o guerreiro ergueu-se e desferiu um pontapé na bacia a seus pés, que clangorou ruidosamente e cujo conteúdo chapeou pelo chão, atraindo a atenção de todos os presentes e silenciando naquele instante os tossidos e gemidos. Armado de pinça e espelho, Aewyre fitou os que o rodeavam com ar de quem estava disposto a enfrentar o primeiro que se pronunciasse, lembrando-se somente dos olhares mal-encarados que o haviam constantemente visado nas ruas da cidade.

O que é que foi? Estão a olhar para onde? Sim, tenho sangue siruliano, mas não sou eu quem anda a comer as vossas mulheres! Ou será que nunca viram ninguém irritado? Ha?

O silêncio manteve-se nas Alas, bem como os olhares surpresos de caras pálidas e ruborizadas, suadas e desidratadas, inchadas e macilentas. O enfermo que se encontrava mais perto do guerreiro, um homem magro com uma húmida touca de pano na cabeça, tapou a cara com os lençóis, gemendo qualquer coisa amedrontada em Leochlan e fazendo com que Aewyre caísse em si. A sua face permaneceu enrubescida, mas os músculos relaxaram e os olhos coléricos do guerreiro perderam a flamância quase maníaca que neles brilhara por um breve momento. Sentiu-se envergonhado, como habitualmente acontecia após as suas cada vez mais frequentes explosões, e desculpou-se com palavras e gestos desajeitados, nada mais desejando do que simplesmente parassem de olhar para ele.

Há óbice? perguntou-lhe uma acólita que entretanto se aproximara, provavelmente preocupada com o efeito que o comportamento do jovem poderia ter nos restantes enfermos. Era uma rapariga mais velha do que Aewyre, com uma ameninada rubidez nas bochechas da cara ligeiramente quadrada e grandes e compreensivos olhos azuis. O seu cabelo estava tapado com uma touca, como o da maior parte das tanarchianas, e envergava as vestes brancas das acólitas do deus da medicina.

Não, deixe estar... está tudo...

Antes que o guerreiro acabasse de falar, a rapariga tocou-lhe o lado ferido do rosto com os dedos de uma mão que nos seus poucos anos de vida já tratara de muitas enfermidades, fechou os olhos suavemente e murmurou uma breve prece a Acquon. A ardência dos arranhões amainou, e a afluência de sangue à cabeça de Aewyre foi atenuada pelo singelo gesto e pela prece.

Sente-se. Vou tratar de axes disse, indicando-lhe a cadeira.

Axes...? Mas a acólita não o esclareceu, dirigindo-se a um dos laicos que puxavam uma carreta pelas Alas com aparato medicinal e unguentos. Allumno já lhe explicara que, apesar das semelhanças, certas palavras do Leochlan já não eram usadas em Glottik ou haviam há muito evoluído para outras formas. Talvez esta fosse uma delas... em todo o caso, o guerreiro sentou-se, sentindo-se sem dúvida mais calmo, e esperou que a rapariga voltasse com um frasco de unguento, agulha, linha e uma lâmina de barbear.

Não havia qualquer sorriso na sua face, nenhum dos risinhos marotos aos quais Aewyre se habituara quando na presença de raparigas, nenhum fugidio olhar de olhos pestanejantes, nenhum nervoso trincar de lábio; apenas um evidente e sincero desejo desinteressado de ajudar, mas por qualquer razão esse facto não o incomodou. O jovem limitou-se a descontrair de costas para a cadeira e deixar que os delicados dedos da acólita lhe lavassem a cara e lhe esfregassem o unguento nos ferimentos.

Vai deixar cesura advertiu a rapariga prosaicamente.

Vai, é? redarguiu Aewyre, presumindo que a rapariga se referisse a eventuais cicatrizes, o que não era de todo improvável, tendo em conta a profundidade dos arranhões lacerados pelas terríveis unhas da harahan. Também isso não pareceu incomodá-lo muito. De entre todas as suas preocupações, essa seria certamente das menores, senão mesmo a menor.

Era em alturas de indecisão como esta que o guerreiro se apercebia do quão pouco se enquadrava na figura que um líder devia representar. Esperava-se temperança de um líder, esperava-se que um líder reflectisse sobre as coisas antes de agir, mas a reflexão por vezes deixava-o num tal estado de ansiedade que só podia ser aliviado com actos, agindo de forma a levar qualquer coisa a cabo, fosse ela qual fosse, o que frequentemente o incitava ao invés a cometer actos pouco sensatos, como atacar o tirano de Alyun, deixar metade do grupo em Vau do Caar enquanto perseguia Krór ou enfrentar o drahreg enquanto estavam sob a alçada dos Cho Tírr. Talvez se tivesse acompanhado

Quenestil e Babaki o seu amigo ainda pudesse estar vivo... Krór teria ido ter ao seu encontro de qualquer forma, mais cedo ou mais tarde, sabia-o agora e provavelmente tê-lo-ia sabido então também. Não tivera quaisquer razões para se apressar, deixara-se dominar pelo arrebatador ímpeto do "tendão", seguindo atrás do drahreg como um mastim no rasto de sangue, nada mais querendo além de fazer Krór provar o sabor do seu aço. Permitira que o grupo se separasse, e um dos seus amigos morrera por isso. Essa era a dura e crua verdade. E agora a Lhiannah, quase morta a tentar salvá-lo, a Slayra grávida, a harahan e a sua... filha...

Não fosse pelo suave toque dos dedos da acólita, Aewyre podia bem ter gritado naquele preciso instante.

Era escusado, tinha de fazer alguma coisa...

A CAPOEIRA

Então é este o lugar? perguntou Worick, estudando atentamente o local em questão e as suas imediações.

Os quatro companheiros, Aewyre, Allumno, Worick e Quenestil, encontravam-se uma vez mais nas lamarosas ruas de Val-Oryth, tendo sido praticamente arrastados pelo jovem para fora das Alas da Convalescença e forçados a deixar Slayra e Taislin com Lhiannah antes de lhe poderem sequer comunicar o consenso ao qual haviam chegado. Nem tão-pouco lhes dera tempo para mordiscarem a parcimoniosa refeição trazida momentos antes por umas laicas, insistindo que comeriam depois e repetindo a mesma asserção por cada vendedor ambulante pelo qual haviam passado, até chegarem por fim ao seu destino: um edifício de madeira com dois andares e tecto de ripas localizado bem no meio da intersecção de duas ruas. Uma insígnia por cima da porta retratava uma galinha de patas para o ar e de asas estendidas, obviamente morta.

”A *Capoeira*”? Que raio de sítio é este? exigiu o thuragar saber.

Uma estalagem. Disseram-nos no Cenóbio que os fulanos costumam comer aqui explicou Aewyre, virando-se para Quenestil e Allumno. Vamos?

Mago e shura não objectaram, e os quatro companheiros foram em frente, caminhando ao lado do pavimento de madeira de modo a evitar a multidão que aparentava desconhecer hora de almoço. Um par de degraus encrostados de lama seca subia para a entrada, de cuja porta entreaberta emanava um animado rumorejo e um chamativo odor a frango assado que fez com que Aewyre e os outros comessem

a salivar e que incitou os estômagos de todos a um sonoro e unânime protesto. Aewyre foi em frente, esfregou as solas das botas nos enlameados cantos dos degraus e empurrou discretamente a porta para entrar.

No interior da apinhada estalagem reinava a algazarra, o ressoar de canecas de peltre, o tinir de talheres, as roucas vozes dos convivas, o constante ressoar de passos no piso de madeira e o excitado cacarejo abafado de galinhas. Ao lado da entrada havia uma prateleira rente ao chão cheia de tamancos cobertos com lama seca, mas os companheiros não dispunham de nenhuns e continuaram em frente. A sala era toda ela mesas ocupadas, com estreitos corredores entre as costas das cadeiras de forma a permitir a passagem dos atarefados criados, rapazes novos de mãos cheias que apenas a custo davam conta de todos os pedidos e exigências da ruidosa clientela. Mesmo os primeiros degraus das escadas que davam para os quartos no andar superior estavam ocupados por comensais bêbedos por cima dos quais os hóspedes eram forçados a passar, e no meio da sala havia um aglomerado particularmente denso de homens agitados, que rodeavam algo que parecia ser a causa de grande parte dos desmesurados urros que se faziam ouvir na estalagem. Pairava no ar pesado com o calor de corpos demasiado juntos um laivo de penas molhadas e esterco de galinha misturado ao aroma da comida cozinhada, mas nenhum dos presentes parecia dar grande importância ao cheiro. Não era um local a frequentar para quem procurava uma refeição sossegada, isso era certo, mas pelas aparências A Capoeira era um estabelecimento bastante popular na cidade.

Faz jus ao nome, sem dúvida... comentou Allumno, mas as suas palavras perderam-se na vozearia.

Um dos criados reparou nos companheiros e encaminhou-se na sua direcção, equilibrando uma bandeja com pratos cobertos de ossos e peles. Era um jovem tanarchiano com roupas enodoadas e uma comprida penugem por cima do lábio superior que passava pelo bigode que aparentemente já se julgava no direito de ter.

Quantos? berrou, agarrando por pouco um prato que estivera prestes a cair.

Aewyre limitou-se a mostrar-lhe a mão com quatro dedos erguidos.

Ali, e... oh, vão cagar o chão todo de arro

! refilou, indicando as imundas botas dos companheiros, revirando os olhos de seguida como se na verdade não se importasse e fazendo-lhes sinal que o seguissem.

Os quatro assim o fizeram, passando pelos apertados espaços entre as costas das cadeiras, fazendo os possíveis por evitar mãos que empunhavam canecas, pernas que se esticavam repentinamente pelo caminho e braços estendidos a reclamarem a atenção de mais criados do que aqueles que estavam disponíveis. Quenestil sentia-se obviamente pouco à vontade, olhando em redor como um carcaju encurralado e respirando de boca aberta como se já lhe faltasse o ar, mas os restantes companheiros procuravam passar despercebidos, aproveitando o facto de os presentes estarem demasiado ocupados a beber, comer, e falar para repararem neles. O jovem tanarchiano indicou-lhes uma miraculosamente vazia mesa redonda, gritando-lhes de costas algo que não perceberam antes de marchar a passo apressado para a cozinha. Os companheiros sentaram-se, e Worick esfregou com a própria mão uns ossos e restos de comida para fora da mesa, assentando nela os cotovelos de seguida. Ia dizer alguma coisa assim que os companheiros se sentaram, mas um ensurdecido urro fez-se ouvir na sala, seguido de gritos de desalento e apupos contrastando com alegres aplausos e triunfantes louvores. O thuragar e Allumno puseram os cotovelos por cima das costas das respectivas cadeiras de modo a seguirem os olhares de Aewyre e Quenestil, que tinham os olhos postos no cadáver estropiado de um galo a ser vitoriosamente ostentado por um homem de barbas, que prontamente o entregou a um criado que se dirigiu à cozinha com o animal morto enquanto moedas trocavam de mãos e novas apostas eram feitas. O vencedor, um galo com um olho debicado que batia com as asas no ar enquanto era alardeado pelas mãos de quem devia ser o dono, foi o centro das atenções do estabelecimento durante breves instantes até tornar a ser engolido pela massa de homens, o seu destino incerto.

Heh, apetece-vos galo? perguntou Worick.

Não viemos aqui para comer disse Aewyre.

Então estamos aqui sentados para quê? Por que é que não vamos já à procura desses marmanjos?

Duvido de que o rapaz falasse connosco se não estivéssemos sentados... explicou o guerreiro. Já viste como isto está?

Parecem drahegs... comentou Quenestil, horrorizado com o que acabara de ver.

O pior dos humanos vem, aliás, é trazido à tona em determinadas circunstâncias, Quenestil. Trata-se de um espectáculo bárbaro, de facto... concordou Allumno com um abanar da cabeça que denotava clara desaprovação.

Meninas... censurou o thuragar, mas o seu comentário foi engolido pelos urros que indicavam o início de um novo combate.

O criado que lhes indicara a mesa voltou, sempre atarefado, esfregando o suor da testa com o antebraço.

Caldo de galinha não há. Cerveja ou kashkinl *berrou* de modo a fazer-se ouvir.

-Na verdade, nós queríamos...

Quatro frangos e essa coisa esquisita que disseste sobrepos-se a voz de Worick.

O criado voltou para a cozinha sem nada mais acrescentar, e Aewyre fitou o thuragar com ar indignado.

O que foi isso...?

Achas que ele está aqui para responder às nossas perguntas? Já que nos sentámos, faz-lhe a vontade e depois então pergunta-lhe o que quiseres. Além disso, estou com fome, e se vamos partir cabeças, que seja de barriga cheia.

O guerreiro quis dizer algo mais, de preferência após ter atirado a mesa para cima de Worick, mas não desejava chamar a atenção e até havia uma certa verdade nas palavras do thuragar, pelo que se limitou a cruzar os braços e empurrar as nádegas para a ponta da cadeira de forma a não parecer tão alto. O combate de galos prosseguia, furioso, enquanto os companheiros aguardavam com nervosa expectativa o regresso do criado. Aewyre batia com os dedos na mesa, Allumno abstraía-se de tudo, conseguindo ainda assim dar a impressão de que permanecia concentrado naquilo que o rodeava, Worick coçava as narinas e Quenestil não abandonava a sua irrequieta postura defensiva de um animal enjaulado, olhos atentos e corpo tenso, atormentado por más memórias reavivadas pelos gritos e vaías dos homens. Não estavam a ser alvo de nenhuma atenção especial, mas o eahan sentia-se mesmo assim observado, confrangedoramente rodeado de olhos inquiridores, o que não passou despercebido ao mago.

Quenestil, sentes-te bem?

Quem... eu? Sim, sim, não te preocupes. Está só um pouco abafado aqui dentro, mais nada...

De certeza?

Absoluta.

Allumno teve de se contentar com a pouco convincente garantia e recostou-se à cadeira, tapando a gema na testa com umas madeixas do seu cabelo, que entretanto crescera bastante, enclavinando os dedos e limitando-se a manter a sua discreta postura observadora. O jovem

criado chegou pouco depois, munido de uma bandeja com quatro canecos e pratos e outra com dois fumegantes frangos de pele alourada e tostada. Mesmo Aewyre, de todos o que menos apetite tinha, teve de engolir o excesso de saliva que subitamente lhe alagou a boca enquanto o jovem pousava os canecos, entornando uma ligeira porção do seu conteúdo, e arrojava os pratos de peltre na mesa. Worick não se fez de rogado e arrepanhou de imediato uma perna luzente, fincando os dentes na pele estaladiça e carne tenra sem comedimento.

Nove duilas recitou o criado maquinalmente enquanto Quenestil e Allumno se serviam.

Aewyre remexeu na bolsa que tinha atada à cintura e estendeu-lhe um rei uma das maiores moedas de Nolwyn de mão aberta. O jovem recebeu o pagamento e olhou para ele de relance, fazendo tenção de o enfiar na sua bolsa enquanto já virava as costas mas parando a meio caminho. Observou a moeda mais atentamente, e os seus olhos arregalaram-se, descrendo o seu real valor. Fitou Aewyre com uma certa reserva, mas o jovem apresentou-lhe outra idêntica, alumiando-lhe os orbes castanhos. Os dedos do criado tactearam o ar na direcção da dourada peça redonda, hesitantes, mas o guerreiro fechou a mão antes que este estivesse perto de lhe tocar.

São tuas se me responderes a uma ou duas perguntas.

Toda a pressa e afogo do tanarchiano esvaneceram-se de um momento para o outro, e o jovem ficou parado no mesmo sítio praticamente sem se mexer, algo que, julgando pelo nervoso desconforto do qual dava mostras, não lhe devia acontecer com muita frequência.

Diga, taste pediu, olhando em redor, provavelmente com medo de que o proprietário aparecesse.

Aewyre franziu a testa, sem perceber.

Sê rápido... clarificou Allumno, bebendo do seu caneco. Qualquer mago que se prezasse era versado em línguas de uma forma geral, de modo a compreender as diversas ramificações da Palavra e dessa forma assimilar de uma forma abrangente o cerne da mesma. E Leochlan na sua essência não mais era que um Glottik arcaico.

Que tal sabe isso? perguntou Worick, totalmente alheio à conversa de Aewyre e referindo-se à bebida.

Provavelmente demasiado branda para ti. Julgo que terá sido fermentado de centeio este... *kashkin deduziu* Allumno, lambendo discretamente os lábios.

Bah, mistelas... bebem ainda pior aqui em Tanarch do que em Nolwyn...

Aewyre também deixara de ouvir os seus companheiros após o esclarecimento do seu tutor.

Ruinen. Onde está o Ruinen? Ou algum dos seus homens? O criado ergueu uma dúvida sobranceira.

Ruinen. Rui-nen. Onde é que ele está?

Sim, sim... o tanarchiano deu a entender que percebera, apoiou a mão na mesa para se curvar diante de Aewyre de modo a não ter de gritar e estendeu o braço, indicando um grupo de homens a um canto do estabelecimento. Alende. Mas cuidado...

Obrigado agradeceu o guerreiro, entregando a moeda ao jovem, que se retirou expeditamente.

E então? indagou Worick, tirando bocados de frango da gordurosa mecha de barba debaixo do seu lábio.

Estão ali... limitou-se Aewyre a dizer enquanto se levantava, mas as suas palavras falharam em se sobrepor ao ruído.

O quê?

Aewyre, aonde é que vais? perguntou Quenestil, pousando o osso da asa que estivera a mastigar.

O guerreiro não se repetiu e continuou a avançar na direcção do grupo de homens para os quais o criado apontara, atravessando um dos labirínticos corredores entre as cadeiras, que apenas os criados pareciam saber navegar com um mínimo de orientação. O caminho que seguiu obrigou-o a contornar o aglomerado de homens que assistiam aos combates de galos, circundar uma mesa ocupada que fora pregada a um poste de modo a aproveitar o já escasso espaço e quase foi parar à entrada antes de dar meia volta, avistando os seus companheiros a tentarem eles também encontrar a rota certa para os levar para perto do seu companheiro. Contudo, nunca perdeu o grupo de homens de vista, e assim que regressou pelo mesmo caminho, tornou a deparar com a bifurcação na qual errara na escolha, optando desta vez por transpor o obstáculo que se lhe deparava na forma de um conviva que se encontrava sentado de cotovelo apoiado na mesa e pernas estendidas para fora, efectivamente bloqueando a passagem. Aewyre ergueu um pé e com ele passou por cima das pernas do homem, atraindo os olhares dos seus companheiros de mesa, que lhe chamaram a atenção para o que o guerreiro estava a fazer.

Com licença... murmurou sem sequer olhar para o comensal, passando-lhe a outra perna por cima como se estivesse a galgar uma sebe.

Ouviu uma cadeira arrastar-se atrás de si, provavelmente a do próprio, mas não lhe prestou atenção e continuou a andar, ignorando também a voz que pareceu chamá-lo, acrescentando um "siruliano" num tom pouco amigável. Já estava perto do grupo...

Trincando uma perna de frango, Worick seguia Quenestil e Allumno, que tentavam a custo ir ao encontro de Aewyre. Nenhum deles gostara do olhar do guerreiro quando este se levantara da mesa, nem tão-pouco da determinada expressão na sua cara. O mago pressentia que algo de grave poderia acontecer se não alcançasse o seu protegido a tempo de o refrear, enquanto o eahan era movido pelo facto de já ter visto aquela cara antes e das drásticas consequências que em todas as vezes dela haviam resultado. Era difícil avançar no acelerado passo dos companheiros, pois havia que evitar pernas de cadeiras e de comensais, bem como um sortido dos mais diversificados objectos e obstáculos, como mobília ou céleres criados a exigirem passagem. Com a sua pressa de movimentos, os companheiros acabaram por chamar a atenção de alguns dos presentes, fosse por terem sido vítimas de um encontrão, fosse por se terem apercebido das aparatosas andanças do estranho grupo, e alguns manifestaram o seu desagrado com incomodados grunhidos. Allumno pedia licenças e desculpas, mas Quenestil era bem menos delicado, abrindo caminho sem grande consideração por quem empurrava, enquanto Worick ficava para trás para lidar de forma ainda menos educada com os desacomodados comensais, limitando-se a empurrar aqueles que se erguiam ou faziam questão de se erguerem de forma a dar largas ao seu descontentamento.

Sentem-se, suas donzelas. Estamos só de passagem...

Apesar de tudo, ninguém se pôs no caminho dos companheiros, tomando-os por meros clientes apressados e grosseiros, até que um homem se levantou, dando uma atabalhoada volta à mesa na qual estivera sentado e apontando para o grupo.

Amigos de verdugos! gritou, espetando o ar com um acusador dedo.

Alguém gritou na sala, mas Aewyre não lhe prestou atenção e percorreu a distância que o separava da mesa do grupo em passos largos. Os homens que o criado indicara, um bando de indivíduos barbados com os lados das caras escanhoados, despreziosamente vestidos e com as faces enrubescidas pelo ardor do álcool, bebiam copiosamente dos seus canecos e lançavam roucas gargalhadas, batendo

com as mãos na mesa e fazendo os restos de frango saltar. O guerreiro parou diante deles, sombreando um dos homens e chamando a atenção dos que estavam do outro lado da mesa, interrompendo os risos com a sua presença. Todo o movimento cessou também, excepto o de um dos indivíduos que chupava os dedos gordurosos de molho de frango, estudando o recém-chegado com atenção. Ninguém disse nada.

Procuo o Ruinen anunciou Aewyre, tentando fazer-se ouvir no meio da algaraviada ambiente.

Não houve resposta, e as expressões dos homens mantiveram-se inalteradas, cautelosas, e desconfiadas.

Algun de vocês é o Ruinen? Percebem o que eu digo?

O homem que chupara os dedos ocupava-se agora a escarafunchar algo entre os dentes de trás com o dedo mínimo, retirando um pedaço de frango que prontamente tornou a enfiar na boca. Nada o distinguia dos outros, era tão barbudo e estava tão despreziosamente vestido como os restantes, embora fosse um pouco mais moreno e o seu olhar traísse uma manha impossível de esconder.

Quem és, gaiato? perguntou, mastigando o pequeno bocado com desnecessária ostentação.

Aewyre fitou o homem que falara, excluindo todos os outros da sua atenção.

- És tu o Ruinen?

Perguntei-te, gaiato...

Se és o Ruinen, vais responder a umas perguntas.

O homem arqueou as sobrancelhas, continuando a mastigar, e virou ligeiramente a cara como para dar a entender que não ouvira bem. Dois dos seus companheiros de mesa ergueram-se, hirtos e de lábios apertados. Aewyre dispensou um vislumbre a cada um e tornou a olhar para aquele que tomara pelo homem que viera procurar.

Foram os teus homens que atacaram a estalagem ontem à noite? perguntou directamente.

De alguma forma, o presumível Ruinen continuava com que mastigar dentro da sua boca e nada disse. Um dos homens que se erguera circundou o guerreiro, desafiando-o a olhá-lo nos olhos, e pôs-se atrás de Aewyre enquanto o outro pousava as mãos nas ancas e erguia um reptante nariz, parecendo perguntar se iria ou não haver problemas. Aewyre ignorou ambos, desdobrou a folha de pergaminho com as duas mãos e bateu com ela contra a mesa, indicando com o dedo o nome que mencionara na lista de suspeitos. O alegado Ruinen baixou

os olhos para olhar para a folha, franzindo a testa ao ler o seu nome. Aewyre arrancara o selo de Bellex, deixando um rasgo no topo da folha, mas ainda conservava o distinto aspecto de um documento oficial.

A minha amiga quase morreu. Se foram vocês, juro que acabo com a vossa raça, seus filhos de uma cadela sarnenta.

Talvez não tivessem percebido todas as palavras, mas o seu tom e o da voz do jovem não deixavam qualquer margem de dúvidas, e o homem que mastigava deixou abruptamente de o fazer, tornando a fitá-lo.

Vai-te toste daqui, gaiato. Agora ordenou, esperando obviamente ser obedecido.

Aewyre relaxou os dedos antes de fechar lentamente os punhos a seus lados, e todos na mesa se colocavam em posições que lhes permitissem levantarem-se depressa.

Vou perguntar outra vez... avisou calmamente. Foram os teus homens que atacaram a estalagem ontem à noite?

Uma mão agarrou-lhe o ombro por detrás.

Não ouviste, gai...

Aewyre impeliu as costas do punho cerrado para trás, despedaçando o nariz do homem com um triturrante ruído molhado.

Quenestil não percebera o que o indivíduo quisera dizer e preparava-se para o empurrar para fora do seu caminho como fizera com os restantes, quando viu que os companheiros de mesa deste também se levantavam, postando-se a seu lado. A prudente mão de Allumno agarrou-lhe o ombro, e o mago pôs-se defronte do eahan, empunhando o seu bastão da forma menos ameaçadora que conseguiu.

Os cavalheiros desculpem, dêem-nos licença por favor...

Amigos de verdugos! reiterou o homem enfaticamente, e mais pessoas ouviram a denúncia.

O que é que esse animalejo está para aí a dizer?

Worick, agora não... Allumno sentia a tensão a escalar. Se nos permitem...

Lacaios da Sirulia!

Creio que haja um mal-entendido...

Mas afinal o que é que ele quer? insistiu o thuragar, tentando passar por ambos para confrontar o ruidoso homem.

Allumno... advertiu Quenestil, reparando no número de convivas que lentamente se iam erguendo. Apenas os que se encontravam

do outro lado do círculo das lutas de galos não haviam ouvido os gritos do tanarchiano.

Cavaleiros, aviso-vos de que tudo isto é desnecessário. Desejamos apenas passar...

Ouviram-se vozes mais exaltadas ainda, e o mago avistou o seu protegido envolvido numa contenda com um grupo de homens.

Aewyre! gritou, tentando avançar mas sendo violentamente empurrado para trás pelo homem que lhe apontara o dedo.

O urro de Worick acabou com qualquer possibilidade de diálogo.

Aewyre agarrou um homem que nem sequer viu pelos colarinhos e impeliu-o de encontro a uma cadeira que descia na sua direcção e que se partiu nas costas do indivíduo, que de seguida largou. Um punho apareceu do nada e conectou com a sua cara, alastrando-lhe um roaz fogo pelo lado arranhado da face. Cerrando os dentes e grunhindo de dor, o guerreiro arrojou cegamente com o seu braço esquerdo e derrubou os dois corpos que apanhou pelo caminho, esmurrando logo após a cara de um outro homem que lhe tentou agarrar o membro. Outro ainda desferiu um desajeitado pontapé em frente enquanto levava o punho atrás, tentando manter a distância de Aewyre de forma a golpeá-lo de seguida, mas o jovem recebeu o golpe no coxote que lhe protegia a perna e caiu em cima do desequilibrado adversário, deitando-o por terra com um soco no queixo. Alguém lhe agrediu a nuca com um caneco de peltre, raspando-lhe o couro cabeludo, e o guerreiro oscilou com o corpo para trás, esmurraçando o seu agressor e despedindo um pontapé na barriga de outro que vira aproximar-se pelo canto do olho. Um grunhido nas suas costas foi o único aviso que Aewyre teve antes que um adversário se pendurasse nos seus ombros, cingindo-lhe o pescoço com um braço e rosnando ao seu ouvido, molhando-lhe o lado da cara com perdigotos de saliva. O jovem ergueu os braços para agarrar o homem pela nuca, sendo agredido de diversas direcções no torso protegido pela couraça ao fazê-lo, e arremessou-o por cima da sua cabeça, derrubando um outro indivíduo atrás de si com os pés do homem e estatelando-o contra uma sólida mesa redonda, lançando canecos, louça e comida ao ar. Outros dois se abateram sobre as suas costas, empurrando-o contra a mesa em cima da qual o atordoado conviva jazia, imóvel, e sobre o qual Aewyre caiu, esmagando-o com o seu peso. Enquanto o pobre diabo se debatia debaixo de si, estrebuchando com pernas e braços, os outros dois que lhe haviam caído em cima davam-lhe murros na cabeça e de lado na

cara. O guerreiro rosnou e arrojou a nuca para trás, que estalou de dor ao colidir com dentes, e um golpe de cotovelo tirou o segundo homem de cima de si, permitindo-lhe sair de cima da mesa e do estrebuchante comensal. Contudo, assim que se virou, um murro no queixo fez com que se desequilibrasse, levando um joelho ao chão e vendo-se forçado a apoiar-se na borda da mesa de forma a não cair. Dois pares de mãos agarraram-no pelos braços e puxaram-no para trás.

Worick espera...! O thuragar não ouviu e afundou a cabeça na barriga do homem que empurrara o mago, derrubando-o.

Allumno ainda tentou impedir que a situação se agravasse, mas o grupo de homens que agora os cercava parecia já disposto a agravá-la sem ajuda adicional dos companheiros. Dedos fincaram-se no seu capuz e puxaram-no bruscamente para trás, mas Quenestil agarrou o antebraço do homem que o fizera e assentou-lhe um certo soco no queixo, libertando o mago, que então empunhou o bastão com as duas mãos, apercebendo-se de que palavras em Glottik já de nada lhe serviriam. Worick arremeteu de ombro contra outro adversário, tentando afastar o maior número possível de homens de forma a poder usar o martelo que ainda tinha ao cinto, mas da segunda vez várias mãos o agarraram, tentando imobilizá-lo. O thuragar reagiu com um soco cego que atingiu a virilha de um indivíduo, que se dobrou para a frente e gritou. Punhos e pés chooveram sobre o seu corpo encouraçado, mas Worick apenas sentiu as pancadas que lhe visaram a cabeça, algumas chegando mesmo a ofuscar-lhe a visão por breves instantes. O thuragar cravou os dentes numa manápula que lhe *agarrara*, a barba, abanando a cabeça como um cão e rasgando dolorosamente a pele da mão. Allumno levantou a ponta do bastão e atingiu um homem que contra ele investia entre as pernas, derrubando-o com uma bordoadada lateral e principiando a recitar algo com a Palavra, mas um caneco voador interrompeu-o ao embater na sua cabeça e cancelou o feitiço. Quenestil lutava como um carcaju engalfinhado, rosnando, esmurrando, pontapeando e contorcendo-se em todas as direcções, sentindo que tinha voltado atrás no tempo, encurralado num local abafado, cercado por inimigos, no meio de uma multidão sedenta de sangue a assistir a um combate... esmurrou o nariz de um indivíduo que lhe *agarrara* o pulso e escoiceou o estômago de outro que se preparara para atacar por trás, baixando-se de seguida para evitar um soco oscilante, que atingiu outro alvo. A ponta de um pé atingiu-o de lado na coxa, mas a adrenalina corria livre nas suas veias e apagou a dor antes que esta

lhe incapacitasse a perna, convertendo-a em ímpeto adicional para o soco de resposta do eahan, que atingiu o seu atacante em cheio na boca. Uma mão puxou a cabeça de Worick de encontro a um joelho contra o qual embateu com o elmo. Berrando de raiva e com sangue seu e de outros na boca, o thuragar calçou o pé de um dos homens que lhe agarravam os braços, partindo-lhe os ossículos, e enterrou a cotovela nas quebradiças costelas de outro. Lançou a mão em frente e para cima, crispando os dedos numa gola que puxou para baixo e o seu punho acerado encontrou então o seu caminho até à cara do dono do joelho, rebentando-lhe os lábios.

Aewyre foi derrubado, sangrando do canto da boca e caindo de traseiro ao chão e de costas contra uma cadeira. A sua reacção ao ver um homem investir contra ele de cadeira em riste foi instintiva: levou os braços atrás, agarrando o assento atrás de si, e curvou-se o máximo que pôde, levando a cabeça ao chão e a cadeira por cima das costas. Os móveis estilhaçaram-se um contra o outro, e o guerreiro ainda sentiu vários pedaços contra a cabeça e contra a couraça, mas evitara o bruto do impacto. Ainda com as sobras da cadeira nas mãos, Aewyre levou o ombro ao chão, rebolou para debaixo de uma mesa e ergueu-se de súbito, atirando-a para cima do grupo de homens que o haviam agredido. Olhando brevemente para as suas mãos, viu que empunhava as costas da cadeira que o salvara e, separando os dois paus que seguravam o encosto com um brusco sacão, empunhou-os como duas armas improvisadas e virou-se para confrontar os restantes agressores. Um deles atacou pelo flanco e tentou esmurrar o guerreiro, julgando que este não o vira, mas Aewyre bateu-lhe o braço para fora do caminho com um pau e concutiu-lhe a cabeça com o outro, girando em si e desferindo com ambos uma violenta cacetada na cara de mais um atacante, que rodopiou nos seus pés antes de cair com a força do golpe. Vendo a hesitação momentânea dos seus adversários motivada pelo facto de estar armado, Aewyre atacou, decidido a aproveitar a momentânea vantagem. A primeira linha de homens à sua frente recuou perante a oscilação de um dos paus, mas houve um indivíduo mais arrojado que saltou para cima de uma mesa e dela para cima do guerreiro, que lhe interceptou o salto com uma possante paulada que o enviou directamente para o chão. Outro audaz denunciou as suas intenções com um insulto que bradou atrás do guerreiro, permitindo-lhe calcular a sua posição e abrir-lhe o escalpo com uma bordoadada para trás. Os restantes tornaram a hesitar e Aewyre caiu-lhes em cima, possesso.

Quenestil tinha um homem a agarrar-lhe o pescoço e outro a pegar-lhe pela perna direita enquanto os demais se procuravam aproximar do estrebuchante eahan para o agredir. O shura impeliu um pé em frente, atingindo um desses atacantes no epigastro com um sufocante pontapé, mas o indivíduo que lhe agarrava a perna reagiu com um murro entre as suas pernas. Quenestil expeliu um engasgado grunhido de dor, mas depressa a converteu em alento para, com a mesma perna com a qual acabara de golpear o outro homem, desferir uma joelhada na cara do que o agredira, libertando a direita. O oponente que o agarrava pelo pescoço grunhiu e alçou o eahan, tirando-lhe os pés do chão e transferindo todo o peso do shura para a laringe deste, principiando a asfixiá-lo. Quenestil sacudiu violentamente as pernas de forma a manter afastados aqueles que pretendiam agarrar-lhas e levou a mão atrás, agredindo a face de quem o agarrava com a palma e cravando-lhe os dedos nos olhos. O homem gritou em dor cega e largou o eahan, levando as mãos à cara e permitindo ao shura defender-se dos que o atacavam. Desviando-se de um murro, Quenestil ripostou com outro nas costelas de um adversário, mas um segundo foi mais rápido e atingiu o eahan em cheio na cara, fazendo com que cambaleasse para os braços dos indivíduos que se encontravam atrás de si e que o agarraram. O homem que o agredira avançou, preparando-se para continuar o que começara, mas dedos acerados crispam-se-lhe na virilha antes que desse outro passo, lançando-lhe latejos de dor pelas pernas e forçando-o a curvar-se de olhos arregalados e com um grito mudo por sair da boca aberta. Outros dedos agarraram-lhe a camisa por trás e ambas as mãos o ergueram do chão, arremessando-o contra um grupo de homens. Worick berrou triunfante ao vê-los serem derrubados como peças de um tabuleiro e investiu contra os que agarravam o eahan. Aproveitando a deixa, Quenestil puxou um braço para baixo com força, levando a cara de um dos homens de encontro ao seu joelho, e Worick encarregou-se de o libertar do outro, derribando-o com uma carga de ombro. Allumno vergastou a cabeça de mais um atacante com o bastão, levando a ponta atrás de seguida e enterrando-a na barriga de outro, mas assim que principiou a recitar a Palavra, um adversário que não vira agarrou-lhe o cajado e desferiu-lhe um pontapé no joelho. O grito do mago foi de uma dor cruciante, silenciado de imediato por um soco que recebeu e que lançou contra uma mesa. Tanto Quenestil como Worick gritaram o seu nome, mas o acervo de homens que se interpunha entre eles e Allumno tornava-lhes custoso o violento avanço. Até que cabeças

começaram a estalar e um furioso Aewyre abriu caminho por entre os homens, lançando corpos inertes a rodopiar para fora do seu caminho, trilhando linhas de sangue no ar com desesperadas pauladas, sulcando um trilho através da massa de homens como um arado puxado por um touro ensandecido faria com terra macia. Tal foi o impacto da brutal investida do jovem que Quenestil e Worick viram a sua tarefa facilitada, esmurrando e empurrando os que permaneciam entre ambos e o mago, que agarrava o joelho com as duas mãos, a sua cara um esgar de agonia. Aewyre malhou em redor com ambos os braços, derrubando mais uns quantos atacantes, e berrou ameaçadoramente com as veias do pescoço avermelhado a palpitarem e os dois ensanguentados paus em riste. Tal demonstração de violência foi o suficiente para que os homens se amedrontassem ao ponto de manterem a sua distância por breves instantes, deixando um espaço coberto por corpos caídos e gemebundos entre si e o guerreiro. Sabendo que iria precisar de cada segundo, Aewyre largou um dos paus, pegou em Allumno com a mão livre, alçando-o por cima do seu ombro, e correu a desbravar caminho na direcção da entrada com a arma que lhe restava.

Quenestil! Worick! Venham! gritou, percutindo um comensal indeciso entre afastar-se ou saltar para cima do guerreiro.

O eahan e o thuragar hesitaram, tomados de surpresa, mas cedo os seus instintos os forçaram a reagir e ambos foram atrás do seu companheiro, precisamente quando a multidão recuperava a sua coragem. Vendo que o caminho se lhes poderia fechar, Worick pegou no bastão de Allumno pelo caminho e brandiu-o como uma arma, urrando um grito de guerra em Garogar que quebrou a já vacilante determinação dos que se lhes haviam interposto no caminho, lançando-os numa desconjuntada debandada. O thuragar ainda vergastou três pelas costas, deitando-os por terra, e gritou a Quenestil que avançasse enquanto andava para trás, descrevendo um arco largo com o bastão para desencorajar eventuais perseguidores. O eahan assim fez, vendo Aewyre sair pela porta com Allumno ao ombro e empurrando vários homens para o lado, tentando não perder o seu amigo de vista. Worick vinha atrás, ainda a brandir o bastão com as duas mãos e urrando insultos e vitupérios.

Cambada de merdilheiros! Arredem pé ou desfaço-vos as focinhas!

As ameaças foram levadas a sério, pois ninguém se lhes meteu no caminho. Os dois transpuseram a porta, saltando os degraus e aterrando com os pés na lama, por pouco não escorregando como acontecera

com Aewyre, que se debatia para se levantar ainda com Allumno ao ombro. Quenestil foi ajudá-lo a erguer-se e Worick virou-se para trás, desafiando quem quer que fosse a sair pela porta pela qual acabara de saltar. Vários transeuntes no pavimento de tábuas haviam parado para observar a caricata cena, uns riam, outros abanavam a cabeça em sinal de desprezo e outros limitavam-se a olhar com curiosidade.

Não parem, corram! Corram! gritou Aewyre, cambaleando para os seus pés com a ajuda do eahan e retomando a corrida com um padecente Allumno ao ombro.

Worick grunhiu e foi atrás deles, esforçando-se por acompanhar as longas passadas dos seus companheiros.

DESPERTAR

Da última vez que Slayra estivera sozinha com Taislin, os dois haviam salvo os companheiros das masmorras de Coilen, ainda era a eahanoir o mais dúbio membro do grupo. Fora esse o definitivo acto que a vinculara aos companheiros, mesmo que na altura estes fossem para ela apenas os acompanhantes de Quenestil, a verdadeira razão da sua permanência e a única âncora que a impedira de fugir nas inúmeras oportunidades que tivera para o fazer. Slayra arriscara a vida, fazendo uso dos seus ardis e dos actos furtivos de Taislin para entrar na bem guarnecida fortaleza, não morrendo por pouco nos calabouços e tendo de ser arrastada às costas do burrik no rescaldo da batalha. Após esse evento, a eahanoir apercebera-se de que começava a gostar do grupo, mais de certos membros que de outros, mas o que era certo era que aprendera muito com todos, muito que a levava a questionar bastante daquilo que julgara saber e em que até então acreditara, à semelhança do que acontecera com Quenestil conforme os dois eahan se foram conhecendo. Slayra gostava especialmente do seu pequeno companheiro, da sua irreverência e despreocupação, da sua conduta desregrada, da sua candura quase infantil. Eram qualidades que qualquer eahanoir podia apreciar ou no mínimo ter em conta, embora tivesse a certeza de que qualquer um dos seus congêneres não hesitaria em cravar a língua do burrik à parede com um estilete após ter experimentado todas essas particularidades durante um espaço de tempo tão prolongado quanto o de Slayra. Apesar de tudo, fora da alegria de Taislin que a eahanoir mais falta sentira enquanto ela e Quenestil se aventuravam pela Latvonia a caminho da costa, nos dias negros após a morte de

Babaki, durante os quais os pesarosos corações de ambos os eahan lhes haviam pesado como chumbo no peito.

Por essa e outras razões, era-lhe algo penoso ver a expressão desconsolada na cara do burrik enquanto este andava em círculos pelo quarto, os pequenos ombros abatidos, os felinos olhos fixos no chão e os cantos da boca a descair, contrastando violentamente com o quase recto sorriso e a prazenteira postura aos quais Slayra se habituara. Era óbvio que Taislin estava desassossegado; não gostara de ter sido deixado para trás e, a despeito das palavras de Allumno, sentia-se um empecilho, um triste empecilho. A eahanoir queria dizer algo, mas consolos não eram a sua especialidade e o burrik também não parecia disposto a ouvir, pelo que se refreou de o fazer e permaneceu sentada à cabeceira da cama de Lhiannah. A princesa continuava na mesma, ainda não se mexera nem dera quaisquer indícios de estar prestes a acordar, imóvel e com uma serena máscara imperturbável no rosto ferido. Taislin preocupava-se com a arinnir também, claro, mas saber que os seus amigos poderiam estar a correr perigo e que ele não estava perto deles para os ajudar angustiava-o muito mais naquele momento. A notícia da morte de Babaki marcara-o profundamente, como a todos os outros, embora de uma forma diferente. Slayra deu consigo a sorrir, pois tais sensibilidades nunca a haviam afectado antes, nunca em Jazurrieh, que não permitia tais coisas e cujos habitantes não se podiam sequer dar ao luxo de nelas matutar. Não teria sobrevivido com pena, ou remorsos, ou pesar; qualquer outro eahanoir menos escrupuloso tê-la-ia apunhalado impiedosamente pelas costas enquanto se ocupava a questionar-se acerca de factos intuitivos e incontestavelmente assumidos pelos seus restantes congéneres. Apenas fora das sombras de Jazurrieh e no seio de tão díspar grupo pudera a eahanna aprender e ponderar sobre muitas questões da sua vida e da dos que a rodeavam. Por vezes questionava-se acerca de como a sua vida teria continuado caso ela e os dois assassinos que a acompanhavam não tivessem dado com os companheiros, caso um deles tivesse morto o Quenestil, caso ela própria tivesse morto o shura...

Mas que teima, esta de enveredar sempre por pensamentos tão funestos!

Passa-se alguma coisa, Slayra? perguntou Taislin.

A eahanoir apercebeu-se de que devia ter feito alguma careta estranha ou pensado em voz alta para o burrik reparar. Piscou os olhos e abanou a cabeça.

Ah... nada, Taislin, não é nada. E tu, como é que te sentes? mudou de assunto.

Como é que eu me sinto...?

Sim... sabes, deixaram-te para trás, querias protegê-los, mas acham que não és capaz e... A eahanoir nem precisou de ver os olhos de Taislin descaírem para se aperceber de que acabara de escolher o pior tópico que poderia ter mencionado. Quer dizer... não... eu...

O burrik retomou a sua melancólica ronda circular pelo quarto.

"Oh, que raio... por que é que não ficas calada, mulher? Não tens mesmo jeito nenhum para estas coisas", repreendeu-se Slayra, suspirando.

As cabeças de ambos viraram-se de sobressalto para a porta quando passos apressados ressoaram no corredor do outro lado desta. Slayra levantou-se da cadeira, olhando incerta para o seu pequeno companheiro enquanto centenas de possíveis perigos lhe tomavam a mente de assalto. Os Fadados voltavam para atacar. A guarda de Val-Oryth vinha interrogá-los. A multidão da qual Aewyre falara acabara de forçar a sua entrada no templo...

Mas foi o próprio quem abriu a porta repentinamente e irrompeu pelo quarto adentro, carregando o que pareciam ser o traseiro e as pernas de Allumno ao ombro. Quenestil entrou de seguida, a sua já avermelhada pele afogueada pelo esforço de quem corra com afinco, e Worick chegou por último, empunhando o bastão do mago e fechando a porta com força atrás de si. Slayra e Taislin estavam demasiado surpresos para reagir enquanto Aewyre pousava Allumno numa cadeira, Quenestil se apoiava na parede e Worick arfava.

O que...?

Por que é que empurraste a sacerdotisa? Ela podia Mas que raio de ideia foi essa, Aewyre? O que Aaah! O meu tratar da perna do mago é que te deu, homem? joelho! disseram os três ao mesmo tempo.

Apenas Aewyre ficou calado, permanecendo quieto de pé, ofegando e esperando que os estouros no seu peito parassem. Fechou os olhos por momentos de forma a perturbar a visão, e uma súbita tontura forçou-o a apoiar-se nos joelhos. Tomara apenas um fraco pequeno-almoço naquela manhã, e havia dias que não comia uma refeição decente, pelo que se considerou afortunado por apenas ter sido acometido de fraqueza naquele momento e não antes.

Uma bofetada na cabeça tornou a despertá-lo para a realidade, e assim que o guerreiro olhou para o seu agressor, viu um colérico

Allumno apoiado num dos braços da cadeira e com uma mão pendente. Não tinha memória de ver a cara do mago assim, ruborizada a ponto de quase se mesclar com a gema na testa e com o branco dos olhos bem visível.

Estás completamente *doido*? *gritou* o mago, espantando todos no quarto. Aewyre endireitou-se, atarantado, e o mago continuou a repreensão sentado. Em que é que estavas a pensar? Será que não te sobra uma pinga do bom senso que eu te tentei incutir ao longo de todos estes vinte anos?! Continuas a pensar como uma criança irresponsável! Tens alguma noção do que fazes ou achas que isto é tudo uma brincadeira, ou uma das histórias que as tuas amas te contavam no berço?

Mesmo a boca de Worick estava aberta perante a explosão do mago, que todos até então haviam julgado impossível de acontecer. Nem nunca teriam imaginado que Allumno conseguisse gesticular de forma tão frenética nem falar tão alto sem ser para tecer alguma espécie de feitiço destrutivo.

Eu não posso... eu... mas tu queres matar-te e a nós todos, Aewyre? perguntou, cobrindo o quarto todo com um amplo gesto do braço. Um de nós já morreu, outra está ferida e outra tem uma criança! Vais continuar a agir como se ainda estivéssemos em Alyun, como se fôssemos invencíveis? Afinal queres descobrir o que aconteceu ao teu pai ou morrer como um estúpido herói?!

Aewyre fitava o seu tutor em silêncio, a surpresa na sua cara rapidamente substituída por uma expressão séria, que cedo deu lugar a um frio semblante inexpressivo antes de o guerreiro virar as costas ao mago e se dirigir à mesa-de-cabeceira de Lhiannah. Allumno ainda tremeu conforme os seus derradeiros impulsos irados lhe sacudiam o corpo, mas cedo as dores no joelho fizeram com que lhe desse atenção, agarrando-o com as duas mãos e uma careta de dor, esquecendo o seu assomo. Os outros ficaram paralisados por mais uns instantes até que, descongelando subitamente, retomaram os seus movimentos e respiração. Taislin olhava alternadamente para cada um dos companheiros, Worick viu que continuava com o bastão do mago na sua mão e decidiu ir entregá-lo, enquanto Slayra deixava Aewyre passar e ia ter com Quenestil, que se tornou a apoiar na parede, baixando a cabeça de olhos fechados e levando a mão entre as pernas como se a virilha lhe doesse. O silêncio envolveu a sala. Ambos os eahan falaram em voz baixa e Allumno limitou-se a agradecer a devolução do seu bastão com um reconhecido aceno de cabeça, retribuído por um grunhido do thuragar. Taislin permanecia calado enquanto

Aewyre bebia um trago directamente do jarro, bochechando e cuspiendo para o bueiro, enfiando de seguida os dedos na boca, mexendo nos dentes para ver se mais nenhum se partira ou estava a abanar. Pareciam todos intactos, mas os seus dedos sujos tinham um sabor salgado que, misturado ao saibo férreo que o sangue lhe deixava na boca, o forçou a bochechar e cuspir outra vez. Levou então as mãos às ancas e ficou defronte da parede de cabeça baixa como uma criança castigada. Alguém bateu à porta, abrindo-a ligeiramente de seguida e espreitando pelo estreito espaço. Era uma sacerdotisa de cabeça toucada que os companheiros ainda não haviam visto e mal chegaram a ver, pois Aewyre pediu-lhe imediatamente que se retirasse sem sequer tirar os olhos da parede para ver quem entrara, negando com veemência a necessidade de qualquer tipo de ajuda. A sacerdotisa hesitou inicialmente, mas acabou por se aperceber do desejo de privacidade do jovem e retirou-se, fechando a porta delicadamente atrás de si.

Presumo que não tenha corrido muito bem...? atreveu-se Slayra a perguntar a ninguém em especial, afagando o braço de Quenestil sem tirar os olhos deste.

O que é que pode ter corrido mal? Nem sequer sabíamos o que lá íamos fazer... comentou Allumno, ainda agarrado ao joelho. O seu vocabulário descuidado era o mais claro indício da sua irritação. A eahanoir olhou para o mago sentado e viu que estava com dores, pelo que segredou umas palavras a Quenestil e dirigiu-se ao humano.

O que é que te aconteceu?

Levei um pontapé no joelho...

Slayra ajoelhou-se diante do mago e desviou-lhe uma comprida madeixa de cabelo da cara, revelando um corte intumesciente na têmpora que lhe sangrara para cima da sobrancelha.

Estás ferido.

Acho que estamos todos um pouco. Mas o joelho...

Fica aqui disse-lhe, levantando-se para ir buscar a bacia de água e uma toalha à mesa-de-cabeceira. Olhou de soslaio para Aewyre enquanto o fazia, mas o guerreiro estava completamente absorto nos seus pensamentos e a eahanoir achou melhor nada dizer, voltando antes para perto de Allumno para lhe limpar a ferida e ver o joelho.

Após alguma hesitação, Taislin decidiu ir ter com Worick e Quenestil, que se ia endireitando lentamente, respirando fundo. O thuragar estava a seu lado, com sangue na barba debaixo da boca, e observava o shura.

Então? Acertaram-te nos túbaros?

Também...

Pois... o que te vale é que já fizeram o seu serviço...

Vai comer a barba, Worick...

O que é que vos aconteceu? perguntou Taislin, interrompendo a breve troca de galhardetes.

O que é que te parece? Levámos uma carga de porrada, foi o que foi...

E nem sequer sabemos porquê... acrescentou Quenestil. Ambos falaram suficientemente alto para que Aewyre os ouvisse,

mas na verdade tanto um como o outro não se achavam detentores do direito moral de criticarem o guerreiro pela forma como agira. Worick acompanhara o grupo com o consciente intuito de descarregar a sua raiva e frustração em alguém, independentemente de quem fosse ou onde estivesse e apercebia-se disso, agora que se sentia mais calmo e sossegado. Por sua vez, Quenestil descontrolara-se no momento em que o conviva empurrara Allumno, tomado de assalto pelas vivas e negras memórias que guardava da arena de Jazurrieh e que o haviam impelido a lutar como um selvagem, bloqueando quaisquer pensamentos racionais. Ambos eram da opinião de que Aewyre agira de forma estúpida e irresponsável, nisso concordavam plenamente com Allumno, mas nenhum conseguia censurar o guerreiro de consciência tranquila, razão pela qual permaneceram calados. O próprio mago também já parecia ter acalmado, lançando longos suspiros e agarrando a base do nariz com o polegar e o indicador enquanto Slayra lhe desapertava as faixas que lhe prendiam a salpicada calça, à enlameada bota e a levantava de forma a descobrir a perna direita. Começava a formar-se um inchaço no joelho do mago, que sibilou através dos dentes assim que a eahanoir lhe tentou a zona atingida. Slayra estalou negativamente com a língua.

Quem quer que te tenha dado o pontapé, teve uma pontaria desgraçada. Acertou-te em cheio na mazela.

Tive ocasião de o constatar... retorquiu o mago.

Aewyre estivera a ouvir tudo entrementes, e as palavras dos seus companheiros misturadas aos seus já infaustos pensamentos em nada ajudaram a melhorar a disposição do guerreiro.

"Está tudo a correr mal.,. por mais que tente, só consigo piorar ainda mais as coisas. O Babaki morreu, a Lhiannah ia morrendo, o Allumno foi ferido por minha culpa..."

Não parece ter sido nada de maior, mas o melhor é ficares quieto durante algum tempo recomendou a eahanoir, cobrindo o joelho do mago com uma fria toalha molhada para aliviar a tumefacção.

Olha, boa... comentou Worick, quebrando o seu próprio silêncio. Outro que vai ter de ficar no templo...

”Três... e a Slayra, grávida. O que é que eu vou fazer? O que é que eu...” Lembrando-se subitamente de algo, o guerreiro levou as mãos ao cinto, olhando e tacteando como se nele procurasse algum objecto escondido. *”Oh não... o papel!”*

Sentiu um aperto na garganta, o coração começou a retumbar-lhe no peito, enviando jorros quentes pelo seu corpo fora. Lembrava-se agora, deixara o papel em cima da mesa dos homens que abordara e não pudera recuperá-lo durante a luta, nem sequer pudera pensar em fazê-lo enquanto combatia.

”Não, agora chega, isto é de mais. Acabou-se, não posso continuar como líder deles, não posso mesmo.” Aewyre virou-se para os seus companheiros, tentando cobrir todos com o seu olhar. Eu... tenho algo a dizer...

Todos interromperam o que estavam a fazer e ouviram atentamente com as mais variadas expressões nas suas caras. O guerreiro avançou em passos curtos e cuidados, inspirando fundo e postando-se ao lado da cama de Lhiannah.

Eu... como já viram... Todos notaram a dificuldade na escolha de palavras, e a expectativa apenas aumentou. Eu acho que não...

E de repente, todos menos Allumno correram na sua direcção, sobressaltando Aewyre. Quando Worick o empurrou, o jovem chegou mesmo a julgar que iria ser espancado pelos seus próprios companheiros, mas todos passaram por ele e por pouco não caíram em cima da cama.

Lhiannah! gritaram Taislin, Quenestil, Slayra e Worick em simultâneo, e Aewyre precisou de alguns momentos para se aperceber do que acontecera, que a princesa se mexera e acordara. A surpresa foi tal que ficou paralisado por breves instantes enquanto se adaptava à situação, sentindo-se desfasado durante o curto momento que se seguiu à explosão de actividade no quarto, como se estivesse a viver a reminiscência de um sonho.

Lhiannah! tornaram os outros a proferir, desta vez num destoante coro alternado que acordou o guerreiro de vez, incitando-o

a mexer-se.

Os seus pés deslocaram-se pelo chão sem que disso se apercebesse, e Aewyre deu consigo a olhar para Lhiannah por cima de um agitado Worick. Os olhos orlados de castanho da princesa estavam abertos, embora pouco mais fossem do que duas frestas avermelhadas

com desfocadas orbes azuis que olhavam em redor, avaliando o desconhecido ambiente que a rodeava. Lambeu os lábios gretados com a língua seca, mas assim que os apartou, reabriu uma ferida no inferior que recomeçou a sangrar ligeiramente. Tudo lhe soava algo emudecido, e o seu ouvido esquerdo crepitou quando a princesa tentou abrir a boca para falar e ouvir a sua própria voz, para se certificar de que vivia, para perguntar o que se passava e onde estava. Porém, a ligadura que tinha em volta do queixo e da cabeça não lho permitiu, e assim que a princesa fez força, os seus olhos cerraram-se de dor e um gemido escapou-lhe das profundezas da ressequida garganta. Os dedos da mão que se mexera e que chamara a atenção dos companheiros fincaram-se nos lençóis, agarrando-os com involuntária força alimentada pelas agulhadas no torso causadas pela respiração mais vigorosa dos pulmões, que forçavam as costelas partidas a expandirem-se. O tensionar dos seus músculos estendeu-se ao resto do corpo, incluindo o maxilar, que lhe ardeu em roaz agonia e que fez com que mesmo de olhos fechados o seu mundo andasse à volta com a lancinante dor. Sentiu o contacto de mãos, mãos que lhe agarravam os braços e mãos que lhe afagavam a cabeça, mas cada toque era-lhe como um ferro em brasa e Lhiannah pensou que os seus ossos iam estalar, que a sua cabeça iria rachar, que a escuridão e o apagamento dos sentidos eram melhores que tão atroz sofrimento... os ferros incandescentes soltaram-se-lhe da pele, mas a dor persistiu e a princesa sentiu mais do que ouviu um grito proferido por alguém.

Larguem-na! Dêem-lhe espaço! vociferava Slayra, tentando a custo acalmar o ânimo dos seus companheiros, principalmente o de Worick, que teve praticamente de puxar. Assim estão a magoá-la!

Allumno coxeou para perto do grupo, ajudando a eahanoir a refrear os ânimos, mas o máximo que ambos conseguiram foi impedir que tocassem demasiado na princesa.

Lhiannah, estás bem? perguntou Aewyre.

Como te sentes? quis Taislin saber.

Não te mexas muito... recomendou Quenestil

Não lhe mexam é vocês disse Worick, embora estivesse a fazer isso mesmo.

Worick, dói-lhe tudo. Não lhe agarres a mão com tanta força desaconselhou Slayra.

E se nos afastássemos todos um pouco...? sugeriu Allumno, apenas conseguindo fazer-se ouvir à segunda tentativa e acatar à terceira.

Passada a agitação inicial, os companheiros acalmaram-se a custo e cercaram a cama com o cuidado de não abafar a princesa, uns ajoelhando-se e outros apoiando as mãos no colchão. Os olhos de Lhiannah tornaram a abrir-se assim que a arinnir soltou um longo suspiro pelo nariz, olhando fracamente em redor sem mexer a cabeça.

Não tentes falar disse-lhe Slayra, atraindo os orbes azuis da princesa, que no entanto não denotavam compreensão. Falar. Não tentes falar.

A expressão apática de Lhiannah dava a entender que não ouvia ou não compreendia o que a eahanoir lhe estava a dizer. A sua garganta mexeu-se ao engolir em seco e a sua cabeça virou-se morosamente para o lado da mesa-de-cabeceira.

O que queres, cachopa?

Água concluiu Taislin, surripiando a bacia de cima da mesa. Ela quer água.

A arinnir tentou levar a cabeça para a frente, mas as vértebras no seu pescoço entalaram algo sensível entre ambas que lhe lançou um espasmo de dor pelo corpo fora.

Deixa-te estar, cachopa... disse Worick, agarrando-lhe a nuca por baixo da almofada para a levantar enquanto o burrik lhe levava bacia à boca. Não te esforces.

Taislin pousou a orla da bacia no beijo de Lhiannah e inclinou-a suavemente até o vacilante dedo de água lhe tocar nos lábios feridos, deixando-a beber ao seu próprio ritmo. Aewyre ajudou juntando a sua mão à de Worick debaixo da almofada enquanto a princesa sorvia calmamente de olhos fechados, aplacando a ressequida garganta, mas depressa os sorvos se tornaram em goles à medida que a arinnir se ia apercebendo do quão sequiosa estava, e Taislin teve de inclinar mais a bacia. De repente, Lhiannah engasgou e tossiu, batendo com os dentes contra a orla e entornando água pelo queixo e pescoço abaixo. Gerou-se um pequeno alvoroço em redor da cama, com praguejos, gestos bruscos e pedidos de calma enquanto a princesa tossia, contorcendo-se com as dores que isso lhe causava no maxilar e levando as mãos à maxila pela primeira vez. Quenestil agarrou-lhas de forma a impedir que a princesa se magoasse mais e Slayra afagou-lhe o topo da cabeça, uma das poucas zonas que não estavam feridas.

Assim que as dores passaram, Lhiannah tornou a abrir os olhos débeis embora mais despertos. A sensação correenta na sua garganta quase desaparecera e já percebia melhor as vozes, embora do lado esquerdo continuasse a sentir um crepitar no tímpano, distinguindo

apenas sons emudecidos. A maxila doía-lhe demasiado para falar, mas tinha de pedir uma coisa.

O que foi? perguntou Worick quando um gemido saiu da boca da sua protegida. O que queres?

A princesa começava a aperceber-se da sua incapacidade de articular palavras devido à maxila deslocada, que parecia estar presa.

Mais água? tentou Taislin, recebendo um curto e enfático abanar negativo de cabeça.

Comida? pensou Aewyre. Outro abano.

Queres que vamos chamar um sacerdote? sugeriu Quenestil, apenas conseguindo que a princesa se magoasse ao exagerar na sua negação.

Calma, cachopa! O que é que queres?

Um espelho concluiu Slayra, silenciando o interrogatório. Os companheiros fítraram-na com expressões admiradas nas caras. Um espelho... repetiu em voz baixa e concludente quando a arinnir acenou com o queixo, apontando para a eahanoir com um fraco dedo.

Fez-se silêncio quando todos se entreolharam, incertos. O cenho de Lhiannah franziu-se perante a hesitação dos companheiros e uma gemebunda interrogação veio-lhe do fundo da garganta.

Lhiannah... tartamudeou Aewyre, acariciando-lhe os cabelos com a mão. Tu não...

Outro gemido, desta vez mais insistente. Aewyre suspirou e lançou um olhar rogativo aos outros, pedindo ajuda.

Os dedos da princesa fincaram-se-lhe no braço, pontuando um decidido e impaciente gemido que deixava o guerreiro com poucas opções.

Cachopa...

Lhiannah tornou a abanar a cabeça e a gemer negativamente, apertando o braço do jovem com força proveniente de um crescente temor causado pela hesitação dos seus companheiros. O que é que se estava a passar? Por que é que se recusavam a dar-lhe um espelho? O que lhe acontecera?

Aewyre! sibilou Slayra enfaticamente. Vais tentar esconder-lhe isso? Achas que ela iria gostar?

Achas que ela *vai* gostar? retorquiu Worick.

Não admitiu a eahanna. Mas também não vale a pena esconder-lho.

E será que vale a pena...

Antes que Worick acabasse de falar, Taislin surgiu por entre o thuragar e a eahanoir com um pequeno espelho quadrado emoldurado a peltre que fora buscar ao armário enquanto os seus amigos discutiam. Os dedos de Lhiannah fincaram-se no espelho antes que qualquer um dos companheiros tivesse a presença de espírito para a impedir, e a princesa pôde então contemplar o seu reflexo.

Instalou-se um desconfortável silêncio no quarto quando as palavras se perderam algures a caminho da boca de todos os que falavam. Uma longa racha percorria a superfície do espelho de uma ponta à outra, seccionando a cara da arinnir, mas os seus ferimentos estavam todos bem visíveis: os lábios túmidos, as equimoses castanhas, o corte na sobrancelha direita, a ligadura que lhe mantinha o queixo no lugar. Lhiannah não esboçou qualquer tipo de reacção, olhando simplesmente para aquele rosto ferido que aparentemente era o seu com uma expressão quase apática, e ninguém soube o que dizer ou fazer além de suspirar em sinal de resignação e compadecimento. A princesa permaneceu longos momentos na mesma posição sem mexer um músculo, coisa que os companheiros não conseguiram fazer, em virtude da montante tensão que se ia criando enquanto esperavam por uma reacção da arinnir, a reacção que previam. Quando todos já começavam a pensar que Lhiannah entrara em choque, o espelho começou a vacilar na sua mão. Depois repararam que o estremecimento provinha dos seus ombros, que se agitavam em bruscos movimentos soluçantes, e que os lábios da princesa se apertavam, trémulos, acompanhando o semicerrar de cintilantes olhos.

Lhiannah, isso passa... vais sarar... Aewyre tocou-lhe o ombro numa tentativa de a confortar, mas a princesa deixou o espelho cair no colchão, levou a vacilante mão ao rosto, tacteando os seus ferimentos, e fechou os olhos, vertendo duas lágrimas que lhe correram pela cara abaixo.

Cachopa, tem calma... tentou Worick, mas a sua protegida foi acometida de um soluçante choro silencioso e cobriu a cara com a outra mão, como se tivesse vergonha de a mostrar ao mundo. Cachopa...

Worick, Aewyre disse Slayra. Não me levem a mal, mas neste momento a vossa presença não a está a ajudar. Nem a vossa acrescentou ainda, indicando Allumno, Taislin e Quenestil com um único gesto da cabeça. Deixem-me com ela.

A seu lado, o thuragar fitou a eahanoir com os pequenos olhos pretos como se tivesse ouvido uma serpente a sibilar, mas Aewyre levantou-se e suspirou.

Ela é capaz de ter razão... concordou, vendo o pranto mudo de Lhiannah. Venham, vamos lá para fora.

Quenestil e Allumno não tiveram quaisquer objecções, limitando-se a apertar o colchão como para dar força à arinnir e dirigindo-se à porta. Worick ainda precisou de um leve puxão de Aewyre para se começar a mexer, lançando um olhar de aviso de uma ferocidade quase paternal a Slayra, que fez por o ignorar, curvando-se perante Taislin e pegando-lhe pela cara.

Fizeste bem. Mas agora ela tem de ficar sozinha.

O burrik acenou com a cabeça e lançou um último olhar a Lhiannah, hesitando ainda em tocar-lhe ou não, mas acabou por se retirar e fechar a porta delicadamente atrás de si, abafando o som das vozes ciciantes dos companheiros que se ouviam no corredor. A eahanoir viu-o sair e virou-se então para Lhiannah, acocorando-se à cabeceira e pegando gentilmente no pulso da princesa, sussurrando-lhe palavras aquietadoras. A outra mão continuava a tapar a cara, mas Slayra contentou-se com uma e entrelaçou os seus dedos nos da arinnir, pousando ainda a sua outra mão sobre ambas. Lhiannah acabou por espreitar em redor, vendo o mundo turvado pelas lágrimas, e constatou que apenas a eahanna permanecia no quarto, agarrando a sua mão a seu lado com uma cara serena mas comovida, os amendoados olhos azuis-claros oferecendo-lhe toda a compreensão do mundo. Contra a sua vontade, um soluço saiu-lhe da boca e então o choro intensificou-se, forçando-a a gemer devido ao maxilar ligado. A testa de Slayra enrugou-se e a eahanoir passou o braço por baixo da almofada da princesa, inclinando-se por cima dela e puxando-a com cuidado para si, sentindo-lhe os soluços no seu ombro sarado. A outra mão de Lhiannah acabou por pousar no seu pescoço e assim ficaram as duas, dispensando palavras.

PERIGOS DESCARTADOS

Dois orbes azul e cinzento fitavam a envolvente expansão cerúlea, hipnótica na sua constante e sinuosa movimentação, deslumbrante nos jogos de luz que se efectuavam na sua ondulosa superfície com os reflexos do sol, esmagadora pela sensação de pequenez individual que transmitia, juntando-se ao céu límpido no fundo do horizonte.

Há muito tempo que Tannath não viajava de barco, e nunca sem terra à vista. A última viagem que empreendera sem fazer uso dos seus pés ou de um cavalo fora por ocasião de um assassinio em Taimyria, uma cidade latvoniana relativamente próspera e bem guardada por guardas montados e acompanhados por cães capazes de se lançarem numa implacável perseguição. Fora forçado a escapar por barco, empreendendo uma travessia fluvial de vários dias num saveiro, um pequeno barco de fundo chato que teve de partilhar com um hircoso barqueiro subornado que passou boa parte da viagem de olhos postos em si, receando uma facada nas costas que só não veio porque Tannath fazia questão de manter uma reputação de fiabilidade e confiança com todos os que não fossem o seu alvo designado.

Fizera.

Agora pouco importava, pois fora desapossado, proscrito, e o seu nome para sempre maculado. O único propósito que o movia era o de encontrar Slayra e Quenestil e matar ambos. Para esse fim comprara passagem no primeiro barco que zarpara de Tomska na madrugada do dia após a sua chegada, pois tivera uma certa urgência em partir antes que a rapariga que poupava na estalagem recuperasse o suficiente para o delatar. Era uma embarcação que se destinava a recolher armas de fabrico tanarchiano para alimentar a sempre activa e fragmentada

máquina de guerra latvoniana. A sua tripulação era constituída por homens rudes e bruscos, antigos mercenários deduziu o eahanoir, julgando pelas cicatrizes incapacitantes que muitos exibiam que provavelmente faziam questão de continuar com armas nas suas vidas, mesmo que já não estivessem em condições de fazer bom uso delas. Vários seriam provavelmente também foragidos ou homens com a cabeça a prêmio, talvez mesmo desertores, ou renegados, ou mesmo indivíduos cujo senhor morrera numa das constantes escaramuças que constituíam o brutal jogo de poder da Latvonia. Podia ouvi-los atrás de si, as roucas conversas em Urial recheadas de impropérios e os passos descalços no convés misturados ao ranger das cordas. Ninguém o incomodara durante os sete dias que já haviam passado, e Tannath também não fizera por chamar mais atenção que aquela que a sua aparência por si só fazia, isolando-se da tripulação e comendo a horas diferentes. Durante a noite dormia de costas para a parede, encolhido a um canto côncavo com uma manta a servir de cama, de estilete e quebra-espadas nas mãos, embora ainda ninguém se lhe tivesse dirigido de forma menos casual ou denotando intenções menos pacíficas. Mas eram latvonianos, o único povo em Allaryia a lidar com eahanoir de igual para (quase) igual, e todo o cuidado era pouco. Nem o ouro com o qual presenteara o capitão era garantia de que passaria a viagem sem ser molestado, quando muito poderia talvez servir de aliciante para algum marujo mais ganancioso, embora Tannath se tivesse esforçado por dar a entender que iria servir de intermediário para um negócio potencialmente muito lucrativo em Ul-Syth e que tanto o capitão como a sua tripulação teriam muito a ganhar caso chegasse são e salvo. Armas sirulianas, dissera, um carregamento inteiro delas, e os olhos do capitão haviam brilhado. Sirulia não vendia os produtos do seu aço a ninguém, pelo que a única forma de ter acesso às autênticas obras de arte bélicas provenientes do outro lado do Istmo Negro era através de meios ilícitos, que envolviam sempre emboscadas a sirulianos ou o roubo das suas posses. Qualquer uma das empresas era extremamente perigosa, o que tornava as armas um produto muito difícil de se obter e assaz dispendioso para quaisquer compradores, que também não poderiam ser particularmente escrupulosos para se envolverem em tal negócio. O capitão do barco parecia ser uma dessas pessoas, e parecia que a mentira de Tannath fora suficientemente convincente para o interessar, o que lhe salvaguardava um mínimo de segurança a bordo. Mas eram latvonianos, e todo o cuidado era pouco.

Contudo, durante o dia o eahanoir permitia-se relaxar no convés, passando horas a fio na dianteira como se fosse ele a carranca de proa do navio, uma imóvel e silenciosa figura negra apoiando o pé na abita da amarra da âncora e os braços sobre o joelho com os cabelos e a capa a esvoaçarem ao vento, desbravando o caminho para a embarcação. Cedo descobrira que os seus tortuosos pensamentos se perdiam facilmente na imensidão do mar e por vezes não os tornava a encontrar, o que para o atormentado eahanoir era um alívio e um bem-vindo bálsamo. Acabavam sempre por ser eles a encontrá-lo durante a noite, supliciando-lhe o sono com as dúvidas e conflituosas emoções que o perseguiram desde Jazurrieh. Os assuntos que tinha a tratar com Quenestil e Slayra apenas a si lhe diziam respeito, mas sabia que estava ao mesmo tempo a servir de brinquedo para Illoth, o etharr que arquitetara a sua queda e subsequente degredo, ele e Vinxenia, a traidora. Tannath não podia deixar de se sentir algo ingénuo devido à amarga indignação que lhe grassava pelo espírito. Afinal, poucos conheciam as regras de Jazurrieh tão bem como ele, e sabia bem que se devia considerar afortunado pelo simples facto de estar vivo para lamentar ter sido apanhado numa das inúmeras teias tecidas pelos habitantes da insidiosa cidade. Ficara emaranhado como uma mosca na teia de Illoth, a proverbial aranha que preferira soltá-lo de modo a usar os seus talentos para castigar aqueles que também o haviam ofendido. Talvez fosse a justaposição de interesses no seu incumbimento que azedasse o fígado do eahanoir: a reputação de Illoth fora comprometida pela escapada de Quenestil e Slayra; a vida de Tannath fora destruída pela mesma. Tanto um como o outro queriam que os dois eahan pagassem pelo que haviam feito, mas era Tannath quem estava a ser usado como um não tão involuntário vector dessa vontade mútua. Fora liberto da teia, o que só por si já era uma ignomínia e uma mácula para o seu orgulho, mas o pior era que a aranha o deixara com alguns fios ligados, fios esses que não podia nem queria arrancar, porque o vinculavam a uma incumbência à qual o próprio se propusera...

Felizmente, os seus desordenados pensamentos tornaram a perder-se na vasta planura ondeante do mar, e Tannath deu consigo a inspirar a maresia, enchendo os pulmões com a intensa fragrância marítima e soltando um longo suspiro de olhos fechados. Iria fazer o que tinha a fazer. Depois disso poderia preocupar-se com o futuro, se é que ainda tinha algum após cumprir o seu objectivo. As suas orelhas curvas espertaram enquanto coçava distraidamente as cicatrizes nas costas, captando o ruído de passos que se aproximavam. O eahanoir

olhou de viés para trás para avaliar se a situação justificava virar-se e chegou à conclusão de que sim.

Dois homens, nenhum com ar de quem estava a trabalhar, e ambos com sorrisos bastante mal dissimulados nas caras. Vestiam camisas e calças curtas de cárbaso, o mesmo material usado nas velas, e cada um tinha uma faca de marinheiro ao cinto de cordame. Um deles, o maior e o que tomava a dianteira, olhava Tannath de cima com um olho enquanto o outro contemplava o céu. Tinha um queixo largo de barba mal feita, e o descaído cabelo castanho e seboso emoldurava-lhe a cara. Os seus braços musculosos ostentavam várias toscas tatuagens feitas com a ponta carbonizada de um espeto, e as veias nos seus sangradores eram azuis e salientes. O outro, de um porte pouco mais corpulento do que o do delgado eahanoir e bem mais baixo do que o seu companheiro, tinha um encrespado cabelo preto esbranquiçado por camadas de sal, um pescoço descaído para a frente, dois cobiçantes olhos azuis permanentemente franzidos e uma boca que parecia estar sempre entreaberta. Nenhum tinha dentes particularmente sãos.

Olá, eahanoir cumprimentou o mais alto, com um tom paternalista na profunda voz.

Eahanoir disse o outro com uma voz nasalada, nutando com a cabeça.

Boas tardes, marinheiros retribuiu Tannath, mantendo as mãos a seus lados.

Por que passas os dias inteiros aqui sozinho? quis o marujo vesgo saber.

Sozinho grallhou o homem mais pequeno, tornando a nutar com a cabeça.

O eahanoir não respondeu, fitando apenas o indivíduo mais alto.

A viagem vai ser muito longa. Não gostavas de um pouco de companhia?

Companhia.

Nem por isso... respondeu Tannath secamente, estranhando as insinuações com a sobrancelha do olho tatuado erguida.

Mas devias. Um eahanoir não devia andar sozinho aqui pelo barco...

Barco. O estranho comportamento do homem e o tom nasalizado da sua voz começavam a incomodar Tannath.

Além disso, é sempre bom ter amigos...

Amigos.

Vocês já parecem estar bem um para o outro.

O matulão abafou uma gargalhada cavernosa, rindo com os ombros. O outro limitou-se a soltar uma curta exclamação divertida.

Nós os dois gostamos de ter muitos amigos. É bom ter muitos amigos quando não há mulheres a bordo durante tanto tempo.

Tempo concordou o outro, acenando com a cabeça uma vez mais.

Tannath continuou sem dar resposta, nem sequer quando o homem esticou o braço para lhe mexer nos sedosos cabelos negros com dedos calejados.

Tens um cabelo bonito, eahanoir, como o de uma mulher.

Mulher pairou o outro enquanto o matulão enrolava uma madeixa de cabelo de Tannath com o indicador.

E a tua pele é branca e macia, como a de uma mulher. O homem exibiu os dentes acastanhados com um grotesco sorriso, olhando para Tannath com um olho e para o céu com o outro. Nós os dois vamos gostar de ser teus amigos. Não vamos?

Vamos. Era difícil dizer se o indivíduo respondera ou se limitara a repetir a palavra.

Desta posição, tenho quatro distintas maneiras de vos matar aos dois afirmou o eahanoir categoricamente. Querem escolher uma ou preferem ir-se embora?

O olhar que Tannath lançou a ambos já fizera muitos dos seus congéneres engolirem em seco e era conhecido em Jazurrieh como uma promessa de morte, mas os dois marinheiros não pareceram minimamente afectados. Eram homens do mar, indivíduos pragmáticos e provavelmente antigos mercenários, alheios a palavras e a promessas desprovidas de acções que lhes dessem força e credibilidade. O mais alto sorriu, e o outro esboçou uma expressão semelhante com a boca entreaberta.

És como as mulheres difíceis?

Difíceis.

Não gostamos de amigos difíceis. Mas sabemos o que eles querem quando estão muito tempo no mar.

Mar gralhou o mais baixo enquanto o seu companheiro remexia no bolso costurado das suas calças, tirando dele uma maçã amarela.

Queres, eahanoir? Está verde, mas boa.

Boa.

Tannath dispensou apenas um olhar de relance ao fruto e deu-se por satisfeito por nenhum dos dois poder ver o aumento da salivagem dentro

da sua boca. O homem tornou a rir e ferrou os dentes acastanhados na maçã com um rijo ruído crocante e mastigando com exagerado deleite.

Hmm, boa. Também queres, eahanoir? perguntou, abanando o fruto de forma provocadora defronte da cara de Tannath. Só damos maçãs aos nossos amigos, não é?

É.

Uma vez mais, era impossível dizer se fora uma resposta ou uma repetição.

Vendo que a expressão de Tannath se mantinha inalterada, o homem exclamou em jocosa admiração perante a persistência do seu "amigo" e tornou a levar a maçã à boca.

O eahanoir foi fulminante. Algo molhou os olhos do homem alto, cegando-o momentaneamente e obrigando-o a levar as mãos à cara para os esfregar enquanto cambaleava para trás, inclinando-se para a frente. Quando a surpresa passou, o matulão rosou e destapou a cara, pronto a ser algo mais persuasivo, mas os seus olhos arregalaram-se e os seus dentes cerrados separaram-se quando a sua boca se abriu de espanto.

O braço de Tannath estava esticado, apontando para cima na diagonal. Sumo de maçã pingava da ponta do seu indicador, que trespassara o fruto de um lado ao outro.

O homem mais alto endireitou-se, já não tão disposto a ensinar uma lição ao eahanoir. O outro continuava com a mesma expressão de olhos franzidos e boca entreaberta e olhava para o seu companheiro, aguardando a próxima palavra.

Podes... podes ficar com a maçã, eahanoir.

Eahanoir.

Obrigado agradeceu Tannath, puxando o fruto para fora do dedo e chupando-o sem tirar os olhos dos dois, convidando-os a retirarem-se o mais depressa possível.

Adeus despediu-se o mais alto, virando as costas e estugando o passo na direcção da escotilha.

Adeus finalizou o outro, seguindo-o sem sequer lançar um último olhar ao eahanoir.

Tannath virou-se outra vez para o mar e desembainhou o seu estilete, cortando a porção trincada pelo marujo e atirando-a borda fora, procedendo a comer o resto da maçã. Soube-lhe deliciosamente e o eahanoir devorou-a até ao caroço, retomando de seguida a sua silenciosa vigília sobre o oceano, esperando que os seus pensamentos nele continuassem perdidos pelo menos até ao anoitecer.

Hazabel sentia frio.

Na verdade, não sentia, mas sentia que devia sentir.

Estava confusa.

Rodeada por uma desmesurada vastidão branca, branca em todas as direcções menos no céu cinzento, silenciosa excepto pelo vento que ululava pelo opaco firmamento, lançando ondulantes uivos por toda a extensão do estranho lugar, abanando-lhe os longos cabelos negros.

Agora sim, o vento causava-lhe frio. Fustigava-lhe a cara com violentas baforadas, batia-lhe a roupa contra o corpo, picava-lhe os olhos com a poeira branca que arrastava. Seria neve? Onde estava?

Sentiu-se compelida a andar, embora não soubesse para onde se dirigia. Todas as direcções pareciam ir dar ao mesmo lugar; a nenhures. Não havia nada à vista, nenhuma marca de terreno, nenhuma elevação, nenhuma característica topográfica que diferenciase a zona na qual se encontrava daquela na qual estivera centenas, milhares de passos atrás. Já andara assim tanto? Era difícil dizer, tudo lhe parecia igual, até mesmo o tempo. Tanto podia ter passado toda a sua vida a andar sem rumo como apenas algumas batidas de coração. Não havia sol, mas o céu cinzento tinha uma luz própria que de alguma forma iluminava a monótona vastidão. O que fazia aqui?

Perdida, Hazabel? perguntou uma voz de homem por cima do seu ombro, fazendo-se ouvir de alguma forma no meio da ventania.

O entorpecido corpo da harahan despertou, e a mulher virou-se bruscamente, levantando poeira branca com os pés. Ninguém.

Pareces incerta quanto ao teu propósito comentou a voz, dando ideia de vir detrás da harahan outra vez, mas quando Hazabel se virou, não havia ninguém à vista.

Quem está aí? perguntou, vendo-se forçada a repetir devido ao barulho do vento. Quem está aí?

Eu não estou aqui. Nunca estive. Mas estive sempre aqui. Algo tocou o seio esquerdo de Hazabel, e a harahan rasgou o ar

com as garras, sem perceber como o vulto que se desviou lhe aparecera à frente sem que ela reparasse. Para onde estivera a olhar? O seu mundo estava vertiginoso, o chão pareceu inclinar-se debaixo dos seus pés e a mulher cambaleou com o ímpeto do golpe.

Sempre aí estive, porque sempre estive presente nos teus pensamentos de ódio e rancor, as duas únicas emoções que te têm guiado, querida Hazabel disse a voz atrás de si enquanto a harahan tentava estabilizar o seu mundo para se virar e confrontar o

seu interlocutor. As duas emoções das quais te alimentas e, ao que parece, te alimentam.

A linha do horizonte pareceu estabilizar e Hazabel virou-se, reconhecendo o tom escarnecedor da voz. Um vulto obscurecido, a única imagem que a harahan guardava do *maldito*, a única recordação que tinha do odiado homem, o único vislumbre que este lhe permitira, sempre encoberto pelas sombras que eram o *seu* domínio, não o dele.

Mas nem elas te valem. Estás uma lástima, querida Hazabel, uma mera sombra da harahan que vinculei ao meu serviço, do qual te tens tornado menos digna a cada dia. A voz do desgraçado estava calma e serena, mas o próprio vento parecia carregá-la consigo, espalhando-a por toda a imensidão.

A harahan rosou e tornou a investir, mas a vastidão que a rodeava pareceu girar, ou talvez fosse só o vento, mas de qualquer forma o vulto já lá não estava quando as garras de Hazabel o deviam ter rasgado.

A tua incumbência era relativamente simples, não achas? continuou o *maldito*, sem estar em lado algum desta vez. A harahan olhava freneticamente em redor, mas nem sinal dele. Deixares o rapaz plantar em ti a sua real semente e roubares a Espada dos Reis. Onde é que falhaste, querida Hazabel?

Mostra-te, desgraçado! Eu mato-te!

Achas que isso resolveria alguma coisa? indagou o *maldito* atrás do seu ombro. Hazabel rosou e oscilou o braço para trás, mas apenas atingiu o ar, pois o vulto estava mais alguns passos atrás. Tornou-se esse o objectivo último da tua mísera vida, que antes de mim nem significado tinha?

Gritando de raiva, a harahan investiu, os seus dedos pouco mais do que garras, a sua voz pouco mais do que um berro animalesco. Poeira foi espalhada em seu redor pelo revolvente vento, obscurecendo toda a visão, e Hazabel tropeçou, caindo no chão macio e polvorente. Tentou levantar-se, mas a poeira do solo não lhe sustentava os movimentos e o máximo que a mulher conseguiu fazer foi virar-se de costas, procurando sinais do *maldito* em redor.

Derrotada e eludida por um díspar grupo de desregrados aventureiros vez após vez, escoraçada para lamber as feridas como uma cadela estropiada... continuou a voz a escarnecer, parecendo desta vez vir de uma determinada direcção, para a qual Hazabel se virou sem demora, debatendo-se com o movediço chão.

Um vulto aproximava-se, obscurecido pela poeira branca. Hazabel debateu-se para se conseguir pôr de gatas.

Sua bruxa! gritou uma voz feminina.

A harahan ergueu a cara a tempo de receber um pontapé que lhe fracturou o nariz com um enjoante estalo e fez com que a sua cabeça chicoteasse para trás, por pouco não lhe partindo o pescoço. As suas costas enterraram-se no chão pulverulento e as suas mãos taparam-lhe a cara instintivamente, molhando-se no quente sangue escuro. A voz feminina lançou-se então numa zombeteira e sonora gargalhada, parecendo gabar-se da humilhação da harahan. Hazabel abriu os olhos a custo e viu através dos dedos que lhe tapavam a cara a amiga de Aewyre Thoryn. Cega de dor e raiva, a mulher conseguiu de alguma forma levantar-se e, apesar de o mundo girar à sua volta, chegando quase a tirar-lhe o chão debaixo dos pés, Hazabel conseguiu abater-se sobre a princesa, que continuou a rir mesmo enquanto a harahan lhe caía em cima e lhe escarpelava a carne com as garras, troçando e zombando dela mesmo quando a sua garganta era arrancada, tingindo a poeira branca de vermelho em seu redor. Numa desesperada tentativa de a calar, a harahan cravou-lhe as garras na cara e arrancou-lha com um vitorioso uivo.

Que foi silenciado quando a face irada de Aewyre Thoryn lhe deu ”- lugar, dentes cerrados de raiva e olhos nada mais transmitindo além de ódio e repulsa. Hazabel nem viu o punho que lhe explodiu na cara, tirando-a de cima do guerreiro e lançando-a rodopiante de cara contra o poeirento solo. O mundo girava agora, nem o facto de estar de gatas lhe dava uma mínima sensação de estabilidade. Hazabel tentou a custo levantar-se, mas um pontapé na barriga elevou-a do chão, projectando-a pelo ar e lançando-a a rebolar pela poeirenta neve. O seu nariz sangrava copiosamente, tingindo-lhe a boca e o queixo de negro, fazendo os seus dentes sobressaírem quando a harahan ergueu a aterrada cara para ver o jovem Thoryn avançar na sua direcção com Ancalach desembainhada.

- É isto que queres, mulher? Vem buscá-la... desafiou o guerreiro, avançando de espada em riste.

Hazabel empurrou-se para trás, pontapeando o chão e arrastando-se de costas com as mãos. Queria fugir, mesclar-se às sombras, fugir dali, mas não havia sombras naquele lugar desolado, não havia por onde escapar. Bateu com os ombros contra um par de pernas.

O que se passa querida Hazabel? zabel? A harahan virou-se bruscamente, revelando o obscurecido vulto do maldito. A sua voz perdera toda a falsa suavidade e agora ecoava, reverberando subtilmente, ressoando na sua cabeça. Não é aquele o teu grande objectivo,

a chave para a tua liberdade? Hazabel olhou para o lado. Aewyre Thoryn já não estava lá. Perto, chegas sempre tão perto, perto. Mas inevitavelmente falhas, falhas. Estás destinada a falhar, sua estúpida bruxa... bruxa... bruxa...

O medo deu lugar à raiva desesperada, e a mulher saltou da sua prostrada posição, agarrando as pernas do vulto e derrubando-o, rebolando no chão com ele. Uivando de triunfo, Hazabel preparou-se para o esventrar quando deparou com a cara de Brunken, o lenhador. Surpresa e assustada ao mesmo tempo, a harahan soltou um grito ao ver os olhos revirados e a barba empapada com o sangue que lhe escorria dos cantos da boca aberta.

O que é você, seu monstro? O que fez ao meu marido? berrou uma voz em desespero.

Hazabel virou-se a tempo de ver Alanii, a corpulenta esposa do lenhador, arremessar uma machadinha na sua direcção. A arma guinou furiosamente pelo ar contra a sua cara, produzindo um agudo efeito de chofre.

Não havia sombras.

Não tinha por onde fugir.

A harahan tornou a gritar, fechando os olhos e escudando o rosto com o braço direito, quando o mundo explodiu em dor...

... E Hazabel acordou com um rouco e prolongado arfar, olhando em redor como um animal assustado. O breve momento de confusão e adaptação à estabilidade e aparente segurança do mundo desperto passou depressa, após o qual o seu braço direito estalou em dor pelo cotovelo. A harahan grunhiu de dentes cerrados e agarrou o membro, batendo em algo sólido com a nuca ao impeli-la bruscamente para trás.

Em cruciante agonia, Hazabel esfregou o chão com os pés, arrastando-os por poeira que ao menos cobria um pavimento firme e consistente. Lágrimas brotaram dos seus olhos e a mulher grunhiu em aflição quando os seus dedos se crísparam instintivamente no cotovelo.

Trevas cobriram o mundo, pela graça do Flagelo.

Quando tornou a acordar, o seu braço ainda latejava e doía, mas a dor tornara-se suportável. Hazabel estava alagada em suor frio que lhe cobria o corpo inteiro e com uma desagradável sensação quente e molhada entre as pernas e nas nádegas. A harahan apercebeu-se de que estava sentada sobre uma poça da sua própria urina. Enojada mas sem forças para estrebuchar para longe, Hazabel tacteou em redor por um apoio para a mão do braço são. Estava escuro, onde quer que

estivesse, embora um pálido facho de luar manasse de um grande buraco na parede.

A mulher forçou a embotada mente a pensar. Não se lembrava de ter entrado naquele lugar, a última coisa de que se recordava... o seu grito, o chão a aproximar-se depressa de mais... depois o abraço das sombras, um voo desenfreado, nada mais desejando além de ser para sempre engolida pela penumbra. E nada mais. Não se lembrava mesmo de como ali fora parar. Falhando em encontrar um amparo no que devia ser a parede de madeira, se o seu tacto não a enganava, Hazabel apoiou-se no chão, molhando a mão na poça cálida. Grunhindo, enojada, a harahan rastejou a custo para longe da sua própria urina, arrastando o braço partido atrás de si. Algo pingou da sua cara para o chão, no qual se espalhou com um quase imperceptível ruído molhado, e a mulher reparou no sangue quente que lhe gotejava do lábio superior. Deixando-se cair de ombro no chão, tacteou o nariz e apercebeu-se de que estivera a respirar apenas pela boca, pois as suas narinas estavam estofadas com pedaços de tecido.

Fora partido outra vez, lembrava-se agora. A desgraçada amiga de Aewyre Thoryn, que também a atingira nailharga com uma flecha. Fizera a rapariga pagar bem caro pela afronta; contava mesmo tê-la morto, mas o jovem Thoryn interferira antes que se pudesse certificar. O seu cotovelo partido pareceu também lembrar-se e manifestou-se com uma nova picada de dor que lhe circulou pelo braço inteiro. Veio-lhe à memória a sua aparatosa entrada no pequeno pardieiro desabitado no qual se encontrava, fora ela quem fizera o buraco do casebre, tendo praticamente atravessado a parede de frágeis tábuas milagrosamente afixadas, e a forma como improvisara uma tala com umas quantas, amarrando-as com corda meio gasta após ter reposicionado o agonizante osso. O seu braço partido estava desnudo rasgara a manga para fazer algo, talvez uma ligadura e pôde ver como toda a zona do seu cotovelo estava roxa e inchada.

Que visão patética que deveria proporcionar naquele momento... rastejando, com um braço partido, um nariz estofado a pingar sangue e deixando um rasto da sua própria urina para trás. Onde é que falhara? Quando, como, por que é que tudo lhe começara a correr tão mal? Lágrimas amargas como a bile que lhe era vital picaram-lhe os olhos, e a harahan virou-se de costas para o chão com o braço partido estendido ao seu lado, soluçando involuntariamente e enfurecendo-se como consequência disso. Como chegara a este ponto? Ainda há pouco mais de meio ano era uma harahan livre, livre de vaguear pelas

sombras de Allaryia e alimentar-se a seu bel-prazer, nada devendo a ninguém e obedecendo unicamente aos seus impulsos até que, naquele fatídico dia, veio o ritual de chamamento, semelhante embora em nada parecido com o que fizera para convocar os udagai nas estepes. O círculo profano desenhado no chão fora inscrito a runas em Olgur que Hazabel desconhecia, as palavras pelo maldito proferidas não lhe haviam proposto um pacto, foram compulsivas, coercivas, vinculando-a ao seu serviço por um período de tempo que aparentava ser indeterminado e cujo poder não podia ser quebrado, não pela harahan, por muito que ela tentasse, e tentara com todas as suas forças e mais. Quem era o desgraçado, e como podia ele ser tão poderoso? Como?

Como? gritou a mulher roucamente, esmurrando o chão de terra pisada com o braço sã, erguendo uma pequena nuvem de pó.

A sua única esperança era mesmo recuperar Ancalach e entregar-lha. Só então poderia testar os limites do poder do seu odiado mestre, que deveria perder toda a sua influência sobre a harahan assim que o propósito do qual a incumbira tivesse sido cumprido. Deveria. Não podia ter a certeza. Mas iria sem sombra de dúvida tentar, nem que fosse a última coisa que fizesse.

Um ruído vindo do buraco que criara chamou-lhe a atenção. Recortado contra o pálido luar do exterior, um vulto passara a perna para” o lado de dentro do casebre, praguejando asperamente ao raspar nos pedaços de madeira afiados da entrecortada orla. Hazabel apoiou-se sobre o cotovelo bom e arrastou-se contra a parede, tentando vislumbrar melhor o estranho. O homem notou o movimento e hesitou, mas ao ver que a mulher continuava no chão redobrou os esforços e entrou cambaleante dentro do tugúrio, equilibrando-se desajeitadamente sobre uma perna enquanto passava a outra pelo buraco. Hazabel encostou ombros e pescoço à parede e deixou-se estar, sem tirar os olhos do recém-chegado.

Noitecer longueiro, longueiro. Pútega deixa moinar, ha? O indivíduo cambaleou, sonolento, ou talvez bêbedo. O tom da sua voz denotava uma certa irritação. Moinar solita, solita faz argel. Muito argel! Ha?

O homem começava a falar alto e continuava a aproximar-se, até que tropeçou e teve de se apoiar na parede com as mãos e boa parte do corpo. O luar permitia-lhe apenas ver os trapos remendados que envergava, bem como as mãos e os pés ligados. Hazabel permaneceu quieta, sem mexer um músculo, fixando os olhos negros na cara

obscurecida do indivíduo, tentando discernir-lhe as feições através do desgrenhado cabelo e barba.

Não moina solita, não, não. Eu moino aqui, ha? O homem deteve-se por momentos, coçando os olhos e cruzando-os pela primeira vez com os da harahan, passando-os depois pelo resto, não se esquecendo de incluir as pernas descobertas. Leinas... leinas garulas. Eu moino aqui, leina. Queta leina, ha...?

O Leochlan do homem era impossível, mas o tom falava por si, dispensando qualquer tradução. Ainda com uma mão apoiada na parede, o indivíduo avançou, começando a rir sozinho e a acenar de contentamento com a cabeça enquanto repetia as duas últimas palavras.

Abusada pelo seu mestre.

Estropiada por Aewyre Thoryn.

Agora isto.

Os dedos do seu braço bom retesaram-se, contorcendo-se em garras. O sangue acerbo correu-lhe nas veias, o seu estômago fermentou, trazendo-lhe um sabor acre à boca, que a fez salivar. O homem fedia a álcool e amargura, um indivíduo que se perdera na vida e a culpava por isso, nutrindo profundos ressentimentos. Hazabel puxou as pernas para si e pegou no seu braço entalado, assumindo uma postura defensiva.

O homem discordou com a cabeça, tartamudeando como se algo o tivesse ofendido e executando gestos bruscos com a mão como se quisesse que a mulher ficasse quieta. Hazabel já não ouvia as suas palavras. O seu coração retumbava-lhe nos ouvidos, abafando a voz do homem; os cantos da sua boca humedeceram-se e o seu estômago entrou em ebulição, exigindo, reclamando, reivindicando.

Tinha fome.

Algo desagradou ao homem e ele avançou, desequilibrado e de mãos estendidas.

Cães uivaram e crianças começaram a chorar quando o Distrito das Choças foi acordado por gritos de agonia, que tão cedo não pararam.

UM TOQUE FEMININO

Quenestil não estava satisfeito. O quarto no qual se encontrava juntamente com Aewyre era escuro e abafado, pois as janelas estavam fechadas e a única iluminação provinha dos estreitos fachos de luz amarela do corredor que delineavam contra a parede a porta trancada que ambos ladeavam. Eahan e humano estavam sentados no chão, apoiando os braços sobre os joelhos e as nuças contra a parede, esperando com decrescente paciência pelos tão aguardados ruídos do outro lado da porta. O shura não estava nada contente, pois Slayra conseguira convencer o resto do grupo a seguir um curso de acção ao qual se opusera com toda a veemência, e agora aguardava aqui o seu desfecho, sem nada mais poder fazer além de esperar.

A eahanoir ficara muito tempo sozinha com a princesa no quarto desta no dia anterior enquanto os companheiros esperavam e algo de estranho obviamente se passara, pois Slayra saíra de lá com uma expressão à qual Quenestil já não estava habituado. A eahanna propusera-se a fazer algo, e a subsequente discussão fora violenta.

Nem pensar! lembrava-se o shura de ter gritado. Estás maluca?

Quenestil... tentara Aewyre acalmá-lo. Ela é capaz de ter razão. Pode ser a única...

Não quero saber, está totalmente fora de questão! Em que é que estavas a pensar?!

A eahanoir, contudo, mantivera-se firme, e agora aqui estava ele, sentado, à espera, morrendo de apreensão. O plano não era de todo descabido ou mal pensado, mas só os riscos haviam sido suficientes

para que o eahan o tivesse recusado de imediato sem sequer ouvir Slayra até ao fim.

Vocês chamaram mais atenção que uma parada de Primavera. Agora eles cairão em cima ao primeiro siruliano, eahan ou thuragar que virem à frente, e os proprietários e criados da estalagem também não gostarão muito de vos ver outra vez; são até bem capazes de chamar a guarda se vos puserem os olhos em cima.

Até aí tudo bem, recordou-se Quenestil, mexendo os lábios e os ombros sem emitir sons, como se estivesse a viver a conversa outra vez. Mas depois Slayra ficara maluca, só podia.

Vou eu até à estalagem. Esperem, não digam já que não... o Taislin pode vir comigo porque eles ainda não o viram, mas vocês só iam chamar a atenção e... Quenestil, espera! Deixa-me acabar! Não fosse por Aewyre, o eahan não teria deixado. Vou eu até à estalagem; e não se preocupem que eu arranjo maneira de saber quem é o Ruinen sem dar nas vistas; e... faço-lhe uma proposta que só recusará se vocês lhe bateram onde não deviam. Quenestil não achara graça, mas o guerreiro tornara a acalmá-lo a custo. Levo-o para um quarto alugado e depois vocês fazem o que bem entenderem com ele. Como já disse, o Taislin vem comigo e vai seguir-me como só ele sabe fazer. Se houver problemas, ele ajuda-me, e eu também sei tomar conta de mim.

Apesar de saber ser verdade, o shura descartara o plano na sua totalidade. Estúpido e arriscado, nem pensar, nunca, só por cima do seu cadáver. Houve gritos de discórdia entre o casal e ambos tiveram de ser separados até arrefecerem. O pior era que, a despeito da diatribe de Quenestil, tanto Aewyre como os outros haviam aprovado o plano de Slayra. Reatou-se a discussão assim que os dois eahan se tornaram a aproximar um do outro e só a advertência de Allumno concernente à hipótese de os clérigos de Bellex começarem a relacionar o desaparecimento do relatório com a rixa na Capoeira os forçara a tomar uma decisão que a ver de Quenestil foi apressada. O plano de Slayra fora aprovado e o grupo seguira as instruções da eahanoir, para grande contrariedade do shura, cuja arelia pareceu dar um estranho prazer à eahanna como há muito não o fazia. Worick ficara com Lhiannah, já que seria difícil manter o thuragar longe da sua protegida agora que esta acordara, e Allumno ficara com ele, pois o seu joelho doía-lhe e todos acharam melhor que o mago permanecesse nas Alas para receber assistência de um sacerdote. Taislin seguiria Slayra sorrateiramente, sendo ele a contingência para o caso de alguma coisa correr mal, o que pareceu ter um efeito bastante positivo no

ânimo do até então cabisbaixo burrik. Aewyre e Quenestil permaneceriam no quarto que iriam alugar num qualquer prostíbulo (acabaram por escolher a Arlota Alegre, que pareceu apropriada à eahanoir), e lá aguardariam a chegada de Slayra com Ruinen, cabendo-lhes então a eles aniquilar o bandido, o que apaziguou em parte a fervorosa impugnação do shura. Mas só em parte, pois a cada momento que permanecia sentado no quarto escuro da Arlota Alegre à espera de que Slayra aparecesse acompanhada de um líder de bandidos, ocorria-lhe uma nova forma de tudo correr mal. Slayra não os encontrava sequer. Ruinen recusava os avanços da eahanoir (por muito improvável que fosse, reconhecia com uma dose de ciúme). Ruinen decidia levá-la para as traseiras da Capoeira em vez de ir para outra estalagem. O grupo inteiro decidia levá-la para as traseiras da Capoeira. Taislin metia-se em problemas com os fregueses. Slayra esquecia-se do caminho para a Arlota... pior do que tudo, queria ser ele a acompanhar a eahanoir, para a poder proteger. Por muita confiança que tivesse nas capacidades de Taislin, e tinha bastante, tinha também a certeza de que o burrik pouco podia fazer caso os bandidos decidissem fazer outras coisas com Slayra além das que ela sugeriria ao seu líder. Mas já o tinham visto, e o shura dava-se mal com o bulício da cidade; provavelmente perder-se-ia se tivesse de seguir a eahanoir nas ruas de Val-Oryth.

Não, decididamente não estava nada satisfeito, mas agora nada mais podia fazer além de esperar e orar à Mãe para que tudo corresse conforme Slayra planeara...

Quenestil? perguntou a voz de Aewyre no escuro.

Hum? O eahan não se incomodou a virar a cara. O seu amigo hesitou antes de continuar.

Estás chateado?

”É claro que estou, seu idiota! Ela está grávida, e tu deixaste-a ir pousar a garganta na boca do lobo”, pensou o eahan, mas refreou-se e inspirou fundo para clarear as ideias. Não.

Devia estar, e bastante, mas a decisão foi dela. Vocês só a apoiaram.

Mais um momento de silêncio.

Desculpa. Eu sei que é arriscado para ela, mas o seu plano pode bem ser a melhor e última oportunidade que temos de saber o que aqueles pulhas tiveram a ver com o ataque à estalagem e...

Eu sei, Aewyre, eu sei. Também gosto da Lhiannah, não penses que não, e quero tanto como tu fazer com que os responsáveis paguem pelo que lhe aconteceu, mas meter a Slayra nisto... já quando fomos

atacados na estalagem pelos Fadados, ela foi atingida. Na altura mal reparei, não estava habituado a vê-la assim durante os combates, mas mais tarde apercebi-me de que... de como é fácil alguém lhe bater na barriga, talvez só um encontrão, um raspão de faca, uma queda mal amparada...

Aewyre nada disse, e Quenestil achou por bem não finalizar. Foi preciso mais algum tempo para que o guerreiro tentasse a sua sorte

outra vez.

Ouve...

Sim?

Tens a certeza de que não estás chateado?

Apetece-me dar-te um murro no nariz admitiu o eahan por fim.

E... aos outros?

Também.

Outro breve momento silente.

Não te posso censurar.

Pois não.

O shura ouviu Aewyre coçar a cabeça.

Tu e a Slayra... quer dizer, não é preciso perguntar o que aconteceu na viagem, mas... vocês... digamos que ninguém no grupo esperava. Bom, talvez o Worick...

Por muito aborrecido que estivesse, a verdade era que Quenestil não falava há muito tempo com o seu amigo, e o súbito acesso de culpa da parte do guerreiro podia ser uma rara oportunidade de o fazer nos tempos vindouros. Suspirando, acabou por aceder.

Acho que nenhum de nós o esperava. Ou talvez já o esperássemos há muito e o negássemos, sobretudo eu. Mas, olha, as coisas foram acontecendo, e Jazurrieh foi a prova...

Jazu-quê?

Era verdade, a meio de tudo o que acontecera desde o reencontro, nem sequer houvera tempo para contar o que se passara na Latvonia.

É uma cidade eahanoir. Aconteceu muita coisa e... as memórias ainda são demasiado dolorosas. Aewyre assentiu silenciosamente com a cabeça sem que o eahan visse. A Slayra tinha-se deixado levar para nos salvar; uma patrulha eahanoir tinha dado connosco depois da torre do Iwansk. Eu e... o Babaki fomos atrás deles e acabámos por ser capturados na cidade, e a Slayra tentou tirar-nos de

lá. Depois... aconteceu o que vos contámos, e nós os dois fugimos pela Latvonia até chegarmos a uma vila costeira. Apanhámos um barco aí e... espera.

Ouviram-se passos no exterior e ambos se levantaram instintivamente de costas para a parede com as batidas dos corações aceleradas. O soalho rangeu à medida que alguém avançava pelo corredor, murmurando qualquer coisa ininteligível. A luz que delineava a porta contra a parede foi obstruída por um breve instante, escurecendo por completo o quarto, mas reapareceu de seguida quando os passos continuaram pelo corredor abaixo.

Falso alarme.

Aewyre suspirou, Quenestil lançou uma frustrada exalação pelo nariz e ambos tornaram a sentar-se. O relato fora interrompido e o eahan não parecia ter muita vontade de prosseguir com ele, pelo que o guerreiro optou por uma abordagem diferente.

É ela?

É ela o quê?

Tu sabes... andavas sempre a chatear-me por causa dessas lérias, sempre a dizer que não o farias com qualquer uma, que quando fosse seria a certa, o ciclo natural da procriação...

Sim...? O eahan falhava em ver aonde o seu amigo queria chegar.

Bem, ao que parece vocês já... *procriaram*. E agora? O que vem a seguir?

- É com ela que vais... sei lá, ficar?

Quenestil não respondeu de imediato e Aewyre ouviu-o a coçar o que devia ser o queixo.

Sim. Nós já falámos disso, eu e ela, durante a viagem. É com a Slayra que quero passar o resto dos meus dias.

Aewyre riu, embora fosse um riso tanto alegre como triste devido às memórias de Nabella que as decididas palavras do shura evocavam.

O que foi?

Nada, nada. Aahhh... exclamou, batendo com a nuca contra a parede. É tão... *teu*. Sempre me admirei como é que não te tinhas decidido mais cedo, com tanta eahanna bonita na tua aldeia. A Enadia, se bem me lembro...

Confundes qualquer olhar com lascívia. A Enadia era boa rapariga e uma boa amiga da família, nada mais. Além disso, eu passava demasiado tempo fora de Edranil, e ela sempre foi muito apegada aos seus e à sua casa. Nunca a poderia fazer feliz.

Como queiras... As agradáveis recordações da aldeia eahan dissiparam as funestas memórias de Alyun. Edranil era o seu nome e situava-se num ensombrado vale a Leste do Portão do Norte. Era um bucólico agrupamento de cabanas de madeira com tectos de colmo não muito diferente de uma povoação humana, mas Aewyre sempre se considerara um privilegiado por lá ser bem-vindo. Todos os verões ia acompanhado de uma escolta para as montanhas passar uma temporada com o seu amigo eahan. Ambos corriam pelas vertentes, rebolando pela viçosa relva dos prados, escalavam as escarpas, vendo quem chegava primeiro ao topo, e nadavam nas ribeiras geladas, arpoando trutas que depois comiam enquanto o sol alcançava o seu zénite, banhando o vale com luz dourada e embaçada pela perpétua névoa originada pelas inúmeras nascentes e quedas de água.

O seu saudoso suspiro fora provavelmente audível, pois chamou a atenção de Quenestil.

O que foi?

Ha? Nada, nada. Estava só a lembrar-me de umas coisas... Apoiando-se nos seus punhos, Aewyre ajeitou as nádegas no chão.

Não foi necessária resposta.

Tu ainda te lembras daquela nossa brincadeira, quando pensávamos no que íamos fazer quando crescêssemos, como é que lhe chamávamos, o... *Mata o Drahreg?*

Mesmo no escuro, Quenestil deu consigo a olhar para o guerreiro com um quase infantil canto da boca erguido.

Como podia esquecer? Se não fossem bons eahan, os meus pais ter-nos-iam dado uma bela sova por causa disso. Andar a correr por Edranil a açoitiar as outras crianças...

Ambos riram leve e algo forçadamente, até Aewyre continuar.

Deixa estar que tu também nunca foste o que eu chamaria de um "bom eahan". Mas o que eu queria dizer era... isto acabou por não ser a brincadeira que esperávamos. Quer dizer, nunca foi, mas... percebes?

Não... teve o shura de admitir.

No início, quando eu e o Allumno vos fomos encontrando, era tudo tão... tão... não sei, levar a Ancalach do palácio, a demanda heróica para Asmodeon, os oito bravos companheiros, era... parecia quase uma brincadeira.

E achas que é?

Não, não! Eu quero ir, eu vou para Asmodeon, vou descobrir o que aconteceu ao meu pai nem que... A audaz afirmação pareceu

perder-se. Eu vou descobrir o que lhe aconteceu. Só que pelo meio, tudo o que aconteceu, todas as voltas que demos, tudo o que fizemos, parecíamos... pelo menos eu parecia pensar que podia mudar o mundo e fazer história...

Pareceu a Quenestil estar a ouvir as palavras de Allumno, e não podia deixar de concordar com a introspectiva análise que o guerreiro fizera a si próprio. O silêncio do eahan incitou Aewyre a continuar.

Mas pelo menos fizemos muitas coisas boas, não...?

Sim, claro... Haviam ajudado muita gente, era certo. Mas não deixa de ser verdade o que disseste, e é bom que te tenhas apercebido disso.

Era das poucas alturas nas quais o guerreiro não se sentia bem por ter razão, o que levou ao seu silêncio. Quenestil não tinha verdadeira vontade de continuar, mas sentiu necessidade de dizer algo mais. Além disso, falar sempre era preferível a cismar acerca do que podia correr mal no plano de Slayra.

Só quero que saibas...

Não o digas interrompeu Aewyre, surpreendendo o eahan pelo facto de parecer ter antecipado o que ia dizer. Tu agora tens a Slayra, e ela está grávida. Eu nunca te pediria...

Nem nunca precisarias. Já sabes que podes contar comigo, Aewyre, para o que der e vier. Vou estar ao teu lado sempre que precisares.

Aewyre ainda se debateu com as palavras que estivera para dizer, mas as do seu amigo haviam-nas invalidado. Como poderia contrapor?

A sua mão arrastou-se pelo chão até meio da porta e a de Quenestil encontrou-a, e ambos as apertaram com fraternal força.

Raposa matreira.

Lobo recluso.

E então ouviram as vozes.

Tão rápidos como da primeira vez, os dois amigos levantaram-se, colando-se de costas à parede e sustendo a respiração para melhor ouvir o que se passava no exterior. Passos ruidosos, três ou mais pessoas. Uma das vozes era a de Slayra, disso não havia dúvida, mas não trazia apenas Ruinen consigo. Estava demasiado escuro para que Aewyre e Quenestil trocassem olhares, mas não precisavam da confirmação um do outro para perceberem que o plano não estava a correr como previsto. Slayra devia ter vindo sozinha com Ruinen, quem eram os outros? Os passos estavam cada vez mais próximos da

porta, e ambos hesitavam, músculos tensos, punhos cerrados, corações acelerados.

Os passos detiveram-se diante da porta. As vozes falaram, mas tanto Quenestil como Aewyre tiveram dificuldade em ouvir o Leochlan dos homens devido aos corações que lhes retumbavam nos ouvidos. Slayra falava, como se os tentasse dissuadir de algo. A vontade do shura era abrir a porta e tirá-la dali; a sua mão chegou mesmo a esticar-se cega e indecisamente à procura da aldrava, mas então alguém embateu de costas contra a porta do lado de fora.

Manni-fe, Quenestil! hei umen gen benneain!

Ruinen pegou Slayra pelo braço e puxou-a para si para que os seus dois homens abrissem a porta.

A clave disse, apertando-lhe o braço com avidez.

O quê?

Clave repetiu o homem, unindo os dedos e fazendo com eles um gesto rotativo no ar.

Ah, a chave... Slayra tentava não olhar para a porta enquanto fingia procurar a chave no bolso, temendo dar motivos de suspeita aos

-três indivíduos.

Toste, leina apressou-a Ruinen, tornando a apertar-lhe o braço.

Estás com pressa, garanhão? provocou a eahanoir, sorrindo-lhe. Olha que eu tão cedo não te deixo sair...

O homem devolveu o sorriso, exibindo uma dentadura invejável para um evidentemente sôfrego consumidor de bebida, mas olhava para o bolso de Slayra em sinal de pressa. Quando a eahanna lha apresentou, o homem tentou agarrá-la, mas Slayra escondeu-a atrás das costas, erguendo o queixo e rindo de um modo divertido e quase infantil.

Brincar é lá dentro, leina firmou Ruinen, agarrando-lhe o pulso atrás das costas e puxando-lho com força. Slayra soltou uma exclamação de falsa admiração, embora a sua vontade fosse escolher uma das várias formas que naquela posição tinha de o aniquilar. Só que eram três homens, e a preocupação de Quenestil não era de todo infundada, por muito que lhe desagradasse. Agora, após a discussão com o eahan, sentia uma ligeira impressão na barriga só de pensar na hipótese de ser agredida no seu estado. Sem nunca deixar de sorrir, a eahanoir deixou-o tirar-lhe a chave da mão e entregá-la a um dos outros dois homens, que prontamente abriram a porta e entraram.

”Não é nenhum idiota, este Ruinen”, admitiu Slayra enquanto olhava para o chefe do bando.

Não fora difícil dar com eles; encontrara-os na mesma mesa que Aewyre lhe indicara, comendo e bebendo como se nada se tivesse passado no dia anterior. Alguns ostentavam marcas e feridas da luta, mas pela forma como riam e bebiam, ninguém diria que estavam apreensivos ou aborrecidos com esse facto; pareciam bastante seguros de si. Também não fora difícil chamar a atenção de Ruinen, nem tão-pouco convencê-lo a ir para um lugar mais privado, embora o homem se tivesse feito acompanhar por dois dos seus rufias. Despreocupado talvez, mas não descuidado...

Que disseste, leina? quis o homem saber, cingindo-lhe a cintura com as mãos calejadas, olhos brilhantes de desejo que não fazia por esconder.

O quê, quando? fingiu Slayra atabalhoar-se.

Na porta, leina. Que disseste?

Ah... A eahanoir desceu o indicador pelo esterno de Ruinen, olhando-o de baixo. Só uma coisa que dizemos na minha terra.

Donde vens, leina? As mãos do homem deslizaram-lhe até às nádegas e nelas se fincaram. A sua cara estava suficientemente perto para inebriar os sentidos de Slayra com o hálito a cerveja. A eahanna riu entre dentes.

Do outro lado da montanha... Se o homem a percebera, não o deu entender, pois pareceu repentinamente mais interessado no seu pescoço.

Slayra fingiu prazer e olhou para as escadas por cima do ombro de Ruinen, avistando a pequena cabeça de Taislin. O burrik estava quieto e aguardava o sinal que a eahanoir lhe deu, fazendo-lhe um gesto afastador com uma mão enquanto a outra roçava as costas de Ruinen. Taislin acenou com a cabeça e desapareceu ao mesmo tempo que os dois homens de Ruinen saíam do quarto, satisfeitos com a infrutífera busca.

Anda, leina sussurrou-lhe Ruinen ao ouvido, puxando-a pelo braço para dentro do quarto e ladrando uma última ordem aos seus homens sem sequer olhar para eles. Quedem-se aqui. Vou demorar. E fechou a porta.

Os comparsas de Ruinen haviam aberto a janela, permitindo a entrada a um fecho de luz que iluminava parcamente o cubículo mobilado com uma modesta cama e um lavatório com um jarro de cerâmica rachado e uma bacia. O homem arrastou Slayra apressadamente

até à cama, atirando-a para cima do rangente leito e começando a desapertar as calças. A eahanoir levou a mão instintivamente ao ventre, mas escondeu o seu desagrado pela brusquidão do tratamento, puxando as pernas candidamente para si.

Que disseste na porta, leina? insistiu o homem em saber enquanto puxava as calças para baixo.

Slayra hesitou antes de responder.

Queres mesmo saber?

Diz-me, leina. A eahanoir fez-lhe um convidativo gesto com o indicador, e Ruinen não se fez de rogado, por pouco não lhe saltando em cima. Que disseste? repetiu de cócoras sobre a eahanna.

Esconde-te, Quenestil. Dois humanos vão entrar.

O cenho de Ruinen enrugou-se, dúbio, e a sua boca ficou hesitantemente entreaberta. Sem tirar os olhos azuis-claros dos do homem, a eahanoir sorriu.

Ruinen soltou um ruído estrangulado quando um forte braço lhe cingiu o pescoço e o puxou para trás, arrancando-o estrebuchante da cama. Um rosnido vibrou-lhe ao ouvido e um punho firme enterrou-se-lhe duas vezes nos rins. O homem agarrou o braço que o estava a estrangular, expondo a sua barriga ao indivíduo alto que lhe apareceu à frente e lha esmurrou, forçando-o a expelir o pouco ar que lhe sobrava numa única e violenta arfada. Slayra lembrou-se dos dois homens que estavam postados do outro lado da porta, e a primeira coisa que lhe veio à cabeça foi fingir que sentia prazer da mais barulhenta forma possível.

Aewyre e Quenestil sobressaltaram-se com o ruidoso gemido que a eahanoir soltou, parando momentaneamente e olhando para ela com expressões alarmadas. Ruinen deu um desesperado pontapé na perna do guerreiro e uma cotovelada no abdómen do eahan.

Do outro lado da porta, os dois homens de braços cruzados ouviram o sonoro gemido, seguido de um ruído de intensa actividade no interior. Olharam um para o outro e, assim que outro gemido se fez ouvir ao mesmo tempo que um corpo colidia contra uma parede, um deles abanou a mão, franzindo os lábios e acenando aprovadoramente com a cabeça. O outro riu e abanou a sua, fazendo tenções de perguntar ao seu chefe se o poderia dispensar naquela noite.

Encostado à parede, Quenestil grunhiu quando os dentes de Ruinen se ferraram no seu braço, mas antes que pudessem rasgar-lhe a pele, Aewyre tornou a esmurrar o estômago do homem, agarrando-lhe

uma contorcendo a perna. Slayra gemeu audivelmente, olhando com apreensão para a porta. Rosnando de irritação, Quenestil crispou os dedos no punho do facalhão e desembainhou-o, sibilante, encostando a ponta debaixo da maxila de Ruinen. Aewyre já tinha o punho atrás para agredir o homem outra vez, mas o toque frio e pontudo do aço foi o suficiente para que parasse. Slayra tornou a gemer.

Fica quieto, ou *corto-te as goelas* ameaçou o shura e, tendo ou não percebido, Ruinen pareceu levar as suas palavras a sério.

Aewyre agarrou-o pelos cabelos e forçou-o a olhá-lo nos olhos, por pouco não roçando o nariz de Ruinen com o seu.

Ouve-me bem, escumalha. Foram os teus homens que atacaram a estalagem há duas noites, não foram? Perante a hesitação do homem, o guerreiro cerrou os punhos, puxando-lhe o cabelo e sacudindo-lhe a cabeça em movimentos curtos e bruscos. A estalagem. Foram os teus homens que a atacaram?

Slayra gemeu.

Sim, sim, gaiato! admitiu o homem, estrangulado e com a cara vermelha. Foram os meus homens, foram eles! Sim!

Quem é que vos enviou? Quem foi? Ou foram vocês que nos quiseram atacar?

O quê? Não...

Aewyre afundou o punho na barriga de Ruinen, fazendo-o dobrar-se e por pouco não levando Quenestil consigo para o chão. Slayra gemeu e sacudiu a cama de forma a que rangesse.

Quem vos mandou, desgraçado? reiterou Aewyre, levantando a cabeça de Ruinen pelos cabelos. Quem foi? Por que é que nos atacaram?

Não! arfou Ruinen. O tabernário devia-nos dinheiro... protecção para estalagem... Fomos receber dinheiro... só isso... gaiato!

O guerreiro apertou-lhe os cabelos.

Estás a mentir, escumalha?

Não, gaiato... A voz do homem soava estranha, afogada. Juro... eu... Tremeu com uma convulsão.

Cuidado! silvou Quenestil, largando o homem para que caísse de joelhos para vomitar.

Slayra lançou um alto e longo gemido. Aewyre rosnou de raiva e frustração e desferiu um pontapé na cara de Ruinen, silenciando-o. Slayra suspirou o mais alto que pôde, deixando o suspiro arrastar-se a bem do realismo. Os três ficaram então quietos, olhando para o corpo inerte do homem no chão sobre o seu próprio vomitado.

Porra! sibilou Aewyre, esmurrando a palma da sua própria mão.

E agora? perguntou Slayra, saindo de cima da cama e antecipando a pergunta de Quenestil, que olhou para o seu amigo, expectante.

Agora nada. Vamos sair daqui disse o jovem, e os três encaminharam-se para o alçapão no canto do cubículo no qual o humano e o eahan se haviam escondido. Ao que parecia, a Arlota Alegre prezava muito a privacidade dos clientes que a desejavam, razão pela qual alguns dos seus quartos eram providos de acessos subterrâneos que iam dar aos estábulos da estalagem do outro lado da rua, o que servia de álibi para todos os que quisessem manter as aparências.

O alçapão revelava uma íngreme escadaria de madeira apertada entre duas paredes de pedra, que descia para um estreito e húmido corredor. A candeia que haviam usado para vir dos estábulos ainda ardia num nicho coberto de teias de aranha, e Aewyre arrancou-a de lá, caminhando a furiosos passos pelo corredor abaixo. Quenestil ajudou Slayra a descer e abraçou a eahanoir quando esta assentou os pés no chão molhado por infiltrações, suspirando de alívio.

Não voltes a fazer isto sussurrou-lhe ao ouvido antes de começar a andar, puxando-a pela mão. Slayra não respondeu.

Aewyre não esperou pelo casal, obrigando-os a apressarem o passo para acompanharem as suas longas e frustradas passadas.

Aewyre tentou Quenestil sugerir, não achas que devíamos...

Ele não sabe nada interrompeu-o o jovem, falando para a frente. Não passavam de escumalha, ele e o seu grupo, só perdemos tempo com eles.

O shura não tentou discordar e Slayra também não viu motivos para o fazer, razão pela qual se mantiveram calados até chegarem à escadaria que levava ao exterior. Aewyre galgou os degraus com dois passos e tentou abrir o alçapão, mas algo pesado estava por cima dele, provavelmente o moço das cavaliças. Duas pancadas foram o suficiente para o confirmar, pois ouviu-se o ruído de madeira a raspar no alçapão e este foi prontamente aberto, banhando o húmido túnel com luz do exterior. Aewyre inclinou o tronco para a frente para sair e apagou a candeia com um forte sopro, entregando-a ao rapaz, um pequeno diabrete pálido com cabelos da cor e consistência de palha. Taislin estava a seu lado, olhando em expectativa para o guerreiro.

Foi jucundo, senhor? perguntou o rapaz despidoradamente, entregando-lhe a capa.

Foi respondeu Aewyre sem saber ao certo o que o moço das cavalariças queria dizer, mas presenteando-o com uma pequena moeda de prata na mesma. Anda, Taislin.

O rapaz agradeceu e enfiou a inesperada alvíssara no bolso, fazendo um olhar surpreso ao ver o companheiro do generoso cliente sair do alçapão abraçado a uma mulher. Imaginando razões certamente pouco ortodoxas para aquilo que via, o moço foi incapaz de esconder uma risada enquanto entregava ao eahan a sua capa. Quenestil e Slayra fecharam o alçapão e deixaram-no para trás a rir sozinho, mais preocupados com o seu amigo, que já enveredara pela rua desprovida de pavimento.

Aewyre, Taislin, esperem! disse-lhes Quenestil, atando a capa ao pescoço e puxando o capuz para a frente. O guerreiro deteve-se e olhou para trás, lembrando-se de cobrir também a cabeça enquanto esperava que o casal o apanhasse, pois mais do que um olhar se voltou na sua direcção. Tem calma, homem; até parece que vais bater em alguém...

Aewyre inspirou fundo, suspirou e deixou descair o queixo, olhando para o chão lamaroso como se nele pudesse encontrar as suas respostas. Os três ficaram parados no meio da rua, cercados pelos transeuntes distraídos que por eles passavam.

Vê as coisas desta forma: pelo menos agora já sabemos que não foram eles recomendou Slayra.

O que nos deixa com pouco mais além dos próprios Filhos do Flagelo concluiu o jovem, olhando para ambos os eahan.

Tens a certeza? Podemos voltar atrás e...

Não, Slayra, deixa estar. O teu plano foi bom, mas eles não sabem mesmo nada. Estou convencido de que só foram apanhados no meio. Mas os Filhos do Flagelo...

Quenestil pôs-lhe a mão no ombro.

Estás bem?

Aewyre fechou os olhos e acenou afirmativamente com a cabeça, pousando brevemente a mão sobre a do eahan.

Vamos voltar para o templo. O Allumno deve ter alguma ideia que ainda não partilhou connosco.

Pois concordou o shura, mais para animar o seu amigo do que por acreditar mesmo nessa possibilidade. Ele já deve ter pensado em alguma coisa entretanto.

Senão, pode ser ele a procurar acrescentou Slayra. Toda aquela meditação tem de servir para alguma coisa. Nem que ele tenha de esquadrinhar o Pilar...

O comentário mereceu um sorriso do guerreiro, que deu um brando murro no queixo da eahanoir, indicando aos três com um gesto de cabeça que continuassem o caminho, virando-lhes as costas para os conduzir. Os eahan e o burrik retomaram o passo, e Slayra levou as pontas dos dedos ao queixo de cenho franzido.

O que foi aquilo? perguntou, perplexa com o gesto.

Quer dizer que gosta de ti.

A eahanna virou a cara para fitar Quenestil.

Acho que tu também gostas, e fartaste-te de me bater. E assim que os humanos e os eahan da montanha mostram afecto?

O shura ergueu o sobrolho, continuando a andar, olhando em frente.

Achas?

Slayra riu jocosamente.

Era só para ver se prestavas atenção. Como o eahan não reagiu, Slayra abraçou-lhe o braço. Coitadinho. Estavas muito preocupado?

Imagina... com licença pediu Quenestil, evitando esbarrar contra um pedestre. Não, não estava nada preocupado.

E agora não vais olhar para mim por causa disso, é? O tom de Slayra era chistoso, e o shura continuou sem responder. Ou não gostaste que os outros me tivessem dado razão? Ficaste amuado com isso, foi?

O seu braço que envolvia o do eahan tocava-lhe o torso, e a eahanna sentiu-o vibrar com o que só podia ser um rosnido. Sentiu-se algo infantil por o fazer, mas há demasiado tempo que não via Quenestil assim.

Ou estavas só com ciúmes por eu me ir deitar com o Ruinen? Realmente, foste um bocado bruto com ele, e...

Rápido de mais para que Slayra pudesse reagir, o shura pegou-lhe pela nuca com a mão livre e tapou-lhe a boca com a sua. A eahanoir estacou como um coelho apanhado num cordel, inicialmente incerta quanto ao que acontecera, mas acabando por se deixar deleitar na prazenteira armadilha. Quenestil puxava-lhe a cabeça para baixo e, leve como se sentia, Slayra só não caiu ao chão porque o braço do eahan lhe cingiu a cintura. Quando os seus pés tornaram a assentar no chão, Slayra piscou os olhos e ajeitou o cabelo. Vários transeuntes sorriram ao passar por ambos, parecendo aprovar o que viam.

Assim não vale... queixou-se a eahanoir.

Anda disse o shura com um canto da boca erguido. Ainda perdemos o Aewyre.

A cabeça encapuzada do jovem ainda era visível acima da multidão, mas o casal teve de se apressar para não o perder de vista nas apinhadas ruas de Val-Oryth.

INCURSÃO NO PILAR

Allumno nunca tivera problemas em ficar sozinho com Worick. O thuragar era mal-encarado e tinha poucas palavras a dispensar, nada fazendo para encorajar uma conversa e tudo fazendo de forma a desencorajar uma que porventura tivesse começado, seguramente contra a sua vontade. Era capaz de ficar horas a fio sem emitir um único som, olhando para o vazio se necessário fosse, ruminando os seus pensamentos enquanto franzia os lábios para coçar as narinas com o bigode, ou ocupando-se com o seu eternamente tosco bloco de pedra, que a cada dia ficava mais pequeno sem nunca ter assumido uma forma consistente. Em suma, era o companheiro ideal para quem como o mago precisava de paz e sossego para meditar, mas desde que Lhiannah despertara, o thuragar parecia ter ganho uma nova língua, que crescera da noite para o dia e aparentava ter florescido em todo o seu duvidoso esplendor. Os outros haviam partido de manhã para armarem a cilada ao tal Ruinen, e Worick não se calara desde então, repetindo sobretudo as perguntas que já fizera aos sacerdotes e cujas respostas certamente apenas desejava corroborar. Quanto tempo até a Lhiannah recuperar? Quando é que ela conseguiria falar outra vez? Quando podia sair da cama? Não devia apanhar sol e ar fresco? O quarto não estava demasiado frio para ela? O que é que lhe podia dar de comer? Como? Porquê? Até quando? Que cuidados tinha de ter enquanto a ajudava nas suas necessidades? Por que é que era melhor ser uma laica a fazê-lo? E por que se queixava ela do ouvido esquerdo? Não era melhor limpá-lo outra vez?

Allumno era um homem paciente, mas mesmo ele agradeceu aos deuses quando uma laica bateu à porta para lhes trazer o almoço: um

tabuleiro com pão de centeio, uma rodela de queijo, três taças com caldo de galinha e nabos, umas chapas esbranquiçadas com uma crosta castanha (que a mulher explicou tratar-se de "leite cozido") e três canecas de madeira com a bebida de centeio fermentado chamada *kashkm*, que os tanarchianos tanto pareciam apreciar. Com Worick ocupado a almoçar e a dar de comer a Lhiannah, Allumno pôde tomar a sua refeição em relativo descanso, tendo apenas de responder a duas ou três perguntas. Quando terminou, o thuragar ainda pegava na nuca de Lhiannah que, com as costas apoiadas num reforço de almofadas encostadas à cabeça da cama, engolia as colheradas de caldo sem grande apetite, parecendo ter mais vontade de dormir, mas palavra alguma proferida por Allumno ou por qualquer sacerdote iria demover o velho guerreiro de alimentar a sua protegida. A princesa ainda estava algo apática, provavelmente a lidar com tudo o que lhe acontecera, e que não fora de todo de pouca monta. A harahan podia tê-la morto, pela descrição de Aewyre, e todos podiam constatar com os próprios olhos as marcas da violência do ataque. O facto de a arinnir ter sobrevivido a tão brutal espancamento de uma harahan que quase estrangulara o Aewyre apenas convencia o mago da fibra e ténpera da rapariga. Sobrevivera e iria ultrapassar a situação, disso estava certo, mas também já o repetira vezes de mais a Worick, e Lhiannah não parecia prestar-lhe atenção quando lho dizia.

Limpando os cantos da boca com o polegar e esfregando-o com os restantes dedos, Allumno apercebeu-se de que aquela talvez fosse a sua melhor oportunidade do dia para meditar. Os outros voltariam em breve, e por alguma razão o mago não estava preocupado com eles, talvez por ter mais confiança na astúcia e nos ardis de Slayra do que nos impulsos irreflectidos de Aewyre. Em todo o caso, de nada lhe serviria ficar apreensivo. O corte na sua ténpora já começava a sarar e o seu joelho fora tratado pelos sacerdotes e já só lhe doía pouco mais do que o habitual, mas ainda assim havia-lhe sido recomendado que não o esforçasse demasiado. Pouco mais podia fazer além de aguardar a chegada dos seus restantes companheiros, pelo que o melhor seria ocupar esse tempo em algo mais produtivo do que responder às incessantes e repetitivas perguntas do thuragar.

Vou meditar, Worick avisou, erguendo-se da cadeira e puxando-a para a parede, longe da cama. Não te vou ouvir se falares comigo.

O thuragar olhou de relance para o mago e grunhiu qualquer coisa. Alimentar a Lhiannah parecia ao menos tê-lo acalmado e dissipado

algumas das suas dúvidas, e só por isso o mago deu-se por satisfeito. Arrastou a cadeira até à parede, à qual a encostou, e sentou-se nela devido à sua indisponibilidade física para cruzar as pernas. Fechou os olhos e inspirou fundo, tentando abstrair-se da posição pouco usual na qual se encontrava para meditar e relaxar o seu corpo de forma a permitir a libertação do espírito. Acompanhou as batidas do seu coração com batidas rítmicas dos seus dentes como apoio sensorial para entrar em sintonia com o seu pulsar vital. Entrelaçou os dedos e pousou as mãos ao colo, tocando no umbigo com os polegares erectos e unidos, inspirando cada vez mais longa e profundamente e sentindo as batidas do coração a abrandarem progressivamente. Os freios corporais que lhe restringiam o espírito fraquejavam, adormeciam, e a gema na sua testa começou a cintilar com uma vida própria, qual farol a alumiar o caminho para a alma pronta a navegar nos mares sidéreos do Pilar de Allaryia.

A imersão nas águas etéreas foi um verdadeiro bálsamo para o mago. Aqui, na imensidão transluzente, era livre, podia voar, o joelho não o incomodava minimamente, sentia-se revigorado pelo banho de Essência no qual o seu espírito mergulhara e que lhe preenchia cada fibra do âmagos do seu ser com uma sublime sensação de inteireza. Era uma impressão à qual todos os magos acabavam por se habituar, mas há já algum tempo que Allumno não se aventurava pelo Pilar, e o ferimento no seu joelho tornou toda a experiência ainda mais deleitosa. Sentir-se-ia Zoryan sempre assim? Seria a existência do seu mestre no Pilar preferível à vida que levava em Allaryia? Nunca considerara essa possibilidade, mas de qualquer forma pareceu-lhe altamente improvável que assim fosse. Por muito vigorante que fosse a sensação de estar imerso na própria Essência, o sangue do Delta, a fonte de energia que movia Allaryia, passar uma existência inteira na descolorida e monótona vastidão do Pilar, pontilhada apenas pelas disformes almas e essências vitais dos seres vivos, seria mais do que qualquer mente sã poderia suportar. Se Zoryan não tivesse a capacidade de se deixar absorver temporariamente pelo Pilar, como era o destino de qualquer homem ou mulher que fizesse uso da Essência ao longo da vida, Allumno estava certo de que já teria enlouquecido. A gema que tinha incrustada na testa permitia ao seu mestre fazê-lo, libertar-se por breves períodos de tempo dos inquebráveis laços que o haviam lentamente vinculado à Essência enquanto dela fizera uso durante a sua vida, impedindo que a sua alma se fundisse permanentemente ao Pilar e permitindo-lhe manter a sua consciência. O mago não podia

deixar de admirar o seu mestre, por ter prescindido do seu indubitavelmente merecido repouso após uma vida repleta de grandes feitos e eventos pelo simples facto de julgar que o seu trabalho não terminara. A gema anímica fora um plano de contingência, e através dela o arquimago assegurara um sucessor que poderia dar continuidade à sua tarefa. Zoryan nunca lho dissera, mas Allumno estava certo de que o seu mestre nunca daria o seu trabalho por terminado enquanto não soubesse o que realmente acontecera a Aezrel Thoryn, seu amigo e companheiro de armas. Durante os últimos vinte anos o arquimago esquadrinhara o Pilar à procura de vestígios do rei sem linhagem, chegando mesmo a questionar o próprio Guia. Allumno suspeitava de que fora essa uma das principais razões para o seu mestre não ter levantado qualquer tipo de objecção quando soubera dos intentos de Aewyre...

O mago captou um acentuado movimento rápido na sua visão periférica, que o despertou para a translúcida realidade do Pilar, e olhou na irrelevante direcção na qual lhe parecera ver algo mexer-se. À sua volta via as almas luzentes de Worick e Lhiannah, o quase cegante fulgor de Ancalach debaixo da princesa, e os espíritos luzidios dos habitantes de Val-Oryth, pois as inanimadas paredes não representavam qualquer tipo de barreira no Pilar. Olhou para cima, que também podia ser para baixo, e viu uma manifestação que também o fitava a ele.

Ambos ficaram parados a olhar um para o outro. A projecção que Allumno avistava era a de uma jovem mulher de cabelos curtos, mas pouco mais podia ver além disso, visto que as manifestações nunca eram particularmente nítidas a menos que o manifestador se esforçasse para esse efeito. Tinha a distinta impressão de já a ter visto algures, mas foi incapaz de a associar a um nome ou a uma cara conhecida. Não era habitual cruzar-se com outros magos no Pilar, e o recente ataque dos Filhos do Flagelo e o facto de Ancalach se encontrar naquele local fez com que o mago visse a situação do pior ângulo possível. Ainda assim, tentou estabelecer contacto.

Saudações... disse, cauteloso.

A resposta da mulher veio na forma de uma flamante saraivada, mas Allumno não foi apanhado desprevenido. Desenhou uma concha verde à sua frente, que absorveu o ataque e se desvaneceu. Sabia agora que as intenções da mulher não eram amistosas, e o seu primeiro instinto foi o de impedir que se dissipasse de forma a poder questioná-la. Um rápido escrutínio em redor ampliado através de Essência

permitiu-lhe ver o rasto etéreo que a manifestação da mulher deixara no Pilar como todas faziam, parecida com a trilha que um seixo deixa à superfície da água, em constante tremulação, permitindo às projecções dos magos encontrarem o caminho de volta para os seus corpos, pois o acto de dissipar não mais era do que uma fusão temporária ao Pilar que lhes permitia voltar ao seu ponto de origem. Antes que a mulher tivesse tempo de o fazer, Allumno canalizou Essência e executou um gesto brusco com o braço, esborratando a trilha como um pincel molhado sobre tinta. Não era nada permanente, mas o mago esperava que lhe desse tempo suficiente para conseguir extrair algumas respostas da inesperada visitante. A muda manifestação da feiticeira ficou claramente consternada ao ver a sua única saída bloqueada e a sua reacção foi disparar em fuga. O mago seguiu atrás dela e ambos singraram pelo oceano etéreo como dois velozes peixes. A mulher virou-se para trás, continuando a voar, e gesticulou freneticamente com os braços, projectando crepitantes discos elipsoidais que explodiam em redor de Allumno conforme este se ia habilmente desviando deles.

Não tenho razões para a atacar tentou uma vez mais. Cesse as suas agressões.

De nada serviu, pois a feiticeira limitou-se a tocar com as pontas dos dedos umas nas outras, afastando-as num gesto amplo e com elas tecendo uma espécie de rede filamentosa que largou e que se expandiu, envolvendo o seu perseguidor. O voo de Allumno foi momentaneamente travado, mas o mago limitou-se a cruzar os braços de punhos cerrados, infundindo-se de Essência, e a rede dissolveu-se como uma teia de aranha perante fogo. Retomou o adejo com a gema a brilhar na testa e não tardou a ficar perigosamente próximo da mulher outra vez.

- É o meu último aviso. Cesse de imediato as suas agressões.

Se a feiticeira o ouvia não dava sinais disso, pois as rajadas que disparou contra o mago eram claramente agressivas e tiveram de ser bloqueadas. Allumno conjurou uma barreira energética à frente da mulher, que não a viu a tempo de a evitar e teve de se infundir ela também com Essência, atravessando-a e estilhaçando-a com a própria manifestação do seu corpo. O mago aproveitou o seu instante de atordoamento para a fustigar com uma descarga de sinuosos coriscos que nela rebentaram em rápida sucessão, nada excessivamente forte, apenas algo para a estontear o suficiente para conseguir falar com ela. A mulher girou pelas águas do Pilar como uma concha apanhada em

correntes adversas, e Allumno achou que conseguira transmitir a sua mensagem, detendo-se e aguardando de braços cruzados que a sua renitente adversária se recompusesse.

Podemos falar agora ou devemos dar continuidade a esta querela sem sentido? perguntou, embora não estivesse certo de que a mulher o ouvia ou percebia. Preferia evitar forçar o contacto até tal se tornar necessário.

Apercebeu-se de que era necessário quando constatou que a mulher fingira fraqueza e oscilou bruscamente com o braço, criando uma espécie de chicote escarlate que o mago mal conseguiu evitar, erguendo um escudo no último instante. Contudo, o chicote serpenteou em redor do escudo e a feiticeira agarrou algo invisível com a mão, puxando-a. A cauda do chicote contornou a barreira e estalou com um violento crepitar contra o mago, atordoando-o e permitindo à mulher atingi-lo em cheio com uma rajada amarelada que o projectou para trás, onde quer que "trás" fosse. Enquanto Allumno voava para uma direcção indeterminada, a mulher tornou a pôr-se em fuga, rápida como se a sua vida disso dependesse, canalizando tanta Essência quanta lhe era possível para se distanciar. O mago recuperou pouco depois e retomou a perseguição, decidido a ser menos brando desta vez. A feiticeira estava a agir como uma ratazana encurralada, fugindo sempre que podia e mordendo cegamente quando encostada à parede. Não havia lugar no Pilar para o qual pudesse fugir, e com o trilho etéreo que deixava para trás era-lhe impossível esconder-se ou fazer com que Allumno a perdesse de vista. Era só uma questão de tempo até a apanhar, e cedo começou a ganhar terreno. A mulher olhou para trás e, ao ver o singrante mago com um sobrenatural brilho escarlate na testa, girou em si, voando de costas, e dividiu-se em cinco manifestações idênticas que tomaram rumos diferentes com o intuito de o despistar.

Cinco, pensou Allumno. Fora do Pilar, só um mago de grande poder conseguiria manter a concentração para criar cinco réplicas suas que lhe emulassem os movimentos com exactidão, mas dentro da própria fonte de Essência de Allaryia era um feito menor. Ainda assim, ajudou o mago a calcular a experiência e as capacidades da mulher que, pelo que até então vira e julgando pelas meras cinco réplicas, não deviam ser de forma alguma superiores às suas. De qualquer forma, o seu mestre já o enganara vezes de mais com ilusões nos treinos para que Allumno caísse no truque. As réplicas da mulher não deixavam trilho nas essenciais águas do Pilar, pelo que o atento

mago as ignorou e continuou a perseguir a original, recebendo uma desnecessária confirmação quando todas menos uma o bombardearam com inofensivas rajadas, raios e coriscos, desaparecendo à medida que a feiticeira era forçada a concentrar-se para que efectuassem movimentos mais complicados do que um simples voo e para criar efeitos semelhantes aos ataques que desejava simular. Aflita e dando mostras dos primeiros indícios do desespero, a mulher descartou as réplicas, que piscaram para fora da sua ilusória existência, e desencadeou uma multiforme e polícroma saraivada capaz de nivelar um edifício fora do Pilar. As defesas de Allumno aguentaram o assalto sem grandes dificuldades, e o mago navegou através de estouros, explosões e deflagrações, esperando o momento adequado para lançar o seu incapacitante ataque.

À distância podia ver um grande aglomerado de pontos brilhantes, provavelmente uma cidade na qual a mulher esperava conseguir despistá-lo no meio da profusão de almas. Allumno não fazia questão de lho permitir, mas a feiticeira tornou a surpreendê-lo com uma engenhosa aplicação da Essência, fazendo uso da que o rodeava para lhe turvar o caminho, manipulando-a de forma a ofuscar o mago, que perdeu momentaneamente o rumo. A mulher podia não ser muito experiente, mas havia certamente aprendido alguns truques. Allumno precisou de alguns momentos para clarear o globo de Essência fosca que o envolvia, momentos esses que a sua célere perseguida aproveitou para se embrenhar pela cidade adentro. Bastante mais perto de estar genuinamente irritado, pois o incidente na Capoeira deixara-o algo abespinhado, Allumno impulsionou-se na sua direcção com um estampido de Essência, vendo as luzentes almas passarem-lhe rapidamente ao lado como um enxame de pirilampos. A manifestação da mulher ziguezagueava por entre elas, obstruindo perspicazmente a linha de fogo do seu perseguidor. Nada do que Allumno fizesse no Pilar poderia de alguma forma afectar as almas ou os corpos das pessoas que via em seu redor, quando muito causar-lhes-ia uma ligeira dor de cabeça com os distúrbios essenciais de eventuais ataques, mas não valia a pena disparar em redor na esperança de acertar na mulher e optou por conter o seu ataque até ao momento certo, que pensou chegar assim que entraram numa zona menos populosa da cidade.

Contudo, a mulher confundiu-o ao lançar uma sequência de rajadas contra uma alma cercada por místicas barreiras roxas. Questionou-se brevemente acerca do propósito de tal acto e da identidade do

visado, mas viu também que a altura era a ideal para imobilizar a mulher. Apontando contra a sua perseguida com o indicador, Allumno direccionou um fino feixe escarlata da gema na sua testa, que singrou e penetrou nas costas da mulher, tingindo-as com pulsante energia vermelha que a paralisou, deixando-a a flutuar momentaneamente sem rumo pelo Pilar. Desenhando dois semicírculos no ar com as mãos, o mago prendeu a projecção inerte dentro de um reluzente globo azul e puxou-a para si, determinado a obter respostas. A manifestação da mulher não tardou a mexer-se outra vez, e a sua primeira e instintiva reacção foi a de tentar quebrar o globo com golpes das mãos crepitantes de Essência. Ao ver que a sua jaula resistia, a mulher lançou um grito que Allumno pôde ouvir mesmo sem ter estabelecido contacto e disparou cegamente em redor numa plethora de multicoloridas e fulgurantes salvas essenciais. O mago desembraveceu-a com uma faiscante descarga no interior do globo, fazendo com que a manifestação se contorcesse espasmodicamente no interior.

Fique quieta antes que eu seja forçado a tomar medidas mais drásticas

ameaçou Allumno com um tom de voz que dava a entender que era bem capaz de levar adiante a ameaça. A feiticeira contorceu-se com uma descarga residual e quedou-se em silêncio, pois embora fosse muito difícil afectar alguém através da sua manifestação no Pilar, suficientes danos podiam deixá-la completamente à mercê do mago, podendo mesmo impossibilitar-lhe o regresso ao seu corpo.

O que fazia no templo?

Não houve resposta. Uma nova descarga no interior do globo fez com que a projecção da mulher se convulsionasse violentamente. Tortura era algo que desagradava profundamente ao mago, mas a sua transigência andava a um nível muito baixo.

Responda. O que fazia no templo?

Não... não falo Glottik...!

Allumno apercebeu-se do teor evasivo da resposta e aspou-a com outra descarga.

Também percebo Leochlan. Só vou perguntar mais uma vez: o que fazia no templo?

A manifestação olhou para o seu atormentador, parecendo quase suplicante e ciente de que não tinha escapatória, mas o mago sentiu um subtil distúrbio nas suas costas, uma espécie de estática na Essência, e apercebeu-se de que a mulher olhava para trás de si.

Quando se virou, a única coisa que viu foi um intenso clarão que nele explodiu, projectando-o pelo Pilar fora. Enquanto passava descontroladamente

por inúmeras almas, Allumno teve a presença de espírito para reforçar as suas defesas antes de se tentar estabilizar, mas antes que o conseguisse fazer, foi fustigado por uma série de mísseis singrantes que o enviaram noutra irrelevante direcção. Quando conseguiu por fim controlar o seu ímpeto, o seu novo adversário já estava quase em cima de si, mãos radiantes de Essência. Não houve tempo para mais perguntas; mesmo sem o conseguir ver bem, o mago soube dizer que este era um adversário perigoso e com um poder no mínimo comparável ao seu.

Arrojou-lhe uma rajada de teste que o homem prontamente deflectiu, enviando-lhe uma sua e devolvendo a que acabara de desviar, seccionando-a em duas. Allumno mal conseguiu travar as três, que rebentaram contra o seu escudo, enviando-o para trás com a força do impacto. A Essência que o rodeava adquiriu repentinamente uma consistência semi-sólida, imobilizando-o, mas foi de seguida estilhaçada por uma onda de força que o escorraçou. Era sem dúvida um mago poderoso, talvez mais poderoso ainda que Allumno, que na sua crescente inquietação só conseguiu pensar em dissimular o seu rasto etéreo antes que o homem lhe bloqueasse a saída. O seu adversário não o fez, mas aproveitou a distração momentânea do mago para o surrar com uma rápida sucessão de sibilantes projecteis que deixaram um rasto fulvo atrás de si antes de rebentarem. O implacável e fulminante assalto não dava tempo para que Allumno se concentrasse o suficiente para conseguir erguer uma defesa adequada, muito menos contra-atacar. Estava a ser massacrado, mas este não era um treino com o seu mestre, e o perigo era bem real. O seu algoz tornou a enxotá-lo com outra onda de força que contra ele embateu com a potência de um projectil de trabuco, mas algo o travou bruscamente a meio da sua desenfreada trajectória. O mago viu que o seu adversário tinha as mãos estendidas antes de começar a sentir um aperto e um crepitar de energia nefasta à sua volta. O homem estava a cingi-lo num asfixiante aperto, e, se não arranjasse forma de escapar depressa, ficaria à sua mercê. Juntando o que lhe sobrava de força anímica e de vontade, Allumno apartou os braços a custo, pois o poder do seu adversário restringia-o, mas antes que pudesse fazer o que quer que fosse, uma descarga atordoante semelhante à que usara contra a mulher fez com que se contorcesse em convulsionantes espasmos.

Allumno estava a ser movido pelo medo, e o que se seguiu foi puramente instintivo. Infundindo-se de Essência, o mago irradiou-a com um grito para se libertar, despedaçando a sua prisão e, sem

perder mais tempo, dissipou-se, fundindo-se ao Pilar para regressar ao seu corpo no preciso momento em que dúzias de feixes energéticos destinados a si atravessaram o lugar no qual a sua manifestação se encontrara.

A manifestação de Linsha flutuava nas águas etéreas do Pilar, aturdida e aterrada com a reacção do seu mestre quando este voltasse. Vira as explosões à distância e o encadeante fulgor do combate com o mago que a perseguira, mas este parecia ter acabado e Linsha não tinha dúvidas acerca do vencedor. Malagor sempre se lhe afigurara como inamovível, intocável, invencível, o mais poderoso dos Três e o mais impiedoso também, e era por isso que a jovem feiticeira temia o seu regresso, que não tardou. Distinguiu a manifestação de Malagor à distância; movia-se com meditado vagar, talvez estivesse a pensar num castigo adequado para a sua pupila, pois Linsha tinha a distinta sensação de que o falhara. Fora descoberta, quase capturada, revelara a sua ligação para com ele, forçara-o a intervir directamente. Malagor iria certamente matá-la, já esfolara serviços por bem menos. O seu primeiro pensamento foi fugir, dissipar-se e fugir para bem longe de Val-Oryth, mas o seu rasto continuava difuso e sabia bem que Malagor a encontraria onde quer que fosse, não havia como escapar à alçada do Alto Vulto. O melhor que podia fazer era enfrentar o seu veredicto com dignidade, mas dessa sobrava-lhe muito pouca naquele preciso momento, após ter sido vista indefesa e à mercê de outro mago.

A manifestação de Malagor aproximava-se. A de Linsha endireitou-se e esforçou-se por manter uma pose deferente e de resignada anuência. O seu mestre tinha uma mão atrás das costas e com a outra cofiava a barba, não traindo qualquer tipo de emoção. Envergava o seu cafetão oficial e chapéu de abas erguidas na cabeça, o que levou Linsha a concluir que, além de tudo o mais, ainda interrompera o seu mestre enquanto desempenhava as suas funções no Triunvirato. A feiticeira aguardou o pior em silêncio.

Não me queres contar o que aconteceu, Linsha? perguntou Malagor com enervante naturalidade ao estabelecer contacto.

Mestre, eu...

Só o que aconteceu, Linsha, diz-me só o que aconteceu. Se quiser saber mais, pedir-te-ei.

A mulher engoliu em seco como se estivesse mesmo no seu corpo e forçou-se a falar.

Projectei-me e fui às Alas da Convalescença, tentei saber mais sobre Aewyre Thoryn e os seus companheiros. Conhecer o inimigo sempre fora uma das máximas de Malagor; decerto o seu mestre compreenderia. Linsha esperou por um sinal de aprovação, um aceno de cabeça ou um gesto semelhante, mas não recebeu nenhum e viu-se forçada a continuar: A harahan feriu bastante a princesa, e parecem ter decidido aguardar no templo a sua recuperação...

O que te pedi eu, Linsha? A voz de Malagor estava perigosamente calma.

Perdão, mestre. Eu fui às Alas e lá vi o Flagício, mas então o mago, o que o mestre combateu, manifestou-se no quarto dos companheiros de Aewyre Thoryn. Ele impediu-me de me dissipar e perseguiu-me até aqui...

Estás ciente do perigo que isso representou? interrompeu-a Malagor.

Perdão mestre, mas eu não sabia que mais fazer! Ele era mais poderoso do que eu e podia ter sabido coisas perigosas através de mim e...!

Aewyre Thoryn e os seus amigos devem ter tomado providências para o caso de uma incursão através do Pilar tornou Malagor a interromper, parecendo falar sozinho. Sabem que correm perigo e estão atentos.

Linsha nada disse, temendo ser pulverizada se proferisse uma palavra a mais além das que o seu mestre dela esperava.

E agora subsiste o risco de estabelecerem uma relação entre ti e o Triunvirato, porventura também com os Fadados. Pode vir a ser problemático. Perigoso, na verdade. O que te parece, Linsha?

Malagor estava a brincar com ela, tinha-a na mão e parecia divertir-se como um gato o faria com um rato moribundo.

Eu sei que errei, mestre, mas...

Não erraste, Linsha. Falhaste redondamente em todos os sentidos e mais; emperigaste os Filhos como um todo com as tuas acções descuidadas. O que fizeste não me deixa escolha...

Toda a dignidade esquecida, Linsha estava pronta a ajoelhar-se perante o seu mestre, a implorar-lhe o seu perdão, a oferecer-se-lhe de corpo e alma para que dela dispusesse como bem entendesse, mas as palavras que lhe saíram da boca foram inesperadas.

Tenho de convidar Aewyre Thoryn e os seus companheiros para uma celebração.

Pensando que a sua sentença de morte iria ser pronunciada, a feiticeira ficou estonteada e boquiaberta com o que ouviu.

Mestre... ?

Não me resta alternativa, além de os mandar matar. Se estabelecerem a ligação entre ti e mim, não aceitarão o convite e serei forçado a

tomar medidas drásticas. Caso aceitem, ou a estabeleceram e são mais arrojados do que eu alguma vez ousaria supor, ou ter-te-ão tomado por uma espia de uma facção incógnita e o meu envolvimento com os Filhos permanecerá um segredo.

Convidar Aewyre Thoryn para uma festa? Mas em que estava o seu mestre a pensar?

Mestre, eu não entendo...

Não te envolverás mais, Linsha, ficas desde já expressamente proibida. Estava a proibi-la? Iria viver? Tiveste amplas oportunidades para provar o teu valor, mas vejo que ainda és demasiado inapta para te incumbir de tarefas tão importantes. Eu mesmo me apossarei do Flagício.

Linsha lembrou-se de que Malagor a avisara de que não iria ser tão complacente se tivesse de se envolver pessoalmente, e era precisamente isso que estava a acontecer. Ainda temente de um castigo severo, tentou desviar o assunto.

Mestre, como pretende apossar-se do... a palavra provocava-lhe desagrado. Flagício?

Malagor fitou-a em silêncio durante longos momentos, e Linsha sentiu que durante esses instantes a sua vida esteve em sério risco.

As vezes questiono-me acerca das razões que me levaram a acolher-te, Linsha confessou. Uma delas é indubitavelmente o facto de fazeres muitas perguntas.

- É bom indagar e questionar; pergunto-me como pudeste falhar de tal forma com esse teu hábito inquiridor. Talvez devesse fazer também perguntas a ti mesma, e não apenas aos que te rodeiam. A mulher anuiu humildemente, demasiado grata por ver a sua vida poupada para se indignar.

Em resposta à tua pergunta, terei uma conversa privada com o príncipe Aewyre. Não deve ser de sobremodo difícil persuadi-lo a ceder-me o Flagício, um cálice de kashkin devidamente preparado, um feitiço discreto. Caso falhe, será uma questão de lhe oferecer alojamento na residência do meirinho, na qual outras ocasiões certamente se propiciarão para o desapossar do Flagício. Há que salvaguardar sempre uma contingência, Linsha, e devemos assegurarmos de que os nossos planos têm várias maneiras de chegar à sua devida realização. Lembra-te disso.

Sim, mestre. Mas... e o mago?

Convidarei apenas o príncipe e a princesa, como o dita a cortesia. Caso ela esteja tão enferma como dizes, poderemos contar apenas com a presença de Aewyre Thoryn, o que de resto facilitará bastante a minha tarefa. Os seus restantes companheiros não têm lugar em tal celebração, quando muito poderão acompanhá-lo à entrada.

Malagor pôs ambas as mãos atrás das costas e perscrutou a sua pupila mais um pouco, mudando o assunto como se o que tivesse acabado de expor fosse irrelevante.

Não costumo perdoar erros, como bem o sabes. Sim, Linsha sabia-o muito bem. Contigo já é o segundo. Caso haja um terceiro, de futuro... Não foram necessárias mais palavras. Mas não agora. Como já disse, ficas proibida de te envolveres mais neste assunto. Quando voltares, parte a pulseira que te dei para me invocar, é impreterível que eu tome as devidas providências antes que uma outra secta decida agir, pois imagino que Val-Oryth deva estar em grande alvoroço com a presença do Flagício. Mas não o faças antes das três badaladas. Ainda tenho assuntos a tratar em Dul-Goryn.

Mestre, espere! rogou Linsha ao ver que Malagor se preparava para se dissipar. *Não me deixe aqui! Ele pode voltar!*

Não me parece duvidou Malagor. Mas, em todo o caso, parece-me um castigo apropriado. A tua trilha já não deve tardar a regularizar-se. Que te sirva de lição e tenta aprender algo com a tua derrota.

Linsha não se atreveu a protestar, e o seu mestre fundiu-se à Essência, regressando ao seu corpo. A feiticeira olhou receosa em redor para a vastidão do Pilar, que não mais lhe parecia tão segura e monótona como a ela se habituara.

UM CONVITE IRRECUSÁVEL

O que é que se passou? perguntou Aewyre em voz baixa, pois Lhiannah dormia. O guerreiro estranhou as manchas de sangue no colarinho de Allumno e as suas narinas avermelhadas. O mago, Worick e Taislin estavam de pé, tendo ouvido a chegada dos seus companheiros do outro lado da porta.

Allumno cruzou os braços. Não parecia nada animado.

Alguém nos anda a espiar através do Pilar, talvez desde que cá chegámos. Slayra olhou para Quenestil, que lhe cingiu a cintura protectoramente. Uma mulher, uma feiticeira. Dei com ela quando fui meditar e fui atacado. Ela fugiu, não sei dizer para onde, mas consegui apanhá-la, só que antes que eu lhe pudesse fazer perguntas, apareceu outro mago. A maneira sintética com a qual Allumno relatava os acontecimentos era o mais claro indício do seu descontentamento. Por pouco não fui capturado por ele, era mais poderoso do que eu. Tive de fugir, e mesmo isso me foi difícil.

A cara de Aewyre não traía qualquer tipo de emoção, no entanto, com tudo o que já acontecera, não podia estar nada mais além de consternado com tais notícias.

Estamos a ser vigiados, Aewyre, e os nossos inimigos, sejam eles quem forem, são mais fortes do que pensávamos.

Óptimo disse o jovem, nutando com a cabeça e olhando para o chão. Perfeito. Levou as mãos ao ar e deixou-as cair, batendo com elas nas coxas.

Descobriram alguma coisa? inquiriu Worick, ansioso por pelo menos poder visualizar o inimigo.

Nós... tentou Slayra suavizar.

Nada de nada interrompeu Aewyre. Aqueles desgraçados não sabiam rigorosamente nada, foram apanhados no meio e nem sabiam porquê. Esfregou a nuca e suspirou a mal contida frustração. Eu juro que ainda cometo o Terceiro Pecado...

Aewyre, tem calma rogou-lhe Quenestil.

Sim, acalma-te concordou Allumno. Temos de tomar uma decisão. O que fazemos?

Todos os olhos se viraram para o jovem, olhares que não mais contara ver, olhares que aguardavam uma palavra sua, a palavra do líder que haviam escolhido. Aewyre só pôde rir amargamente.

O que fazemos? O que mais podemos fazer? Fugir da cidade? Então e a Lhiannah? Correr as ruas à procura de Filhos do Flagelo? Talvez, pode ser que mais um de nós morra ou seja preso. Não conhecemos a cidade, não conhecemos ninguém, nem sequer quem nos quer mal...

Os Corações Quebrados...? vieram à cabeça de Allumno.

Eles... o jovem hesitou, entrando num breve conflito interior devido às memórias que o tomaram de assalto. *"Deuses, está tudo a acontecer outra vez... mas que posso eu fazer? Precisamos de ajuda"* Eu...

não quero que eles...

Não estamos em Alyun, Aewyre lembrou-lhe o mago, sabendo muito bem em que o seu protegido pensava. Não pretendemos atacar as torres dos Três. Mas precisamos da ajuda de alguém de Tanarch, e os Corações podem ser aliados preciosos.

Eles ter-te-iam seguido como cães, se os tivesses deixado recordou Worick, parecendo já ter falado acerca do assunto com o mago.

Quem são esses "Corações Quebrados"? indagou Quenestil, perdido.

Desculpa, Quenestil escusou-se Allumno. São aquele grupo de foras-da-lei de que te falámos que nos ajudaram quando saímos de Karatai. São boas pessoas e de confiança...

Aewyre deixou de ouvir a conversa. Ainda se lembrava dos nomes dos rebeldes: Devear, Cenric, Alruc, Eltan, e tantos outros... as memórias atormentavam o guerreiro, e o que mais temia era que a situação se repetisse, que outros morressem por sua causa. Mas era claro que o Allumno tinha razão; isto era algo que não podiam fazer sozinhos. Relutantemente, os seus olhos dirigiram-se a Quenestil, e Slayra apercebeu-se disso, agarrando-lhe o braço com mais força.

Eu faço-o, Aewyre assegurou-lhe o shura sem necessitar de palavras para perceber. Eu encontro-os...

Eu vou contigo disse Taislin de forma terminante. Cinco caras surpresas viraram-se para o burrik.

Mas... eu encontro-os mais depressa sozinho, Taislin.

Como? Nem sequer sabes quem eles são. E achas que confiariam em ti? Eles a mim já me conhecem. Ou há mais alguém que queira ir com ele? Sozinho é que o Quenestil não vai disse ao grupo, enfrentando de braços cruzados os olhares altos dos quais estava a ser alvo, sério como nunca o fora na sua vida. E não me venham com a conversa das pernas curtas. Se é para seguir rastros, não podemos andar a correr.

Bem... Tal como os outros, Aewyre estava admirado com o que acabara de ouvir. Não posso dizer que ele não tenha razão. O que acham?

Ninguém se pronunciou contra ou de qualquer outra forma além de ombros encolhidos e sobranceiras erguidas, pelo que a sugestão de Taislin foi aceite.

Aewyre aproximou-se então do casal eahan e pôs as mãos por cima dos ombros de ambos.

Deixas-me roubar-to? perguntou a Slayra, que hesitou antes de responder.

Claro... quer dizer, se é para fazer o que ele faz melhor... aliás, nem há perigo nenhum. É a Ancalach que eles querem, não é?

É assentiu Quenestil, pedindo apoio a Aewyre com um olhar. Aliás, pensando melhor, estando longe de vocês se calhar até estou mais seguro.

Se calhar concordou o jovem.

Além disso, vai fazer-me bem sair um pouco da cidade acrescentou ainda o shura com forçado entusiasmo.

Então como é? quis Worick saber. O eahan agora vai à procura dos Corações e nós ficamos aqui à espera?

Sim disse Aewyre. Aqui no templo estamos tão seguros como em qualquer outro lugar, talvez mais, e não há sítio melhor para a Lhiannah recuperar. Enquanto o Quenestil e o Taislin não voltarem, não pomos os pés lá fora; se eles quiserem a Ancalach, que a venham cá buscar.

Está bem, eles que venham então. Ao menos que se mostrem para eu lhes partir os focinhos...

Mas vocês não se metam em nada que não vos diga respeito aconselhou o jovem aos seus amigos, ainda com a mão no ombro do

eahan. Encontrem só os Corações e tragam-nos cá, ou pelo menos peçam-lhes ajuda.

Não te preocupes. Antes de te conhecer, eu até evitava problemas. A afirmação conseguiu trazer um meio sorriso à cara de Aewyre, que lhe apertou o ombro e o de Slayra antes de os largar. Agora, desculpem, dão-nos uns momentos? perguntou, inclinando a cabeça na direcção de Slayra.

Claro, claro. Venham disse Aewyre aos três restantes companheiros, indicando-lhes que o seguissem para fora do quarto para dar privacidade ao casal. Allumno e Taislin foram sem hesitar, mas Worick ainda olhou indeciso para Lhiannah antes de seguir. A última coisa que Aewyre viu antes de fechar a porta foi o shura a pegar nas mãos da eahanoir.

Tomaste a decisão certa, Aewyre confortou-o Allumno enquanto os quatro caminhavam distraidamente pelo corredor, no qual ecoavam os seus passos e a batida regular da ponta do cajado do mago. Fachos de luz iluminavam a galeria, provenientes de pequenas janelas triangulares ao longo da parede.

Espero bem que sim, Allumno...

Tal como o Quenestil disse, é a Ancalach que os Filhos querem. Longe de nós, podem bem ser eles quem menos perigo correm.

Eu sei, mas também sei o que aconteceu da última vez que nos separámos...

Não vai acontecer outra vez afirmou a pequena voz de Taislin convictamente, tornando a apanhar os outros de surpresa. O burrik não se estendeu mas, por estranho que parecesse, a sua convicção deu-lhes uma certa medida de confiança.

Allumno deu uma palmadinha nas costas do seu pequeno amigo.

Como nós gostávamos de partilhar da tua segurança, meu amigo. Felizmente temos-te a ti, que nunca nos deixas perder o ânimo.

Nem ganhar demasiado... comentou Worick.

Aewyre repreendeu-o com um olhar severo. De momento, Taislin não precisava de alterações ou de insultos; o burrik andava deprimido e o jovem apercebeu-se da pouca atenção que lhe dera nos últimos tempos. Contudo, Taislin pareceu ignorar a observação chistosa do thuragar.

Como está o teu nariz, Allumno? perguntou.

Melhor, obrigado. Não foi nada sério...

O que é que te aconteceu ao nariz? inquiriu Aewyre, lembrando-se das manchas de sangue no colarinho e das narinas vermelhas do mago.

O ataque no Pilar. Foi violento, e quando voltei, sangrei do nariz e tive a pior dor de cabeça desde há muitos meses até vir uma sacerdotisa.

Quem seriam eles, a mulher e o mago?

Não faço ideia. As imagens no Pilar são algo indistintas, mas julgo nunca os ter visto antes. É fácil apontar o dedo aos Filhos do Flagelo, mas não podemos ter certeza.

Então por que não entram eles pela porta em vez de andarem a espreitar por pilares? resmungou Worick.

Podem bem ser capazes de o fazer, agora que sabem um pouco mais sobre nós. Não sei que conclusões a mulher terá tirado, mas a Ancalach estava bem visível no quarto e é possível que ela vos tenha analisado as almas aos dois disse, olhando para o thuragar e o burrik.

O quê? Que conversa é essa de "analisar"? desgostou Worick.

Nada de grave. Caso o tenha feito, pôde deduzir as vossas raças, porventura o vosso temperamento, pouco mais além disso. Mas de qualquer forma é mais informação para eles, enquanto nós continuamos no escuro.

Hum, então que venha cá. Mostro-lhe mais do que ela alguma vez gostaria de saber...

Duvido de que o faça opinou Allumno. Mas diz-me, Aewyre, afinal como correu o plano da Slayra?

Aewyre relatou os acontecimentos sem grande emoção enquanto caminhavam pelo corredor decorado com uma longa tapeçaria que retratava o auxílio de servos de Acquon aos doentes e sofredores. Duas laicas vestidas de branco passaram pelo grupo, cumprimentando-os com um aceno de cabeça e olhando para trás para Aewyre, sussurrando algo uma à outra enquanto se afastavam.

Pois, também não me parece que estivessem directamente envolvidos no que aconteceu concordou Allumno após ter ouvido os factos. Mas podemos ter feito novos inimigos...

Aewyre encolheu os despreocupados ombros.

Não passam de um grupo de rufias. Temos mais com que nos preocupar.

O mago não quis agravar a situação e nada mais disse acerca do assunto.

Como estão os arranhões? indagou.

O jovem tentou o lado ferido da cara. A carne das feridas suturadas ainda estava tenra, mas graças ao tratamento das laicas, as feridas não haviam inflamado nem começado a marejar pus.

Melhores. E o joelho?

Melhor. Ainda assim, acho que nós os dois beneficiaríamos de uma ida à enfermaria. Acompanham-nos? perguntou a Worick e Taislin, que anuíram em silêncio.

Aewyre agarrou o pescoço do burrik por trás com uma encorajadora mão e apertou-lho duas vezes, conseguindo arrancar-lhe um sorriso que, embora longe do sorrir recto que lhe era característico, sempre lhe iluminou a acriançada face. Houve silêncio então, e os quatro dirigiram-se absortos até à enfermaria sem proferirem mais palavras.

Quando voltaram ao quarto, Slayra já estava a ajudar Quenestil a equipar-se. O shura envergava a uma capa com capuz e tinha uma pequena mochila às costas, um cantil a tiracolo e embainhava a faca acabada de afiar.

Taislin disse a eahanoir em voz baixa para não acordar Lhiannah, espero que não te importes que usemos a tua mochila. Ela chega para vocês levarem rações para dois, só para não terem de perder tempo a caçar e fazer fogueiras...

Claro, usem-na concordou o burrik sem problemas, o que não era muito comum numa raça que dava tanta importância às posses. Os bens de outrem pesavam-lhe e eram certamente um fardo, mas as pertenças de um burrik não se partilhavam com ninguém, pelo menos não de bom grado. Daí que a linha entre o conceito de "emprestar" e o simples roubo fosse tão ténue para a raça de Taislin.

Obrigada. Allumno, achas que vale a pena eles levarem roupas quentes? perguntou ao mago, parecendo já ter discutido o assunto com o eahan.

O Quenestil pode responder a essa pergunta melhor do que eu, mas ainda é Primavera em Tanarch e o tempo ainda nos pode surpreender...

Vês? acusou a eahanna.

Slayra, achas que eu nunca viajei com chuva? O Taislin leva se quiser, mas para mim a capa chega; o tempo agora vai começar a aquecer...

A eahanoir pareceu contrariada, mas o tempo começava de facto a melhorar e de qualquer forma sabia que o shura estava habituado ao frio das montanhas.

Aewyre notou que o eahan estava armado apenas com o seu facalhão.

Não levas o arco? perguntou.

Perdi-o e à aljava na viagem para Tanarch recordou-lhe Quenestil. Vou ter de me safar sem ele...

O quê? exclamou Worick. Um eahan sem arco é a mesma coisa que um lavrador sem charrua. Espera aí... O shura ia jurar que havia sido insultado algures na afirmação do thuragar, mas nada disse enquanto este se dirigia à pilha de mochilas num dos cantos do quarto e nelas procurou por algo.

Aqui está ele disse por fim, colhendo um estojo do monte e atirando-o a Quenestil. Os ocarr deram-no à cachopa, mas ele agora de pouco lhe serve.

O shura abriu o estojo e tirou lá de dentro o arco recurvo ocarr que fora presenteado à princesa pelo *ayan*, examinando-o atentamente. Era semelhante ao seu, embora mais recurvo e sinuoso, com um cerne de madeira em cujo ventre estavam coladas finas tiras de chifre e com as costas cobertas por um feixe de tendões. Empunhou o arco e puxou até à orelha a corda feita de pele de hemíono, testando a sua força e vergando-o a uma impressionante curvatura.

É um bom arco afirmou, acenando aprovadoramente com a cabeça.

A madeira é um bem precioso em Karatai explicou Allumno. Não se podem dar ao luxo de fazer arcos medianos.

E toma isto também disse Worick, por pouco não atingindo Quenestil na cara com uma aljava de pele. O eahan desatou-a e puxou uma seta com ponta de osso com as arestas buriladas. Reza só para que não encontres ninguém com armadura. Se o raio do zarolho queria ter filhos dela, podia ao menos ter-lhe dado umas setas decentes, pedras me partam...

O quê? perguntaram os dois eahan, surpresos.

- É uma longa história disse Aewyre, achegando-se ao seu amigo enquanto este punha o arco ao ombro. Quenestil, já sabes: procura-os e pede-lhes ajuda; só isso.

E mantenham os olhos abertos recomendou Allumno. Embora os Filhos almejem a Ancalach, podem ter espiões noutros lugares.

O eahan abriu as mãos, encolhendo os ombros.

Mas que têm vocês? Até parece que eu e o Taislin vamos acampar pela primeira vez... não se preocupem, nós encontramos-los e trazemos-los cá, de uma maneira ou de outra.

Mas voltem inteiros, ouviram? advertiu-os Slayra.

Eu tomo conta dele garantiu Taislin.

A eahanoir sorriu-lhe e ajoelhou-se para lhe beijar a testa e *afagar* o barrete. Estava obviamente pouco satisfeita com a inesperada partida de Quenestil, mas parecia estar a lidar bem com a situação, pensou Aewyre.

"Só espero que não se venha a arrepender...", foi a hipótese que lhe veio involuntariamente à cabeça, sendo de imediato rejeitada.

Bom, o melhor é irmos o quanto antes opinou o shura. Acham que os clérigos de Bellex...?

Não, eles já vos interrogaram aos dois elucidou Allumno. Posto esse problema de parte, Quenestil pareceu pronto a partir.

Taislin ainda foi buscar a sua corda e o cantil antes de se lhe juntar, e ambos ficaram a olhar para os restantes companheiros, procurando palavras.

Então? Estão à espera de quê? perguntou Worick, encaminhando-se para a porta e rodando o manípulo. Ponham-se a...

Calou-se ao ver um homem com o canto do olho ao abrir a porta. Afastou-se e levou a mão instintivamente ao cinto, no qual deveria estar o martelo que presentemente se encontrava encostado à parede. O indivíduo estava com o punho erguido como se tivesse querido bater à porta antes de esta ter sido aberta e precisou de mais alguns instantes até registar esse facto e baixar a mão. Era um homem de estatura mediana, barba primorosamente aparada e bastante bem vestido, com um cafetão vermelho com mangas debruadas a pele de marta, cingido à cintura por uma pregueada cinta verde com borlas amarelas nas pontas e com vários fios dourados estendidos através do peito cravados com botões de ouro. Usava ainda um capelo de mais pele de marta sobre uma capa verde segura por um brilhante broche prateado, um par de imaculadas botas amarelas e um barrete verde parecido com o de Taislin, mas com a ponta mais curta e também ele debruado a pele de marta. Na sua capa estava bordado um brasão que representava uma mão vermelha a agarrar uma balança dourada num fundo verde. Assim que se recompôs, endireitou-se e disse num Glottik irrepreensível:

A vossa indulgência pela minha intrusão. Trago as saudações de meu senhor lorde Malagor da Torre Judicante disse, e o seu braço

esquerdo emergiu de dentro da capa que lhe cobria o ombro, apresentando a Worick uma mão enluvada com um rolo lacrado.

O thuragar aceitou-o com a relutância de quem se vê confrontado com uma situação inesperada, e de todos os companheiros apenas Allumno esboçou uma reacção perante o nome de um dos Três.

Meu senhor Malagor encontra-se em Val-Oryth e deseja celebrar amanhã a presença do príncipe Aewyre Thoryn e da princesa Lhiannah Syndar com uma festa em sua honra clarificou o que devia ser um mensageiro.

Ao ver que, embora na posse do rolo, Worick não se iria mexer tão cedo, Allumno acotovelou Aewyre que, apesar de chocado por ter ouvido o seu verdadeiro nome pronunciado, conseguiu avançar para tirar a mensagem da mão do thuragar.

Príncipe Aewyre Thoryn, ousou presumir? conjecturou o recém-chegado, curvando-se numa expectante vénia.

Não... sim tartamudeou Aewyre com um porte muito pouco régio enquanto quebrava o selo com a unha do polegar.

O mensageiro cruzou as mãos atrás das costas e aguardou pacientemente enquanto Aewyre lia o convite, vislumbrando o quarto algo inadequado para alguém do estatuto do príncipe de Ul-Thoryn e a que devia ser a princesa deitada na cama, mas sem nada dizer a respeito. Os orbes escuros do guerreiro mexiam-se da esquerda para a direita, e a configuração das suas sobrancelhas denotava tudo menos satisfação pelo que lia. Os outros esperaram em silêncio, trocando olhares dúbios sempre que se julgavam livres do escrutínio do mensageiro.

Eu... disse Aewyre por fim, baixando o braço e parecendo lembrar-se do protocolo que lhe cabia. Agradeço. E aceito. Enviai os meus cumprimentos a lorde Malagor e dizei-lhe que estarei presente com todo o gosto.

Serão entregues, príncipe garantiu-lhe o homem com uma vénia. Meu senhor Malagor anseia vê-lo e à princesa acrescentou, puxando a capa por cima do ombro. O resto de uma boa tarde para vós.

Aewyre fechou a porta e nela se continuou a apoiar com a mão durante uns longos e silenciosos momentos até Quenestil falar:

Aewyre?

O jovem virou o lado ferido da cara para os seus companheiros, que notaram a vermelhidão dos arranhões suturados, provavelmente causada pelo afluxo de sangue agitado à cabeça.

Como é que ele soube o meu nome? Ninguém soube responder.

Como? Ninguém sabia, só os Corações... e tu disseste o nome da Lhiannah no interrogatório lembrou-se, olhando para o eahan.

Decerto te apercebeste de que estamos a falar de um dos Três... disse Allumno, também ele com a cabeça a trabalhar furiosamente.

Um dos Três... e ele sabe o meu nome... e o da Lhiannah...

Aewyre, acalma-te. Estamos muito longe de Ul-Thoryn. Serão precisos meses até alguém saber... o que temos de ver agora é de que forma isto afectará o que tínhamos planeado.

Como é que isto afecta? exclamou o guerreiro, afastando-se da porta de rompante. Afecta tudo! Ele viu onde nós estamos, viu a Lhiannah, e o seu mestre vai fazer perguntas de certeza! Não posso recusar o convite disse, exibindo-o e batendo-lhe com os dedos por trás, e ele estende-se só a mim e a ela! Raios, que os azigoth os levem a todos! Porquê agora?!

Aewyre...

Ah, mas vocês não sabem a melhor. Esta vai ser ainda mais engraçada de explicar... acrescentou, deixando todos na expectativa. Pede-me com a mais veemente delicadeza que leve a Ancalach!

PREPARATIVOS

O Verão parecia ter chegado mais cedo a Ul-Thoryn, e com ele os longos dias de sol radiante e calor abrasador nos quais os edifícios de pedra caiada da cidade quase resplandeciam, parecendo irradiar a soalheira que as telhas de barro avermelhado dos seus telhados suavemente inclinados absorviam. Os habitantes da grande cidade vestiam-se parcimoniosamente com tecidos claros e leves nesse tempo, e muitos andavam descalços, embora o chão de pedra calcetada disposta num padrão gradeado queimasse os pés dos mais incautos nos espaços abertos, forçando-os a caminhar pelas "grades" de lajes de granito, evitando as quentes pedras calcetadas entre elas. Crianças nuas banhavam-se nas fontes, mantendo os encalorados guardas sempre alerta e lançando-os em curtas e guinchantes perseguições pelas ruas, abanando as roupas e deixando pequenas pegadas molhadas no chão que rapidamente se evaporavam. Os poços eram outra alternativa, mas poucos petizes tinham paciência para as longas filas que os aguardavam nesses locais, além de que as pessoas reagiam mal ao verem água ser arremessada levianamente enquanto esperavam pela sua vez com pesados baldes e alguidares à torreira do sol. Era uma altura na qual muitos desejavam ser pescadores, pois esses passavam o dia no Estuário do Suão e nos rios Alven e lalven, nos quais se iam refrescar todos os que dispunham de tempo para o fazer, sobretudo nas aldeias e quintas limítrofes. A maior parte dos habitantes tinha no entanto de trabalhar, ansiando pelo regresso às suas casas frescas ao fim do dia, bebendo água de menta e cerveja em copiosas quantidades nas tabernas, que por esta altura se viam sempre alegremente forçadas a robustecer as suas adegas.

E contudo, as ruas de Ul-Thoryn estavam apinhadas de gente, como o pajem mudo constatava do topo da muralha de Allahn Anroth. Fora dispensado por lorde Thoryn, que tomava o seu banho diário e que sempre mostrara desgosto perante a presença de homens em ocasiões nas quais se encontrava desnudo. Era segredo um boato no palácio de que o regente de Ul-Thoryn se entregava a desbragadas orgias na sua sala de banho particular, mas o pajem mudo não tinha como saber e de qualquer forma não se importaria. O seu senhor não desejava a sua presença, era tudo o que precisava de saber e nada mais faria além de aguardar que os seus serviços fossem uma vez mais requisitados. A camisa de fino linho amarelo, que vestia debaixo de uma folgada túnica vermelha de amplas mangas curtas, que lhe chegava até aos joelhos, e umas apertadas calças azuis não eram de sobremodo confortáveis com aquele ar quente e abafado, mas naquele dia não lhe apetecera esperar que o seu senhor acabasse o seu habitualmente longo banho num corredor do palácio. Não frisara os seus cabelos negros como era costume, pois poucas pessoas estavam dispostas a exporem-se ao calor necessário para aquecer os ferros de encarracar, e, de qualquer forma, lorde Thoryn nunca parecera dar muita importância a esse pormenor. As farripas que lhe pendiam sobre a baía testa luzente de suor incomodavam-no devido à falta de hábito, quase tanto como o calor e as moscas que zumbiam em liberdade pela cidade devido à ausência de vento, mas o rapaz gostava de vir para as muralhas sempre que possível, observar do alto a cidade que fora a jóia de Nolwyn antes de a nação se fragmentar. Não a considerava como sua, pois ainda não haviam passado dois anos desde que o seu pai, o bailio de uma aldeia da região, o enviara para Ul-Thoryn, sabendo bem que a sua incapacidade de falar e ouvir seriam umas mais-valias na corte e não uns estorvos como o eram na aldeia. O rapaz aprendia depressa e não era de todo pouco inteligente, embora a sua timidez e os seus cândidos olhos castanhos levassem muitos a pensarem o contrário, razão pela qual não lhe davam muita importância nem o importunavam desde que fizesse o seu trabalho, do qual poucos tinham razão de queixa. Na verdade, era tão brioso que parecia ficar perdido quando não tinha alguma incumbência, razão pela qual viera para a muralha para observar a cidade e a invulgar actividade nas suas ruas.

Faltavam duas semanas para o casamento de lorde Thoryn e a princesa Iollina, que serviria como uma espécie de interregno do exaustivo início da colheita, e os preparativos daquela que se afigurava como uma majestosa cerimónia como havia muito não era celebrada

havam deixado a cidade em polvorosa. O ritmo do trabalho era forçosamente acelerado, pois os nolwynos eram conhecidos pela sua indolência estival e lorde Thoryn já a experienciara vezes de mais para permitir que pudesse de alguma forma atrasar o seu casamento. O porto de Ul-Thoryn estava lotado de navios atracados que traziam consigo tonéis de vinho de Laone, ovas de esturjão de Sardin, peles de Thyr, mel e veiros latvonianos, pedras tintureiras de Sathmara e dúzias de outros bens provenientes dos seus reconhecidos locais de origem, cujo descarregamento parecia ocupar os estivadores dia e noite. O itinerário da procissão do casamento fora há muito planeado, e embora as ruas eleitas estivessem a ser minuciosamente preparadas para o grande dia, ninguém descurava as restantes. Esterqueiros e limpadores estavam mais ocupados do que nunca, pois lorde Thoryn exigira ruas tão limpas que "as crianças pudessem lambe o chão", o que os obrigava a expedientes adicionais de ancinho e vassoura na mão, arrastando os indesejáveis conteúdos dos seus rangedores carrinhos. Os alfaiates, tecelões e tintureiros da cidade trabalhavam furiosamente, preparando as bandeiras, grinaldas, festões e trajes para o casamento. Cinco guildas distintas haviam sido especialmente destacadas para fazerem um vestido para a princesa lollina, dos quais apenas um seria escolhido, e todas almejavam que fosse sua a criação a ser envergada pela futura esposa do seu regente.

O pajem não tinha memória de ver tal bulício nas ruas da cidade, nem mesmo nos dois aniversários de lorde Thoryn que presenciara. Tudo apontava para um evento digno de ser relatado nos anais da história, quatro dias e quatro noites de festa após aquele que teria de ser um fatigante início da colheita de forma a compensar o breve interregno da safra, cujas dádivas iriam directamente para a mesa do casamento. O templo de Gorfanna fora o primeiro e último a pronunciar-se contra tal decisão, considerando-a pouco sensata, mas Aereth cedo tratou de a proclamar como édito real e de ameaçar um corte substancial nos donativos régios para a igreja da deusa da agricultura, o que silenciou quaisquer outros eventuais detractores. Tudo isto fora contado ao pajem pela governanta de Allahn Anroth, uma velha matrona que adaptara às necessidades da vida palaciana a linguagem gestual que o rapaz trouxera da sua aldeia. Era uma mulher ocupada, mas como pajem do regente de Ul-Thoryn, o rapaz tinha direito a especial atenção da sua parte, atenção essa que constituía a única forma de se informar acerca do que se passava na cidade e que ele sempre aproveitava ao máximo.

Uma mosca zumbiu-lhe demasiado perto do ouvido, e o rapaz esbofeteou o ar por reflexo, virando a cara. Ao fazê-lo, deparou com uma das aias da princesa lollina ao seu lado e sobressaltou-se, por pouco não caindo da muralha abaixo. A aia levou a mão ao peito, assustando-se ela também com o espanto do pajem, e este encostou-se à muralha, agarrado ao cunhal de um merlão e olhando para a rapariga com os olhos de um coelho surpreso. Já a vira antes, fora uma das aias que haviam entrado na sala de convívio umas semanas atrás após a partida de Demanda pelo Trono entre o seu senhor e lorde Nehin. O pajem não se sentira bem e fora por elas levado à cozinha para se recompor, mas apenas esta permanecera com ele até ter a certeza de que nada de mal se passava. Ainda se lembrava dos olhares chistosos que a roliça serva da cozinha lhe mandara, mas nunca chegara a perceber qual o seu motivo, se a sua aparente fraqueza se o facto de a aia ter sido tão simpática com ele. Achara-a engraçada naquele dia, e assim que o seu coração parou de lhe repercutir no peito e o desagradável calor na cabeça lhe passou, deu consigo a pensar o mesmo. O pajem não era alto, e a rapariga tão-pouco o era, com uma compleição esbelta e uma cara oval que, embora não fosse de uma tez tão baía quanto a de um habitante da ensolarada costa de Nolwyn, era suficientemente morena para mal se enrubescer com o calor. Envergava um vestido fulvo plissado, com uma cinta larga que lhe cingia o torso debaixo do busto até às ancas e compridas mangas que quase roçavam o chão. O seu cabelo castanho-escuro estava preso numa longa trança que pendia livremente, realçando a sua testa alta que naquele momento estava enrugada de surpresa. Assim que se recompôs, os seus lábios mexeram-se, mas o rapaz indicou a sua orelha com um gesto vago e a rapariga lembrou-se. Contudo, no dia em que o vira pela primeira vez, ficara com a impressão de que o rapaz era apenas mudo, pelo que continuou:

É verdade, não consegues falar. Desculpa, assustei-te? O pajem pensou que lhe perguntava se estava bem, pelo que nutou afirmativamente com a cabeça. Desculpa. O que fazes aqui? indagou, gesticulando em redor.

O pajem encolheu os ombros e virou a cara para as atafalhadas ruas.

Ah, estás a olhar para a cidade. Ul-Thoryn é muito bonita, gosto muito da cidade. Lennhau é um bocado... tosca, sabes. O rapaz não estivera a olhar para a sua interlocutora, pelo que não esboçou qualquer tipo de reacção quando tornou a virar a cara.

Uf, está calor aqui em cima. Não queres ir para um dos torreões? perguntou-lhe, indicando o lugar em questão. Deve estar mais fresco dentro deles.

O pajem encolheu os aparentemente desinteressados ombros, embora talvez não tivesse percebido, pensou ela.

Deixa estar, então. Se calhar estão lá guardas de qualquer maneira. Sabes, os guardas de Ul-Thoryn não são muito corteses. A forma como olham para nós... deve ser deste calor. A rapariga esfregou a testa com as costas da mão e o rapaz viu a mancha no vestido debaixo da sua axila. Estava realmente muito calor. Olhou para o interior das muralhas e deduziu o caminho que a aia provavelmente percorrera exposta ao sol no pátio antes de subir as escadas para o passadiço.

De certeza que não queres ir para um dos torreões? Esquece, já vi que gostas de olhar para as ruas. Eu também confessei, apoiando-se num merlão ao lado do pajem.

Os dois passaram assim alguns momentos ao calor, contemplando a cidade num desconfortável silêncio do qual apenas a aia se apercebeu. A rapariga soltou um longo suspiro, sinalando vontade de falar sobre algo, mas o rapaz obviamente não reparou. Olhou de lado e, atribuindo a falta de reacção do pajem à sua óbvia timidez, tomou a iniciativa:

Sabes segredou-lhe, inclinando-se para ele, ninguém estava à espera de que lorde Thoryn pedisse a princesa íollina em casamento. Ela, coitada, ainda é tão novita, ainda mal lhe cresceram os peitos e... ai, eu não devia dizer isto, mas... ela ainda não teve o seu choro lunar, percebes? O pajem nutou com a cabeça apenas por uma questão de educação, nervoso com a proximidade da rapariga. Não dizes isto a ninguém, ouviste? Oh, que estúpida, também não podes... Outro aceno da cabeça. Pois é claro que não podes... desculpa.

O rapaz concordou uma última vez e tornou a olhar para a cidade, gesto esse que a aia interpretou como um claro sinal de que estava ofendido. Quando lhe pousou os delicados dedos no ombro, o coração do pajem recomeçou a bater com força, a sua cabeça tornou a aquecer e o seu couro cabeludo formigou. Alheia a tais sintomas, a rapariga escusou-se:

Sou uma estouvada, desculpa. Já me dizem as outras que falo que nem uma gralha, não tenho consideração nenhuma pelas pessoas. Não te ofendi, pois não?

As finas sobrancelhas erguidas da aia e o facto de estar a abanar a cabeça em gesto de negação deram-lhe a entender a resposta que era desejada e o pajem negou com a sua também. Devido à sua surdez, tivera de aprender desde cedo a ler as expressões faciais e linguagem corporal dos seus interlocutores, o que sempre provara ser muito útil. A rapariga sorriu-lhe, exibindo pequenos dentes brancos, dos quais dois incisivos da frente estavam ligeiramente recuados, e retirou a mão do seu ombro, arrastando prepositadamente os dedos como para prolongar o contacto.

Sabes, és muito querido. O rapaz sorriu nervosamente para retribuir, mas não conseguiu aguentar muito tempo os olhos castanhos orlados de longas pestanas que fitavam os seus e rapidamente devolveu a sua atenção às ruas da cidade. A rapariga achou graça e nada disse, gozando momentaneamente o desconforto que o seu escrutínio lhe causava.

Faltam duas semanas para o grande casamento... mal posso esperar. Tenho a certeza de que vai ser uma festa inesquecível! A procissão vai percorrer as ruas, vai haver música, malabaristas, cavaleiros, bandeiras, flores... A aia suspirou, lançando um olhar perdido à cidade. Lorde Tylon arranhou um rico marido para a filha, e isto vai ser muito bom para as gentes de Lennhau. Sabes, a maior parte das cidades não gosta muito de nós, mas o que é que eles queriam que nós tivéssemos feito na guerra? O meu avô é cego, sabes, mas ele esteve na guerra e contou-me muitas vezes o que se passou. Os exércitos do Flagelo já tinham destruído Vaul-Syrith; Lennhau era a próxima e o que sobrava do exército de Nolwyn estava a reunir-se em Ul-Thoryn, estava demasiado longe. Lorde Tylon rendeu-se, era a única coisa que podia ter feito para poupar o seu povo e a sua cidade. Aliás, é o único homem que conheço que não pensa só em resolver os problemas com a espada. Tu também não, sabes? Não pareces ser um rapaz violento. Não és, pois não?

O pajem viu que a rapariga olhava para ele e deduziu pela sua expressão que o que ela desejava era outro abanar negativo da cabeça, pelo que a obsequiou com um.

Pois, foi o que pensei. Não és como o Cortun, que é um bruto; nem sei como é que lorde Tylon o nomeou seu paladino. Eu acho que ele gosta de magoar as pessoas, sabes, porque quando a senhora Lethia o manda castigar os servos, ele exalta-se sempre; uma vez até partiu o braço a um pobre serviçal que ainda nem sequer barba tinha, só porque estava distraído e deu uma cotovelada à senhora Lethia enquanto

a servia à mesa. E não é só, ele também anda sempre de olho em nós. Uma vez apanhou uma das minhas companheiras sozinha, e a pobre rapariga voltou a correr para o quarto, a chorar e com o corpete e a saia rasgados. E claro que ninguém acreditou nela além de nós, e a coitada teve um filho e a senhora Lethia mandou expulsá-la, disse que não aceitava que uma das aias da sua filha se "portasse como uma cadela"! O rapaz viu a expressão revoltada da rapariga e franziu as sobrancelhas. Ela é muito má, sabes? segredou uma vez mais. Há coisas que faz mesmo por maldade. Não sei como é que lorde Tylon casou com ela, ele que até é um homem justo. Se calhar não encontrou a mulher certa...

A aia olhou para o vazio, e o pajem viu pelos seus olhos que se perdera momentaneamente num devaneio, sonhando acordada com reis e rainhas, mas isso não tinha como saber. A rapariga pareceu sentir o seu olhar e despertou, piscando os olhos, mas nesse momento o rapaz pareceu encontrar algo de tão interessante na rua que de imediato se virou para a contemplar outra vez. A aia riu.

Sou a mais nova do grupo, sabes? As outras são todas dois anos mais velhas do que eu, e uma delas diz que já tem um prometido, mas não nos diz quem é. Houve uma altura em que pensávamos que era o príncipe Aewyre, pelo menos era isso que ela dizia, mas nunca acreditámos. Ele é lindo, não é? provocou, mas o pajem tirou-lhe o gozo ao nutar com a cabeça, apercebendo-se de que fizera algo de errado quando a rapariga ergueu a sobrancelha. Ficaram assim durante alguns instantes, até que a aia riu, batendo-lhe ao de leve no braço. Parvo, estás a gozar comigo! O sorriso e a palmada brincalhona conseguiram fazer com que o rapaz exibisse os dentes de cima com um meio sorriso, mas teve de virar a cara outra vez, esfregando o quente cunhal do merlão.

- És mesmo querido. Que idade tens?

O pajem percebeu que lhe fora dirigida uma pergunta, mas a única expressão que lia na cara da rapariga era uma de expectativa, não soube dizer se esperava um sim ou um não. Vendo o seu ar desorientado, a aia pensou que fizera algo de errado.

Desculpa, sou mesmo estouvada. As outras bem dizem que eu sou demasiado atrevida, que qualquer dia o Cortun ainda pensa que... esquece. Mas eu gostava mesmo de saber a tua idade, sabes? Eu vou fazer dezoito daqui a pouco mais de duas semanas, por pouco não era no dia do casamento. E tu, quantos tens? Mostra-me com os dedos pediu-lhe, indicando-lhe as mãos.

O rapaz continuava perplexo, pois não fazia ideia do que era dele esperado, e olhou para as suas mãos sem perceber, erguendo-as e voltando-as como se fossem dois objectos estranhos. A aia primeiro pensou que ele não lhe queria mesmo dizer a sua idade, mas depois ocorreu-lhe uma coisa e levou a mão à boca.

Oh, desculpa. Não sabes contar? Aliviado pela expressão consternada que conseguiu ler, o rapaz negou em concordância. Coitado. Não faz mal, a nossa governanta também só nos ensinou há pouco tempo. Olha, gostavas que eu te ensinasse? Outro aceno afirmativo. Que bom! alegrou-se a rapariga, batendo com as mãos e levando-as ao peito. Vais ver como aprendes num instante. É muito fácil...

Os lábios da rapariga pararam de se mexer de repente, e os seus olhos fixaram-se em algo atrás do pajem. O rapaz olhou nessa direcção e por pouco não caía outra vez da muralha.

Dilet, o bobo, exibia a dentadura em todo o seu alvo esplendor num grotesco sorriso rasgado, no qual os seus incisivos leporinos se destacavam. Vestia um dos seus inúmeros fatos de jogral, sempre berrantes e diferentes todos os dias, como se o homem se ocupasse durante a noite a cortar, e costurar, e misturar partes dos seus trajes. Naquele dia envergava uma garrida miscelânea de amarelo, laranja, roxo, azul e vermelho que devido ao sol quase feria a vista, completando a indumentária com um apertado gorro com dois guizos nas extremidades e sapatos com pontas exageradamente longas. Os seus curiosos olhos de carúnculas bem visíveis fitavam o jovem par com interesse, arcando ainda mais as já de si arqueadas sobrancelhas.

Lindo dia, o sol radia! Do topo da muralha, donzela e donzel contemplam a cidade, antevendo com grande antecipação a vindoura festividade! Os seus guizos tiniram quando o jogral pulou graciosamente para cima de um merlão, acorando-se nele como uma pitoresca gárgula. Cansada do seu solitário adejar, a águia irá pousar no teixo, ao qual o senhor do corcel se indaga virou-se bruscamente para ambos, deitando-se de barriga e apoiando o queixo sobre os punhos, será que eu deixo?

Perante os olhares surpresos do par e com a graça de um gato, Dilet apoiou as mãos no merlão, estendeu as pernas para os lados e trouxe-as para a frente, abraçando-as e passando a apoiar o queixo nos joelhos, assumindo um semblante tão sério quanto as suas caricatas feições lho permitiam.

Doce e casta é a baga que a águia debicará, alheia ao veneno que tragará. O seu ninho nos ramos do teixo irá fazer, correndo o risco de o rei lenhador o abater dito isto, impulsionou-se para trás, mergulhando para uma queda mortal. A aia guinchou, levando as mãos à boca, mas o pajem permaneceu imóvel, estarecido. A rapariga foi em frente, esperando ver o corpo do bobo estatelado no chão, mas grande foi a sua surpresa quando a cabeça encapuzada lhe saltou à vista, agarrando-se sorridente ao merlão, arrancando-lhe um guincho e fazendo-a recuar com o susto e abraçar o rígido braço do atemorizado rapaz.

Mas nada temam, não ouçam o agoirento! Aguardem a festa, gozem o momento! recomendou-lhes alegremente, saltitando de merlão em merlão nas pontas dos pés, sendo o alvo dos olhares de alguns guardas no pátio e na muralha, cuja atenção fora atraída pelo grito da aia e que agora riam com as acrobacias do bobo. Os dias são longos, o sol é quente; ouçam o que diz este bobo que não mente. Com um duplo mortal no ar, aterrou aos pés do casal, rojando pelo chão e agarrando-se à saia da rapariga, cuja curiosidade se começava a sobrepor ao susto, ao contrário do pajem, que nem conseguia obrigar as suas pernas a darem um passo atrás.

Cinco regiões estão inquietas, o corcel já relinchou; a águia voa, o teixo arreiga, a concórdia o vento levou. Oito raios tem o sol, oito terras a águia teve; estilhaçadas, desunidas, nada juntas as reteve. Nem paz, nem amizade, nem ouro, nada; a única forma de se unirem será através da espada. Por isso ouçam, crianças, façam como vos digo; aproveitem o tempo, gozem ou riam comigo!

E com isto rebolou pelo chão, impulsionando-se para os seus pés com uma chicotada das pernas e colocando-se numa pose caricata de braços estendidos. A aia riu, divertida com a exibição do bobo, mas o pajem quase tremia, suando e com os olhos vidrados no jogral, cujo derradeiro sorriso rasgado e piscar de olho lhe enviaram um arrepio pela espinha acima. Com uma vénia, Dilet retirou-se, saltitando e fazendo acrobáticas rodas pela escada abaixo enquanto cantarolava uma ladainha de crianças:

O paladim

É um grande espadachim Faz muito chinfrim Quando abana no selim Do alazão Galadim

Que gosta de alecrim Mas não do paladim Que é um grande espadachim E faz muito chinfrim...

Assim que o perdeu da vista, o pajem lembrou-se de como se respirava e soltou uma longa e aliviada exalação. O seu lábio superior estava suado e as suas axilas e omoplatas estavam húmidas. A aia inclinou-se sobre o merlão e olhou para baixo, soltando uma exclamação de entendimento ao ver a goteira que se encontrava uns poucos pés abaixo. Ainda assim, fora uma peripécia arrojada, pensou a rapariga.

Ele é engraçado. Não temos bobos em Lennhau, sabes? A senhora Lethia não gosta deles e mandou o Cortun matar o último, porque ele a ofendeu. Mas não é isso que os bobos fazem, gozar com as pessoas para as divertir? Eu acho que fazia falta um na corte de Lennhau...

O pajem, no entanto, não lhe estava a prestar atenção, pois olhava para a pequena figura colorida que saltaricava pelo pátio na direcção da entrada do palácio, circundando ocasionalmente uns guardas e passando-lhes por baixo das pernas para o divertimento destes, que por vezes consistia em simples pontapés que o bobo parecia receber com todo o prazer.

O que tens? perguntou, tocando-lhe a testa. O rapaz despertou e fitou-a com ar amedrontado. Estás todo alagado! Anda, vamos para o palácio. Lá dentro está mais fresco. A rapariga agarrou-lhe o braço ainda tenso, puxou-o e o rapaz deixou-se arrastar. Sentes-te bem? Já deves estar aqui ao sol há muito tempo, isso não faz bem. Ainda há dias uma das minhas companheiras desmaiou, porque queria "ganhar um bocadinho de cor" num dos solários. Já viste o disparate? Anda, vamos dar-te um bocadinho de água e vais ver como já te sentes melhor. Depois, se quiseres, posso ensinar-te a contar... mas se calhar já tens que fazer, não? Lorde Aereth não precisa de ti para alguma coisa...?

O rapaz ia nutando com a cabeça enquanto a aia falava, mas mal olhava para ela ao fazê-lo. A única coisa que se lembrou de fazer foi levar os seus três dedos indicador, médio e anelar à testa, um gesto remanescente da Terceira Era, na qual os humanos frequentemente invocavam o poder do Delta para os proteger dos Filhos do Caos. A rapariga não o compreendeu, pois tratava-se de um hábito que apenas fora conservado no seio do povo e descartado por todos os outros.

O que foi isso? indagou, puxando-lhe o braço levemente para lhe chamar a atenção.

Sabendo que não lho conseguiria explicar, o pajem repetiu o gesto de forma a pedir protecção para ela também e nada mais teria dito mesmo que pudesse.

O SENHOR DA TORRE JUDICANTE

A noite caía tarde em Val-Oryth enquanto o sol poente tingia o céu roxo e azul de dourado com os seus derradeiros raios. Já passava das nove badaladas e contudo ainda havia luz, pois a Primavera de Tanarch tinha dias particularmente longos de alvoradas prematuras e crepúsculos tardios. Os telhados tetragonais encimados por cúpulas dos maiores edifícios da cidade recortavam o horizonte num pitoresco quadro cénico, mas a maior parte dos habitantes já estava recolhida nos seus lares e não o podia apreciar. O silêncio descia gradualmente, cortado apenas pela ocasional mãe que chamava pelos filhos, o comerciante que se despedia, o latido de um rafeiro, ou as badaladas que anunciavam o toque de recolher, seguidas pelas díspares vozes da guarda da cidade que o enfatizavam, tocando sinetas. Além disso, o único ruído era o dos cascos de quatro cavalos que se afundavam na lama, incitados pelo chicote de um cocheiro com libré verde e vermelha. Quatro cavaleiros armados escoltavam a liteira marchetada, pois dentro dela estavam os dois ilustres convidados de lorde Malagor: o príncipe Aewyre e a princesa Lhiannah, que apesar dos seus ferimentos desejava comparecer. Fora anunciada no dia anterior uma festa em honra dos dois filhos de tão ilustres casas dos reinos do Sul, e contava-se com a comparência de alguns dos mais insígnies membros da nata de Val-Oryth. Habitados às repentinas vindas e inesperadas idas de lorde Malagor, fora para os convidados uma agradável surpresa constatar que o mais rígido e inflexível dos Três iria fazer uma festa na residência do meirinho, pelo que poucos haviam declinado o convite.

Os passos dos cavalos tornaram-se cascosos quando entraram numa rua pavimentada com toros novos. As casas nessa zona eram parecidas

com as de outras partes da cidade, feitas de madeira e com inclinados telhados de quatro águas, mas eram de uma construção mais elaborada e adornadas com gravuras e ornatos. A residência do meirinho destacava-se devido ao simples facto de ser feita de pedra, um edifício vermelho com contrafortes brancos, uma balaustrada branca no topo e encimado por um andar superior com um telhado de quatro águas com telhas amarelas e janelas com frontões azuis. A entrada era ladeada por duas colunas em forma de ampulheta, com uma escadaria que levava à porta dupla encimada por um frontão de mármore ornado. O cocheiro mandou os cavalos parar, e um dos guardas desceu pelas escadas para abrir a porta aos ocupantes da liteira. Aewyre saiu primeiro, reconhecendo a vénia que o guarda lhe prestou com um curto aceno da cabeça. Um dos lados da sua cara barbeada estava marcado por quatro arranhões suturados. Como as suas roupas estavam imundas, o guerreiro decidira polir e envergar a sua couraça, cobrindo-a com uma capa vermelha comprada por intermédio de um laico do templo. De resto, mandara apenas lavar as calças e engraxar as botas, cujas camadas de lama haviam provado ser quase impossíveis de remover. Trazia a espada de Lhiannah embainhada ao cinto, pois não confiava em ninguém em Val-Oryth, nem sequer um dos Três, ao ponto de levar a espada do seu pai para um lugar público sem estar acompanhado pelos seus companheiros. Aewyre estendeu a mão e ajudou a princesa a sair.

O guarda foi incapaz de esconder a sua surpresa ao vê-la, coberta com uma capa e capuz castanhos e muito pouco dignos de serem envergados numa festa que teria um dos membros do Triunvirato como anfitrião. A princesa aceitou a mão do seu companheiro e apoiou-se com uma bengala na liteira antes de assentar os pés no chão, a sua face oculta pelo capuz e pelo cabelo dourado que lhe pendia livremente, sem qualquer adorno que seria de esperar de alguém do seu estatuto em tão formal ocasião. Na verdade, tanto o príncipe como a princesa mais pareciam um casal de vagabundos que ali tinham vindo com o único objectivo de se postarem à porta e aguardarem esmolas de mãos estendidas. O príncipe Aewyre ao menos mantinha um porte nobre e caminhava de peito altivo, mas a princesa encolhia-se e baixava a cabeça, como se não desejasse ser vista. Mas isso não cabia ao guarda julgar; eram os convidados de lorde Malagor e devia tratá-los com o respeito que lhes era devido, apresentáveis ou não.

Sejam bem-vindos, meu senhor, minha senhora saudou com nova vénia numa frase de Glottik ensaiada.

Aewyre deu o braço a Lhiannah, que nele se apoiou e na bengala, e os dois subiram lentamente o lanço de degraus. Os dois guardas de longas barbas que ladeavam a porta inclinaram as deferentes cabeças, embora estivessem mais bem vestidos que o régio casal. Envergavam uma túnica lamelar e cota de malha sobre um belo brial azul bordado, uma capa amarelo-clara puxada sobre o ombro esquerdo com forro vermelho e o brasão de Malagor nela retratado, e um bizarro elmo cónico com aba e um avental de cota de malha para a nuca. Perante a aproximação do nobre par, descruzaram as lanças que mantinham cruzadas à entrada, sempre com as respeitosas cabeças baixas. Um deles, contudo, não pôde evitar um olhar de relance para a cara da princesa, cujos olhos encontraram os seus. No breve instante que levou a desviar o olhar e voltar à sua rígida pose, o homem registou o sombreado semblante e os fugazes e estranhos olhos cujo branco fora visível mesmo através dos desgrehados fios de cabelo dourado. A princesa estugou o passo, aparentemente incomodada com a atenção, e o seu companheiro agiu de acordo com o seu desejo.

O interior da residência do meirinho era de um luxo estonteante, comparado com o que de resto haviam visto em Val-Oryth. Edifícios de pedra eram a excepção e não a regra em Tanarch, mas a única madeira na residência era a das traves no tecto e a da mobília. A entrada dava para um corredor que ia directamente para a sala de audiências iluminada por tochas e duas grandes lareiras, cujo chão era constituído por ladrilhos axadrezados e cujas paredes apresentavam um padrão de triângulos azuis e brancos, encimados por uma cornija amarela que as separava da pedra escabrosa do resto do edifício. O tecto não era particularmente alto, e as colunas aneladas que o sustentavam contrastavam com as traves de madeira, das quais pendiam pequenos estandartes com as cores de Ul-Thoryn e Vaul-Syrith, cujos respectivos brasões estavam estendidos sobre as duas adornadas lareiras. Duas compridas mesas com coloridas toalhas bordadas percorriam a sala desde a entrada até perto do estrado no qual se encontrava a desocupada cadeira do meirinho, ambas recheadas com fragrantes acepipes. Os convivas que deles se serviam afiguravam-se aos olhos de ambos os sulistas como uma ofuscante exuberância de cores; já nas ruas fora evidente a preferência dos tanarchianos por cores fortes e vivas, mas naquela sala pareciam ter levado essa predilecção a um quase cegante extremo. Os homens vestiam coloridos cafetões de mangas largas que lhes chegavam quase até aos tornozelos, belamente cerzidos em padrões que desafiavam a vista, espiralados, sinuosos,

floreados, ornados. Todos cujo cabelo não fora ainda ameaçado pela idade tinham-no cortado em forma de tigela e a maior parte usava uma comprida barba. As mulheres vestiam blusas bordadas e alegres saias, cobriam as cabeças com xailes, os ombros com mantas ou capelos, ostentavam anéis e brincos e bijuteria variada. Assim que um criado anunciou a chegada do príncipe Aewyre Thoryn e da princesa Lhiannah Syndar, o rumorejo e o rufiar das saias cessaram de repente e todos os olhos da sala recaíram sobre os filhos das duas mais poderosas casas da defunta nação de Nolwyn. Aewyre olhou em frente e saudou todos os presentes com uma inclinação da cabeça, mas a que devia, e contudo não parecia, ser a princesa Lhiannah limitou-se a puxar o capuz para a frente e achegar-se mais ao seu companheiro. Todos retribuíram o cumprimento respeitosamente, mas não foram poucos os murmúrios e sussurros pertinentes à apresentação dos dois, especialmente à da princesa. Muitos também comentaram o pomo da espada que Aewyre cobria com a mão, ciciando aos ouvidos uns dos outros quando julgavam que não estavam a ser vistos. Fez-se um silêncio desagradável, e a princesa puxou o braço do príncipe, que se curvou ligeiramente para ouvir o que ela tinha a dizer, findo o qual acenou com a cabeça e tornou a endireitar-se, clareando a voz antes de falar.

Minhas senhoras, meus senhores, distintos fidalgos e fidalgas, bons homens e mulheres da bela Val-Oryth, em nome de Ul-Thoryn e Vaul-Syrith vos saudamos. A saudação foi aprovada com acenos de cabeça. A princesa Lhiannah encontra-se ferida e enferma, mas insistiu em comparecer a tão ilustre e atenciosa celebração que lorde Malagor a nós amavelmente dedicou. Pedimos a vossa compreensão para qualquer eventual indisposição da princesa. Cabeças compreensivas mexeram-se, mas nada foi dito até um homem alto e gordo se pronunciar.

Príncipe, princesa! disse em Glottik. Vestia um colorido cafetão com gola debruada a pele e empunhava um ceptro prateado. O símbolo de Bellex que trazia ao colar identificava-o como o meirinho. Sejam muito bem-vindos!

O homem saudou ambos com uma mal-asada vénia e pegou na mão da princesa com as suas para a beijar.

Ireis perdoar a princesa, mas falar é-lhe penoso explicou Aewyre.

Certamente, certamente. O que sucedeu? perguntou o homem com fingida preocupação.

A princesa sofreu um acidente com uma carroça que escorregou numa das vossas lamarosas ruas... explicou Aewyre com o tom mais altivo que conseguiu.

Imperdoável. As melhoras, princesa. Lhiannah anuiu com a encapuzada cabeça. Vinde, por favor. Comei e diverti-vos. Lorde Malagor não tarda. O par seguiu-o por entre os convivas, algo incertos quanto ao lugar a tomar devido à ausência de cadeiras.

Aewyre olhava em redor e não estava a gostar dos olhares dos convidados, que tentavam parecer entretidos enquanto os fitavam como dois curiosos indesejáveis e dedicavam especial atenção à espada que trazia ao cinto. Tinha a distinta impressão de que os cercavam, e o tecto baixo afigurou-se-lhe como algo opressivo e enclausurante. Um servo dirigiu-se a ambos, apresentando-lhes uma bandeja com bolinhos fritos luzentes de mel, mas antes que se pudessem servir, um criado entrou por uma das ornadas portas laterais e chamou a atenção dos presentes, sobrepondo facilmente a sua voz às dos convivas e anunciando entre várias palavras indistintas o nome de Malagor. O silêncio tornou a imperar, mas desta vez os homens levaram um joelho ao chão, e as mulheres levantaram a orla das saias em grave "mesura. Ouviram-se passos grosseiros e ordenados vindos do corredor, aludindo à vinda de um grupo de homens, provavelmente a escolta do senhor da Torre Judicante. O príncipe e a princesa do Sul entreolharam-se, mas ninguém parecia esperar deles reacção semelhante à dos restantes convivas, pelo que se limitaram a aguardar. Os primeiros a sair da porta foram dois guardas armados à semelhança dos da entrada, mas com espadas embainhadas em vez de lanças. Eram precedidos por lorde Malagor e por uma acompanhante, que curiosamente chamou a atenção de Aewyre antes do membro do Triunvirato. Vestia uma túnica branca de mangas enfunadas e um capelo roxo, por cima dos quais usava uma espécie de avental castanho de cujas alças pendiam dois folhos azuis-claros com flores douradas, e uma saia azul-escura brocada. Exibia duas ricas pulseiras e puxava o rebelde cabelo negro para trás com um grande e ornamentado diadema semicircular de prata de cujas intersecções saía um véu de gaze que lhe ocultava a face a partir do nariz. A sua tez era muito branca, e os seus olhos felinos prenderam os de Aewyre durante breves instantes até dirigir a sua atenção para Malagor.

O senhor da Torre Judicante era um homem desapontadoramente baixo; apenas com o grande chapéu de pele e topo chato que trazia à cabeça conseguia ser mais alto do que a sua acompanhante. Vestia um

elegante cafetão azul com intrincados brocados de ouro e prata que lhe acentuava a bojuda barriga, e um apertado capelo negro aos ombros decorado com um flamante padrão dourado. Caminhava apoiado num bastão encimado por uma balança dourada em cujos pratos estavam incrustadas duas esmeraldas e a sua longa barba grisalha escorria-lhe pelo peito abaixo, mas apesar de tudo e das suas feições incaracterísticas, era portador de uma imponência inata ou adquirida que transmitia a cada passo, e os seus olhos possuíam um brilho feroz e moderado, como um cão selvagem refreado por uma corrente de temperança que a qualquer momento podia ser solta e...

Foge, Aewyre! gritou uma voz masculina, e então o tempo pareceu parar momentaneamente para todos.

Allumno empurrou o seu protegido para trás, dissipando a ilusão de Lhiannah que mantivera e arrancou a capa que o ajudara a fazê-lo. Os convivas ficaram momentaneamente paralisados pela visão com a qual depararam, a de um homem com longos cabelos louros que se esfumavam e cujo semblante difusamente feminino dava lugar a uma expressão de determinado pânico com uma reluzente gema vermelha na testa. O mago não perdeu tempo a erguer as suas defesas através da Essência e a lançar o seu ataque na forma de dardos místicos que singraram sinuosamente na direcção de Malagor, que reconheceu como o homem que o atacara no Pilar. Os guardas à frente de Malagor estavam demasiado surpresos para esboçarem qualquer reacção em defesa do seu senhor, mas este, embora igualmente espantado, conseguiu formar um escudo essencial à sua frente para bloquear os dardos.

Foge! tornou Allumno a gritar sem sequer olhar para Aewyre, recitando um cântico arcano que originou gritos pela parte dos convivas, que despertaram com o clarão causado pela rajada que irradiou das suas mãos.

Malagor ergueu a sua bengala, cujas esmeraldas reluziram e deixaram um rasto verde no ar quando nele descreveu um arco que fez com que a rajada de Allumno explodisse num ofuscante clarão amarelo. Praticamente toda a sala se atirou ao chão nesse instante, e os guardas desembainharam as espadas quando os seus espíritos voltaram a estar presentes. Aewyre escudara os olhos instintivamente com a mão, e foi também por instinto que desembainhou a espada de Lhiannah, estranhando de imediato o balanço, a circunferência do punho e a leveza da lâmina.

O caos explodiu em redor.

As vozes arcanas de ambos os magos fizeram-se ouvir no meio da gritaria enquanto preparavam os seus feitiços, e nesse momento os copos de vidro espalhados pela mesa e nas mãos dos convivas que não os haviam deixado cair explodiram, originando mais gritos de pessoas feridas pelos estilhaços. Aewyre olhou em redor e viu que três guardas da escolta contornavam a mesa a correr, outro preparava-se para saltar sobre ela e atacar Allumno, e outros ainda vinham da porta principal. Não perdeu tempo e foi em frente para pontapear a mesa, derrubando a tábua de cima dos cavaletes que a apoiavam, despejando todo o seu conteúdo e despojando de apoio o guarda que quisera rebolar sobre ela, fazendo-o estatelar-se no chão. Os pensamentos de Aewyre interferiram momentaneamente com os seus instintos que ditavam que devia varar o guarda caído, pois, apesar da luta entre os dois magos, ainda não sabia se devia ou não usar força letal.

Allumno! gritou, mal se conseguindo fazer ouvir no meio da berraria enquanto circundava o mago para receber o ataque dos outros dois guardas. Coriscos faiscavam em redor, e os pêlos dos braços do guerreiro eriçaram-se, como se o ar estivesse carregado de electricidade estática.

O mago não pôde responder, pois estava demasiado ocupado a conjurar uma espiral de energia que voou erráticamente contra Malagor, explodindo com grande estrépito contra o seu escudo. O homem respondeu erguendo o seu bastão, de cujas refulgentes esmeraldas brotou uma rajada esverdeada. Allumno gritou algo, baixando o braço bruscamente e a gema na sua testa brilhou, mas a rajada atingiu-o perto dos pés, rebentando ladrilhos e causando a sua queda.

Um dos guardas avançou de espada em riste na direcção do mago, mas Aewyre pôs-se no seu caminho. A lâmina do seu adversário era parecida com a de Lhiannah, delgada e triangular, mas tinha uma base mais grossa e no seu punho cabiam duas mãos, o que lhe permitia lutar num estilo ao qual Aewyre estava mais habituado. A espada de Lhiannah era esguia e leve, difícil de empunhar com ambas as mãos, feita sobretudo para estocar, pois não era possível pôr muita força nos golpes cortantes, o que lhe dificultaria o combate contra guardas protegidos por armaduras lamelares. O seu adversário não perdeu tempo com tais considerações e levou a espada atrás com as duas mãos, tentando fender a cabeça de Aewyre com um poderoso revés. O jovem estendeu a perna direita e o tronco em frente, baixando-se e encurtando a distância e, apoiando o pomo da espada com a mão livre, perfurou o ataque e a cota de malha debaixo da axila do

guarda a meio do golpe. O homem grunhiu de dor, largando a arma, e Aewyre avançou com a perna esquerda, derrubando-o com uma clangorosa bordoadada com o pomo da espada na cabeça.

Allumno rebolou pelo chão, passando por várias pernas aflitas que corriam em redor, e apoiou-se na bengala para se levantar. O que estava o Aewyre a fazer? Não lhe dissera para...? Mas não havia tempo para pensar, não havia tempo para mais nada além de se concentrar em Malagor e nos seus feitiços. Estava a enfrentar um dos Três, um homem que provavelmente já era poderoso por direito próprio nos tempos de aprendiz de Allumno. Vendo que o seu adversário estava a meio de outro feitiço, preparou um esconjuro enquanto aprontava um ataque, um feito difícil mas essencial num combate contra tal oponente. Malagor arrojou-lhe um faiscante relâmpago, cujo estampido originou mais gritos de pânico e aflição, e Allumno proferiu a palavra final para o esconjurar, lançando de seguida uma sucessão de setas flamejantes que Malagor deflectiu. Uma coruscaram contra a parede, outra atingiu um conviva, pegando-lhe fogo à roupa, e outra ainda inflamou a toalha manchada de *kashkin* da mesa caída. Os cânticos místicos de ambos uniram-se num coro arcano, e as tochas, fogueiras e afins labaredas na sala avivaram-se, rugindo e apanhando alguns convidados na sua fúria. Os convivas corriam como ovelhas aflitas com lobos entre elas, apavorados pela demonstração de poder de ambos os magos, pelos estranhos fenómenos e pelo brilho do aço. As mulheres guinchavam e puxavam as saias para correr, tropeçando e gritando por ajuda, os homens berravam pela guarda, clamando assassínio e traição.

Aewyre virou-se para enfrentar os guardas que haviam contornado a mesa pelo outro lado e o guarda que caíra ao tentar rebolar por cima dela. Olhou de relance para Allumno, que estava completamente absorto na sua contenda com Malagor e, sem pensar nos como ou nos porquês, soube que o mago não podia ser interrompido e que morreria se isso acontecesse, pelo que brandiu a espada e correu ao encontro dos seus atacantes, vendo outros três pelo canto do olho que vinham da entrada. Momentos antes do embate, vieram-lhe à memória fragmentos de uma lição de Daveanorn acerca de enfrentar adversários múltiplos, e o jovem apercebeu-se do erro que por pouco não cometera, habituado como estava a arremeter contra condições desiguais ao lado dos seus companheiros.

”Chega-lhes de frente e morres. Espalha-os e elimina-os um a um. Vais ver como ficam que nem baratas pisadas.”

Travou o seu ímpeto e virou para a direita, começando a correr na direcção dos guardas que vinham da entrada principal, desviando-se de aflitos convivas pelo caminho. Os homens não tiveram tempo para estranhar a manobra, determinados como estavam em eliminar a ameaça ao seu senhor o mais rápido possível. A poucos passos do grupo que acabara de entrar, Aewyre gritou e oscilou com a espada, mas não chegou sequer a tocar nas dos guardas. O guerreiro desviou-se no seguimento do golpe e correu para a esquerda na direcção da outra mesa. Os guardas perseguiram-no, gritando e empunhando as espadas e lanças ao alto. Aewyre parou ao pé da mesa e virou-se a tempo de se desviar de uma lança arremessada que atingiu um conviva na ilharga. Sem perder tempo, pegou na toalha e puxou-a com força, despejando tudo o que tinha em cima no caminho dos que o acossavam. Dois deles escorregaram, outro contornou o empecilho de lança em riste e os restantes três aproximavam-se pelo flanco. Aewyre recebeu enganosamente o seu ataque como se quisesse fazer ali a sua derradeira resistência, orientando a ponta da espada para baixo, desviando a lançada do guarda por dentro e agarrando-a pelo cabo antes de esmagar o nariz do homem com uma cotovelada. De espada e lança na mão, o guerreiro rebolou por cima da descoberta mesa para o outro lado desta, por pouco não colidindo com uma mulher em fuga. Dois dos guardas saltaram desajeitadamente sobre a mesa, onerados pelas pesadas armaduras lamelares, e Aewyre atirou a lança contra o que permaneceu do outro lado de forma a distraí-lo enquanto dava uma cambalhota para baixo da mesa, assentando os pés no móvel e empurrando-o para trás, derrubando o guarda que ainda se encontrava em cima da mesa e desequilibrando o que passara para o outro lado. Aproveitando o ímpeto com que empurrara o móvel, Aewyre rebolou para uma posição acochada a tempo de ver o guarda que se preparava para o cravar contra o chão. O jovem surpreendeu-o, saltando em frente e enterrando a ponta da espada no seu pé, e o homem uivou de dor, deixando a arma cair e atirando-se ao chão, agarrado ao pé ferido. Allumno deflectiu um míssil crepitante que atingiu um conviva, mas que nele se dissipou, provavelmente devido aos resíduos de Entropia no seu corpo. Malagor estava a fustigar as suas protecções com uma implacável bateria de feitiços e, concentrado como estava na sua defesa, o mago começava a ter cada vez mais dificuldades em contra-atacar. O senhor da Torre Judicante era poderoso, usava a Essência com grande habilidade, e os segredos da Palavra, que tivera uns bons dez anos mais do que Aliumno para deslindar, permitiam-lhe moldar a energia do

Pilar de forma mais eficaz. Duas potentes rajadas explodiram à sua frente, bafejando-lhe os cabelos para trás e obrigando-o a flectir os joelhos para não ser derrubado. Não tinha tempo para chamar o seu mestre, para lhe pedir conselhos, não podia dispensar uma mera batida de coração em qualquer coisa que não dissesse respeito imediato ao combate, pois poderia muito bem ser a sua última se o fizesse. O sucedido no Pilar estava prestes a repetir-se, com Allumno incapaz de ripostar aos fulminantes ataques do seu adversário. Determinado a que tal não tornasse a acontecer, o mago cerrou os olhos, franzindo o cenho no qual a gema brilhava com tal fulgor que parecia servir-lhe como um olho místico. Concentrou-se na revoltosa Essência à qual ambos estavam a aceder e com as suas palavras começou a moldar o seu escudo enquanto mantinha a consistência deste através do desgastante uso de pura Essência. Esperou pelo momento certo, aguentando os ataques com membros trémulos e testa luzente de suor tingido de vermelho pela gema, e quando ele chegou, inverteu o seu escudo, canalizando com a ajuda de Essência parte da energia do último feitiço do adversário contra o próprio, que estendeu as mãos em frente e gritou palavras arcanas para suste o contra-ataque que sobre ele se abateu como uma onda contra um vacilante rochedo. Os dois magos ficaram momentaneamente retidos num impasse, com uma corrente de tempestuosa e coruscante energia entre ambos que tanto um como o outro tentava, reverter contra o adversário. Allumno cerrou os dentes, tentando fixar o seu oponente através dos fios de cabelo que lhe pendiam defronte da face, e Malagor fazia o mesmo, tendo perdido o seu alto chapéu no contra-ataque de Allumno e exibindo uma enrugada calva na qual começavam a brotar pontos brilhantes. Então uma voz feminina entoou a Palavra, e Allumno foi derrubado por uma força invisível que o atingiu no flanco.

Linsha, não...! foi a única coisa que Malagor conseguiu gritar antes da deflagração.

Aewyre enfrentava os quatro guardas que sobravam quando as suas armas e armaduras e todos os objectos metálicos da sala refulgiram com um brilho verde e houve uma grande e quase cegante deflagração entre os dois magos que pareceu dar vida aos objectos, que começaram a voar em redor, atingindo os presentes indiscriminadamente. O jovem e os guardas tiveram de agarrar as espadas com força e tentaram resguardar-se dos objectos voadores enquanto cambaleavam em ligeiro desequilíbrio quando as suas armaduras foram arrastadas por uma corrente invisível. Ainda o brilho da deflagração não amainara

quando todos os objectos metálicos caíram ao chão e começaram a crepitar, tremendo e formando uma teia electromagnética entre si. As armas foram similarmente afectadas, mas o efeito da surpresa já passara e o sangue corria com demasiado ardor nas veias de Aewyre e dos guardas para que mesmo tão bizarra ocorrência os detivesse. As lâminas do príncipe e de um guarda entrechocaram, estalando e chispando enquanto deslizavam uma na outra para a riposta, mas Aewyre recebeu a do adversário com um corte rente que lhe podou dois dos dedos que agarravam o punho da arma. O guarda gritou, agarrando os pequenos tocos sangrentos da mão enquanto um companheiro seu tomava a dianteira do ataque e outros dois se tentaram posicionar nos flancos do guerreiro. Aewyre optou por ceder o avanço ao adversário e recuou, batendo com as couraçadas costas contra um pilar anelado. Girando, pôs a coluna entre si e os oponentes, desafiando-os a um pequeno jogo. Dois avançaram por um lado, um pelo outro. Aewyre atacou o adversário isolado, contornando-o à espadeirada de forma a que servisse de barreira entre si e os outros dois, recuando provocadoramente na esperança de levar o homem a arriscar um ataque mais ousado, coisa que só fez quando o jovem fingiu escorregar para trás.

O homem investiu de imediato, tentando estocar o aparentemente desequilibrado guerreiro, mas Aewyre compensou a falta de balanço cruzando a perna atrás e descrevendo um arco para dentro com a espada, atingindo o homem em cheio no braço. Porém, o gume da lâmina de Lhiannah não conseguiu quebrar os elos da cota de malha do guarda, que apenas tropeçou em frente com a força do golpe do jovem e o ímpeto com o qual executara o seu. Aewyre agarrou-o pelas costas pelo colarinho e puxou-o para trás, servindo-se dele para se escudar do ataque de que se apercebera através da sua visão periférica, e o homem curvou-se, arfando em rouca surpresa quando a violenta estocada de um dos seus companheiros lhe atravessou as lamelas da armadura e os anéis da cota de malha, perfurando-lhe a barriga. O guerreiro empurrou-o contra o guarda, enterrando ainda mais a lâmina no ventre do homem e atrapalhando o que a empunhava para poder tratar do terceiro que ainda o ameaçava.

Allumno levantou-se, sacudindo a cabeça de forma a clarear a visão turva. Usara muita Essência em estado puro para poder contrariar o ataque de Malagor, e esse era um processo que exauria qualquer mago. O seu adversário também já estava de pé e testou a sua resistência com um feitiço que se dissipou nas ainda sólidas embora vacilantes defesas do mago. Allumno principiou a entoação de uma

resposta, mas Malagor ergueu o seu bastão e através dele canalizou Essência numa potente rajada que enviou o mago cambaleante para trás, interrompendo o seu esconjuro e ganhando tempo para fazer um, que formou uma faiscante tenaz que grampeou a barreira essencial em volta de Allumno e começou a apertar. O mago sentiu as suas defesas racharem, cedendo ante a tensão retesada pelas palavras arcanas de Malagor, e curvou-se como se estivesse a ser sujeito a uma sufocante pressão por todos os lados. O senhor da Torre Judicante continuava a sua litania, pronunciando cada enfática palavra à vez, aumentando progressivamente de tom e com ele a pressão que exercia sobre as enfraquecidas protecções do seu oponente, que estava de tal forma ocupado a evitar ficar completamente exposto que nem reparou que Linsha cambaleava para os seus pés, tentando a saia pela bainha do seu punhal.

O guarda que enfrentava Aewyre levou a espada atrás e trouxe-a para baixo num golpe lateral dirigido ao braço do jovem, que o desviou com a sua lâmina, dando uma passada em frente para penetrar na defesa do adversário. Antes que este pudesse recuar ou recolher o braço, o guerreiro agarrou-lhe o pulso com a mão esquerda, colocando-lhe o cotovelo em posição de luxação contra o seu ombro e orientando a ponta da sua espada pelo avental de cota de malha do seu elmo adentro, perfurando-lhe o pescoço ou o trapézio. O homem grunhiu, arregalando os olhos e levando a mão ao pescoço, e Aewyre trouxe a ponta da espada atrás para lhe cravar uma bordoadada com o pomo no nariz, derrubando-o. O guarda que faltava acabara de arrancar a lâmina do ventre do seu companheiro e atacou Aewyre com um furioso berro, oscilando a espada à semelhança do outro guarda com a intenção de cortar o ombro do jovem, que recebeu o golpe com o lado da lâmina e deu um passo atrás para amortecer o embate. Rápido como uma cobra, Aewyre trouxe a lâmina abaixo e deslizou com o pé para a frente, espetando-lha na barriga. A ponta passou por entre duas lamelas, mas o golpe não foi suficientemente forte para quebrar os elos da cota de malha, pelo que Aewyre avançou com a outra perna, posicionando o pé atrás do calcanhar do homem ao mesmo tempo que lhe agarrava o pulso direito, empurrando-o com o peso do seu corpo e forçando-o a virar-lhe as costas e levar o joelho ao chão para não cair. O homem ainda reagiu, desferindo uma ineficaz cotovelada com o braço esquerdo na couraça do guerreiro, mas Aewyre estocou-lhe o jarrete e descartou-o, empurrando-o pelas costas com o pé. Sem se permitir sequer um instante para respirar, o guerreiro olhou em

redor, ignorando os últimos convivas que fugiam porta fora e certificou-se de que todos os guardas estavam devidamente incapacitados. Um deles apoiava-se sobre a tábua caída da mesa, tentando levantar-se, e Aewyre deu um passo na sua direcção, mas um fulgor do outro lado da sala chamou-lhe a atenção e o jovem viu que Allumno estava em perigo. Malagor parecia estar a ganhar, e a rapariga que o acompanhara estava em pé e com um punhal desembainhado, aproximando-se do seu tutor. Com um surto de energia, Aewyre percorreu a sala a largos passos e, antes que a mulher se aproximasse mais de Allumno, gritou para lhe chamar a atenção. A acompanhante de Malagor virou a cara, sobressaltada. O seu ornamentado diadema com véu caíra na confusão, e guerreiro reparou que era bem mais jovem do que lhe parecera, mas a mulher não perdeu tempo e entouou a Palavra, projectando coruscas das pontas dos dedos que atingiram um surpreso Aewyre na couraça, electrizando-o e derrubando-o com o choque. Aewyre ficou atordado no chão, mas o seu instinto obrigou-o a rebolar para o lado a tempo de se desviar dos mísseis escarlates que sucederam o primeiro ataque e que racharam os ladrilhos. O jovem ergueu-se, cambando, e soube que estava demasiado desprotegido para se dar ao luxo de um confronto prolongado com uma inesperada feiticeira, pelo que investiu em frente, gritando. A sua arremetida teve o efeito desejado, pois a mulher arregalou os olhos e balbuciou algo rapidamente, chicoteando o ar com os braços e formando dois látigos incandescentes que vergastaram o guerreiro. Aewyre cortou-os, mas os movimentos erráticos de ambos ainda lhes permitiram causticar fervilhantes relhadas nos braços e ombros do jovem antes de se dissiparem. Gritando mais alto, Aewyre oscilou o braço livre de punho cerrado e atingiu a mulher no queixo com as costas da mão, deitando-a secamente por terra e caindo com ela, cego pela dor das feridas nos seus braços.

Alheio ao que se passava nas suas costas e com um zumbido estático nos ouvidos, Allumno fazia uso de toda a sua vontade para resistir ao aperto de Malagor. Tinha de se libertar, mas para o fazer seria necessário sacrificar as suas defesas e ficaria exposto ao certamente letal ataque do adversário. Outra palavra de Malagor, outro tranco que fez com que o mago se curvasse, rangendo os dentes quase tão alto quanto as suas barreiras gemiam. O homem estava de braços estendidos, empunhando o bastão de luzentes esmeraldas com uma mão e curvando os dedos da outra como garras, arreganhando os dentes com o esforço para quebrar de vez as defesas do insolente

mago. Não tinha tempo para um feitiço, não um que conseguisse ultrapassar as barreiras de Malagor e dar-lhe tempo para tomar a ofensiva; o homem aguardava uma mínima abertura para reduzir Allumno a pó, e dispunha de um bastão que lhe permitiria canalizar pura Essência para esse efeito. Outro tranco, e o mago cerrou os olhos de esforço. O medo começava a apoderar-se de Allumno outra vez, tal como o fizera no seu primeiro confronto no Pilar, só que desta vez não havia escapatória, não tinha como fugir, e o Aewyre... *Aewyre!*

Pensar no seu protegido avivou-lhe o sentido do dever, que por sua vez lhe inflamou a determinação. O mago abriu os olhos e retesou-se na sua posição quase acorada com o intuito de se levantar, mas a pressão que Malagor exercia era demasiada. Tenteou a sua barreira, procurando um ponto do qual pudesse partir para um contra-ataque semelhante ao seu anterior, mas a tenaz do adversário era envolvente e ameaçava-lhe as defesas como um todo. Outro tranco, e a pressão começou a provocar-lhe ligeiras tonturas, embaciando-lhe a visão. A aflição e a sensação de impotência por pouco não afogaram a determinação de Allumno, que no seu momento de necessidade pensou no seu mestre e se lembrou de uma coisa. Não trouxera o bastão, mas a gema que tinha incrustada na testa era também ela uma conduta de Essência. Como a sua visão estava fosca, Allumno levou os trémulos dedos indicador e médio à suada testa, concentrando-se e rezando para que a iminente vitória tivesse feito com que Malagor baixasse as suas defesas. Houve outro tranco, mas o mago ignorou-o, e a gema começou a brilhar com maior intensidade. Estava naquele momento a canalizar Essência para duas fontes diferentes, e os custos que tal feito arrecadava para o seu corpo já se começavam a fazer sentir, mas Allumno também os ignorou. A gema fulgurou ao ponto de iluminar a redoma transparente que o rodeava e que Malagor tentava quebrar, e o mago gritou, apontando para o adversário com ambos os dedos e soltando da gema um fino feixe de pura Essência concentrada que atravessou as suas defesas, as de Malagor e o ombro deste. Malagor gritou, cambando para o lado e levando a mão ao buraco cauterizado no ombro, desmantelando as barreiras que o protegiam e a tenaz que envolvia o seu adversário. Com um derradeiro esforço, Allumno gritou palavras arcanas e arrojou com dois bruscos gestos das mãos duas esferas ardentes contra Malagor que nele deflagraram, impelindo-o pelo ar, ardendo como uma tocha humana. O mago caiu de joelhos ao mesmo tempo que o senhor da Torre Judicante tombava no chão, contorcendo-se e rebolando e berrando

em ardente agonia, tentando arrancar as roupas em chamas. A dor no seu joelho obrigou Allumno a apoiar-se com as trémulas mãos no chão, mas antes que conseguisse levantar a cabeça para procurar Aewyre, ouviu os passos exaltados e o grito de um guarda com a cara, a barba e a gola manchadas com o sangue do seu nariz partido que corria na sua direcção, empunhando uma espada com a qual tencionava matar o mago. Allumno não tinha forças para nada mais além de olhar o seu executor de frente, mas o corpo de Aewyre surgiu no seu campo de visão, abatendo-se sobre o homem e caindo com ele ao chão. O guerreiro agarrou o pulso do surpreso guarda e assentou-lhe quatro socos em rápida sucessão, fazendo-o cuspir dentes sangrentos com o último. Largou o inconsciente homem e olhou uma vez mais em redor, constatando a ausência de ameaças imediatas e permitindo-se a si mesmo parar, dirigindo o olhar ao seu tutor.

Allumno... ofegou estás bem?

Não... admitiu o mago, mas vou sobreviver.

Os dois ficaram então calados, recuperando o fôlego e permitindo aos seus corações amainarem. O cenário da sala era de total destruição. Os estranhos fenómenos ocorridos haviam marcado as paredes, chamuscado os pilares com tochas e as lareiras, espalhado o serviço de louça pelo chão coberto de cacos de vidro e barro. As mesas estavam viradas, uma toalha e um cafetão descartado ardiam, os guardas que Aewyre ferira gemiam e arrastavam-se pelo chão, embora dois estivessem em condições de se levantarem, e o corpo flamejante de Malagor já parara de se mexer.

Deuses, Allumno, o que foi isto tudo? Aquele era o Malagor! exclamou Aewyre, apontando um incrédulo dedo na direcção do cadáver.

Foi ele... que me atacou no Pilar... explicou o mago, embora o próprio ainda não se tivesse apercebido inteiramente da gravidade do que fizera. E a rapariga... foi ela que nos espiou... oh, Acquon me cure... Allumno estava visivelmente exausto e não conseguiu falar mais.

Aewyre apoiou a mão no joelho, fazendo uma careta devido à dor nos braços, e ergueu-se, observando o que o rodeava, estupidificado. A espada de Lhiannah estava caída no chão e o guerreiro foi buscá-la, pisando pratos e talheres pelo caminho. Passos vindos do corredor apressaram o seu gesto, e o guerreiro empunhou a arma, pronto para enfrentar quem quer que ameaçasse o seu tutor. Uma patrulha de oito homens com briaís azuis e vermelhos sobre cotas de malha entraram

de rompante pela sala, espadas desembainhadas e escudos empunhados. O símbolo desenhado nos escudos identificava-os como laicos de Bellex, mas Aewyre não baixou a guarda.

Derreei, em nome de Bellex! ordenou o homem que tomava a dianteira.

Aewyre estava incerto e olhou para Allumno, que fitava a patrulha de forma incerta e ofegante de mãos apoiadas no chão.

Escocharam lorde Malagor! acusou um guarda que segurava o jarrete ferido, apontando para o cadáver cuja gordura começava a crepitar de forma enjoativa, libertando um nauseabundo odor rançoso. Lorde Malagor está morto! Sicários! Tredos!

Os laicos olhavam chocados para o corpo em chamas de um dos Três e alguns contemplavam a destruição em redor, visivelmente perturbados.

Em nome de Bellex, derreei, taste! instou o que devia ser o comandante, dando um passo em frente que os restantes emularam, empunhando as espadas. Lâmina deposta!

Aewyre continuava hesitante, a sua noção de legítima autoridade algo abalada pelo confronto com um membro do Triunvirato e os seus guardas.

Tate! O outro faz artemages! advertiu o guarda da axila ferida, apontando para Allumno. -”

Os laicos levaram o aviso a sério e avançaram mais depressa, afoitados pelo cada vez mais belicoso tom do seu comandante.

Aewyre... chamou Allumno fracamente. Baixa a espada. O seu protegido fitou-o e aos laicos alternadamente, ignorando as palavras do comandante, mas sentindo que teria de tomar uma decisão depressa. Baixa-a, não te inculpes... tu também... fui eu que o matei...

O guerreiro ainda não tomara uma decisão quando quatro dos fiéis de Bellex o começaram a cercar, mas nesse momento sentiu que o mais acertado era de facto baixar a sua espada, e assim fez. Allumno baixou a cabeça, aliviado, e os homens caíram sobre Aewyre, tirando-lhe a espada, agarrando-lhe os braços e torcendo-lhos atrás das costas enquanto outro lhe agrilhoava os pulsos com pesadas grilhetas de ferro. Os restantes três ocuparam-se de Allumno, que não ofereceu qualquer resistência quando um laico o agarrou pelos pulsos, puxando-lhos para trás enquanto lhe empurrava a nuca para a frente com um pé. Os outros dois agrilhoaram-lhe as mãos e enfiaram-lhe um pedaço de tecido sujo na boca, amordaçando-o ainda com um pano.

Aewyre e Allumno foram bruscamente arrastados para o comandante, um homem de barba e bigode grisalhos que os examinou dos pés à cabeça, olhando uma vez mais em redor para a destruição e para os feridos, e pousando os olhos na pira funerária que era o corpo do senhor da Torre Judicante. Tinha ar de veterano, e via-se nos seus vincados olhos azuis que nunca contemplara tal cena.

Vão ver a mulher e os guardas, e expunguem a flama. Tapem lorde Malagor com um mantel. Virou a sua atenção para os dois prisioneiros. Estais detentos pelo occídio de lorde Malagor. Temei o punho e orei para serdes dignos da palma.

ALAS CONTURBADAS

Aronova, uma laica de Acquon, caminhava a passos lentos de cabeça baixa e braços cruzados pela nave do templo, ladeada por duas séries de colunas de ondulantes capitéis. Terminara mais um dia de trabalho nas Alas e, embora ainda restasse a vigília noturna pelos doentes, na qual participaria num turno naquela noite, a rapariga queria aproveitar o tempo de descanso antes da velada para orar em paz e contemplação. O jantar já fora servido, e a maior parte do corpo sacerdotal do templo já se retirara para os seus aposentos ou para o oratório, mas Aronova” sempre preferira o sossego e a soledade dos corredores da nave lateral, nos quais os ecos dos seus suaves passos tinham um efeito calmante na rapariga, que era por natureza nervosa e agitada. A sua compaixão fora desde sempre a principal motivação para ter escolhido servir Acquon, mas tratar dos enfermos todos os dias, expondo-se diariamente a doses massivas de miséria e desgraça humana era taxativo para os seus frágeis nervos, razão pela qual não prescindia dos seus relaxantes passeios nocturnos quando o templo adormecia.

Absorta nas suas silentes orações, Aronova não reparou numa silhueta sentada e encostada a uma das colunas à sua esquerda, parcamente iluminada pelas tochas e entrecortada pelas sombras das colunas às quais estas estavam afixadas. Um ruído raspante chamou-lhe a atenção, contudo, e a rapariga deteve-se, olhando em redor e acabando por avistar a silhueta com o bruxulear da chama de uma tocha. Deu uns passos em frente para a ver melhor e fitou-a durante alguns instantes, estranhando a posição na qual estava sentada, com os braços apoiados nos joelhos e a cabeça encapuzada descaída para a frente. A cor branca da toga identificava-a como pertencendo aos laicos.

Boas noites... saudou Aronova, sem saber se se tratava de um irmão ou de uma irmã.

Não houve resposta.

Aronova avançou hesitantemente, apoiando a mão na fria coluna à qual o vulto estava encostado e puxando o capuz para trás. Era uma pálida rapariga de cabelos escuros presos numa trança com uma fita branca à testa e gentis olhos azuis que pareciam sempre tristes. Os restantes laicos das Alas conheciam-na como uma pessoa prestável e carinhosa, sempre pronta a ajudar mesmo quando essa ajuda não lhe era requisitada, daí que frequentemente se metesse em mais trabalhos além dos que lhe eram impostos, em detrimento dos seus nervos. Mas Aronova não o podia evitar, e sentiu que aquela pessoa precisava de uma voz amiga, pelo que se aproximou dela e se acorrou a seu lado, estendendo a mão para lhe tocar o braço.

Irmão... irmã, o que... ia perguntar, quando sentiu algo quente e molhado nos dedos que ainda tocavam a coluna. Aronova estranhou a sensação e olhou para os seus dedos, cujas pontas estavam escuras e húmidas. Esquecendo o vulto ao seu lado por momentos, os seus olhos dirigiram-se instintivamente para cima, e a rapariga sufocou, arregalando-os ao ver o que parecia ser uma mão que pendia do espaço sobre o telhado da nave lateral. Antes que algum som lhe pudesse sair da estrangulada garganta, dedos grosseiros de unhas afiadas fecharam-se sobre a sua boca, puxando-a para trás da coluna. Os movimentos bruscos do vulto libertaram um odor cediço e esterco, e a nuca de Aronova foi pressionada contra um peito coberto de couro fervido. Ainda mal se apercebera do que acabara de acontecer quando algo frio e pontudo lhe picou a garganta ameaçadoramente, obrigando-a a cessar todo e qualquer movimento antes de sequer ter começado a estrebuchar.

Luta como o teu amigo e morres disse-lhe uma voz áspera e ciciante que parecia sair através de dentes afiados. Ajuda-nos e vives.

Aronova mal respirava, o seu coração parecia prestes a explodir-lhe para fora do peito, bombeando-lhe as veias a um ritmo alucinante. Outros vultos surgiram, descendo como aranhas das colunas a seus lados. Algo correento se encostou à pele macia da sua cara, provavelmente a face do seu captor, e o seu hálito quente bafejou-lhe o pescoço.

Leva-nos ao Flagício.

Os companheiros estavam reunidos em volta da cama de Lhiannah, observando atentamente o rito que a rechonchuda sacerdotisa de Acquon executava à luz das candeias que ardiam à mesa-de-cabeceira e na parede. A mulher estava sentada sobre o leito e ao lado da desperta princesa, que mantinha os olhos fechados a mando da sacerdotisa, ela própria de pálpebras cerradas. Tinha as sapudas mãos de dedos curtos sobre o epigastro de Lhiannah, pressionando-lho ligeiramente mas com firmeza debaixo dos seios, acompanhando as regulares subidas e descidas da sua caixa torácica. A pequena boca da mulher recitava em voz baixa uma prece em Leochlan ao deus da medicina, da qual os companheiros apenas conseguiam perceber certos trechos nos quais rogava a Acquon que sarasse os ossos e curasse as feridas da princesa. Antes de iniciar o ritual, a sacerdotisa ministrara os ferimentos da arinnir através de meios mais mundanos com ervas, unguentos e tinturas, mas a bênção do seu deus apressaria todo o processo da recuperação, e Worick não olhara a despesas para exigir uma.

O que é que a gorda está para ali a fazer? Se a Lhiannah melhora com cantigas, também posso ser eu a fazê-lo sem ter de pagar por isso resmungou o thuragar.

O que aconteceu em Vau do Caar foi uma excepção, Worick explicou Quenestil, uma bênção directa de Acquon. Algo que se faz por merecer. Este é só um rito de cura.

O thuragar não se mostrou satisfeito pela explicação que já antes ouvira da boca de Allumno, mas cruzou os resignados braços e resmoneou sozinho. Pelo menos Lhiannah parecia estar a gostar, julgando pela sua expressão de paz e alívio, e a verdade era que em três dias a sua protegida parecia ter melhorado o equivalente a uma semana de cama. Dos seus inchaços já só sobravam manchas amareladas, os cortes na cara e nos lábios estavam cobertos por sadias crostas e mesmo com o não mais inchado maxilar ainda cingido já conseguia articular algumas palavras. As costelas ainda lhe tornavam a respiração algo custosa e continuava a ouvir muito mal do ouvido esquerdo, mas comparando o seu presente estado de espírito com o de dois dias atrás, Lhiannah estava de facto bem melhor, e todos os físicos que Worick encontrara ao longo da sua já consideravelmente longa vida sempre lhe haviam dito que um corpo provido de uma alma alentosa sarava duas vezes mais depressa. Se as cantigas da sacerdotisa tinham pelo menos esse efeito, então não eram uma completa perda de tempo e dinheiro, pensou o thuragar.

A rotunda mulher entoou uma última prece e abriu os olhos miúdos, suspirando ao tirar as mãos de cima do epigastro da arinnír, que abriu os seus mais lentamente, como se estivesse a despertar de um agradável sonho. Presenteando Lhiannah com um sorriso apertado entre as suas anchas bochechas, a sacerdotisa deu umas palmadinhas reconfortantes na mão da princesa, levantou-se e alisou a saia da sua toga azul-escura com estrias brancas.

E então? inquiriu Worick.

A menina vai ressarcir-se afirmou convictamente.

Ressarcir-se, é? O thuragar deduziu que era uma coisa boa, mas não se esquecera do prognóstico que a mulher fizera antes de ser paga para levar a cabo os ritos. Está bem. Então e o ouvido? perguntou, indicando a sua orelha.

A mulher encolheu os rechonchudos ombros, ajustando o toucado que lhe cobria a cabeça e o pescoço.

Temos de esperar. Axes na outiva são implexas...

Não percebi nada, mas parece-me que não sabe. Adeus, então convidou-a Worick a sair.

Alheia ao mau humor do thuragar, a mulher sorriu uma vez mais a Lhiannah, dirigindo aos restantes companheiros uma saudação, estendendo-lhes as mãos em forma de concha e abrindo os braços de modo a inclui-los a todos.

Que a ânfora de Acquon boje sobre vós disse antes de sair porta fora.

E que o martelo de Tharobar te amasse esse rabo gordo... retorquiu Worick, virando-se para Lhiannah. A arinnir sorria de lábios fechados e agarrava a pequena mão do burrik, que lhe afagava os cabelos com a outra, e o thuragar deu-se por satisfeito com essa pequena demonstração de bem-estar.

Como é que te sentes? perguntou Slayra do lado direito da cama, apoiando a mão no recosto.

A princesa virou a cara para a eahanoir, que lhe sorriu encorajadoramente. Lhiannah retribuiu tanto quanto lhe era possível com o maxilar cingido.

Melhor respondeu entre dentes numa voz ainda arrastada e débil.

A sacerdotisa bamboleava pela nave lateral que ia dar à enfermaria, cantarolando guturalmente. A pobre rapariga estava a recuperar bastante bem, tendo em conta a extensão dos seus ferimentos, mas não

esperava que a sua audição esquerda melhorasse. Já vira esse tipo de ferimentos antes, pancadas desferidas perto de ou sobre a orelha que resultavam em ensurdecimento parcial, e a rapariga fora bem mais castigada que muitas vítimas de espancamento que assistira, que não haviam sido poucas. Podia mesmo considerar-se afortunada pelo simples facto de ainda conseguir ouvir de todo do ouvido esquerdo. A sacerdotisa abanou a triste cabeça e não pela primeira vez desejou que os serviços de Acquon não fossem necessários. Fome, doença, acidentes... já havia desgraça e miséria suficientes no mundo para manter os fiéis de Acquon ocupados todos os dias, não precisavam da "ajuda" adicional dos homens. Malditos Gilgethan e Kispryn, cujos dogmas encorajavam e incitavam os seus seguidores a actos de perigo nos quais acabavam sempre por se ferir ou a terceiros...

Suspirando de tristeza, e insatisfação, e cansaço, a rotunda mulher continuou o seu resignado caminho, tencionando passar uma última vez pela enfermaria antes de se ir deitar para o seu bem merecido repouso. Já era tarde, e as únicas pessoas que ainda caminhavam pelo templo eram os laicos que cumpriam recados de última hora ou os que haviam sido designados para a vigília nocturna, razão pela qual estranhou ver dois vultos com togas brancas ao pé de uma coluna, um dos quais encostava o outro ao pilar. A mulher deteve-se momentaneamente, mas cedo se apercebeu dos subtis movimentos e sons emudecidos e corou, levando a mão à boca e afastando-se. Considerou por momentos voltar atrás para repreender o casal, mas acabou por dar consigo a rir para dentro e a abanar a cabeça, achando que os jovens tinham direito a dar largas ao seu afecto, mesmo que fosse na consagrada casa de Acquon. Decerto o seu deus não se importaria...

Só que não era afecto o que arregalava os lacrimejantes olhos da rapariga encostada ao pilar, mas sim a bruxuleante luz que iluminava os dentes afiados debaixo do capuz de quem lhe encostava a refulgente lâmina à garganta.

Aquele convite não me inspirou confiança nenhuma disse Quenestil em voz baixa a Worick enquanto ambos olhavam de braços cruzados para Lhiannah, que estava a ser animada por Slayra e Taislin. Eu devia ter ido à procura dos Corações Quebrados na mesma.

O thuragar coçou a barba, franzindo os lábios para o lado. O facto de Lhiannah se sentir melhor animara a sua disposição ao ponto de falar.

Entonces, meninos...? começou, mas a voz morreu-lhe na garganta quando os laicos se viraram na sua direcção.

Uma rapariga com ar aflito chorava, a sua boca tapada por uma grotesca mão acastanhada de quatro longos dedos providos de garras. A outra ameaçava-lhe a garganta com a ponta de uma lâmina curva, cujo indicador se ergueu defronte da cara encapuzada do indivíduo, dando a entender que desejava silêncio da parte da sacerdotisa. O medo, contudo, apoderou-se da mulher que, soltando um ruidoso vagido, lhes virou as costas e começou a correr. Antes que pudesse chamar ajuda, o vulto que ameaçava a laica chiou, olhando para cima, e outro saltou das sombras da arqueada abóbada, planando na direcção da gorda sacerdotisa. Em pleno ar, o vulto desembainhou duas curtas lâminas curvas e passou-as pela anafada garganta da mulher, dando uma cambalhota por cima da sua cabeça e aterrando acorocado a seus pés, fazendo com que tropeçasse no seu corpo e se estatelasse no chão, chapejando as lajes do templo com o seu sangue. A sacerdotisa ainda se contorceu no chão, agarrada à garganta, tentando impedir a sua vida de lhe escorrer para fora do corpo, e virou-se de barriga para cima, boca aberta e olhos arregalados. Um brilho e um vulto indistinto e duas coisas frias enterraram-se no seu coração.

A cabeça de Quenestil chicoteou para o lado ao ouvir o angustiado vagido no corredor. Com os reflexos aguçados e as reacções condicionadas pelas provações pelas quais já haviam passado juntos, os companheiros correram a pegar nas armas e fizeram uma rápida avaliação da situação.

Slayra, Taislin, fiquem aqui! vociferou Worick, empunhando o martelo com ambas as mãos ao correr para a porta.

Quenestil frechou o arco sem se deter com considerações e foi atrás do thuragar, que abriu a porta bruscamente e saltou para o exterior, pronto a rachar a cabeça a qualquer coisa que pudesse emperigar a sua protegida, mas a cena com a qual deparou fê-lo parar momentaneamente. Um vulto de toga branca tinha uma espécie de foice encostada à garganta de uma laica, e outro puxava as suas do peito da sacerdotisa, que jazia no chão numa poça do seu próprio sangue. A criatura chiou, empunhando as sangrentas lâminas, e de início Worick não a reconheceu, mas não lhe tardaram a saltar à vista as grandes orelhas foliadas, os pequenos olhos ferozes, o nariz achatado constituído por pouco mais além de duas alongadas fossas nasais das quais se estendia uma linha nodosa até ao topo da cabeça acuminada, a boca de dentes

afiados e as membranas entre os braços e a cintura. Envergava uma parcimoniosa armadura de couro fervido e empunhava com perícia assassina as suas duas estranhas lâminas em forma de foices com gume invertido.

Pedras me partam, nycatalos! Dispara! berrou o thuragar e, antes que as criaturas pudessem reagir, Quenestil fez pontaria e, após um breve instante de hesitação, soltou a flecha contra o vulto que ameaçava a rapariga, atingindo-o no ombro do braço que empunhava a lâmina. A criatura chiou, agarrando o membro ferido, deixando a foice cair e libertando a sua prisioneira, que correu tropegamente na direcção de Worick, gemendo de aliviado desespero.

Lá para dentro, cachopa! Chega-lhes, eahan, eles não estão aqui para brincar! gritou Worick, empurrando a rapariga para dentro do quarto e atacando de martelo erguido o vulto que Quenestil ferira.

Mas nesse momento o efeito de surpresa desapareceu e os nycatalos reagiram.

A rapariga tropeçou pelo quarto adentro, acabando por cair nos braços de Slayra, que já desembainhara estilete e quebra-espadas e que por pouco não os usou nela.

Valha-me, senhora, valha-me! rogou-lhe a laica com voz soluçante e olhos marejados de lágrimas.

Taislin tinha as lâminas de quatro punhais entre os dedos, olhando para a porta como um gato à espera de que um rato saísse do buraco. Lhiannah puxou o lençol e pôs um pé fora da cama, mas as suas costelas não tardaram a queixar-se do brusco movimento, fazendo a princesa contorcer-se de dor. Do outro lado da porta vinham os ruídos de uma luta.

O vulto ferido arrancou a seta do ombro, chiando quando as arestas buriladas lhe rasgaram a carne, e pulou para trás, afastando-se da oscilante martelada de Worick. O salto foi curto, mas a criatura parecia deslizar pelo ar enquanto se livrava da embaraçosa toga, pousando atrás da que matara a sacerdotisa. O thuragar rosnou e investiu contra ambos, mas não viu o nycataal pendurado no tecto que lhe saltou em cima, aterrando sobre Worick e encalhando ambas as lâminas curvas na cota de malha na garganta do thuragar. Quenestil largou o arco e desembainhou o facalhão, olhando para cima e vendo outra das criaturas pendurada de cabeça para baixo impulsionar-se na sua direcção de foices nas mãos. O eahan baixou-se e sentiu o chofre

das lâminas passarem-lhe a curta distância da cabeça, atirando-se de costas contra a parede de forma a não cair e vendo a pirueta com a qual o nycataal aterrou sobre os seus pés. O que caíra sobre Worick saltou de cima do thuragar a tempo de evitar o espeto do seu martelo e planou na direcção do shura, foices a cintilarem à luz das tochas; Quenestil atirou-se ao chão, deixando-as rasparem contra a parede.

Worick viu-se confrontado por dois nycatalos, um dos quais com o braço ferido e ambos sedentos do seu sangue. O que matara a sacerdotisa investiu, empunhando as suas estranhas foices de forma reversa, e Worick estocou em frente com o espeto do martelo. O nycataal esquivou-se dele e tentou atacar pelo flanco ao mesmo tempo que o seu companheiro saltava de lado para a parede de modo a impulsionar-se para cima do thuragar, mas o velho guerreiro trouxe a cabeça do martelo bruscamente atrás, agredindo o seu adversário com a ponta do cabo, e girou em si para desferir um esmagador altabaixo ao outro, que se encontrava em pleno ar e que apenas com uma violenta torção do ágil corpo conseguiu evitar o golpe, dando uma cambalhota por cima de Worick e saltando da parede para o chão. Os nycatalos eram muito rápidos e lesto devido aos seus ossos ocos, mas as suas habilidades eram-lhes mais úteis em espaços abertos, e o thuragar sabia que teria de aproveitar o espaço confinado do corredor, embora isso também fosse um empecilho para o uso do seu martelo. O nycataal que concutira tornou a atacar enquanto o seu companheiro procurava um ponto fraco no arnés do adversário, desta vez rilhando a cota de malha entre duas placas do braço do thuragar, chiando da sangrenta boca escancarada.

Quenestil rebolou pelo chão e, assim que se ergueu, teve de se defender de uma série de rodopiantes golpes do primeiro nycataal que o atacara, desviando-se deles e deflectindo os que podia com o facalhão, tentando ainda manter o outro nycataal debaixo do canto do olho. Uma das estocadas foi longa, e o shura julgou por uma fracção de instante que iria conseguir agarrar o delgado braço do adversário para o desarmar, mas este torceu o pulso e puxou a lâmina para trás, passando-a pela palma da mão do eahan. Antes que Quenestil tivesse sequer recolhido a mão ferida, o nycataal lambeu a outra lâmina e ainda lhe abriu um abrasante golpe no antebraço com estonteante rapidez. Com o sangue a arder nas pugnaces chamas do combate, o eahan mal sentiu a dor e desferiu um corte oblíquo para afastar a criatura, mas assim que esta lhe fez a vontade, a outra atacou. Quenestil viu-se forçado a agarrar-lhe os pulsos, deixando-se cair para trás e

assentando os pés no ventre do nycataal, aproveitando o impulso deste para o projectar para trás e para se acocorar com uma cambalhota, pronto para a inevitável investida do segundo. Porém, o nycataal que o ferira não o atacou e preferiu golpear a tocha ao seu lado com a sua foice, arrancando o archote que nela ardia.

Não os deixes, eles conseguem ver no escuro! avisou Worick assim que se apercebeu da estratégia dos adversários.

O thuragar oscilava o martelo, mantendo os dois nycatalos à distância e tentando pressioná-los de forma a impedi-los de o atacarem ao mesmo tempo. Já tivera experiências anteriores com as criaturas em emboscadas nocturnas nos seus tempos de general, e sabia bem o quão perigosas eram. Desferiu um golpe lateral que obrigou o nycataal à sua direita a saltar para trás e o outro a baixar-se, evitando a cabeça do martelo que lascou uma das pedras da parede. O que se baixara investiu contra o flanco desprotegido de Worick, mas fora essa a intenção do thuragar, que se defendeu do golpe com a sua manopla e trouxe o martelo abaixo, deixando o cabo deslizar pela sua mão até encalhar no pomo, aumentando o alcance do golpe. O nycataal chiou, alarmado, e foi forçado a deixar-se cair em frente para evitar o esmagador golpe, que rachou as lajes do chão. Antes que se pudesse levantar, Worick pisoteou-lhe a perna, cujo frágil osso oco estalou, e a criatura guinchou em agonia. O outro nycataal saltou a acudir o seu companheiro, escancarando a boca e soltando um guincho inaudível para os ouvidos de Quenestil ou Worick, mas que de alguma forma afectou o equilíbrio e o balanço do thuragar, que cambaleou antes que pudesse desferir o derradeiro golpe no adversário caído. O nycataal aproveitou-se do momento de instabilidade, e Worick grunhiu de dor quando se tentou desviar da rutilante foice e um afiado gume lhe cortou o lábio superior, riscando-lhe os dentes.

Taislin deu um passo na direcção da porta, pronto a crivar de punhais a primeira coisa que reconhecesse como ameaça para os seus amigos.

Taislin, não! disse Slayra, tentando desenhencilhar-se da aterrada rapariga que ainda estava abraçada a ela. Nós não podemos deixar a Lhiannah sozinha aqui!

O burrik parecia dividido, olhando alternadamente para a porta e para a princesa. Lhiannah segurava as costelas, que lhe ardiam por ter

tentado sair da cama, e todo o seu corpo se queixava do seu indevidamente brusco movimento. Nenhum dos três reparou na silhueta que surgiu detrás do vitral da janela do quarto.

Quenestil debatia-se a custo contra os dois nycatalos, cujas rutilantes foices o obrigavam a uma constante série de bloqueios, desvios e esquivas, sobretudo as últimas. Não iria conseguir manter tal ritmo durante muito tempo, pois os seus adversários eram dois e eram mais rápidos. Pelos vislumbres que captava de Worick entre os golpes, o thuragar também estava a ter dificuldades e não poderia ajudá-lo. Precisava de alguma vantagem, pois o seu facalhão não era maior que as quatro foices dos nycatalos, que pareciam estar em todo o lado e vir de todas as direcções, daí que a sua primeira reacção ao passar por uma tocha foi arrancá-la da sua tocheira, empunhando-a com a mão esquerda. Os nycatalos demonstraram desagrado perante a chama, mas os seus ataques não amainaram, e foices choveram sobre a lâmina do facalhão e a tocha.

Worick cambaleou, levando a mão à sangrenta boca e erguendo o braço que empunhava o martelo para se resguardar dos golpes do nycataal, que lhe retiniam furiosamente contra a manopla. Os seus dentes estalavam de dor, e o seu lábio cedo lhe molhou os dedos acerados de vermelho, deixando-lhe um sabor férreo na boca. O thuragar forçou-se a recuperar a compostura, rilhando os dentes riscados e grunhindo de raiva ao baixar a cabeça quando uma foice lhe bateu no elmo. Golpeou cegamente com o martelo para afastar o nycataal, mas embora estivesse caído no chão com a perna partida, o outro enganchou o tornozelo de Worick com a foice e desequilibrou-o, conseguindo uma abertura para o ataque do seu companheiro, que se abateu sobre o adversário com abandono. Worick aparou os golpes com o cabo do martelo, mas não conseguiu compensar a falta de balanço e caiu de costas, convidando um novo ataque pela parte do nycataal, que, no entanto, se limitou a saltar por cima do thuragar caído, desviando a sua atenção do seu companheiro que, apoiando as mãos no chão, se impulsionou para o ar, dando uma cambalhota e deixando-se cair de foice erguida sobre Worick, chiando pela sua morte. Apenas os reflexos temperados pelos anos de experiência do thuragar lhe permitiram erguer o seu martelo a tempo sobre a barriga, apresentando o espeto da arma ao nycataal, que tarde demais se tentou desviar da sua trajectória, caindo com o flanco esguio sobre o espinho. Mortalmente ferido, o nycataal guinchou agudamente, e

Worick deixou o martelo cair para o lado enquanto a criatura crispava os longos dedos no cabo, tentando desesperadamente desenterrar o ardente espeto das suas vísceras. O outro nycataal pulou e atacou o thuragar enquanto este estava desarmado.

A rapariga gritou quando o vitral da pequena janela se estilhaçou e um vulto a atravessou, mergulhando pelo quarto adentro. Com os músculos tensos como arames, Taislin virou-se de imediato na direcção do ruído e arremessou um dos seus pequenos punhais, que tiniu contra a parede enquanto o vulto aterrava com uma chuva de estilhaços numa posição acochada no chão. O nycataal avaliou a situação rapidamente, e a sua cabeça virou-se bruscamente para Lhiannah, chiando. Taislin arremessou os três restantes punhais, e a criatura foi forçada a devolver-lhe a sua atenção, desviando-se deles com uma pirueta lateral mas ainda assim incapaz de evitar que um lhe raspasse a perna. Slayra empurrou a rapariga e avançou contra o nycataal, pernas flectidas e estilete e quebra-espadas em riste. O coração da eahanoir bombeou com mais força ainda, parecendo acalorar-lhe o ventre como aviso, mas Slayra ignorou-o. O nycataal pulou antes que a eahanna o conseguisse interceptar e planou na direcção de Lhiannah, levando as foices atrás. A princesa praticamente saltou para fora da cama, arrastando o lençol atrás de si com uma perna, e as lâminas da criatura afundaram-se no colchão. A criatura chiou de frustração e esfarrapou-o ao arrancar as lâminas, abrindo feridas das quais jorraram penas. O chio de protesto transformou-se num guincho de dor quando outro punhal de Taislin lhe lacerou o ombro. Slayra então atacou, passando por cima de Lhiannah e estocando em frente, mas o nycataal evitou o golpe com um salto mortal por cima da eahanoir, cuja cabeça ainda tentou cortar com um golpe de foice que a sua adversária por pouco não conseguiu aparar com o quebra-espadas. Lhiannah viu os pés providos de garras da criatura aterrarem perto da sua cabeça, mas Slayra girou em si antes que esta a pudesse atacar, obrigando-a a mexer as foices para evitar as dardejantes estocadas do estilete e os cortes traiçoeiros do quebra-espadas.

Quenestil ouviu os gritos vindos do quarto e foi acometido de um desesperado furor, mas antes que se abatesse sobre os nycatalos, sentiu o chão escapar-se-lhe debaixo dos pés quando uma das criaturas escancarou a boca, guinchando em aparente silêncio. Espanejou o ar com a tocha por reflexo para manter os inimigos afastados enquanto cambaleava para trás, tentando recuperar o equilíbrio. As suas costas encontraram

a parede, que lhe ofereceu necessitado amparo, mas os dois nycatalos lamberam as foices e atacaram, decididos a acabarem a luta ali mesmo. O eahan descreveu um semicírculo à sua frente com a tocha, desviando os golpes de ambos e estocando cegamente, rosnando de triunfo ao sentir a lâmina do facalhão provar a carne de um dos nycatalos. A ponta de uma foice punctionou-lhe o ombro que empunhava o facalhão, ardendo como o primeiro golpe que recebera, mas o shura ignorou-a e persistiu no seu ataque ao nycataal ferido, enxotando o outro com a tocha. Quenestil correu em frente, esmagando a criatura contra a parede e concutindo-a com a tocha, mas antes que pudesse arrancar a lâmina para tornar a golpear o nycataal, ouviu o chio do outro atrás de si. Trouxe a tocha atrás a tempo de bloquear duas foiçadas, mas a momentânea distração permitiu ao nycataal encurralado agarrar o pulso do shura de forma a retirar a lâmina da sua carne, torcer-lhe o braço e agarrá-lo por trás, puxando-o para si. Dedos grosseiros cobriram a cara de Quenestil e dentes afilados cravaram-se-lhe no pescoço, queimando-lho com saliva abrasadora. O eahan grunhiu de dor, mas o nycataal à sua frente ameaçava acabar de vez com o seu sofrimento, levando as foices atrás como se fosse ceifar uma meda de palha. O shura agarrou a cabeça da criatura, baixou o joelho e impeliu-a por cima de si, interceptando ambas as foices com as suas costas. O nycataal guinchou, e Quenestil deixou-o cair, devolvendo a sua atenção ao outro, que se viu atrapalhado para arrancar as suas lâminas do corpo do companheiro, uma vantagem que o eahan não perdeu tempo em aproveitar, arrojando-lhe a tocha ardente contra a face. A criatura guinchou, levando as mãos ao rosto queimado, e Quenestil rachou-lhe o frágil crânio com uma violenta bordoadada que o atirou de cara contra o chão.

Slayra! gritou, correndo na direcção do quarto e olhando de relance para Worick, que tinha um nycataal aos seus pés e era atacado pelo outro.

Ajuda-as, eahan! berrou o thuragar, rasgando um pouco mais o seu lábio e atirando-se de cabeça contra o seu adversário em pleno ar. As duas foices raspam-lhe as costas da couraça assim que Worick colidiu contra o nycataal, que, com uma torção do corpo, conseguiu inverter ligeiramente a posição e fazer com que caíssem de lado, deixando o thuragar absorver o impacto de ambos.

O ar foi expulso dos pulmões de Worick, e a criatura estrebuchou para cima dele, chiando e erguendo as foices. Ainda com o fôlego por recuperar, o thuragar ergueu os punhos e defendeu-se das cutiladas

como pôde, resguardando a cara das cruéis lâminas. O seu próprio sangue entrava-lhe pela boca, escorrendo-lhe quente pela barba e pescoço abaixo até à nuca, e os seus dentes ainda lhe atormentavam as gengivas, mas Worick sabia que a sua protegida corria perigo e tais ferimentos eram a menor das suas preocupações. A ponta de uma foice entrou por uma fresta das placas que lhe cobriam o braço, que o thuragar mexeu de forma a encalhar a lâmina. O nycataal chiou enraivecido e trouxe a outra abaixo numa tentativa de a espetar na testa do obstinado adversário, mas Worick conseguiu agarrar-lhe o pulso e torcer-lho com força, estalando o osso oco com facilidade. A criatura soltou um guincho agudo, levando a cabeça atrás, mas o thuragar puxou-a violentamente pelo braço, trazendo-lhe a cara de encontro à sua manopla cerrada com efeito esmagador. O nycataal espirrou-lhe sangue para a cara e peito, e Worick golpeou-o uma segunda vez, fazendo-o cair para o seu lado, rebolando ainda para cima das costas da criatura para lhe desferir o derradeiro golpe na nuca com ambos os punhos, calcando-lhe a cara contra o chão com um enjoante som despedaçador. O thuragar apoiou-se na parede com as mãos sujas de sangue e miolos e cambaleou para os seus pés, ignorando os ruídos de passos e gritos que já se ouviam vindos do corredor.

Slayra tentava manter o nycataal afastado de Lhiannah enquanto a princesa se debatia com as suas dores numa tentativa de passar para o outro lado da cama. A criatura lutava de forma acirrada, brandindo as suas foices com arrebatado alento que já por várias vezes quase arrancara o quebra-espadas da mão da eahanoir. Não só isso, a criatura era também rápida, quase fulminante, e Slayra não estava em condições de a acompanhar durante muito tempo na dança mortal que ambos bailavam. A eahanna defendeu um golpe por pouco, e a foice do nycataal encalhou perto da ponta nos dentes do seu quebra-espadas, que Slayra torceu, partindo boa parte da extremidade superior da arma e dando-lhe seguimento com uma rápida estocada destinada ao coração do adversário, que se desviou. Slayra viu a sua rutilante morte vir de lado quando o nycataal de repente estacou, guinchando e arqueando as costas com um punhal de Taislin nelas cravado pelo próprio. A criatura inclinou-se para o lado e escoiceou a cara do burrik, arrancando-lhe os pés do chão, mas a eahanoir aproveitou a distração para lhe puncionar o trapézio com o estilete, cuja ponta falhou em chegar ao coração devido a um osso no qual raspou. O nycataal tornou a chiar e pulou para o ar, aterrando a um canto do quarto

e arrancando o punhal das costas. Encolhida contra a parede, a laica gritou, tapando a cara com os dedos. A criatura ignorou-a e fitou a sua adversária com ódio, lambendo ambas as foices com uma língua intensamente vermelha e saltou, planando por cima da eahanna na direcção de Lhiannah, que parecia tentar enfiar-se debaixo da cama.

Lhiannah! gritou a eahanoir, vendo o nycataal passar por cima de si e arremessando o quebra-espadas, que rodopiou contra a coxa da criatura e nela se enterrou, fazendo com que esta se contorcesse no ar e caísse de mãos e pés ao chão.

O nycataal arrancou a lâmina denteada da perna, trazendo atrás dela um espirro de sangue, e olhou enraivecido para Slayra quando esta ainda teve a ousadia de investir contra ele armada apenas com o seu delgado estilete. Chiando de cólera, a criatura rodopiou com foice e meia sobre a eahanoir, castigando-lhe o estilete e obrigando-a a recuar contra a parede. A lâmina quebrada rasgou-lhe a manga e o braço esquerdo, e a eahanoir desferiu um pontapé na perna ferida do nycataal de dentes e olhos cerrados pela abrasante dor que lhe grassou no membro. O seu adversário tornou a chiar e arrancou o estilete da mão de Slayra com uma violenta foiçada, forçando-a a encostar-se de forma desequilibrada à parede para evitar a outra. Mas a seguinte seria impossível de evitar, e a eahanoir soube-o ao ver o nycataal abrir os braços, pronto a desferir uma mortal cutilada de ambos os lados.

Quenestil irrompeu pelo quarto adentro, empunhando a tocha com a mão sangrenta, e viu Slayra encurralada contra a parede. Taislin tentava levantar-se. Lhiannah estava no chão. Não tinha o seu arco. Não chegaria a tempo.

Slayra, *não! berrou*, levando a tocha atrás para a arremessar em vão desespero.

O nycataal soltou um vitorioso guincho, mas antes que envolvesse a eahanoir no seu mortal abraço afiado, Ancalach atravessou-lhe o torso de um lado ao outro e a criatura estacou, olhou aparvalhadamente para a ponta da lâmina tingida de vermelho pelo seu próprio sangue e tombou, morta antes de sequer chegar ao chão.

Todos ficaram a olhar para o corpo do nycataal durante alguns instantes, esmagados pelo alívio e pelo horror do que estivera prestes a acontecer, quase incapazes de respirar, temendo que algo de mal ainda pudesse acontecer caso permitissem ao tempo correr outra vez. Worick fê-lo contra a vontade de todos, entrando no quarto com grande estrépito.

Cachopa! berrou, vendo Lhiannah no chão, contorcida em dores e agarrando o pulso da mão esquerda, cujos dedos sangravam por neles ter apoiado a afiadíssima lâmina de Ancalach ao arremessá-la.

Os corações dos companheiros começaram a bater e a primeira reacção de Quenestil foi deixar a tocha cair e correr para Slayra, mas esta deteve-o com uma mão erguida e indicou a princesa com um gesto da cabeça, agarrando o braço ferido. O eahan hesitou e Worick empurrou-o para fora do seu caminho, mas todos se detiveram outra vez quando o nycataal foi acometido de um violento espasmo que fez com que esticasse os membros e as costas além dos seus limites, estalando boa parte dos ossos do seu corpo. O thuragar empunhou o martelo, e Quenestil correu a pegar na tocha, mas a criatura limitou-se a espirrar sangue de todos os orifícios do seu corpo, criando novos para libertar a violenta pressão que dentro dele se formara, a sua carne a ferver em torno da lâmina de Ancalach. Os companheiros desviaram o olhar e escudaram-se dos quentes respingos que lhes mancharam as roupas e os cabelos. A laica calou-se, olhou para as trémulas mãos e braços molhados com o mesmo vermelho que lhe escorria da cabeça e vomitou perante o horror, apoiando-se com as mãos no chão.

Pedras me partam... praguejou Worick, enrugando a cara com uma verdadeiramente enojada careta antes de se virar para Lhiannah que, como permanecera no chão, fora poupada ao pior. Cachopa, estás bem? perguntou, ajoelhando-se perante a sua protegida, que acenou afirmativamente de olhos semicerrados.

Quenestil quis pegar em Slayra, que se curvava perante o que pareciam ser tonturas, viu que a eahanoir tinha o braço ferido e lembrou-se dos seus próprios ferimentos, incluindo o corte na mão, a mordidela no pescoço e a punção no ombro, que continuavam a arder e sangrar como se tivessem acabado de ser infligidos.

Taislin? perguntou a eahanoir, agarrando-se ao shura.

Estou bem disse o atarantado burrik, abraçando a laica, que tossia e chorava.

Worick, o que eram estes bichos? perguntou Quenestil, acariciando suavemente as costas de Slayra, cujo coração ainda sentia a bater contra o seu peito e cujo ventre pressionou protectoramente contra o seu.

Nycatalos esclareceu o thuragar, ajudando a sua protegida a deitar-se na cama outra vez e esfregando o sangue que lhe escorria do lábio para a barba. Temos de tratar destas feridas. O cuspo dos bichos não as deixa parar de sangrar.

Slayra afastou-se de Quenestil, vendo o sangue que lhe pingava da mão e lhe manchava o ombro, e apertou o ferimento no seu próprio braço.

A Lhiannah e o Taislin...? perguntou o shura, olhando para o burrik.

Não foram feridos, mas... a eahanna foi interrompida pelos ruídos de passos e as vozes exaltadas que se pronunciaram perante o que Quenestil e Worick haviam deixado para trás no corredor.

Aí vêm eles disse o thuragar, ligando a mão ensanguentada de Lhiannah com o lençol enquanto a princesa esperava em cima da cama que as suas dores amainassem. Agora vão todos cantar para nós...

Quenestil pareceu lembrar-se de algo, e os seus preocupados olhos fitaram os de Slayra, que não compreendeu o súbito alarme.

Deuses, o Aewyre e o Allumno! É uma armadilha!

Worick parou com o que estava a fazer e olhou para o eahan, franzindo o sobrolho e o lábio cortado.

Não vêem? Eles separaram-nos! O Aewyre e o Allumno foram sozinhos para uma armadilha!

Filhos da mãe... murmurou o thuragar entre dentes, largando a mão de Lhiannah e pegando no seu martelo. Slayra, Taislin, vocês ficam aqui. Eahan, vem comigo!

Quenestil debateu-se por um ínfimo instante, apertando a mão de Slayra, mas esta facilitou-lhe a decisão ao indicar a entrada com a cabeça. Eahan e thuragar saíram porta fora, colidindo e abrindo caminho por entre alarmados laicos e sacerdotes, exigindo espaço e direcções aos berros. Taislin olhou para a eahanoir, abraçando a soluçante laica, mas os apreensivos olhos de Slayra estavam na porta e a sua cara manchada de sangue traduzia tudo menos a tranquilidade que transmitira com o aceno de cabeça.

PESADELO INCONCLUSO

A desolada e monótona paisagem de Karatai não apresentava quaisquer variações na sua gélida vastidão, tanto mais que a visibilidade era severamente restringida pelos ventos nevosos que uivavam desalmadamente, dealbando o ar. O Inverno não dava sinais de renúncia, e os habitantes das estepes refugiavam-se nos seus abrigos, encovavam-se em busca do calor que os céus lhes negavam ou aconchegavam-se para se protegerem do cruel frio. Porém, a fome obrigava muitos a abandonarem os seus refúgios e a aventurarem-se na frígida desolação em busca de alimento. Um desses aventureiros era uma pequena criatura com um alongado e sinuoso corpo de pernas curtas e pêlo ralo castanho-escuro no dorso que deixava entrever a pelagem amarelada por baixo. O furão das estepes encontrara algo de invulgar na monótona paisagem branca e farejava atentamente em redor, erguendo o focinho branco e exibindo o pêlo negro da face ventral. Convencido de que não havia perigo, aproximou-se do vulto caído e parcialmente coberto por uma manta névea, farejando-o hesitantemente. Os ratos haviam desaparecido há algum tempo, mortos ou comidos pelo furão ou por um outro predador esfaimado, e o alimento tornara-se inexistente na área circundante, pelo que o estranho vulto soterrado na zona limítrofe do seu território lhe chamou a atenção de sobremodo. Um estranho odor pairava em redor do vulto, um cheiro acre e cobreado parecido com... sangue seco. O focinho trémulo do furão aproximou-se de uma greva que se erguia da neve como um pináculo negro num mar alvo, farejando e achegando-se hesitantemente. Guinchou quando o frio da superfície gelada lhe queimou a ponta do nariz, saltando para trás e arqueando o corpo como se estivesse perante uma ameaça. A greva, contudo, não se mexeu, e o animal tornou

a tentar, constatando ao segundo toque frígido que não seria avisado lambe-los tal coisa, embora emanasse um mortífero odor a sangue seco. Optou por uma abordagem diferente e torceu o rosto, aproximando-se antes por trás, subindo pela capa que cobria amplas espaldas e chegando à cabeça encimada por um elmo com quatro chifres ligeiramente recurvos. O furão associou a caveira debaixo do elmo às ossadas que ultimamente costumava encontrar, restos descartados por outros predadores, mas a textura era diferente; estes eram ossos antigos. Ainda enfiou o vacilante focinho dentro de uma cavidade orbital, mas nada encontrou no interior que pudesse comer, pelo que desceu e procurou pelo braço, também esse frio de mais para sequer pensar em tocá-lo. Chegou por fim ao punho soterrado que empunhava a espada, cuja lâmina porosa jazia enterrada na neve. Porém, os copos da arma e o punho que a empunhava estavam revestidos por uma camada rachada de sangue seco e grumoso. O odor e a textura não enganavam, mas ainda assim o furão farejou cuidadosamente antes de se atrever a deitar a pequena língua rosada de fora e lambe-la a camada de sangue congelado no punho do rosto. O frio magoava-o e colava-o a frenética língua, mas o sabor que se ia revelando incitou-o a lambe-la mais, acabando por derreter o sangue com a sua saliva e deliciar-se com o módico festim sangrento que cobria a mão e sobretudo os copos da espada.

O furão regalava-se de corpo esticado e patas dianteiras apoiadas sobre a neve que cobria parte do punho para chegar ao sangue aglomerado nos copos, quando de repente virou a cabeça, farejando o ar com o focinho branco manchado de vermelho. Os seus mascarilhados olhos negros distinguiram entre a agitada ventania nevosa seis rostos que se aproximavam, lenta e decididamente. O animal estacou por momentos, permanecendo na mesma posição, uma pequena estátua felpuda com um farejante focinho que não parava de se mexer, partindo subitamente, rápido como um relâmpago e desaparecendo na ventania à procura de um local onde se pudesse esconder. Os seis rostos eram atarracados e corpulentos, e envergavam trapos e peles humanas com ossos e ossículos nelas pendurados ou cosidos. A cor cinzenta da sua tez era a de cinzas de mortos, os longos cabelos brancos que orlavam as suas cabeças achatadas e calvas agitavam-se ao vento como se dele fizessem parte, os seus olhos amarelos luziam na opacidade e os seus achatados narizes puxados para cima prendiam as suas bocas num eterno arreganhar dos compridos caninos brancos. Empunhavam colunas vertebrais, clavos feitos de tíbias e bacias e costelas com arestas afiadas, mas não vinham com intenções de fazer uso das grotescas armas.

Assim que viram o vulto semi-sepulto, detiveram-se e perscrutaram-no com curiosidade a uma distância segura, estudando a fonte da estranha atracção que quase os avocara até aquele lugar. O moorul estava num estado lastimoso, com a fronte do elmo fendida e o crânio e o maxilar superior rachados por um golpe de sabre, que não fora o único, julgando pelas inúmeras cutiladas e golpes de lança espalhados pelas partes visíveis da sua armadura cor de sangue seco. Os ocarr haviam deixado o seu indigno enterro ao cuidado da intempérie, que se limitara a cobri-lo parcialmente com uma mortalha de neve e que provavelmente fora várias vezes destapada pelo implacável vento. Os udagai aproximaram-se mais, cercando o moorul caído como uma família enlutada, mas as suas expressões não traíam qualquer emoção além de mera curiosidade enquanto o observavam frios e impassíveis. A lâmina porosa do moorul bebera muito sangue, mas não fora o suficiente para colmatar os danos que o seu portador sofrera durante o combate. Tanto quanto era possível a um dos tenentes do Flagelo ter vida, neste já não sobrava nenhuma, nada mais era além de uma carcaça negra. Um dos udagai ajoelhou-se perante o moorul e tentou-lhe a caveira com dedos ásperos. Era um espécime com a pele cinzenta engelhada e com um verdadeiro avental de pele e ossos a cobrir-lhe o corpo. Furara as orelhas com ossículos e usava uma caveira humana com uma coifa de” pele na nuca como máscara, o que tornava os seus longos caninos numa visão ainda mais grotesca. Era um osteomante, um ledor de ossos, e estava bastante curioso quanto à história que as ossadas do moorul tinham para lhe contar. Os restantes cinco observavam em silêncio enquanto o osteomante fechava os olhos e raspava a caveira fendida com as unhas, principiando a entoar uma mórbida ladainha em Olgur na tentativa de sondar os segredos que o fenecido moorul certamente guardava.

Velhos... são ossos velhos... disse o osteomante enquanto passava as pontas dos dedos pela superfície polida da caveira. Dor... muita dor... e sangue... tanto sangue... doce essência dos vivos... Baodegoth... de seu nome Baodegoth...

Os udagai nada disseram, sabendo que o osteomante apenas tocava nas impressões mais superficiais das ossadas.

Um propósito... um desígnio de contingência... a busca por um objecto... o Flagício! o osteomante praticamente sibilou a última, e os seus companheiros reagiram de igual forma, retesando-se como se tivessem recebido um golpe inesperado.

Os dedos do osteomante afastaram-se por breves instantes da caveira do moorul, retomando o contacto apenas quando as batidas do seu coração amainaram.

Derrota... grande derrota... aprisionado... tempo... tanto tempo a aguardar... anos e anos na escuridão... anos... o chamamento... chegada a hora... o... Flagício... a palavra saiu-lhe por entre dentes cerrados. Ancalach!

O osteomante viu-se uma vez mais forçado a retirar a mão, avassalado pelas memórias do moorul e pela força destas. Os outros udagai continuaram sem nada dizer, embora a sua curiosidade não parasse de aumentar a cada momento. O osteomante ergueu-se, com a coifa de pele a abanar ao vento, e falou sem tirar os olhos do moorul.

Grande era a força que o movia. Expirou antes de alcançar o seu objectivo.

O Flagício disse outro, o primeiro a conseguir enunciá-lo

outra vez.

Sim. O seu objectivo era... esse.

Está... morto? perguntou outro.

Além de qualquer restauração? inquiriu um segundo.

Sim.

Os seis ponderaram, cercando o moorul como indecisos abutres de adejantes cabelos brancos ao vento, cujos desesperados aulidos pareciam vaticinar o que estava para acontecer.

Vejo nele uma saída para nós disse por fim um deles.

A ideia também me ocorreu admitiu outro.

Requererá um sacrifício lembrou um terceiro.

Vários corrigiu o osteomante.

De sangue?

E não só.

Os seis reflectiram, aparentando chegar a um consenso em simultâneo.

Será o nosso veículo.

Sim, para fora das estepes.

Se a isso estivermos dispostos.

A saída do nosso encarceramento.

O regresso às terras fora deste deserto estéril.

Às quais pertencemos.

Por direito.

E das quais fomos injustamente expulsos por Ele.

Sem qualquer motivo.

Ou por um motivo mesquinho.

Mesquinho, sim.

O vento tornou a tomar a palavra enquanto os udagai se tentavam convencer da sua própria decisão, cada um imerso em serena contemplação a despeito das violentas rajadas que os fustigavam, borrifando-os com neve.

Está decidido? perguntou por fim o osteomante.

Sim responderam-lhe os cinco em uníssono.

Que seja feito, então.

O osteomante começou a andar em círculos em volta da carcaça, espalhando pequenos ossos e bocados de cartilagem em seu redor em preparação do rito, finda a qual se ajoelhou ao lado do moorul e principiou a entoar um cântico em Olgur, preparando as ossadas de um dos tenentes de Seltor como receptáculo. Os restantes udagai baixaram as cabeças e ouviram atentamente as suas palavras, aguardando a sua vez. Enquanto executava o rito, o osteomante agarrou a manopla e o punho que seguravam a espada negra, alheio ao gélido metal ao qual a pele das suas mãos ficou colada.

Que venha o primeiro disse por fim, erguendo a manopla e a espada convidativamente, apontando a ponta da porosa lâmina a nenhum em especial.

Os cinco vacilaram momentaneamente, até que um udagai acabou por avançar e postar-se diante da ponta da espada, disposto a dar o exemplo.

Seis seremos unos. Sem os seis nenhum ressurgirá. Com o teu sangue e a tua alma, depões a tua vida perante este Seu servo?

Com o meu sangue e a minha alma o faço assentiu o udagai quase em surdina, flectindo as pernas e arremetendo sobre a ponta, que lhe atravessou o ventre de um lado ao outro, projectando-se fumegante das suas costas.

O vento soltou um aulido estridente, e a última coisa que o udagai viu enquanto o seu sangue era sugado pela sequiosa espada foi a cara mascarada do osteomante que o fitava, imperturbado. As fendas visíveis na armadura do moorul começaram a remendar-se como feridas que se fechavam, formando uma espécie de crosta que rapidamente se solidificava, fundindo-se à armadura. O udagai soltou arquejos roucos nas suas derradeiras vascas debaixo dos olhares apreensivos dos seus companheiros, que só então viam o que os aguardava e que se começavam a questionar acerca do valor da liberdade pela qual se iriam sacrificar. Quando o udagai morreu, o osteomante chamou outro para

o puxar para fora da espada que o deixara exangue. O menos desmotivado dos quatro foi em frente e assim fez, puxando o corpo do seu companheiro, atirando-o ao chão e constatando que nem uma gota de sangue ficara na porosa lâmina. O osteomante aguardou que o udagai se posicionasse, mas viu que os quatro vacilavam, já não tão resolutos.

A dor é passageira. Um mero sacrifício pela nossa liberdade. Os outros não pareceram persuadidos. Uns instantes de dor ou uma vida de reclusão nas estepes. Escolham.

Posta dessa forma, a escolha pareceu bem mais fácil aos udagai e, após um derradeiro momento de incerteza, o que puxara o companheiro da lâmina também flectiu as pernas.

Seis seremos unos. Sem os seis nenhum ressurgirá. Com o teu sangue e a tua alma, depões a tua vida perante este Seu servo?

Com o meu sangue e a minha alma... o faço.

A morte do segundo não foi mais agradável nem menos dolorosa, mas os três seguintes repetiram o procedimento tão depressa quanto lhes foi possível, até restar apenas o osteomante defronte de um cadáver exangue e empalado e com outros quatro espalhados em mórbidas posições no chão. Chegara a sua vez, e o osteomante quis largar a manopla e o punho do moorul para executar o último sacrifício, mas a sua pele estava colada ao metal frio, e por muito que puxasse não se conseguia libertar. O udagai mordeu o lábio inferior e o queixo com os seus caninos, assentou o pé sobre o braço do moorul e puxou as mãos com toda a força, deixando impressões palmares de carne viva na manopla e no punho. Grunhindo de dor, o osteomante enfiou as sangrentas palmas na neve com o único intuito de amainar o ardor das mãos feridas, pois em breve não mais lhe seriam úteis. Quando a dor foi entorpecida, o udagai tirou as sangrentas mãos da neve e tornou a agarrar a manopla do moorul, desta feita resguardado do nefasto efeito do frio do metal pelo sangue quente que lhe escorria das palmas, escorrendo fumegante pelo metal rugoso. Ergueu a espada e pousou a ponta no seu estômago, inclinando-se sobre ela e deixando o punho assentar no chão de forma a poder apoiar-se na lâmina. Seguiu-se um momento de hesitação, na qual o udagai contemplou o que estava prestes a fazer e as duradouras consequências que o acto teria. Olhou em redor e soube que era a última vez que o fazia ao sentir nada mais além de desprezo e ódio pelas estéreis estepes às quais fora relegado como punição. Não, não mais. Iria ter a sua liberdade, e estava certamente disposto a pagar o preço.

Com o meu sangue e a minha alma o faço... declarou, fechando os olhos e caindo de joelhos para a neve.

Algo frio lhe trespassou a barriga, ardendo-lhe nas entranhas e contraindo-as de seguida ao começar a sorver como uma sanguessuga de aço. Os seus sentidos ficaram embotados nesse instante, todas as suas sensações se centravam na zona ventral e no ardor pulsante que nela grassava. Os olhos do osteomante abriram-se, tendo à frente a imagem distorcida da couraça peitoral da armadura do moorul. Sentia a vida esvair-se-lhe, alimentando o insaciável apetite da voraz espada negra e com ela revigorando a inanimada carcaça do moorul, que contudo continuava a servir de receptáculo. Finalmente, a sua visão ficou turva e o seu coração deu as suas derradeiras batidas, bombeando o sangue que lhe restava para fora do corpo, que descaiu, frouxo, para cima do moorul, deixando o seu capacete ósseo cair.

O vento acalmou, emulando o último suspiro do udagai e cobrindo os seus companheiros mortos em seu redor com uma ligeira poeira nívea. Os sete corpos assim permaneceram, imóveis num sinistro quadro de morte, retratando a grotesca paródia de um sacrifício. Mas o súbito brilho nas órbitas da caveira do moorul destoou na cena, conferindo-lhe uma vida própria que desarmonizava totalmente a composição. Após um breve refulgo, as rajadas do vento intensificaram-se numa espécie de protesto, mas o moorul era alheio ao cortante frio das fustigantes lufadas. As suas cavidades orbitais incandesceram-se num furioso rubor vermelho, que acabou por diminuir em dois malignos pontos, duas gotas de sangue a flutuarem em duas fossas de inescrutável profundidade. A esquelética cabeça ergueu-se, estalando e rachando, e viu o cadáver empalado na espada que empunhava. A caveira meio fendida virou-se para um lado e para outro, tomando nota dos cinco outros corpos espalhados à sua volta, e mexeu a mão esquerda, desenterrando-a da neve e erguendo-a defronte da sua cara, vendo a alvura escorrer-lhe por entre os dedos acerados. Cerrou o punho, abriu-o e tornou a cerrá-lo, como se precisasse de comprovar que ainda se conseguia mexer. Confirmada essa capacidade, o moorul tirou o cadáver bruscamente de cima de si sem largar a espada e virou-se de lado, apoiando-se com a mão sobre o peito do corpo para se levantar. O vento alçou-lhe a esfarrapada capa cor de sangue pisado, e o moorul apoiou o pé sobre o cadáver para puxar a espada para fora do seu corpo. Uma vaga de neve carregada pelas violentas rajadas abateu-se sobre ele, como se a alva monotonia das estepes estivesse a tentar tapar a mancha negra que nela se revelara, mas o moorul ignorava-a, imune aos seus efeitos. Olhou para um ponto indeterminado no obscurecido horizonte

e lá fixou o seu átono olhar, sendo repentinamente acometido de convulsões na cabeça que duraram até a caveira tornar a estacar, feito o qual saiu uma voz cava do vazio debaixo do seu maxilar superior.

Está feito.

De facto corroborou outra no mesmo tom, mas com uma inflexão ligeiramente diferente.

Somos unos aditou uma terceira, também ela com uma quase imperceptível diferença na voz.

Seis unidos no receptáculo.

Mas que sinto eu... nós? -Um chamamento?

Um apelo?

Os seis reflectiram, e o moorul permaneceu imóvel, uma estátua negra de adejante capa ao vento.

Não disseram todos em unísono.

Uma convocação mandatória. Já antes a senti... sentimos.

Várias luas atrás.

Um chamamento muito forte, sim.

Difícil de resistir.

Mas desapareceu.

E agora surge uma vez mais.

Não, sempre lá esteve.

E deixei... deixámos de o sentir.

Agora sinto... sentimo-lo de novo.

Estranho.

Sim.

As vozes tornaram a calar-se, imersas nas suas próprias reflexões.

Põe-se a dúvida então: seguimos o chamamento?

Ou não?

Aqui não permanecemos.

Está fora de questão.

Não.

Sim, totalmente fora de questão.

E longínquo. Fora das estepes. Devemos segui-lo?

Sáímos de uma prisão para seguir um apelo forçoso?

É forçoso?

Não, está longe de mais.

Longe de mais para o ser, sim.

Sigamo-lo então, para fora destas estepes.

Porque podemos?

Porque é um propósito.

Um propósito? questionaram-se cinco das vozes.

Sim, um propósito. A marca da liberdade. Escolhamos um propósito.

Sim, escolhamos um propósito.

Porque podemos.

E porque somos livres.

Livres, sim.

Seguiremos o chamamento então?

Sim concordou o coro de cinco.

Será o nosso propósito.

Levá-lo-emos a cabo.

Para fora das estepes, então.

Sim, para longe delas.

Para nunca mais voltarmos.

Sigamos o chamamento.

O nosso propósito.

Consumada a decisão, os movimentos regressaram ao corpo do moorul, que embainhou a espada e retomou a incansável marcha contra o vento que fora interrompida pelo ataque dos ocarr. Os escarpins negros arrastavam-se vigorosamente pela neve enquanto se afastava dos seis cadáveres dos udagai que agora dentro dele residiam, ocupando a sua identidade com um colectivo de mentes, que de repente se depararam com algo que fez com que o moorul se detivesse novamente.

Que é isto?

Memórias impregnadas nos ossos?

No sangrento metal?

Difícil dizer.

Mas a sua mensagem é clara.

Claríssima, sim.

A caveira meio fendida do moorul ergueu-se como se estivesse a visualizar algo.

Ancalach... foi o cavernoso coro que saiu do vazio debaixo do seu maxilar.

As vozes quedaram-se, agudamente cientes do seu propósito, e o moorul que antes fora Baodegoth recomeçou a andar, desaparecendo na ventosa névoa nívea.

ENTRE O PUNHO E A PALMA

Aewyre abriu um olho, estranhando o calor que sentia na face e a sensação de claridade através das pálpebras, e a primeira coisa que viu foi o ofuscante fecho de luz que manava de uma janela. Acabara de amanhecer, pensou, pois a janela do quarto das Alas estava virada para Leste. Ainda podia dormir mais um pouco...

Então lembrou-se de que não estava no templo e ergueu-se, alvoroçado, espalhando palha e olhando em redor com a visão ainda fosca.

Bom dia, Aewyre disse alguém de braços cruzados e de ombro encostado à parede sem tirar os olhos da janela gradeada.

Allumno? confirmou o guerreiro, embora o nome lhe saísse mais como uma pergunta. Onde... estamos?

O mago não lhe respondeu, pois sabia que o jovem se lembraria antes que sequer acabasse de lho dizer, e a subsequente exclamação de reconhecimento do seu protegido deu-lhe razão.

Não esperava voltar ao Cenóbio tão cedo... bocejou Aewyre, esfregando a remela seca dos sonolentos olhos.

Tens ali água e pão de centeio disse-lhe o mago, apontando para um tabuleiro à porta sem sequer olhar para o seu protegido, que piscou os olhos antes de se erguer para se espreguiçar e ir buscar o pequeno-almoço. O jurisconsulto deve chegar daqui a pouco para falar connosco.

Aewyre trincou um naco de pão seco e empurrou-o pela garganta abaixo com um trago de água, alheio ao sabor devido à fome e à boca seca.

Quanto tempo dormi?

Não muito. O sol nasce cedo nesta altura em Tanarch. Deves ter dormido umas quatro badaladas. Se te quiseres deitar outra vez...

Não disse o guerreiro de boca cheia, esfregando o ouvido com o dedo mínimo da mão que agarrava o pão. Eu nem era para ter adormecido. Por que é que não me acordaste?

Há dias que não descansavas, e quando te deitavas mal conseguias dormir. Achei que era altura de conceder a vitória ao cansaço; de nada serviria teres ficado acordado.

E tu?

O mago ficou-se em silêncio, braços cruzados, olhos fixos no que quer que estivesse a ver do outro lado da janela gradeada, provavelmente nada. Aewyre bebeu mais um trago enquanto esperava pela resposta que não veio, e reparou que os seus braços estavam enfaixados com bandas de linho, erguendo-os para os ver melhor. Lembrou-se de ter pedido ligaduras e água após ter sido trancado na cela com Allumno, que lhe enfaixou os membros queimados pelo feitiço da acompanhante de Malagor.

Não te preocupes, foram só queimaduras superficiais sossegou-o o mago. Nada de grave.

Aewyre baixou os braços e aproximou-se do seu tutor, mastigando antes de falar.

Allumno, o que tens? Perante a renitência do mago, o jovem insistiu: Mas fala, homem! Ou vais ficar a olhar para fora da janela o resto da manhã?

Allumno fechou os olhos, suspirou e virou a cara para o seu protegido. A luz da janela sombreava-lhe um dos lados da face, e a que incidia sobre a gema lançava um reflexo escarlate na cara de Aewyre.

Eu matei Malagor, Aewyre, matei um dos Três. Tu estavas comigo e lutaste a meu lado, és cúmplice. Aewyre ouvia com atenção, pois na noite anterior mal haviam falado um com o outro. Mas tu és da realeza, não farão mais do que notificar Ul-Thoryn exigir um avultado resgate; eu serei executado com toda a certeza.

O quê? Nem pensar negou de imediato o guerreiro.

- És o conselheiro do regente de Ul-Thoryn e tutor do príncipe, não um criminoso qualquer.

Também não matei uma pessoa qualquer... lembrou o mago.

Não interessa! Ninguém te vai executar!

Allumno tornou a suspirar com a ingenuidade do seu protegido, mas nada mais disse. Aewyre ficou satisfeito por o mago não tentar refutar a sua convicção e mudou de assunto.

Mas afinal o que aconteceu ontem, quando tu e o Malagor começaram a lutar, aquele estrépito todo?

Allumno dirigiu o seu olhar para fora da janela, aparentemente grato pela mudança de assunto.

Conheces a alegoria da magia? perguntou, referindo-se à parábola com o recalcado desdém de um entendido perante uma definição popular referente a um tema da sua especialidade.

Sim, aquela do pincel, da mão e...

O mundo é a tela, a Essência é a tinta, a Palavra é o pincel e o mago é a mão recitou Allumno. Bastante simplificado, mas ilustra com razoável exatidão a forma como a *magia* se processa. No caso de ontem, o salão de festas era a tela e a Essência que o permeava era a tinta, mas houve dois pincéis manejados por mãos divergentes a pintarem a mesma tela. Consegues imaginar o que acontece a um quadro se dois pintores trabalharem nele ao mesmo tempo? O guerreiro acenou com a cabeça. Foi o que sucedeu ontem, e por pouco não houve um desastre quando a acompanhante de Malagor se juntou ao combate. É por isso que todos os que usam a Palavra são reclusos e raramente combatem uns contra os outros, e a principal razão pela qual é inviável usar grupos de magos em batalhas. A destruição que daí resultaria seria tão perigosa para amigos como para inimigos.

Então é por isso... sempre pensei que vocês eram só uns ascetas que não queriam saber do resto do mundo...

É o que se costuma dizer, e pode até ser verdade para alguns. Mas a principal razão é esta.

Muito bem, então da próxima vez que aparecer um mago, deixa-nos tratar dele.

Allumno ignorou a ênfase que o seu protegido pôs na "próxima vez" e nada mais disse, devolvendo a sua atenção ao exterior. Aewyre encolheu os ombros e terminou a sua refeição matinal, andando de seguida às voltas pelo cubículo com as mãos nas pensativas ancas. Estavam numa cela comum que o guerreiro cobria em menos de três passos de um lado ao outro, coberta com uma ditosamente fresca camada de palha sobre a qual dormira por cima de uma manta de serapilheira. As inevitáveis picadas de pulgas faziam-lhe comichão um pouco por todo o corpo, mas não passavam de um incómodo menor que o jovem coçava distraidamente.

Os outros, achas que sabem? lembrou-se.

Provavelmente. O legista ainda fazia tenções de falar com o Worick, a Slayra e a Lhiannah. Pode ser que os interroguem também se pensarem que eles podem estar de alguma forma implicados no que aconteceu.

O guerreiro abanou a cabeça, incrédulo.

Não acredito... tínhamos um dos Três atrás de nós... foi o desgraçado que atacou os Corações, foi ele que mandou os Fadados atacarem a estalagem, e ainda nos tentou apanhar na sua festa. O que é que ele pensava fazer?

Allumno tinha as suas reservas quanto ao envolvimento de Malagor em tudo o que acontecera desde que haviam saído de Karatai, mas de facto tudo apontava para ele.

Não sei. Talvez nem fosse fazer nada naquela noite. Só sei que foi ele quem me atacou no Pilar...

O guerreiro deu mais alguns preocupados passos.

Mas será que as pessoas, mesmo os Corações, imaginam que os Filhos já chegaram tão alto na cadeia de comando de Tanarch? Será que há mais?

Certamente haverá outros, mas resta-nos esperar que Malagor fosse o único em tal posição... O mago reflectira um pouco sobre essa questão, mas de momento a sua mente estava ocupada com outros assuntos de maior importância.

Raios, é mesmo como a Slayra diz: a Ancalach atraindo-os como abelhas para o mel. Os outros não estão seguros no templo...

Tu mesmo disseste que nas Alas estávamos tão seguros como em qualquer outro lugar... recordou-lhe o mago.

- Isso foi antes de saber que um dos Três era um Filho do Flagelo, porra! estalou o jovem, batendo com os braços no ar.

Allumno não pareceu afectado com a quebra de paciência do seu protegido, que olhou para o chão e esfregou o cabelo para trás.

Desculpa...

Não te preocupes. Tenta só fazer com que isso não aconteça quando estiveres a falar com o jurisconsulto.

Quem é esse, afinal?

É ele quem nos vai representar no julgamento. Deve vir em breve para nos fazer umas perguntas...

Quanto tempo é que achas que vai durar o julgamento? Aewyre nutou com a cabeça. Alguns dias. Mas não vai começar antes de chegar uma comitiva de Ul-Thoryn, e talvez uma de Vaul-Syrith também, se a Lhiannah for de alguma forma implicada. Somos bem capazes de passar umas quantas semanas nesta cela à espera. E prefiro não pensar nas repercussões políticas que isto pode ter...

Porra, porra, *porra!* praguejou o jovem ao aperceber-se das implicações de tudo, chutando um monte de palha contra a parede, que de seguida esmurrou, estalando os dedos. Aereth ia ser informado, viria buscar o seu travesso irmãozinho que fizera um grande disparate ao trazer um brinquedo que não devia e que teria de ser castigado. Tudo o que planeava, tudo pelo qual tanto viajara e sofrera, e a demanda pelo seu pai iria acabar da mais humilhante forma possível, certamente ridicularizada pelo seu sempre mais sensato irmão. Aewyre apoiou as mãos na parede e bateu nela com a testa, deixando a laje fria arrefecer a sua cabeça fervente.

"Ah, meu pobre rapaz...", pensou Allumno, vendo a consternação do seu protegido. *"Desta vez haverá consequências, e a culpa nem sequer foi tua..."* A sua vontade era consolar Aewyre com um abraço, mas o próprio mago precisava de conforto, pois a ele aguardava-o uma pena bem pior.

A desconsolação de ambos foi interrompida pelo ruído de passos vindos do outro lado da porta de ferro, para a qual ficaram a olhar, expectantes. Não tardaram a ouvir uma chave roçar na fechadura e o trinco a deslizar no exterior, seguido do ranger das enferrujadas dobradiças quando a porta foi aberta por um guarda com um brial azul sobre uma túnica de cota de malha.

O causídico vem falar convosco para o vosso razoamento anunciou, dando um passo atrás para deixar entrar um homem corcovado pelo peso do livro que carregava em ambas as mãos, seguido por um guarda que trazia um banco com recosto.

Bons dias, lorde Thoryn, conselheiro Allumno saudou o vetusto jurisconsulto em Glottik, franzindo os finos lábios quando os seus joelhos rangeram ao sentar-se no banco que o guarda pousou, retirando-se de seguida e fechando a porta atrás de si. Podemos começar?

Perante a concordância de ambos, o homem pousou o pesado livro sobre as pernas e desenrolou uma folha de pergaminho por cima da dura capa de couro, aprontando uma pena e um tinteiro. Envergava o manto azul com o símbolo de Bellex sobre a beca vermelha dos clérigos do deus da Justiça, cujas funções aparentemente apenas se distinguiam pelas respectivas denominações, e o seu rico cabelo branco já só lhe crescia na pálida nuca e por cima das orelhas. Tinha descaídos olhos azuis debaixo de longas e hirsutas sobrancelhas, e o seu lábio inferior pendia-lhe juntamente com as flácidas bochechas. Murmurando qualquer coisa excusatória pela demora, assentou umas lunetas sobre o nariz, que franziu para as manter no lugar.

Ora muito bem... Vitanan... sexto dia... Aticus... ano de 4029... ia o homem dizendo enquanto escrevinhava no canto superior direito do pergaminho. Lorde Thoryn, conselheiro Allumno, não vos incomodarei por ora com pormenores, digamos apenas que são formalmente acusados pelo assassinio de lorde Malagor, o falecido senhor da Torre Judicante, razão pela qual gostaria de ouvir a vossa versão dos acontecimentos.

Aewyre olhou para Allumno, mas este surpreendeu-o ao encostar-se à parede de braços cruzados, passando-lhe despreocupadamente a palavra. Contudo, lançou-lhe um olhar de advertência que o jovem leu como *"nada de mentiras desta vez"*. O jurisconsulto aguardava, olhando alternadamente de pena pronta para os dois homens que deveria representar.

Bem, tenho de lhe contar como tudo começou... acabou o jovem por dizer, coçando a nuca e questionando-se quanto à sensatez do que ia fazer, embora Allumno parecesse aprovar. Aewyre inspirou fundo e explicou ao jurisconsulto a razão da sua presença em Tanarch e a ausência de uma escolta real de qualquer espécie, relatando de seguida as peripécias pelas quais haviam passado desde a saída das estepes, lembrando-se sempre de apelidar Ancalach de "o Flagício", e destacando o combate de Allumno com Malagor no Pilar, tentando passar a palavra ao mago nessa altura, mas vendo-se forçado a continuar pela recusa do seu tutor. Terminou com uma pormenorizada narração da luta na casa do magistrado, na qual haviam sido ameaçados e tiveram de se defender.

Ouvindo a sua própria voz e reflectido enquanto falava sobre o que acontecera, tudo parecia lógico e fundamentado a ver de Aewyre, mas o jurisconsulto nada disse até acabar de escrevinhar, parecendo ter apontado cada palavra. Quando terminou, pousou a pena, tirou as lunetas e esfregou os descaídos olhos.

Obrigado, lorde Thoryn. Mais tarde apontarei um relato do conselheiro Allumno, mas por ora este será suficiente para eu reflectir e ponderar. Contudo, lamento dizer que logo numa primeira leitura me saltam vários problemas à vista.

O peito de Aewyre aqueceu ao ouvir as palavras do homem, mas Allumno permaneceu calmo e sereno, como se tivesse esperado ouvir tal afirmação desde o início.

Não existem ou não foram encontradas ou sequer procuradas provas de que o falecido Lorde Malagor tivesse pertencido à secta dos Filhos do Flagelo, o que nos impossibilita de o ligar de qualquer

forma aos ataques dos quais lorde Thoryn e os seus companheiros foram vítimas. A suspeita de que o conselheiro Allumno confrontou a senhora Linsha, a "acompanhante de lorde Malagor" no Pilar não pode ser corroborada a menos que a própria o admita, e o alegado combate entre o conselheiro Allumno e lorde Malagor nesse mesmo local tão-pouco o pode ser, visto que dispomos apenas da palavra do conselheiro Allumno e nenhuma prova física do que realmente decorreu. Sendo... *difícil* provar o sucedido no Pilar, ser-nos-á igualmente difícil justificar a agressão do conselheiro Allumno na festa para a qual foi convidado juntamente com lorde Thoryn, visto que todas as testemunhas alegam ter sido o conselheiro Allumno a abrir as hostilidades com intentos assassinos. Do confronto resultaram ainda vários convivas feridos, entre eles seis guardas, um dos quais quase morto devido a ferimentos nas vísceras. Agora, não pretendo desmoralizar o lorde Thoryn ou o conselheiro Allumno, todavia, como vosso jurisconsulto, cabe-me dizer que a situação se afigura complicada. Lembrais-vos de mais alguma coisa?

Mas... mas... Aewyre quase perdera a fala. Foi Malagor quem nos ameaçou, e...

Não segundo os testemunhos, e não dispomos de provas para os adversar.

Mas não pode ser... vocês não podem condenar o Allumno por...

Lorde Thoryn, não vos déveis preocupar apenas com a condenação do conselheiro Allumno... afirmou o homem.

O quê...? Como?

O jurisconsulto estranhou a reacção do jovem.

Lorde Thoryn, aguarda-vos uma pena... disse como se Aewyre fosse obrigado a sabê-lo.

Não! exclamou Allumno, perdendo toda a calma, compostura e serenidade com um brusco descruzar dos braços, aproximando-se do homem com tal ímpeto que este por breves momentos julgou que iria ser agredido. O que dizeis?

Pensei que soubésseis... bom, na verdade, não poderíeis saber, duvido de que os guardas vo-lo tenham dito...

O quê, homem? Dito o quê?

Aewyre viu as veias das têmporas do mago latejarem e achou por bem agarrar-lhe o braço, embora também estivesse desnorteadado pelo que o jurisconsulto acabara de dizer.

A mando do meirinho Volgo Dokhan, o caso foi inteiramente entregue ao Cenóbio da Equidade...

O quê... mas... o Aewyre... fui eu quem matou Malagor, eu! Ele não fez nada!

Isso, temo bem, teremos de o comprovar em tribunal, conselheiro Allumno...

Não... oh, deuses, *não!* *vociferou* o mago, atirando palha ao ar com o pé e esmurrando a parede com ambas as mãos.

A porta abriu-se e três guardas entraram de rompante de mocas empunhadas, mas o jurisconsulto aquietou-os com um gesto da mão e indicou a um deles que lhe levasse o banco ao levantar-se.

Vejo que não contáveis com esta possibilidade. Retiro-me então para vos dar tempo para reflectirdes; mandai-me chamar se precisardes de algo que esteja ao meu alcance. Amanhã haverá uma audiência, na qual poderemos apresentar as vossas versões dos acontecimentos. Vendo que estava a ser ignorado tanto pelo desconsolado mago, que lhe virara as costas, como pelo jovem que o tentava acalmar, o homem suspirou e abraçou-se ao livro, retirando-se da cela. Com licença... despediu-se antes de a porta se fechar, deixando os dois prisioneiros entregues à sua angústia.

Allumno, o que foi? O que foi? insistia Aewyre, abanando o mago com gentileza e tentando desencostar a sua cabeça da parede. O seu tutor balbuciava palavras incompreensíveis contra a parede, mas não era nenhum feitiço que estava a preparar; apenas dava largas ao seu desespero, o que preocupou Aewyre ainda mais. Allumno!

O mago acabou por se virar, lentamente, e deixou-se cair de desalentadas costas contra a parede antes de falar.

O caso foi entregue ao Cenóbio... reiterou, esperando que o jovem compreendesse.

E então? Não eram eles que iam fazer o julgamento de qualquer...

Não é só isso. O caso ficou entregue ao Cenóbio para este julgar e condenar como muito bem entender. Aewyre, a igreja de Bellex é imparcial e isenta de quaisquer restrições régias. Se provarem que foste culpado pelo ataque, vais ser condenado e executado como qualquer outra pessoa, o teu sangue e título de nada te valerão!

O guerreiro primeiro ficou a olhar para Allumno em silêncio, cara inexpressiva, olhos fixos enquanto parecia ruminar a crueza do que lhe fora dito. À medida que se ia apercebendo das implicações, as suas pernas começaram a fraquejar e o seu corpo foi acometido de uma nauseante vaga acalentadora, uma mistura de medo, raiva e frustração que lhe deu a volta à cabeça e fez com que a cela girasse ligeiramente

à sua volta. Allumno pegou-lhe nos braços para o apoiar e abraçou-o, murmurando-lhe pouco convincentes palavras de coragem ao ouvido.

Mais tarde nesse dia, Aewyre e Allumno tornaram a ouvir passos do outro lado da porta, cuja portinhola o guarda abriu.

Visitas anunciou, e o guerreiro e o mago levantaram-se apressadamente perante o som de vozes familiares, esfregando a palha das pernas enquanto se dirigiam à porta.

Aewyre! apareceu a cabeça de Quenestil na portinhola gradeada.

O guerreiro por pouco não se precipitou contra a porta, limitando-se a bater com as mãos no ferro frio, contente por ver o seu amigo. Mais contente parecia o eahan, que enfiou a mão por entre as pequenas grades para apertar a do jovem, que acedeu sem hesitar.

Estávamos preocupados convosco disse o shura.

Aewyre! ouviu-se a vozinha de Taislin vinda de baixo.

Olha lá, tu! Abre esta porra que nós não vemos! resmoneou uma estranha voz que parecia ser a de Worick, provavelmente dirigida ao guarda.

Worick...?

Estão bem? inquiriu o thuragar, ainda com a voz estranha.

Sim...

Então espera aí. Deixa o rapazelho ali abrir isto que já falamos... irra, anda daí que nós não temos muito tempo!

Estás bem, Allumno? perguntou Quenestil assim que o mago se pôs ao lado de Aewyre.

Na medida do possível, meu amigo.

E vocês? quis Aewyre saber, ao qual o eahan respondeu com hesitante silêncio, desviando-se para permitir ao guarda abrir a portinhola pela qual eram servidas as refeições dos prisioneiros.

Já não era sem tempo... rabujou o thuragar. Vá, chega-te aqui abaixo que eu não gosto de ver o que tens aí entre as pernas.

Allumno fez-lhe a vontade e conseguiu sorrir perante a radiante cara de Taislin, mas Aewyre não se baixou, pois ainda esperava uma resposta do seu amigo.

Quenestil...?

Fomos atacados disse o shura por fim.

O quê? Aewyre crispou os dedos numa das barrinhas da portinhola, achegando-se dela. Foram atacados?

Está tudo bem, ficámos só um pouco...

220

Eram nycatalos despachou Worick. Entraram no templo, atrás da Ancalach de certeza. Demos cabo deles, mas os bichos ainda deixaram moça... admitiu o thuragar, indicando a compressa sobre o lábio ferido que o obrigava a falar com o lado da boca.

Nycatalos? Deixaram algum vivo...? perguntou Allumno, considerando a possibilidade de ligar Malagor ao ataque.

Não, matámos todos.

A Lhiannah? inquiriu Aewyre, preenchendo o silêncio causado pelo esmorecimento do mago.

Está bem, as duas estão bem, ficámos todos surrados mas bem, e agora o quarto está vigiado. E vocês, o que é que andaram a fazer? Eu e o eahan saímos para a rua depois do ataque e aquilo parecia noite de festa, era só tochas por todo o lado e pessoas a gritarem...

Sim, nós demos com a guarda e disseram-nos que houve problemas na festa... interveio Taislin.

É, daqueles problemas em que membros do Triunvirato morrem... colmatou o thuragar.

Silêncio.

Aewyre...? perguntou Quenestil, vendo o seu amigo baixar a cabeça e Allumno levantar-se para lhe pôr a mão no ombro.

- É verdade?

Não... disse o mago. Fui eu quem matou Malagor. O Aewyre só me defendeu dos guardas.

Ui, ui, ui... Worick anteviu sérios problemas de imediato. Taislin olhava assustado para o thuragar e para as pernas de Allumno. Como é que foi isso, mago?

Foi o Malagor que me atacou no Pilar, mas não tenho como o provar, e na festa fui eu quem primeiro abriu as hostilidades, além de ter entrado sob disfarce. Matei-o por impulso, porque tinha medo de que se tratasse de uma armadilha, mas para todos os efeitos pareceu assassinio, e todos os convivas o atestarão.

Quenestil fitava ambos, confuso, pois pouco sabia acerca das leis dos humanos, embora estivesse ciente de que a opinião acerca do assassinio provavelmente fosse igual em ambas as raças.

Suspeito de que ele e os guardas fossem Filhos do Flagelo, mas também não tenho como o provar. O Aewyre atacou-os e feriu alguns com gravidade, o que o implica no crime também...

Então, mas eles agora sabem quem vocês são! lembrou-se Worick. Isto não é Alyun, é uma porra de uma nação! O Aewyre é um príncipe, o que é que vos podem fazer?

Muito. O meirinho entregou o caso às mãos da igreja de Bellex.

Pedras me partam... oh, pedras me partam! praguejou, esmurrando a porta.

Não faça argel! ouviu-se a voz do guarda. O vosso tempo está a findar.

Vai chuchar na ponta da tua moca, bodefe! enxovalhou o thuragar. O *Cenóbio* é que vos vai julgar?

Quenestil e Taislin não estavam a perceber, e enquanto o olhar atarantado do eahan pedia explicações, o aflito burrik quase puxava a barba de Worick a reivindicá-las.

Worick, o que...

Irra, espera, mafarrico dum raio! Oh, pedras me partam... o que é que eles vos disseram? perguntou, olhando para cima sem reparar que o guarda se aproximava.

Já falámos com um jurisconsulto. Ele vai defender-nos no julgamento, mas disse que não vai ser fácil...

O guarda interrompeu a conversa, agarrando o ombro do thuragar.

Senhor, está a fazer muito argel. Tenho de lhe pedir para...

Argel fiz eu com a tua mãe! berrou Worick, esbofeteando a mão com a manopla suja de sangue seco. E se me tornas a interromper, faço-o outra vez à tua frente!

Worick, acalma-te! rogou-lhe Aewyre, agarrando as barrinhas da portinhola com ambas as mãos.

O guarda lançou um olhar indignado ao thuragar e, ao ver que este tinha a mão perto da cabeça do martelo enfiado no cinto, deu um passo atrás.

Senhor, se não exir, vou ter de chamar os guardas...

E tu és o quê? Vá, vai lá chamá-los! Pode ser que estejam a fazer argel todos juntos, cambada de rabilas...

Insultado, os dedos do homem ainda formigaram na direcção do cabo da sua moca, mas o thuragar parecia disposto a parti-lo ao meio e achou melhor ir pedir apoio.

Worick, assim não estás a ajudar... disse-lhe Aewyre.

Eles que venham. Mago, não foi isso que eu te perguntei. O que é que eles vos *disseram*?

Allumno suspirou, apercebendo-se de que não havia maneira de ocultar a verdade ao velho thuragar.

Se formos considerados culpados, tanto eu como o Aewyre seremos executados confessou o mago sem mais rodeios.

A cabeça de Worick descaiu de olhos fechados, e os seus punhos cerraram-se. A face de Quenestil perdeu a cor, e os seus olhos cinzentos tentaram prender os de Aewyre, que fitou de chocada boca entreaberta, pedindo-lhe que negasse a verdade, abanando lentamente a cabeça. O seu amigo, contudo, foi incapaz de lhe dar essa satisfação e confirmou-a com pesarosos acenos da sua.

Executados...? gemeu Taislin. Não pode... não podem... pois não...?

Aewyre ajoelhou-se e apoiou as mãos no chão para encarar o seu pequeno amigo, que se achegou da estreita portinhola.

Taislin, nada é certo. Só o saberemos no julgamento...

Mas eles não vos podem matar...

Depende de muita coisa. Vamos ter de os fazer perceber que não fomos matar o Malagor intencionalmente, que não foi assassinio...

Não quero saber! Eles não vos podem matar! insistiu o burrik teimosamente de voz trémula.

Taislin...

Não podem! guinchou Taislin, esmurrando a porta. Não podem, não podem, não podem! Eu não deixo! Ouviram? Eu não deixo!

Taislin, ouve-me... Taislin, não, espera! pediu o guerreiro quando o seu pequeno amigo se afastou repentinamente da porta com lágrimas a brotarem-lhe dos olhos. Quenestil tentou agarrá-lo, mas o célere burrik evitou a sua mão com facilidade e correu na direcção da porta da qual saíram cinco guardas de mocas empunhadas.

Está quieto, mafarrico! Anda cá! berrou o thuragar ao ver Taislin correr como um gato contra o grupo de homens armados.

Não lhe façam mal! gritou Quenestil, estendendo a mão como se ainda o pudesse agarrar.

Ao verem um pequeno humanóide dirigido a eles a fugir, a primeira reacção dos guardas foi a de o agarrar, mas Taislin não fazia tenções de ser apanhado. Com agilidade felina, o pequeno ladrão esquivou-se das primeiras mãos que o tentaram agarrar, pulou por cima de uma perna destinada a rasteirá-lo, bateu com um pé no peito de um guarda de forma a impulsionar-se contra a parede, deu um pontapé na cara de outro enquanto o fazia, impulsionou-se da parede para cima de um guarda na retaguarda, sobre cujo capacete se apoiou com as duas mãos, cabriolando sobre ele e para trás do grupo, rebolando pelo chão e disparando pelo corredor fora.

Taislin! ainda gritou Aewyre em vão, e um guarda correu atrás do burrik enquanto os restantes quatro avançaram contra Worick e Quenestil assim que recuperaram da surpresa.

Calma aí, não é preciso haver argel! disse o thuragar, erguendo as mãos em sinal de paz. Deixem-nos só ir ali apanhar o...

Quietos, em nome de Bellex! gritou o mesmo guarda que Worick insultara, desta vez bem mais seguro de si.

Não te exaltes, rapazola. Não aconteceu nada de grave...

Agarrem-nos! Dois guardas seguraram o thuragar pelos braços, e um terceiro agarrou Quenestil pelo colarinho, mantendo a moca em riste.

Esperem, eles não fizeram nada! gritou Aewyre pela portinhola superior.

Worick, tem calma! rogou-lhe Allumno a seu lado. Não piores as coisas!

Não se preocupem, não lhes vou rebentar as cabeças. Mas exijo falar com o vosso superior.

Em nome de Bellex, estão detentos! Levem-nos ao legista! disse o autoritário guarda, fingindo não ouvir as palavras do thuragar.

Aewyre, Allumno, não se preocupem. Nós encontramos-lo asseverou Quenestil ao ser empurrado pelo guarda.

Aguentem-se aí. Nós voltamos quando estes estiverem a fazer argel juntos outra vez...

Em frente! ordenou o guarda, irritado.

Aewyre e Allumno viram os seus amigos serem empurrados para fora da sua vista e ouviram a porta do corredor fechar-se com força. O guerreiro suspirou e deixou a cabeça descair contra as grades da portinhola, que o guarda se esquecera de fechar.

Não te preocupes, eles não vão arranjar problemas de maior disse-lhe Allumno, retirando-se para o seu canto na cela.

Eles talvez não, mas e o Taislin?

Porquê, por ter fugido?

Não, Allumno. Aewyre virou-se para o seu tutor. Ele vai tentar libertar-nos, como o fez em Alyun, e é bem capaz de o tentar sozinho.

Então só podemos esperar que os outros o apanhem. Caso não o consigam e ele porventura o tente fazer, não podemos aceitar, seria...

Seria o quê?

O mago hesitou, apercebendo-se do disparate que estivera prestes a dizer.

Seria como admitir que somos culpados? Nós *somos* culpados, Allumno...

Não, tu não és culpado apressou-se o mago a corrigir. Eu é que matei Malagor.

E eu protegi-te e ia matando os guardas...

Não digas isso em tribunal! sibilou o mago. Eu vou tentar justificar as minhas acções, mas tu não! Fica calado e deixa o jurisconsulto falar por ti; ainda existe a hipótese de os conseguirmos convencer de que agimos em legítima defesa...

Como, Allumno? Como?

De alguma forma! O Cenóbio é justo, não vai favorecer ninguém em tribunal. Teremos a nossa ocasião...

Por muito que tentasse, o seu tutor não estava a conseguir parecer confiante nem tão-pouco convincente, mas Aewyre nada mais disse. Nada mais havia a dizer, pois estavam ambos nas mãos dos deuses desta vez.

O alto e gordo meirinho subia a custo as escadas da sua mansão, acompanhado pelo seu mordomo, um indivíduo velho e calvo com um castiçal na mão e átonos olhos azuis que pareciam olhar sempre em frente. Já os do seu mestre estavam inchados e orlados de olheiras, pois não dormira devido aos eventos ocorridos noite anterior na sua própria casa. O cansaço curvava-lhe o corpo, e o símbolo de Bellex que trazia ao pescoço parecia-lhe pesado, fazendo com que as bainhas do cafetão vermelho com bordados alaranjados que usara na festa se arrastassem pelos degraus. Fora um dia agitadíssimo, audiências com a guarda da cidade e o Cenóbio da Equidade, para o qual também tivera de prestar testemunho, relatórios das agitações na noite anterior, inúmeras formalidades respeitantes ao falecimento de lorde Malagor, e como se não bastasse tudo isso, Linsha ainda ordenara que transferisse o caso para as mãos da igreja de Bellex e inculcasse a prisão dos restantes companheiros de lorde Thoryn, alegando que também eram suspeitos e possíveis cúmplices. A mulher estivera agitadíssima e parecera disposta a arrancar-lhe as tripas com magia se não acatasse as suas ordens, mas o meirinho sabia que não fora o procedimento mais correcto. O Triunvirato (ou Dueto, como muitas vezes fora referido ao longo do dia na cidade) não iria gostar de não ter sido informado antecipadamente de tal decisão e certamente não aprovaria o procedimento, razão pela qual a última coisa que o meirinho fizera antes de fechar as portas da sua sala de audiências fora

escrever uma carta aos senhores das torres Administrativa e Executiva. Não informara Linsha acerca do seu procedimento e exigira o máximo sigilo ao mensageiro, pois a feiticeira iria certamente ficar desagrada se soubesse. Por alguma razão, não desejava o envolvimento dos dois magocratas, e não se mostrara de todo aberta a justificar as suas ordens.

Senhor...? disse o mordomo. O meirinho já chegara à porta do seu quarto e mal se apercebera disso. Estava mesmo cansado...

O mordomo abriu-lhe a porta, e o meirinho arrastou-se para dentro do seu quarto, olhando ansiadamente para a sua cama de dossel e para os seus convidativos lençóis. Os seus olhos pesavam-lhe enquanto o cafetão e camisa lhe eram tirados, substituídos por uma camisa de noite e seguidamente pendurados numa vara horizontal ao lado da cama, na qual se sentou para lhe serem tirados os sapatos, fazendo um derradeiro esforço para não se deixar cair de costas.

Necessita de mais alguma coisa, senhor? perguntou o mordomo.

Não, Sergo. Boa noite bocejou o homem, enfiando-se na cama como um laparoto sonolento. Ah, e amanhã quero acordar tarde... seja quem for que requisitar uma audiência, pode esperar...

O homem fez uma vénia e retirou-se, fechando a porta atrás de si com a maior delicadeza e mergulhando o quarto na escuridão. O meirinho aconchegou-se nos lençóis, tornou a bocejar, estalou os lábios, virou-se para o lado e deixou-se embalar pela doce fragrância das folhas de absíntio neles espalhadas para afastar os insectos. Esperava-o um dia atarefado, mas não era obrigado a começá-lo cedo...

Quando ouviu o ruído de pedra a arrastar-se atrás de si, não soube dizer se já estava a sonhar ou se ainda não adormecera. Os passos que se lhe seguiram fizeram com que o homem espertasse da sua doce indolência e se virasse para olhar por cima do ombro, mas a cortina que pendia do dossel tapava-lhe a vista. A única coisa que distinguiu atrás do tecido vermelho foi uma estranha luminosidade que o alumia, recortando a silhueta de um vulto contra a cortina, da qual se aproximava.

Quem vem lá...? perguntou, demasiado sonolento para estar verdadeiramente assustado.

A cortina foi bruscamente puxada para o lado, revelando uma mulher que os ainda foscos olhos do meirinho demoraram a reconhecer como Linsha, e não foi senão após essa percepção que o homem se assustou, arfando e encostando-se à parede com a sobressaltada reacção

do seu corpo. Um globo de luz flutuava por cima da cabeça da feiticeira, que ainda usava as mesmas roupas da festa, tendo substituído o seu véu rasgado por um novo, provavelmente para cobrir o grande inchaço roxo que o meirinho vira na sua face após a detenção de lorde Thoryn e do seu mago. Linsha *trazia* um cesto tapado com um pano branco numa das suas delicadas mãos adornadas por anéis, mas o meirinho não conseguiu adivinhar o seu propósito e, durante o tempo que levou a lembrar-se de como falar, a mulher nada disse, limitando-se a cravá-lo à parede com os seus olhos felinos.

Senhora Linsha... a que se deve esta visita não anunciada...? perguntou o homem, revelando mesmo a meio do seu medo uma réstia de indignação por ser incomodado nos seus aposentos sem aviso prévio.

Os olhos de Linsha inflamaram-se de ira e da sua petulante boca saíram palavras que despertaram os lençóis que tapavam o meirinho da cintura para baixo, cingindo-lhe o anafado corpo até ao pescoço e imobilizando-lhe os membros. O homem soltou um grito estrangulado quando a bainha rendada do seu lençol lhe apertou a papada, mas por essa altura já estava envolvido num autêntico casulo de linho. Linsha observou os seus fúteis esforços e contorções para se libertar e falar durante algumas batidas de coração, que o meirinho bem temeu serem as suas últimas, mas o aperto acabou por ser ligeiramente aliviado ao ponto de permitir ao homem respirar, coisa que fez profunda e ruidosamente quando a pressão diminuiu.

Senhora... Linsha... por favor... rogou-lhe o homem antes de os seus lençóis tentarem uma vez mais arrastá-lo para o seu derradeiro sono, desta vez sacudindo-o violentamente sobre a cama e fazendo com que batesse mais do que uma vez com a cabeça contra um poste ou a parede.

Quando as agitadas contorções pararam, o meirinho sangrava de uma ferida na testa e fizera várias distensões nos músculos das costas e pescoço, cuja sensibilidade aumentada o supliciava na sua inerte posição, tornando-o incapaz de articular palavras coerentes.

Seu verme gordo e idiota... disse Linsha por fim, mexendo os dedos com se estivesse a tentar algo. A sua voz saía-lhe lenta e cuidada, pois estava ocupada a controlar os cordéis de Essência com os quais movia os lençóis, e a luz do seu globo diminuiu como consequência da sua negligência. Não te disse que eles não deviam ser informados? Houve algo que eu tenha dito e que tu não tenhas percebido?

Senhora... gemeu o homem.

E fala depressa, gordo inútil, ou juro que te espremo até a tua gordura te começar a sair pela boca mentirosa.

Eu... não... sei...

Não sabes? exclamou a feiticeira, comprimindo o homem com tal brusquidão que este soltou uma rouca exalação forçada de ar. Então talvez *isto* te avive a memória.

O aperto tornou a diminuir, e a mulher destapou o cesto que trazia à mão, despejando o seu conteúdo sobre a ampla barriga do meirinho, pela qual algo lhe rebolou até ao queixo, batendo nele e assentando sobre o seu peito. Duas pontas do lençol enlaçaram-se atrás da nuca do homem e levantaram-lhe a cabeça à força, originando um grunhido de dor devido aos músculos magoados do seu pescoço. Quando a sua visão clareou, o homem engasgou-se, arregalando os olhos perante o que viu.

Tinha ao peito a cabeça decepada do mensageiro, cujos olhos revirados prendiam os seus e de cuja boca saía a metade molhada e amarrada do pergaminho que o destacara para entregar aos dois restantes membros do Triunvirato.

Estás lembrado agora, porco gordo? perguntou Linsha sem na verdade esperar uma resposta. Pegou na cabeça pelos cabelos e, após a deixar defronte dos aterrados olhos do meirinho por mais alguns instantes, tornou a enfiá-la no cesto e a tapá-lo. Desobedece-me outra vez e o teu destino será igual, embora bem mais doloroso. Juro que frito a gordura debaixo da tua pele se tornares a ignorar uma ordem minha ameaçou, inclinando-se sobre a cama de mãos atrás das costas para que o homem pudesse ver a franqueza da ameaça nos seus olhos. O Alto Vulto morreu, e a sua autoridade foi-me transferida. Serve-me bem e serás recompensado; desobedece-me, e garanto-te que te espeto como um porco na vara. Fiz-me entender?

Aterrado e meio cego pela dor, o homem acenou com a cabeça de lacrimejantes olhos fechados, balbuciando qualquer coisa com lábios trémulos.

Ótimo. Espero para teu bem que não sejam necessárias mais visitas destas disse, e a luz do globo diminuiu ao ponto de pouco mais ser além de um esbatido bruxuleio na escuridão. Amanhã estarei na audiência, e conto com a tua presença lá às quatro badaladas. É bom que não te atrases...

Senhora... eu...

A mulher cerrou os dentes de irritação perante a ousadia da hesitação do homem e ergueu bruscamente a mão de dedos retesados, arqueando arrebatadamente o castigado corpo do meirinho para cima. O homem grunhiu audivelmente de dor, e Linsha fez com que os lençóis o impelisse uma, duas, três vezes de cabeça contra o poste da cama, fazendo o dossel tremer com cada pancada. A luz do globo apagou-se e assim ficou durante algumas inspirações da feiticeira, que lhe devolveu a sua atenção pouco depois e o acendeu outra vez. O meirinho sangrava da testa e mesmo após o sofrimento pelo qual passara, a sua boca estava entreaberta numa expressão que Linsha não conseguiu descrever como nada mais além de estúpida. O obtuso não percebera ainda que já não era Malagor quem dava ordens, e provavelmente pensava que agora andava de rédeas frouxas só porque Linsha fora aprendiz. Queria Aewyre Thoryn e o mago mortos, pois ambos sabiam de mais, principalmente o mago, que a combatera e ao seu mestre no Pilar. Se o príncipe fosse julgado num tribunal da cidade presidido pelos dois restantes membros do Triunvirato, nunca poderia ser executado e acabaria por ser resgatado por Ul-Thoryn, livre para destruir os Filhos do Flagelo ou no mínimo revelar a sua existência aos pares de Malagor, que sempre haviam ignorado que o seu terceiro membro era o Alto Vulto, e isso Linsha não o iria permitir, não agora que estava à cabeça da secta de Val-Oryth. Havia contudo o problema do Flagício, pois permanecia na posse dos companheiros de Aewyre Thoryn, mas Linsha esperava que a sua recomendação de prisão lhe resolvesse esse problema. Caso fossem presos, o Flagício seria confiscado pelo Cenóbio e posteriormente oferecido como soldo ao Triunvirato pela morte de um dos seus membros. A feiticeira pretendia apoderar-se dele então, mas era um plano arriscado que quase fora comprometido pelas acções do estúpido meirinho. Exalando e abanando a cabeça em sinal de desprezo, a mulher retirou-se e fechou a porta secreta atrás de si.

Bons sonhos... desejou antes de deixar a escuridão e o silêncio infiltrarem-se uma vez mais no quarto.

CONDENADOS

A sala de audiências do Cenóbio da Equidade em pouco diferia do tribunal do mesmo templo, um amplo recinto com traves de madeira no tecto que sustentavam austeros candelabros de ferro, dez filas de longos bancos pouco cómodos, com cinco de cada lado da sala, e um estrado sobre o qual se encontravam três mesas de leitura de igual tamanho defronte de uma grande tapeçaria com o símbolo de Bellex. Uma desconfortável cadeira isolada para os réus estava entre os bancos e as mesas de leitura, a curta distância do estrado. Havia apenas duas portas nos lados opostos da sala, uma pequena para a entrada e saída dos legistas, outra grande e dupla para os restantes participantes da audiência. Dois pares de janelas estreitas serviam a única função de arejar o opressivo recinto, pois pouca ou nenhuma luz passava por entre elas.

As portas duplas da entrada estavam abertas e por elas entravam de forma ordeira todos aqueles que, por uma razão ou outra, iriam tomar parte na audiência: convivas da festa, guardas feridos, servos do meirinho, laicos de Acquon, cidadãos de renome de Val-Oryth que simplesmente desejavam manter-se ao corrente daquele que prometia ser o mais abalador evento da cidade dos últimos anos. Worick, Quenestil e Slayra cercavam Lhiannah protectoramente, lançando olhares de aviso aos guardas que os escoltavam para dentro da sala e aos sussurrantes curiosos que os rodeavam. Após o incidente no Cenóbio, o thuragar e o eahan foram notificados pelo legista de que estavam para todos os efeitos preventivamente presos, confinados ao quarto nas Alas da Convalescença devido à condição da princesa, e que o seu equipamento iria ser confiscado. Worick não reagira bem às notícias,

exigindo explicações com tal veemência que fora preso, deixando o destreinado Quenestil com o legista, que lhe tentara explicar a situação. O shura soube que o meirinho recomendara a sua detenção e que, dadas as circunstâncias e os antecedentes do grupo na cidade, a exortação fora aceite. O legista esforçara-se por lhe dar a entender que não estavam necessariamente implicados no caso, mas que, consoante a evolução deste mesmo, poderiam ser chamados a depor. De qualquer forma, estavam detidos e deveriam comparecer na audiência do dia seguinte, e, enquanto falavam, um destacamento de laicos fora enviado às Alas para informar Slayra e Lhiannah da situação e proceder ao confisco do equipamento. O atarantado eahan ainda tivera de convencer o legista de que não sabia para onde Taislin fugira, embora suspeitasse de que o burrik tivesse voltado para o templo, o que de certa forma se confirmou aquando do seu regresso escoltado às Alas. Encontrara Slayra e Lhiannah bastante agitadas, com sacerdotes de Acquon a tentarem temperar os ânimos que haviam irrompido devido à abrupta vinda dos laicos do deus da justiça, mandato ou não. A eahanoir e a arinnir ficaram momentaneamente aliviadas pela vinda de Quenestil, mas quando o eahan corroborou o que já haviam ouvido dos laicos de Bellex pareceram bastante consternadas, e mais ainda ficaram ao saberem que o shura não vira Taislin após a sua ida ao Cenóbio.

Ele apareceu aqui, sozinho e a chorar, rápido como uma doninha. Entrou, tirou a Ancalach debaixo da cama e saiu sem uma única palavra sussurrara-lhe a eahanoir, longe dos ouvidos dos laicos de Bellex.

No dia seguinte, os dois eahan ajudaram Lhiannah a entrar na carroça que os levou ao Cenóbio, no qual um extremamente maldisposto Worick os aguardava após uma noite nas masmorras do templo. O thuragar também não ficou nada alegre ao saber que não haviam encontrado o burrik e que este levava a Ancalach, temendo que o pequeno ladrão tentasse fazer o mesmo que em Alyun. Quenestil ainda o procurara pela cidade, escoltado por dois laicos de Bellex, mas não havia rasto do esquivo burrik, e aparentemente tudo o que os transeuntes e mercadores haviam visto não fora mais do que "um pequeno borrão branco e vermelho que trazia uma coisa grande nos braços". Frustrado e desapontado, o shura fora forçado a voltar às Alas de mãos vazias, aguardando com Slayra e Lhiannah até ao dia seguinte dentro do quarto vigiado.

Esse burrik ainda vai fazer um disparate... resmungou Worick por entre a compressa manchada de sangue seco no lábio, caminhando

de lado entre dois bancos e ajudando Lhiannah a sentar-se no meio. A princesa viera com uma capa e capuz castanhos que lhe davam um ar enfermo, mas a verdade era que a arinnir aguentara muito bem a tensão do dia anterior e ao quinto dia de repouso de cama parecera quase agradecida pela ocasião de poder andar um pouco, embora o seu corpo dorido ainda requeresse alguma ajuda para se adaptar ao ritmo de actividade fora do quarto do templo.

Esperemos que não disse Quenestil, deixando Slayra passar-lhe à frente para se sentar ao lado de Lhiannah e dispensando o guarda atrás de si com um gesto da mão. Mas por que é que o estúpido fugiu? Assim só nos vai arranjar mais problemas.

A eahanoir nada disse, pois lembrava-se muito bem da noite em Alyun, sabia do que Taislin era capaz, e não excluía de todo a possibilidade de o burrik vir mesmo a tentar libertar os seus amigos do Cenóbio, talvez mesmo das Alas. Contudo, não podia deixar de se sentir satisfeita por pelo menos um membro do grupo estar livre, pois a sua vida em Jazurrieh podia ter sido bem mais curta se não fosse pelas contingências que se habituara a preparar. E um burrik à solta era sempre uma peça imprevisível, fosse qual fosse o jogo.

A sala continuava a encher com o afluxo de pessoas, cujas coloridas roupas davam um ar quase festivo à solene ocasião. Orientados por um cenobita, um clérigo de Bellex, os laicos indicavam a cada um o seu lugar, mantendo a ordem e assegurando-se de que os níveis de ruído permaneciam baixos, embora pairasse sempre no ar um nervoso murmúrio de antecipação cuja cadência se alterava constantemente. Os companheiros sussurravam entre si, encostando as cabeças umas às outras para conseguirem ouvir e ser ouvidos, mas o silêncio esgueirou-se inesperadamente pela sala adentro, emudecendo gradualmente todos à volta dos quatro, que de repente se aperceberam de que eram os únicos a falar. Olharam para trás e viram uma mulher entrar de braço dado com um homem com o símbolo de Bellex ao pescoço e o ceptro prateado que o identificavam como o meirinho da cidade. Faziam um estranho casal, pois enquanto ela mantinha um porte emproado, ele, mais alto e corpulento, estava hirtó e retesado, parecendo desagradado com o contacto próximo da sua acompanhante. O meirinho envergava um rico cafetão, e a sua testa estava enfaixada com ligaduras, razão pela qual não trouxera nenhum chapéu e exibia a sua pálida calva. A mulher trajava uma saia verde-azeitona debruada a vermelho e uma folgada vestimenta vermelha de mangas compridas abainhada a amarelo com um capelo da mesma cor e fabrico aos ombros. Uma barretina branca

e vermelha de topo chato com um véu na nuca que também lhe tapava a cara abaixo do nariz e um colar de contas de âmbar completavam a sua indumentária, de longe a mais ostensiva na sala. Atrás de ambos vinha um homem calvo de cabelos brancos e ralos com idade para ser avô da mulher e pai do meirinho, caminhando placidamente com as mãos atrás das costas. A sua beca vermelha ostentava apenas o punho de ferro de Bellex, o que o identificava como representante da acusação. As pessoas pelas quais a mulher passava apresentavam-lhe as suas condolências, inclinando a cabeça e murmurando ininteligivelmente, mas apenas o meirinho lhes dava atenção, parecendo aliviado com a presença de outros. A mulher olhava em frente com o véu a ocultar-lhe a expressão, olhos fixos nas três mesas de leitura enquanto avançava, dando a impressão de que arrastava o homem, até que subitamente parou.

Lhiannah olhava estarrecida para ela, para os felinos olhos castanhos que se cruzaram com os seus e os retiveram, debatendo-se com memórias difusas e contrastando reminiscências assustadoras num diálogo desprovido de palavras. As duas ficaram imóveis durante alguns instantes, nos quais a sala pareceu conter a colectiva respiração, mas a recém-chegada acabou por virar a cara e dar dois ligeiramente mais apressados passos em frente, arrastando o meirinho consigo para um dos bancos mais próximos do estrado do lado oposto ao da fila da princesa.

O que foi isso, cachopa? sussurrou Worick, lançando olhares ferozes a todos quantos olhavam para a sua protegida. Por que é que ela olhou assim para ti?

É ela... disse Lhiannah entre dentes, puxando o capuz mais para a frente para se ocultar dos olhares alheios.

Ela quem? perguntou Slayra, achegando-se da arinnir para a ouvir melhor, pois o maxilar ligado ainda lhe dificultava a fala.

A mulher... nas montanhas, com os Corações! Foi ela que me enfeitiçou, foi ela que me fez atacar-vos!

Putá desgraçada... rosnou Worick, agarrando o banco da frente e levantando-se.

Worick, não! tentou a eahanoir retê-lo. Quenestil...! com a ajuda do shura, os dois eahan conseguiram impedir o thuragar de cometer algo potencialmente ruinoso para o caso e forçá-lo a sentar-se outra vez. Worick, ouve-me: esta é só a audiência, ela não vai falar e nós também não, mas podemos depois confrontá-la com isso no julgamento.

O thuragar ainda parecia pronto a saltar por cima do banco da frente, mas sabia que Slayra tinha razão e contentou-se com ameaçar os laicos de Bellex com o olhar, pois a pequena agitação chamara-lhes a atenção. A eahanoir notou que os nós dos dedos de Lhiannah estavam esbranquiçados devido à força com a qual a princesa apertava a borda do banco, de medo ou de raiva era difícil dizer, mas em todo o caso cobriu-lhe a mão com a sua, aquietando-a. A arinnir olhou para Slayra, revelando nos seus orbes azuis o fogo ao qual a eahanna estava habituada, a chama insubmissa da guerreira de que Slayra apesar de tudo aprendera a gostar. Mas a presente situação requeria prudência e cautela, razão pela qual a eahanoir ergueu uma aquietadora mão enquanto apertava a de Lhiannah com a outra.

A porta pequena abriu-se e dela saíram três velhos legistas com maços de papéis abraçados ao peito, um dos quais o que anteriormente falara com os companheiros, e os guardas exigiram silêncio em voz alta. Todos envergavam becas vermelhas e mantos azuis com o símbolo de Bellex neles bordado, sem nada que os diferenciasse uns dos outros além dos veneráveis semblantes. A idade vergava-os, mas os três esforçaram-se por manter uma postura recta na medida do possível antes de se sentarem nas cadeiras acolchoadas, deixando escapar estalos e rangidos no silêncio da sala ao fazê-lo. O respeitoso sossego permaneceu, quebrado apenas pelo ocasional tossido ou fungadela enquanto os legistas colocavam as lunetas, folheavam os maços de papéis e organizavam a sua disposição nas respectivas mesas de leitura, murmurando casualmente entre si.

Três juizes? sussurrou Slayra, admiradamente, sendo uma relativa conhecedora das leis dos humanos.

São legistas corrigiu Worick, e são ainda mais complicados que juizes; esses normalmente são só bailios ou vîlicos estúpidos e percebem tanto da lei como um burrik. Quando passam o veredicto, erguem o punho ou a palma ao mesmo tempo para considerar o réu culpado ou inocente...

Mas isto é só uma audiência...

Sim, mas os três acompanham o processo todo e cada um desempenha a sua função, embora vão alternando ao longo do julgamento, cada um faz as suas perguntas e desenvolve as dos outros, às vezes chamam testemunhas mais do que uma vez e fazem-lhes as mesmas perguntas por outras palavras, só para ver se as respostas correspondem às anteriores, e o mesmo acontece com os réus, que normalmente ficam tão confusos que acabam por se descair quando

mentem. Já assisti a um julgamento num cenóbio de Bellex, e ia adormecendo...

Achas que nos vão chamar? perguntou Quenestil, esticando-se por cima de Slayra para se fazer ouvir.

Hoje não, mas amanhã... quase de certeza. Hão-de ouvir umas quantas coisas de mim...

Silêncio no precinto! vozeou o cenobita postado à porta ao ver que os legistas estavam prontos. O silêncio tornou a abafar os murmúrios, e a sala mostrou-se pronta para o início da audiência. Que a audiência comece! A palma de Bellex defenderá os inóxios; o punho punirá os culposos!

Com estas palavras, os três legistas enclavinharam os nodosos dedos, e o do meio disse numa voz grave:

Que entrem a defesa e os réus.

O cenobita virou bruscamente as costas à sala e entreabriu a porta para constatar que os invocados se encontravam no exterior, escancarando-a de seguida e dando um passo para o lado.

Aewyre e Allumno entraram, ambos com os pulsos agrilhoados e o mago com uma certamente desconfortável mordança de pano na boca. Nenhum dos dois parecia ter dormido bem, pois os seus olhos estavam orlados de escuras olheiras, e Aewyre tinha os braços enfaixados com ligaduras sujas. Allumno caminhava a custo devido à falta de apoio para o joelho, embora o idoso homem de ricos cabelos brancos a seu lado o ajudasse. Envergava uma beca azul com a misericordiosa palma de Bellex nela bordada, mas o seu lábio, os olhos descaídos e as bochechas flácidas não lhe davam um ar particularmente convincente, o que não passou despercebido a Worick.

Pedras me partam, se é aquele que os vai defender, bem os podem linchar já aqui... resfolegou, ajustando a compressa no lábio.

Os outros ignoraram o *aziago* comentário do thuragar e passaram um braço por cima dos recostos para melhor verem os seus amigos. Allumno olhava estoicamente em frente, mas Aewyre passava os cansados olhos pela audiência, como se esperasse que alguém lhe explicasse a razão de tudo o que se estava a passar. O seu olhar cruzou-se com o de Lhiannah, que puxou o capuz ligeiramente para trás com ambas as mãos, mostrando um pouco do seu cabelo louro e formando a palavra "coragem" com os lábios superficialmente encrostados. O gesto conseguiu arrancar um sorriso ao guerreiro, que retribuiu com o nome de Taislin, perante o qual os três companheiros encolheram os ombros e

abanaram as cabeças. O semblante de Aewyre tornou-se carregado ao sabê-lo e mal viu os gestos de confiança enviados pelos dois eahan e por Worick, que de seguida tentaram em vão chamar a atenção de Allumno. Os dois réus sentaram-se com o jurisconsulto no banco da frente da fila na qual os companheiros se encontravam, sem repararem no olhar de ódio que Linsha lhes lançou e que acabou por assustar apenas o meirinho. Os três legistas perscrutaram os réus em silêncio durante alguns momentos, findos os quais o do meio falou enquanto os outros dois remexiam mais um pouco nos papéis.

Seja feito o libelo.

Sentado ao lado de Allumno, o jurisconsulto inclinou-se e indicou a ambos com a mão que se aproximassem.

A audiência irá decorrer em Glottik hoje, mas durante o julgamento falar-se-á Leochlan, devido às testemunhas. Terão então direito a um intérprete...

O homem da beca vermelha levantou-se e dirigiu-se à cadeira entre o estrado e os bancos, apoiando-se nela com uma mão tisonada com manchas castanhas.

Os réus Aewyre Thoryn, príncipe de Ul-Thoryn, e Allumno da Gema Vermelha, conselheiro de Aereth Thoryn, regente da mencionada comarca, são acusados do assassinio de lorde Malagor, senhor da Torre Judicante, membro do Triunvirato, o conselho regente desta nossa nação de Tanarch começou sem quaisquer formalidades de protocolo, esperando para deixar as suas palavras assentarem bem nas mentes dos presentes. Lorde Thoryn e seus companheiros, um dos quais é a princesa Lhiannah Syndar, filha de Sunlar Syndar, regente de Vaul-Syrith, entre os quais o único acusado de participação no crime *por agora é* o conselheiro Allumno, chegaram incógnitos à nossa cidade de Val-Oryth. Antes da sua chegada, contudo, atacaram em consórcio com um grupo de foras-da-lei o solar de Eivan Manets, leal monteiro que durante tanto tempo velou pela segurança das estradas que circundam a nossa cidade, enquanto este era visitado pela senhora Linsha Akselban, protegida de lorde Malagor, em reconhecimento do senhor da Torre Judicante pelo seu exemplar serviço...

O quê? proferiu Aewyre, virando todas as atenções da sala para si.

Lorde Thoryn... advertiu-o o legista da direita, ao qual dera nomes falsos aquando do depoimento quatro dias atrás. Aguarde a vez da defesa. Libelista, não fomos notificados desta inclusão na acusação.

Estão a dizer que atacámos o quê? sussurrou Lhiannah.

O solar que os Corações atacaram disse Worick. Deviam ser todos Filhos do Flagelo, foi por isso que aquela cabra estava lá...!

Perdão, senhores legistas, mas a senhora Akselban ainda está bastante perturbada com todos os acontecimentos e apenas me informou do sucedido esta manhã.

Ficará registado, mas por ora restrinja-se apenas aos eventos ocorridos na cidade disse o legista da esquerda com uma voz rouca.

Pela vontade de Bellex acedeu o libelista, virando-se para os bancos uma vez mais e lançando um olhar a Aewyre que dava a entender que não desejava ser interrompido. Lorde Thoryn e os seus companheiros entraram então em Val-Oryth, e na sua primeira noite dentro das muralhas da cidade envolveram-se num confronto numa estalagem do qual resultaram quinze mortos e seis cadáveres não identificados. O incidente foi investigado por este templo, mas dois dos companheiros de lorde Thoryn ainda não prestaram depoimento e um membro do grupo que de momento se encontra ausente furtou um documento pertinente à investigação. Muitas perguntas ficam por responder, algo que porventura poderá ser feito no âmbito deste julgamento...

Evite os comentários e restrinja-se aos factos, libelista... disse o legista do meio.

Perdão, legistas escusou-se o homem. Nessa mesma tarde, munidos de informação por averiguar do documento furtado, lorde Thoryn e os seus companheiros envolveram-se em mais um confronto, desta feita em pleno dia e num estabelecimento público cheio. O visado foi o senhor Ruinen Latrusko, um dos suspeitos listados no documento furtado, que terá sido violentamente abordado por lorde Thoryn. Do confronto resultaram vários feridos e a destruição parcial de propriedade alheia; uma vez mais, perguntas ficaram por responder acerca dos motivos para as acções de lorde Thoryn e seus companheiros.

Oh, raios... praguejou Worick, apercebendo-se de que os factos em nada abonavam a favor da inocência do grupo.

O que foi? perguntou Quenestil, completamente fora do seu meio, e secundado por Lhiannah, cujo ouvido esquerdo lhe estava a dificultar a audição.

Esperem recomendou Slayra. Vamos ver o que a defesa diz.

...o senhor Ruinen Latrusko, devo acrescentar, terá sido aliciado por lorde Thoryn a ceder-lhe informações pertinentes a lorde

Malagor, tanto nesse dia como num encontro posterior, ou devo dizer emboscada...

Mentira! vociferou Aewyre, apercebendo-se de seguida que na verdade não o era, pois apesar de não o ter sabido, fora Malagor quem de facto procurara.

Lorde Thoryn... tornou o legista da direita a admoestar. Outra intervenção dessas e será expulso da audiência.

O jurisconsulto aconselhou calma ao jovem e Allumno tocou-lhe no braço, mas Aewyre acenou com a cabeça, dando a entender que estava tudo bem, e recostou-se tensamente, olhando para o libelista e roçando os elos das grilhetas. O homem lançou-lhe um olhar de desprezo e prosseguiu:

O segundo "encontro" de lorde Thoryn com o senhor Ruinen Latrusko será posteriormente detalhado, mas o senhor Latrusko ficou ferido em resultado da coacção de lorde Thoryn, e testemunhará contra...

Estamos cientes da lista de testemunhas, libelista informou laconicamente o legista do meio. Prossiga de costas para os três, o homem acenou com a cabeça calva e assim fez.

Após estes quatro eventos, e apesar do anonimato de lorde Thoryn e seus companheiros, lorde Malagor tomou conhecimento da sua presença em Val-Oryth e, como cabe a qualquer governante de boa-fé, convidou lorde Thoryn e a princesa Syndar para uma festa em sua honra na habitação de Volgo Dokhan, o meirinho desta nossa cidade. O conselheiro Allumno assumiu o semblante de princesa através de meios mágicos e com esse disfarce foi transportado juntamente com lorde Thoryn numa liteira para o local da celebração. Ambos foram recebidos com toda a civilidade e cortesia que lhes eram devidas, tanto pelos guardas destacados para zelarem pela sua segurança e pela dos restantes convidados, como pela parte do senhor Dokhan. Contudo, assim que lorde Malagor entrou na sala, o conselheiro Allumno revelou a sua verdadeira identidade e atacou o seu anfitrião sem qualquer agressão ou ameaça prévia da parte deste. Lorde Thoryn participou naquele que todos testemunharam como um traiçoeiro ataque...

Dispense os comentários, libelista. Já lhos temos perdoado vezes de mais só nesta audiência disse o legista da esquerda, pigarreando de seguida de forma pouco autoritária.

Perdão uma vez mais, legistas. Lorde Thoryn tomou parte no ataque, ferindo vários guardas com gravidade, um dos quais veio mais

tarde a falecer, e agredindo violentamente a senhora Akselban, que tentou defender o seu mestre. O conselheiro Allumno então matou lorde Malagor, cauterizando o seu corpo com claros intentos assassinos, e isto os legistas perdoar-me-ão, mas é uma agravante e não um comentário.

Será registada, libelista. Tem algo a ajuntar?

Sim, senhores legistas. Devo acrescentar que lorde Thoryn e os seus companheiros são procurados tanto por Ul-Thoryn como por Vaul-Syrith, visto que o príncipe Aewyre fugiu com uma relíquia pertencente à comarca: Ancalach, a Espada dos Reis. É também do conhecimento de certos presentes nesta audiência que lorde Thoryn e os seus companheiros organizaram uma rebelião na não mais independente cidade de Alyun, em Thyr...

O jurisconsulto virou-se para Aewyre e Allumno.

Não me informaram acerca disso! sussurrou.

O mago e o guerreiro também estavam surpresos, embora ambos se sentissem estúpidos por isso. Afinal, mais de meio ano era tempo suficiente para tais notícias terem chegado a Tanarch, porventura trazidas por mensageiros de Aereth ou Sunlar Syndar.

... o que só por si levanta mais questões que terão de ser respondidas. Nada mais tenho a acrescentar, legistas. Os culpados serão punidos pelo Seu punho anunciou o homem num tom quase triunfal, sentando-se a lado de Linsha, cujo véu era incapaz de esconder o seu sorriso.

Um murmúrio generalizado tornou a erguer-se na sala, e foi rapidamente silenciado pelo cenobita e os laicos que faziam cumprir as suas ordens.

Lhiannah olhava preocupada para Worick, que estava erguido para ver melhor e se limitava a olhar severamente em frente, embora a sua compressa manchada se mexesse nervosamente. Quenestil e Slayra trocaram olhares inquietos.

Que a defesa se pronuncie disse o legista do meio sem tirar os olhos do que rabiscava com uma pena.

O jurisconsulto limpou a garganta, olhou confiante para Aewyre e Allumno, e levantou-se, ajeitando a sua beca enquanto se dirigia à cadeira.

Os réus Aewyre Thoryn e Allumno da Gema Vermelha não me informaram acerca do sucedido fora das portas da cidade que o libelista mencionou, mas esse assunto será em breve esclarecido. Restringir-me-ei ao caso em questão, começando por declarar que o príncipe

Thoryn empreendeu a sua viagem por motivos pessoais que, embora não sejam mencionados hoje nesta audiência, em nada estão relacionados com o infeliz fenecimento de lorde Malagor...

Isso caberá ao tribunal decidir, jurisconsulto arguiu o legista da direita.

Certamente, senhores legistas. Em relação ao primeiro sucedido dentro das muralhas de Val-Oryth, lorde Thoryn e os seus companheiros foram atacados por um bando de quinze rufias a mando do senhor Ruinen Latrusko...

O libelista não se esforçou minimamente por conter um zombeteiro fungar, que o jurisconsulto ignorou.

...e por um grupo de Fadados. Nesse ataque surgiu ainda uma agressora não identificada que feriu gravemente a princesa Syndar, razão pela qual o grupo se alojou nas Alas da Convalescença e não noutra estabelecimento qualquer. Lorde Thoryn e os seus companheiros nada mais fizeram além de se defenderem de um ataque inesperado. No dia seguinte, o membro não presente do grupo furtou de facto um documento deste templo, cujo conteúdo era uma lista de suspeitos do ataque da noite anterior e entre cujos nomes

-figurava o do senhor Latrusko, o que os motivou a procurá-lo num dos estabelecimentos mencionados nesse mesmo documento como um dos locais por ele habitualmente frequentados. O diálogo entre ambas as partes não foi pacífico e acabou por desencadear uma contenda no estabelecimento, do qual lorde Thoryn e os seus companheiros se retiraram...

Mas o que é que aquela azémola está para ali a zurzir? revoltou-se Worick, suficientemente expressivo para que os laicos tomassem nota da sua reacção e se posicionassem discretamente perto do thuragar.

Lhiannah mordida a parte sã do lábio inferior, apertando a sua capa com força, apreensiva pelo que fora dito e pelas reacções que presenciava. Havia algo nos olhares das pessoas que denotava uma incondicional condenação que por nada podia ser demovida, e o que ouvira em nada abonava a favor do grupo.

Como suspeitavam do envolvimento do senhor Latrusko no ataque do qual haviam sido vítimas, lorde Thoryn e três dos seus companheiros (apenas dois dos quais se encontram presentes) armaram o que de facto só pode ser descrito como uma emboscada. Worick tornou a grunhir vitupérios de lado, virando algumas cabeças na sua direcção, mas os legistas ignoraram-no ou então não o ouviram,

na tentativa de obter informações acerca dos motivos do ataque, e não acerca de lorde Malagor especificamente, como foi dito no libelo.

O jurisconsulto fez uma pausa para recuperar o fôlego e humedecer a boca e o libelista abanou a condescendente cabeça, segredando algo ao ouvido de Linsha.

Contudo, as informações providenciadas pelo senhor Latrusko provaram ser inconclusivas, e lorde Thoryn e os seus três companheiros retiraram-se para as Alas da Convalescença. Enquanto o faziam, o conselheiro Allumno, como é seu hábito e o daqueles que fazem uso da Palavra, meditava nos aposentos do grupo no templo de Acquon. Na sua incursão pelo Pilar, deparou com a manifestação da senhora Akselban, que aparentava espiar o local, e foi por ela atacado sem qualquer provocação, envolvendo-se num confronto.

O libelista atirou as mãos ao ar e revirou os olhos, ciente da total ausência de provas do que era afirmado e comunicando os seus pensamentos a Linsha, que permanecia tranquila.

O conselheiro Allumno perseguiu a senhora Akselban pelo Pilar, acabando por deparar com a manifestação de lorde Malagor, que também o atacou, forçando-o a retirar-se do Pilar. Nessa mesma tarde lorde Thoryn recebeu o convite de lorde Malagor que, devo dizer, apareceu nesse dia na cidade sem qualquer aviso prévio...

Como habitualmente o fazia... comentou o libelista, tapando a boca de seguida e escusando-se com a mão livre num gesto de sinceridade duvidosa.

Sem qualquer aviso prévio... reiterou o jurisconsulto. Não tendo ainda associado o nome de lorde Malagor à manifestação que atacara o conselheiro Allumno, lorde Thoryn mesmo assim desconfiava do convite, tendo em conta tudo o que até então acontecera, razão pela qual não levou Ancalach e o conselheiro Allumno se disfarçou como a princesa Syndar, de forma a poder garantir a segurança de lorde Thoryn. Aquando da sua chegada à habitação do meirinho, lorde Thoryn preparou-se para ser apresentado a lorde Malagor, e nesse instante o conselheiro Allumno reconheceu-o como a manifestação que combatera no Pilar, atacando-o ao reconhecê-lo como uma ameaça para lorde Thoryn, seu protegido. O que de seguida veio a acontecer nada mais foi do que a infeliz consequência do caos da refrega que teve lugar na sala e na qual tanto lorde Thoryn como o conselheiro Allumno lutaram para protegerem as suas vidas...

O jurisconsulto franziu os lábios, olhando para cima como se estivesse à procura no tecto de algo mais para dizer.

Tem algo a acrescentar, jurisconsulto?

Não. Está feita a defesa, senhores legistas. Os inocentes serão resguardados pela Sua palma terminou o homem, regressando ao seu lugar ao lado de Allumno.

O murmúrio de vozes ergueu-se mais uma vez e uma vez mais foi suprimido pelo rigoroso cenobita e os seus laicos, deixando o escrevinhar dos legistas como o incontestado ruído dominante na sala, secundado apenas pelos fortuitos sussurros dos presentes.

Pedras me partam... praguejava Worick, de cotovelos apoiados sobre os joelhos e pressionando com o punho a compressa do lábio que abrira com os seus veementes protestos.

Calma, Worick. Há certas coisas na defesa que o outro vai ter de refutar... tentou Slayra alentá-lo.

E daí? Podem convencê-los de muita coisa, mas o mago matou o Malagor, isso é certo, e o Aewyre estava com ele. Não têm como provar que o mago foi atacado pela outra e pelo Malagor no Pilar, mas uma multidão inteira viu-os a atacá-lo na festa. Oh, pedras me partam é a isto tudo...

A eahanoir não soube o que dizer, desapontando Quenestil e Lhiannah, que olhavam para ela com expressões expectantes, desejando vivamente que contestasse o que o thuragar acabara de dizer. Mas não sabia como.

Os legistas acabaram de escrever em quase perfeita sincronia, arrumando as suas folhas e conversando uns com os outros antes de devolverem a sua atenção à sala.

Foram apresentados o libelo e a defesa a este tribunal, que agora deseja ouvir o parecer dos réus disse o legista do meio. Requisitam a Bellex a Sua palma para na vossa inocência vos proteger; ou submetem-se ao Seu punho como reconhecimento da vossa culpabilidade?

A sala parou de respirar nesse instante. Cabeças viraram-se para a direita, fixando as rígidas nuças de Aewyre e Allumno, que pareciam estacados nos seus assentos. O jurisconsulto olhou para ambos, puxando discretamente uma prega das calças de Allumno, mas o mago tinha o olhar fixo em frente, talvez no símbolo do deus da justiça representado na tapeçaria. Aewyre olhou hesitantemente para o seu tutor, esperando ver nele uma resposta para o seu dilema interior, mas o mago aparentava estar envolvido num conflito parecido.

Recordamos que, em caso de declaração de inocência, o julgamento começará no dia seguinte e decorrerá debaixo da inteira jurisdição da igreja de nosso senhor Bellex, sem qualquer envolvimento da nação de Tanarch. O estatuto social dos réus não será tido em conta, e serão julgados com total imparcialidade afirmou o legista da direita.

Allumno virou lentamente a cara para Aewyre, vendo os escuros olhos preocupados do jovem, que mais parecia a criança da qual o mago tinha memória, o pequeno príncipe travesso que perante as adversidades sempre se lhe dirigira em busca de conselhos e apoio. O mago soube então que só havia uma coisa a fazer, a única que ainda concederia ao seu protegido uma hipótese de não ser condenado, por ínfima que fosse: declarar-se como o único culpado e tentar arcar com a responsabilidade do crime na íntegra. Os seus lábios formaram-se naquele que pareceu ser um sorriso triste, pronunciando de seguida em silêncio a palavra "desculpa".

Allumno, não... pediu o guerreiro em surdina, lendo-lhe os pensamentos.

O mago abanou a cabeça curtamente de olhos fechados, pousou brevemente as mãos agrilhoadas sobre as do seu pupilo e inclinou-se para a frente para se erguer.

Não... disse Aewyre, esmaecido e incapaz de agarrar as mãos do seu tutor enquanto este se levantava, indicando a mordaza na sua boca.

O jurisconsulto levantou-se, pesaroso, e desatou o pano que amordaçava Allumno, que engoliu em seco e pigarreou, olhando decididamente para os legistas.

Oh, não... disse Quenestil que, mesmo sem ter compreendido inteiramente o que se passara, sentia como todos os outros que algo de grave e decisivo estava para acontecer.

Worick fechou os olhos, pressionando a compressa com tal força contra o lábio que sangue fresco brotou da ferida, escorrendo-lhe num fio para dentro da boca. Lhiannah agarrava o braço de Slayra, que abanava languidamente a cabeça.

Senhores legistas... disse Allumno fracamente, reforçando a voz com outro pigarreio. Eu...

As portas duplas da sala escancararam-se de repente, e todos os presentes viraram as caras para trás para verem um imponente homem arnesado baixar os braços estendidos e entrar a passos largos na audiência, flanqueado por outros dois de afunilados elmos sobraçados.

Enquanto avançavam com pesadas passadas as suas capas azuis esvoaçavam-lhes nos calcanhares, aos quais também vinha um minúsculo humanóide que trazia aos braços algo embrulhado cujo comprimento excedia a sua altura.

Taislin! exclamou Quenestil em surdina, o primeiro dos companheiros a conseguir ver o seu amigo.

O quê?! levantou-se Worick.

Os três sirulianos ignoraram-nos e aos restantes olhares que neles estavam fixos, bem como os laicos que vieram atrás, hesitantes e encolhendo os ombros num impotente pedido de desculpas. O homem que vinha à frente tirou o elmo da cabeça sem sequer parar, revelando os seus cabelos grisalhos e os determinados olhos pardos que não tolerariam discussões, detendo-se defronte da cadeira dos réus.

Embora surpresos, os legistas mantiveram a compostura e o do meio pronunciou-se:

Mandatário Aelgar, a que se deve esta intrusão?

O siruliano não respondeu de imediato, olhando para Allumno e sobretudo para Aewyre enquanto Taislin se postava timidamente ao lado da sua perna direita, sorrindo para os seus amigos.

Chegou ao meu conhecimento que estes dois indivíduos serão julgados pelo assassinio de lorde Malagor disse Aelgar, ainda de olhos postos em Aewyre, que não pôde deixar de se sentir intimidado por aquele olhar arbitrário que parecia desnudá-lo por dentro.

Assim é. E por que interrompeis a audiência? perguntou o legista da direita, algo menos diplomático.

O siruliano tornou a olhar em frente e prendeu os três com os seus olhos, levando alguns laicos a aproximarem-se discretamente embora nada na sua postura denotasse qualquer tipo de ameaça.

Invoco a Lei da Conscrição de Clausura.

As palavras do siruliano tiveram um violento impacto nos presentes. Vozes e pessoas ergueram-se em protesto, apontando acusadoramente para os réus, clamando justiça e reclamando contra a lei reivindicada. Aewyre e Allumno olhavam confusos em redor, e os restantes companheiros pensaram por momentos que teriam de evitar que os seus amigos fossem linchados naquela sala, no entanto, a pedido dos legistas, os laicos impuseram uma ténue ordem, obrigando os presentes a retomarem os seus assentos.

Mandatário Aelgar...

Informei esta semana o meirinho Volgo Dokhan e o Cenóbio da Equidade de que um exército se move em Asmodeon. A Lei da

Conscrição de Clausura permite-me em tal situação alistar indivíduos enclausurados ao serviço de Sirulia, sejam eles réus ou culpados.

Os murmúrios na sala tornaram-se mais agitados, e não apenas devido à presença dos sirulianos. Corriam nas ruas rumores de um exército vindo de Asmodeon, razão pela qual Sirulia enviara os seus Mandatários com ordens adicionais para recolherem prisioneiros em Tanarch, mas poucos os haviam levado a sério.

Julgávamos que tivésseis terminado a recolta esta semana... comentou o rouco legista da esquerda.

A Lei da Conscrição de Clausura não impõe limites de qualquer espécie ao alistamento, desde que efectuado nas referidas condições. Assim dita o acordo assinado pelo Triunvirato, por este cenóbio e pelos das restantes cidades de Tanarch.

Silêncio tenso. A revolta mal contida dos presentes era quase palpável, mas a igreja de Bellex era imparcial, e as palavras do Mandatário eram as que a lei ditava. Os legistas entreolhavam-se, pois embora soubessem que só havia uma decisão a tomar, o procedimento não lhes parecia de todo ortodoxo, e sentiam que tal sentença requeria um protocolo mais elaborado do que aquele que o siruliano parecia aguardar. Aelgar e os seus acompanhantes esperavam, seguros e convictos como três estátuas esculpidas num momento de vitória. O legista do meio tirou as conformadas lunetas do nariz e olhou para Aewyre e. Allumno por entre as papudas frestas das suas sobrancelhas.

Príncipe Aewyre Thoryn, conselheiro Allumno, é-vos apresentada uma escolha disse, fazendo os possíveis por esconder o descontentamento que sentia, pois não tinha memória de um julgamento interrompido de tal forma. Poderão permanecer em Tanarch e aguardar julgamento, cuja sentença está por determinar; ou colocarem-se debaixo da protecção do Mandatário Aelgar, o que pelos ditames da Lei da Conscrição de Clausura vos isentará do estatuto de réus, vinculando-vos contudo ao serviço de Sirulia por um período de tempo indeterminado.

Vão ser usados como soldados rasos, conselheiro Allumno! advertiu o jurisconsulto ao ouvido do mago, que olhava para os sirulianos com um misto de surpresa, alívio e dúvida. Eles não vos deixarão partir em liberdade!

Aewyre entretanto também se levantara e viu Taislin, fitando o seu pequeno amigo com uma expressão de total confusão. O burrik passara quase despercebido até então devido à imponente presença dos sirulianos, mas as pessoas começavam a tomar nota do pequeno humanóide

com o estranho embrulho aos braços, e essa atenção estava a deixá-lo nervoso. Todavia, acenava com a cabeça de cada vez que apanhava o olhar de Aewyre ou Allumno, incitando-os a uma resposta afirmativa.

Que dizeis, príncipe Thoryn, conselheiro Allumno? rouquejou o legista da esquerda. Desejais permanecer em Val-Oryth para serdes julgados e poderdes provar a vossa inocência, ou partir com o Mandatário a serviço... mandatário da nação de Sirulia?

Nesse preciso momento, Aewyre não reflectiu. O legista explicara as suas opções, e a escolha não podia ser mais clara. Nesse preciso momento, não houve tempo para pensar em consequências ou repercussões, responsabilidades ou implicações. Allumno estivera prestes a considerar-se culpado, e o jovem sabia que fora ele a razão para tão abnegada decisão. Vivera por instantes o entorpecedor horror de ver o seu tutor e amigo prestes a assinar a sua sentença para uma ignóbil morte, e a oferta de Aelgar afigurou-se-lhe como uma mão estendida a quem se afogava, um facho de luz na escuridão, um santuário para um animal acoitado por uma matilha de cães. Não havia como recusar. Como podia recusar?

Eu desejo partir com o Mandatário declarou a alto e bom som, olhando de seguida para Allumno à espera da sua resposta.

O mago, contudo, hesitou. A sua boca estava entreaberta, os seus olhos estavam alternadamente postos nos sirulianos, nos legistas e no seu protegido. Todos esperavam uma resposta, e a que cada um pretendia acarretava consigo consequências bem diferentes. Aewyre estava ilibado, fora de perigo de momento. A sua decisão já não o podia afectar, mas como conselheiro sabia que podia bem comprometer irreversivelmente as relações entre Tanarch e Ul-Thoryn. Tinha a oportunidade de corrigir o erro que cometera, de pagar pelo crime que perpetrara, nada menos se esperaria do conselheiro real do regente de Ul-Thoryn, do pupilo *de* Zoryan, o Arquimago.

E, no entanto, o desespero que começava a ressurgir nos olhos de Aewyre dilacerava-lhe o coração. Não só isso, tinha medo. Não se podia esperar de um homem que desse a sua vida por uma causa jurídica, mesmo que fosse culpado, embora tivesse agido com o único intuito de defender o seu príncipe, que jurara proteger com a sua vida. Estaria a fazê-lo, se a entregasse às mãos dos legistas? Teria cumprido o seu dever?

Conselheiro Allumno? despertou-o o legista da direita.

O mago piscou os olhos. A sala era parcamente arejada, e pareceu-lhe excessivamente abafada, como se as próprias quatro paredes estivessem

a exercer pressão sobre si. A gema na sua testa ficou orlada por suor, os olhares de todos os presentes pesavam-lhe em cima e um calor opressivo no peito dificultava-lhe a respiração. E os olhos de Aewyre, sempre os olhos de Aewyre... não, não podia. Não o podia abandonar. Fosse por fraqueza, cobardia, instinto de autopreservação ou amor pelo seu protegido, o mago renegou às considerações que o atormentavam e cedeu ao impulso mais básico, que durante os seus momentos de reflexão sempre lhe tentara quebrar os pensamentos com gritos de sobrevivência.

Com o aval deste tribunal, também desejo partir com o Mandatário disse por fim de cabeça baixa.

A tensa corda que sustia os presentes estalou e estes insurgiram-se, e os laicos não tinham a certeza de os querer impedir. Linsha manifestou a sua revolta, erguendo-se de súbito e apontando acusadoramente aos sirulianos e aos legistas.

Não! Não podem! Não têm autoridade! gritou, fazendo-se ouvir mesmo através do véu e no meio do bulício generalizado. Eles mataram lorde Malagor, membro do Triunvirato, não podem ser ilibados assim! Merecem a morte!

Morte! ecoaram alguns dos presentes, saltando dos ou sobre os seus assentos. Morte!

Os quatro companheiros viram-se por instantes a braços com uma furiosa turba que não tinham a certeza de conseguir impedir de matar os seus amigos, mas então uma possante voz explodiu na sala, ressoando e reverberando na pedra das paredes e emudecendo todas as outras. Os três sirulianos estavam voltados para a multidão, as espadas não haviam saído das suas bainhas, os punhos permaneciam descontraidamente aos seus lados, as suas expressões, apesar de rígidas e inflexíveis como rocha, não eram ameaçadoras, e contudo quase todos os presentes estavam atarrecidos e haviam involuntariamente retomado os seus lugares, alguns estavam mesmo sentados ou acorados no chão. Os que continuavam exaltados olharam para trás e constataram que já não dispunham do apoio dos números, achando então por bem retraírem-se na tentativa de passarem despercebidos. Os olhos dos laicos estavam esbugalhados, o cenobita apoiava a mão no ombro de um, e dos quatro companheiros apenas Quenestil e Lhiannah não estavam defensivamente tensos, como se esperassem ser atacados. Aos pés do velho siruliano, Taislin estava hirta e agarrava o comprido objecto embrulhado com força, olhando para cima como um rato assustado. Aelgar virou a cara para Linsha, que se encolheu contra o perfeitamente

aterrado meirinho, e prendeu ambos ao assento como se os seus olhos fossem dois pregos. Deixando a vigilância da aquietada turba a cargo dos dois jovens sirulianos, o Mandatário então devolveu a sua atenção aos legistas, cujos nodosos dedos estavam a agarrar as bordas das suas mesas de leitura com involuntária força antes de as largarem.

Legistas, os réus fizeram a escolha. Qual é o parecer do tribunal?

O trio entreolhou-se, conferindo em silêncio, mas estavam perfeitamente cientes de que apenas retardavam o inevitável e que o seu parecer não podia ser outro. Suspirando, o do meio foi o primeiro a falar.

Pelo poder que por Bellex nos foi investido, e pela autoridade da qual fomos revestidos pelo órgão judicial desta cidade de Val-Oryth, consideramos os réus dispensados do julgamento e doravante livres de qualquer litígio pertinente a este caso.

Houve movimentos nervosos na sala, abanares de cabeça, mãos erguidas em fracos gestos de protesto, sussurros indignados, mas debaixo da vigilância dos dois sirulianos ninguém se manifestou com o mesmo ardor demonstrado momentos atrás.

Assim o dita a lei disse o legista da esquerda, pigarreando.

Assim o proclama este tribunal continuou o do meio.

Assim Bellex o entende garantiu o da direita.

Que o Seu punho nos puna por qualquer erro ou falha voltou o da esquerda a falar.

Que a Sua palma nos perdoe se assim o entender aditou o do meio, baixando a cabeça de olhos fechados.

Esta audiência está terminada. Que os réus sejam libertos finalizou o da direita, arrumando os seus papéis num maço.

O burburinho continuou, mas ninguém se mexeu enquanto os legistas se levantaram, recolhendo os documentos enquanto se preparavam para sair. Quase todos na sala estavam atónitos ou incertos, completamente tomados de surpresa pelo virar dos eventos. Aelgar olhou para Aewyre e Allumno enquanto estes eram desagrilhoados por dois laicos, mas umas batidas na sua greva chamaram-lhe a atenção para baixo, onde Taislin tapava a boca de lado de bicos de pés para lhe dizer uma coisa. Aewyre ouviu o timbre esganiçado da voz do seu amigo, mas a meio do burburinho não conseguiu ouvir as suas palavras. O velho siruliano ergueu uma nobre sobancelha e olhou para trás para os quatro companheiros no meio dos ouvintes, que se detiveram, incertos perante a sua atenção. A um sinal de Taislin, olhou para

o outro lado para Linsha, e a reacção da mulher foi igual, embora talvez um pouco mais assustada. Tornou a fitar Taislin, parecendo reflectir enquanto o fazia, e tomou uma decisão quando os legistas já pareciam prontos para se retirarem.

Legistas, tenho outra petição a fazer a este tribunal.

Os três homens emproaram-se de indignação, pois sabiam muito bem que o que acabara de ser feito não fora nenhuma petição.

Desejo também alistar os companheiros de Aewyre Thoryn, considerados suspeitos neste caso.

O pico da indignação dos presentes já fora há muito alcançado, mas a exigência adicional teve o efeito de uma cuspidela na cara de um adversário derrotado, e um pequeno coro de vozes protestou, embora sem grande efusividade. Os legistas ponderaram, mas rapidamente chegaram à conclusão de que, estando o caso terminado, não havia razões para reterem os suspeitos, pelo que acederam.

São-lhe concedidos caso o escolham, Mandatário disse o legista do meio.

Aelgar não se dignou sequer a virar-se para trás, mas Taislin fê-lo, acenando com o longo objecto embrulhado para chamar a atenção dos seus companheiros e fazendo freneticamente que sim com a cabeça. Worick e Slayra entreolharam-se, mas Quenestil e Lhiannah pronunciaram-se de imediato.

Aceito disseram ambos ao mesmo tempo, embora a voz do eahan abafasse a da princesa, ainda fraca.

O thuragar e a eahanoir sentiam que a decisão que estavam prestes a tomar não devia ser feita de ânimo leve, mas os seus amigos, amados e protegidos já a haviam tomado, e abandoná-los era algo que nem sequer se punha em consideração.

Aceito disseram os dois também em uníssono.

Perante a concordância dos companheiros, os legistas anuíram com as cabeças, dispensando protocolo adicional, e ergueram um punho cerrado e uma palma estendida de olhos fechados e cabeças baixas.

Temei o punho e sede dignos da palma disseram os três em uníssono e retiraram-se numa ordeira fila para fora da sala pela pequena porta.

A saída dos legistas deixou atrás de si um ambiente de incerteza, mas os três sirulianos aprontaram-se para retirar antes que a audiência chegasse a qualquer decisão.

Aewyre Thoryn, Allumno, venham praticamente ordenou Aelgar, enfiando o capacete na cabeça e baixando a babeira. Vocês

também disse aos restantes companheiros. Guarnecer flancos, Ajuramentados.

Com o Mandatário à frente, os companheiros atrás e os dois jovens sirulianos nos flancos, a pequena procissão saiu da sala, quase empurrada pelos olhares nas costas, e os Ajuramentados fecharam as portas, ignorando os laicos que lhes tentaram dirigir hesitantes palavras. Uma vez fora da sala, Aewyre não se conteve e pousou um joelho no chão para esmagar Taislin com um abraço, apertando o comprido objecto entre ambos.

Meu endiabrado... quase soluçou o guerreiro, enfiando a cara no barrete do burrik. Fizeste-o outra vez... seu desnaturado, inconsciente... fizeste-o outra vez...

Taislin viu-se incapaz de responder, sentindo que se mexesse um músculo as suas costelas cederiam, e os sirulianos detiveram-se, observando a cena com olhares impacientes. Aewyre acabou por libertar o burrik, mas não antes de lhe apertar a cabeça com tal força que o pequeno ladrão julgou que os seus olhos iriam saltar.

Toma... disse por fim quando foi liberto dos dolorosos afagos do guerreiro, presenteando-o com o objecto embrulhado, cujas

Cobras soltas durante o abraço revelavam o reluzente aço da lâmina de Ancalach.

Aewyre sorriu e estendeu a mão para a agarrar.

Obrigado, meu...

A manopla de Aelgar surgiu do nada e pegou na Espada dos Reis pela lâmina encoberta, reclamando-a para si. O guerreiro ficou momentaneamente estupefacto, e olhou boquiaberto da sua posição ajoelhada para o Mandatário com as surpresas sobranceiras franzidas.

Não estás em liberdade, *Aewyre Thoryn*, nem tu nem os teus companheiros. Estão todos ao serviço de Sirulia por vossa própria escolha, o que significa que até depararem com uma autoridade superior, estarão sob o meu comando pessoal.

Os companheiros nada disseram, também eles aturdidos com o que quase lhes pareceu ser súbita hostilidade da parte de Aelgar. Os dois Ajuramentados permaneceram em silêncio nos flancos do grupo, sem traírem qualquer tipo de emoção com os seus semblantes.

Não vos foi feito nenhum favor, e espera-se uma contrapartida da vossa parte, o que ficou bem explícito na audiência.

Mandatário... conseguiu Allumno pronunciar-se, lembrando-se das palavras do jurisconsulto. O que é esperado de nós?

Não ouviram? perguntou, dirigindo-se a todos os companheiros. Um exército está em marcha, vindo de Asmodeon, e uma batalha é inevitável. Mas não serão apenas os sirulianos a darem o seu sangue em defesa de Tanarch.

As palavras de Aelgar apertaram os corações dos companheiros, e Taislin pareceu de todos o mais surpreso, olhando para o Mandatário como se tivesse sido por ele traído.

Vocês e os outros criminosos em breve irão aprender o valor do sacrifício...

LIVRO SEXTO

A BARCAÇA DOS CONSCRITOS

As estradas de Tanarch eram praticamente intransitáveis durante a Primavera devido aos mares de lama causados pela neve derretida nos picos das montanhas, mas felizmente para os seus habitantes, as vias fluviais abundavam, ligando as cidades umas às outras nos meses do degelo. Val-Oryth dispunha de um pequeno porto fora das suas muralhas, ligado ao caudal do Doleg, um afluente do rio Niolga, que nascia no vale da Cinta ao fundo do qual a cidade se situava. O embarcadouro era constituído por uma série de quatro cais, um armazém ligado a uns estábulos com bestas de carga, um estaleiro, o edifício do fiscalizador e um posto que abrigava o contingente de seis guardas que zelavam pela ordem e pelo pagamento dos impostos fluviais.

Contudo, nessa manhã fresca e seca de céu limpo, os milicianos tiveram de ser assistidos por reforços da cidade devido à exaltada multidão que perseguia os conscritos escoltados pelo grupo de sirulianos. Os quarenta e quatro prisioneiros absolvidos caminhavam numa andrajosa fila, agrilhoados uns aos outros pelos pulsos, todos eles criminosos e transgressores que haviam preferido arriscar combater pelos sirulianos a cumprirem as suas penas nas masmorras ou nos cadafalsos de Val-Oryth. Aelgar, o Mandatário, liderava a procissão, ignorando altivamente os insultos e vitupérios que lhe eram dirigidos e a todo o seu povo, bem como os cães que se lhe punham no caminho, ladrando e fugindo e tornando a ladrar. Deadan e Taeran seguiam nos flancos da fila ao lado de quatro milicianos da cidade, cuja vontade mais parecia ser juntarem-se à multidão e apedrejarem os arrogantes jovens. Outros dois sirulianos altos e arnesados seguiam

mais atrás, estes acompanhados por seis milicianos, pois escoltavam Aewyre e Allumno, os mais polémicos conscritos de que havia memória na já longa linha de eventos causados pela Lei da Conscrição de Clausura. Os dois estavam na cauda da fila, sobre a qual recaíam grande parte das atenções da exaltada multidão e, na falta de uma bengala, o mago apoiava-se sobre os ombros do guerreiro, roçando-lhe a pele entre as omoplatas com as suas grilhetas. Aewyre tentava resguardar o seu tutor dos legumes e manelos de lama dos quais estavam a ser alvo e dos quais nem os sirulianos nem os milicianos os podiam (ou queriam, no caso dos últimos) proteger, e o seu cabelo e braços ligados já estavam empastados com detritos. Sendo voluntários, Worick e Quenestil caminhavam sem grilhetas atrás da fila e tentavam sem grande sucesso proteger os seus amigos da fúria da multidão. Lhiannah, Taislin e Slayra, os três restantes voluntários, estavam sentados na carroça de víveres e equipamento puxada por Alfarna e outra mula, conduzidas por um sexto siruliano, que também tinha de arcar com a indignação dos habitantes de Val-Oryth que haviam seguido a fila desde a sua saída dos portões da cidade. No dia anterior, o resultado da audiência espalhara-se como fogo em palha seca, e um considerável número de cidadãos revoltados saíra às ruas para protestar à porta do Cenóbio da Equidade. Ainda não chegara nenhuma palavra dos restantes membros do Triunvirato, e o facto de a procissão partir no dia a seguir à audiência fomentara muitas teorias de conspiração e acusações de fuga à justiça, bem como novos pretextos para pregar o ódio a Sirulia. Homens, mulheres, crianças e cães seguiam a procissão num coro de insultos e protestos, vaiando os sirulianos, exigindo justiça para os assassinos de lorde Malagor e a libertação dos restantes prisioneiros, indignados com o que para eles nada mais era do que tanarchianos a darem o seu sangue por Sirulia, ignorando o facto de serem voluntários e vendo-os apenas como mais uma prova da tirania da nação vizinha.

Uma vez chegados ao embarcadouro, os sirulianos dispuseram a fila de forma a que ficasse enrolada como uma serpente à beira de um dos cais, separada da multidão por uma barreira de contrariados milicianos enquanto se preparavam para embarcar. O batel no qual iriam viajar era uma alongada barcaça de fundo chato desprovida de convés, com um leme, um mastro com uma pequena vela azul, lugar para uns setenta homens e uma borda esburacada para o uso de remos. Um siruliano pulou para dentro da barcaça e estendeu a prancha de embarque, após o que Aelgar ordenou ao primeiro prisioneiro na fila que

entrasse, deixando oito passar e mandando a fila parar uma vez mais para separar esses oito dos restantes para que estes coubessem num dos assentos. Repetiu este procedimento quatro vezes debaixo dos assobios e protestos da multidão, fitando cada um dos prisioneiros que por ele passavam e que, por uma razão ou outra, se recusavam a olhá-lo nos olhos, até que chegou a vez de Aewyre. O jovem enfrentou o olhar do velho siruliano, cujos severos orbes acerados eram bem visíveis, focalizados pela abertura entre o elmo e a respectiva babeira. A expressão e a postura do guerreiro não eram impertinentes ou de alguma forma hostis, mas denotavam uma certa medida de desafio. Os dois olharam-se durante longos momentos, chamando a atenção dos restantes prisioneiros e de alguns membros da multidão. Allumno apertou-lhe os trapézios, incitando o jovem a continuar, mas Aewyre parecia decidido a obter naquele momento uma resposta para uma pergunta que contudo desconhecia. Um pedaço de verdura escorria-lhe pela mancha de lama no malar abaixo, mas o guerreiro ignorava-a e aos restantes nacos de legumes plantados na sua cabeça, determinado a não se retrair perante o inflexível olhar de Aelgar desta vez. Talvez por se aperceber disso, foi o velho siruliano quem terminou a contenda de vontades.

Avança, *Aewyre Thoryn*. A ênfase que o homem dava ao seu nome continuava a confundir o jovem, mas perante a insistência de Allumno acabou por fazer como lhe fora ordenado e entrou na barça.

Quenestil ajudou Lhiannah e Slayra a descenderem da carroça, e Taislin despediu-se da Alfarna. A mula permanecera nos estábulos das Alas da Convalescença durante a estadia dos companheiros em Val-Oryth, e o templo de Acquon acordara em ficar com o animal após a partida dos companheiros.

Adeus, Alfarna. O Worick já não te vai chatear mais... disse o burrik, abraçando-lhe o pescoço crespo. A mula orneou de contentamento.

Embora não partilhassem dos sentimentos de Taislin, Slayra e Lhiannah também se despediram da mula com festas no nariz, e Worick lançou-lhe um último insulto que, com algum esforço de interpretação, eventualmente pudesse ser visto como sendo de boa índole. Os cinco companheiros foram encaminhados para um assento perto da popa da barça, cuja madeira estava húmida devido à neve derretida, enquanto dois sirulianos traziam o carregamento da carroça para dentro da embarcação: peles, provisões, barricas e

meia dúzia de caixotes. Aewyre e Allumno olhavam frequentemente para trás, assegurando-se da presença dos seus companheiros e ignorando os olhares que lhes eram dirigidos pelos restantes prisioneiros. Slayra segredou algo a Quenestil, que perguntou algo a Lhiannah e Worick, recebendo um aceno afirmativo das cabeças de ambos, e os dois eahan levantaram-se, pedindo licença a um dos jovens de cabelos penteados para a frente e nuca rapada, apontando para os seus dois amigos. O Ajuramentado, que parecia ser mais novo que o casal mas que era uma boa cabeça mais alto do que eles, olhou para os prisioneiros, para o Mandatário, que estava ocupado a orientar os carregadores, e estudou o casal, incidindo sobretudo em Slayra com o seu escrutínio. Quando a eahanoir começava a ficar nervosa com o olhar do jovem siruliano e Quenestil já a agarrava protectoramente pela cintura, o Ajuramentado consentiu e indicou-lhes que seguissem em frente com uma inclinação da cabeça, prosseguindo com os seus deveres. Os sirulianos estavam completamente alheios à multidão e não pareciam sequer ter em conta a hipótese de um motim dos prisioneiros, tal eram o à-vontade e a naturalidade com os quais agiam. Os dois eahan foram ter com Aewyre e Allumno, que se sentavam lado a lado com seis outros prisioneiros, aos quais continuavam ligados por correntes.

Como está o joelho? perguntou a eahanoir a Allumno quase em surdina, ajoelhando-se ao lado do assento. Quenestil permaneceu atrás, lançando olhares de aviso a todos quantos observavam Slayra.

Menos mal disse o mago, esfregando-o.

Os sirulianos foram bastante inflexíveis quanto à bengala, como aliás parecem ser com tudo o resto...

Precisas de que eu o veja?

Não, não é necessário. O Aewyre deu-me uma ajuda a andar.

Aewyre? virou-se a eahanoir para o guerreiro.

Tudo bem aqui, Slayra assegurou Aewyre, erguendo os dois antebraços ligados.

Estás todo sujo... Slayra tirou-lhe uma madeixa de cabelo enlameada da frente da cara, levantou-se e desapertou a faixa vermelha que lhe cingia a cintura, originando alguns murmúrios pela parte dos prisioneiros que não estavam absortos nos seus próprios pensamentos ou com a multidão.

O que é que estás a... ? A boca do jovem foi tapada pela cinta da eahanoir, que começou a esfregar-lhe a cara com ela. Slayra... queixou-se Aewyre, fechando um olho e fazendo uma careta.

Está quieto, não te mexas disse-lhe Slayra, limpando a porcaria e a lama que cobriam a face de Aewyre. Aqueles idiotas tentaram plantar uma horta podre na tua cara.

Aewyre acedeu e deixou-se limpar, queixando-se apenas quando a eahanoir usou a faixa como uma toalha, embaraçando-lhe o cabelo sujo. Quenestil mantinha-se vigilante atrás dela e reparava que os sirulianos olhavam muitas vezes para o seu amigo enquanto trabalhavam. Allumno também o notara, mas humano e eahan limitaram-se a trocar olhares deliberados sem saberem o que deduzir do que viam.

Não precisas de que eu te mude as ligaduras? perguntou Slayra, dobrando o lado sujo da faixa para dentro e atando-a à volta da cintura.

Não, elas estão só um pouco sujas. Foram só umas queimaduras... e vocês, como é que estão?

Melhor do que vocês, ao que parece comentou a eahanoir, erguendo a fina sobranceira. Vocês são prisioneiros; nós somos *voluntários*.

O que importa é que já não estão presos nem sob julgamento

interveio Quenestil. Agora ao menos temos todos uma hipótese.

É verdade, chegaram a saber mais alguma coisa acerca do que se passa na Sirulia? perguntou Allumno.

Não, só sabemos aquilo que nos disseram à saída da audiência

disse Slayra. Vem um exército de Asmodeon e vai haver uma batalha. E nós vamos tomar parte nela.

Tu não apressou-se Quenestil a corrigir.

Slayra revirou os olhos e inclinou a cabeça para o eahan.

E a Lhiannah, como está? quis Aewyre saber.

Está bem afirmou Quenestil. Queixa-se um pouco das costelas e do maxilar, mas tem lidado bem com a situação... Um Ajuramentado passou atrás do shura, empurrando-o ligeiramente com o ombro para cima de Slayra ao dirigir-se para a popa da barcaça para começar a verificar as grilhetas dos prisioneiros.

O pior já passou, felizmente acrescentou a eahanoir, olhando para as costas do siruliano. Se ela não fizer esforços desnecessários e me deixar tratar dela, deve recuperar bem, mesmo sem grande ajuda de Acquon.

O guerreiro permitiu-se suspirar pelo menos essa preocupação para fora e coçou o nariz, tilintando as grilhetas que lhe prendiam os pulsos.

São mesmo necessárias? perguntou Quenestil, indicando as correntes.

Somos prisioneiros... lembrou-lhe Allumno. Vocês voluntariaram-se; a nós foi-nos dada a escolher a forma de cumprir a pena que merecíamos.

Não fales assim, Allumno... disse a eahanoir.

Infelizmente é a verdade, Slayra.

Nenhum dos quatro soube responder. Era evidente que o mago ainda não se conciliara com o sucedido na mansão do meirinho, e nada do que os seus companheiros dissessem poderia tranquilizar-lhe a consciência. O ruído da multidão foi o pretexto de que os companheiros precisavam para virarem as suas atenções para outro lado. A linha de milicianos era bastante permissiva e teria sido praticamente ignorada pela turba não fosse pela obstrução física que representava. Legumes e seixos caíam na água e dentro e contra o barco, fazendo a madeira ressoar com os baques e atingindo o ocasional prisioneiro. Insultos e pragas voavam com perdigotos; mulheres choravam a partida dos maridos, mais tementes das mortes destes que dos anos que de outra forma teriam passado sem a sua companhia; cães latiam e rosnavam, por vezes com a própria multidão, chegando mesmo a morder alguns cidadãos.

Eles odeiam-nos disse Aewyre a ninguém em especial, deixando pouco claro se estava a referir-se a si mesmo e a Allumno ou aos sirulianos.

Quenestil e Slayra foram pela segunda hipótese e nutram com as cabeças, espantados com o ódio patente nas vozes e nas caras da turba. Não fosse pelo destemor dos sirulianos e o respeito inspirado por inúmeros sentimentos para com estes, a multidão decerto já teria tomado uma acção mais directa, e os eahan duvidavam de que a linha de milicianos fosse obstáculo para a sua fúria.

É só asco e ódio. Parecem duas nações em guerra admirou-se Quenestil. Afinal o exército vem de Asmodeon ou de Tanarch?

- É uma longa história, Quenestil disse Aewyre, lembrando-se do que Mamã lhe contara na caverna. Na altura tomara o relato que a líder dos Corações Quebrados lhe fizera por um exagero faccioso ou religioso, pois era inegável que o que os sirulianos faziam com as suas mulheres ia contra os dogmas de Assana, mas o que via naquele caos excedia as suas piores expectativas, não se comparava sequer à cena que presenciara ao encontrar Aelgar pela primeira vez. Os insultos que ouvia eram os de uma nação ultrajada, os apelos eram os de

homens e mulheres injustiçados, os gestos e gritos de raiva eram os de soldados incipientes prontos a entrarem em guerra caso alguém a declarasse.

Os sirulianos começaram a gritar algo enquanto os últimos caixotes eram carregados, e os dois eahan perceberam a deixa.

Se calhar devíamos voltar lá para trás disse Quenestil. Allumno concordou com um absorto aceno da cabeça.

Sim. Precisam de alguma coisa? perguntou Slayra, recebendo abanares negativos como resposta. Muito bem. Então vemo-nos depois, seja lá quando isso for...

Quenestil estendeu o braço para apertar o ombro de Aewyre, que pousou as suas mãos agrilhoadas sobre a do seu amigo, tensionando o músculo em forçada confiança quando o shura lho apertou, dando ainda uma palmada nas costas de Allumno antes de se retirar.

A voz de Aelgar sobrepôs-se a todas as outras, dando por fim o sinal do início da partida. Os caixotes foram provisoriamente arrumados entre os assentos vazios e um Ajuramentado levantou a prancha de embarque enquanto outro desfraldava a quadrangular vela azul em cujo tecido estava bordado um estranho brasão que Aewyre não reconheceu ao virar a cabeça para trás. A vela retratava a mesma insígnia que o Mandatário ostentava ao peito, a do busto de uma mulher coberta por uma mantilha branca e com uma coroa dourada na cabeça, uma imagem que dificilmente associaria a um povo em constante estado de guerra como os sirulianos. Ia perguntar a Allumno o que representava, mas nesse preciso momento surgiu um Ajuramentado que lhes verificou o estado das grilhetas, dando leves sacões nas cadeias de cada um dos seis prisioneiros no seu assento. A um sinal de Aelgar, outro jovem siruliano desamarrou a grossa corda que atracava o barco ao cais, pelo que a pergunta teria de ficar para mais tarde.

Um jovem siruliano encarregou-se do leme, e a barça afastou-se do embarcadouro, deixando-se arrastar pela corrente e pelas suaves exalações do vento que soprava naquela manhã. Os milicianos puderam por fim respirar de alívio quando a turba abandonou o cais e foi seguir a barça pela margem do caudaloso rio abaixo, sem nunca cessar de arrojear praguejes e maldições aos seus ocupantes. A embarcação foi-se afastando da cidade, e as pessoas começaram a voltar atrás, de regresso às suas vidas, mas muitas continuaram a perseguição, gritando até ficarem roucas e atirando os derradeiros detritos que tinham à mão. Houve mesmo uma mulher que entrou pela seixosa margem do frio e lamacento rio adentro, ficando com água pelos

tornozelos, e que se acocorou, levantando a saia e urinando, deixando a corrente levar o seu asco de encontro aos sirulianos. Por fim, mesmo os mais determinados acabaram por se cansar e voltaram para a cidade. A barça percorreu a sinuosa curva que o rio descrevia e desapareceu atrás de um outeiro rochoso, deixando apenas a ponta da vela azul visível, levada pelas águas do rio como uma má memória.

A barça desceu o Doleg até Val-Oryth e as aldeias circundantes desapareceram da vista dos seus tripulantes. As águas do rio estavam castanhas e turbulentas, e a corrente era forte devido à neve derretida que os contrafortes a estibordo copiosamente choravam. O céu permanecia claro, e o sol primaveril brilhava, quente, mas agora que não se encontravam no meio do calor de uma furiosa turba, os andrajosos prisioneiros sentiam na pele a aragem fria que parecia resvalar na água de encontro aos seus corpos mal agasalhados. Os odores que pairavam no ar eram uma mistura de terra molhada e resina dos pinheiros que orlavam a riba do rio e em cujos ramos já só se viam sobejos de neve. Sentiam-se contudo outros aromas no ar, fragrâncias florais que enfatizavam as novas cores na paisagem, que até então apenas exibira tons de branco e castanho-escuro, pois o desabrochar primaveril começara durante a semana que os companheiros haviam passado em Val-Oryth. As brenhas cortadas pelo curso do rio e as vertentes dos contrafortes estavam tingidas de amarelo, roxo e azul, contrastando com a alvura da moribunda neve.

Aewyre abraçava os braços para se resguardar do frio, olhando ocasionalmente para Allumno, cuja toga parecia suficientemente quente para o mediatubundo mago. A barba que lhe estava a crescer fazia-lhe comichão nas suturas, mas sabia que coçar a cara só lhe poderia trazer problemas, pelo que optou por se distrair com um pouco de conversa, lembrando-se da estranha insígnia da vela.

Allumno, *aquele é* o brasão da Sirulia? perguntou, achegando-se ao ouvido do seu tutor e indicando a vela. O mago virou a cabeça para trás.

Não, é o brasão dos Mandatários esclareceu numa voz desinteressada. Aquela é a rainha Ashlae.

Também foi exilada? indagou. O ondeante busto era de um desenho singelo, mas fora executado e bordado com tal mestria que de alguma forma conseguira captar o porte nobre da mulher que retratara.

Não ficou uma única mulher na Sirulia depois da Cisão. Asmodeon era forte então, e os castelos dos sirulianos estavam constantemente

debaixo de ataque. Todas as mulheres, crianças e homens fracos e enfermos da nação foram enviados para aquela que viria a ser Tanarch, embora na altura nada mais fosse do que uma terra parcamente habitada por tribos bárbaras. Nem mesmo a rainha escapou a esse destino.

E a minha mãe? lembrou-se o guerreiro.

Adelayne era uma descendente de Ashlae, mas a família real da Sirulia deixou de existir muito antes da Guerra da Hecatombe. O rei Aelgor e os seus filhos Anaeron e Gaenan morreram numa batalha anos após a Cisão, e Ashlae declarou luto enquanto o comando de Sirulia era entregue aos Castelões.

E não teve mais filhos depois disso? insistiu Aewyre, ainda a pensar na sua mãe. Por muito taciturno que estivesse, Allumno nunca resistira a responder a perguntas acerca da história de Allaryia.

Teve, mas não da forma desejada. Após anos de luto, os Castelões começaram a ficar preocupados, pois Ashlae já não era uma mulher jovem e o tempo urgia que desse à luz um herdeiro, mas a rainha recusava-se a ser tomada fosse por quem fosse, embora não faltassem voluntários da mais elevada estirpe.

Allumno calou-se quando um Ajuramentado passou ao seu lado, olhando em redor e verificando o estado de espírito dos prisioneiros. O jovem siruliano dispensou mais tempo a olhar para Aewyre do que para os restantes, mas acabou por avançar.

Ashlae era intransigente, mas o herdeiro acabou por vir. Certa noite, na povoação que mais tarde viria a ser Dul-Goryn, a rainha deu uma festa para celebrar a aliança dos exilados de Sirulia com uma poderosa tribo liderada por um carismático chefe, Ovan Rakow, que desde o início os ajudara. Ninguém sabe ao certo o que aconteceu, se foi do excesso de bebida, se da solidão, se da necessidade de conforto, se do alegado magnetismo animal de Ovan, mas a verdade é que nessa noite Ashlae quebrou o luto nos seus aposentos...

Allumno tornou a calar-se quando um Ajuramentado na popa perguntou em voz alta algo sobre a margem do rio ao que fora verificar os prisioneiros, que lhe respondeu afirmativamente. Certo de que nada de relevante se passava, o mago prosseguiu com o que para Aewyre já se tornara numa lição de história.

Muitos souberam, mas poucos o comentaram. Consolidada a aliança, Ovan voltou para as suas inúmeras mulheres, deixando uma esperançosa Ashlae grávida para trás.

O quê, ela pensou que ele a amava?

Também ninguém sabe ao certo o que Ashlae pensou. O que aconteceu foi que a rainha entrou em depressão e que nunca mais se livrou dos sentimentos de culpa e vergonha que a partir de então a atormentaram. A criança nasceu, mas Ashlae estava cansada e já não era jovem, e os rigores do parto foram demasiado para ela. Morreu ao dar à luz o filho bastardo de um pai bárbaro, e assim que os Castelões souberam do sucedido privaram de imediato a criança de qualquer título ao qual pudesse eventualmente ter direito e declararam a família real como extinta, assumindo permanentemente o controlo da Sirulia.

E a minha mãe? insistiu Aewyre.

Descendente do filho de Ashlae, que casou com uma siruliana. A tua mãe foi princesa apenas no nome e apenas em Tanarch, pois nunca lhe foi reconhecido poder algum por parte dos sirulianos. O conselho de Thoryn, por exemplo, tentou reivindicar direitos de regência para o teu irmão muitos anos atrás, mas foram sumariamente refutados.

Estou a ver... O jovem nunca pensara nas implicações de ser filho de uma princesa siruliana, mas o mago dera de qualquer forma a entender que não havia grandes considerações a ter. Tornou a olhar para a vela e continuou a admirar o busto da rainha. E os Mandatários?

São encarregues de todos os anos liderarem as expedições de... concepção em Tanarch. São os Mandatários que mantêm os registos das linhagens, das descendências, e asseguram-se da pureza do sangue siruliano das mulheres.

Mas isso... parece que estão a criar cavalos...

O mago encolheu os ombros, limitando-se como sempre a constatar os factos sem emitir juízos de opinião.

Então e por que é que não trouxeram crianças?

Vamos para uma batalha, já te esqueceste? lembrou-lhe Allumno asperamente como um tutor o faria com um pupilo desatento. Os sirulianos não iriam pôr as suas crianças em risco levando-as para a guerra pela qual exilaram as suas mulheres.

Aewyre apercebeu-se de que a lição terminara e de que era melhor deixar o mago sossegado, e nesse preciso momento os pesados passos na madeira do barco anunciaram a aproximação de Aelgar, que passou a seu lado e se postou diante da proa, gritando indicações ao Ajuramentado que manuseava o leme e apontando para a margem. Na área na qual se encontravam, o Doleg descrevia uma sinuosa curva, acompanhando o relevo do contraforte da Cinta a estibordo e contornando

uma língua de terra coberta de pinheiros, entrando na sombria parte ao poente do contraforte, cuja margem o Mandatário indicava. O Ajuramentado fez como lhe foi dito e orientou a barça nessa direcção, mergulhando na penumbra da umbria. Os tripulantes sentiram de imediato mais frio quando a embarcação saiu da área abrangida pelo sol e todos estranharam a razão da paragem, preparando-se para a iminente colisão do casco da barça com a margem saibrosa. O impacto não foi violento, porém, de qualquer modo, Quenestil pôs um instintivo braço à frente de Slayra. Os dois eahans entreolharam-se e Worick, Lhiannah e Taislin fizeram o mesmo, todos igualmente curiosos. O Mandatário estava na proa e virou-se para os prisioneiros, confirmando se tudo estava em ordem antes de falar.

As peles, Ajuramentados disse numa voz vigorosa e clara. Deadan e Taeran abriram dois caixotes e deles tiraram peles que distribuíram pelos prisioneiros. O Verão aproxima-se, mas vocês estão vestidos com trapos e poderão necessitar de roupas quentes em certas partes da viagem.

Quando os agasalhos acabaram de ser distribuídos, Aelgar continuou:

Todos sabem por que estão aqui. Todos vocês são criminosos condenados ou por condenar, e todos sem excepção escolheram servir Sirulia de forma a obterem o perdão de Tanarch pelos vossos crimes. Os quatro companheiros que se haviam voluntariado olharam nervosamente uns para os outros, sem saberem se o Mandatário os incluía a eles também ou não. Vamos a caminho de uma batalha em defesa da própria terra que vocês de uma forma ou de outra lesaram. Um exército de drahregs e afins progénies do Anátoma marcha de Asmodeon em direcção a Sirulia, e cabe-vos a vós ajudar-nos a impedi-los de passar. Lutem bem e poderão partir absolvidos e em liberdade. Os que lutarem e morrerem serão enterrados com dignidade em Tanarch. Os que fugirem ou desertarem serão capturados e executados, seja qual for o vosso crime.

Um colectivo gesto nervoso percorreu o grupo de prisioneiros.

Encontram-se neste momento debaixo da jurisdição da Sirulia, que eu represento e me asseguro de que é respeitada. Enquanto estiverem debaixo da minha alçada, exijo obediência incondicional e boa conduta, e não aceito conflitos que possam de alguma forma retardar o nosso avanço. A viagem deverá durar duas semanas, numa das quais percorreremos o Doleg e o Niolga até Ul-Syth; nessa parte da travessia não terão de remar, pois os rios são demasiado estreitos

e haverá algumas paragens. Viajaremos apenas de dia, pois tanto o Doleg como o Niolga são perigosos à noite. De Ul-Syth partiremos para o mar nesta mesma embarcação, e nessa segunda semana os mais fortes entre vós serão destacados para manusearem os remos. Velejaremos dia e noite até chegarmos ao nosso destino: Aemer-Anoth, onde nos posicionaremos para defender a passagem para o Istmo Negro. Perguntas?

Se havia, ninguém ousou fazê-las.

Muito bem. Ajuramentados, sirvam-lhes o repasto.

Os jovens sirulianos abriram outro caixote com filetes de peixe seco e pão de centeio que distribuíram pelos prisioneiros e serviram-lhes *kashkin* de barricas em taças de madeira. Os cinco companheiros receberam o mesmo, e Worick franziu o nariz com a bebida.

Há coisas que não merecem sequer ser fermentadas... resmungou, bebendo com desagrado.

Lhiannah encolheu-se e baixou a cabeça para não ser vista enquanto erguia a taça com as duas mãos para ser servida. O jovem siruliano que o fazia mal reparou nela, concentrado apenas em cumprir a tarefa para a qual fora designado. Slayra contudo reparou, e esperou que o Ajuramentado se afastasse antes de se inclinar para a arinnir.

Lhiannah, o pior já passou. Isso são só feridas superficiais...

Se a princesa a ouviu, não o deu a entender, limitando-se a levar a taça à boca e permanecendo curvada.

Lhiannah... Slayra sentiu a mão de Quenestil no seu ombro e virou a cara para ver o eahan abanar lentamente a cabeça. A eahanoir abriu a boca para dizer algo mais, mas Quenestil apertou-lhe a espádua com mais veemência, e Slayra soltou um conformado suspiro, trincando o seu filete.

Isto não te lembra nada? sussurrou-lhe o shura ao ouvido para mudar o assunto.

O quê? indagou a eahanna, algo contrariada. -Água à nossa volta, um barco, peixe seco...

Slayra parou de mastigar e olhou para Quenestil, parecendo brilhar dos cristalinos orbes azuis. O eahan fingiu desinteresse, bebendo da taça sem contudo tirar os olhos dos da eahanna.

Isso não é nada teu... disse Slayra em admirada surdina. Lembrares-te disso numa situação destas...

Quenestil pousou a taça sobre o joelho e pegou-lhe no queixo, acariciando-lhe o lábio inferior com o polegar, sorrindo enquanto mastigava.

Querias dizer alguma coisa com isso, ou foi só para me calar?

perguntou a eahanoir, matreira.

O shura não respondeu e em vez disso percorreu o pescoço e peito de Slayra com a mão até chegar ao seu ventre, que afagou com todo o cuidado. A eahanna olhou para a mão, agarrando-a e olhando para o eahan, trocando com os olhos sentimentos que dificilmente podiam ser transmitidos por palavras.

Haverá três refeições todos os dias ouviram a voz do Mandatário dizer, quebrando o encanto do momento. Deverão ter cuidado com o que comem, pois muitos decerto não estarão habituados às oscilações e podemos perder muitas provisões dessa forma. Todos os que se sentirem minimamente enjoados devem comer com parcimónia, principalmente quando chegarmos ao mar. Aelgar percorreu as filas de prisioneiros com o olhar uma última vez para se assegurar de que as suas palavras haviam sido ouvidas e compreendidas.

Muito bem. Ajuramentados, removam os vossos arneses para partirmos. Quero chegar às Penhas Lacrimosas antes do anoitecer.

Os dois dias que se seguiram foram rápidos e monótonos. Boa parte da jornada decorria debaixo da sombra dos montes e penhascos que ocultavam o sol a estibordo à medida que o Doleg ia subindo ligeiramente para Norte, pelo que boa parte dos dias eram passados ao frio. As Penhas Lacrimosas eram uma longa série de altos e arrogantes penhascos de escura rocha talhada, mascarrados com líquenes brancos e encimados por mirrados pinheiros rupestres, e de cujas alcantiladas vertentes manavam pequenas cascatas de água acastanhada pelo degelo da tardia Primavera. O ar era especialmente fresco e húmido ao longo da extensão das Penhas devido aos borrifos do constante cachoar, e a tripulação ficou com os cabelos molhados e as roupas humedecidas. Os sirulianos envergavam apenas casacões de tecido forrado de penas, pois haviam removido e arrumado os seus arneses em caixotes como precaução contra eventuais acidentes no rio. Contrastando com a encolhida e miserável tripulação, erguiam-se altos e dignos de cabelos húmidos colados à testa, olhando sempre em frente para o destino que ainda não avistavam durante o tempo que levaram a percorrer a extensão das Penhas. As refeições eram rápidas e insossas, as noites ao relento frias e desconchegadas, embora fossem um alívio temporário do desconfortável barco, e providenciavam parco repouso para o abrupto despertar no dia seguinte e o decorrente retomar da viagem. Aelgar não aceitava demoras, pois era óbvio que o tempo

urgia e que queria aproveitar cada dia para percorrer o máximo de distância possível, o que tornava a satisfação das necessidades fisiológicas em algo desconfortável e desprovido de privacidade para todos aqueles que não aguentavam esperar até à noite. Da tripulação era apenas esperado que se mantivessem silenciosos e sossegados, pelo que cada longo dia era extremamente fastidioso.

Slayra verificava o joelho de Allumno regularmente, embora as averiguações não passassem de uma desculpa para falar com ele e com Aewyre, pois o mago não se queixava mais que o que era habitual, e na verdade a travessia estava a servir como uma espécie de repouso para a sua rótula. Por sua vez, o mago lembrava-se de inquirir acerca da condição da eahanoir, que nunca tinha nada de novo a anunciar e que sempre dizia que havia coisas mais importantes com as quais se deviam preocupar. Os companheiros sabiam que iam para uma batalha, mas, com a exceção de Worick, nenhum sabia ainda ao certo o que esperar. Porém, mesmo o thuragar estava apreensivo, não só por praticamente desconhecer aqueles pelos quais iria combater e os motivos e pormenores da vindoura batalha, como também por Lhiannah. A única alternativa do grupo fora oferecer-se para ir com os sirulianos, pois de outra forma teriam sido separados, mas agora Worick matutava acerca do que seria esperado da princesa. Exigiriam os sirulianos que ela combatesse? Mesmo que a sua protegida não estivesse ferida, não era uma perspectiva que lhe agradasse. Lhiannah passava os dias em silêncio e de cabeça baixa. Comia o que lhe davam, respondia sucintamente a quaisquer perguntas que lhe fossem feitas e deixava Slayra ver e tratar das suas feridas na privacidade das árvores quando atracavam ao fim de um dia de viagem. Já não tinha a vontade de se isolar de que dera mostras nos dias após o seu despertar, mas permanecia reservada e pouco comunicativa. O thuragar tentara por várias vezes falar com o Mandatário acerca das duas mulheres e do seu papel na batalha, mas Aelgar nunca lhe prestara atenção, e os Ajuramentados afirmavam sempre que todas as perguntas lhe deviam ser dirigidas. Os sirulianos não o pareciam ter a ele nem a Slayra em grande estima, julgando pela forma com a qual os ignoravam e pelos indecifráveis e prolongados olhares dos quais ambos eram frequentemente alvos.

Pedras me partam, não tarda vou buscar o meu martelo ao caixote a ver se isso lhe chama a atenção... resmoneou o thuragar ao fim do dia sem se incomodar em baixar o tom de voz de modo a não ser ouvido pelo Ajuramentado que guiava o leme e que, de qualquer forma, o parecia ignorar.

Calma, Worick disse Quenestil quase em surdina. Não te esqueças de que eles se consideram filhos de Sirul. Não gostam muito de thuragar e eahanoir, como podes imaginar...

São mas é uns filhos da...

Worick... admoestou-o Slayra, indicando o siruliano ao leme. O Ajuramentado mantinha o olhar fixo em frente e empunhava o leme com ambas as mãos com uma rigidez quase estatuária. O sol que se aproximava do poente incidia-lhe nas costas, escurecendo-lhe a fronte.

Quero lá saber. Eles já nem sequer com o mafarrico falam, e foi ele que os levou à audiência disse Worick, indicando Taislin com o seu polegar.

É verdade concordou o burrik. Já tentei várias vezes perguntar-lhe o que devemos fazer, mas ele manda-me sempre sentar.

Paciência. Ao menos são sirulianos, não tanarchianos. Neles ao menos podemos confiar.

Hum. Eu cá não vou com os focinhos escanhoados deles...

Worick, eles desde sempre protegeram Allaryia. São aliados dos Eahan...

E os eahanoir sempre foram traiçoeiros e manhosos, sempre com as facas nas costas dos outros, não é...? comentou Slayra, mordaz.”

Quenestil franziu as sobrancelhas, olhando para a eahanna, mas esta limitou-se a abanar a cabeça e revirar os olhos sem mais nada dizer. O shura ia perguntar-lhe o que quisera dizer, mas como já se estava a tornar hábito, a voz do Mandatário interrompeu-o.

Ajuramentados, aproximamos-nos dos rápidos! À proa! gritou, e dois sirulianos prontamente acorreram ao mastro, desatando duas compridas e grossas varas nele atadas e posicionando-se na proa. Agarrem-se aos assentos avisou os prisioneiros.

Aelgar conhecia bem o Doleg, e sabia que havia uma estreita abertura nos primeiros rápidos que aumentava de altura durante o degelo. Estava ciente do risco existente, mas achava preferível corrê-lo a ter de arrastar o barco por terra e perder tempo precioso. À medida que a barça ia percorrendo a curva descrita pelo rio, o ruído de águas turbulentas ia aumentando e os pinheiros da frondosa margem foram lentamente descortinando o trilho descendente de acastanhada água escumosa que os aguardava, na qual era visível um irregular trilho escuro que o Mandatário de imediato indicou aos Ajuramentados. Aewyre e Allumno sentiram as suas correntes tensionarem-se

quando os prisioneiros no seu assento as enrolaram e se agarraram ao banco e à borda da barça. Quenestil envolveu os ombros de Slayra com o seu braço e agarrou Taislin com o outro, enquanto Worick mantinha um aperto firme no cotovelo de Lhiannah. Todos os presentes na embarcação se seguraram de alguma forma, preparando-se para a iminente turbulência.

A barça inclinou-se subitamente para a frente quando a descida começou e houve grunhidos e praguejos pela parte dos prisioneiros. Aelgar berrava indicações ao siruliano ao leme enquanto os dois Ajuramentados na proa se asseguravam de que a embarcação se mantinha no curso do trilho. Houve alguns breves momentos de tensão, mas o trajecto foi percorrido sem quaisquer acidentes e com apenas alguns prisioneiros derrubados. O Doleg acalmava depois dos rápidos, fluindo livre e gradualmente para norte ao longo das encostas dos cada vez mais distantes contrafortes da Cinta. Os dois jovens sirulianos foram amarrar as varas ao mastro e a barça velejou durante mais algumas horas até Aelgar olhar pensativamente para o sol, que já não estava longe do seu ocaso.

Por hoje chega, Ajuramentados. Atraquemos anunciou, e o siruliano ao leme orientou a barça para a margem.

Os prisioneiros desceram ordeiramente com a água ainda pelos tornozelos e empurraram a embarcação pela margem adentro, esmagando pedaços de gelo entre os seixos e pedras. Após dois dias de viagem, os sirulianos haviam-se assegurado de que já todos conheciam o ritual: empurrar a barça, aguardar que as correntes fossem ligadas umas às outras para formar uma cadeia que praticamente impossibilitava a fuga, montar os camastrinhos, abluções no rio, jantar, fazer as últimas necessidades e dormir. Os companheiros seguiam o mesmo ritual, embora tivessem direito a camastrinhos separados e não estivessem presos por grilhetas. Eram voluntários, e os sirulianos não tinham para com eles quaisquer obrigações além de lhes providenciar transporte e alimento. Aewyre e Allumno comeram em silêncio juntamente com os outros prisioneiros, olhando por vezes para os seus amigos do outro lado do acampamento entre os pinheiros e abetos que orlavam a margem do rio. Os sirulianos mantinham-se vigilantes mesmo enquanto comiam, formando um hexágono em redor do acampamento improvisado. Estava frio. A temperatura ia baixando a par do sol, e a pequena fogueira acesa pouco mais dava além de luz e fumo, pois a comida era seca e os sirulianos não desejavam chamar a atenção de eventuais bandidos ou piratas de rio.

A voz do Mandatário teve o efeito de um toque de recolher ao fim do jantar insípido e frio, e os prisioneiros deitaram-se, cansados de nada terem feito ao longo do fastidioso dia. Aelgar e outros dois sirulianos deitaram-se também, deixando o primeiro turno da vigia a cargo de Deadan e outros dois jovens Ajuramentados, que ajeitaram as bainhas das espadas e se sentaram de costas para a lareira nas posições mais confortáveis que conseguiram. Continuavam a envergar apenas os seus casacões, pois não valia a pena vestirem os arneses para de seguida os tirarem outra vez para dormir. Os três Ajuramentados viram os últimos movimentos no acampamento quando o sol já pouco mais era do que um rebordo avermelhado recortado pelas árvores no horizonte, e deram início à sua vigia com a madeira húmida a crepitar e a fumegar na fogueira nas suas costas.

Taeran foi acordado pelo seu colega Deadan a meio da noite, sendo informado por um sussurro ao ouvido de que chegara o seu turno. O Ajuramentado ergueu-se sem um único queixume e esfregou os olhos, olhando para o céu que já estava discretamente tingido de azul a leste. Tal como na Sirulia, as noites de Tanarch eram curtas na Primavera e no Verão; não faltavam muitas badaladas até o sol nascer.

Boa vigília, irmão desejou Deadan, deitando-se no seu camastralho e adormecendo num sono rapidamente induzido, razão pela qual não obteve qualquer resposta.

Taeran levantou-se enquanto outro irmão alimentava a fogueira e o Mandatário que, apesar da idade, fazia sempre questão de cumprir o dever de vigília se erguia ele também. À luz da fogueira, o Ajuramentado reparou que alguns prisioneiros se mexiam e outros estavam hirtos como se tivessem acabado de acordar e não o quisessem mostrar. Estavam alerta, como era natural, e Taeran esperava que os seus sentidos aguçados os servissem igualmente bem na vindoura batalha. Fora uma recolta fraca, mas aqueles quarenta homens teriam de servir; talvez os restantes Mandatários tivessem tido mais sucesso. A única coisa que continuava sem compreender era a razão pela qual o seu comandante também aceitara levar aqueles cinco voluntários. O eahan e o thuragar seriam sem dúvida úteis na batalha embora lhe desagradasse a ideia de ter um espécime da primeira criação de Luris dentro de Aemer-Anoth mas uma mulher ferida e uma *eahanoir*? Decerto o Mandatário Aelgar teria os seus motivos, mas que o Flagelo o possuísse se ele podia adivinhar quais. O seu olhar cruzou-se com o do seu superior, e Aelgar cumprimentou-o com um curto aceno da

cabeça, afastando-se da fogueira para o perímetro do acampamento. A luz da fogueira já não era tão necessária, pois já era possível ver com um mínimo de clareza, e Taeran seguiu o exemplo do Mandatário, dirigindo-se à direcção oposta enquanto o outro Ajuramentado fazia o mesmo de forma a que os três formassem um triângulo vigilante em redor do acampamento. A noite estava sossegada, e o único ruído era o do rio e o crepitar da fogueira; não corria a mais pequena aragem para agitar os ramos dos pinheiros e abetos da margem. Taeran sentiu vontade de urinar e dirigiu-se à árvore mais próxima, puxando a bainha do casacão e desapertando as calças com uma mão enquanto a outra agarrava o pomo da espada para a manter fora do caminho. Enquanto fazia o que tinha a fazer, ouvia os passos do seu irmão e do Mandatário a esmagarem neve e caruma na sua patrulha do acampamento.

O fumegante jorro ia escorrendo regularmente até que de repente cessou. Mantendo a cabeça baixa, os olhos de Taeran olharam para o lado como se pudesse ver o que sentia atrás de si. Os seus dedos enluvados deslizaram imperceptivelmente pelo cabo da sua espada enquanto ajeitava as ceroulas e, com uma rapidez que ninguém preveria num homem do seu tamanho, o siruliano girou em si e desembainhou-a, empunhando-a de forma reversa. Não atingiu ninguém, mas captou movimento no canto do olho e pareceu-lhe ver uma sombra esconder-se entre as árvores. Ouviu a voz do Mandatário ciciar uma ordem ao outro siruliano e vir na sua direcção enquanto se aproximava a passos lentos do local no qual vira a sombra.

Ajuramentado Taeran, o que se passa? perguntou o seu comandante com a mão sobre o pomo da espada.

Senti uma presença vil, Mandatário disse o jovem siruliano, empunhando agora a espada com ambas as mãos, cuja ponta usou para indicar umas árvores mais à frente. Vi uma sombra esconder-se além.

Aelgar olhou na direcção indicada, e os seus lábios firmaram-se ao sentir ele também a sórdida impressão deixada para trás por quem quer que o Ajuramentado tivesse sentido.

Sim, vil de facto concordou o Mandatário, retendo o jovem siruliano com a mão no seu peito e avançando. Quando avistou um movimento na penumbra, abriu a boca e soltou uma possante exclamação em Eridiaith com voz de estentor, originando um chio pela parte da criatura, que se retirou.

O acampamento inteiro acordou com o grito do Mandatário, e os Ajuramentados acabados de adormecer levaram de imediato as mãos

às armas. Houve um agitado reboiço quando os prisioneiros despertaram, estrebuchando como ovelhas presas dentro de um curral após o uivo de um lobo. Aelgar virou-se de imediato para trás e, como não estava à vista do acampamento, gritou:

Não há perigo, Ajuramentados! Mas devemos partir imediatamente!

Sem que qualquer explicação ou justificação fosse necessária, os sonolentos e cambaleantes Ajuramentados cumpriram de imediato a ordem do Mandatário, pois assim haviam sido treinados. Muitos prisioneiros ainda estavam apenas meio despertos, mas os que não se levantaram de imediato foram erguidos à mão, foram-lhes atirados os camastrinhos aos braços e de seguida enviados para o barco. Os companheiros estavam tão surpresos quanto os outros, mas foram eles também encaminhados para a embarcação enquanto os sirulianos apagavam a fogueira e aguardavam o Mandatário, que caminhava apressadamente ao lado de Taeran. Um dos Ajuramentados tentou saber o que se passava.

Mandatário, o que...?

Um filho do Flagelo está por perto. Foi afugentado, mas pode haver mais e não quero arriscar os prisioneiros. Vamos.

Sem mais perguntas, os sirulianos ajudaram a empurrar a barça e fizeram-se ao rio enquanto o sol ainda estava por despertar, revelando-se apenas como um rubor azulado a leste.

Algures na margem do rio, escondida atrás de um pinheiro, uma figura observava, revelando apenas a mão de dedos sujos com unhas negras e metade da ensombrada cabeça encapuzada. Quando viu a embarcação afastar-se através das árvores, as suas unhas cravaram-se na escamosa casca do pinheiro, e o branco dos seus frustrados dentes cerrados surgiu nas sombras do capuz.

OS SEGREDOS DO MANDATÁRIO

O arrebol da aurora saudou a cansada tripulação insultuosamente cedo enquanto muitos prisioneiros ainda dormiam encostados uns aos outros nos assentos, incapazes de manterem os olhos abertos devido à imobilidade. Os sirulianos que não haviam dormido andavam pelo barco de forma a manterem-se despertos. Em breve o sol reflectia-se nas acastanhadas águas do caudaloso rio, e os seus reflexos batiam na cara de Lhiannah, que aninhava a cabeça nos braços apoiados sobre as costas couraçadas de Worick, que por sua vez amparava a testa nos braços cruzados sobre os joelhos. A arinnir franziu o cenho e fez umas caretas, incomodada com a luz que lhe incidia sobre as pálpebras, e entreabriu um olho, vislumbrando o lamacento rio. Soergueu a cabeça e olhou em redor com olhos enevoados, tentando assimilar o que a rodeava num estado semidesperto. Taislin dormia sobre as suas pernas e um siruliano em casaca estava de pé e de braços cruzados ao lado do seu assento, dispensando-lhe brevemente a sua atenção. Lhiannah pensou em perguntar-lhe o que se passara, o que se estava a passar, mas a sua mente estava demasiado nublada e a única coisa que lhe apetecia verdadeiramente fazer era dormir. O Ajuramentado, um bem constituído jovem mais alto que Aewyre, tinha cabelos negros penteados para a frente, e os seus olhos garços revelavam a rígida opacidade de uma juventude embotada enquanto observavam as feridas da arinnir, que nem sequer se lembrou de ocultar a sua cara enquanto fitava sonolentemente o jovem. O siruliano olhou para o lado, vendo o Mandatário sentado à frente de costas para ele a raspar a barba com pedra-pomes, e tirou a sua manta do caixote, passando-a com o seu

comprido braço por cima de Slayra e Quenestil e entregando-a a Lhiannah, que ainda a estudou de olhos piscantes antes de a aceitar.

Dorme, princesa disse o jovem sem qualquer formalidade. Pela tarde teremos de atravessar outra série de rápidos.

A arinnir ainda piscou os murchos olhos, agarrando a manta com ambas as mãos, até que pareceu estabelecer uma ligação e se envolveu nela, tapando Taislin inadvertidamente e enrolando a ponta como uma almofada sobre as costas de Worick. O Ajuramentado viu a princesa pousar a cabeça e adormecer instantaneamente e, tal como os seus irmãos, questionou-se acerca dos motivos do Mandatário para a ter aceite e à eahanoir. Como se tivesse pensado em voz alta, o seu comandante olhava para ele por cima do ombro quando o Ajuramentado virou a cara, retesando-se instintivamente ao perceber que fora visto a fazer algo sem a aprovação do seu superior. Aelgar, contudo, limitou-se a acenar com a cabeça e libertou o jovem siruliano da sua atenção, continuando a raspar o arruçado restolho com a pedra-pomes. O Ajuramentado, porém, sentiu-se compelido pelo dever a dirigir-se ao comandante e escusar-se pelo seu comportamento inusitado, pelo que pediu a um irmão que o substituísse ao leme e foi ter com ele.

Mandatário, eu...

A vontade, Ajuramentado disse Aelgar sem sequer olhar para ele, chapinhando a cara com água de uma taça. Os voluntários devem dormir, pois esta tarde será laboriosa.

Sim, Mandatário concordou o jovem, baixando a cabeça. Aelgar ergueu-se, sombreando o Ajuramentado, e deitou a água da taça borda fora, esfregando o nariz molhado com as costas da mão enluvada e puxando umas madeixas do oleoso cabelo grisalho para trás da orelha.

Que novas havia em Val-Oryth acerca dos piratas do rio? inquiriu, sem nunca olhar para o seu interlocutor, que de qualquer forma mantinha a cabeça baixa.

Têm aparecido ocasionalmente, Mandatário, mas o Triunvirato declarou-lhes guerra e aparentam estar menos ousados.

Suficientemente ousados para atacarem uma barça de conscritos acorrentados?

Presumo que sim, Mandatário. Aelgar não pareceu preocupado.

Envergaremos os arneses assim que chegarmos à margem. De quantas armas adicionais dispomos?

A armaria de Val-Oryth disponibilizou-nos vinte e duas lanças, nove espadas de condição degradada, trinta e seis adagas enferrujadas, nove arcos longos com fios frouxos, catorze arcos curtos e quatro barricas com trezentas e quarenta e três flechas.

Armaduras?

Sete túnicas de cota de malha danificadas.

Terão de servir. Quero os prisioneiros acorrentados em grupos de dois. Armem os que conseguirem, mas uma das cotas de malha vai para Aewyre Thoryn.

Sim, Mandatário.

Volta para o teu posto, Ajuramentado dispensou-o Aelgar, preparando-se para ir para a proa.

Mandatário?

Sim?

O que fazemos com... o Flagício?

Aelgar não respondeu de imediato, parecendo procurar a resposta algures em frente. A sua expressão era ilegível, mas quando o jovem seguiu o olhar do seu comandante, viu que este fitava Aewyre Thoryn, que estava sentado no chão, encostado ao assento e a dormir de cabeça descaída.

Mandatário?

O Flagício... fica ao meu cuidado disse Aelgar por fim, coçando o queixo raspado. O que esperas, Ajuramentado? Regressa ao teu posto.

O jovem ainda considerou brevemente a situação, mas o seu dever era obedecer às ordens do seu superior sem o questionar, pelo que se limitou a baixar a deferente cabeça e retirar-se. Aelgar permaneceu alguns momentos na mesma posição até cruzar as mãos atrás das costas e encaminhar-se para a proa, detendo-se brevemente para olhar para Aewyre Thoryn ao passar pelo seu assento.

Nunca pensara sequer vê-lo, e agora aqui estava ele, ao fim de tantos anos: o filho de Aezrel Thoryn, à sua mercê...

A meio de mais um longo dia primaveril, a barça dos conscritos chegou aos rápidos seguintes, numa curva que o Doleg descrevia entre duas margens, uma rasa e pedregosa e a outra alta de terra erodida e entrançada de raízes de pinheiros. Os marinheiros e mercadores chamavam-lhes os Bicos dos Pelicanos, pois além de serem habitados por essas mesmas aves, eram também uma sucessão de rochas acuminadas que se projectavam das águas que contra elas

furiosamente rugiam. Por muito hábil que a tripulação fosse, qualquer barco teria extremas dificuldades em passar pelos apertados intervalos entre as rochas, e as bruscas descidas e traiçoeiras pedras ocultas debaixo da turbulenta água, encarregar-se-iam de afundar qualquer embarcação mais ousada. A única forma de transpor os Bicos era através do trilho pavimentado de toros fendidos que começava na margem rasa e que torneava os rápidos durante cinco milhas através de uma vereda desbastada no bosquete. Aelgar mandou acordar os prisioneiros e que estes retomassem os seus assentos, e o siruliano ao leme orientou a barça para a pedregosa margem, contra a qual a quilha raspou audível e violentamente. Os prisioneiros desembarcaram de seguida e foram armados por dois sirulianos enquanto os outros quatro vestiam os seus arneses, trocando de seguida para supervisionar os preparativos para arrastar a barça pela margem coberta de pedras e seixos até ao trilho de toros.

Foi uma tarefa morosa que o trilho apenas aligeirou quando os prisioneiros o alcançaram, pois estava em mau estado devido às chuvas e derrocadas da Primavera, e os prisioneiros mais fracos tinham de andar à frente para ir repondo quaisquer toros que estivessem deslocados. Quatro sirulianos caminhavam atentos nos flancos da arrastante procissão enquanto um ia na retaguarda, vigiando os que carregavam os caixotes e mantimentos, e o Mandatário caminhava à frente com a mão apoiada no pomo da espada e com algo comprido e embrulhado ao ombro. Aewyre, Worick e Quenestil ajudavam a empurrar a barça; Slayra, Lhiannah e Allumno carregavam o equipamento com os homens menos robustos; e Taislin andava à frente com os restantes prisioneiros a desobstruir o trilho. O dia estava sossegado, e o único som que passava por entre os pinheiros era o rugido dos furiosos rápidos e o crocitar e rufiar das asas dos corvos que se afastavam do grupo. Os sirulianos estavam atentos a qualquer sinal de piratas, e deram-se por satisfeitos por não terem avistado nenhum até ao fim do dia, quando Aelgar ordenou a paragem. Os prisioneiros estavam exaustos e podiam dar-se ao luxo de descansar antes de o sol se pôr, pois haviam coberto bastante distância nesse dia. Montaram acampamento em redor da barça e jantaram sem grande apetite e sem a mínima vontade de falar. Aewyre e Allumno eram em grande parte ignorados pelos restantes, que não viam o porte siruliano do jovem com bons olhos e que, por associação, também evitavam contacto com o mago. Alguns segredavam por vezes nas suas costas, embora estivessem demasiado cansados

para o fazer naquela altura, provavelmente devido ao assassinio de Malagor, e Aewyre presumia que essa também fosse uma razão para não terem até então trocado palavra com nenhum dos prisioneiros. Os restantes companheiros mantinham-se à parte, visto que os sirulianos não aprovavam frequentes contactos com Aewyre e Allumno, talvez para evitar segregacionismos ou ideias de favoritismo, mas Slayra aproveitava sempre a desculpa do joelho de Allumno para falar com ambos.

Após a última "consulta" do dia da eahanoir, tutor e protegido estavam sentados lado a lado debaixo de um pinheiro e, embora o sol vermelho ainda raiasse a oeste, aconchegavam-se nas suas mantas para dormir como a maior parte dos prisioneiros. O jovem nem se incomodou a tirar a túnica de cota de malha que lhe fora oferecida ao sair do barco, mas antes que fechasse os olhos viu que um Ajuramentado de cabelos castanhos e olhos azuis o que o Mandatário chamara de Deadan se aproximava. Os dois aguardaram a chegada do jovem, que avançava na sua direcção com o decisivo intuito com o qual os sirulianos pareciam levar a cabo tudo aquilo a que se propunham ou eram ordenados a fazer.

Aewyre Thoryn disse, ensombrando ambos, o Mandatário deseja falar contigo. Estende os teus pulsos.

O guerreiro hesitou perante a inesperada ordem e olhou para Allumno, mas o mago parecia igualmente surpreso, tentando descortinar algum intuito no ilegível semblante de Deadan, que esperava sem qualquer gesto a denotar impaciência. Vendo que não havia outra opção a contemplar, Aewyre acabou por fazer como lhe fora dito, e o siruliano abriu-lhe as grilhetas dos pulsos com uma chave.

Prende os tornozelos do teu companheiro com elas, Aewyre Thoryn disse Deadan, apontando para os pés do mago. Aewyre tornou a hesitar, mas Allumno anuiu com a cabeça, e o jovem assim fez, deixando o seu tutor impossibilitado de fugir. Segue-me.

Os prisioneiros que ainda estavam acordados seguiram os dois com os curiosos olhos, tentando nas suas sonolentas mentes imaginar o que se passava e falhando em grande parte na tentativa. Também não passaram despercebidos aos cinco outros companheiros, que trocaram encolheres de ombros com o seu amigo. Um Ajuramentado aproximou-se discretamente deles enquanto Aewyre e Deadan desapareciam atrás dos pinheiros.

O que quer o Mandatário? perguntou o jovem, afastando um ramo de pinheiro com a mão.

Falar respondeu Deadan sucintamente, dando a entender que não obteria grandes esclarecimentos da sua parte.

Aelgar aguardava-os de costas e de braços cruzados numa minúscula clareira entapetada com uma tapete de neve, raízes, caruma e terra negra. O comprido objecto embrulhado que portara durante o dia inteiro estava aos seus pés, e Aewyre reconheceu-o como Ancalach, estranhando de imediato a situação.

A tua espada e adaga, Aewyre Thoryn requisitiu Deadan, estendendo a mão.

O guerreiro ergueu uma ligeiramente apreensiva sobancelha, mas uma vez mais fez como lhe fora pedido e entregou as duas lastimosas armas, esperando em troca um esclarecimento que não veio da boca do Ajuramentado, que se retirou sem proferir mais nenhuma palavra, deixando-o sozinho com Aelgar.

Aewyre Thoryn... disse o Mandatário de costas, pronunciando o nome com exagerada clareza.

Por alguma razão, o seu tom de voz irritou o jovem. Estava cansado, com sono, e francamente farto de ser tratado como um vulgar criminoso.

Mas por que é que diz sempre o meu nome dessa forma? exigiu saber, cerrando os punhos. Por que é que está a fazer isto? E o que faz a Ancalach aí?

Sem descruzar os braços detrás das costas, Aelgar virou-se para Aewyre, perscrutando-o na ruborizada luz do entardecer que penetrava na sombria clareira.

Por que é que está sempre a olhar assim para mim? A voz do jovem aumentava gradualmente de volume, e em poucas frases já estaria a gritar. O que é que eu...

Aproxima-te, Aewyre Thoryn interrompeu Aelgar, desta vez sem vocalizar o nome.

O guerreiro não relaxou os punhos de imediato, e manteve-os fechados enquanto avançava hesitantemente, ainda sem saber o que ali fazia ou por que fora chamado. Parou à distância de um golpe de espada do Mandatário, mas este não pareceu satisfeito.

Aproxima-te mais.

Aewyre estranhava toda a situação, mas não queria dar parte de fraco ou assustado, pelo que deu um longo passo em frente, ficando praticamente cara a cara com Aelgar, que reteve os seus olhos durante uns breves instantes antes de com eles esquadriñar as feições do jovem. O homem era enorme, intimidante, avassalador e, com o seu arnês, parecia um guerreiro lendário de outrora.

És filho do teu pai, sem dúvida, mas os traços da tua mãe estão-te gravados na cara como uma marca de fogo avaliou.

O meu pai...? O que sabe sobre o meu...

Em resposta às tuas três primeiras perguntas, enfatizo o teu nome por me teres de início mentido a seu respeito explicou o Mandatário, tornando a interromper o seu jovem interlocutor. Na tua segunda pergunta, presumo que te referisses ao facto de te ter de certa forma salvo do tribunal. Pois bem, fi-lo porque tu e o mago são dois homens adicionais e porventura relevantes para a defesa de Aemer-Anoth, tão simples como isso. Se por outro lado te referias às razões que me levaram a aceitar os teus companheiros, dos quais três dificilmente contribuirão para a batalha que se avizinha, deves agradecer ao burrik, que me disse que seriam mortos pelos Filhos do Flagelo caso permanecessem na cidade. Estamos cientes da sua existência, mas embora façamos tudo o que está ao nosso alcance para impedir esse cancro de se alastrar, infelizmente não está no nosso poder extirpá-lo. Há muito que desconfiávamos de Malagor, mas não dispúnhamos de provas para o incriminar; de certa forma, tu e o teu companheiro mago prestaram-nos um serviço e a toda Tanarch. A sua aprendiz também é suspeita, mas por ora nada podemos fazer.

Aewyre acalmou um pouco, embora a verbosidade de Aelgar rivalizasse com a de Allumno e conseguisse ser ainda mais fastidiosa pela secura com a qual era proferida. Pelo que percebera, Aelgar fizera um favor aos seus amigos ao aceitá-los, mas ainda assim a situação lhe parecia estranha.

Em relação à tua terceira pergunta, Ancalach está em minha posse, bem como todos os bens anteriormente pertencentes a ti e aos teus amigos. Vocês estão todos sob a custódia da Sirulia, e embora possas pensar que vos libertámos, volto a enfatizar que apenas vos concedemos uma alternativa de pagarem pelo crime que cometeram. Foi o que se pode chamar de um crime louvável, é certo, mas se nós esperamos que Tanarch cumpra com as leis que a Sirulia com ela acordou (o que, diga-se de passagem, raramente faz), também devemos fazê-lo, e é por isso que, para todos os efeitos, tu e o Allumno ainda são prisioneiros.

Muito bem... então e por que é que está sempre a olhar para mim dessa maneira? inquiriu Aewyre directamente, ainda demasiado cansado para rodeios.

A pergunta travou o jorro verbal do Mandatário, cuja boca permaneceu entreaberta, esperando pelas palavras que procurava. Aelgar

inspirou profundamente perante o expectante olhar do jovem, que exigia uma resposta.

A tua impudência é notoriamente sulista, Aewyre Thoryn. O sangue intempestivo do teu pai corre-te nas veias, e não vejo nenhuma da temperança e sobriedade da tua mãe para o contrapor...

As mãos de Aewyre crisparam-se na gola da capa de Aelgar, e o jovem sacudiu o pesado guerreiro.

O que é que você quer de mim? sibilou o guerreiro, com uma ínfima parte racional da sua mente a não acreditar no que estava a fazer. Não pára de falar do meu pai e da minha mãe; aonde é que quer chegar? O que sabe deles?

O Mandatário olhou para as mãos que lhe agarravam a gola da capa e de seguida para Aewyre, calmo e sereno como sempre.

O que sei acerca deles? Muito. Menos sobre o teu pai, bastante acerca da tua mãe.

O quê?

A tua mãe, Adelayne Moryth disse Aelgar, arrastando cada palavra para fora da sua boca, era minha esposa.

Aewyre encolheu-se como se tivesse levado um murro no estômago. As suas mãos afrouxaram, escorregando lentamente pela couraça corrugada de Aelgar, os seus olhos escuros estavam arregalados, o seu queixo descaído enquanto dava um passo atrás.

Sim, Aewyre Thoryn, Adelayne Moryth era a minha esposa enfatizou Aelgar, conseguindo manter a compostura mesmo enquanto estava claramente a refrear impulsos mais violentos.

Esposa...? Mas... eu... O jovem estava a ter dificuldades em pensar, quanto mais articular palavras.

Tivemos duas filhas, Aelenia e Deana, meias-irmãs tuas, no fim de contas. A Aelenia foi atropelada por uma carroça numa rua de Val-Oryth, a Deana morreu à nascença. Aezrel Thoryn, o teu pai, passou por Tanarch durante a sua demanda pelos dois pedaços da Lança de Istegard. Desconheço como obtive o primeiro, mas o segundo encontrava-se alojado na infecta carcaça do lobo Wrallach, que a Horda arrastou consigo após a derrota nas Colinas dos Mortos até ser atacada perto de Val-Oryth por um batalhão de sirulianos vindos das catacumbas de Gul-Yrith e um levantamento popular de tanarchianos. A Horda foi dividida, e um pequeno contingente fugiu com a carcaça do lobo até às montanhas a noroeste da cidade, na qual permaneceram e onde se formou uma espécie de culto. O teu pai e Zoryan encontraram-nos, desbarataram o culto e recuperaram o segundo pedaço

da Lança, mas Aezrel ficou ferido no combate e foi levado para as Alas da Convalescença em Val-Oryth, pouco tempo após a morte da Deana. Adelayne costumava visitar os feridos no templo. Era uma princesa, descendente da rainha Ashlae, desprovida de título ou poder, mas o povo de Val-Oryth gostava dela, e Adelayne cumpria aqueles que julgava serem os seus deveres. Encontrou o teu pai em convalescença e, segundo o que se diz... o Mandatário engoliu em seco os dois apaixonaram-se.

Aelgar deixou um atônito Aewyre digerir bem as suas palavras antes de continuar.

Após a sua recuperação, Aezrel foi reforjar a Lança ao reino de Tharobar, e quando voltou, decidiu levar Adelayne para Nolwyn, antes que a guerra começasse. Na Primavera seguinte, quando voltei a Val-Oryth para cumprir o meu dever, soube que Adelayne aceitara o pedido de Aezrel. Por toda a cidade corria a já romanceada história do valente guerreiro do Sul que levava consigo a pobre e infeliz princesa siruliana, salvando-a do seu cruel marido e de um triste destino, desprovida do seu título real, relegada a uma vida sem amor... A voz do Mandatário tremeu quase imperceptivelmente, e este pareceu ler algo nos olhos de Aewyre que não estava lá. Eu amava-a, Aewyre Thoryn. Não vivíamos juntos, pois a Cisão separava-nos, mas isso não me impediu de a amar, nem tão-pouco nos impediu de contrairmos matrimónio. Não tomava outras mulheres, e sempre que os meus deveres mo permitiam, eu vinha... deteve-se, apercebendo-se de que estava a dizer mais ao rapaz do que este precisava de saber. Mas imagino que ainda não tenha respondido à tua pergunta, não é verdade? Pois bem, olho para ti porque vejo no teu semblante traços de Adelayne, olho para ti porque de certa forma a revejo quando o faço. És o segundo fruto bastardo da sua união ilegítima, mas eu não te consigo odiar por isso, muito embora me lembres o teu pai. Sim, eu conheci-o, Aewyre Thoryn. Já com Ancalach em sua posse, ele e Zoryan vieram a Sirulia para nos alertar dos tempos negros que se iriam aproximar. Falei com ele e reconheço que o seu ardor galvanizou muitos dos nossos Ajuramentados; talvez tenha sido esse mesmo ardor, do qual nós sirulianos tanto carecemos, o que arrebatou Adelayne...

Aelgar ficou-se silencioso uma vez mais, prendendo a atenção de Aewyre com os olhos, que contudo eram mais expressivos do que quaisquer palavras que pudesse proferir. A sua mãe, casada com o Mandatário? Aereth e ele eram filhos ilegítimos? O seu pai... o Allumno nunca lhe contara...

Vejo que isto é uma grande surpresa para ti, Aewyre Thoryn disse Aelgar, recuperando alguma da sua serenidade. Vejo também os sentimentos que te acometem, entre os quais uma sensação de culpa. Não há razão para isso, pois embora tenhas nascido em delito, a ofensa não foi levada a cabo por ti. Não pretendia de alguma forma inculpar-te com o que te disse.

Então... o que pretendia? indagou Aewyre, demasiado atarantado para saber como se devia sentir, furioso, envergonhado ou triste. Por que me disse isso?

O Mandatário virou a cara para o lado e o seu olhar perdeu-se algures, lóbrgando velhas memórias.

Fala-me dela pediu, devolvendo a atenção a Aewyre. Eras muito novo, estou certo, mas alguma memória deves reter, alguma imagem, por muito vaga que seja. Descreve-ma. Por favor.

A boca do jovem permanecia aberta, embora não para falar. Esquadrinhou os olhos pardos de Aelgar, tentando ver neles algum propósito, algum motivo, qualquer coisa que lhe pudesse explicar o que se estava a passar, mas não encontrou nada além de sinceridade e soube que o pedido era genuíno. Não lho exigira, não o requisitara, apenas pedira. *Por favor*. Confrontado com a inesperada cortesia, o jovem ainda tartamudeou algumas palavras dúbias, esfregando a nuca e franzindo o cenho. O Mandatário esperava imóvel e em silêncio, aguardando a memória que de alguma forma sabia que Aewyre retinha. Ou talvez fosse só esperança, Aewyre não soube dizer. Em todo o caso, sentiu-se verdadeiramente compelido a dizer-lhe alguma coisa, a relatar-lhe as memórias da sua mãe, como se de facto devesse algo ao velho siruliano, como se, ao fazê-lo, o pudesse compensar pelo que o seu pai alegadamente lhe fizera.

Eu... quer dizer, isto é muito estranho... acho que nunca o disse a ninguém... Aewyre iria jurar que os inflexíveis olhos de Aelgar se haviam abrihantado, mas não o julgava possível. Está bem, está bem. Mas eu era muito novo, a memória é um bocado difusa... limpou a garganta, inspirou fundo e olhou para o lado de olhos semicerrados, tentando focar a reminiscência. Ela está numa sala iluminada pelo sol, branca, de mármore, deve ser o vestuário do solário. O Allumno sempre me disse que ela gostava muito do sol, que não havia muito na Sirulia...

Aewyre parou, sentindo-se verdadeiramente desconfortável a relatar uma memória tão íntima a um desconhecido.

Continua, Aewyre Thoryn. Por favor solicitou Aelgar.

Eu não sei por que estou a fazer isto... disse o jovem em surdina, suspirando e olhando para o chão antes de continuar. Ela está a amamentar o meu irmão; ele não foi desmamado até muito tarde. Está sentada num banco de mármore, com o Aereth ao colo, a agarrar-lhe a cabeça com uma mão. Tem um vestido azul, e um diadema de brilhantes na cabeça. O sol bate-lhe nos cabelos castanhos, ondulados, cor de avelã... Aewyre começava a embrenhar-se na memória, como sempre sucedia quando se recordava da única imagem que guardava da sua mãe. Ela é linda. O sol bate-lhe de lado, na sua pele branca, e os seus olhos brilham quando olha para mim. São violeta. O seu sorriso é triste, mas aberto. Ela sentia muito a falta do meu pai, é o que o Allumno sempre me disse. Quando ele não voltou...

Aewyre não continuou, apercebendo-se de que já estava a afastar-se daquilo que Aelgar lhe pedira. Olhou para o Mandatário e viu que os músculos do seu maxilar estavam tensos e que o pomo da sua garganta se mexia, engolindo em seco. Nada mais disse, e Aelgar também não proferiu palavra alguma, olhando por cima de Aewyre para nenhures, pelo que ambos ficaram em silêncio na clareira. O céu estava roxo, com o sol pouco mais do que uma escandecência atrás das montanhas sombreadas, dourando os dispersos estratos rosados. A clareira onde se encontravam escurecia gradualmente, e as sombras abatiam-se sobre a já de si sombria face de Aelgar, que deu um inesperado passo atrás e cujos olhos por fim tornaram a encontrar os do jovem.

Pega nela, Aewyre Thoryn disse, referindo-se a Ancalach, que jazia embrulhada em lona no chão. E dá-ma.

Aewyre estranhou, mas fez como lhe fora pedido, destapando o punho decorado da Espada dos Reis e entregando-a a Aelgar, que a empunhou, erguendo-a defronte da sua face.

Às vezes dou comigo a pensar, Aewyre Thoryn: a Lança de Istegard foi a causa da vinda do teu pai a Tanarch. Não fosse por ela, Aezrel provavelmente nunca teria conhecido a minha esposa. E às vezes pergunto-me também: como teria a Guerra da Hecatombe decorrido sem Ancalach? Sem a sua existência a instigar o Flagelo a actos desesperados, a incitá-lo a assolar tudo o que se interpunha entre Ele e a Espada dos Reis? Perguntas para as quais não tenho respostas e que duvido de que alguém algum dia venha a ter, mas que não obstante... Aelgar fechou os dentes, brandindo Ancalach a perigosa distância de Aewyre, que se afastou involuntariamente. Se analisarmos a questão a fundo, Aewyre Thoryn, apercebemo-nos de

que perdi a Adelayne por causa desta singular espada afirmou, erguendo-a na horizontal, deixando que os derradeiros raios do sol incidissem na sua lâmina e a inflamassem.

- É uma forma algo egoísta e egocêntrica de ver as coisas, bem sei, mas vinte anos depois ainda penso nisso. E tudo por causa... *disto* baixou a espada, virando-a na sua mão em escarnecedora contemplação. A sua voz estava calma, mas acelerou e aumentou de tom quando os olhos de Aelgar vararam Aewyre. Esta lâmina não é nada, Aewyre Thoryn. Está maculada, conspurcada. O seu metal matou Wrallach e o Flagelo; o sangue dos filhos da amaldiçoada Luris tisnou-a irremediavelmente, corrompeu-a como uma doença infecta, e nada mais é que um chamariz para a progénie do Flagelo! exclamou Aelgar, orientando a ponta de Ancalach para baixo e cravando-a no chão como se a quisesse enterrar. Apoiou-se no seu pomo durante alguns instantes, respirando mais depressa do que era habitual, até que se recompôs e cruzou as mãos atrás das costas.

O mérito foi do teu pai, que era um excelente guerreiro, e portador da Essência da Lâmina. Ancalach nunca passou de um símbolo, a ruína dos seguidores da Sombra e nada mais que isso. Pois bem, Allaryia não precisa de símbolos; nunca precisou de nada mais além de almas alentosas e braços fortes, que nestes tempos tanta falta fazem. E vai ser preciso bem mais que uma quimera para que tu e os restantes prisioneiros sobrevivam à batalha que se avizinha, Aewyre Thoryn.

Noutra ocasião Aewyre tentaria refutar as palavras do Mandatário, negar furiosamente as suas convictas afirmações, mas naquele momento estava demasiado abalado com o que Aelgar lhe revelara para o fazer. Não tinha palavras.

Retira-te, Aewyre Thoryn dispensou-o o velho siruliano por fim, parecendo repentinamente cansado. Aproveita para repousar, pois amanhã partiremos cedo.

O guerreiro olhou para trás, mas Deadan não estava à vista, e Aelgar leu-lhe a pergunta nos olhos.

Sendo filho de quem és, estou certo de que nunca fugirias nem abandonarias os teus companheiros. Vai, Aewyre Thoryn disse, virando-lhe as costas e deixando Ancalach cravada no chão como uma barreira entre ambos.

Aewyre sentiu a necessidade de dizer mais alguma coisa, sentia que por alguma razão não deveria retirar-se sem dizer uma última coisa, mas nenhuma lhe ocorreu. Despediu-se com um aceno de cabeça

que o Mandatário não viu e saiu da clareira, seguindo o rasto de volta para o acampamento. De costas para ele, Aelgar olhava em frente, e dos seus olhos cinzentos brotavam lágrimas como gotas orvalhosas em dois rígidos penedos.

Quenestil permanecia desperto a custo, encostado a um pinheiro escamoso e com Slayra aninhada no seu peito a dormir. Worick roncava de pescoço inclinado para trás e Taislin dormia no colo de Lhiannah, que também estava acordada. O eahan tentara convencê-la a dormir, mas a princesa afirmara que dormira demasiado tempo nos últimos dias e de facto estava a ter menos dificuldades que o shura em ficar acordada. A sua cara ensombrada pelo capuz olhava na direcção dos pinheiros nos quais Aewyre desaparecera com o jovem siruliano, que entretanto voltara, e que se ocupava a vigiar os dormentes prisioneiros. Worick não ficara minimamente preocupado, mas Quenestil e Lhiannah acharam estranho e haviam decidido esperar até Aewyre voltar.

Quando o jovem surgiu dos pinheiros, Lhiannah agarrou o braço de Quenestil, que piscou os olhos e lhe acenou com a mão, inquirindo com a cabeça se estava tudo bem. Aewyre sossegou-os com uma aquietadora mão e foi ter com Allumno já com o jovem siruliano nos seus calcanhares. Enquanto o siruliano o agrilhoava, Quenestil e Lhiannah entreolharam-se, tão confusos como antes. Acordada pelos movimentos bruscos, Slayra gemeu qualquer coisa num tom interrogativo, mas o shura afagou-lhe a cabeça, e a eahanoir tornou a adormecer.

O que achas que aconteceu? perguntou Lhiannah entre dentes.

Não sei admitiu Quenestil, ainda a afagar os cabelos de Slayra. Mas há algum tempo que não vejo o... como é que ele se chama?

O Mandatário?

Sim, ele. Será que estiveram a falar?

E acerca de quê? inquiriu a arinnir, sabendo de antemão que o shura não poderia sequer fantasiar acerca do que os dois haviam discutido.

O melhor é dormirmos... disse Quenestil, mas ambos se calaram ao verem Allumno tentar sem sucesso falar com Aewyre, que fechou de imediato os olhos quando o jovem siruliano se retirou depois de o agrilhoar.

O mago ainda tocou no ombro do guerreiro, mas este não esboçou qualquer reacção, pelo que Allumno se recostou resignadamente no pinheiro e seguiu o seu exemplo. Quenestil e Lhiannah entreolharam-se uma vez mais, e o shura encolheu os ombros.

Amanhã eu peço à Slayra para lhe perguntar o que se passou bocejou o shura, tapando a boca. Mas ao menos parece estar tudo bem. Boa noite.

Boa noite retribuiu a arinnir antes de Quenestil adormecer. Não tinha muito sono, pois sentia que durante a sua recuperação pouco mais fizera além de dormir.

Rodeada pelos seus companheiros adormecidos, a princesa aproveitou a escuridão que se adensava no acampamento para descobrir a cabeça, libertando-se da sensação confinadora que o capuz lhe causava por o usar tanto tempo. Dedos hesitantes percorreram-lhe a face, tentando os cortes encrostados e esvanecentes equimoses. A sua sobrancelha direita estava fendida por uma crosta que iria certamente deixar cicatriz, e os restantes ferimentos provavelmente deixariam marcas também. O que mais a incomodava era a ligadura que lhe cingia o queixo como uma espécie de mordaza, e as costelas ainda lhe doíam a cada inspiração.

"Lindo estado...", pensou com amargura. *"Não seria capaz de me defender mesmo que fosse necessário..."*

A princesa tornou a cobrir a cabeça com o capuz, tentou encontrar na árvore uma posição confortável para as costas, coçando a nuca do burrik ao seu colo, e acabou por se deixar afundar num sono resignado.

CONLUIO NAS SOMBRAS

Soturnamente montado numa pequena égua isabel, Tannath segurava as rédeas com uma mão enquanto a outra pendia frouxamente a seu lado, erguendo-se de tempos em tempos para afastar o ocasional ramo de pinheiro que tentava despertá-lo dos seus pensamentos. À sua frente ia um guia tanarchiano, também ele montado, um homem de meia-idade com um casaco castanho-claro sobre uma camisa branca de frente bordada e mangas abertas. Trazia um barrete coniforme de lã cinzenta à cabeça, ocultando as falhas no cabelo que contudo eram visíveis mesmo na nuca, e Tannath pouco vira dele além das suas costas durante boa parte das duas semanas que com ele viajara. Era reservado, falava pouco, e a idade vincara a sua cara num perpétuo esgar acentuado pelo seu bigode hirsuto, pelo que as suas conversas se resumiam ao mínimo necessário. Por estranho que parecesse, o eahanoir dava por vezes consigo a preferir que o homem fosse mais comunicativo, pois o silêncio permitia-lhe a paz e o sossego necessários para reflectir, e não tinha feito outra coisa desde que saíra de Jazurrieh. A sua travessia marítima decorrera sem incidentes de maior, e conseguira escapar dos marinheiros latvonianos nas docas da cidade de Ul-Syth com um mínimo de gargantas cortadas. Depois disso, fora uma questão de fazer as perguntas certas no mercado para apanhar o rasto de um casal de eahan que surpreendera uma velha senhora numa barraca de roupas com um colar de valiosas contas de âmbar, que ainda usaram para comprar equipamento e provisões, donde se podia concluir que não tinham ficado na cidade mais do que um dia. Investigações adicionais nas docas e uma breve e persuasiva conversa com o mestre do porto haviam-lhe assegurado de que nenhum casal tomara um barco para

Ul-Syth, que era mais rapidamente alcançada pelo rio, pelo que Tannath, por necessidade de exclusão de hipóteses, de imediato eliminou a cidade como destino de Slayra e Quenestil, sobrando então Val-Oryth como a destinação mais próxima. Havia muitos ses na linha de pensamentos do eahanoir, mais do que alguma vez julgara ter em conta numa acção levada a cabo por si, mas não tinha outra escolha.

Arranjara de seguida um guia para o levar até à cidade e servir como intermediário, pois o homem, Sasko de seu nome, arranhava um razoável Glottik e fora invulgarmente loquaz a relatar a boa parte da sua vida que passara a desbastar as árvores da estrada que ligava Val-Oryth a Ul-Syth, e afirmara conhecer bem ambas as cidades. Viajar de barco era inútil, dissera também, pois enfrentar a corrente na altura do degelo "partiria o pescoço a qualquer boi que arrastasse a embarcação", pelo que Tannath comprara dois cavalos para a longa viagem que os aguardava. Não sabia o que fazer assim que chegasse a Val-Oryth, provavelmente o mesmo que fizera na anterior cidade: questionar pessoas no mercado e no porto, caso tivesse um. Slayra dissera que o grupo que a "capturara" fazia tenções de ir para Asmodeon; não tinha como saber se os havia ou não encontrado e se ainda se encontravam sequer em Tanarch. Duvidava de que os sirulianos lhes permitissem a entrada directa em Asmodeon, mas, uma vez mais, havia demasiados ses envolvidos em tal linha de pensamentos. O melhor que tinha a fazer era mesmo seguir o curso de acção ao qual se propusera e esperar para ver que frutos dele colheria.

Outro ramo de pinheiro forçou-o a dispensar a sua atenção ao ambiente que o rodeava. A neve derretida havia causado uma derrocada num barranco que ladeava a ensombrada estrada, obstruindo-a e forçando Tannath e o seu guia a subirem pelo lamacento barranco oposto de forma a contornarem a intransitável via. Contudo, a já de si alcantilada descida do barranco tornava-se íngreme e traiçoeira conforme avançavam, sulcada por cursos de água que haviam amolecido a terra e coberta por um emaranhado de raízes espremidas pelo degelo, pelo que o guia achou que deviam permanecer no topo e prosseguir em frente até encontrarem uma ladeira mais segura para os cavalos descerem. Tannath não tinha qualquer razão para objectar, e assim fizeram. Do topo do barranco desfrutava de um abrangente panorama do curso das acastanhadas águas do rio, interrompido apenas pelo ocasional pinheiro. A ourela do Doleg era escabrosa, mas além da margem já se revelava uma incipiente carpete verde pontilhada com outras cores florais aos pés de um extenso morro coberto de pinheiros.

O céu mantinha-se claro, com esparsas nuvens visíveis nas montanhas ao longe, e a temperatura estava nitidamente a aumentar, tornando o casacão que Tannath comprara na cidade útil apenas de noite, quando o chão parecia emanar o frio com o qual o longo Inverno impregnara os ossos pétreos da terra.

Assim é o tempo em Tanarch dissera Sasko certa noite, ajudado por uns valentes tragos da estranha bebida à qual chamava kashkin. Meses e meses de dias curtos com um frio de rachar os dentes, depois mares de lama durante uns tempos, e depois uns poucos meses de dias que nunca mais acabam com um calor abrasador para a endurecer. E depois vem o frio outra vez... Olhe, um barco.

Tannath demorou alguns instantes para se aperceber de que a última frase fora pronunciada fora dos pensamentos nos quais estivera a ouvir a voz do homem, na qual a verdadeira se imiscuiu. Tirou os olhos da paisagem e olhou em frente, avistando uma barça com uma vela azul.

Sirulianos disse Sasko em desagrado, cuspiendo para o lado. Tannath emitiu um anuente ruído gutural, e os dois continuaram

o seu caminho, com Sasko a resmungar e a praguejar entre dentes, lançando olhares odiosos à barça e fazendo gestos rudes na sua direcção. Ao que parecia, havia mais coisas além da bebida que o faziam falar, mas o eahanoir não estava com disposição para entrar numa conversa acerca do notório rancor dos tanarchianos para com Sirulia. Não tinha qualquer interesse, na verdade, mas Sasko parecia estar a convidá-lo a fazer-lhe perguntas, sem dúvida cheio de argumentos e calúnias para lhe apresentar. Tannath nada disse e limitou-se a observar a barça, constatando que quase toda a tripulação permanecia sentada e, tanto quanto podia deduzir pelo brilho de correntes, agrilhoadas. Apenas seis figuras permaneciam de pé, e mesmo àquela distância, o eahanoir podia ver que eram mais altos do que a maior parte dos humanos tinham o direito de ser, embora sem as suas armaduras não correspondessem à imagem de estátuas de aço que Allaryia deles tinha.

Os dois chegaram a uma parcela do barranco a descoberto, na qual houvera uma derrocada que formara uma lamacenta e pedregosa rampa com árvores arrancadas até à margem do rio. Os dois homens montados ficaram expostos e houve quem reparasse neles no barco, sem contudo lhes dar mais atenção além de um mero vislumbre. Sasko continuou com a sua resmoneante diatribe, mas Tannath não lhe deu ouvidos e perdeu o interesse na barça, regressando aos seus

pensamentos. Contudo, quando estava prestes a embrenhar-se nos pinheiros inclinados à beira da derrocada, o eahanoir sentiu-se observado, como se dois olhos pairassem na sua visão periférica. O eahan negro virou a cabeça e, ao ver a cabeleira ruiva de quem se levantara ao avistá-lo, puxou bruscamente as rédeas da égua, detendo o animal. O seu guia continuou a avançar, mas apercebeu-se de que Tannath parara e olhou para trás.

O que se passa? perguntou.

O eahanoir não respondeu. Os seus olhos azul e cinzento seguiam a figura que o observava, presos nela, ligados ao seu olhar que mal lobrigava, mas cujo odioso peso sentia incidir em si.

Quenestil.

Viu alguma coisa?

Tannath notou que outros ao lado de Quenestil se levantavam, entre os quais uma mulher encapuzada que devia ser Slayra. Um jorro de emoções foi bombeado pelo seu coração, fervilhando-lhe nas veias e tensionando os seus maxilares de tal forma que os seus dentes por pouco não se partiram. O assassino desferiu duas rápidas pancadas com os tornozelos nos flancos da égua, que se apressou pelos ocultantes pinheiros adentro, por pouco não colidindo contra a montaria do seu guia, que se agitou com a brusquidão dos movimentos.

O que foi? exigiu o homem saber, aquietando a sua égua. Tannath olhava através dos ramos dos pinheiros, esperando até a

barcaça se afastar o suficiente. Quenestil e os seus companheiros ainda olhavam na sua direcção, mas era improvável que o estivessem a ver. O eahanoir agarrou as rédeas com força e olhou de soslaio para Sasko.

Esqueça Val-Oryth. Vamos atrás daquela barcaça. A sua voz estava calma e serena, suave e afiada como uma lâmina acabada de amolar. Há pessoas naquele barco que eu gostaria de ver...

Sasko foi acometido de um involuntário arrepio e nutou com a cabeça.

O resto da tarde foi passado a volver pelo caminho que haviam calcorreado desde manhã, tentando em vão acompanhar a barcaça impelida pela furiosa corrente. As éguas foram forçadas a manter um trote regular, e Sasko subia ocasionalmente a um barranco para ter uma ideia do progresso da embarcação, vislumbrando quando muito apenas a vela azul da barcaça ao longe. O guia estava confuso com a súbita mudança de planos, mas desde que recebesse o seu pagamento não se importava com o destino que tomavam. O eahanoir era estranho,

e normalmente Sasko não lidaria com os da sua laia, mas tinha bom dinheiro e por ele estava disposto a ignorar os ditos populares acerca da sua espécie. Só descobrira a identidade do seu empregador na quarta noite após a partida, na qual o vira sem capuz, mas como este não parecera de sobremodo incomodado com isso, nenhum dos dois abordou o assunto nessa ou nas subsequentes noites. Ainda assim, era para o guia menos uma razão para falar com Tannath, pois sempre ouvira dizer que eahanoir descortinavam ofensas ou agravos nas mais inocentes palavras, e de cada vez que o seu empregador afiava o comprido estilete, Sasko por vezes sentia que era a sua vida que pendia do fio do gume e que podia não ver a manhã seguinte. Esses pensamentos e outros percorriam-lhe a mente enquanto liderava o caminho, dando consigo por vezes a sentir uma ligeira impressão nas costas, pois o simples facto de estarem perto do objectivo do eahanoir fazia com que o homem se questionasse acerca das razões que sobravam para Tannath o manter vivo. Não lhe agradara de todo a voz e o olhar do seu empregador quando este tomara a decisão de seguir a barça dos sirulianos. O sol punha-se nas suas costas, estendendo as suas alongadas sombras em frente, e as suadas éguas começavam a resfolegar de cansaço, tendo sido forçadas a um ritmo ao qual a vida nos estábulos da cidade as desabitudara. Em breve teriam de parar, mas Sasko não sabia como o dizer ao eahanoir, que parecia determinado a continuar. O homem que repentinamente saiu das árvores de mãos erguidas para se pôr no seu caminho foi quase oportuno.

Sasko vozeou algo e puxou as rédeas da égua, que de bom grado parou, dando o exemplo à de Tannath. O corpulento desconhecido vestia as peles de um homem do ermo e um barrete castanho com uma felpuda aba; portava um machado ao cinto, do qual também pendia uma aljava de camurça, e um arco ao ombro. Sasko não gostou da cicatriz de um golpe no nariz achatado do homem, nem da sua espigada barba suja e das linhas sórdidas que lhe riscavam a cara.

Alto, viajores! gritou o homem ainda de braços erguidos enquanto se aproximava da égua de Sasko. Não têm alguns cobres que possam abonar a um póvero mendigo?

Sasko respondeu algo hesitantemente, mas Tannath não lhe prestou atenção, olhando antes em redor à procura dos restantes membros daquela que já sabia ser uma emboscada.

Parecem aganados, viajores. Não querem sustar e acarrar um pouco? sugeriu, agarrando as rédeas da égua de Sasko. E compartilhar comigo o *kashkin* que têm nesses cantis?

Sasko respondeu, olhando nervosamente em redor, mas Tannath tornou a não ouvir, pois avistara o segundo homem e o brilho da seta que tinha frechada. O terceiro, quarto e quinto surgiram de seguida da vegetação, rindo para consigo mesmos em aparente satisfação com o seu ardil. As éguas resfolegaram de nervosismo, mas as rédeas da de Tannath foram rapidamente agarradas por um indivíduo gordo que caminhava desajeitadamente nas suas apertadas e andrajosas roupas, exibindo os dentes faltosos num sorridente esgar. Tannath retribuiu com um frio olhar impassível enquanto outro indivíduo circundava a sua montaria para o ameaçar do lado oposto com uma espada curta e esboçada.

Descavalga, bom homem, e o teu camarada outrossim disse o primeiro indivíduo a Sasko, indicando-lhe que assim fizesse com um gesto chamativo da mão. Vamos haurir *kashkin* juntos e podem mostrar-nos o dinheiro que aquistaram nas vossas longadas...

O bandido que flanqueara a égua de Tannath grunhiu algo semelhante, embora bem mais sucinto, enfatizando com um ligeiro toque da ponta da espada na perna do eahanoir. Sasko fez como lhe fora requisitado, desprovido de qualquer espírito ou intenção de resistência, mas o assassino permaneceu na sela, avaliando a situação. O indivíduo gordo grunhiu algo ao concluir que Tannath precisava de mais persuasão e tirou a clava que trazia ao cinto, mas antes que pudesse fazer uso dela, o eahanoir agiu. Apeando-se no estribo, levantou a perna esquerda e girou sobre o pé direito, passando a perna por cima da garupa da égua e desferindo com o tornozelo um pontapé seco na cabeça do bandido armado com a espada, deitando-o por terra. A montaria assustou-se e relinchou, empinando-se e fazendo com que Tannath perdesse o equilíbrio e caísse, torcendo o pé no estribo. Uma flecha voou, atingindo o animal no pescoço e fazendo com que entrasse em pânico. O eahanoir por pouco não conseguiu rebolar para longe das violentas pisadas dos seus cascos, acochando-se e desembainhando estilete e quebra-espadas. O bandido gordo afastou-se da égua ferida e permitiu-lhe virar-se para trás e fugir num desenfreado galope, empunhando a sua clava e preparando-se para enfrentar o adversário. Sasko pagou pela resistência do seu empregador quando o quinto bandido lhe enterrou a cunha da machada no pescoço, encalhando-a nas suas vértebras e arrancando-a a empurrar o corpo pelas costas com o pé. O arqueiro escondido devia estar a frechar outra seta, e o primeiro bandido já empunhava o seu machado. Tannath não perdeu tempo a pôr o seu adversário gordo entre si e a linha de fogo do

arqueiro, e o homem reagiu com um altabaixo para lhe rebentar a cabeça. O eahanoir desviou-se facilmente para o lado, mantendo os outros dois adversários debaixo de olho, e enfiou o estilete no torso do homem, pretendendo perfurar-lhe o coração. A lâmina, contudo, encalhou entre duas costelas e não passou além do pulmão, o que só por si bastou para o homem soltar um aflito grunhido e oscilar cegamente com o punho direito, que Tannath evitou ao recuar um passo. Uma seta atravessou a capa do eahanoir, e o bandido gordo girou então a clava num arco sobre a sua cabeça, atacando com abandono enquanto os seus outros dois companheiros se aproximavam. Tannath deu um passo atrás para se desviar do golpe, mas os tendões do seu pé direito inflamaram-se em brasa nesse preciso momento e a sua perna cambou, custando-lhe uma dolorosa pancada no osso do ombro, que lhe paralisou o braço esquerdo, fazendo com que deixasse o quebra-espadas cair. O eahan negro cerrou os dentes e os olhos com a dor do golpe, mas quando o seu adversário gordo trouxe a clava de volta, inclinou o tronco para trás para se desviar, apoiando-se desta vez com o pé esquerdo, e ripostou com uma investida que culminou com o seu estilete atravessado na garganta do bandido. Enquanto o moribundo caía de joelhos, esguichando sangue por entre os dedos que procuravam tapar a mortal ferida no pescoço, os seus dois companheiros avançavam por lados opostos, empunhando machado e machada. Tannath estava com o tornozelo torcido e o braço esquerdo inutilizado, e o arqueiro escondido provavelmente estaria a visá-lo com mais uma seta. Já enfrentara pior...

Um grito de agonia vindo das árvores fez com que os três contendores parassem subitamente, estarrecidos pela cruciante dor do berro. O eahanoir recuperou antes dos dois bandidos e atacou, investindo coxeante contra o da machada, que foi incapaz de erguer a arma a tempo de se defender da estocada que lhe varou o coração. O seu companheiro despertou e tentou atingir Tannath na nuca com um golpe lateral do seu machado, mas este baixou-se e a cunha da arma enterrou-se na boca do seu atónito companheiro, partindo-lhe os dentes e encalhando entre ambos os maxilares. O eahanoir então punctionou-lhe a parte interior do braço, atingindo a artéria e fazendo com que largasse instintivamente a arma para tapar a ferida, da qual começou a sair sangue às golfadas que lhe molharam a andrajosa camisa. O outro bandido caiu, hirto e com o machado enterrado na boca, enquanto Tannath tombava o outro com um corte de misericórdia na garganta. O indivíduo caiu aos pés do seu executor com um

arquejo sufocado, agarrando o braço ferido com uma mão e a linha vermelha na traqueia com outra, cruzando os braços numa espécie de grotesco abraço de morte. O eahanoir assistiu ofegante às derradeiras vascas dos seus adversários enquanto o sangue destes se misturava com a lama pisoteada da estrada, formando regatos escarlates na superfície irregular, mas antes que se permitisse relaxar, lembrou-se do grito agonizado vindo das árvores e olhou na sua direcção, ouvindo passos na caruma enlameada. Uma figura emergiu dos ramos espigados dos pinheiros, e não correspondia de todo ao que Tannath esperara ver.

Uma escanifrada mulher de negro com mãos de compridas unhas manchadas de sangue até aos pulsos deteve-se perante o seu olhar surpreso, enfrentando-o com olhos escuros. Envergava um esfarrapado vestido negro que lhe pendia dos magros ombros e que deixava entrever a sua contrastante pele branca em inúmeros rasgos, e os seus longos cabelos pretos caíam-lhe em desalinho como uma cortina esfarrapada defronte da cara. O seu nariz estava torto, partido, e o braço esquerdo ligado por uma tala pendia-lhe frouxamente ao lado. Estava suja, obviamente ferida e num estado lastimoso, e contudo revelava em cada movimento seu, um vigor e uma agilidade quase animalescos, comprovados pelo sangue do arqueiro nas suas mãos. A mulher retomou o passo hesitantemente, parecendo avaliá-lo enquanto o fazia, e, Tannath deu consigo a apertar o cabo do estilete com mais força, mantendo o quebra-espadas a alguns passos de distância debaixo do canto do olho. Havia algo de perturbador no seu olhar, uma aura que irradiava, algo estranhamente familiar e intrinsecamente... maligno. Quando o eahanoir estava prestes a dizer algo, a mulher antecipou-se-lhe e falou dubiamente numa língua que Tannath desconhecia, parecendo estar a fazer-lhe uma pergunta. A sua voz estava rouca, debilitada, mas ocultava uma perigosa selvajaria.

Não te compreendo, mulher. Quem és tu?

Perante a sua falta de compreensão da língua, a mulher retesou-se e dobrou as suas unhas como uma gata selvagem, avançando cautelosamente. As pernas de Tannath estavam flectidas, mas o eahanoir permaneceu no mesmo lugar, aguardando uma resposta da desconhecida.

Não falas Olgur, eahanoir? acabou esta por inquirir em desconfiado Glottik.

Não. Qual era a tua querela com estes bandidos? perguntou, indicando os corpos com a ponta do estilete. Quando a mulher se

aproximou, os dois começaram a circundar-se como dois animais em luta territorial.

Nenhuma. Eles servirão apenas para saciar a minha fome. *"Fome?"*, pensou Tannath. As roupas, o aspecto selvagem, as unhas

negras... seria uma harahan?

E tu, eahanoir? Qual a tua querela com eles?

Nenhuma. Fui atacado.

A harahan relaxou visivelmente e permitiu-se distender os dedos de unhas negras, abandonando a sua postura ameaçadora, a sua hostilidade apaziguada por um instinto quase fraternal perante a presença de outro filho do Flagelo. Tannath seguiu o seu exemplo, endireitando-se e esfregando o ombro magoado com a mão do estilete, reparando em como a mulher contemplava os cadáveres com olhos ávidos.

São teus, mas gostaria de os revistar. Podem ter dinheiro ou provisões, que duvido de que necessites... harahan arriscou.

A mulher confirmou as suas suspeitas com um inconfundível olhar e aceitou o acordo com um aceno de cabeça, ajoelhando-se ao lado do cadáver de Sasko.

A única coisa de que necessito... *é disto disse*, enfiando a mão de dedos hirtos na cavidade abdominal do homem e arrancando-lhe bruscamente o fígado.

Tannath não pôde evitar arregalar os olhos e, apesar de toda a violência que vira em Jazurrieh, o seu estômago deu uma nauseante volta com a violência da cena. A mulher espremeu a brilhante e avermelhada víscera com ambas as mãos, esguichando o fel amarelo-esverdeado para dentro da boca sequiosamente aberta. O revoltante espectáculo fez com que o eahanoir embainhasse o estilete e virasse a cabeça, decidindo que a altura era boa para ir buscar o seu quebra-espadas. Sabia que a harahan o observava pelo canto do olho como um animal cioso a comer uma presa perante a presença de outro, mas fingiu ignorá-la e aos enojantes ruídos que fazia. Ao longe, ouviu os relinchos de morte da égua ferida. A outra fugira na direcção oposta, e ainda tinha hipóteses de a apanhar quando esta parasse. Estava a perder tempo ali, pelo que começou a revistar os outros cadáveres enquanto a harahan se alimentava do fel do bandido com o machado encalhado na boca. Teve um súbito acesso de misericórdia ao vasculhar as bolsas do indivíduo inconsciente, sabendo o que o aguardava às mãos da mulher, e cortou-lhe a garganta com o clemente quebra-espadas antes de passar para outro.

Quando Tannath terminou a sua recolta, a harahan ainda bebia do fígado do segundo bandido, pelo que achou que a altura era a melhor para se retirar.

Bom apetite, harahan. Eu tenho um barco para apanhar... despediu-se, sobraçando a bolsa com o espólio dos bandidos.

As suas palavras tiveram um efeito inesperado na mulher, que engasgou e cuspiu uma porção de bile para o lado, erguendo-se num movimento quase elástico e avançando na direcção de Tannath com mãos de palmas para cima e o queixo manchado de fel. O eahan negro deixou a bolsa cair e aproximou as mãos instintivamente dos cabos das armas.

Persegues aquele barco, eahanoir? inquiriu a mulher com um brilho quase maniaco nos olhos escuros, escorrendo bile da boca.

Sim... respondeu Tannath hesitantemente, cerrando os olhos. Que sabes tu acerca dele?

Pergunto o mesmo...

Os dois circundaram-se como da primeira vez, tensos e flectidos, avaliando-se de novo um ao outro à luz das novas revelações. A harahan tinha o braço partido e estava obviamente cansada, mas o eahanoir também não estava nas melhores condições, e conhecia bem as histórias acerca da força e da velocidade das damas da noite cujas garras rasgavam como punhais. Talvez um confronto não fosse necessário, mas Tannath manteve-se em guarda e retorquiu.

Digamos que gostaria de ter uma conversa com um casal que faz parte da tripulação da barcaça, que por sinal se está a afastar cada vez mais enquanto eu estou a perder tempo com estas brincadeiras. Diz o que queres, mulher, para eu me ir embora.

A harahan hesitou perante as suas palavras.

Um casal... dois eahan? perguntou. Foi a vez de Tannath hesitar, surpreso. Um eahan da montanha ruivo e uma eahanoir?

Como... o que sabes sobre eles, mulher?

Fazem parte do grupo que persigo. O seu líder é Aewyre Thoryn.

Grupo...? Sim, o grupo do qual Slayra falara. Haviam-nos encontrado, então, e dirigiam-se para Asmodeon. Quantos são?

Sete. Dois guerreiros humanos, um mago, um thuragar e um burrik. Já foram oito, mas um deles desapareceu. O casal eahan reencontrou-os há pouco tempo.

"Sete?", pensou Tannath, alarmado, e a sua inquietude transpareceu-lhe na expressão, o que não passou despercebido à mulher.

Eles são perigosos, eahanoir, e estão a ser vigiados por seis sirulianos. O que sabes tu acerca deles?

Deles? Não sei nada. Só conheço os dois eahan, e são só eles os dois que eu quero. Os outros não me interessam, a menos que se ponham no meu caminho.

Então... Aewyre Thoryn não é o teu alvo? Por que fazia a mulher estas perguntas?

Já disse, mulher, não sei quem ele é. E tu, desejas algo com os eahan?

Não... a menos que se ponham no meu caminho.

Tannath permitiu-se erguer o canto da boca num sorriso enviesado e relaxou a sua postura, sendo de seguida imitado pela harahan. Ainda tinha várias perguntas a fazer-lhe, mas pelo menos já pudera perceber que os objectivos de ambos não eram antagónicos. Os dois aproximaram-se cautelosamente um do outro, atentos a qualquer movimento brusco e estudando-se mutuamente com novos olhos.

Talvez... nos possamos ajudar um ao outro, eahanoir sugeriu a mulher para grande surpresa deste. Ao ver a sua reticência, a harahan esclareceu: Como disse, os sete são perigosos, e estão debaixo da protecção de seis sirulianos. Juntos, temos melhores hipóteses.

Eu trabalho sozinho, mulher...

Eu também, mas não sou estúpida. Já tive demasiados dissabores com aquele grupo, e não pretendo que se repitam declarou, mexendo o seu braço entalado e passando o dedo pelo nariz partido.

Tannath acenou com a compreensiva cabeça, mas ainda estava incerto quanto a uma aliança com a harahan, mesmo que fosse apenas temporária. Confiança era algo que Jazurrieh erodia gradualmente da alma de todos os seus habitantes, pois esta podia facilmente levar à morte de qualquer um e nada mais era do que um convite para uma faca nas costas. A harahan podia facilmente matá-lo durante o sono, e sabia que a mulher pensava que lhe podia acontecer o mesmo, apesar de nenhum dos dois ter alguma razão evidente para o fazer. Nenhuma, a não ser...

Consegues controlar o teu... apetite? perguntou sem rodeios, indicando o fel no queixo da mulher com os olhos.

Já passei por provações piores... afirmou a harahan, passando os dedos por baixo do lábio e lambendo-os com prepositada lentidão. E estes devem chegar para alguns dias...

Tannath tornou a erguer o canto da boca e embainhou as suas lâminas, incapaz de conter uma careta contrita com a dor que o

movimento lhe causou no ombro magoado. Sempre trabalhara sozinho, mas também nunca tivera como alvo um grupo de sete guerreiros guardados por seis sirulianos numa terra na qual era um estranho. Nem mesmo a harahan faria grande diferença caso os tivessem de enfrentar; seria necessário um stratagema, e a mulher parecia conhecer bem o grupo, julgando pelas marcas de anteriores confrontos que ostentava. Sim, talvez se pudessem ajudar mutuamente...

Muito bem, mulher. Temos um acordo. Mas não te esqueças: os dois eahan são meus.

E Aewyre Thoryn é meu.

Podes tê-lo, e aos outros, e aos seus fígados. Não significam nada para mim disse, esfregando o ombro. A clava atingira-o de raspão, mas com a adrenalina a diluir-se começava a doer como se lhe tivesse partido a ponta da clavícula. O seu tornozelo também se queixava, mas não parecia ser nada de grave.

Vamos, então? A tua égua não deve ter ido muito longe. É melhor tentarmos apanhá-la antes que escureça.

A égua...? O eahanoir sabia que as harahan eram capazes de nadar pelas sombras, especialmente de noite.

Sim. Estou cansada, e andar pelos meus próprios meios exaure-me ainda mais e atrasa a minha recuperação. Também não faria grande diferença apanhá-los antes de ti, estando sozinha.

- E julgas que *eu* farei a diferença numa luta?

Teremos de pensar em algo...

Bom, pelo menos a sede de vingança não a cegara. Sabia que as harahan eram notoriamente instáveis, frequentemente movidas por instintos como predadoras da noite que eram, ocultando-se debaixo de sofisticadas fachadas para engodar os mais incautos.

Sim, teremos de pensar em algo... Um silêncio desconfortável. Sou Tannath.

A mulher fitou-o.

Não revelo o meu nome a qualquer um... Tannath.

Parece-me sensato anuiu o eahanoir, certo de que a harahan devia ter as suas razões. As suas já as perdera há muito tempo, a partir do momento em que saíra de Jazurrieh. Muito bem. Vamos então?

Vai tu à frente, tenta apanhar a égua. Ainda tenho uns... preparativos a fazer disse a mulher, olhando vorazmente para os cadáveres. Eu depois encontro-te.

Sem qualquer vontade de tornar a assistir ao grotesco procedimento, Tannath virou-lhe as costas, foi buscar a sacola que deixara cair ao

chão e pôs-se a caminho sem mais uma palavra. Teria de confiar na sua nova e temporária aliada até certo ponto, embora não tivesse nenhuma razão para o fazer além da semelhança dos objectivos e o simples facto de pertencerem os dois à progénie do Flagelo. Tannath matara três meios-irmãos em Jazurrieh, dois dos quais em legítima defesa. Só podia esperar que este não acabasse por ser outro assunto de família...

MEDOS CONFRONTADOS

Mas acalma-te, eahan dum raio! berrou Worick, cingindo a cintura de Quenestil com os braços pela frente.

Um Ajuramentado retia o shura, agarrando-lhe os ombros, Taislin estava praticamente pendurado na sua perna e Slayra rogava-lhe que parasse. Lhiannah mantinha-se a uma distância segura, incerta quanto ao que fazer.

Larguem-me! Ele está ali! Eu vi-o! bramava Quenestil, esbracejando com os olhos vivos e a cara rubra. Parem o barco ali na margem! Eu vou atrás dele!

Vais mas é para a água se não paras quieto! ameaçou o thuragar, falando com a cara esmagada contra o torso do eahan.

Quenestil, tem calma! pediu Slayra. A eahanoir estivera a falar com Allumno antes do grito do shura, e corra para ele assim que o vira a gritar com um Ajuramentado. Os restantes prisioneiros estavam todos cativados pelo ruidoso espectáculo que Quenestil lhes estava a providenciar, enquanto Aewyre e Allumno se tentavam levantar sem grande sucesso, acorrentados a dois outros homens que não tinham vontade de sair dos assentos.

Pela Mãe, larguem-me! Eu vou matar o desgraçado! vociferava o shura, ignorando furiosamente as palavras de todos os que o rodeavam, até o Mandatário chegar.

O que se passa?

Ele está na margem, seus idiotas! Larguem-me! quase espumou Quenestil.

Ajuramentado, imobiliza-o! disse ao jovem siruliano, que prontamente deitou o furibundo eahan às tábuas da barça, arrastando Worick e Taislin com ele.

Slayra ajoelhou-se à sua cabeça e agarrou-lha, temendo que o shura entrasse no frenesim de carcaju como o fizera em Jazurrieh. Com a eahanoir a sussurrar-lhe palavras aquietadoras ao ouvido vermelho, Worick e o pesado siruliano em cima, e um estrebuchante Taislin agarrado à perna, Quenestil acalmou, respirando profunda e rapidamente. Aelgar virou-se para trás, vendo que Aewyre Thoryn quase arrastava o mago e os outros dois prisioneiros para fora do assento, e ergueu uma mão para aplacar os ânimos.

Ajuramentados, imponham a ordem! disse aos quatro jovens sirulianos mais perto da proa, devolvendo de seguida a atenção a Quenestil. Tu, eahan, o que se passa?

Ainda com as mãos de Slayra a segurarem-lhe a cabeça e com os braços imobilizados, o shura inspirou fundo antes de responder.

Um assassino persegue-nos na margem da esquerda.

Qual esquerda?

O eahan apontava para bombordo, Mandatário esclareceu o Ajuramentado que retia Quenestil e Worick, que resmungava debaixo dele.

Conhece-lo, eahan?

Ele persegue-nos. É o Tannath, Slayra. O desgraçado não morreu afirmou entre dentes cerrados, olhando para a eahanoir com os mais graves olhos cinzentos que esta alguma vez vira.

A eahanoir não podia empalidecer mais, mas os seus lábios perderam a cor e o seu peito inflamou-se dum súbito pavor, que lhe revolteou o estômago. Largou a cabeça de Quenestil e tropeçou até à amurada, vomitando o frugal pequeno-almoço borda fora para a água castanha.

Slayra! estrebuchou o eahan.

Larga-o, Ajuramentado disse Aelgar calmamente, e o jovem assim fez, permitindo ao shura livrar-se de Worick e Taislin, arrastar-se para os seus pés e ir ter com Slayra.

Livra, nunca o vi assim... disse Taislin, ajustando o barrete de pernas cruzadas e aceitando a ajuda de Lhiannah para se levantar. O que quer que ele tenha visto na margem...

Tanto a arinnir como o burrik encolheram os ombros, alheios ao Mandatário, que ouvia cada palavra sua atentamente enquanto observava o casal de eahan. Quenestil perdera todo o ardor e já nem sequer fumegava, limitando-se a agarrar gentilmente os ombros de Slayra, cujo corpo se convulsionava intervaladamente para regurgitar as fermentações do susto. Aelgar deu-lhes algum tempo, mas avançou

assim que a eahanoir pareceu aliviada, cobrindo o casal com a sua imponente sombra. O shura abraçou a sua companheira protectoramente enquanto esta esfregava o empalidecido lábio inferior com as costas da mão.

Dizes tu que um assassino nos persegue, eahan?

Sim respondeu Quenestil. Um eahanoir. Já nos tentou matar antes.

Tens a certeza?

O shura trocou um breve olhar com Slayra, cuja inquietação transparecia claramente na sua cara.

Absoluta. Corremos perigo.

Estava acompanhado?

Vi outro cavaleiro, mas acho que só eram dois. O Ajuramentado também viu, e os meus companheiros também.

Eu e o Ajuramentado Taeran sentimos uma presença vil cinco noites atrás. Não era um eahanoir, contudo.

Mas quem eu vi, é um eahanoir. Disso estou certo. Se está acompanhado ou não por essa presença vil, não o sei.

O Mandatário virou-se ligeiramente para o lado, contemplando o rio que haviam deixado para trás, no qual incidiam os derradeiros raios de sol, fulgurando nas águas enlameadas. Em breve anoiteceria, e as trevas da noite libertariam os perigos ocultos da região durante o longo dia.

Muito bem. Atracaremos na margem a estibordo e estaremos atentos nesta noite e nas próximas. Faltam três dias para chegarmos a Ul-Syth; assim que nos fizermos ao mar, nada mais teremos a temer de assassinos.

Obrigado... Mandatário agradeceu o eahan, sentindo que o devia fazer.

Aelgar anuiu com a cabeça e foi ajudar os Ajuramentados, que entretanto já haviam imposto a ordem. O jovem siruliano que imobilizara Quenestil foi tratar do leme, e Worick, Lhiannah e Taislin foram ter com o casal a passo hesitante enquanto ambos se confortavam nos braços um do outro.

Slayra...? perguntou a voz abafada da arinnir, cuja cara estava compadecidamente ensombrada pelo sol que lhe batia atrás no capuz.

Tudo bem... é só esta maldita barriga... disse a eahanoir com a garganta queimada por sucos gástricos.

Pedras me partam, eahan, que raio de chiqueiral foi este? interrompeu o thuragar. E quem é esse *Tannath*?

Quenestil afagou o cabelo de Slayra, que encostou a cara ao seu peito.

Um eahanoir de Jazurrieh. Quase nos matou aos dois... e o Babaki morreu por causa dele.

Lhiannah engasgou-se. A expressão de Worick tornou-se mais carregada. Taislin pareceu ser atingido com algo. Slayra abriu a boca, mas dela não saiu nenhuma palavra. Não valia a pena tentar esclarecer que Tannath não fora directamente culpado pela morte de Babaki, acabaria por criar algum mal-entendido, o que naquele momento era a última coisa de que precisava. Quenestil tomou o ligeiro movimento como um tremor ou um gesto de medo e abraçou-a com mais força, beijando-lhe a cabeça.

Taislin, podes ir dizer ao Aewyre que está tudo bem? pediu ao burrik. Só para ele não ficar preocupado.

Eu... está bem concordou o seu pequeno companheiro, encaminhando-se distraidamente para o guerreiro por entre as pernas dos sirulianos.

O Babaki...? perguntou Lhiannah através dos dentes, crispando os punhos.

Tens a certeza de que era ele, eahan? inquiriu Worick.

Veio da Latvonia até cá e ainda nos encontra?

Não me perguntes como, só sei que é ele. Sei que é ele... o maldito desgraçado veio atrás de nós.

Bom, ele que se atreva a mostrar o focinho. Rebento-lho à martelada.

O Babaki... repetiu Lhiannah.

Os quatro quedaram-se silentes por um momento, tentando não se deixarem avassalar pelas memórias despertas. Para o thuragar e para a princesa, a morte do seu amigo ainda era muito recente; para Quenestil, a mera menção do nome de Tannath despertara nele os derradeiros momentos vividos com o antroleo na arena.

Anda, cachopa. Vamos sentar-nos... acabou Worick por dizer, puxando a sua entorpecida protegida pelo braço. Eahan, tu...

Os dois permaneciam abraçados, e o thuragar achou que não valia a pena dizer mais nada.

Ajuramentados, atracamos antes dos rápidos anunciou a voz de Aelgar enquanto Worick e a arinnir retomavam os seus assentos.

Toda a tripulação tinha a distinta sensação de que a vindoura noite podia vir a ser agitada.

O sol já ia baixo quando avistaram a revolta frente escumosa dos rápidos, que o Mandatário preferiu evitar em tais condições de iluminação. A atracagem foi brusca como sempre, embora a margem não fosse seixosa, e a tripulação procedeu com a já habitual rotina de arrastar a barça para fora da água e montar o acampamento. Aewyre e Allumno já não se embaraçavam com as correntes, e cada um preparou o seu camastralho em silêncio. O mago estranhava o comportamento do seu protegido, que desde a conversa com o Mandatário há quatro noites não trocara palavra com ele ou com qualquer outro dos companheiros. Questionava-se acerca do que poderiam ter discutido que o deixasse em tal estado, mas o jovem quando se fechava revestia-se com uma manta de silêncio impermeável a qualquer tentativa de diálogo, e Allumno já sabia que qualquer esforço da sua parte seria em vão. Restava-lhe esperar, como sempre fazia nas oscilações de humor de Aewyre. De momento estava mais apreensivo com o que Taislin lhe contara na barça. Um assassino eahanoir que perseguira Quenestil e Slayra desde Jazurrieh... o burrik não soubera responder à maior parte das suas perguntas, pelo que teria de as fazer a Slayra ou a Quenestil assim que a oportunidade se apresentasse, o que podia tardar, tendo em conta o estado de espírito de ambos... ou talvez não, pois o casal levantou-se do outro lado do acampamento e parecia fazer tenções de vir ter com os seus amigos. Lhiannah também se levantou, e a eahanoir e a princesa falaram uma com a outra até a primeira lhe indicar umas árvores para as quais Lhiannah se dirigiu. Os dois eahan vieram então ter com Aewyre e Allumno de braços dados. O guerreiro permaneceu sentado com os braços sobre os joelhos, absorto nas suas cismas, mas o mago levantou-se já com as perguntas na língua.

Quenestil, Slayra...

Como está o joelho, Allumno? perguntou a eahanoir.

Há muito que deixou de ser pretexto para vires falar connosco. Esse assassino...

Desculpa, Allumno escusou-se Slayra. Aewyre?

Os olhos do jovem viraram-se para cima, mas o resto do seu corpo não se mexeu. A eahanoir ajoelhou-se à sua frente, assistida por Quenestil para grande arrelho seu.

Não estou inválida! protestou, mas não se libertou das suas mãos. Aewyre, tu tens andado esquisito nestes últimos dias. Não sei do que foste falar com o Mandatário, mas... a Lhiannah precisa que vás falar com ela. Slayra conseguiu a atenção indivisa do jovem.

As feridas já não precisam de grandes atenções, mas ela ainda está mortíca e desanimada, porta-se como se estivesse doente com uma praga qualquer e esconde sempre a cara. Eu... não estou em condições de animar ninguém neste momento, e o Worick também não é nenhuma autoridade nessas coisas.

Aewyre olhava espantado para a eahanoir e fitou Quenestil, procurando esclarecimento, mas o eahan limitou-se a encolher os ombros.

Mas... eu...?

-Sim, tu... Slayra suspirou, baixando a cabeça. Aewyre, és o único que neste momento a conseguiria aticar, e é disso que a Lhiannah precisa. Vai lá, diz alguma coisa errada, provoca-a, faz aquelas coisas que tu sabes. Nunca tiveste de te esforçar muito para a irritar.

Quenestil tornou a encolher os ombros quando Aewyre tentou obter alguma resposta ao olhar para ele. Slayra agarrou a mão do guerreiro.

Não sei o que é que tu tens, mas a Lhiannah precisa de um empurrão, *e tu* és de todos nós o mais indicado para lho dar.

Mas... eu... mas ela está...

"Bom, se para mais nada, pelo menos isto serviu para o avivar", pensou Allumno. Vai falar com a rapariga, Aewyre disse, dando-lhe uma palmada no ombro para o incitar a mexer-se.

O guerreiro ainda olhou uma última vez para o seu amigo eahan, que se limitou a acenar com a cabeça. Resmungando qualquer coisa, acabou por se levantar, atraindo olhares pouco amistosos dos restantes prisioneiros, quatro dos quais quase arrastara na barcaça durante o acesso de fúria de Quenestil. Allumno chamou a atenção a um Ajuramentado, que por sua vez foi chamar Aelgar.

O que desejas, Aewyre Thoryn?

O jovem pareceu inicialmente incerto quanto ao que dizer, mas o peso do impaciente olhar do Mandatário forçou-o a eructar as suas palavras.

Eu... a minha amiga, a princesa Syndar... ali atrás das árvores... preciso de falar com ela... a sós. Aelgar ergueu o sobrolho, estranhando o pedido. Pode tirar-me as grilhetas?

O Mandatário não respondeu de imediato.

Eu não fujo assegurou o guerreiro.

Nunca me ocorreu que o fizesses, Aewyre Thoryn... declarou o velho siruliano, coçando o queixo e olhando para o arvoredo que o guerreiro indicara. Liberta-o, Ajuramentado Deadan. Não se afastem

demasiado do acampamento, Aewyre Thoryn, e mantenham-se ao alcance do ouvido.

Sim, Mandatário assentiu o jovem obedientemente enquanto Deadán lhe destrancava as grilhetas, esfregando os pulsos ao ver-se livre das suas cadeias.

Volta antes que o sol se ponha por completo, Aewyre Thoryn. Hoje os prisioneiros também participarão na vigília...

Eu ajudo prontificou-se Quenestil de imediato.

Muito bem, eahan. Vai, Aewyre Thoryn.

O jovem agradeceu uma última vez e assim fez, ignorando os sussurros e olhares indiscretos dos restantes prisioneiros enquanto se dirigia aos pinheiros atrás dos quais Lhiannah se escondera, questionando-se acerca do que estava a fazer e sentindo que as suas pernas se estavam a mexer contra a sua vontade. Começava a escurecer e já não sobrava muito tempo de luz, que teria de aproveitar para... o quê? O que é que lhe ia dizer?

Aewyre tirou um ramo de pinheiro do seu caminho e viu que Lhiannah estava acorçada perto de um arbusto numa posição embaraçosa, pelo que virou de imediato as costas e escondeu-se atrás da árvore. Não o ouvira provavelmente devido ao capuz ou ao seu ouvido esquerdo, e o jovem bateu com a nuca na casca escamosa do pinheiro, tecendo comentários pouco elogiosos acerca de Slayra.

"Mas o que é que eu estou aqui a fazer? Ganha juízo, homem! Vais dizer-lhe o quê? Que o dói-dói vai passar?" Aewyre esfregou a cara, bateu uma vez mais com a nuca no tronco e suspirou. *"Bom, cá vai..."*

Proferiu um aviso ao pigarrear desnecessariamente alto e deu a Lhiannah o tempo que julgava necessitar para se recompor antes de sair detrás do pinheiro. A princesa parecia surpresa por o ver, e nada na sua postura denotava alegria pela sua presença. A sombra do capuz ocultava-lhe boa parte da face, deixando apenas entrever a boca enquanto a princesa arranjava atabalhoadamente a capa.

Como... como é que te sentes? Lhiannah.

A arinnir inclinou a cabeça para a esquerda, dando a entender que não ouvira bem com o seu ouvido esquerdo.

Como é que te sentes?

Bem respondeu a princesa sucintamente.

O queixo...?

Consigo falar. Mais ou menos murmurou a arinnir, recolhendo-se discretamente nas sombras dos pinheiros.

Não te tenho visto a comer. O que é que... andas a comer?

A Slayra faz uma papa com o pão e aquela bebida... respondeu Lhiannah desinteressadamente. Mas sabe mal, e eu ando sem fome.

A Slayra. Pois. A Slayra... ela diz que já estás melhor. Lhiannah não respondeu. Mas que... não são bem as feridas o teu problema.

Aewyre deu um passo em frente e teve a impressão de que a arinnir deu dois atrás, pelo que se deteve, incapaz de reconhecer a sua companheira naquele vulto assustado.

Lhiannah, não há razão para isso... tu...

A princesa disse algo entre dentes e abafado pelo capuz, mas o guerreiro não percebeu.

Vai-te embora, Aewyre repetiu, mais um pedido que uma exclamação.

O jovem suspirou, questionando-se uma vez mais quanto ao seu lugar ali, mas por alguma razão sentiu-se compelido a ficar.

Eu... não te cheguei a agradecer. Salvaste-me a vida e ias morrendo por isso...

Nada que qualquer um de nós não fizesse pelo outro afirmou Lhiannah de uma forma quase imperceptível.

Mesmo assim insistiu Aewyre assim que percebeu o que a princesa dissera. Obrigado.

De nada. Agora vai-te embora. Por favor.

Os dois ficaram nas mesmas posições e em silêncio, olhando com forçosa distração em redor por falta de palavras. As coisas não estavam a correr da forma que Aewyre esperara, embora este nem soubesse ao certo o que havia esperado da conversa. Por fim, optou por uma abordagem mais directa.

Pelo amor de Assana, Lhiannah, olha para ti! exclamou repentinamente, avançando de encontro à arinnir e agarrando-a pelos ombros antes que esta tivesse tempo de reagir. Não falas, não comes, escondes-te, já olhaste para ti? É claro que não, andas sempre a tapar a cara com esse maldito capuz!

A arinnir tentou libertar-se, e agarrou o pulso de Aewyre antes que a mão deste lhe tirasse o capuz.

Larga-me! tentou Lhiannah gritar, mas a ligadura no queixo não lho permitiu.

Tira isso, mas que raio! persistiu o guerreiro

Pára! As minhas costelas! grunhiu Lhiannah numa voz plangente que apenas incitou Aewyre a ser mais duro.

O jovem acabou por conseguir agarrar o capuz da princesa e puxou-lho para trás, destapando-lhe a cara e a cabeleira loura num movimento brusco. Lhiannah guinchou e cobriu a face com o braço, virando as costas a Aewyre e encostando-se a um pinheiro.

Que vergonha, Lhiannah! repisou Aewyre. A mulher que lutou ao meu lado em Alyun e em Moorenglade! Olha bem para ti agora! Metes dó! A princesa arquejava, queixando-se de dores nas costelas. Sabes o que penso? Se calhar sempre foste assim, armada em durona, mas sempre que alguém te chegava a roupa ao pêlo, começavas a choramingar que nem uma donzela! Os arquejos de Lhiannah cessaram e a sua cabeça virou-se ligeiramente para o lado, fitando Aewyre de soslaio.

É isso, não é? És a princesinha mimada e dura até te queimares, e então deitas-te de barriga para o ar a ganir. Bela guerreira que me saíste!

Não foi necessário continuar, pois nesse preciso instante Lhiannah rosnou, e o seu punho cerrado arremeteu na direcção de Aewyre, que desviou a cara e o aparou com a palma da mão, crispando os dedos nele. A arinnir deu-lhe um pontapé na canela e tentou arranhar-lhe os olhos com a mão livre, mas o guerreiro agarrou-lhe o pulso e prendeu-lhe as mãos atrás da cintura, achegando-se dela.

Eh lá, o que é que temos aqui? zombou o jovem. Parece que afinal...

A sua voz foi cortada por um forçado arquejo quando o joelho de Lhiannah se enterrou entre as suas pernas, curvando-o e permitindo à princesa empurrá-lo para o chão. Lhiannah começou a dar-lhe pontapés na coxa, rosnando de raiva, mas Aewyre ria divertido, tentando aparar os golpes com os seus pés.

Au! Então? Não te dói fazer... *ai!* Vê lá não te mag... *au!* A chacota do guerreiro apenas enfurecia mais a princesa, que tentava dar-lhe pontapés na barriga enquanto Aewyre rebolava pelo chão, permitindo-lhe apenas bater-lhe nas pernas.

Seu estafermo! praguejava a arinnir a cada pontapé. Safado! Pulha!

Aewyre deu uma cambalhota para trás e levantou-se, ficando de costas para um pinheiro, e Lhiannah investiu furiosamente contra ele como uma gata assanhada. O guerreiro agarrou-lhe os pulsos e inverteu bruscamente as posições, encostando-a ao ramoso pinheiro e colando o seu corpo ao dela de forma a evitar mais joelhadas imprevistas. A princesa debateu-se, agitando os ramos de pinheiro nos quais estava

enterrada e despejando os últimos resquícios de neve em cima de ambos. Aewyre riu.

Então? Essas costelas?

Lhiannah tentou desferir-lhe uma cabeçada na boca, mas o jovem desviou-se e a testa da princesa atingiu-lhe apenas o trapézio.

Doem-me como tudo! protestou Lhiannah furiosamente. Queres que te mostre como elas doem? Tentou libertar os braços e trazer um joelho acima para agredir Aewyre, mas o aperto do guerreiro era firme e os seus corpos estavam demasiado próximos.

A arinnir estrebuchou mais um pouco, mas os seus membros acabaram por relaxar e deixou-se afundar nos densos ramos do pinheiro, respirando pesadamente pelo nariz por não poder abrir a boca enquanto Aewyre ofegava com os olhos postos nos seus. Estava a escurecer, e com Lhiannah enterrada nos ramos do pinheiro, era difícil distinguir os detalhes da sua face.

Posso largar-te? perguntou.

Podes disse a princesa contritamente.

O guerreiro afrouxou o aperto nos seus pulsos e descolou o corpo do seu, e nesse momento Lhiannah esbracejou, empurrando Aewyre pelo peito e desenvencilhando-se dos ramos com violentos bracejos. Aewyre nada disse e ficou a olhar enquanto a arinnir esfregava os cristais de gelo do cabelo, da ligadura e dos ombros, constatando alegremente que continuava a ignorar a alegada dor nas costelas e no resto do corpo.

- És um cretino, sabias? disse Lhiannah, tapando a cabeça com o capuz, passando ao lado do guerreiro e fazendo tentações de voltar para o acampamento.

Aewyre agarrou-lhe o braço e puxou-a para si, destapando-lhe a cabeça ao fazê-lo e prendendo-a com os olhos. Lhiannah manteve uma postura pronta a arrancar o braço e fugir, mas não o fez, intrigada com o que via nos orbes do guerreiro, que lhe esquadriavam atentamente a face. As pontas da ligadura que lhe cingia o maxilar pendiam para os lados no topo da sua cabeça, fazendo-a parecer um coelho desanimado.

Lhiannah, sabes bem que eu não estava a falar a sério. Disse aquilo só para te provocar. És a mulher mais corajosa que já conheci, e nunca hesitas em te arriscar para ajudar os teus companheiros, incluindo eu. Salvaste-me e quase foste morta... A expressão da arinnir era ilegível. É claro que és chata como uma meiga no ouvido, e tens o feitio de uma javalina prenha, mas essas é que deviam ser as razões para tu andares escondida e tapada... não isto. Levantou

a mão livre e passou-lhe a parte exterior dos dedos pela maçã do rosto, retirando-a bruscamente como se tivesse produzido faísca. Isso... são só feridas, Lhiannah. Vão passar como estas disse, esfregando os arranhões suturados debaixo da sua barba medrante, ganhando a coragem para tornar a tocar na cara da arinnir.

Passou as pontas dos dedos pelas marcas que os ferimentos iriam deixar na pele macia de Lhiannah, evitando os seus olhos inquiridores até lhe tocar na pequena crosta prestes a cair do seu lábio inferior. Os olhos de ambos encontraram-se então, e Aewyre constatou que os orbes azuis da princesa estavam vivos uma vez mais, com as pepitas douradas que os pontilhavam a cintilarem mesmo à fraca luz. O guerreiro sorriu, mas o sorriso rapidamente se desvaneceu à medida que os seus dedos deslizavam pela mandíbula de Lhiannah, passando por baixo da orelha enquanto o seu polegar lhe acariciava os lábios. Agarrou gentilmente a nuca da princesa, enlaçando os seus dedos nos ensebados cabelos louros, e deu consigo a aproximar-se da cara de Lhiannah, apartando ligeiramente os lábios. A arinnir estava hirta, mas Aewyre sentia as suas veias do pescoço a palpitarem-lhe na nuca, e não apresentava qualquer tipo de resistência. O seu queixo foi bafejado pela respiração quente e húmida do nariz da princesa, e a mão com a qual lhe agarrava o braço largou-o e cingiu-lhe a cintura, puxando-a para si e cada vez mais perto da sua boca.

Aewyre Thoryn?

Os dois sobressaltaram-se e quase se empurraram para longe um do outro com o susto. Deadan estava de braços cruzados a poucos pés de distância.

Está escuro. Regressemos ao acampamento disse sucintamente, aguardando que os dois assim fizessem.

Aewyre e Lhiannah olharam um para o outro, certos de que algo havia ficado pendente com a interrupção do siruliano, mas a princesa foi a primeira a começar a andar, deixando o guerreiro para trás. Todavia, não puxou o capuz ao passar por Deadan, o que só por si trouxe um sorriso à cara de Aewyre.

Esta noite designaremos prisioneiros para uma vigília, Aewyre Thoryn. Ofereces-te para essa função? inquiriu o Ajuramentado.

Sim... acedeu o jovem, indo atrás da arinnir. Por que não? Antes isso que cobrirmos as cabeças com medo, não é?

Deadan ergueu uma dúbia sobrancelha e não respondeu. Aewyre afastou algo com a mão, dando a entender que não esperava que o siruliano compreendesse.

A NOITE DOS VULTOS

A lua estava alta e cheia sobre Val-Oryth, brilhante e de contornos bem definidos, nimbando os telhados dos edifícios e predizendo um agradável dia na manhã seguinte. A lama das ruas endurecera ao longo de vários abençoados dias sem chuva, e as brenhas do vale defronte da cidade já se avivavam durante o dia em tons de amarelo, roxo e azul, exalando suaves aromas florais aquecidos pelo sol pela vertente abaixo. Os habitantes dormiam descansados pela primeira vez após os incidentes que haviam seguido a morte de lorde Malagor; provavelmente aplacados pela proximidade do Verão.

Mas nem todos dormiam na cidade. Caminhando pelos becos e vielas de Val-Oryth, ocultos pelas sombras e afugentando gatos e ratos com a sua passagem, vultos negros mexiam-se na noite, provenientes de todos os distritos da cidade. Tamancos, botas, sapatos e pés enfaixados de tiras de pano pisavam a lama seca e as poças de dejectos citadinos; mãos gesticulavam freneticamente numa linguagem silenciosa; sussurros sibilavam no ar, afoitando todos quantos ficavam para trás. As patrulhas dos laicos de Bellex eram evitadas, as dos milicianos encobriam os vultos, sendo constituídas na sua maioria por guardas corruptos que se haviam voluntariado para a vigília naquela noite. A portinhola incorporada no portão sul abria-se mediante as palavras certas e uma breve troca de saudações feitas por homens e mulheres de caras cobertas por capuzes. Vista do topo da barbacã, a estrada de terra batida que levava ao portão era pontilhada por pequenas figuras formigantes ao longo da sua sinuosa extensão alumiada pelo luar. A via que servia de acesso à cidade para os lenhadores e proprietários de quintas no vale serpeava pela baixa, bifurcando-se em frente para

as quintas e para cima na direcção das cabanas de lenhadores, cuja direcção os vultos tomavam. À medida que subia, a estrada ia-se tornando num carreiro cada vez mais acidentado e alcantilado, mas os vultos subiam a encosta do vale com afinco, acicatados pela premência do chamamento que durante todo o dia fora silenciosamente espalhado em Val-Oryth, através de sussurros, notas, e sinais secretos dependurados ou escrevinhados em boa parte da cidade. O carreiro ia dar a um lapedo na encosta do vale, uma área rochosa coberta de ervas rupestres habitualmente frequentada pelos rebanhos de cabras durante o dia, mas que naquela noite estava apinhada de vultos humanos agregados numa irrequieta e expectante turba. Camponeses, mercadores, artesãos, guardas, homens e mulheres estavam reunidos diante de uma enorme e projectante lapa escura, debaixo da qual se encontrava a *razão* da vinda de todos, ocultada por um grupo de celebrantes que envergavam togas negras e máscaras que lhes cobriam as faces. Os indivíduos estavam de costas para a lapa, de braços cruzados atrás das costas e mantendo a multidão em sussurrante sossego com os seus olhares átonos através dos buracos nas suas máscaras. Entre eles e a turba jazia um hirsuto homem desnudo, amarrado e amordaçado sobre uma laje de pedra natural, de braços e pernas estendidos e com a sua pele pálida quase a brilhar no meio da massa de negritude que o rodeava. O infeliz Coração Quebrado fora capturado pelos diligentes vultos na preparação da cerimónia ao ser apanhado a espiar os aprestos, e os seus olhos arregalados traíam o medo proveniente do conhecimento do destino que lhe estava reservado.

Por fim, quando a multidão já começava a dar sinais de impaciência, foi aberta uma brecha na barreira de celebrantes e dela saiu uma mulher sumptuosamente vestida para a ocasião, silenciando todos os presentes com a sua aparição.

Linsha trajava um pesado vestido de alças negro com as bainhas debruadas em tons de roxo e decorado com um padrão bordado de runas verdes. Trazia a sua gargantilha de ferro com um pingente vermelho ao pescoço, e os seus delgados braços pálidos estavam descobertos e decorados com manilhas de prata e pulseiras encastradas, às quais estavam atadas as pontas de badanas que pendiam do amplo xaile bordado que lhe cobria a cabeça baixa, ocultando-lhe a cara com farripas de tecido enroladas com contas de âmbar escuro nas pontas. A pupila do anterior Alto Vulto ia ser elevada ao estatuto do seu falecido mestre, e fizera questão de fazer jus ao título no mínimo

em aparência, razão pela qual calçava um par de tamancos absurdamente altos que a obrigavam a um passo lento e cuidadoso enquanto se aproximava da laje com o Coração Quebrado. Todos os olhos estavam postos em si naquele momento, julgando, apreciando, avaliando como uma matilha de cães na escolha de um novo líder. Linsha estava nervosa, e dava graças ao xaile por ocultar a sua cara naquele momento, embora tivesse de a descobrir mais cedo ou mais tarde para encarar a multidão de Filhos do Flagelo. A sua perícia com a Palavra não bastaria para os convencer, tinha de provar ser merecedora do mais alto título da seita, e muitos eram da opinião que vários celebrantes eram mais experientes e adequados para a posição do que a temperamental feiticeira. Aquele conclave seria decisivo. Alcançar o seu sonho prematuramente ou ser relegada a uma vida de subserviência na seita.

Quando deu por si, já chegara à laje e era fitada pelos horrorizados olhos do prisioneiro, que suava ao ar frio e seco da encosta do vale. Não era muito mais velho do que ela, tinha idade para ser seu irmão. Pelo que lhe fora extraído através de tortura, era um cabreiro que servia de olhos e ouvidos para os Corações Quebrados, e haviam sido os da sua laia a alertar os malditos foras-da-lei para o encontro secreto na casa do monteiro, onde Linsha quase fora morta. Ser sacrificado em honra d'Ele era mais do que merecia, mas serviria os propósitos do conclave. A feiticeira inspirou fundo e removeu o xaile num gesto propositadamente lânguido e solene, revelando a sua cara resoluta com os olhos felinos fixos num ponto indeterminado na multidão e a boca desafiadoramente petulante. Os seus cabelos negros rebeldes estavam subjugados por uma fita de couro tingida de preto, da qual pendiam contas de ónix que contrastavam com a alvura da sua testa. O seu malar ainda ostentava uma recordação de Aewyre Thoryn, na forma de uma esvanecente equimose amarelada. Não houve qualquer reacção, embora houvesse algo claramente cínico no silêncio dos Filhos, acusando a jovem idade e falta de experiência que a sua boa apresentação não podia ocultar. Os celebrantes permaneciam atrás de si; deles não receberia qualquer apoio.

Filhos do Flagelo! disse por fim, cruzando os braços à frente, incapaz de aguentar o silêncio. Fostes invocados esta noite para tomardes uma decisão. Lorde Malagor, o Alto Vulto, foi assassinado. Estais hoje aqui para escolher a sua sucessora. Linsha arrependeu-se da escolha das palavras, que se lhe afiguraram como sendo tendenciosas, mas já era tarde para voltar atrás. Houve movimentos impacientes

e desagradados na multidão. Culpá-la-iam pela morte do seu mestre? Estariam a pensar que o deixara morrer para ocupar o seu lugar?

O portador do Flagício, o assassino de lorde Malagor esteve entre nós disse, desviando o assunto. Esteve nas nossas mãos, mas os sirulianos tiraram-no-lo. Tiraram-no-lo como nos tiram as crianças, como nos tiram a liberdade, como nos tirariam a vida a todos se estivessem cientes da nossa existência. Lorde Malagor tolerava estes actos, mas eu proponho que, neste novo começo, tratemos os inimigos d'Ele como merecem prosseguiu, esperando que a demagogia resultasse onde a sinceridade falhara. Linsha nunca fora grande oradora, uma das grandes imputações do seu mestre, que sempre insistira na correcção da sua fala e no desenvolvimento das suas parcas capacidades de diálogo. Houve alguns olhares, mas nenhuma manifestação de concordância.

A vontade da feiticeira era matar uns quantos com feitiços ostensivos para convencer os restantes, mas o seu mestre nunca procedera de tal forma, embora tivesse sido detentor do poder para bem mais do que isso. Malagor sempre inspirara respeito, não só pela sua perícia com a Palavra, como também pelas suas persuasivas palavras e a autoridade da sua mera presença. Por que não se deixavam todos intimidar como o meirinho, que certamente estaria algures na multidão? Se o conseguisse encontrar, faria dele um exemplo... mas estava certa de que os choramingos e as súplicas do cobarde gordo não convenceriam ninguém. Olhou para o Coração Quebrado na laje, que tremia e suava em amedrontada expectativa de olhos postos nela. Poderia fazer um exemplo dele, mas sabia que seria uma demonstração gratuita de poder, e não era esse o seu propósito.

”*Maldição...*”, pensou a jovem feiticeira, inspirando fundo para uma nova tentativa. Estamos numa posição vulnerável. As outras seitas estão a aproveitar-se da nossa desorientação. Só nos últimos dois dias perdemos mais de uma dúzia de membros para os Fadados. Não fora surpresa nenhuma. A lealdade dos Filhos para com a sua seita era ténue na melhor das hipóteses; os seus membros exigiam gratificações imediatas, e os Fadados providenciavam-lhes um contacto mais directo com a essência do Flagelo, ou pelo menos assim o apregoavam.

Lorde Malagor trouxe prosperidade aos Filhos, mas era muito moderado, evitava acções directas e temia confrontos com as restantes seitas. Pois eu digo que são eles quem devem temer! Já se estava a insinuar como líder uma vez mais, o que não passou despercebido.

Somos mais numerosos, estamos infiltrados na justiça de Val-Oryth

e servimo-lo a Ele sem adulterar os Seus ditames! Os Filhos estiveram retraídos durante demasiado tempo, escondidos debaixo de pedras como... centopeias. Mas nós temos veneno! E devemos ser temidos!

Apesar de empolgadas, as palavras de Linsha nem a ela própria convenciam. A sua audiência era constituída por rufias, mendigos, ladrões, assassinos e usurários, homens e mulheres que procuravam ganhos fáceis através de meios ilícitos, e cuja fé era quase inexistente devido em grande parte à ausência de provas da existência do Flagelo nos últimos anos. A maioria dos Filhos consideravam-se membros de uma organização criminosa e pouco mais do que isso, satisfeitos com os ganhos que até então a liderança de Malagor lhes havia trazido, e pouco dispostos a mudanças radicais, principalmente umas levadas a cabo por uma jovem e inexperiente feiticeira temperamental, pupila do Alto Vulto ou não. Linsha estava a ter dificuldades em encontrar palavras que ao menos a ela lhe soassem persuasivas, e a impaciência da multidão começava a fazer-se sentir com o ocasional murmúrio. Os celebrantes permaneciam silenciosos e imóveis, inexpressivos atrás das suas máscaras negras, aguardando também eles uma palavra que os convencesse. Gotas de suor começavam a formar-se na testa de Linsha, que ia flectindo os joelhos alternadamente de forma a controlar os tremores que sentia estarem prestes a trepidar-lhe as pernas. A sua vontade era queimar os malditos olhos que a fitavam, liquescê-los nas órbitas para que escorressem pelas caras impassíveis da sua audiência. O homem na laje começava a ser demasiado tentador, pois o odor do seu pânico suado mesclava-se ao do seu próprio nervosismo, excitando a feiticeira mais do que seria aconselhável na sua posição. Os dedos da sua mão direita deslizaram quase imperceptivelmente para dentro da manga esquerda, na qual estava embainhado um punhal cerimonial, cujo pomo cinzelado acariciou indecisamente. Sim, talvez um pouco de sangue servisse para ilustrar o seu ponto de vista...

Um inalar de espanto colectivo deteve Linsha antes que a feiticeira pudesse levar avante os seus desígnios para o prisioneiro. Por momentos atreveu-se a pensar que fizera algo para causar tal reacção, mas não era em si que os olhos estavam postos, e a sombra que a cobriu não era a da protuberante lapa atrás de si. Os Filhos olhavam para cima, apontavam para algo sobre a cabeça de Linsha, e a feiticeira virou-se instintivamente para ver de que se tratava, inalando ela também de espanto com a visão que a aguardava.

Recortado contra a lua, um vulto de capa observava o conclave da ponta da enorme lapa que o encimava. Pouco mais era visível além

de um elmo de quatro chifres recurvos e uma esfarrapada capa negra que a suave brisa nocturna agitava ligeiramente, mas o que mais atenção chamava eram os dois pontos vermelhos que brilhavam onde deveriam estar os olhos do estranho visitante. A sua mera presença silenciou todos os presentes, pois havia algo de desnatural na sua silhueta, na sua postura de caçador perante presas inscientes do perigo, na sua pose imota e atenta. Ninguém se atreveu a abrir a boca, a tentar estabelecer contacto com o vulto, e nenhuma iniciativa dele partiu nesse sentido. O único ruído a quebrar o silêncio foi o de ossos a ranger quando os pontos vermelhos se mexeram, dando a impressão de que o vulto estudava o conclave, passando cada um dos presentes com o seu rubro olhar maligno. Por fim, ouviu-se algo parecido com metal a franger, e o vulto encolheu-se e saltou, pairando pelo ar com a capa a esvoaçar-lhe atrás, congelando momentaneamente no ar à visão de todos, e precipitando-se violentamente de seguida sobre a laje, na qual aterrou de clangorosas cócoras com os pés precisamente ao lado da barriga do prisioneiro, fazendo a pedra tremer e afastando todos os presentes como se estes fossem anéis numa superfície de água perturbada. O homem ficou paralisado com o terror incutido pelos pontos vermelhos alojados nas órbitas vazias da caveira desprovida de maxilar inferior e fendida ao meio que o fitou durante breves instantes antes de o vulto se erguer e olhar em redor.

Todos o viam agora pelo que era: um moorul, e essa constatação teve os mais variados efeitos. Gritos, joelhos no chão, mãos atiradas ao ar, preces, olhares átonos de choque, louvores, maldições. Os moorul haviam infligido incontáveis e inomináveis atrocidades ao povo de Tanarch durante a Guerra da Hecatombe, embora a grande maioria dos Filhos presentes apenas tivesse memória desses factos das histórias que lhes haviam sido contadas. Nenhum fora visto após o fim da guerra, e poucos sabiam como reagir perante a presença de um dos infames tenentes do Flagelo. E na verdade, apesar da sua aura de pavor, o próprio moorul parecia não saber o que fazer ao certo, limitando-se a olhar em redor de forma intimidante. Havia algo na situação que lhe estava a escapar, algo que o impedia de se abater sobre a massa humana como uma foice negra, e não estava a conseguir descortinar de que se tratava. Linsha recuara quando o moorul saltara, e ainda não ousara aproximar-se mais, embora este estivesse de costas para ela. Recuara tanto, aliás, que estava praticamente ao pé dos celebrantes, eles também hirtos e incapazes de tomarem qualquer tipo de acção. Um deles, contudo, balbuciava algo detrás da sua

máscara ao lado da feiticeira, incapaz de desviar os olhos do mooru mas parecendo estar a tirar ilações acerca da sua presença no conclave.

Um sinal... é um sinal... tartamudeava o homem quase imperceptivelmente.

Que dizes? ciciou outro atrás de Linsha, chamando a sua atenção para a silenciosa conversa.

É um augúrio... Ele enviou-nos um sinal... um moorul para nos transmitir a Sua vontade... nesta noite...!

Um arauto do Flagelo... disse um terceiro.

Sim! concordou o primeiro, alto o suficiente para chamar a atenção do moorul, que olhou por cima do seu ombro para o grupo de celebrantes e para a feiticeira. Um sinal! Por fim, um sinal!

Olhai! O Flagelo manifesta-se! exclamou outro, agarrando Linsha pelos ombros.

Linsha! O seu olhar recai sobre Linsha! acrescentou mais um.

O moorul observava o estranho comportamento dos humanos, ainda sem perceber ao certo o que se passava. Agora apontavam para ele e agarravam uma mulher, sacudindo-a como se de uma oferenda se tratasse.

Senhora Linsha, é um sinal auspicioso! segredou-lhe um celebrante ao ouvido. Lorde Malagor não foi assassinado, foi deposto segundo a vontade d'Ele! E vós haveis sido escolhida para o suceder!

Linsha foi praticamente empurrada para a frente por várias mãos e cruzou involuntariamente olhares com o moorul, que lhe colou os pés ao chão. O tenente do Flagelo virou-se completamente e encarou-a de frente de cima da laje, tomando-a como a líder do estranho grupo.

Quem são estes que nos rodeiam? perguntou a voz cava do moorul em Olgur, mas antes que a feiticeira pudesse sequer tentar arranjar a coragem para responder, outra voz semelhante fê-lo por ela, vinda do mesmo vazio debaixo do maxilar do moorul.

Humanos.

Sangue para a nossa lâmina.

E contudo não os atacamos.

Não, não o faremos.

Todos os presentes sabiam falar Olgur, que servia como língua secreta para os Filhos do Flagelo, mas ainda assim a multidão ficou confusa com o aparente monólogo do moorul, até um dos celebrantes esclarecer tudo.

As muitas vozes do Flagelo! Somos dignos da Sua atenção e clemência! regozijou-se o homem.

O moorul ignorou-o e continuou.

Mas devemos restabelecer-nos.

Sim, a viagem exauriu-nos.

E contudo...

Não devemos matar estes...

Não...

Seria errado.

Porquê?

Não o sabemos.

Linsha ouvia o macabro solilóquio sem saber o que fazer. Seria o moorul um sinal? Parecia ter convencido os celebrantes disso, embora nada tivesse feito para o provar além de simplesmente estar presente. Alguma coisa teria de lhe dizer, pois grande parte da atenção revertera para si uma vez mais, e estava ciente de que aquele momento podia ser crucial para a sua nomeação.

Moorul... as palavras faltaram-lhe quando os pontos vermelhos a tornaram a fitar. Uma... oferenda... para ti foi a única coisa que lhe ocorreu, e indicou o homem deitado sobre a laje na qual o moorul ainda estava de pé.

Os olhos do Coração Quebrado arregalaram-se, ficando maiores e mais brancos quando o moorul passou um pesado pé sobre a sua barriga e o pousou ao lado, expondo o seu pálido corpo hirsuto e desnudo.

Uma oferenda?

Devemos aceitar.

Sim, recobremos as nossas forças.

Aquela terrível caveira parecia avaliá-lo enquanto desembainhava a espada, agarrando o punho de forma reversa. Houve um emudecido e crescente murmúrio de espanto à medida que a negra lâmina porosa silvava lentamente para fora da bainha. O homem amarrado mal tinha forças para se debater, mas o seu peito erguia-se em convulsivas arcadas e as suas costas molhavam a rocha com suor. Rápido e inclemente, o moorul atravessou o ventre do homem e aço retiniu agudamente contra a rocha, fazendo com que a multidão se encolhesse reflexamente. Ferido de morte e de olhos esgazeados, o Coração Quebrado evacuou as entranhas e a bexiga, cujos conteúdos escorreram pela laje enquanto o seu sangue era sofregamente sugado pela porosa lâmina, deixando a silenciosa multidão morbidamente cativada. Restabelecido,

o moorul embainhou a espada seca e desceu da laje, encarando Linsha.

Fazes-nos uma oferenda, humana constatou uma das vozes.

O que pretendes em troca? aditou outra antes que a feiticeira pudesse responder.

Eu...? Linsha pensou rapidamente, tentando imaginar o que Malagor teria dito. Nada. O que desejas tu... moorul?

Tanto quanto era possível a uma caveira fendida exibir emoções, a que olhava para Linsha pareceu indecisa por um momento, até que se pareceu lembrar de algo e olhou para um ponto indeterminado a leste, além das montanhas.

Ancalach... disse o que se ouviu como um coro de vozes cavas, arrepiando todos os presentes.

Um agente do Flagelo... murmurou um dos celebrantes, cujo furor devoto era atizado a cada palavra que o moorul proferia.

Enviado para destruir o Flagício... concordou outro.

E unir os Seus fiéis... atreveu-se um terceiro a supor.

Procuras... Ancalach, moorul? O nome desagradava à feiticeira, tal como a todos os Filhos.

Sim respondeu uma voz apenas.

Embora menos fervorosa do que os celebrantes, Linsha também começava a acreditar no envolvimento do Flagelo em tudo o que estava a acontecer. Era uma verdadeira dádiva, a vinda do moorul, e a feiticeira viu nele o veículo ideal para a sua vingança contra Aewyre Thoryn, esquecendo de repente tudo o que dizia respeito à cerimónia da sua nomeação.

Eu sei para onde... Ancalach se dirige, moorul. E posso ajudar-te a chegar a ela.

Os pontos vermelhos da caveira atçaram-se como brasas bafejadas, e Linsha deu um involuntário passo atrás.

Como?

Podes ajudar-nos?

A chegarmos a Ancalach?

De que forma?

Fala, mulher.

Sim, fala.

Atordoadada pela cacofonia de exaltadas perguntas, a feiticeira precisou de um instante para organizar os seus pensamentos.

Aewyre Thoryn, o filho de Aezrel Thoryn, dirige-se a Asmodeon neste preciso momento, e tem-na em sua posse. Ele partiu há

alguns dias, mas posso arranjar-te forma de chegares a ele mais depressa...

Aezrel...? inquiriu uma das vozes.

Sim... respondeu Linsha. Aewyre Thoryn é o filho de...

Aezrel? repetiu outra.

Aezrel... as vozes pareciam estar a debater-se interiormente com memórias.

Posso arranjar-te um barco, moorul. Chegarás ao teu destino mais depressa.

Um barco?

Que nos levará a Ancalach?

Devemos aceitar?

Sem dúvida.

Se nos ajudar a cumprir o nosso propósito.

Devemos aceitar, sim.

Os monólogos do moorul eram enervantes, mas Linsha sabia que não podia esperar menos de um dos tenentes do Flagelo. Se pudesse ajudar os desígnios do seu senhor e com isso vingar-se de Aewyre Thoryn, tanto melhor. Se a mera presença do moorul abonasse a favor da sua nomeação como Alto Vulto como parecia estar a fazer, então a cerimónia seria um sucesso total, muito além das suas mais optimistas expectativas.

Leva-nos, humana despertou-a o moorul dos seus pensamentos.

Sim, leva-nos a Ancalach.

Leva-nos ao nosso propósito.

Quer... Linsha engoliu em seco, sem acreditar na ousadia do que estava prestes a perguntar. Quer isso dizer que sou eu... a escolhida?

O moorul fitou-a sem que a sua inexistente expressão traísse a sua perplexidade. A feiticeira esperou o pior.

Sim... és a escolhida para nos ajudar, humana disse por fim, e as suas palavras levaram os joelhos dos celebrantes ao chão.

As sombras saúdam Linsha Akselban, o Alto Vulto! bradaram em uníssono, erguendo os braços ao ar. Pelo Flagelo, pela glória de Seltor!

Pelo Flagelo, pela glória de Seltor! juntaram-se-lhes os restantes filhos, dando graças ao Anátema na encosta do vale.

O moorul não tirava os olhos de Linsha, aguardando, mas a feiticeira não conseguiu ficar atemorizada com o olhar do além. Era perfeito, demasiado perfeito.

Linsha riu inicialmente com os ombros, mas evoluiu rapidamente para uns soluços mal contidos, que culminaram com uma descontrolada e quase histórica gargalhada com a cabeça levada atrás.

O bom tempo que se fazia sentir em boa parte de Tanarch ainda não dera de si na costa, onde as chuvas continuavam a frustrar as expectativas dos habitantes de Ul-Syth, saturados com o longo Inverno. Os ventos marítimos traziam frequentemente nuvens pardas consigo, como se o mar pretendesse limpar o imundo porto da cidade costeira, que estava atulhado de lama e detritos trazidos pelos rios. Ul-Syth era a porta de entrada para as importações da Latvonia, o porto marítimo da nação, situado na margem tanarchiana do rio Niolga com vista para a Sirulia na margem Norte. A cidade era circunvalada por uma bizarra muralha de madeira constituída por duas paredes paralelas ligadas por vigas, com os compartimentos criados entre elas preenchidos com terra e cascalho. Um adarve coberto e com seteiras ao longo da sua extensão encimava a muralha, que era reforçada a intervalos por torres de madeira de topos tetragonais. O portão de entrada era uma grande barbacã de madeira com uma espécie de campanário no topo do telhado de quatro águas a servir de ponto de vigia para os guardas, e já se encontrava fechado, como os dois tardios visitantes constataram ao parar na estrada enlameada defronte das portas.

Tannath e Hazabel montavam o cavalo que sobrevivera à emboscada dos bandidos, inclinados para a frente devido à fadiga das costas e com a harahan à frente do eahanoir, que pegava nas rédeas. O céu plúmbeo começara a chorar um ligeiro chuvisco ao entardecer e nem agora que o sol se começava a pôr a chuva parava, e tanto os cavaleiros como o animal estavam encharcados. A viagem de ambos fora silenciosa e tensa, pois tanto um como o outro esperava ser traído e morto a meio da noite pelo seu companheiro de viagem, o que em nada contribuiu para o repouso de ambos. O cavalo fora forçado a um passo apressado para que não ficassem demasiado longe do navio, mas agora que chegavam a Ul-Syth estavam cientes de que os sirulianos levavam uns bons três dias de avanço. Apesar de tudo, a harahan parecia mais restabelecida pelo simples facto de não se ter exaurido a viajar pelas sombras, mas não estava nada satisfeita por ter perdido a barça de vista. O seu cheiro era ofensivo para o delicado nariz de Tannath, pois a mulher já não devia tomar banho há muito tempo, e os malditos fígados que trazia consigo (e que arrancara a alguns viajantes e camponeses

pelo caminho) exalavam um nauseabundo odor féleo. As omoplatas salientes do seu emagrecido corpo espetavam-se-lhe no peito, e já por várias vezes raspava a mão contra as tábuas com as quais a mulher entalara o braço. Chegara por várias vezes a pensar sugerir que fosse ela atrás, mas não confiava na harahan a esse ponto. Na verdade, ainda não sabia até que ponto confiava nela, mas assim eram as alianças de conveniência, e ser cuidadoso era um modo de vida para qualquer eahanoir.

Os dois aguardaram à chuva que alguém aparecesse no campanário, mas ninguém sequer espreitou pelas seteiras da barbacã.

Ó da guarda! gritou Tannath ao lado de Hazabel. Sabe falar Leochlan? perguntou-lhe. A maior parte deles fala Glottik nesta cidade, mas pode aparecer um...

Não respondeu a mulher sucintamente. Mas não há problema. Eu posso entrar quando se fizer noite e depois...

Tentemos primeiro a via civilizada, sim? interrompeu Tannath, sentindo as omoplatas da mulher roçarem-lhe o peito quando esta encolheu os ombros.

Como queiras, eahanoir.

Tannath tornou a gritar, e acabou por aparecer a silhueta de um guarda no campanário.

A portada está oclusa! berrou o homem numa voz rouca. Vinde ao dilúculo!

Tannath levou a mão à bolsa e abanou-a, deixando a tilintante linguagem do ouro falar por si. Mesmo com o ruído da chuva o guarda compreendeu o que o eahanoir queria dizer e abriu-lhes as portas, recebendo uma moeda de prata pelo incómodo, outra por lhes dar umas parcamente perceptíveis indicações para o porto e uma de ouro para se coibir de fazer perguntas.

Desperdício de dinheiro comentou a harahan enquanto as portas eram fechadas atrás de ambos e os cascos do cavalo começavam a bater no pavimento de madeira.

Há muito que deixei de lhe dar importância afirmou Tannath prosaicamente. Hazabel não persistiu no assunto.

As ruas de Ul-Syth estavam escuras e vazias, com os cidadãos recolhidos e os animais abrigados da chuva onde quer que se pudessem recolher. Os edifícios eram de madeira esculpida e por vezes pintada, alguns tinham pátios cercados por vedações de estacas, e a luz que provinha do seu interior jorrava amarela pelas frestas das adufas das janelas. Os passos cascosos do cavalo e a leve queda do

chuvisco eram o único ruído de fundo na rua, e Tannath olhava em redor, vigilante. Não temia bandidos, principalmente com uma harahan a seu lado, mas preferia evitar surpresas, e não via necessidade de se livrar desse velho hábito.

Ele disse para virarmos para a direita em que casa? perguntou Hazabel.

Na que tivesse isto respondeu o eahanoir, abrindo as mãos à frente da harahan e tocando os dedos para com elas formar um círculo.

Será aquele casarão? Hazabel apontou para um edifício de dois andares elaboradamente esculpidos ligado a outros dois mais pequenos por galerias e vedado por uma cerca.

Só podemos supor que sim arriscou Tannath, puxando a rédea para a direita.

Seguiram o trilho pavimentado nas ruas cada vez mais escuras até que começaram por fim a sentir o cheiro do mar e o ruído de ondas mesclado à chuva. Uma série de armazéns altos descortinou o porto de Ul-Syth, uma língua de terra lamacenta e seixosa coberta por pavimentos de toros e com uma série de cais semelhantes a dentes de madeira dispostos em linha que começava na foz do Niolga e acabava na elevação do terreno que formava um penhasco a sul. Guindastes, barris e caixotes misturados com cordame completavam o quadro de um porto aflito com os dejectos do degelo da Primavera, que eram arrastados pelo rio abaixo e pareciam sempre encontrar o seu caminho para os cais. Vários barcos ancorados flutuavam a meio dos detritos na água acastanhada, rangendo e com a madeira escurecida pela chuva.

Chegámos constatou Hazabel, esfregando os pingos no nariz. E agora?

Falamos com o adjunto do capitão do porto. É ali disse o eahanoir, indicando um edifício postado ao lado de um guindaste e com uma lanterna de ferro acesa por cima da porta à qual se dirigiram.

Tannath desmontou, ajustou a capa e bateu à porta com força, aguardando a olhar para o chão, reflectindo acerca das suas possibilidades. À terceira batida ouviu uma voz oriunda do interior, seguida de passos mal-humorados vindos na sua direcção. A porta abriu-se e revelou um alto e corpulento homem com um bigode preto em crescente, vestido com um grosseiro casaco cinzento desprovido de colarinho que lhe chegava aos joelhos e exibia mais do seu hirsuto peito do que Tannath queria ver. Os seus olhos castanhos sombreados

pelas salientes orlas das órbitas cobertas por eriçadas sobancelhas eram tudo menos amigáveis.

Quem...? O eahanoir levantou a cara o suficiente para que a luz da lanterna lhe iluminasse a tatuagem vermelha no olho esquerdo. Ah, você outra vez? admirou-se o adjunto num arranhado Glottik, olhando para fora e vendo Hazabel montada. Encontrou a eahanna que estava à procura, ha?

Procuo um barco disse Tannath como se não o tivesse ouvido.

Alguém berrou do interior do edifício, ao qual o homem respondeu com igual tom de voz, dando a ideia de que lhe assegurava de que não estava ninguém importante à porta. Piscou um olho e abanou a cabeça de forma a dar a entender ao eahanoir que estava tudo bem.

Isso é fácil. Barcos não faltam. Para onde?

O barco que procuro deve ter passado por este porto há alguns dias. Vela azul, tripulado por sirulianos, levava prisioneiros.

Ah, esse? indagou o homem com óbvio desagrado. Sim, passou por cá há...

Para onde foi?

Ah, para o porto de Aemer-Anoth, do outro lado do Istmo. Diziam que iam, ah, para a guerra...

Quando parte o próximo barco para a Sirulia?

Ah, isso já é mais complicado. Sabe, ninguém vai para a Sirulia, especialmente agora. Não há barcos para... Tannath ergueu a mão enluvada com os dedos indicador e médio estendidos e uma moeda de ouro entre eles. Ah, bem, na verdade, ainda ontem veio um mensageiro ter com o capitão do porto. Receberam um pombo a dizer que devíamos esperar um barco de Val-Oryth nos próximos dias.

Quanto custa a passagem?

Ah, sabe, veio de uma pessoa importante. O capitão disse que a mensagem dizia para não... O eahanoir estendeu o anelar e mínimo da mesma mão, exibindo outra moeda. Teria de falar com eles, mas como levam voluntários para a guerra, devem ter espaço. A mensagem dizia para termos uma barça a postos e para os deixarmos passar sem entraves. Se quer que lhe diga, nem sei para quê tanto secretismo. Se são voluntários...

Tome, para aliviar os escrúpulos disse Tannath, entregando-lhe as duas moedas na mão. Por mais duas dessas, teria a bondade de reter o barco e avisar-me quando ele chegasse? É uma questão de vida ou morte.

Hmm, sabe, ah, a mensagem era bastante clara... e o capitão não ia gostar...

”Talvez da tua vida ou morte...”, pensou o eahanoir. Três?

Bem, se é, ah, tão urgente, acho que os posso reter um pouco quando chegarem... acedeu o homem com o brilho do ouro reflectido nos olhos pela lanterna. Onde fica?

Há alguma estalagem aqui por perto?

Tem O Retiro do Marinheiro já ali ao lado. Diga que o Raikhov o enviou.

Assim farei. Fico a aguardar o aviso na estalagem. Tannath virou-lhe as costas sem sequer se despedir, voluteando a capa negra e dirigindo-se à montaria.

Espere! Ah, por quem é que devo perguntar quando o barco chegar? lembrou-se o homem.

O eahanoir deteve-se, cruzou olhares com Hazabel e olhou por cima do ombro para o capitão do porto.

Pergunte pela senhora Slayra disse, indicando Hazabel com a cabeça e assentando o pé no estribo. Não receava dar o seu nome, mas seria bom manter o anonimato na cidade para o caso de ter de voltar.

Raikhov franziu o cenho enquanto o eahanoir montava e dirigia o cavalo para a estalagem que lhe fora indicada. Coçou a cabeça, deveras curioso em relação ao estranho indivíduo e ao seu regresso, mas as duas moedas que lhe pesavam na mão eram razão suficiente para não fazer mais perguntas além das necessárias. Latvonianas, toscamente cunhadas, mas compactas e de bom ouro, provavelmente do tempo de Bakur Osogrod. Iria avisar os rapazes das docas logo de manhã, pois mal podia esperar para ter mais três daquelas belezas na sua mão...

Raikhov! berrou o capitão da sala, provavelmente irritado pela corrente de ar que estava a entrar pela porta. Quem está aí?

O homem enfiou as duas moedas na sua bota e fechou a porta. Já disse, capitão. Ah, viajantes, perderam o barco!

Então manda-os nadar a ver se o apanham!

Já o fiz, capitão, já o fiz... Raikhov cofiou o satisfeito bigode, antecipando com ansiedade a chegada do barco.

A CAMINHO DA SIRULIA

A barça dos conscritos velejara à vista da rochosa linha da costa de Tanarch durante todo o dia, rasgando as águas escuras com a proa e fustigando-as com os remos manuseados pelos prisioneiros. Felizmente, o vento soprara para Norte, enfunando a vela azul e permitindo à embarcação percorrer uma boa distância até anoitecer, quando os remos foram recolhidos e foi concedido repouso aos exaustos ocupantes. O vento continuou a soprar durante a noite de céu aberto polvilhado com cintilantes estrelas, que pressagiavam bom tempo na manhã seguinte. Havia chovido nos primeiros dias frios no mar, mas o vento afigurava-se como os últimos suspiros do Inverno, que por fim cedia o lugar à Primavera por toda Tanarch.

Aewyre estava aninhado no chão de costas para o seu assento, exaurido e com os braços doridos devido ao tempo que passara a remar. Allumno estava a seu lado, com a cabeça apoiada nos braços por cima dos joelhos, e nos últimos dias deixara de tentar falar com o seu protegido, que desde a conversa com o Mandatário e depois do encontro com Lhiannah pouco ou nada dissera, especialmente quando abordado a respeito do que falara com Aelgar. Slayra tentara arrancar-lhe algumas palavras dias antes enquanto fazia o mesmo com as suturas nos arranhões do guerreiro, mas apenas com estas fora bem-sucedida. Aewyre sentia-se ferido por alguma razão, e não tinha vontade de o discutir com nenhum dos seus companheiros. Lhiannah também não lhe dirigira palavra desde a sua conversa, e o guerreiro não podia deixar de se sentir algo irritado por isso. Fizera um grande esforço para ir falar com a arinnir, numa altura em que ainda estivera a lidar com a violenta revelação do Mandatário, e nem sequer uma

palavra de agradecimento. Dever-se-ia isso ao seu breve contacto físico? Bom, nada acontecera, e pela forma como as coisas estavam a correr talvez nunca viesse a acontecer. Em todo o caso, não estava com cabeça para tais assuntos e tinha mais em que pensar, como por exemplo dormir, embora tivesse a estranha e frustrante sensação de que estava demasiado cansado para o fazer. Já não sabia há quanto tempo andava a mudar constantemente de posição, mas todos à sua volta pareciam adormecidos, menos os sirulianos à proa. Resmungando, o jovem coçou a barba, fechou teimosamente os olhos e tentou aconchegar-se ao duro assento, livrando-se das correntes das grilhetas que lhe haviam escorregado pelas pernas até à barriga.

Para a fossa com isto tudo... rabujou o guerreiro em surdina, apoiando a testa nos braços, como o seu tutor, e esfregando o nariz nas suas imundas calças, que cheiravam a couro suado.

Aewyre sobressaltou-se quando uma mão lhe tocou no ombro, inclinando-se bruscamente para trás com um tilintar de correntes e virando-se para ver quem lhe tocara.

Lhiannah estava acorçada a seu lado, com a cabeça destapada e iluminada pelo luar, e a capa castanha que lhe cobria os ombros espalhada pelo chão. Parecia tão surpresa como o guerreiro pelo simples facto de estar ali e não a dormir na popa da barça, mas ali estava ela. A boca de Aewyre permaneceu entreaberta, mas não lhe ocorreu nada para dizer, e a princesa aparentava ter a mesma dificuldade, embora decerto tivesse as suas razões para ter vindo ter com ele.

Hum... ajudas-me a tirar a ligadura? pediu a arinnir entre dentes em voz baixa, indicando a faixa branca e suja que lhe cingia o maxilar e a cabeça.

Ha? O quê? sussurrou o guerreiro atabalhoadamente. Lhiannah franziu o cenho e virou a cara para a esquerda para ouvir melhor. Tu queres que eu ta tire?

Sim.

Mas... agora?

Sim, estou farta dela. Já não preciso.

Mas... tens a certeza? E porquê eu?

Porque pensei que fosses o único que não ia fazer uma cena se eu pedisse. Enganei-me?

Aewyre franziu a perplexa testa. Tirar a ligadura a meio da noite? E logo ele porque não fazia cenas? Vendo a sua hesitação, Lhiannah preparou-se para se levantar, mas o guerreiro ergueu a mão antes que o fizesse.

Está bem, está bem acedeu Aewyre, olhando para os lados para constatar que Allumno ainda dormia e que os sirulianos despertados os observavam aos dois sem qualquer discórdia. Tens a certeza?

Tenho afirmou Lhiannah, cuja convicção foi reforçada pelo facto de o dizer entre dentes forçosamente cerrados.

O guerreiro deitou a perna esquerda de lado no chão e cruzou a outra por cima dela, apoiando o braço no joelho direito.

Chega-te aqui então... pediu, indicando à princesa que se aproximasse.

Lhiannah assim fez e segurou a ponta do queixo com os dedos de ambas as mãos, baixando ligeiramente a cabeça para que Aewyre lhe pudesse desatar as pontas da ligadura, o que fez com desajeitado cuidado, temendo de a magoar, desculpando-se de cada vez que lhe puxava o cabelo sem querer ao desapertar o nó. Quando acabou de descingir a ligadura, deixou uma ponta cair e puxou a outra enquanto Lhiannah endireitava a cabeça, aparentemente receosa de largar o queixo. Aewyre nada disse, limitando-se a dar-lhe o seu tempo, e a princesa acabou por inspirar fundo pelo nariz antes de começar a acompanhar a descida do queixo com as pontas dos dedos. Aewyre baixava o pescoço enquanto seguia o movimento, fazendo uma careta de cada vez que Lhiannah cerrava os olhos com a dor e a rigidez dos músculos do seu maxilar, mas a arinnir continuou determinadamente. Quando o guerreiro já estava prestes a agarrar-lhe os pulsos, receando que Lhiannah fosse deslocar a sua ainda convalescente mandíbula, a princesa começou a puxá-la para cima, sempre com o apoio dos dedos, repetindo esta operação quatro vezes até se atrever a largar o queixo. Quando o fez, abriu e fechou a boca lentamente, olhando em crescente satisfação para Aewyre, e levantou-se de braços estendidos e boca aberta, como se quisesse saborear o vento salgado que lhe abanava os cabelos. Fechou os olhos e deixou escapar uma alegre risada rouca que lhe saiu aos soluços e que trouxe um sorriso à cara de Aewyre, que contudo rapidamente se esvaneceu quando Lhiannah agarrou o queixo aflitadamente antes de espirrar. Apoiou a mandíbula com as palmas das mãos e curvou-se com o espirro, que a desequilibrou e obrigou Aewyre a agarrar a princesa para evitar que esta lhe caísse em cima. Lhiannah espirrou uma segunda vez e deixou-se cair de joelhos com o apoio do guerreiro, cerrando os olhos com a dor no maxilar.

Estás bem? perguntou Aewyre, segurando-a pelos ombros tensos. A arinnir não respondeu, permanecendo de olhos cerrados e

mãos assentes na mandíbula. Lhiannah, estás bem? insistiu, sacudindo-a levemente.

Embora não estivesse a ouvir, a princesa acenou com a cabeça de pálpebras fechadas para dar a entender que estava bem e largou o queixo lentamente, respirando fundo pelo nariz para se acalmar. Quando a dor amainou, Lhiannah abriu os olhos e viu um preocupado Aewyre a agarrá-la pelos ombros, mexendo os lábios inquiridores sem que a princesa o conseguisse ouvir devido ao zumbido nos ouvidos, principalmente no direito. Em todo o caso, tornou a acenar com a cabeça e estendeu os braços para os lados de forma a que o guerreiro a largasse. Aewyre assim fez, embora relutantemente, e ficou a olhar para Lhiannah enquanto esta baixava a cabeça, deixando os cabelos louros descaírem para a frente, e observando as suas profundas inspirações com a subida e descida dos ombros. Uma última exalação, e a princesa endireitou-se na sua posição acorada, olhando o guerreiro de frente enquanto habituava o seu maxilar aos movimentos.

Vai com calma... recomendou Aewyre, por falta de algo melhor para dizer.

Não te preocupes assegurou-lhe Lhiannah. Há muito que o jovem não ouvia a voz da sua companheira sem que esta estivesse abafada pelos seus dentes, e esse simples facto trouxe-lhe um meio sorriso à cara que a arinnir não compreendeu e talvez tenha interpretado mal, pois puxou o cabelo para trás e começou a olhar nervosamente para os lados.

Bom... era só isso? quis Aewyre saber, sentindo que algo os afastava.

Sim... quer dizer, não. Os seus olhos voltaram a encontrar-se. Obrigada, mas não por isto... quer dizer, também, mas não foi só por isso que vim aqui.

Hmm? O guerreiro ergueu uma sobrancelha.

Tu... bem, tu foste um cretino há umas noites, como sempre, mas a verdade é que... Lhiannah afagou o lado do seu maxilar. Era mesmo disso que eu estava a precisar. Ajudou-me.

Ainda bem que pude ser um cretino útil.

Lhiannah lançou-lhe um olhar severo, repreendendo-o pelo desrespeito que o seu comentário chistoso mostrava para com o seu esforço em estar a dizer o que dizia.

Por isso... obrigada. Eu... A arinnir olhou para algo atrás do ombro de Aewyre e o guerreiro seguiu o seu olhar, mas tanto Allumno como os outros dois prisioneiros dormiam. Lançou uma expressão

intrigada à princesa, mas esta agiu como se nada fosse. Por isso... não sei, gostava de retribuir o favor...

Oh? Além da sobrancelha erguida, o canto da boca do guerreiro também se levantou.

Sim. Tu tens andado estranho ultimamente. Há alguma coisa... sobre a qual gostarias de falar?

Oh. Os cantos da boca de Aewyre voltaram à sua posição normal.

Hm-hm acenou Lhiannah desajeitadamente com a cabeça, obviamente tão confortável com a situação como o guerreiro.

Não. Nada de especial respondeu Aewyre sucintamente, endireitando a perna e sentando-se desinteressado de lado para a arinnir.

Aewyre, eu já não ando com a cara tapada com o capuz. Tenho visto como nem sequer falas com o Allumno, aliás, com qualquer um de nós. Alguma coisa se passa, e...

Lhiannah, quem é que te pediu para vires falar comigo?

Ha? A princesa virou a cabeça para a esquerda.

Quem é que te disse para vires falar comigo? O Allumno? A Slayra?

Lhiannah ficou indignadamente rígida na sua posição acorçada ao perceber, e olhou para Aewyre com uma expressão verdadeiramente, zangada.

Só para que saibas, eu vim cá porque estava mesmo preocupada, nem foi por causa da ligadura nem nada disse numa voz trémula, fitando o guerreiro com olhos ressentidos durante uns breves momentos. Mas se não queres falar... Ergueu-se, virou-lhe as costas e deu um passo na direcção da popa.

Lhiannah... ouviu Aewyre dizer atrás de si, mas não olhou para trás. É a minha mãe. A arinnir parou abruptamente, sobreolhando o guerreiro, que apoiava a cansada cabeça nas mãos. É a minha mãe...

A sua mãe, a rainha Adelayne, morta havia vinte anos? Por que pensava nela agora? Lhiannah ajoelhou-se ao lado de Aewyre, e a sua mão pairou hesitantemente sobre o forte ombro do guerreiro antes de nele pousar.

A tua... mãe?

Aewyre espalmou as mãos uma contra a outra, apoiou o queixo nos polegares e assentou o nariz nos dedos estendidos, suspirando antes de se recostar contra o assento e começar a relatar a sua conversa com o

Mandatário. A mão de Lhiannah permaneceu no seu ombro enquanto falava, apertando-lho ocasionalmente quando as palavras lhe saíam a custo, e a expressão da princesa era de condolência e inesperada compreensividade.

... e foi isso terminou o guerreiro, erguendo as mãos no ar em escarnekedora simplificação. Só isso. A minha mãe era casada. Teve duas filhas com o Aelgar, morreram as duas, conheceu o meu pai e fugiu com ele para Nolwyn. Fim da história. E eu soube-o agora, vinte anos depois, da boca do marido traído. Só isso...

A testa de Lhiannah estava franzida quando a sua mão agarrou a de Aewyre e a apertou com força, cobrindo ambas com a outra. Os dois fitaram-se mutuamente, partilhando de certa forma da impressão de que estavam a conhecer duas pessoas novas, ou pelo menos duas facetas até então desconhecidas.

Eu... compreendo que te sintas assim acabou a princesa por dizer. Mas também acho que estás a deixar que isso te afecte demasiado.

Oh, sim, claro, desculpa-me por não estar a saltar de alegria... retorquiu o guerreiro, tentando retirar a mão, mas Lhiannah agarrou-lha com mais força.

Ouve! Eu também não nasci numa família propriamente unida. A minha mãe era uma arinnir e capturou o meu pai. Tanto quanto sei a minha... concepção, e a do meu irmão Sologhn, até foram forçadas, e depois o meu pai pegou em nós e...

Eu sei, o Worick contou-me.

O quê? Ele...? A princesa debateu-se com as palavras, eriçada, mas acabou por cair em si. Claro... era de esperar. Não abre a boca para falar, mas quando é para envergonhar os outros... Massajou o maxilar. Mas não interessa. Sabes então que o meu pai fugiu comigo e com o meu irmão e depois casou com duas outras mulheres?

Sim, mas...

A primeira nem desgostava de mim, mas a Alnara, a minha segunda madrastra, não me pode ver à frente. Teve um filho com o meu pai depois de o Sologhn morrer, o meu querido meio-irmão Solan, que a Alnara prefere ver morto a ter qualquer contacto comigo. Nunca te ocorreu que nunca nos vimos em nenhum dos encontros entre as nossas duas cidades, que tenhas sempre ouvido falar de Solan, o príncipe de Vaul-Syrith, e nunca de mim? Aewyre apercebeu-se da verdade das palavras de Lhiannah, espantado com o facto de nunca ter sequer pensado nisso. Pois, a Alnara não gosta que eu esteja

presente, deve pensar que eu quero matar o rapaz para lhe usurpar o título de *princesa*, se calhar...

O guerreiro estava demasiado surpreso para dizer alguma coisa, o que não impediu Lhiannah de continuar. Parecia determinada a compensar todo o tempo que passara sem falar devido à ligadura.

Mas isso não interessa. O que eu quero dizer é... A arinnir olhou para o vazio, a sua expressão subitamente perplexa. Ah. O que eu quero dizer é que eu sou filha fora do casamento real, não ilegítima, mas perto disso. Tu és o filho de uma princesa casada que fugiu com o teu pai. E então? Achas que ela gostava menos de ti por isso? Que isso faz de ti menos do que és? Ou são os títulos que te preocupam? O divórcio não consumado? O facto de ninguém te ter dito? De que é que teria servido? Terias crescido de outra forma, serias hoje um homem diferente?

Lhiannah continuava a agarrar-lhe a mão, confortando-o ao mesmo tempo que parecia estar a repreendê-lo com uma severidade quase maternal. Não se lembrava da última vez que os seus olhos se haviam fitado mutuamente durante tanto tempo sem que um ou outro os desviasse.

Pareces... familiarizada com o assunto comentou.

Eu sou a princesa indesejada, Aewyre. Vivi toda a minha vida com isso, e nem a Alnara nem os nobres de Vaul-Syrith alguma vez me deixaram esquecer-lo. Mas uma coisa é, outras pessoas infernizarem-te a vida por isso, outra completamente diferente é estares a castigar-te por algo de que não tens culpa nenhuma. Não escolhemos os nossos pais, Aewyre, mas se há uma coisa que sei é que, desde que saibamos que eles gostam ou gostaram de nós, casamento ou não, o resto não importa. Apesar da Alnara, o meu pai sempre me deu todo o amor que um homem como ele pode dar. Já a Lhiannon, a minha mãe, nunca mais a vi nem ouvi falar dela. Tu ao menos tiveste dois pais que te adoravam e ao teu irmão; podes dizer que foi por pouco tempo, mas foi mais do que eu alguma vez tive...

Lhiannah apercebeu-se de que acabara por inadvertidamente canalizar o assunto para si e para o seu passado, e o interesse patente na expressão de Aewyre fê-la perceber que pelo menos parecia ter aliviado a pesarosa alma do guerreiro.

Percebes...? perguntou, dando consigo a baixar os olhos, mas a repentina força no aperto de Aewyre fê-la erguê-los outra vez.

Lhiannah... O guerreiro sentia que estava a caminhar sobre cacos de vidro que se lhe podiam espetar no pé a qualquer momento.

Podes ser uma durona, mas... é verdade aquilo acerca do rapaz que te puxou as saias e passou o resto da vida a comer papas?

Silêncio.

A barça rangia, lambida pelas ondas do mar, e o ocasional passo siruliano ressoava pela madeira da embarcação. Olhos azuis e escuros sondavam-se mutuamente.

Foi o Worick...? inquiriu a princesa retoricamente. Não. É claro que não. Eu dava-me sobretudo com os recrutas da guarda, porque as meninas da corte não gostavam muito de mim. Qualquer um daqueles bois ter-me-ia posto a *mim* a comer papas durante muito tempo se eu tivesse tentado fazer isso a um deles. O Worick é que conta essas histórias, sempre contou, para me proteger dos outros, dizia ele. Foi ele quem sempre me defendeu, quem me treinou, quem fazia pequenas viagens comigo para longe do castelo, onde sabia que eu não me sentia bem. Há quem diga que fiquei tão bravia como ele por causa disso; como me estavam sempre a esfregar a cara no chão, acabei por aprender a morder, às vezes até a mão que só me queria afagar (não acredito que estou a dizer isto)...

Lhiannah tornou a encontrar algo digno do seu interesse no chão "e começou a desvencilhar a sua mão da de Aewyre.

Bom, já me dói o maxilar... afirmou, esfregando-o com a mão livre. O melhor é deixá-lo descansar.

Aewyre procurava desesperadamente por palavras com nexo na sua cabeça, pensando em algo que pudesse dizer enquanto os dedos de Lhiannah lhe escorriam da mão como areia. A arinnir levantou-se, ajeitando a capa aos ombros e levando a mão recém-liberta ao nariz para não tornar a espirrar, pois o vento levantara-se entretanto. O guerreiro ficou com a mão aberta estendida em frente durante mais alguns momentos, como se não tivesse percebido que já não estavam de mãos dadas, mas acabou por a baixar com um suspiro enquanto Lhiannah continuava postada à sua frente, olhando para o chão e de mechas de cabelo louras pesadas de sebo a abanarem à brisa.

Acho que... vou voltar lá para trás decidiu a arinnir, olhando de relance para Aewyre antes de dar um passo para o lado.

Lhiannah...? A princesa virou a cara para olhar. Obrigado. Sinto-me... melhor.

Ainda bem que pude ser uma durona útil replicou Lhiannah, sorrindo fugazmente antes de continuar na direcção da popa.

Aewyre suspirou resignadamente e recostou-se contra o seu desconfortável assento, embaraçando um pé na corrente das suas grilhetas

ao fazê-lo. Enquanto se desembaraçava da cadeia, não ouviu os passos que retrocediam atrás de si e só se apercebeu da presença de Lhiannah quando uma mão apoiou parte do peso do corpo da arinnir no seu ombro. Antes que pudesse virar a cara para olhar, sentiu o contacto de um par de lábios com uma pequena crosta no seu malar, perto do olho esquerdo.

Tão depressa como o fez, Lhiannah deu meia-volta e dirigiu-se apressadamente para a popa antes que Aewyre tivesse oportunidade de dizer algo, não tropeçando a meio do caminho por pouco. Os olhos dos sirulianos estavam postos em ambos alternadamente, mas o jovem não lhes deu atenção, limitando-se a olhar boquiaberto para as costas de Lhiannah, que se sentou ao lado de um dormente Worick e tapou a cabeça com o seu capuz antes de se aprontar para dormir. Aewyre virou-se para a frente e levou as pontas dos dedos ao malar beijado, sentindo a frescura do ínfimo rasto de saliva de Lhiannah contra o vento. Olhou para a comprida ligadura que esquecera estar a agarrar com a mão direita e revolveu-a nos dedos, procurando nela as respostas para as perguntas que lhe grassavam na cabeça.

Eu não sabia, Aewyre disse a voz de Allumno ao seu lado, sobressaltando-o. O mago estava desperto e olhava-o com uma expressão de sonolenta franqueza. Talvez o Zoryan o soubesse, mas nunca me disse. Soube-o agora pela primeira vez.

O jovem entreabriu a boca para dizer algo, mas ou reconsiderou ou nada lhe ocorreu, pois nenhuma palavra dela saiu e Aewyre limitou-se a fechá-la e acenar com a cabeça. Allumno pôs-lhe a mão no ombro.

Estás bem?

Sim... estou assegurou-lhe o guerreiro, acenando uma vez mais com a cabeça. Agora estou.

Ainda bem. Tenta dormir agora; amanhã falamos disso se quiseses.

Está bem. Boa noite, Allumno.

Boa noite retribuiu o mago, enterrando a cabeça nos braços. Aewyre ainda olhou uma última vez para trás, incapaz de perceber se Lhiannah dormia ou não por causa do capuz, e colou as costas ao assento com um longo suspiro. Enfaixou a mão distraidamente com a ligadura da arinnir enquanto olhava para o céu estrelado e acabou por seguir o exemplo do seu tutor, tentando não pensar no exaustivo dia que o esperava.

É melhor despacharem-se. Se o capitão sabe disto, ah, dá-me de comer aos caranguejos disse Raikhov, conduzindo Tannath e Hazabel apressadamente pelo trilho de madeira que levava ao cais na foz do Niolga.

Estava a anoitecer, e o adjunto do capitão do porto correra a chamá-los ao seu quarto na estalagem, anunciando a chegada do barco pelo qual haviam esperado. O eahanoir e a harahan caminhavam lado a lado com Tannath a puxar o cavalo pelas rédeas, dois vultos negros encapuzados que nada tinham a dizer um ao outro; as noites passadas no quarto da estalagem haviam sido silenciosas, com parca troca de palavras e muitos olhares de soslaio. Eram dois aliados de conveniência, e estavam dispostos a seguirem o mesmo meio para chegarem a fins diferentes, nada mais do que isso.

Havia alguma agitação no cais e ouviam-se vozes de protesto dos membros da tripulação de uma barça em mau estado que estava atracada atrás de uma segunda, pronta para velejar porém ainda desocupada. A carta que o capitão do porto recebera dizia claramente para deixar os homens passarem sem entraves, e Raikhov mandara-os esperar mesmo após estes terem descarregado a sua modesta carga: um grande caixote rectangular e alguns barris com água e mantimentos.

Eles, ah, viajaram dia e noite pelo Doleg enfatizou Raikhov. Olhem para o estado daquela barça... é perigosíssimo. Os, ah, voluntários deles devem ser muito importantes para viajarem com tanta pressa.

Tanto Tannath como Hazabel estavam completamente desinteressados dos motivos ou dos tripulantes da barça. Sabiam que se dirigiam para a Sirulia, para onde Quenestil, Slayra e Aewyre Thoryn estavam encaminhados, e o resto não importava. À medida que se aproximavam do cais, iam-se apercebendo da veemência dos protestos da tripulação, aos quais os estivadores respondiam com pedidos de calma pouco convictos e ombros encolhidos, apontando na direcção de Raikhov assim que o avistaram. O adjunto do capitão do porto ergueu os braços, anunciando sorridente o fim do estorvo, mas o que devia ser o capitão do barco, um homem alto e de barba e cabelo negros e espessos, dirigiu-se a ele iradamente, vituperando num Leochlan difícil de decifrar. Tannath e Hazabel assistiram à conversa, na qual Raikhov tentou aplacar a indignação do homem, apontando frequentemente para os dois e fazendo alusão ao que só podia ser dinheiro. O capitão avaliou-os com um mero olhar e de imediato abanou negativamente com a cabeça, apontando para a barça e

batendo com o indicador na mão aberta, provavelmente referindo-se à mensagem clara da carta que fora enviada ao capitão do porto.

O que é que aqueles idiotas estão a discutir? sibilou Hazabel.

Não sei, mas o bom do nosso adjunto não parece estar a conseguir fazer valer o seu ponto de vista. Espera aqui.

O eahanoir foi ter com os dois tanarchianos, atraindo pela primeira vez o olhar do resto da tripulação, e interpôs-se entre ambos, tossicando.

Senhor, deixe estar disse-lhe Raikhov, tentando fazer parecer que tinha a situação em mãos. O outro homem fitava-o com desprezo. O capitão está só um bocado zangado, e...

Ignorando-o, Tannath remexeu em algo dentro da sua capa e o seu braço emergiu dela, segurando uma bolsa com um fundo bojudo que tilintou quando o eahanoir a abanou.

Eu e ela disse Tannath, apontando para si e para a harahan com o polegar, indicando de seguida a barça com o indicador no barco. Por isto tilintou os conteúdos da sua bolsa para dar ênfase.

O trincolear do ouro agiu como um bálsamo para a fúria do capitão da embarcação, que ainda assim se mostrava hesitante em aceitar de imediato a proposta, apesar do montante envolvido. Algo o estava a fazer hesitar, e Raikhov achou que a altura era a ideal para se fazer útil, retomando a conversa com um sorriso pretensiosamente desarmante, elevando a pessoa de Tannath aos píncaros da integridade e fiabilidade. Os olhos astutos do capitão fitavam o eahanoir, a harahan e a bolsa alternadamente, sem sequer desconfiar da identidade dos dois, mas pressentindo algo a respeito de ambos que o deixava um tanto quanto apreensivo. Por fim, o ouro pesou mais do que a prudência, e o capitão assentiu relutantemente com a cabeça, que de seguida inclinou, dando a entender que os queria aos dois dentro da embarcação o quanto antes para partirem de imediato. Tannath fez uma curta vénia de agradecimento e atirou-lhe a bolsa para a mão, voltando para a harahan com o adjunto aos seus calcanhares.

Já está, não lhe disse? exclamou o homem, satisfeito. Ele estava a, ah, levantar algumas dificuldades, mas não há nada que palavras sensatas saídas da boca certa não resolvam, e, ah...

Talvez se devesse retirar, antes que o capitão do porto saiba o que aconteceu interrompeu Tannath com a sensação de que Raikhov estava a tentar enfiar a mão na sua bolsa à procura de mais ouro. Sempre me disseram que os caranguejos de Tanarch sabem tão bem porque são muito vorazes.

O adjunto calou-se, obviamente pouco satisfeito com a perspectiva de não ganhar um pouco mais do que já recebera, mas a não tão subtil sugestão do eahanoir dava a entender que a sua assistência já não era necessária. Ainda assim, o homem insistiu, pois estava habituado a regateios.

Ah, sim... bem, sabe, é que com tudo o que foi preciso senhor, ah...

Gosta de mel, Raikhov? inquiriu Tannath, tirando os alforges da sela do cavalo e nutando com a cabeça perante o olhar inquiridor de Hazabel.

Ah, como?

Sei que em Tanarch apreciam muito o mel da Latvonia... Apesar de saber que a harahan devia ter quase o dobro da sua força, o eahanoir atirou os alforges por cima dos ombros para manter as aparências. São insectos muito eficientes, as abelhas. Sabe o que acontece aos abelhões depois de estes terem cumprido a sua função?

O homem piscou os olhos e reflectiu de dúbia boca entreaberta acerca das palavras de Tannath, mas o olhar do eahanoir esclareceu todas as suas dúvidas.

- Ah.

Adeus, Raikhov despediu-se Tannath, passando ao seu lado com Hazabel no seu encalço. Pode ficar com o cavalo.

A poucos passos da prancha de embarque e debaixo do olhar expectante da tripulação, Tannath inclinou-se para Hazabel.

Quantos... fígados te sobram, mulher?

Três.

O eahanoir praguejou em surdina na sua língua.

Tenta não os matar a todos antes de chegarmos ao nosso destino, está bem? Não convinha ficarmos à deriva no mar para tu lhes desopilares os fígados.

A única resposta de Hazabel foi o que pareceu um riso mórbido abafado pelo capuz, talvez causado pelo humor negro do eahanoir, talvez pelo destino que já tinha reservado à tripulação. Tannath preferia inclinar-se para a primeira hipótese, pois embora preferisse evitar um confronto com uma harahan, não iria permitir que a mulher lhe emperigasse a viagem. Os dois entraram na barça, limitando-se a trocar olhares com a tripulação. Aparentemente, o ouro não deixara nada por dizer, e tanto um como o outro preferiam que assim fosse. Contudo, algo fez com que Hazabel se detivesse subitamente, chamando a atenção do eahanoir para o objecto para o qual ela estava a

olhar: um grande caixote rectangular deitado no convés e separado da restante carga. A harahan olhava fixamente para o contentor, embora este fosse simples e desprovido de qualquer indício daquilo que dentro de si portava. Tannath estranhou a atitude da mulher, mas perante um escrutínio mais atento notou de facto que havia algo de... errado com o caixote. Não era nada que pudesse ver, cheirar ou ouvir, mas não podia deixar de sentir algo, algo que lhe teria eriçado os pêlos do pescoço caso os tivesse, algo que o enchia de vontade de abrir o caixote e ao mesmo tempo o fazia sentir que essa seria a última coisa que deveria fazer.

A inspecção dos dois não passou despercebida à tripulação, que estranhou a atenção que davam a um singelo caixote, e Tannath puxou a manga de Hazabel, indicando-lhe um assento a uma distância razoável do contentor. Os dois vultos sentaram-se e fingiram-se alheios aos olhares dos quais eram alvos, resguardando-se com os seus capuzes. A barça estava pronta a velejar, e o capitão deu a ordem de partida, fingindo que os dois não existiam enquanto supervisionava o erguer das velas e o desatar das amarras. Todos pareciam ter pressa, reparou Tannath, mais pressa do que qualquer marinheiro devia ter para navegar de noite rumo a uma guerra com pouco mais no barco além de mantimentos para uma viagem e uma tripulação como alegados e improváveis voluntários. Algo não batia certo.

E aquele caixote...

Aemer-Anoth

Ao fim das mais de duas semanas de viagem no mar, a barça siruliana chegou a Asmodeon. A costa rochosa que avistaram fora ansiada por aqueles que aguardavam o fim da extenuante viagem e temida pelos que sabiam o que nela os aguardava. A oeste estava o Istmo Negro, a extensa ponte de areia que ligava Asmodeon ao resto do continente, e que se encontrava submersa pela maré alta. Foram saudados por um comité de rolas-do-mar que voejavam ao longo das falésias, concentradas sobretudo sobre a estreita praia entre duas arribas, o único local de desembarque à vista. No apertado areal escuro fora construído um longo cais acoplado a uma robusta cabana erguida sobre postes acima da praia, por detrás da qual uma escadaria subia pelo trilho escarpado para fora da praia. Duas figuras humanas, provavelmente sirulianos, estavam de pé no cais e pareciam aguardar a chegada da barça.

Asmodeon, pensavam todos a bordo.

A terra dos pesadelos. O covil do Flagelo. O domínio da Sombra. O solo que gerara tantos dos horrores que havia eras assolavam Allaryia.

E contudo, embora pouco mais estivesse à vista além das falésias encimadas por resistentes árvores retortas, parecia tão... vulgar. Não era uma paisagem bonita, com a rocha escabrosa dos penhascos, a água escura à beira-mar, a areia sombria da pequena praia na qual estavam espalhados os esbranquiçados troncos retorcidos de árvores caídas ou arrancadas pelo vento, mas estava longe de corresponder às imaginativas expectativas dos prisioneiros. As rolas-do-mar cantavam no ar e viravam pedras e conchas na praia à procura de alimento, o ar cheirava a sal, o sol primaveril luzia em cima e o horizonte não estava

coberto por nenhuma sombra imensa a bloquear a sua luz. Era uma impressão estranha, semelhante a uma sensação de defraudamento e ao mesmo tempo um alívio.

Alheios às ponderações dos prisioneiros, os sirulianos saudaram os seus companheiros à distância e prepararam-se para o desembarque iminente, ordenando aos homens que retomassem os seus assentos e preparando-se para amarrar a vela. Quenestil, que passara boa parte da viagem nauseado e vergado sobre a amurada, foi persuadido por Slayra e pela proximidade de terra a sentar-se. Evidentemente, os enjoos que julgara ter perdido na travessia de jangada haviam voltado devido ao tempo que passara com os pés assentes em solo firme. Slayra também não se sentira bem durante a viagem, embora por razões diferentes. Os enjoos matinais haviam-na repetidamente colocado ao lado de Quenestil na amurada, e as azias foram um tormento frequente após cada frugal refeição, que comia tanto pela crescente fome como para tirar o incomodativo sabor metálico na sua boca. Sentia-se mais... cheia também, com a estranha sensação de que o seu útero não estava no sítio certo, e a sua disposição não fora das melhores nos últimos dias, rivalizando com a irritabilidade de Worick. O thuragar mantivera-se constantemente pensativo e, embora alegre pela recuperação física e anímica que Lhiannah evidenciava, não podia deixar de estar apreensivo devido à vindoura batalha, pois o veterano conhecia bem os horrores da guerra e era o único do grupo a tê-los experienciado em primeira mão. Estava com a ideia de que os seus restantes companheiros não esperavam nada pior do que o ataque à fortaleza de Coilen, daí que não demonstrassem nenhuma preocupação de maior, mas se as forças de Asmodeon estavam verdadeiramente encaminhadas para o local aonde iam, então não haveria comparação possível entre a escaramuça em Alyun e o que se avizinhava. E isso deixava-o preocupado, mais do que alguma vez admitiria abertamente. Taislin também não estava particularmente comunicativo, pois apesar de orgulhoso por ter salvo os seus amigos do que lhe parecera ser uma morte certa em Val-Oryth, começava a questionar a utilidade do que fizera, se não tirara o pássaro da boca do gato para de seguida o deixar cair e pisar. Do grupo dos cinco companheiros que seguiam na popa, Lhiannah era a única que não parecia carecer de alento, embora estivesse tão pouco faladora como os outros, ocupada com um pensamento qualquer que se recusava a partilhar.

A barça aproximava-se gradualmente do cais, em cuja ponta os dois sirulianos os aguardavam de braços cruzados, envergando os seus exemplares arneses. Viam-se e sentiam-se movimentos nervosos entre

os prisioneiros que, confrontados com a chegada a uma terra da qual apenas guardavam as impressões das horrendas histórias acerca dela contadas, se começavam verdadeiramente a aperceber daquilo que os aguardava. Correntes tilintavam, sussurros raspavam no ar, olhares eram trocados, caras sujas e barbudas revelavam expressões de inquietação e ansiedade. Quando o casco resvalou no cais, um dos Ajuramentados a bordo pegou na grossa amarra e atirou-a ao siruliano no desembarcadouro, que a agarrou e amarrou a um grosso poste. Assim que a embarcação se deteve, a prancha de desembarque foi estendida, e o Mandatário ordenou a ordeira saída dos prisioneiros. Os dois sirulianos no cais não tinham as nucas rapadas e os cabelos penteados para a frente como os seus mais jovens congéneres, e a sua secura e austeridade pareciam mais o resultado de uma mais prolongada vida de rigorismo do que a praticada frialdade de quem ainda estava a tentar convencer os seus superiores. As suas armaduras ostentavam cicatrizes, e os punhos das suas espadas estavam bem conservados mas claramente gastos pelo uso, o que também se podia dizer dos seus corpos e semblantes. Tratava-se de dois homens que claramente já haviam passado por muito, não tão velhos como o Mandatário, mas já com cãs nos seus encaracolados cabelos negros e castanhos colados às cabeças. Aelgar desceu da barcaça para os saudar, e os dois alinharam os prisioneiros ao longo do cais sob o seu supervisionamento, ajudados pelos deferentes Ajuramentados, que de seguida vestiram os seus arneses com a ajuda uns dos outros.

Os cinco companheiros voluntários foram posicionados à frente da procissão flanqueada pelos Ajuramentados, em cujo meio Allumno se encontrava e em cuja ponta Aewyre e os mais robustos prisioneiros carregavam o equipamento e as sobras dos mantimentos, e todos aguardaram enquanto o Mandatário e os dois sirulianos conversavam afastados de todos. Taislin não resistiu a aproximar-se discretamente de costas, fingindo olhar para o desengraçado mar, e a arrebitar a orelha. Os ruídos das rolas e das ondas dificultavam-lhe a compreensão das frases, mas mesmo em voz baixa as palavras dos sirulianos eram fortes e claras.

As marés atingiram o seu esto declarou um dos sirulianos.

Os progressos do avanço? inquiriu o Mandatário.

Estão a uns dois dias de Aemer-Anoth. Os Batedores retardaram-nos, e as guarnições a leste fizeram-nos sangrar antes de retirarem. A de Aellar-Noroth foi encurralada, mas o Fronteiro Daervon vendeu cara a sua vida à Sombra.

Que na morte tenha encontrado a graça de Sirul... disse Aelgar com todo o pesar que um homem que parecia já ter perdido demasiado, podia mostrar.

Os Eahan recusam-se a deixar-nos levar as suas mulheres para Gaul-Anoth, como esperávamos continuou o siruliano de cabelos negros, espetando ainda mais a já arrebitada orelha de Taislin. *Eahan?*

... como esperávamos O burrik não ouviu a primeira parte da frase, momentaneamente distraído pela menção aos lendários eahan brancos. E como sempre o Castelão respeitará a sua decisão?

Sim.

Muito embora a contragosto secundou o de cabelos castanhos.

Como todos nós... aditou o Mandatário. Quantos homens?

Os restantes Mandatários trouxeram-nos um total de trezentos e setenta e três conscritos, Mandatário Aelgar, o que com os vossos perfaz um total de quatrocentos e dezassete para o *Esporão*.

Quatrocentos e dezassete? Não parecia um número muito elevado a Taislin. Certamente seriam bastantes menos homens do que os que vira na batalha no Vale dos Ventos. Mais parecia a lista de convidados para uma festa... e que raio era o *Esporão*?

Terão de ser suficientes afirmou Aelgar categoricamente, parecendo pouco preocupado. Armas e armaduras?

Recebemos um suprimento satisfatório, embora de qualidade medíocre.

O Mandatário soltou um resignado suspiro, como se não tivesse esperado outra coisa.

Muito bem, Miliciares. Não nos devemos deter mais...

Uma pergunta, se me for permitido, Mandatário pediu o siruliano de cabelos negros.

Sim, Miliciar?

Qual a razão da vinda das duas mulheres? perguntou, e os olhares que os companheiros de Taislin averteram fizeram-no perceber que a atenção recaía sobre eles.

Aelgar hesitou antes de responder.

A sua presença tem um motivo, Miliciar disse, dando a entender que não se tratava de um assunto a ser abordado. Os Miliciares pareceram compreender, pois não insistiram.

Pois bem... retomou o siruliano de cabelos castanhos. Devemos retirar-nos então, Mandatário. Aguardam-nos em Gaul-Anoth.

O roçar de metal contra metal denotou um aperto de mãos ou algo semelhante.

Que a luz de Sirul vos resguarde e aos vossos na batalha, Mandatário desejou o outro.

Os dois sirulianos entraram então no barco e prepararam-se para partir nele, e Aelgar deu a ordem de início de marcha para fora da praia, fazendo o tabuado do cais suspenso tremer e ressoar com os passos dos prisioneiros. Os quatro companheiros na dianteira sussurravam entre si, mas Taislin estava demasiado absorto nos seus pensamentos para lhes dar atenção. Não sabia se devia ou não contar-lhes o que ouvira, pois não pensava ter escutado nada de pertinente, excepto talvez a questão dos números. Além de que provavelmente lhe iriam fazer perguntas às quais não saberia responder, e poderiam ver os números com os seus próprios olhos quando chegassem ao seu destino. De momento, eram os Eahan que ocupavam os seus pensamentos. Seria possível? Iria descobri-lo em breve, o que fazia do burrik o mais ansioso dos conscritos.

O solo de Asmodeon era frágil e cascalhento nas encostas das Montanhas que a procissão contornava, mesmo no trilho que se formara através de inúmeras passadas ao longo dos anos. Para grande surpresa de todos menos os sirulianos, flores amarelas cupuladas brotavam por entre o cascalho escuro, tingindo a pedregosa tapeçaria da paisagem de vivazes tons verdes e flavos acentuados pelo sol, que se baixava a oeste, para onde o grupo caminhava. Ninguém vira ainda nuvens negras como piche, nem esqueletos semeados pela terra; nem ouvira vozes vis no vento, nem gritos no ar. Asmodeon não cheirava a sangue seco ou a cadáveres podres, mas sim a pedras, flores desabrochantes e sal devido à proximidade da costa. Não era glacialmente fria nem causticamente quente; a temperatura era a que se esperava de uma península tão a norte durante a Primavera: fresca e húmida.

Confesso que não era bem isto que eu esperava admitiu Quenestil em voz baixa, compelido por alguma razão a não falar alto com o Mandatário tão próximo, independentemente daquilo que dizia. Caminhava de braço dado com Slayra, que se mantinha silenciosa.

Bah, o que esperavas ver? inquiriu Worick. Rios de sangue, drahregs a saltarem do chão, mijo a chover dos céus e lagos de esterco?

Não respondeu Quenestil, sentindo-se ofendido. Mas esperava algo mais, com tudo o que já se passou aqui.

Eu também admitiu Lhiannah, olhando em redor de cabeça descoberta. Parece tão... normal.

É uma terra como outra qualquer, pedras me partam. Há animais que vivem aqui, como em todo o lado... Deviam era preocupar-se com os habitantes, e com o que os sirulianos têm reservado para nós.

Recordados do propósito da sua vinda, os companheiros quedaram-se silenciosos e nada mais se ouviu além dos ásperos passos cascalhosos, o ruído acerado dos arneses dos sirulianos e o tilintar de correntes. Aelgar forçava a procissão a uma marcha apressada, obviamente com pressa de chegar a Aemer-Anoth, onde é o que quer que isso fosse. Os companheiros só obtiveram a resposta ao final da tarde quando chegaram ao cimo de um outeiro que olhava de alto o terreno que começava a descer e se estendia numa baixada pelo azulado horizonte fora.

A paisagem era dominada por um imponente castelo de construção invulgar, situado no topo de dois afloramentos de rocha de configuração escarpada que sobreolhavam um rio. Na verdade, tratavam-se de duas estruturas distintas separadas por um íngreme fosso e unidas por uma ponte levadiça por cima deste: a mais pequena era uma bastilha de forma triangular com dois altos torreões nas pontas da base do triângulo, das quais partiam as muralhas reforçadas por duas torres flanqueantes que se encontravam num terceiro torreão no vértice. A outra era um verdadeiro castelo de formato poligonal com uma muralha provida de seis torres mais altas do que as da bastilha, dentro de cujo pátio ainda se encontrava uma imponente torre de menagem rodeada por outra robusta muralha. O anciano megálito ostentava as cicatrizes de inúmeras batalhas e cercos, e os tons díspares do cinzento das suas muralhas sugeriam incontáveis reparações. A única entrada encontrava-se entre uma torre flanqueante e o torreão na ponta da base da muralha leste da bastilha, acessível através de um carreiro na rocha paralelo à muralha que levava a uma estreita barbacã. De resto, os afloramentos eram demasiado altos e íngremes para providenciarem qualquer outro ponto de acesso praticável. Era uma fortaleza altiva e imperiosa, que prometia um verdadeiro inferno a quem a tentasse tomar, e, mesmo àquela distância, os prisioneiros não puderam deixar de abrir as bocas de espanto e admiração. A tentativa de uma estrada serpeava pelos abundantes outeiros a nordeste e passava por entre o apertado fosso que separava as duas estruturas de Aemer-Anoth, dando acesso à ponte de pedra aninhada entre os dois afloramentos

de rocha que constituía o único ponto de acesso ao outro lado do rio. Um exército teria de tomar primeiro o castelo antes de poder sequer pensar em atravessar a ponte, pois de outra forma seria chacinado no apertado fosso por arqueiros a dispararem do topo das muralhas de ambas as fortificações. Também era possível contornar o rio num baixio a norte, mas comandante algum alguma vez consideraria sequer a possibilidade de deixar uma guarnição de sirulianos na retaguarda do seu exército.

Contemplem Aemer-Anoth! declarou o Mandatário em voz alta, virando-se de seguida para os prisioneiros com uma expressão séria. Irão defendê-la com as vossas vidas, ou perdê-las-ão.

Quanto mais se aproximavam da fortaleza, mais intimidados os prisioneiros se sentiam, não tanto pela sua imponência pétrea, mas pelo que nela os aguardava. Quando a sombra das suas muralhas e torres os cobriu, já o sol era denteado pelas ameias, das quais espreitavam cabeças de elmos e pontas de lanças reluzentes com a derradeira luz do dia. A procissão seguiu ordeiramente pelo carreiro do afloramento de rocha rugosa, sobre a qual tanto sangue já escorrera que estava impregnada com tal dor e sofrimento humano e inumano que todos o podiam sentir, ainda que de uma forma subtil. Cada passo contava uma história diferente, nenhuma agradável de ouvir e todas elas alusivas a mortes violentas, a sangue, agonia e medo, os desditosos filhos da guerra. Worick sentia-o com particular intensidade, lendo as expressões das pedras como outra pessoa faria com caras, e embora não se tratasse de nada ao qual não estivesse já habituado, o facto de Lhiannah estar agora também envolvida não podia deixar de o preocupar. O som raspante e metálico do rastrilho da barbacã fez-se ouvir ao ser aberto quando a procissão se encontrava a meio do carreiro rochoso. Eram aguardados à entrada da bastilha debaixo da barbacã por um siruliano de cabelos agrisalhados acompanhado por um séquito do que deviam ser Ajuramentados, embora fosse difícil dizer devido aos elmos que usavam, afunilados à maneira siruliana e com babeiras em forma de relhas de arado. O siruliano mais velho tão alto como o Mandatário e revestido por um esplendoroso arnés com o braço direito decorado com ornatos gravados a ácido, sobre o qual ainda repousava uma clâmide amarela pendurada à espaldeira saudou Aelgar com um forte aperto de mãos enluvadas de aço. Passou de seguida os olhos azuis pelo grupo de quarenta e quatro maltrapilhos que Aelgar lhe trouxera, bem como os cinco

estranhos voluntários, e especialmente as mulheres entre estes, Slayra em particular, sobre as quais o seu impassível olhar adquiriu a aparência de expressão.

Mandatário...?

Explicarei tudo a seu devido tempo, Factoto Caendal interrompeu Aelgar.

Muito bem. O Castelão aguarda novidades vossas, e decerto quererá ver-vos o quanto antes. Deixai os conscritos comigo, e...

Levarei uns comigo, Factoto. Julgo que poderão ser do interesse do Castelão, e do vosso também.

Os dois sirulianos falaram silenciosamente com os olhos, e Caendal acabou por anuir.

As vossas palavras são estranhas, Mandatário, mas irei convosco se com isso vier a percebê-las melhor. Ajuramentado Aeden!

Senhor! chamou um jovem siruliano atrás do Factoto.

O grupo fica ao vosso comando disse sem sequer olhar para trás. Levai os conscritos para as suas instalações e procedei ao esclarecimento e à distribuição de armas.

Sim, senhor! obedeceu o Ajuramentado de imediato, assumindo o comando dos seus colegas e o dos que haviam acompanhado Aelgar.

Quais desejais levar, Mandatário?

O grupo de voluntários, incluindo as mulheres, e aqueles dois indicou Allumno e Aewyre. Grande parte dos olhares recaíam sobre o jovem, divididos entre a estranheza da presença de duas mulheres e daquele que parecia ser um siruliano acorrentado. Slayra e Worick em especial recebiam olhares que só podiam ser descritos como pouco amigáveis. E pedi a um Ajuramentado para trazer aquele caixote.

Um grupo bizarro, o que nos traz, Mandatário... comentou Caendal, virando-se para um jovem siruliano, ordenando-lhe que tirasse as grilhetas aos dois e que levasse o caixote indicado por Aelgar. O grupo então separou-se, com os Ajuramentados e os prisioneiros a dirigirem-se à entrada de uma das torres flanqueantes.

O pátio interior da bastilha estava vazio, uma extensão de terra batida desprovida de edifícios ou de qualquer outra estrutura, nem sequer um poço. Os únicos presentes eram outros prisioneiros que ouviam as ordens e indicações de grupos de sirulianos arnesados. O facto de se estarem a dirigir ao portão da ponte levadiça na base da muralha triangular mereceu-lhes a atenção de boa parte dos presentes,

mesmo dos próprios sirulianos, que contudo se abstiveram de fazer perguntas aos seus superiores. A um sinal do Factoto, o rastrilho foi erguido, apresentando uma queda livre para o profundo fosso e a ponte levadiça da muralha em frente. Uma trompa soou por cima do portão e ouviram-se enormes correntes a deslizar do outro lado, baixando a rangedora ponte de grossas tábuas reforçadas por rebites e faixas de ferro enquanto outro rastrilho era erguido. A ponte esbarrou ruidosamente nas calhas de pedra do lado da muralha dos companheiros, e Caendal pôs nela o pé antes que o rastrilho estivesse completamente erguido, dirigindo-se pela primeira vez ao grupo.

O que vão ver não está reservado a muitos. Desconheço os propósitos que o Mandatário Aelgar tem para vocês, mas só por isto dever-lhe-iam estar gratos disse, fazendo um gesto a todos para que o seguissem.

Os companheiros ficaram intrigados com as palavras do Factoto, mas foram atrás dele sem fazerem perguntas, evitando olhar para os lados, pois embora a ponte fosse larga, não dispunha de nada que se entepusesse entre uma pessoa e uma perigosa queda. Taislin não resistiu e deu uma olhada, tecendo um comentário acerca da altura que fez com que Quenestil o puxasse para trás pelos colarinhos. Em circunstâncias normais, o burrik teria ficado ofendido, mas estava demasiado excitado, lembrando-se dos eahan dos quais Aelgar falara, e o que Caendal acabara de dizer deixara-o ansioso ao ponto de quase passar por baixo das enormes pernas do siruliano e correr para o outro lado da ponte para ver o que as muralhas escondiam.

Não ficou desapontado quando atravessaram a barbacã.

A primeira coisa que saltava à vista no pátio dentro das muralhas além do facto de ser relvoso era a torre de menagem colada à muralha norte, uma possante estrutura ameaçada com tecto cónico protegida por uma muralha em meio círculo assente numa elevação do afloramento. Contudo, a atenção dos companheiros rapidamente se desviou para a esquerda, onde os seus olhares ficaram retidos.

Além de uma cisterna, havia apenas uma estrutura no pátio, e essa era deveras invulgar, destoando acentuadamente dentro do ambiente belígero das muralhas de uma fortaleza. Feita inteiramente de mármore, estava assentada num sólido círculo com degraus concêntricos à entrada, sobre o qual havia outro círculo mais pequeno, que por sua vez apoiava um terceiro mais pequeno ainda, em cima do qual estava um belver constituído por uma colunata redonda que sustentava uma cúpula de mica translúcida. Os círculos formavam uma pequena torre

de andares sucessivamente de menor superfície, tinham janelas de pedra com motivos em forma de semicírculos e foices que lembravam crescentes. Motivos lunulares semelhantes decoravam o resto do edifício, cujas colunas aneladas ostentavam relevos selénicos, e atrás dele via-se um ensombrado recinto jardinado cercado por um muro de mármore com globos luminosos nele esculpidos e com armações de madeira dispostas em semicírculos encostados à fria muralha repletas de fragrantes flores brancas. Porém, não fora o edifício a chamar a atenção dos companheiros, mas sim os seus ocupantes que se encontravam nos degraus e no jardim, e que mesmo à distância de trinta passos os deixaram a todos boquiabertos.

Eram Eahan, os lendários eahan brancos, os protegidos de Sirul. Altos e elegantes, os seus longos e sedosos cabelos eram brancos como a neve, os olhos azuis-escuros brilhavam como safiras e a pele era da cor do marfim envelhecido. Homens e mulheres envergavam vestes soltas em tons de branco, prateado, azul e negro, que pareciam cintilar a cada movimento. A entrada dos companheiros não lhes passou despercebida, e os Eahan fitaram os desconhecidos com genuíno interesse enquanto eram admirados por estes. Encontravam-se demasiado longe para saber dizer ao certo, mas pareciam estar a sorrir aos recém-chegados.

Prossigamos ordenou o Mandatário, sentindo que já lhes concedera um privilégio ao dar-lhes tanto tempo para admirarem os Eahan. O Castelão aguarda-nos.

Relutantemente e torcendo os pescoços para olharem para trás, os companheiros seguiram pelo trilho de relva pisada que levava à torre de menagem e que cindia o pátio como uma cicatriz em pele verde. Alguns Eahan ergueram as mãos em despedida, mas a maior parte deles começou a falar entre si, obviamente intrigados com a presença de estranhos.

Vocês viram-nos? perguntou Taislin, excitadíssimo. Eram Eahan! *Eahan!*

Embora não fossem contagiados pelo entusiasmo do burrik, nenhum dos companheiros ficara impassível após ter visto os eahan brancos, cuja mera visão os distraíra das suas preocupações mais imediatas, deixando-os numa espécie de estado de inebriamento passivo enquanto tentavam verbalizar o que haviam sentido ao tê-los visto e eram conduzidos como ovelhas até à ponte levadiça da muralha da torre. Sirulianos armados e arnesados observavam-nos de forma quase ameaçadora do topo das ameias e torreões, empunhando alabardas e

possantes arcos longos. O sol já descera atrás da muralha oeste, cuja sombra cobria agora o pátio. A ponte levadiça tinha a base acima do nível do chão e era íngreme, com um centro liso e os cantos providos de tábuas pregadas a servirem de degraus improvisados, e tornou-se óbvio ao subirem que, no caso de um cerco, a torre estaria longe de ser tomada mesmo que a ponte fosse baixada por traição ou acidente. A muralha fora judiciosamente construída sobre a elevação do afloramento rochoso, parecendo quase parte integrante dele e impossibilitando quaisquer escavações debaixo das suas fundações. Worick acenou aprovadoramente com a cabeça ao subir; os outros viraram as suas para trás para um último olhar aos eahan, constatando que alguns ainda os observavam.

Já dentro do ainda mais sombrio recinto interior, os companheiros foram rapidamente conduzidos à entrada da imponente torre de menagem, passando por grupos de Ajuramentados e Miliciares que lhes reservavam sempre um olhar penetrante e, no caso de Worick e Slayra, intensamente desaprovador. Quenestil apertou a eahanoir contra si, apercebendo-se da animosidade patente nos olhos dos sirulianos.

Não gosto deste lugar... sussurrou-lhe Slayra, afagando o seu ventre.

O shura não respondeu, pois embora a atmosfera também não lhe agradasse, sentir-se-ia estúpido a dizer que não *gostava* de uma das fortalezas que ao longo dos séculos haviam garantido a segurança de Allaryia. Mas Slayra estava de facto a receber muita atenção, bem como Worick e Lhiannah, e nenhum dos três se sentia confortável com os olhares, pelo que a entrada na torre constituiu um alívio temporário.

O edifício era frio e austero como os seus habitantes, totalmente desprovido de qualquer tipo de decoração e iluminado por tochas. Passaram por uma enorme porta de ferro reforçado flanqueada por dois sentinelas átonos que mal registaram a sua passagem, e enveredaram por um corredor com seteiras nas paredes nas quais os ecos dos seus passos reverberavam. Com os seus avaliadores olhos em bico, Worick olhou para cima e viu os buracos no tecto através dos quais os defensores poderiam despejar morte sobre visitantes indesejados.

”Pedras me partam, decididamente não queria estar na pele de quem atacar este lugar... se é que alguma vez chegariam aqui, com tudo o que há lá fora...”

Por alguma razão, o thuragar ficou mais tranquilo. Aemer-Anoth não era inexpugnável, mas quase, e com defensores motivados duvidava

de que o inimigo alguma vez ultrapassasse as muralhas da bastilha. Claro que ainda não sabia ao certo o que iriam enfrentar, e também não tivera ocasião de avaliar a têmpera dos prisioneiros, mas com sirulianos e eahan do seu lado só uma nova Horda conseguiria tomar a fortaleza.

Perdido nas suas reflexões, quase não reparou quando os seus companheiros pararam subitamente ao entrarem no que devia ser o salão nobre da torre, uma sala rectangular com tecto de abóbadas de arestas de cujos centros pendiam candelabros de ferro. Tal como o resto da torre, era exclusivamente funcional e não tinha decoração de qualquer espécie, sendo a luz amarelada dos candelabros a única cor no meio da monot nia pardacentas. Havia apenas uma janela elevada ao fundo da sala, da qual já não entrava luz nenhuma, e em baixo da qual se encontrava um cadeirão sobre um estrado com degraus. Aos p s dos degraus encontrava-se um grupo de tr s eahan arnesados, dois sirulianos com roupas de batedores e um com um arn s, que provavelmente haviam sido a razão para o súbito estacar dos seus companheiros; e em cima do cadeirão estava sentada uma majestosa figura: um siruliano, o mais velho que o grupo até então vira e o único com barba. A sua ainda basta cabeleira estava cindida por uma risca ao meio e, tal como a barba impecavelmente aparada, era branca e sarapintada de negro. Envergava um arn s com cada placa revestida por tecido vermelho debruado a amarelo, e mesmo sentado àquela distância o seu porte era desmedido, quase gigantesco, talvez mesmo do tamanho de um antroleo. Claramente a liderar o grupo de eahan brancos estava um eahan alto e robusto, com os compridos e brilhantes cabelos brancos cingidos atrás da nuca por uma tiara prateada na qual estava incrustada uma brilhante hematite negra pontilhada de prateado. O seu arn s era menos volumoso que o dos sirulianos, e bastante mais decorado com motivos selénicos e espaldeiras em forma de crescentes. Era visivelmente mais velho do que os restantes eahan presentes, com a cara vincada e uns baços olhos azuis-escuros, mas   primeira vista parecia ser anos mais jovem do que o siruliano sentado, embora os dois devessem ser sensivelmente da mesma idade.

Observados pelos seus líderes, o grupo de tr s eahan e sirulianos aos p s do estrado estava a discutir numa língua que os companheiros não percebiam, mas que lhes dava a entender que havia discórdia a respeito de um determinado assunto quando entraram. Os pesados passos do Mandatário e do Factoto anunciaram a sua chegada, e os contendores silenciaram-se, descarregando o peso dos seus olhares

sobre os recém-chegados, que por pouco não vacilaram com o impacto. Os brandos olhos dos eahan eram inócuos, embora perturbadores à sua maneira, mas os dos sirulianos eram como virotes de besta, embatendo com violência quando assim o desejavam. Não havia Ajuramentados presentes nem jovens eahan; aquele era claramente um encontro importante, e o siruliano mais novo que carregava o caixote atrás do grupo sentiu-se nitidamente deslocado, abrandando o passo como se julgasse que a qualquer momento ser-lhe-ia ordenado que parasse e volvesse. O Mandatário e o Factoto avançaram decididamente e o grupo de eahan e sirulianos apartou-se para lhes dar passagem, cada um recuando para o lado do seu líder. Aelgar e Caendal então levaram os joelhos ao chão, raspando com as joelheiras na pedra.

Ao vosso serviço, Castelão saudou o Mandatário.

Saudações, Patriarca disse o Factoto, dirigindo-se ao eahan mais velho.

O eahan branco recebeu a saudação com um aceno de cabeça, embora estivesse claramente mais interessado no díspar grupo que os dois sirulianos haviam trazido consigo.

Saudações, Mandatário Aelgar. Quem são estes que traz ante a nossa presença? perguntou o Castelão numa voz estentórea que parecia deslizar pelas abóbadas como ondas numa praia.

Sem tirar o joelho do chão, Aelgar olhou para trás e fez uma expressão séria ao constatar que os companheiros estavam de pé.

De joelhos perante o Castelão Aedreth Caeryth e o Patriarca Hanal Lasan. Ajuramentado, pode pousar atrás de mim o que trouxe e retirar-se. Feche as portas ao sair.

O jovem siruliano foi o primeiro a fazer como lhe fora ordenado, executando uma rígida vénia ao seu senhor e aos seus superiores antes de sair da sala e fechar as portas. Os companheiros ajoelharam-se hesitantemente enquanto o Ajuramentado se retirava, incertos quanto ao que dizer ou fazer. Mesmo Allumno, habituado como estava a protocolo e etiqueta, se sentia deslocado e inseguro enquanto apoiava a mão no ombro de Aewyre. Os dois líderes receberam as irresolutas saudações com acenos de cabeça e esquadrinharam os estranhos num curioso escrutínio.

O Mandatário Aelgar assegurou-me de que estes indivíduos seriam do vosso interesse, Castelão disse Caendal, incluindo Hanal educadamente com o olhar.

Ergam-se disse Aedreth. Mandatário, queira elucidar-nos quanto a este grupo.

Sim, e quanto à razão que o levou a trazer uma filha do Flagelo e um fruto da odiada Luris para Aemer-Anoth interveio um dos Miliciares presentes, indicando Slayra e Worick e encolhendo a cabeça de seguida perante um olhar severo de Aedreth. As minhas desculpas, Castelão.

Os companheiros sentiam-se como animais exóticos trazidos para exposição quando se levantaram, e Slayra e Worick perceberam por fim a razão pela qual se haviam sentido particularmente visados pelos olhares dos sirulianos. Os eahan observavam com interesse sem terem ainda proferido uma única palavra.

Certamente, Castelão... disse Aelgar, repreendendo ele também o Miliciar com um olhar de censura. Tal como me foi incumbido, cumpro a minha missão de recolher conscritos e prolongar a linhagem em Val-Oryth, embora tenha deparado com dificuldades que poderão mais tarde ser discutidas. Enquanto o fazia, encontrei este singular grupo apontou para trás com a mão acusado do assassinio de lorde Malagor da Torre Judicante.

Houve um virar de cabeças colectivo para o grupo, e os companheiros por momentos pensaram que iriam ser julgados outra vez.

Já antes os havia encontrado, e o jovem alto que vedes atrás de mim prestou-me auxílio e aos Ajuramentados que me acompanhavam num insurgimento durante uma missão da linhagem. Dias depois, fui avisado de que enfrentavam penas de morte, surgiu a meio da audiência e invoquei a Lei da Conscrição de Clausura, ilibando-os das suas acusações, e...

Mandatário... interrompeu Aedreth. Quem são eles?

A jovem humana é a princesa Lhiannah Syndar, filha de Sunlar Syndar, regente de Vaul-Syrith. O mago é Allumno da Gema Vermelha, conselheiro de Aereth Thoryn, regente de Ul-Thoryn. E este... apontou para Aewyre sem sequer olhar para ele é *Aewyre Thoryn*.

A cabeça do Factoto virou-se bruscamente para o Mandatário com um ar chocado e de um momento para o outro Aewyre viu-se no eixo de uma sala repleta de olhares das mais variadas expressões. Fez um esforço por não recuar um passo e olhou para um ponto indeterminado em frente, incapaz de os enfrentar a todos. Tanto o Castelão como o Patriarca estavam verdadeiramente intrigados, e o mesmo se podia dizer dos grupos de sirulianos e eahan, que contudo não se pronunciavam.

A sua vinda a Tanarch sem qualquer aviso prévio seria por si só de estranhar, mas Aewyre Thoryn também trouxe isto consigo

continuou Aelgar, abrindo o caixote e tirando Ancalach dele, empunhando a espada diante dos estupefactos presentes. A luz dos candelabros incidia nos ornados copos da Espada dos Reis, dourando-os e abrilhantando a lâmina desprovida de quaisquer riscos ou bocas. Se o Mandatário quisesse surpreender ainda mais os seus congêneres e os eahan brancos, acabara de o conseguir, e Aewyre pensou que se iria vergar debaixo do peso de todos aqueles olhos.

Aelgar avançou, subiu o estrado e ajoelhou-se perante o seu senhor, oferecendo-lhe Ancalach com ambas as mãos. Aedreth olhou para a arma, e via-se na sua pouco relaxada postura que não estava habituado a ser surpreendido; todavia, acabou por estender a mão e crispar os dedos enluvados e cobertos de aço no punho de Ancalach. Empunhou a espada em riste, percorrendo de cima para baixo o afiadíssimo fio da lâmina com os olhos, e pousou-a de lado sobre a palma da sua outra mão. Hanal subiu ele também os degraus do estrado de forma a ficar com a cabeça à altura da do Castelão, e embora não se estivesse a dirigir aos companheiros, as palavras que lhe saíram da boca causaram uma duradoura impressão nos seus ouvidos, sossegando-os e deixando-os mais à-vontade. Não percebiam a língua, mas cada sílaba precedia e seguia a outra em perfeita harmonia e incutiu-lhes uma sensação de confirmação. Aedreth fitou o eahan e nutou com a cabeça, tornando a olhar para Aewyre de seguida.

Aproxima-te, Aewyre Thoryn disse em passiva autoridade, pousando Ancalach sobre os joelhos. Aelgar ergueu-se de imediato e postou-se do lado oposto ao de Hanal no estrado.

Aewyre hesitou e olhou para os seus companheiros, procurando apoio que sabia que não poderia receber, e acabou por avançar por falta de opções, ficando no meio do fogo cruzado dos olhares dos dois grupos.

Diz-me, Aewyre Thoryn ressoou a voz do Castelão, o que fazias em Tanarch com a espada do teu pai?

O jovem engoliu em seco, sabendo bem que era inútil mentir ou dissimular a verdade. Os orbes do velho siruliano eram azuis como dois charcos cristalinos, e a sua alma parecia reflectir-se neles, despida até ao âmago do seu mais íntimo ser e dentro deles retida como uma imagem à superfície da água.

Eu... inspirou fundo, sentindo-se como uma criança apanhada após uma travessura. Eu saí de Ul-Thoryn com Ancalach... sem o conhecimento do meu irmão... do regente. Queria... a voz falhou-lhe, e Aewyre pigarreou quero descobrir o que aconteceu ao

meu pai, e a única maneira de o saber... é ir a Asmodeon. Sirulianos e eahan entreolharam-se. Por isso estava em Tanarch...

Hum, e os teus companheiros? inquiriu o Castelão, erguendo ligeiramente a ponta de Ancalach na direcção destes.

Encontrei-os nas minhas viagens. São meus amigos. Por fim, uma pergunta de resposta fácil.

Incluindo a eahanoir e o thuragar? E daí, talvez não.

Sim ousou Aewyre dizer, sentindo necessidade de defender os seus companheiros. Confio a minha vida a cada um deles. Viajámos juntos durante este último ano.

Quenestil apertava Slayra contra si com um braço, e Lhiannah reparou que Worick tinha os punhos fechados, ciente da hostilidade dos sirulianos.

Entendo... continuou o Castelão a conversa, como se mais ninguém estivesse presente na sala. E por que foram acusados pelo assassinio de lorde Malagor?

Aewyre hesitou antes de responder, com a distinta impressão de que uma palavra em falso lhe poderia ser custosa, mas tornou a optar pela verdade sincera.

Os meus companheiros não estiveram envolvidos nisso... só o Allumno, que estava comigo. O... ah... lorde Malagor era um Filho do Flagelo, e nós já tínhamos sido atacados pelos seus homens. Só que não o sabíamos e, quando eu fui convidado para uma festa por lorde Malagor, o Allumno veio comigo... ah, porque tinha sido atacado por ele enquanto meditava... quer dizer, no Pilar. Estaria a ser claro? Era impossível dizê-lo pela expressão inalterada de Aedreth, e não ousava tirar os olhos dos dele. Bem, quando o viu, o Allumno atacou-o para me defender, e as pessoas que lá estavam pensaram que se tratou de assassinio. Mas não foi; eles eram Filhos do Flagelo... a pupila de lorde Malagor também era uma; a... princesa Lhiannah reconheceu-a no tribunal. Eu...

Maldição, por que não dizia o homem alguma coisa? O interior do salão real era fresco, mas Aewyre sentiu gotas de suor a brotarem da sua testa. Estava agudamente consciente da sua lastimosa aparência, da sua barba de três semanas, das cicatrizes no lado esquerdo da face, das linhas de sujidade que demarcavam os vincos na sua testa enrugada, das suas roupas sórdidas...

Eu acredito no que diz, príncipe Aewyre interveio Hanal repentinamente, deixando o jovem demasiado atordoado para ficar

surpreendido. O eahan contemplava-o a meio do estrado, parecendo ser mais ou menos da sua altura, e dirigiu-se a Aedreth sem desviar o olhar. O príncipe fala a verdade, Castelão.

Eu sei, Patriarca disse o siruliano, mas a história não deixa de ser intrigante. Então viajaste este caminho todo para descobrir o que aconteceu ao teu pai, Aewyre Thoryn?

Sim afirmou o guerreiro sucintamente, acenando com a firme cabeça, sem vontade de repetir o ordálio que era falar com o Castelão e olhar para ele ao mesmo tempo.

E para esse fim fugiste de Ul-Thoryn com a espada que lhe pertence por direito?

Sim estranhamente, Aedreth parecia aprovar das respostas concisas do jovem.

E como pensavas chegar a Asmodeon?

A pé... ou de barco. E não *pensava*. Ainda penso.

O grupo de sirulianos mexeu-se em silencioso ultraje pela ousadia do jovem, mas nenhum ousou interromper o Castelão, que fingiu não notar.

Tencionavas viajar por uma terra que há milénios apenas é pisada por drahregs e outras criaturas vis, acompanhado por seis companheiros, portando o chamariz para as forças do Flagelo que é a Espada dos Reis, e entrar na própria fortaleza de Asmodeon, na qual nem os exércitos combinados dos sirulianos e eahan conseguiram penetrar séculos atrás?

Um breve silêncio.

Sim.

Outro, durante o qual Aedreth ergueu um sobrolho branco com alguns isolados pêlos negros.

- És filho do teu pai, sem dúvida... comentou, lançando um quase imperceptível olhar de soslaio ao Mandatário. Presumo então que matar lorde Malagor não fizesse parte dos teus planos?

Não, não fazia respondeu Aewyre, talvez demasiado depressa.

Muito bem. Ainda assim, tu e os teus amigos foram condenados e encontram-se agora debaixo da minha jurisdição...

Eles não foram! Só eu e o Allumno é que...

Os teus amigos ofereceram-se como voluntários, Aewyre Thoryn interveio Aelgar a seu lado. Todos eles.

A atenção do Castelão recaiu sobre o Mandatário.

Mandatário Aelgar, talvez agora me podeis explicar por que haveis trazido um grupo com duas mulheres?

Eu... Aewyre viu Aelgar hesitar pela primeira vez. Não foi uma decisão ponderada, Castelão. Tomei-a durante a audiência. O thuragar e o eahan parecem bons guerreiros, e tê-los-ia aceite de qualquer forma. O burrik foi quem me avisou do que estava a suceder na audiência, que Aewyre Thoryn podia ser condenado à morte. As duas mulheres... perdoai a minha irreflectida decisão, Castelão, mas o burrik informou-me de que tanto elas como os seus companheiros corriam perigo, que os Filhos do Flagelo já os haviam atacado e que certamente o iriam fazer outra vez. Eu...

Não vos escusais tanto, Mandatário serenou-o Aedreth.

Por vezes esquecemo-nos de que o que jurámos fazer foi proteger Allaryia e os seus habitantes e, sendo verdade o que o burrik disse Taislin encolheu-se com a atenção do Castelão, haveis feito precisamente isso ao trazer as mulheres convosco.

Sim, Castelão.

É claro que podeis tê-las trazido ao encontro da sua própria morte, mas aqui sempre terão mais hipóteses do que sozinhas em Val-Oryth, não?

Como...? exclamou Aewyre, desagradado pelo tom ominoso das palavras de Aedreth.

Tu e os teus companheiros vão combater, Aewyre Thoryn, lutarão ao lado dos restantes conscritos no Esporão. A bastilha é o *único* ponto de acesso viável à fortaleza, e caber-vos-á a vocês defendê-la sozinhos...

Espere aí! interveio Worick, dando um passo em frente.

O que quer dizer com defendermos aquilo *sozinhos*?

Os eahan fitavam os companheiros com olhos tristes e resignados, mas os sirulianos por pouco não mataram o thuragar com os seus. O Castelão pareceu ficar mais sério ainda ao responder.

Sim, thuragar. Defenderão o Esporão com quatrocentos conscritos que terão a oportunidade de expiarem os seus crimes.

Sozinhos? Mas afinal que espécie de exército é que vem aí, ha?

A indignação de Worick e o medo por Lhiannah sobrepujara-se à sua hesitação.

Mostra respeito, thuragar... disse um dos batedores sirulianos com uma voz ameaçadora, embora Aedreth não parecesse sentir-se de forma alguma ultrajado.

Aproxima-se um exército de cinco mil a leste; drahregs, ulkekh lens e ogroblins. Segundo os relatos dos nossos batedores, devem chegar dentro de dois dias.

Castelão? interrompeu um dos batedores, parecendo querer dar a entender que o seu superior se esquecera de algo.

O Factoto poderá informá-los acerca dos detalhes mais tarde, Batedor Eaduin. Por agora, já sabem tudo o que precisam de saber. Aedreth pontuou a sua afirmação com um olhar fixo na direcção do thuragar. Mais alguma pergunta?

Duas disse Aewyre. Vão obrigá-las a combater? indagou, indicando Lhiannah e Slayra com o polegar.

Não podemos obrigar ninguém a combater, Aewyre Thoryn. Vocês estarão por vossa conta no Esporão e devem fazer como bem entenderem, desde que estejam cientes de que a vossa sobrevivência apenas de vocês depende. As mulheres não precisam de lutar, contudo; elas e o burrik podem tratar dos feridos, ou desempenhar outras funções que não a de combater.

Embora os seus companheiros parecessem mais aliviados, Lhiannah entreabriu a boca para protestar, mas decidiu que a altura não era indicada para discutir essa questão.

Muito bem disse Aewyre. E depois da batalha? O que acontece?

Todos quantos sobreviverem poderão partir e serão escoltados até à fronteira da Sirulia, livres de voltarem para as suas terras...

Vão impedir-me de ir para Asmodeon? O Castelão franziu o cenho.

Aewyre Thoryn, em duas décadas humano algum entrou ou saiu de Asmodeon. Aceita o destino do teu pai e volta para os teus depois da batalha...

Vão impedir-me ou não? Depois da batalha, é para Asmodeon que eu vou, e para a fossa com todo o resto.

Aewyre Thoryn... advertiu o Mandatário.

A expressão do Castelão petrificou-se de repente e a sua armadura rangeu quando o homem apoiou as grandes mãos nos braços do cadeirão, erguendo-se com Ancalach empunhada. Os sirulianos quedaram-se silentes e os olhares dos Eahan viraram-se em simultâneo para Aedreth quando este se agigantou sobre o estrado, parecendo quase tocar com a cabeça no tecto baixo do salão. O homem era enorme, imenso, e a sua armadura revestida de tecido vermelho fazia-o parecer ainda maior, um gigante coberto dos ombros aos pés pelo sangue dos seus inimigos. O seu primeiro passo ressoou pela sala, e a sua ponderosa descida pelos degraus do estrado foi acompanhada pelos olhos de todos os presentes, fixos no Castelão num misto de respeito e temor. O seu

caminhar era lento e grave, alquebrado pelo peso da idade, mas provido de uma energia e vigor nascidos de uma vontade férrea temperada por anos de rigores e provações, e de uma força conservada em músculos rijos como carne defumada. Quando chegou ao nível de Aewyre, o jovem teve de erguer o queixo para enfrentar os seus olhos e apelar a toda a sua audácia e dignidade para não recuar ou se encolher e tapar a cabeça com as mãos perante tão imponente presença. O homem permaneceu diante do jovem, sobranceando-o, e parecia decidido a esperar para ver quanto tempo Aewyre aguentaria cruzar olhares com ele quando por fim quebrou o silêncio:

Caso sobrevivias à batalha, Aewyre Thoryn, ninguém te impedirá de seguires para Asmodeon, nem aos teus amigos, se eles desejarem mesmo seguir-te ao encontro da morte. Aedreth apoiou a base da lâmina de Ancalach sobre a mão esquerda enluvada e entregou-lha. Toma. Irás precisar dela.

Aewyre não esperara reaver a sua espada tão cedo, pelo que hesitou antes de a aceitar, grato pela desculpa para descruzar olhares com o Castelão. Aelgar tirou a bainha da caixa para lhe dar.

Factoto Caendal, os planos e a disposição mantêm-se. Levai Aewyre Thoryn e os seus companheiros para o Esporão e dai-lhes as devidas indicações.

Sim, Castelão.

Castelão solicitou Aelgar, peço permissão para acompanhar o Factoto.

Aedreth não viu qualquer razão para recusar o pedido, anuindo com uma inesperadamente compreensiva cabeça. Caendal levou o punho do ornado braço direito ao peito e fez uma vénia ao seu superior e a Hanal, um gesto que o Mandatário repetiu. Os três outros sirulianos curvaram-se ligeiramente em despedida dos seus pares e os Eahan fizeram o mesmo, embora ainda fitassem tristemente os aturdidos companheiros enquanto estes olhavam uma última vez para trás ao retirarem-se. Caendal e Aelgar conduziram-nos para fora do salão e o grupo deu consigo a suspirar de alívio, apercebendo-se do quão pesada a atmosfera estivera dentro da torre. Já era tarde, mas tal como em Tanarch, o sol aguentava-se teimosamente no horizonte, relutante em abandonar o seu posto.

Foste ousado e desrespeitoso, Aewyre Thoryn admoestou-o o Mandatário, caminhando a seu lado.

Tinha o direito de saber o que nos iria acontecer afirmou o guerreiro, decidido a aproveitar o resqúcio de imprudência que lhe sobrava.

Sim, e ainda não responderam a todas as perguntas lembrou Worick.

O Factoto deteve-se e virou-se para os companheiros, cruzando os braços e assegurando-se de que a atenção deles não recaía sobre a casa dos Eahan ao fundo atrás de si.

Pois bem, eis o que precisam de saber: vocês e mais quatrocentos e dezassete conscritos ficarão encarregues da defesa do Esporão...

Mas porquê só nós? insistiu Worick. Quantos sirulianos há aqui? Mil? Dois mil? Cada um de vocês vale dez drahregs! Por que é que não nos ajudam?

Caendal assumiu uma expressão grave e séria.

Porque, tal como estimaste, thuragar, somos pouco mais de mil nesta fortaleza, juntamente com menos de oitenta Eahan, os últimos membros da única família que optou por ficar o mais perto possível da sua antiga terra. Não só nesta fortaleza, por toda a Sirulia os nossos números têm vindo a diminuir progressivamente ao longo dos anos enquanto protegíamos Allaryia, servindo de barreira a uma nação que nem sabe dar o devido valor ao que fazemos. Tem sido uma constante guerra de atrito, e nós não temos os números do nosso lado, por isso adoptámos este sistema de conscrição, no qual criminosos e condenados saldaram a dívida que têm para com a lei de uma forma ou de outra.

Os companheiros estavam chocados com o que haviam acabado de ouvir. Caendal estava a dizer-lhes por outras palavras que eles e os restantes conscritos iriam servir como um escudo de carne para o resto da fortaleza. O Esporão era o único ponto de acesso para entrar no castelo, e os sirulianos iriam aguardar no outro lado enquanto a ralé lutava pelas suas vidas.

Pedras me partam, quatrocentos contra quê? Cinco mil?

A bastilha é altamente defensável assegurou Caendal. Os vossos números deverão bastar.

E se não bastarem? Vocês ficam sentados do outro lado a ver as nossas cabeças serem espetadas em lanças?

Foi-te apresentada uma escolha em Val-Oryth, thuragar...

Não sabia era que nos iam enviar para uma chacina! E quem é que estás a tratar por "tu"? Devo ser mais velho que tu, minha viga carunchosa...

Lhiannah agarrou o ombro do seu mentor, pressentindo problemas. Os sirulianos que rondavam os adarves das muralhas sobranceiras estavam a olhar para o pátio.

Não abuses da minha paciência, thuragar.

Basta interveio Aelgar. Tal como o Factoto disse, a bastilha é altamente defensável. Além disso, a presença do filho de Aezrel Thoryn e a de Ancalach deverá levantar o moral dos conscritos.

Pensei que Allaryia não precisasse de "quimeras"... comentou o jovem, olhando de soslaio para o Mandatário.

Allaryia de facto não precisa de quimeras reconheceu Aelgar, mas vocês irão precisar de toda a ajuda que conseguirem.

Aewyre calou-se, sentindo o que sobrava da sua rebeldia a desvanecer-se. Apenas Worick não se deu por satisfeito.

Então e que coisa era aquela que Castelão não nos quis dizer no salão?

O Factoto elogiou a memória do thuragar com um aceno da cabeça.

Os nossos batedores descobriram que o exército é liderado por um azigoth, que porta algo que faz com que a hoste o siga...

Um azigoth? pronunciou-se Allumno pela primeira vez, secundado por boa parte dos seus restantes companheiros.

Ai, mas querem mesmo mandar-nos para uma chacina! exclamou Worick, incrédulo. Não nos querem matar já e esperar que o pivete dos nossos cadáveres afugente o exército?

Um azigoth enfatizou Caendal. Apenas *um* azigoth. Não sabemos de onde surgiu, mas aparentemente conseguiu amedrontar ou de alguma forma convencer alguns drahegs a juntarem-se num exército, que de início deve ter sido bem maior, antes de fatalmente se ter começado a desregrar. É preciso alguém muito forte e imponente para unir qualquer número de drahegs num propósito comum, e este azigoth em particular parece tê-lo conseguido de alguma forma. Resta saber quantos dias aguentarão a arremeter e sangrar contra as muralhas de Aemer-Anoth...

As palavras do Factoto falharam em apaziguar o desassossego dos companheiros, e o homem trocou um breve olhar com o Mandatário, que fechou os olhos e nutou com a cabeça.

Prossigamos então. Amanhã poderás apresentar-te aos restantes conscritos, Aewyre Thoryn, ou permanecer anónimo se assim o desejares. E tu, thuragar, terás um dia e meio para tentar desmoralizar as tropas ou discutir estratégias com elas. Os outros poderão combater ou ficar escondidos num dos torreões a aguardar a entrada dos drahegs. Tal como em Val-Oryth, a escolha é vossa...

EXPECTATIVAS

Os companheiros passaram uma noite miserável numa das salas da barbacã convertidas em dormitórios, partilhando-a com um grupo de malcheirosos conscritos e dormindo em camastralhos no chão. A única abertura era uma janela estreita que dava para o pátio, e Lhiannah abriu-a para aliviar o odor, mas um dos conscritos tornara a fechá-la a meio da noite, resmungando algo acerca do frio. A manhã seguinte veio cedo, tal como em Tanarch, e todos taparam as cabeças com os puídos cobertores para as resguardarem dos raios de sol que entravam pelas frestas da janela e da parede, até serem acordados por batidas aceradas na porta, que foi aberta por um Ajuramentado.

A refeição vai ser servida na messe anunciou no dialecto siruliano que tanto os faladores de Glottik como os de Leochlan compreendiam. Levantem-se.

Worick rabujou e Lhiannah teve de pensar em algo criativo para o acordar; Taislin estava com os olhos papudos e ensonados; Slayra sentia-se enjoada, como frequentemente lhe começara a acontecer durante a manhã; e os restantes companheiros também já haviam visto dias melhores. Sentiam-se sujos e pouco refeitos, e o pensamento de que em breve tomariam parte numa batalha diferente e mais perigosa do que qualquer outra na qual tivessem participado não os abandonava. O Ajuramentado conduziu-os pelo corredor da barbacã até umas escadas em espiral, nas quais deram com outro grupo de conscritos conduzido por outro jovem siruliano que já as desciam e que os fitaram com o ar de indiferença de completos desconhecidos. Contudo, muitos acharam curioso o facto de Aewyre portar uma espada ao cinto, embora não ao ponto de lhe fazerem perguntas a esse

respeito. Apesar da insistência dos seus companheiros, o jovem não estivera com disposição para apresentações na noite anterior, e ainda não fazia ideia de como é que haveria de se anunciar como o príncipe de Ul-Thoryn no meio da ralé tanarchiana.

Pedras me partam, quatrocentos marmanjos que mal se conhecem uns aos outros, mortos de medo e que só querem que isto acabe para poderem ir para casa... resmungou Worick.

Ninguém comentou, pois todos pensavam o mesmo. Faziam parte de uma ralé que mal poderia ser apelidada de guarnição; homens que quando muito apenas teriam treino de milícia, eventualmente um ou outro mercenário ou velho soldado, e pelo que até então haviam visto, alguns não se encontravam sequer capazes de combater, devido à idade ou a incapacitação física.

Seguindo a orientação dos Ajuramentados, os dois grupos saíram no rés-do-chão da barbacã e entraram na messe, uma sala alta na qual estavam estendidas duas compridas mesas assentes sobre cavaletes. Vários conscritos já estavam nelas sentados a comer, e receberam a chegada de mais com desinteresse, embora o punho de Ancalach lhes chamasse a atenção tal como aos outros. À entrada da sala, um dos Ajuramentados indicou uma tina de água que já fora repetidamente usada e na qual os companheiros relutantemente lavaram as mãos antes de se sentarem. O pequeno-almoço que lhes foi distribuído era surpreendentemente substancial e nutritivo: coalhada, pão de centeio, peixe fumado, queijo duro e biscoitos de aveia, tudo devorado pelos famintos companheiros.

Os sirulianos têm de se alimentar, não é? deduziu Taislin de boca cheia, expelindo algumas migalhas de aveia. Para serem tão grandes...

Slayra estava sem grande apetite, e Aewyre de bom grado comeu a porção que a eahanoir deixou sobrar enquanto Quenestil tentava convencê-la a comer mais um pouco antes que o seu amigo devorasse tudo. Worick olhava pensativamente em redor com migalhas no bigode e restos de coalhada na barba debaixo do lábio inferior, avaliando os cerca de trinta conscritos que estavam presentes. Allumno agarrava a taça de coalhada com ambas as mãos, inclinando-se para Lhiannah para lhe dizer algo acerca do seu maxilar, ao qual a princesa acenou com a cabeça, mastigando com cuidado. Finda a refeição, os Ajuramentados anunciaram que se iria dar um encontro no pátio da bastilha para a distribuição de equipamento, e ordenaram a todos que empilhassem as taças e os cavaletes. Tudo parecia um grande campo de treino de recrutas, que

iriam ter a sua derradeira prova de fogo muito antes do devido tempo. Como bons recrutas, os conscritos e os companheiros seguiram os sirulianos pelo corredor até ao pátio, no qual se conglomerava a improvisada guarnição do Esporão, observada pelo Factoto e um grupo de dez Ajuramentados. A frente dos sirulianos estava um modesto arsenal disposto em fila, arcos, espadas, achas de armas, lanças, adagas, aljavas de flechas, elmos, cotas de malha e algumas das armaduras lamelares que os tanarchianos favoreciam. Assim que os companheiros e o seu grupo chegaram, Caendal alinhou os conscritos e procedeu à distribuição do armamento com a assistência dos Ajuramentados, assegurando-se de que os homens mais robustos ficavam com o melhor equipamento. Enquanto aguardava a sua vez, apoiando a mão e batendo com os dedos no pomo de Ancalach, Aewyre tornou a reparar no ornado braço direito do Factoto e inclinou a cabeça para Allumno.

Por que é que o resto da armadura dele é normal e o braço está decorado?

É o designativo da sua função; ele é o Factoto. Aewyre piscou os olhos e ficou na mesma. O braço-direito do Castelhão.

Ah.

Desde que começámos a viagem, parece que andas a desaprender tudo o que te ensinei...

Quando é que falámos de *factotos defendeu-se* o jovem. Allumno suspirou e fez um gesto com a mão que dava a entender

que não era nada que valesse a pena discutir naquele momento. Quando chegou a vez dos companheiros, o seu equipamento foi-lhes restituído: o arco ocar e o facalhão de Quenestil, o martelo de Worick, a afilada espada e a couraça de Lhiannah, os punhais e adagas de Taislin (alguns dos quais mantivera em sua posse durante a viagem), o cajado e a sacola de Allumno, e o estilete e quebra-espadas de Slayra. Quenestil ainda teve direito a um corselete de couro e setas com pontas de aço, Worick recebeu um pequeno escudo redondo e Allumno arrecadou um gibanete de pano encorpado e dobrado. Aewyre teve a sua couraça de volta e um elmo cupulado de segmentos de ferro rebitados com um avental de malha de aço. Quando terminou a distribuição, Caendal dirigiu-se à guarnição com a sua possante voz:

Todos vocês escolheram servir Sirulia a cumprir as vossas penas. Pois bem, defendam esta bastilha e serão ilibados e incondicionalmente livres de partir quando ela estiver fora de perigo. Lutem com coragem e disciplina, e o Esporão não será tomado; falhem, e serão mortos e devorados pelos drahregs, pois a progénie do Flagelo não faz prisioneiros.

Pedras me partam, como é que ele espera que esta gentiaga desmoralizada lute com "coragem e disciplina"? murmurou Worick, observando as expressões apáticas dos conscritos, que mais pareciam ovelhas num curral à espera de que a porta fosse aberta para os lobos entrarem. Porra, Aewyre, diz alguma coisa.

Digo o quê? retorquiu o jovem. Que estou aqui para os salvar? Nem sabemos se nos conseguimos salvar a nós mesmos...

A barbacã é o único ponto de entrada viável, e é nela que deverão concentrar as defesas continuou Caendal. O inimigo não traz engenhos de cerco além de escadas, e talvez venha a proceder à construção de uma torre. Já foram informados acerca da constituição do exército que se aproxima, e já sabem o que os lidera; planeiem a vossa defesa de acordo com esse conhecimento. Perguntas?

Aewyre, o Worick tem razão... sussurrou Allumno ao seu protegido. Isto não é Alyun e estes não são os Corações Quebrados. Temos de ser nós a dar o exemplo, ou vai ser um massacre.

Então se somos *nós*, por que é que tenho que ser *eu* a falar? Tal como o Factoto esperara, ninguém se pronunciou, pelo que o

siruliano se retirou com um aceno de cabeça à guarnição e lhe virou as costas, pronto para voltar para a fortaleza.

Eu tenho uma pergunta! berrou Worick, empurrando Aewyre com força para a frente.

Antes que o guerreiro sequer se apercebesse do que acabara de acontecer, todos os olhos no pátio estavam centrados em si. Olhou para trás, vendo que Worick fingia estar distraído, olhou em redor, constatando que os conscritos aguardavam que dissesse algo, interessados pela primeira vez, e virou-se para a frente para encarar os Ajuramentados e Caendal, que tinha o ar de quem estivera à espera de que Aewyre dissesse algo.

Eu queimo-te a barba, Worick... disse o guerreiro em surdina, engolindo em seco antes de falar. Factoto... posso falar com os conscritos?

O homem anuiu com a cabeça e estendeu a mão convidativamente, Aewyre virou-se para o que de repente se tornara a sua plateia. Mesmo os seus companheiros o fitavam como se esperassem dele algum discurso inspirado para galvanizar a guarnição. Iria queimar a barba do Worick, sem dúvida. Pigarreou hesitantemente e decidiu arriscar:

Eu... vocês percebem Glottik? Algumas cabeças acenaram afirmativamente, outras foram abanadas, outras mal se mexeram.

”Bem, isto vocês devem perceber”, pensou o jovem, crispando os dedos na espada e desembainhando-a.

Eu, sou Aewyre Thoryn, filho de Aezrel Thoryn, e esta é Ancalach proclamou, erguendo a lâmina ao alto e guiando com ela os olhos de todos.

Boa, gastar o trunfo logo ao início... resmungou Worick, seguidamente silenciado por Allumno.

Aewyre deixou Ancalach impressionar os conscritos durante mais algum tempo antes de a baixar, esperando que a sua esplendorosa aparência fosse o suficiente para os convencer.

Eu... fui conscrito tal como vocês, e quero tanto sair daqui... como vocês. Todas as aulas de oratória com Allumno esvaneceram-se-lhe da mente no preciso instante em que mais delas precisava. Somos poucos, mas a bastilha pode ser bem defendida. Eu e os meus amigos temos alguma experiência nestas coisas afirmou, indicando os seus companheiros com a ponta de Ancalach. Vamos estar por nossa conta, mas... se trabalharmos juntos, pode ser que muitos de nós ainda voltem para casa quando tudo terminar. Quando o exército chegar, podemos esconder-nos aqui dentro e esperar que eles entrem, ou podemos lutar. Eu vou lutar. Mais alguém?

Silêncio, exceptuando o nervoso tilintar de cota de malha e o ranger de couro. Caendal e os Ajuramentados aguardaram uma reacção, embora bem menos expectantes do que Aewyre, que se questionava acerca da sua própria credibilidade.

Slayra desenvencilhou-se dos braços de Quenestil e, para grande espanto de todos, postou-se ao lado do guerreiro.

Eu vou ajudar declarou a eahanoir.

Worick percebeu a ideia da eahanna e seguiu o seu exemplo, cruzando os braços em desafio.

Vá lá, seus rabos moles... vociferou o thuragar. Ou querem que uma mulher grávida lute por vocês?

A mera presença de Slayra chamara quase tanta atenção como Ancalach, e a eahanoir agarrou a já algo protuberante barriga com as mãos para enfatizar o seu estado. Enquanto os conscritos murmuravam entre si, Quenestil juntou-se-lhe, e os restantes companheiros fizeram o mesmo. Por fim, um dos tanarchianos avançou, um homem barbudo e de cabelos desgrenhados que o grupo reconheceu como companheiro de viagem.

É vero! Foram ele e o mago que escocharam lorde Malagor! disse, apontando para Aewyre e Allumno.

Os conscritos murmuraram de forma mais ruidosa e menos discreta, mas era difícil dizer se o *faziam* por nervosismo ou por estarem impressionados, ou mesmo se o facto já fora conhecido ou não. Aewyre não esperou por uma confirmação e deu um passo em frente, silenciando a multidão com um varrer de Ancalach.

Não interessa o que fizemos antes, ou o que vocês fizeram. Agora estamos aqui, e temos de lutar para nos defendermos, ou morremos. O jovem viu que a determinação da plateia ainda era periclitante, o que não constituía grande surpresa, tendo em conta o seu deplorável discurso, pelo que deixou que a sua espada falasse por si. Esta é Ancalach, a Esp... o Flagício da Sombra. Se os filhos do Flagelo vêm aí, ela vai provar o seu sangue. Que coisa mais estúpida para dizer, pensou o guerreiro, sem contudo se atrever a parar. Eu e os meus companheiros vamos lutar. Quem mais? Quem luta connosco?

Lida traduziu-lhe Allumno de lado.

Lida. Quem lida connosco?

Eu lido disse uma voz após alguns momentos, e quem a proferiu avançou de braço erguido para a frente dos conscritos.

Eu lido veio uma segunda, seguida de várias outras, e em breve se formou um pequeno grupo de tanarchianos sujos, andrajosos e equipados ao acaso defronte dos companheiros, incitando os restantes a fazerem o mesmo. Alguns aproximaram-se mais, esticando as mãos hesitantemente para tocarem em Ancalach, o que Aewyre permitiu, apoiando a ponta da espada no chão.

Quando os últimos resistentes foram convencidos pelos números e pela manifesta falta de opções a avançar, o jovem olhou brevemente para trás para Caendal, que acenou aprovadora e curtamente com a cabeça antes de se retirar, deixando os companheiros ao comando da guarnição.

”Muito bem, consegui convencer homens desesperados de que há esperança...”, congratulou-se Aewyre sardonicamente, observando os conscritos que olhavam para Ancalach com admiração.
”Agora só tenho de me convencer a mim mesmo...”

Os companheiros passaram o resto do dia a organizar as defesas da bastilha com os conscritos. O grosso das defesas concentrar-se-ia na barbacã, nos dois torreões a leste da bastilha e na torre flanqueante entre estas, com um contingente mais reduzido no torreão do vértice. As pedras de arremesso arrecadadas nas caves da barbacã e das torres

foram recolhidas e distribuídas pelos pontos de defesa, água foi depositada em tinas para esquentar (tratando-se de drahegs, ninguém contava com um cerco prolongado ao ponto de terem de a racionar), flechas foram armazenadas em barris e conscritos foram destacados para a sua posterior distribuição durante a batalha. Worick supervisionava tudo, embora deixasse o comando da guarnição a cargo de Aewyre, e o jovem teve de ouvir os seus resmungos e lamentos durante boa parte dos preparativos. O thuragar queixava-se da falta de meios, que os sirulianos não lhes haviam deixado nada além de "calhaus" e "flechas de caçar passarinhos", mas ambos sabiam que seriam obrigados a desembaraçar-se com o que tinham. Quenestil encontrou alguns arqueiros e caçadores entre os conscritos, aos quais deu os melhores arcos, e ocupou-se a dar lições básicas àqueles que nunca haviam manejado um, designando de seguida postos a cada um nas seteiras e ameias. Os homens pareciam mais motivados, vendo nos companheiros a esperança de poderem regressar vivos a casa, e os procedimentos decorreram harmoniosamente e sem quaisquer percalços de maior.

Até ao entardecer, quando chegou a altura de decidir quem iria ou não combater.

Nem pensar! bradou Worick, varrendo o ar à sua frente com uma brusca mão para enxotar a absurda ideia de Lhiannah. Mas nem *sonhes!*

Nem pensar, o quê? retorquiu a arinnir, também ela exaltada. Quem diz que eu preciso da tua permissão?

O meu martelo, se for preciso!

Os companheiros estavam reunidos no topo da barbacã ao fim de um cansativo dia, e nenhum esperara deparar com dificuldades quando o mais complicado parecia já ter sido feito. Mudos de surpresa, olhavam para o thuragar e para a princesa alternadamente enquanto estes gritavam um com o outro.

Eu sei lutar melhor do que qualquer um daqueles maltrapilhos! defendeu-se Lhiannah, apontando para alguns conscritos que se encontravam no adarve da muralha e que observavam a discussão.

E eu bato com mais força que tu, por isso baixa as orelhas! Nem penses que vais estar aqui quando os bichos chegarem; tu não fazes ideia! Isto não é Moorenglade, ou Karatai, ou sequer Alyun! Depois do que a harahan te fez, tu não...

É por isso? Então e tu, que mordes tentáculos e quase morres envenenado? Ou quando o draheg quase te partiu a cabeça em duas?

Não é isso que eu quero dizer, cachopa dum raio! E já te disse para baixares as orelhas; olha que comigo tu não fazes farinha!

Ei! interveio Quenestil, pondo-se no meio dos dois de mãos erguidas. Calma!

Não te metas, eahan! disse o thuragar, esticando o pescoço para o lado para fitar Lhiannah, que ignorava a presença do shura.

Lhiannah, pensa bem... tentou Quenestil ser razoável. A Slayra não pode combater, vai ficar a tratar dos feridos, e é capaz de precisar de ajuda, e...

O Taislin pode ajudá-la! chicoteou a arinnir, sentindo que todos estavam contra ela. Ou o Allumno, que não pode andar a correr pelas muralhas com o seu joelho! E já agora, quem é que te deu o *meu* arco?

Lhiannah... pediu o shura, olhando para Slayra a pedir um conselho que a eahanoir não foi capaz de lhe dar.

Sai da frente, eahan!

Eu vou lutar, Worick!

Os únicos que se mantinham alheados da altercação eram Taislin, Allumno, Slayra e Aewyre, que apoiava os cotovelos sobre uma ameia e observava a paisagem da qual o exército viria. O mago não se pronunciava, tal como nunca o fazia em discussões que considerava frívolas, a eahanoir sentia que não fosse pelo seu estado provavelmente também não gostaria de ser posta de parte, pelo que nada disse, e o burrik abria e fechava a boca hesitantemente enquanto olhava para Lhiannah e Worick, incerto quanto ao que dizer. Ao reparar que Aewyre estava completamente alheado da discussão, chamou-lhe a atenção:

Aewyre, diz alguma coisa!

O silêncio foi a única resposta do jovem, que ficou na mesma posição como se não tivesse ouvido, e ironicamente foi isso mesmo a atrair a atenção dos outros, que se calaram e olharam na sua direcção. Como se tivesse sentido os olhos dos seus companheiros nas costas, Aewyre virou-se lentamente e apoiou os cotovelos na ameia, parecendo de todos o menos propenso a uma discussão. Lhiannah, porém, pressentiu a opinião do guerreiro e não lhe interessava sabê-la.

Nem uma palavra, Aewyre. Eu vou lutar, não me interessa o que vocês dizem. A Slayra está grávida, mas eu já estou curada e não vou ficar escondida numa torre como uma princesa...

Podes ficar como princesa ou como prisioneira ameaçou Worick. Mas que ficas, ficas.

Worick, tu não te atrevas...

A escolha é da Lhiannah interrompeu-os Aewyre, espantando todos, sobretudo a arinnir, que ficou a olhar de boca aberta com o resto da frase por sair.

O guerreiro desencostou-se da ameia e foi ter com a princesa, passando pelos seus surpresos companheiros e agarrando-a delicadamente pelos ombros.

A escolha é tua. Mas eu peço-te que não lutes. Por favor a voz do guerreiro saiu-lhe invulgarmente calma e ponderada, e os seus olhos eram sinceros. Se alguma coisa te acontecer, mesmo que ganhemos a batalha... não terá valido a pena.

Lhiannah não foi capaz de fechar a boca, nem de fazer muito mais além de piscar os incrédulos olhos, e o mesmo se passava com os restantes companheiros.

Só o Taislin não chega; a Slayra vai precisar de ajuda. Nós vamos precisar da magia do Allumno nas muralhas, e para o caso de o pior vir a acontecer, quem estiver a tratar dos feridos pode precisar de alguém que saiba manejar uma espada. Por favor?

Lhiannah pouco mais conseguiu além de tartamudear. Eu...

Aewyre Thoryn! ouviu-se uma possante voz vinda do pátio da bastilha.

O encanto foi quebrado, e o grupo dirigiu-se às ameias da barbacã para olharem para baixo para o pátio, seguidos por Aewyre e Lhiannah, que demoraram mais tempo a reagir ao chamamento. Fora o Mandatário quem o chamara, acompanhado por um Ajuramentado que trazia algo aos braços, e que ao ver os companheiros os chamou com um gesto da mão.

O que é que ele quer agora? questionou-se Worick.

Não sei... disse Aewyre, encolhendo os ombros e dirigindo-se às escadas da barbacã, cruzando olhares com Lhiannah ao passar por ela antes de descer.

Quando saíram no pátio, Aelgar aguardava-os de braços cruzados e o jovem siruliano a seu lado trazia uma grande saca aos braços. Os conscritos que passavam atarefadamente pelo pátio olhavam-nos com o despeito do costume, tecendo comentários certamente pouco elogiosos acerca deles.

Mandatário disse Aewyre.

Aewyre Thoryn. Vejo que conseguiste motivar os conscritos...

Conseguimos, sim. O que deseja?

Ou melhor ainda interveio Worick, tem alguma coisa para nos ajudar? É que nem só com calhaus e setas de passarinhos se defende um castelo...

Aelgar ignorou o thuragar.

Trago-te algo, Aewyre Thoryn disse, indicando ao Ajuramentado que avançasse com um gesto da mão acerada. O jovem siruliano assim fez e estendeu a saca ao guerreiro, que nela pegou. O que quer que fosse, era pesado, e constituído por várias peças metálicas. A tua couraça dificilmente te proporcionará protecção adequada numa batalha, e se queres providenciar uma visão inspiradora para os conscritos, debes envergar algo mais do que as tuas lastimosas roupas e armadura.

Aewyre ergueu o sobrolho e, segurando a saca com um braço, enfiou a mão pela abertura, remexeu um pouco e tirou do interior um coxote de aço. Fitou o Mandatário com um ar admirado.

Que te sirva bem. O Patriarca Hanal Lasan convidou-te a ti e aos teus companheiros para uma festa que celebrarão hoje em vossa honra.

A naturalidade das palavras do Mandatário e o seu aparente despropósito fez com que os companheiros levassem mais tempo do que seria normal para se aperceberem do que o siruliano acabara de lhes dizer. Assim que o tomaram em conta, a sua reacção foi sem excepção de atabalhoado espanto.

O... Patriarca? duvidou Aewyre.

Devem sentir-se privilegiados. Poucos homens vivos tiveram contacto com os filhos de Sirul, e nem tantos dos que morreram tiveram direito a mais do que um mero vislumbre. Toquem a trompa na barbacã norte quando o sol tocar as ameias e serão conduzidos ao Patriarca. Sejam deferentes e respeitosos como se se estivessem a dirigir ao próprio Castelão, e comportem-se com cortesia para com todos, pois estarão a lidar com uma das mais antigas famílias Eahan.

O Mandatário certificou-se de que o que acabara de dizer assentara devidamente nos companheiros antes de se despedir.

É tudo. Adeus, Aewyre Thoryn e, para o caso de não nos vermos amanhã... boa sorte. Que a luz de Sirul te resguarde e aos teus amigos na batalha.

Antes que Aelgar se retirasse, Aewyre estendeu a mão como para o reter.

Mandatário. O homem deteve-se, e Aewyre deu um passo em frente ainda de braço estendido.

Não sabia bem por que o estava a fazer afinal, o homem salvara-o do tribunal apenas para lhe extorquir memórias acerca da sua mãe para depois o usar como escudo de carne na vindoura batalha mas algo lhe dizia que Aelgar não lhe dera a armadura só pelas aparências. Seria culpa? Ou o desejo de honrar a memória da sua mãe? Duvidava de que alguma vez obtivesse a resposta, mas fosse como fosse, o gesto sensibilizou-o.

Obrigado.

O Mandatário olhou primeiro para a mão do jovem e depois para os seus olhos, parecendo hesitante, mas acabou por a apertar com passivo vigor siruliano.

Não me agradeças ainda, Aewyre Thoryn... foi a única coisa que disse antes de se retirar, dando a entender que não se tornaria a virar nem que o jovem gritasse pelo seu nome.

Os companheiros viram-no atravessar a ponte da barbacã norte, que estivera barrada por dois Ajuramentados e que foi seguidamente erguida. Entreolharam-se em silêncio por alguns instantes, certificando-se de que haviam ouvido as mesmas palavras. Convidados pelos Eahan... era quase surreal, mesmo para quem já havia visto bastante em Allaryia como Allumno e Worick.

Bem... disse o mago, olhando para o limpo céu primaveril. Tratemos então do que falta antes que o sol toque as ameias.

Sim... concordou Aewyre, por falta de algo melhor para dizer.

Sim, mas antes... lembrou-se Worick, olhando para Lhiannah. Como é, cachopa?

A arinnir hesitou, encarando um companheiro de cada vez e fitando Aewyre por mais tempo, recebendo na cara do guerreiro a confirmação do que este anteriormente dissera. Não acreditou nas palavras que lhe saíram da boca, mas também foi incapaz de as impedir:

Está bem. Eu fico a ajudar a Slayra.

O thuragar pareceu profundamente aliviado, e Aewyre nutou com a cabeça e retirou-se antes que Lhiannah pudesse continuar com o seu escrutínio.

Vamos então disse Aewyre. Temos de encontrar um lugar que sirva de enfermaria...

Os companheiros foram atrás do jovem, e Quenestil e Slayra deixaram-se ficar para trás, intrigados com o que estavam a assistir. Ambos pareciam querer fazer alguma espécie de comentário, mas não sabiam ao certo o quê. Contudo, tinham decididamente a sensação de já terem presenciado uma situação semelhante, muito tempo atrás.

Achas que vão aparecer uns eahanoir para raptarem a Lhiannah? disse Quenestil por fim, cingindo delicadamente a cintura da eahanna com o braço.

Os orbes azuis-claros de Slayra olharam-no de lado, e o canto esquerdo da sua boca ergueu-se num sorriso enviesado que a eahanoir enfatizou com uma cotovelada não tão ligeira nas costelas do eahan.

Não teve graça.

Então por que é que sorriste?

Porque não sei se o Aewyre calcorreria toda a Latvonia atrás dela para a salvar...

Os dois fitaram-se mutuamente enquanto andavam, por pouco não tropeçando no degrau da entrada da barbacã. Quenestil beijou a testa de Slayra, apertando-a brevemente contra si, e os dois subiram as escadas atrás dos seus companheiros.

Controla-te, mulher! vociferou Tannath, empunhando estilete e quebra-espadas a uma distância segura de Hazabel.

A harahan estava acochada como um animal faminto, com os tendões das mãos bem visíveis e as garras negras prontas a escarpelar carne, mesmo as da mão do braço entalado. Vacilava com as oscilações da barcaça, cuja tripulação estava receosamente encostada à amurada da embarcação, temente e encurralada. O céu tanarchiano escurecia com o aproximar da noite, e Hazabel sentia os seus mais primários instintos virem à tona da sua consciência.

Uma harahan! apercebeu-se o capitão, agarrado ao mastro e empunhando uma comprida faca.

Nós precisamos deles, mulher! advertiu o eahanoir. Toca-lhes e eu mato-te!

Tenho fome! praticamente rugiu Hazabel. Há dias que a harahan não comia, e desde que o barco soltara as amarras, a mulher parecera acometida de uma sensação claustrofóbica que agora extravasava num acesso de fúria.

Não lhes toques!

Tenho fome! repetiu a harahan, olhando com olhos de predadora em busca de uma presa fácil.

Dama da noite! disse o capitão em inesperado Olgur, surpreendendo Hazabel, que o fitou admirada. Tannath não percebeu e manteve-se atento aos movimentos da harahan. Nós servimos O Flagelo, tal como tu!

Tomando a hesitação de Hazabel como um sinal de aplacamento, o homem avançou na sua direcção, passando cautelosamente por cima do caixote. Tannath mal lhe deu atenção, hesitante em tirar os olhos da sua companheira de viagem.

Vamos para a Sirulia a mando de Linsha Akselban, o Alto Vulto explicou o capitão, mantendo a faca baixa e a mão esquerda apaziguadoramente erguida. Não somos teus inimigos, harahan, e o que trazemos neste caixote...

A proximidade do homem foi mais do que Hazabel pôde suportar, e as palavras tornaram-se indistintas aos seus ouvidos, que apenas ouviam o bater do seu próprio coração retumbante. Com um grito estridente, a harahan saltou sobre o surpreso capitão, caindo com ele em cima do caixão e esventrando-o com as garras diante da atónita tripulação, que ficou paralisada ante o horror do que viam. Mesmo Tannath ficou momentaneamente estupefacto com a violência da morte do homem, mas o mórbido deslumbramento cedo deu lugar à raiva, e o eahanoir investiu de estilete em riste.

Maldita sejas, mulher! execrou.

Com os seus instintos mais primários bem despertos, Hazabel sentiu o ataque e pulou para longe do alcance de Tannath, virando-se para ele e encarando-o como a sua próxima vítima. O eahanoir aprestou as armas, preparando-se para a selvática arremetida da sua aliada de conveniência, e os restantes membros da tripulação despertaram nesse preciso momento, decididos a livrarem-se daquela que era claramente uma ameaça à segurança de todos, juntamente com o seu acompanhante.

Contudo, antes que qualquer um dos presentes pudesse sequer mexer um músculo, o caixote estraçalhou-se, projectando borda fora o eviscerado cadáver do capitão, e dele ergueu-se um aterrorador vulto de braços erguidos. A sua esfarrapada capa cor de sangue pisado esvoaçou com o brusco movimento, revelando a armadura negra molhada com o sangue do capitão, e dois iridiscntes pontos vermelhos brilharam nas órbitas vazias da caveira descarnada da sua face. Algo na sua mera presença fez com que todos se detivessem, gelados pelas ondas de terror frio que pareciam emanar do terrífico vulto.

Sangue? inquiriu o vulto a si mesmo numa cava voz dúbia perante os atemorizados desconhecidos. Sangue... Aezrel? palavreou em vozes diferentes, olhando em redor e estabelecendo uma ligação entre o sangue na sua armadura e os humanos que compunham a agitada tripulação. Aezrel. Ancalach. SANGUE!

A última palavra foi proferida num tétrico coro, e o vulto desembainhou uma negra e porosa espada com o intuito de decapitar a vítima mais próxima de si: Tannath. O eahanoir baixou a cabeça e rebolou de lado pelo chão de modo a criar distância entre si e o terrífico vulto, que optou por o ignorar a favor de um imóvel tripulante, cuja mandíbula foi despedaçada por uma possante espadeirada. O terror uivou de satisfação e passou para o próximo, que estava demasiado atterrado para se mexer e cuja cabeça rodopiou para o mar, dirigindo-se de seguida com impressionante rapidez para um terceiro, escachando-lhe o crânio. Tannath e Hazabel permaneceram sabiamente acorados de costas para a amurada, observando a matança que se desenrolava a bordo até que os últimos seis tripulantes pularam em pânico para a água. O vulto deteve-se diante da amurada, por pouco não saltando para o mar em perseguição das vítimas que lhe haviam escapado, e ficou a olhar estupidamente para as figuras que nadavam furiosamente na direcção da distante costa, aparentando estar a reflectir profundamente acerca do que acabara de acontecer. Tannath e Hazabel estranharam a súbita quietude do que instantes atrás se lhes afigurara como um imparável arauto de morte e ergueram-se, hesitantes e prontos para o pior. O vulto, contudo, parecia ter-se esquecido da sua presença, pois continuou de costas viradas para ambos e fitou a sua espada ensanguentada, que sorvia sofregamente o sangue nela espalhado.

Que sucedeu? perguntou a si mesmo.

O sangue respondeu uma segunda voz. O sangue acirrou-nos.

Sim, e a iminente violência com a qual nos deparámos aditou uma terceira, para grande confusão do eahanoir e da harahan.

Dever-se-á à proximidade do nosso objectivo?

Talvez. Ele está próximo.

Está próximo, sim.

Ancalach chama-nos declarou um tenebroso coro.

Ancalach? ousou Hazabel falar, esquecendo momentaneamente a sua fome.

O vulto virou-se para a harahan de espada empunhada, embora toda a agressividade se tivesse esvanecido da sua postura. Tannath crispou os dedos nos cabos das armas, e Hazabel recuou reflexamente perante a atenção daquele que então percebeu ser um moorul. A escrutinadora caveira inclinou-se para o lado, estudando com interesse os dois únicos seres vivos a bordo.

Também procuras Ancalach... moorul? desengasgou Hazabel.

Se a procuramos? retorqui uma das vozes.

Sim, é o nosso objectivo.

O nosso propósito.

Porque somos livres.

Livres, sim.

E vocês, filhos da Sombra desgarrados? inquiriu após ter consolidado os diversos pensamentos.

Desgarrados como nós, agora.

Sim, não mais enclausurados.

Eu... também a procuro, moorul afirmou a harahan, ignorando o subsequente monólogo.

A cabeça do moorul virou-se então para Tannath, que nada disse e se manteve na defensiva.

Também procuras Ancalach, filho da Sombra? perguntou em Olgur.

O eahanoir não falava a língua de Asmodeon, pelo que não respondeu, e o moorul interpretou o seu silêncio como uma negação.

Então não nos preocupas. Mas tu, filha da Sombra, se nos "tentares tirar Ancalach, matamos-te afirmou categoricamente, deixando Hazabel muda de surpresa.

Tannath não estava a perceber a conversa entre os dois, mas pelo tom das palavras não lhe parecia de todo amigável.

Não... não ta tirarei, moorul disse Hazabel por fim sem fazer qualquer esforço para esconder o veneno na sua voz, ao qual o vulto pareceu alheio.

Óptimo disse, esquecendo-se uma vez mais da presença de ambos a bordo. Este é o veículo que nos levará ao nosso propósito?

De encontro ao nosso chamamento.

Mas ele move-se devagar.

Como um antílope manco.

Devagar, sim.

Devemos açodar o seu andamento.

Açodar, sim.

O quanto antes.

Façamo-lo, então.

Fascinados com o monólogo do moorul, Tannath e Hazabel limitaram-se a observar sem sequer se mexerem quando o vulto embainhou a espada já seca e olhou fixamente para o céu escurecente. Ambos pensaram que o moorul de alguma forma adormecera até

começarem a sentir um arejo levantar-se, adejando-lhes os cabelos. A aragem aumentou progressivamente de intensidade até adquirir o vigor de um vento forte que enfunou as velas da embarcação, arrojando a barça pelas águas. Hazabel agarrou-se à amurada para se equilibrar, recordando-se por alguma razão da nevasca provocada pelos udagai nas estepes, mas foi incapaz de estabelecer uma ligação entre ela e a súbita ventania. Ao que parecia, acabara de deparar com mais um obstáculo entre ela e a Espada dos Reis, um obstáculo inesperado e verdadeiramente difícil de superar. Olhou para Tannath, mas o eahanoir ignorou-a e continuou a fitar o vulto negro, ainda incerto quanto ao que fazer. Uma bizarra série de coincidências deixara-o sozinho num barco a meio do mar com uma harahan faminta e um estranho monstro vindo das histórias da Guerra da Hecatombe, sem saber que destino os dois lhe guardavam e rumando a parte incerta. Restava-lhe apenas esperar que as surpresas tivessem terminado com a aparição do moorul e que os seus dois involuntários companheiros de viagem não se intrometessem entre si e o seu objectivo.

OS FILHOS DE SIRUL

Quando o sol tocou as ameias já os companheiros estavam mais do que prontos a dirigirem-se para a barbacã norte, tão aprontados quanto lhes fora humanamente possível nas pouco luxuosas condições do Esporão. Aewyre e Allumno fizeram a barba ao fim de semanas, Worick limpou a sua e todos se despiolharam mutuamente e lavaram as caras. As suas roupas continuavam sujas e com um cheiro pouco prazenteiro, mas quanto a isso nada havia a fazer com os meios de que dispunham. Todos sentiam uma espécie de ansiedade infantil de intensidade variável, como crianças às quais havia sido dito que do outro lado da muralha os esperavam os seres das histórias que lhes contavam ao deitar. O seu nervoso miudinho revelava-se nos movimentos irrequietos de cada um enquanto aguardavam que a ponte levadiça fosse baixada, bem como na incapacidade que mostravam em ter uma conversa coerente uns com os outros, limitando-se a abordarem assuntos frívolos pertinentes à temperatura e a tarefas para o dia seguinte já exaustivamente discutidas. Quando as correntes dos mecanismos começaram a ranger, os companheiros silenciaram-se e aguardaram a descida da ponte com excitabilidade pueril. Dois Ajuramentados esperavam-nos do outro lado e conduziram-nos ao estranho edifício no qual os Eahan aparentemente residiam.

O Patriarca aguarda-vos foi a única coisa que um dos jovens sirulianos disse, e Hanal Lasan estava de facto nos degraus concêntricos da entrada do edifício, de braço dado com uma Eahana. Eram os anfitriões e esperavam-nos cortesmente à porta do seu lar, o que nenhum dos companheiros acharia de todo extraordinário, não fossem os dois Eahan.

Ouviam-se vozes e via-se movimento no jardim atrás; seria mesmo possível que os eahan brancos iam fazer uma festa em *sua* honra? Antes que disso se apercebessem, estavam a poucos passos do casal, que os recebeu com sorrisos francos. Hanal trajava uma justa túnica negra granida com fragmentos de mica que cintilavam como as estrelas que se viam no céu. Estava cingida à sua cintura por uma folgada faixa branca e chegava-lhe aos pés, deixando apenas entrever os seus sapatos de couro negro e macio. Ostentava a mesma tiara argêntea com a brilhante hematite negra nela incrustada, mas usava ainda um par de braceletes de prata com outras pedras iguais nelas embutidas. A sua parceira contrastava aguerridamente a seu lado, envergando um exuberante vestido em tons de azul e prateado de mangas folgadas e pontilhado por pedras-da-lua. O seu cabelo alvo estava preso por uma crespina pontoada por minúsculas pedras-da-lua irisadas que brilhavam em tons de azul, violeta e vermelho, e trazia dois brincos em forma de crescentes prateados nas graciosamente pontudas orelhas. Ambos eram lindos, altos, duas figuras saídas de um conto de encantar, mas a sua beleza era temperada, sazoadada, com bondosos olhos cor de safira e uma nobreza inerente que fez com que a primeira reacção dos companheiros fosse levarem os joelhos ao chão. Os Ajuramentados limitaram-se a baixar as cabeças em deferência.

De pé, aventureiros disse Hanal na sua profundamente canora voz. A única *realeza*, aqui presente encontra-se entre vós. Eu sou o mero patriarca de uma família.

Patriarca... disse Aewyre, tentando não gaguejar ao levantar-se. Sentimo-nos honrados pelo vosso convite. Minha senhora dirigiu-se à Eahana ao lado de Hanal.

A minha esposa, Eluana apresentou o Eahan. Estes são Aewyre Thoryn, príncipe de Ul-Thoryn, e Lhiannah Syndar, princesa de Vaul-Syrith. Os outros que me desculpem, mas o Mandatário não teve a delicadeza de me dizer os vossos nomes.

Worick de Taramon declarou o thuragar, de todos o menos embasbacado, embora também não estivesse propriamente frio e impassível.

Allumno da Gema Vermelha apresentou-se o mago, fazendo a vénia que Worick esquecera ou dispensara.

Slayra disse a eahanoir, preenchendo a falta de um apelido com a característica vénia do seu povo, levando um pé para trás do outro e flectindo ligeiramente as pernas.

Quenestil... Anthalos seguiu-se-lhe o eahan, incapaz de tirar os olhos do casal mesmo durante a medida.

Taislin Mãosdelã piou o burrik ao encontrar a sua voz, tirando o barrete e segurando-o ao peito com ambas as mãos.

Nós é que agradecemos que tenham aceite o nosso convite. Obrigado, Ajuramentados agradeceu Hanal, e os sirulianos retiraram-se com palavras deferentes, sem terem erguido a cabeça uma única vez para fitarem o casal Eahan. Venham, vamos apresentar-vos. Os outros estão ansiosos por vos conhecer...

Que indelicadeza, esposo admoestou Eluana numa maravilhosamente melodiosa voz. Os dois falavam o que parecia ser o dialecto que os sirulianos usavam para comunicar com estrangeiros, e os companheiros percebiam cada palavra. Não vêes que os nossos convidados estão cansados e ainda não recuperaram dos rigores da sua viagem? Lembrei-me disso e mandei preparar-lhes um banho.

O Eahan sorriu com a reprimenda de boa índole e escusou-se aos companheiros.

As minhas desculpas. Venham então; usufruam da presciência da minha esposa, e os outros poderão conhecer-vos quando estiverem refeitos.

Mas Patriarca contrapôs Aewyre cerimoniosamente, nós não podemos...

Acho que ela queria dizer que consegue sentir o nosso cheiro dali sussurrou-lhe Slayra.

... passar nem mais um momento sem um banho. Sim, ficar-lhe-íamos muito agradecidos. Obrigado...

Eluana deixou escapar um mavioso riso que fez com que o guerreiro corasse de forma embaraçosamente meninil.

Venham reiterou Hanal, indicando a entrada do edifício com uma convidativa mão.

Aewyre viu-se na necessidade de ser o primeiro a avançar e fê-lo relutantemente, olhando para os degraus concêntricos de mármore da entrada do edifício, que estavam belamente ornados em baixo-relevo com motivos selénicos. Sentiu que iria conspurcar a santidade do local se nele pousasse a sola da sua imunda bota e hesitou.

Minha senhora, devemos tirar as botas?

Se assim o desejarem, príncipe. A prática não é incomum no interior desta casa.

Aewyre achou por bem fazê-lo, e todos seguiram o seu exemplo, mesmo Worick, que teve de tirar também as grevas e os escaupins da

sua armadura. Por fim, de botas sobraçadas, os companheiros foram atrás dos seus anfitriões para dentro da brancura marmórea do edifício. O salão de entrada era iluminado pela parca luz que entrava pelas janelas de pedra com motivos em forma de crescentes e semicírculos, e por velas que ardiam dentro de globos de mármore fino com aberturas pendurados ao longo das paredes, e o seu tecto era sustentado por duas ornadas colunas aneladas. Passaram debaixo de um amplo arco em forma de meia-lua e entraram num corredor iluminado pelos mesmos globos de mármore fino, que percorreram até chegarem a uma ampla sala da qual emanava ar quente e na qual eram aguardados por dois Eahan com grandes cestas de pedras molhadas aos braços e uma jovem Eahana com toalhas e um cesto. Manter os queixos no lugar foi um esforço para os companheiros, pois a eahanna branca envergava parcas vestes devido ao calor da sala, constituídas por uma saia branca e duas faixas de tecido atadas ao pescoço que se cruzavam sobre o peito e que expunham o seu ventre liso. Não era mais velha do que Aewyre, e a sua pele clara estava enrubescida com os vapores quentes da sala. Os seus cabelos brancos estavam presos num modesto coque entrançado na nuca, mas algumas madeixas brancas haviam escapado e colavam-se à húmida cara. Os Eahan também vestiam roupas confortáveis, na forma de túnicas em tons de roxo e azul com mangas abertas atadas a braceletes prateadas nos pulsos e com um colarinho tão baixo que deixava entrever os seus delgadamente musculados peitos. Slayra deu consigo a ajeitar a sua suja camisa azul-escura e Lhiannah, ergueu as sobrancelhas antes de desviar o olhar, embaraçada com o sorriso com o qual um dos eahan brancos a presenteou. A Eahana sorriu também aos recém-chegados, originando sorrisos apatetados da sua parte, e disse algo a Eluana, algo que os companheiros não perceberam mas que de alguma forma os fez sentir que a água estava pronta.

Muito bem, Sana, mas fala numa língua que os nossos convidados compreendam recordou-lhe a mulher do Patriarca.

Perdão, honrados convidados escusou-se a Eahana, baixando a cabeça. Por favor, estejam à vontade.

Não me parece que o consigam, Sana comentou Hanal com um sorriso. Não se forem tão pudicos como os nossos irmãos sirulianos...

O comentário do Patriarca fora bem-intencionado, mas em nada ajudou o já patente desconforto dos companheiros, o que não passou despercebido ao casal.

Retirem-se, então, mas deixem-lhes as toalhas e o resto ordenou Eluana, virando-se de seguida para os companheiros, sempre com o seu deslumbrante sorriso. São banhos nutritivos, enriquecidos pelos minerais daquelas pedras que o Misal e o Dagol têm aos braços. Levem o tempo de que necessitarem, e se precisarem de alguma coisa, não hesitem em chamá-los. Eles aguardar-vos-ão na sala em frente e nós estaremos à vossa espera no jardim.

Os seus anfitriões despediram-se, e os serventes foram atrás deles, sorrindo para os convidados ao passarem por eles. Os companheiros ainda ficaram algum tempo a olhar para o arco pelo qual os Eahan saíram, até que Slayra quebrou o silêncio, suspirando de sobranceiras erguidas:

Aqueles até deixava que me tirassem as roupas... comentou, olhando de soslaio para Quenestil para ver se este ouvira a provocação, mas o eahan ainda estava com os olhos fixos na entrada e de boca entreaberta. A eahanoir despertou-o com uma cotovelada nas costelas.

Bom... pigarreou Allumno. Não queremos deixar os nossos anfitriões à espera muito tempo, pois não? Aewyre?

Ha? Ah, não, não queremos... Vamos lá tomar banho.

O grupo olhou então pela primeira vez para a sala, cujo tecto era abobadado e decorado com baixos-relevos de estrelas, e em cujo chão de mármore se encontrava um círculo de reentrâncias em forma de crescentes a servirem de banheiras, três das quais estavam cheias de convidativa água quente a emanar vapor e um odor distintamente mineral. No seu centro encontrava-se um banco de pedra em forma de anel sobre o qual estavam o cesto e as toalhas. Resistir à tentação de saltar para dentro das banheiras com as roupas vestidas foi um esforço, mas os companheiros aguentaram o suficiente para esperarem que Slayra e Lhiannah se despiassem e entrassem na sua banheira, suscitando um abanar da cabeça de Quenestil devido à desnecessária modéstia. Worick foi o último a entrar, pois ninguém estava disposto a esperar que o thuragar acabasse de despir a sua armadura ou a perder tempo a ajudá-lo. Todos se deixaram afundar na água quente com prolongados e ruidosos suspiros de olhos fechados quando os seus corpos sujos e castigados relaxaram e os seus músculos endurecidos se distenderam. A água parecia penetrar pelos seus poros adentro e balsamizar os seus ossos cansados, revigorando-os ao mesmo tempo que lhes depurava a pele. Cada um dos companheiros ficou absorvido na sua própria sensação de deleite, proferindo comentários superlativos dirigidos a ninguém em especial e torturando Worick sem querer.

Quando o resmungante thuragar entrou por fim na banheira ocupada apenas por Taislin, apercebeu-se de que fora feita para crianças e não pôde deixar de se sentir ofendido, mas ninguém estava em condições de falar e cedo Worick também deixou de estar, encostando a cabeça à borda e deixando a barba flutuar à superfície da água.

Quando Allumno abriu os olhos, apercebeu-se de que não sabia quanto tempo havia passado e revolveu a plácida água com os seus movimentos, originando gemidos guturais da parte de Aewyre e Quenestil.

Há quanto tempo estamos aqui? Lavem-se, temos o Patriarca à nossa espera!

Nem a urgência na voz de Allumno foi o suficiente para sobressaltar os companheiros, que se limitaram a abrir os estuporados olhos e a olhar lentamente em redor enquanto o mago se inclinava para fora da sua banheira para remexer no cesto que a Eahana havia deixado no banco. Tirou um jarro de couro com o que devia ser sabão líquido e despejou uma porção sobre a sua mão antes de o passar a um ainda amodorrado Aewyre.

Limpem-se, vá. O Patriarca está à nossa espera... repetiu Allumno, esfregando vigorosamente o cabelo e as axilas.

Lentamente, os companheiros despertaram do seu torpor e começaram a lavar-se com o sabão, que cheirava a flores e os fez sentirem-se limpos como quase haviam deixado de julgar possível. Lhiannah esfregava as costas de Slayra enquanto Aewyre, Allumno e Quenestil lavavam as suas partes íntimas de costas para elas, suscitando o ocasional e partilhado olhar indiscreto pela parte destas. Os três estavam relegados a observar as peripécias de Taislin enquanto o burrik tentava a todo o custo afastar a sujidade de Worick que se espalhava pela água.

Aaah! Olhem para isto! É preto como piche! E há piolhos a flutuar nele! guinchava o pequeno ladino de cabelos molhados a taparem-lhe os olhos, chapinhando na água com os braços.

Até parece que alguns não são teus... resmoneou o thuragar.

Ah pois, mas os meus são os que se mexem. Esses já devem estar mortos há muito tempo!

Em breve também estarás se não te calas, mafarrico... ameaçou Worick com a barba e o cabelo ensaboados.

Os dois faziam um quadro engraçado e os três companheiros deram consigo a sorrir, recordando as velhas contendas entre o thuragar e o burrik, cujas memórias não eram assim tão velhas mas que já

pareciam ter anos. Quando todos acabaram de se lavar e Aewyre começou a distribuir as toalhas, aperceberam-se de que as suas roupas já não se encontravam na sala.

Mas não ouvi ninguém a entrar... afirmou Quenestil.

No estado em que estavam, não teriam ouvido as trompas da batalha se ela começasse esta noite... admoestou-os Allumno. Temos de chamar os serventes.

Boa ideia disse Slayra, piscando o olho a Lhiannah. Aparentemente, o banho fizera maravilhas pela disposição dos companheiros, pois ninguém parecia minimamente preocupado. Havia também algo de feérico que permeava a estância dos Eahan, uma sensação quase mágica no seu interior que permitiu a todos olvidarem a vindoura batalha. Os seus medos e angústias haviam sido deixados no exterior do edifício, dentro de cujas paredes nada de mau poderia acontecer.

O mago chamou pelos serventes e estes não tardaram a aparecer com roupas lavadas aos braços, sempre sorridentes e alegremente solícitos. Lhiannah e Slayra estavam com os torsos cingidos pelas toalhas e os restantes companheiros tinham-nas à volta das cinturas, o que originou alguns embaraçados olhares mútuos. Sorrindo, os dois Eahan entraram dentro do banco anelado, pousaram as roupas neste e estenderam as mãos para agarrarem as toalhas dos companheiros. Quenestil dispensou a amabilidade, vestindo as macias roupas novas e trocando um abanar de cabeça com um eahan branco enquanto este se oferecia para segurar a toalha de Lhiannah. Allumno seguiu o exemplo do shura enquanto o outro servente segurava a sua toalha estendida para assegurar a sua privacidade. Aewyre não pôde deixar de se retesar quando a Eahana agarrou a toalha que lhe envolvia a cintura e a arrancou antes que pudesse reagir, rindo com o seu embaraço ao estendê-la à sua frente. A eahanna era mais alta que Lhiannah, mas resguardou o guerreiro apenas até pouco abaixo do peito e obrigou-o a virar-se de costas para evitar os brilhantes olhos azuis-escuros que pareciam rir com uma vida própria. Enquanto os companheiros se vestiam, a Eahana disse algo numa voz alegre aos outros dois serventes na sua língua que o grupo não percebeu, mas por alguma razão sentiram-se acusados de recato excessivo e veio-lhes à cabeça a imagem de sirulianos. A língua que falavam era estranha, pois embora os companheiros não a conhecessem, as suas palavras evocavam imagens que permitiam uma compreensão quase empírica do que os Eahan diziam. De costas para os serventes, Aewyre virou a cabeça para Allumno e soletrou a palavra "Eridiaith" com a interrogante testa

franzida a pedir confirmação. O mago acenou com a cabeça, e o jovem continuou a ouvir o que diziam, maravilhado com a beleza e harmoniosa sonoridade da linguagem. O grupo vestiu-se tão depressa que só se aperceberam verdadeiramente das roupas que envergavam quando os Eahan baixaram as toalhas. Lhiannah e Slayra tinham roupas iguais às da Eahana e sapatilhas macias, e os companheiros vestiam cintilantes camisas justas em tons de roxo e azul como o céu do anoitecer e calças de bocas largas com botas de couro negro. A macieza do linho fresco contra as suas peles era uma sensação desde há muito desconhecida, e todos afagavam as roupas em quase primitivo maravilhamento. Worick e Taislin vestiam roupas para adolescentes e crianças, mas os outros abstiveram-se de fazer comentários.

Venham, a família do Patriarca aguarda-vos disse a Eahana, dobrando as toalhas nos seus cremosos braços.

Primeiro gostaria de me pentear... objectou Lhiannah, indicando o seu cabelo húmido.

A rapariga levou os dedos à boca, escusando-se pela sua indelicadeza, e tirou um pente de marfim do cesto. Lhiannah aceitou-o, incapaz de pensar muito mal da solícita rapariga, embora todos os olhos masculinos da sala estivessem postos nela enquanto distribuía pentes pelo grupo.

Que cabelo tão lindo que tem disse a Eahana docemente, estendendo a mão para o tocar. Posso?

O pedido era demasiado cândido para recusar, e a arinnir nutou com a cabeça, permitindo-lhe afagar o ouro acabado de polir dos seus cabelos.

É lindo tornou a elogiar, observando então os restantes companheiros enquanto estes se penteavam e reparando no ventre ligeiramente dilatado de Slayra, impossível de esconder devido à exiguidade do vestido. Está com criança! exclamou, deliciada.

Nota-se muito? retorquiu a eahanoir, desperdiçando sarcasmo. Poucas vezes se sentira tão exposta, e a sensação não lhe agradava de sobremodo.

Foi abençoada sorriu a Eahana. Não há dádiva maior. Certamente será tão linda como a mãe.

Desarmada pela candura da rapariga, Slayra acabou por sorrir e partilhar o sorriso com Quenestil. A eahanna branca podia ser bonita de mais, mas sabia fazer os convidados sentirem-se à vontade.

Bom, vou avisar o Patriarca de que estão quase prontos. Espero que se sintam refeitos, porque nós temos muitas perguntas para vos

fazer disse a Eahana, sorrindo uma última vez a todos e deixando-os ao cuidado dos outros dois serventes.

Quando os companheiros acabaram de desembaraçar e pentear os cabelos, os dois Eahan conduziram-nos para fora da sala e pelo largo corredor a caminho da saída para o jardim. Com a Eahana fora de vista, os companheiros repararam então em Lhiannah e Slayra, que caminhava de braço dado com Quenestil. A princesa não se sentia de todo desconfortável com o traje, mas vê-la em roupas de mulher parecia de alguma forma estranho. Lhiannah ajustava a manilha prateada no seu braço esquerdo desnudo e notou a contemplação com desagrado.

Sim?

Os companheiros livraram-na de imediato do seu escrutínio, mas Aewyre manteve-o com o mesmo interesse.

O que foi? Não posso? perguntou, irritada. Achas que me deviam ter dado calças?

Não, não, não é isso assegurou o guerreiro, olhando-a nos olhos. Estás linda. Só isso.

Contra toda a sua vontade, a princesa corou e puxou instintivamente o cabelo para trás da orelha, deixando a mão ficar a tapar a sua enrubescida cara. Felizmente, não tardaram a chegar ao jardim e a atenção do guerreiro foi desviada para a autêntica comitiva de Eahan que os aguardava e que os recebeu com largos gestos de boas-vindas e sorrisos. A lua estava em quarto minguante, e o jardim que iluminava era um recinto isolado do pátio por um muro de mármore decorado com motivos selénicos, e dentro dele a relva primaveril crescia viçosa, pintalgada com flores. Peónias e lunárias brancas cresciam em abundância, e as armações de madeira dispostas ao pé da muralha impediam que o frio e inflexível paredão destoasse da serenidade do jardim, em cujo centro se encontravam oito pedestais de mármore dispostos num anel, cada um dos quais representando uma das fases da lua. Os Eahan apresentavam um festival de azul, branco, prateado, negro e roxo, no qual homens e mulheres se distinguiam pela cor, com os tons mais claros a prevalecerem nos vestidos e os mais escuros a dominarem as túnicas, embora mesmo esses cintilassem como as estrelas do céu nocturno. Havia uma profusão de anéis, tiaras, diademas e brincos mais ou menos ornados, todos com um brilho argênteo e quase selénico, em formas de crescentes e luas cheias decoradas com pedras-da-lua e hematites negras. Os Eahan eram altos e de uma robustez esguia, elegantes sem excepção e com um brilho próprio que parecia emanar

não só dos reflexos do luar nos seus cabelos níveos como também do profundo azul dos seus bondosos olhos. As suas feições não eram delicadas ou angulares como as de Quenestil e Slayra, mas sim da aparência lisa e tersa de mármore polido, e as suas orelhas não tinham os lóbulos pegados à cara como os do shura nem a curvidade das da eahanoir; eram apenas parecidas com orelhas humanas, mas com subtis e graciosos lóbulos e aurículas pontudos.

Bem vindos, sejam bem-vindos recebeu-os Hanal. Espero que a ablução tenha sido do vosso agrado?

Sim... titubeou Aewyre, meio avassalado com a quantidade de criaturas lendárias que se lhe deparavam naquele preciso momento. Muito obrigado, Patriarca. É uma honra para nós.

Repito, príncipe Aewyre, são vocês quem nos honram com a vossa presença. Permitam-me agora apresentar-vos. A nossa família é pequena, mas todos têm muitas perguntas para vos fazer.

Os companheiros contemplaram os perto de cem Eahan que se encontravam no jardim, constituídos pela família e pelo seu séquito, e não queriam acreditar no que lhes estava a acontecer.

Quando a lua já ia alta no céu, os companheiros já haviam perdido o acanhamento e conseguiram por fim confraternizar com os Eahan, que faziam todos os esforços nesse sentido. Queriam conhecer Aewyre, o filho do lendário Aezrel Thoryn, e ver a quase mítica Ancalach, que o príncipe achara por bem trazer consigo, incapaz de a confiar à guarda dos conscritos. Os restantes companheiros, porém, não receberam menos atenção por isso, pois a curiosidade dos eahan brancos em relação ao que se passava no resto de Allaryia era quase tão grande como a de conhecer Aewyre. Como lidara Nolwyn com a perda do seu campeão? Em que pé estavam as relações entre os reinos? Como era a vida nas cidades humanas? Avistavam-se drahregs nas regiões civilizadas? O que haviam visto durante as suas viagens? Essas perguntas e muitas mais eram respondidas enquanto eram servidas taças de saboroso iogurte com bagas. Embora cientes de que a sua presença causava um desconforto inicial nos seus interlocutores, os Eahan sabiam fazer os companheiros sentirem-se à vontade e bebiam as palavras dos seus convidados com atenção, interesse e polidez. Mesmo Worick e Slayra, que haviam sido alvo do despeito dos sirulianos devido à sua raça, atraíam atenções dos seus anfitriões, que não viam neles um "fruto de Luris" ou uma "filha do Flagelo", mas sim fascinantes tópicos de conversa, e mesmo o taciturno e pouco

sociável thuragar se viu envolvido num debate acerca de grandes batalhas do passado com um velho soldado Eahan. Taislin mal cabia em si de contente, sendo o centro de atenções de uma audiência só sua a ouvir atentamente os relatos das suas aventuras, nas quais invariavelmente figurava como protagonista ou surgia como o herói do dia, batalhando sozinho contra adversários criativamente inseridos em pontos fulcrais das suas demandas com o mal-asado grupo que mesmo com a sua sábia orientação apenas se metia em apuros. Quenestil respondia a perguntas acerca do seu povo e das montanhas nas quais viviam, Lhiannah descrevia a corte de Vaul-Syrith e Allumno foi falar com Eluana após ter feito o seu melhor para satisfazer a curiosidade dos Eahan acerca das suas experiências pessoais com o Pilar e a história de Zoryan e da gema que tinha à cabeça. A esposa do Patriarca deu-lhe toda a sua atenção e os outros eahan brancos mantiveram-se fora da conversa por respeito.

Se a senhora não se importar, tenho umas perguntas a fazer-lhe. Evitaria incomodá-la, mas o vosso esposo parece ocupado...

Não me importo de todo, senhor Allumno. Faça as perguntas que quiser. A Eahana devia ser da sua idade, talvez um pouco mais velha, mas como era comum nos eahan em geral, a beleza da sua juventude estava bem conservada, amadurecida na sua ligeiramente vincada cara.

Constou-me que a vossa família foi a única que escolheu ficar em Asmodeon?

A bela face de Eluana contorceu-se brevemente no que pareceu ser tristeza ou saudade, mas cedo se recompôs, embora tivesse dificuldade em responder de imediato.

Peço desculpa. Se fui de alguma forma indiscreto...

Não, não, senhor Allumno, não foi indiscrição alguma. Trata-se apenas de uma pergunta que... traz sempre recordações consigo.

Se forem desagradáveis para a senhora, não as desejo trazer à tona...

Não, por favor. Esteja à vontade. Aliás, acompanhe-me. Quero mostrar-lhe uma coisa.

Os dois caminharam através da multidão de Eahan, que andavam de um companheiro para o outro, e chegaram à escultura que representava as fases lunares no centro do jardim. Eluana indicou o pedestal que caracterizava a lua cheia com um delicado dedo anelado.

Como provavelmente já o pôde constatar, nós damos muita importância à lua, a genetriz dos ritmos da vida, do devir cíclico.

A nossa história começou em plenilúnio, quando vivíamos em Syntadel debaixo do abraço de Sirul, nutridos pelo seu afecto e tutelados pela sua sabedoria. Depois tudo foi perdido, com o desaparecimento das Entidades e o domínio de Seltor cobriu o minguate convexo e a meia-lua com o mesmo gesto do dedo, até chegar ao minguate côncavo, e agora como povo encontramos-nos no nosso estado mais fraco: os nossos números são reduzidos e fomos exilados da nossa terra natal devassada.

Allumno acenou com a deveras interessada cabeça.

As famílias decidiram afastar-se da terra que se tornara a sua ruína, temendo o pior prosseguiu, seguindo para a negra lua nova com o dedo. As menos receosas mudaram-se para a Sirulia, as restantes desistiram completamente da ideia de um dia restaurar Syntadel e migraram para a segurança do refúgio que vocês chamam Shallath Yngil, resguardados pela Barreira. Nós, os Lasan, somos os únicos que acreditam que o nosso povo já alcançou esta fase abanou o dedo na direcção da lua nova, e que, com preserverança, poderemos eventualmente completar o círculo e tornar a alcançar o nosso plenilúnio o seu dedo regressou à lua cheia.

Bem dito, esposa surgiu Hanal por trás, sobressaltando-a ao cingir-lhe a cintura com ambas as mãos. Está a falar com a pessoa certa para perceber a nossa cultura, senhor Allumno.

Hanal Lasan, a portares-te como um mancebo púbere à frente dos nossos convidados! repreendeu-o Eluana sem o mínimo tom de irritação na voz, agarrando-lhe as mãos e roçando a nuca contra o seu pescoço.

O Patriarca disse algo em suave Eridiaith à sua esposa. O mago não compreendeu as palavras, mas sentiu-se tocado de certa forma e experimentou um estranho calor afectuoso no peito. Os dois beijaram-se docemente à sua frente e Allumno virou a cara por respeito, tentando não parecer demasiado acessível para mais uma barragem de perguntas dos Eahan que o circundavam como se estivessem à espera de que a sua conversa com Eluana terminasse.

Mas senhor Allumno, não pretendia interromper! disse Hanal, permitindo-lhe devolver a sua atenção ao casal. Por favor, continue. Tentarei eu também responder às suas perguntas, o que é justo, tendo em conta o incómodo interrogatório pelo qual passou.

Não, não foi incómodo nenhum, Patriarca... mas agradeço a vossa solicitude. Estava de facto curioso quanto à vossa relação com os sirulianos.

Eluana olhou para o seu esposo, dando a entender que era um assunto que lhe competia, e o Eahan não se fez de rogado.

Os sirulianos são como irmãos para nós, senhor Allumno. Cresceram e amadureceram desde o tempo em que foram acolhidos em Syntadel, umas pobres criaturas em busca de perdão. Ensinámo-lhes muito, demos-lhes a nossa amizade e compaixão, e eles retribuíram em todos os aspectos. Ambos ficámos marcados quando Syntadel foi ocupada e fomos expulsos, mas os sirulianos... é difícil para nós expressar as emoções que eles sentiram. Ainda eram humanos nos seus corações, e a perda do seu lar adoptivo mudou-os. Tornaram-se frios, acerbos, intransigentes, e passaram a ser dominados por uma vontade quase fanática de destruir as forças do Flagelo. Decerto já ouviu falar da Cisão? Allumno nutou com a cabeça. Exilaram as suas mulheres para as proteger e assumiram um modo de vida rígido e austero. A sua população está a envelhecer, pois o seu sangue dilui-se em Tanarch e eles adoptaram um sistema de reprodução selectivo com o qual as mulheres nem sempre cooperam, e francamente não as podemos culpar... é um assunto que debatemos frequentemente: quem ama mais as suas mulheres? Eles, que as decidiram afastar do perigo, ou nós que, apesar de lhes termos proposto um exílio semelhante, na verdade não as queremos longe de nós? Eu diria que somos nós, visto que lhes damos uma escolha, mas eles rebatem, insinuando que somos egoístas justamente pelo facto de não nos querermos afastar das nossas mulheres e que dessa forma as expomos ao perigo...

Esposo, estás a divagar advertiu-o Eluana.

Tens razão. Perdão, senhor Allumno, já me estava a afastar do assunto. Queria saber da nossa relação com os sirulianos? Pois bem, a sua atitude para connosco também mudou: passaram a ser protectores, por vezes em demasia. Tratam-nos como animais raros que devem ser resguardados dos males do mundo a todo o custo, recusam-se a olhar para as nossas mulheres como se fossem indignos delas... não me entenda mal, senhor Allumno, não existem rancores ou animosidades de qualquer espécie entre nós, nunca existiram, mas temos bastantes desentendimentos. Um deles é esta lei de conscrição que eles conceberam. Achamos desumano o que eles fazem, o que vos estão a fazer, mas eles vêem todo o processo como mais uma forma de livrar o Allaryia daquilo que julgam ser a influência do Flagelo, purgando Tanarch de criminosos ou pelo menos fazendo-os lutar para merecerem a sua liberdade.

O Factoto disse que se trata uma forma de evitar a perda de vidas sirulianas, visto que os seus números estão a diminuir tanto... lembrou Allumno.

É verdade, mas que Sirul me perdoe, eu não posso deixar de dizer que se trata de um buraco que eles próprios cavaram e no qual acabaram por cair. Um povo que vive diariamente com escaramuças não se pode dar ao luxo de exilar as suas mulheres e adoptar um sistema de reprodução tão absurdo como aquele! Aos anos que debatemos essa questão com eles, mas eles são teimosos e inflexíveis, tal como se tornaram com tudo o resto. Sinceramente, já não sei se eles estão mais empenhados em proteger Allaryia ou em destruir a progénie do Flagelo, custe o que custar. Tudo isso nos entristece, mais do que eles alguma vez possam imaginar, e nada podemos fazer a respeito...

Eluana apertou a mão do Patriarca, que suspirou tristemente, roçando os dedos da sua esposa com o polegar.

Nós acreditamos em mudança, senhor Allumno, não em destruição. Nada é fixo ou imutável. Os thuragar ajudaram os humanos contra os drahregs na Era da Discórdia. Vocês têm um thuragar e uma eahanoir entre vós, e vejo que são leais companheiros. Na destruição não reside nenhuma resposta, apenas a morte.

Acreditais na mudança firmou Allumno. Mesmo os drahregs, duplamente aviltados?

Mesmo o Primeiro Pecado. Aliás, pelo que ouvi das vossas histórias, o vosso grupo deparou mais do que uma vez com um drahreg peculiar... disse o Patriarca com um sorriso que dava a entender que sabia algo sobre o assunto.

Antes que Allumno o pudesse inquirir a esse respeito, caiu o silêncio no jardim e todas as atenções se voltaram para uma bela Eahana que deslizava com a sua saia pela relva com um Eahan esguio atrás dela, carregando um banco e o que o mago só soube descrever como um suporte de madeira com um crescente invertido, ambos marchetados a marfim, do qual pendiam cristais facetados de comprimento variável e que repicavam suavemente com um som cristalino com cada passo do eahan branco. A rapariga trazia um vestido de longas mangas inteiramente branco e debruado a prata, tinha uma fina corrente argenta à testa da qual pendia um belo crescente de prata e usava o alabastrino cabelo solto. Entre tanta beleza, a Eahana conseguia destacar-se, o que aos olhos de Allumno e de todos os outros companheiros não era nada de pouca monta.

A nossa filha mais nova, Alisa disse o Patriarca com orgulho. Ofereceu-se para cantar algo em honra dos nossos convidados.

-Têm uma filha linda... Allumno não conseguiu abster-se de dizer.

É muito gentil, senhor Allumno agradeceu Eluana. Vejamos o que ela escolheu para vós...

O Eahan pousou o estranho instrumento e o banco, sobre o qual se sentou, e Alisa esperou de mãos cruzadas sobre a delgada cintura enquanto o seu parceiro tocava delicadamente nos cristais, comparando os sons. O Eahan fez sinal com a cabeça assim que se deu por satisfeito e a filha do Patriarca olhou para o público que a rodeava, presenteando todos com um sorriso.

Para os nossos convidados, a Ária de Deadran e Ansala.

Os Eahan acenaram aprovadoramente com a cabeça, e os companheiros agradeceram em silêncio o refolgo das incessantes perguntas. O suave tilintar dos cristais não tardou a preencher o silêncio enquanto o eahan branco tocava suavemente nos cristais pendentes, trinando-os como faria com as cordas de uma harpa e deixando que os seus suaves embates fizessem uma música própria. Alisa fechou os olhos, inspirou fundo e começou por emitir um harmonioso gemido, erguendo a delicada mão e olhando para a lua ao cantar o primeiro verso. A voz da rapariga era magnífica, límpida e tão cristalina como os sons do instrumento que a acompanhava, e os companheiros viram-se enfeitiçados não pelo Eridiaith no qual cantava, mas sim pelo seu encantador timbre. Não percebiam as palavras, mas à medida que o triste e plangente canto continuava, começaram a visualizar um siruliano nobre e alto e uma Eahana linda como a manhã, aos quais se seguiram uma sucessão de sentimentos.

Querença. Afecto. Amor. Dúvida. Conflito entre estas. Uma escolha a fazer. O siruliano... não se permitia a fazê-lo, mas queria-o mais do que tudo. A Eahana esperava e sofria. Angústia. O amor prevalece, alegria e felicidade. O mundo torna-se belo. Os corações dos companheiros bateram mais depressa e algo lhes correu pelo sangue que lhes estimulou todos os sentidos. Um segredo. Triste é escondê-lo, não o que esconde. Não devia ser assim. Quem ouvia a ária deu consigo a esperar ferventemente que o segredo não fosse descoberto, que o casal pudesse ser feliz, que a história pudesse acabar bem. Então, a desgraça. O segredo é descoberto. A respiração dos companheiros reteve-se, como se tivessem apanhado um susto. Deadran, pobre Deadran. Exilado pelos seus. Expatriado. Enviado para a fronteira, forçado a uma vida no ermo. Dor, lágrimas,

desespero. Anos. Tantos anos, demasiados mesmo para tão jovem coração de Eahana.

Morte.

Noites de lua cheia em Asmodeon. Saudade. Eterna tristeza. Uma figura solitária caça, lamenta-se e chora, chora pela sua perda. Cabelos brancos ao luar, uma memória longínqua, perene e lamentosa. Um coração dilacerado, um amor proibido...

Quando Alisa terminou, baixou a cabeça e tornou a cruzar as mãos defronte da cintura, escondendo a cara. Havia lágrimas nos seus olhos, bem como nos do público, e os companheiros aperceberam-se com surpresa da salgada tristeza que lhes escorria pelas suas próprias caras. As emoções que a canção em Eridiaith evocara... nunca haviam sentido nada assim. Fora como se toda a mágoa do mundo tivesse sido brevemente condensada naquelas últimas estrofes, causando um compadecimento geral em quem as ouvira.

Lhiannah esfregou as lágrimas das pálpebras com o polegar e olhou para Aewyre, curiosa quanto à sua reacção, mas o guerreiro não estava onde o vira pela última vez. Procurou-o em redor, mas não havia rasto do jovem, até que um Eahan lhe tocou no braço, sorrindo-lhe tristemente.

O príncipe Aewyre foi por ali disse, indicando a entrada para o edifício. Deixe-o estar. A Ária por vezes entristece...

Obrigada agradeceu a arinnir, ignorando o seu conselho e dirigindo-se para a entrada.

Worick olhava para o chão de olhos secos, absorto nalgum pensamento, e Taislin era confortado pelos seus ouvintes, tentando não fungar demasiado para quem se apresentara como um herói das histórias. Allumno tapava a boca com uma forçadamente pensativa mão, apoiando o cotovelo num braço cruzado enquanto fechava repetidamente os olhos para forçar a saída da humidade que lhe turvava a visão.

Uma canção... deveras triste comentou, destapando por fim a boca.

Deveras anuiu Eluana, abraçada ao braço do seu esposo.

Não é muito inspiradora para quem aguarda uma batalha disse Hanal, embora eventualmente possa servir para lembrar a quem a ouve as razões pelas quais *tem* de sobreviver...

Allumno concordou em silêncio, e o Patriarca não acrescentou mais nada. Slayra agarrava o braço de Quenestil com força, cintilando dos olhos enquanto este esfregava os seus com as costas da mão, inspirando fundo após a subtil torrente de emoções pelas quais passara.

Quenestil?

Sim? O shura viu que as pestanas da eahanoir estavam molhadas e sentiu verdadeiramente o aperto no seu braço.

Tenho de ir à latrina. Vem comigo.

O eahan não percebeu o pedido, mas antes que pudesse fazer qualquer pergunta já estava a ser arrastado.

Desculpe disse Slayra, dirigindo-se a uma Eahana com a mão livre sobre a barriga, onde é a latrina?

A eahanna branca olhou discretamente para o ventre dilatado de Slayra e fez uma cara compadecida ao fitá-la.

Pobrezinha, ficou a sentir-se mal? Vá para a da torre, que fica mais perto indicou a Eahana, apontando para o canto arredondado da muralha no qual o torreão estava inserido e no qual se encontrava uma abertura orlada por uma armação de madeira com flores brancas nela enrodilhadas.

A eahanoir agradeceu e puxou Quenestil para o interior do torreão como se estivesse aflita, conseguindo assim passar sem qualquer estorvo pelos Eahan. A porta da latrina estava logo nesse andar, ao lado das escadas em espiral, e Slayra abriu-a com tanta pressa que bateu com ela contra a parede, puxando o shura para dentro antes de a fechar. Quando por fim tomou consciência do que se passara, Quenestil deu consigo com Slayra dentro de um pequeno compartimento fresco no qual pairava um estranho odor causado pela mistura da fragrância dos molhos de rosmaninho pendurados na parede e o fedor fecal que emanava do buraco no banco de pedra tapado por uma tábua de madeira. A única iluminação da latrina provinha da janela gradeada por cima do banco, através da qual o luar entrava.

Slayra, o que ten...

A eahanoir puxou a boca do eahan contra a sua tão repentinamente que os seus dentes raspavam uns nos outros, mas nem por isso Slayra o largou, agarrando-lhe antes os cabelos com mais força e empurrando-o contra a parede.

Slayramm... mmmo que é quemmm... tentou Quenestil falar, vendo-se forçado a pegar na eahanna pelos braços para a afastar. Slayra! O que tens?

Nada. Cala-te ordenou Slayra, tornando a beijá-lo e mordendo-lhe o lábio superior para o impedir de falar.

Perplexo, o shura tornou a afastá-la, grunhindo com os dentes no seu lábio e sacudindo ligeiramente a eahanoir.

Slayra, pára um instante e diz-me o que se passa!

Mas é preciso *passar-se* alguma coisa? retorquiu a eahanoir, irritada.

Bem... sim! Estás grávida, estamos no meio de uma festa e... assim, sem mais nem menos? E numa *latrina*?

Slayra cerrou os dentes e agarrou a cabeça do eahan, puxando-a para perto da sua.

Quenestil, tu amanhã ou depois de amanhã podes morrer, percebes? Podes morrer! E eu não quero que os nossos últimos dias tenham sido uma viagem a vomitar num maldito barco de sirulianos!

Quenestil deu-se conta dos efeitos da canção, e toda a sua agressividade desapareceu quando por sua vez pegou na cabeça da eahanoir.

Slayra, eu não...

Se tu vais morrer, então quero-te dentro de mim uma última vez. Parece-te assim tão estranho?

Slayra, eu não vou morrer. Eu prometo...

Não faças promessas que não podes cumprir, cabrito montês respingou Slayra, batendo-lhe no peito com os punhos e ficando a olhar para o shura com os orbes azuis-claros, que pareciam maiores com o luar a incidir neles de lado, sombreando-lhe o outro lado da face.

De facto, nada havia a dizer. As suas bocas tornaram a encontrar-se abruptamente, e Quenestil encostou Slayra à parede enquanto esta levantava as saias, ambos a respirarem com sofreguidão pelos narizes. O shura apercebeu-se do tempo que passara desde a última vez que estivera com a eahanoir, e descobriu que o seu corpo ansiava pela suavidade da sua pele, o almíscar do seu cheiro, a ferosidade dos seus lábios. Slayra parecia possessa como na noite que ambos haviam passado no abrigo na neve havia quase um ano, e Quenestil retribuiu a ferocidade, rosnando enquanto a sua orelha era mordida e livrando-se de todo e qualquer pensamento racional para se entregar ao arrebatamento sensual.

Assim que Lhiannah saiu do edifício dos Eahan, avistou Aewyre no pátio, e o seu primeiro impulso foi correr atrás dele para saber o que se passava. Porém, não fora a única a ir atrás do guerreiro, pois de seguida distinguiu claramente na semiobscuridade do pátio as roupas e o cabelo brancos de uma Eahana, o que fez com que a princesa se detivesse. Aewyre caminhava a passos rápidos na direcção de nenhures, e talvez por isso não ouvisse os delicados passos da eahanna branca que o seguia, mas esta estendeu a mão e disse algo que Lhiannah não

percebeu. Pareceu Eridiaith, mas talvez Lhiannah simplesmente não tivesse percebido as palavras à distância, ou talvez fosse do seu ouvido. Em todo o caso, fez com que o jovem parasse e se virasse para trás. A arinnir escondeu-se atrás de uma das colunas ao lado da entrada e tentou sem sucesso ouvir o que ambos diziam, sentindo-se ridícula por ficar a observar como uma menina bisbilhoteira.

O que queres? perguntou Aewyre com desnecessária rispidez, esquecendo momentaneamente o fascínio por Eahan.

Era Sana, a servente que o assistira e aos seus companheiros no banho. A brusquidão do guerreiro assustou-a e a Eahana sobressaltou-se, levando a mão ao peito.

Príncipe Aewyre, passa-se alguma coisa?

Não, não se passa nada! negou o guerreiro. Volta para trás.

Ouçó dor na vossa voz, príncipe disse Sana serenamente, aproximando-se.

Torci o pé ao descer aquelas escadas, deve ser disso... comentou sarcasticamente. Volta para trás. Não se passa nada comigo.

Memórias que a Ária despertou?

O quê? Como é que... balbuciou o guerreiro. Não interessa. Volta para trás, quero ficar sozinho firmou, voltando-lhe as costas e afastando-se.

Não foi senão quando senti o suave toque dos dedos da eahanna no seu ombro que algo estalou dentro da sua cabeça, e Aewyre oscilou violentamente com o braço para trás, livrando-se da indesejada mão.

Não me ouviste? vociferou, irado. Quantas vezes tenho de...

Quando caiu em si, o guerreiro quase sufocou com o que acabara de fazer. Sana tinha uma expressão surpresa e magoada na cara, agarrando o pulso que aleijara, e Aewyre desejou ser supliciado naquele preciso momento.

Eu... desculpa... pediu o guerreiro, pegando no braço magoado da Eahana. Como é que te chamas?

Sana, príncipe.

Desculpa, Sana.

Não, príncipe. Eu é que fui intrometida, mas vi-o a sair com tanta tristeza e dor na sua face que tive de perguntar se podia fazer alguma coisa por si...

Sensibilizado, Aewyre sentiu-se ainda pior.

Não, não podes. Ninguém pode... afirmou, olhando para o céu.

Posso ouvir disse a Eahana. As feridas infectam quando são escondidas.

Aewyre reuniu coragem para a olhar nos olhos, temendo perder-se no escuro azulado dos seus feéricos orbes, mas nada lá encontrou além de compaixão e uma sincera vontade de ajudar. Fechou os olhos e soltou um longo suspiro antes de falar, sentindo uma torrente de palavras a avolumarem-se na garganta, ansiosas por sair.

Era uma rapariga. Foi há um ano que tudo aconteceu, e ainda hoje não percebo bem o que foi ao certo. Conheci-a numa cidade pela qual passámos, e tinha-a pedido em casamento, mas ela morreu para me salvar... daquilo que *eu* a devia ter salvo. Um tirano que dominava a cidade, e que eu e os meus companheiros derrotámos, mas não a tempo de fazer algo por ela...

Sana ouvia atentamente, nutando com a cabeça e franzindo ligeiramente a testa ao saber da morte da rapariga em questão.

Não sei o que teria sido... eu, um príncipe, ela, uma camponesa... Onde estaria eu agora? E hoje já nem sei se era amor ou uma paixão, quer dizer... O guerreiro grunhiu de frustração. E as palavras da vossa maldita língua, que parece que vão remexer aqui dentro e trazem tudo à tona... só tornaram tudo mais confuso ainda! Porra, eu já tinha ultrapassado isto!

Quando Sana deu um passo atrás, Aewyre apercebeu-se de que estava a levantar a voz outra vez e fechou a boca, baixando a cabeça e os braços que se haviam erguido sem que tivesse notado, embora não conseguisse relaxar os punhos crispados.

Desculpa, Sana. Eu... não me sinto bem. O melhor é ires embora.

O guerreiro esperou que a Eahana assim fizesse, mas o que sucedeu foi precisamente o oposto e Sana aproximou-se ainda mais de si, agarrando-lhe a cabeça com ambas as mãos. Levou algum tempo para aproximar a sua cara da de Aewyre, concedendo-lhe amplas oportunidades para reagir, mas o guerreiro não se mexeu até o seu lábio inferior ser docemente beijado e os seus olhos terem ficado instintivamente semicerrados. Pegou na Eahana pelos ombros e afastou-a, sentindo um ligeiro arvoamento quando os seus lábios se separaram.

Então? O que estás a fazer?

A Eahana abanou a cabeça e respondeu-lhe em Eridiaith com uma frase tão doce, tão plena de ternura, candura e carinho que o fez sentir que tudo estava bem e que não havia mal algum naquilo que iam fazer. Sana era bela, com os seus olhos cerúleos, as madeixas

soltas de cabelo branco que haviam escapado ao coque entrelaçado na nuca e uma inocente boca cordiforme. Pareceu-lhe a coisa mais natural do mundo beijá-la, e assim o fez. Sabia a frutos e bagas silvestres, e Aewyre abraçou-a, cingindo as suas formas macias num forte abraço.

Lhiannah parou de observar detrás da coluna nesse preciso momento, assumiu uma expressão fria e virou as costas hirtas à cena que se desenrolava no pátio, voltando para dentro do edifício.

A ÁGUA NIDIFICA

Um incomodado tentilhão de peito e ventre rosados e cabeça cinzento-azulada voava, undante sobre os abrasados telhados vermelhos de Ul-Thoryn, uma das poucas aves à vista no céu limpo do estuante dia. As ruas da cidade estavam festivas, as janelas dos edifícios dos burgueses decoradas com brilhantes toalhas e panos e com as mais dispendiosas peças da sua copa nelas expostas. Apesar do calor, era seguro dizer que boa parte da cidade estava nas ruas, embora os cidadãos se mantivessem à sombra perto das fontes e poços, e muitos preferissem aguardar a procissão do casamento dentro das tabernas, onde os preços das bebidas inflacionavam gradualmente. A milícia de Ul-Thoryn patrulhava cada beco e viela, reforçada pelos efectivos de Allahn Anroth, assegurando-se de que nenhuma irregularidade era cometida e acalmando os ânimos provocados pelas altas temperaturas e a massiva aglomeração de pessoas nas ruas. Alheio a tais festividades, o tentilhão continuou a sobrevoar os arruamentos da cidade até chegar ao seu destino, o plácido e fresco jardim do claustro da catedral de Assana. Grande foi a sua surpresa quando, ao pousar sobre o tejadilho de uma galeria, o encontrou repleto de estranhos.

As cortes de Ul-Thoryn e Lennhau estavam reunidas no jardim, sumptuosamente trajadas numa diversidade de cores e feitios que bordejavam o janota, e a sua presença afastara os habitantes mais pequenos. Estavam todos reunidos em redor do monóptero de mármore vermelho no centro, que se encontrava no eixo de duas pérgulas cruzadas cobertas de trepadeiras, cuja sombra era avidamente contestada pelos presentes. As balaustradas e colunas das galerias do claustro eram decoradas por armações em madeira com rosas nelas

entrelaçadas, e entre as pérgulas havia quatro fontes rodeadas de narcisos amarelos com pétalas de rosas vermelhas a flutuarem na perfumada água, bem como renques de miosótis azuis. O jardim era fresco, mas ainda assim os convidados limpavam o suor das testas e as damas abanavam as mãos à frente das caras. Havia mesmo quem fosse molhar as mãos nas fontes ou se juntasse às sorores e noviças de Assana que aguardavam de braços cruzados sobre a cintura debaixo das galerias. As fiéis da deusa do amor e do casamento envergavam dominós vermelhos com os capuzes puxados para trás e usavam os cabelos soltos, embora as sorores usassem uma coifa de linho branco cingida por duas longas tranças entrelaçadas sobre a cabeça. Todas as atenções se centravam no monóptero, sobre cujo estrado ensombrado por uma laje pintada com o símbolo de Assana uma rosa vermelha cercada por um anel dourado se encontravam Aereth Thoryn, lollina Nehin e o preste que presidia ao casamento. O encalorado regente de Ul-Thoryn vestia uma longa túnica amarela rachada debaixo da cintura com apertadas mangas. Trazia aos ombros um semicircular manto vermelho debruado a ouro e com um brocado na forma de águias, firmado ao peito por uma faixa presa a dois broches dourados encastoados com rubis. O seu increspado cabelo negro estava dividido ao meio, fora frisado por meio de ferros quentes e cortado ao nível da maxila, e a sua barba estava oleada. Ostentava ainda na frente a coroa de Ul-Thoryn, uma tiara de ouro com duas asas recolhidas sobre as têmporas e a cabeça de uma águia com olhos rubiáceos. lollina trajava um sumptuoso vestido brasonado com as armas do seu pai e marido. A águia e o sol de Ul-Thoryn estavam harmoniosamente lado a lado com o teixo e as bagas de Lennhau na frente e nas costas da princesa, de cujos braços pendiam um par de badanas brancas com pequenos teixos nelas cerzidos. Os seus espessos cabelos negros haviam sido amansados por meio de uma grossa trança que lhe percorria a cabeça de uma têmpora à outra, debaixo de uma fita da qual caíam pingentes vermelhos sobre a testa de lollina. As pontas dos seus vários fios encaracolavam-se sobre a gorjeira de cassa que lhe cobria o pescoço e que estava presa debaixo da trança e enfiada na gola do vestido. O preste envergava um dominó vermelho igual ao das noviças e sorores, e a sua calva deixava-lhe poucas opções para pentear o seu cabelo branco. O seu único distintivo era uma tiara dourada enfeitada com rosas vermelhas que de alguma forma destoavam com o seu porte e idade, e agarrava uma rosa com ambas as mãos enquanto falava. O casal ouvia diligentemente o seu sermão, mas os restantes convidados começavam a ficar impacientes devido ao calor.

... que vos unirá, o irresistível atraimento sensual entre forças antagónicas e complementares, adimplementado pela emoção que verdadeiramente une homem e mulher, e que urde o tecido que compõe a comunidade na qual vivemos concluiu o preste numa voz monocórdica, olhando revezadamente com os seus papudos olhos castanhos para o casal.

Seguiu-se uma série de perguntas: tinham idade para contrair matrimónio? Juravam estar fora do grau de consanguinidade proibido? Amavam-se verdadeiramente? Consentiam os dois de livre vontade? Ambos responderam afirmativamente a todas, e o preste chamou os portadores dos anéis. O pajem de Aereth e a aia de lollina foram em frente lado a lado, trazendo os anéis enquanto duas noviças subiam ao monóptero com duas pequenas taças, uma de barro com extracto de lúpulo e outra de osso com mel. O preste aguardou que o pajem e a aia entregassem as rosas e se retirassem, arregalando ligeiramente as esvanecentes sobrancelhas e sorrindo ao sentir uma tensão entre os dois jovens que, não pôde deixar de reparar, não existia entre o casal. Suspirando, concentrou-se na sua tarefa e retomou o rito.

O amor é ambíguo disse. É deleitoso passou a rosa a Aereth, que a estendeu defronte do nariz de lollina para que esta a cheirasse, e doloroso. O regente pegou então na delicada mão esquerda da princesa e picou-lhe cuidadosamente o polegar com um espinho.

lollina fez o mesmo, embora tivesse dificuldades em espetar o espinho no polegar da mão direita de Aereth e acabasse por o fazer com demasiada força. O regente silvou através dos dentes e encolheu-se, mas recuperou de imediato a compostura, lançando um olhar irritado à princesa sem que esta o visse, pois não o olhava nos olhos.

O matrimónio é doce prosseguiu o preste, e uma das noviças passou a taça de osso a Aereth para que este a desse de beber a lollina, que repetiu o gesto, e amargo. Os dois beberam de seguida o extracto de lúpulo, disfarçando o melhor que conseguiram as desagradadas caretas. Mas juntos, com amor e respeito, prevalecerão perante as adversidades e serão unos na vida e na morte.

Aereth Thoryn, tomais lollina Nehin como vossa esposa? Jurais amá-la como homem?

Sim.

Aereth Thoryn, regente de Ul-Thoryn, tomais lollina Nehin, princesa de Lennhau, como vossa rainha regente? Jurais amá-la como monarca?

Sim.

As mesmas perguntas foram feitas a lollina, cujas respostas mal se fizeram ouvir além do monóptero e uma das quais nem mesmo o preste ouviu à primeira. Os dois colocaram então os anéis nos polegares feridos um do outro.

Então, pela graça e amor de Assana, doravante sois marido e mulher. Podeis consumir a vossa união diante de todos e com a bênção da deusa.

Aereth pegou na cabeça de lollina, forçando-a a olhá-lo nos olhos pela primeira vez e sentindo a hirteza do seu pescoço. Beijaram-se, mas a princesa manteve a boca fechada, causando um desconfortável momento durante o qual o seu esposo tentou hesitantemente apartar-lhe os lábios com os seus, acabando por desistir e endireitar-se com as ditosamente morenas bochechas em brasa. Os presentes aplaudiram, fingindo entusiasmo. O casal virou então as costas para o preste de mãos dadas, roçando os anéis nos polegares e manchando-os com o sangue das picadas. Uma soror trouxe-lhes uma rola branca que ambos agarraram com as mãos livres, soltando-a de seguida para que voasse em liberdade sobre uma nova rodada de aplausos dos convidados. O tentilhão fartou-se e optou por fazer o mesmo, voando para fora do jardim rumo a um local menos agitado. Passou sobre a multidão que estava reunida à porta da catedral e seguiu inconscientemente o caminho entapetado com juncos e flores que fora preparado para a procissão final em direcção ao palácio. A série de ruas que levavam a Aemer-Anoth estavam decoradas com garridas grinaldas e festões, e havia homens sobre os telhados com sacos de pétalas de fragrantes flores para atirarem aquando da passagem do casal. O pequeno pássaro sobrevoou as muralhas do palácio real de Ul-Thoryn e dirigiu-se aos seus jardins, que por norma evitava devido à presença de gatos e falcões amestrados. Pelo menos pareciam sossegados, à excepção de uns quantos homens que deambulavam pelos pomares e que o tentilhão evitou. Pousou sobre a boca do peixe de mármore alusivo ao brasão de Sardin de uma das fontes um legado da nação que outrora as oito províncias de Nolwyn haviam constituído, com Ul-Thoryn como sua capital e bebeu da água que dela jorrava. Distraído pela sede e pelo ruído da fonte, nunca chegou sequer a ver a pedra que o atingiu em cheio na cabeça, matando-o instantaneamente. O tentilhão caiu na água e duas mãos sujas de fuligem chapinharam desajeitadamente nela para o tirar, praguejando e amaldiçoando todas as aves.

Estúpido, tinha de cair na água, molhar as penas! resmungou o moço de cozinha com o tentilhão numa mão. Era um vulgar rapaz baio, descalço, com penas de galinha depenada no cabelo negro e um incisivo em falta. Mas pronto, era mesmo um destes que o raio do velho queria.

Satisfeito, correu para fora do jardim e voltou para o caos da cozinha com o seu diminuto trofeu. Dentro do recinto de grandes dimensões reinava uma actividade sem precedentes desde a coroação de Aereth, e o moço mergulhou destemidamente no mar de gente à procura do arquimagiro. O altíssimo tecto da cozinha era formado por abóbadas em forma de cruzamento de ogivas, das quais pendiam enormes candelabros de ferro com grossas velas que iluminavam o recinto a par dos fornos e lareiras secundárias e principal. Imperava o clangor de sertãs e caldeirões, o retinir de talheres e louça, o borbulhar de água e caldos, o embater de cutelos contra madeira, o ranger de varas no espeto, o fervilhar de gordura ao lume, o crepitar da madeira, o ufanar de foles. Acima de tudo ouviam-se as vozes e os gritos dos copeiros, despenseiros, trinchadores, sopradores, ajudantes, sopeiros, lenhadores, louceiros e moços de cozinha que, tal como o rapaz do tentilhão, corriam em redor para depenar, esfolar, escamar, trazer, buscar, lavar. Homens e mulheres temperavam, cortavam, esquetejavam, salgavam e untavam segundo as ordens dos seus superiores, esfregando as testas suadas com os braços de mangas arregaçadas sempre que a ocasião lhes permitia. Fintando todos os que se lhe atravessavam no caminho, o rapaz calcorrinhou a cozinha até encontrar mestre Colmor, o arquimagiro, que como sempre estava a repreender vários dos seus subalternos ao mesmo tempo. Era um homem rubicundo e grisalho, com uma catarata num olho, e vestia uma túnica branca na qual estavam expostos como medalhas os percalços das suas provas e manuseio de comidas.

Seus sabujos lambuzentos, besuntaram isso tudo! criticou, apontando para um luzente pernil de carneiro. O que é que estão a fazer aí? Um quartilho de agraço, o que foi o que eu vos disse? Querem embebedar a vitela? Pela foice de Gorfanna, tirem-me estes esterqueiros daqui e tragam-me cozinheiros! E vocês, não estão a tingir as roupas de que vos ouço a falar! Coem-me bem esse caldo, ou eu parto-vos os pescoços como as galinhas que são! O que foi?

O moço de cozinha estendeu timidamente o tentilhão a mestre Colmor.

O passaroco que pediu... tentou dizer antes de este lhe ser arrancado da mão, cheirado e atentamente perscrutado.

III

Está molhado. Estiveste a dar-lhe o banho que te falta, meu rafeiro sarnoso?

O rapaz abriu a boca para falar, mas o arquimagiro atirou-lhe o tentilhão de volta para a mão e virou-lhe as costas.

Seca-o e manda-o arranjar para a tarte salgada da dama Nehin. Se ela não chegar à mesa, asso-te no espeto!

O moço foi de imediato fazer como lhe fora dito, e o tentilhão acabou por se ver aninhado no topo da massa salgada de uma tarte de enguias e lagostins, esperando a sua vez até um par de mãos pegar na sua bandeja. O pajem de Aereth vestia um sainho amarelo e apertadas calças vermelhas, e o seu cabelo conseguira escapar aos ferros quentes, estando apenas cingido por uma fita. Ainda se sentia afogado devido à tortuosa procissão, na qual tivera de caminhar ao sol ao lado da liteira coberta do seu senhor, e agora cabia-lhe servi-lo e à sua esposa e sogros. O corredor que percorreu mais parecia um carreiro de formigas, com atarefados criados e serventes em incessante marcha. Deu a tarte de provar ao provador, um anafado homem que tinha todo o ar de adorar o seu trabalho, e um aceno da cabeça deste permitiu-lhe a passagem. Já sentia a rugidora emanção que provinha do fundo da galeria, ao fim da qual entraria no salão real de Allahn-Anroth, e embora não conseguisse ouvir o barulho, sentia-o no peito. Um palco fora montado às pontas da mesa, no qual decorreriam pequenas peças para o entretenimento de todos durante os entremezes. Menestréis tocavam músicas mudas em dois balcões marchetados sobre a mesa, arranhando violinos, soprando flautas e trinando alaúdes. As bocas dos comensais escancaravam-se para proferirem sons que o pajem não podia ouvir ou emborcar as entradas que davam início ao banquete: caldo de carne, sonhos de miolos de vaca, cadoz cozido, empadas várias, maçãs assadas, figos passados por gordura e lagostins com manteiga. Para aliviar as sequiosas gargantas após a encalorada procissão, havia uma profusão de vinhos licorosos, com água importada das nascentes das terras altas de Sathmara à disposição de todos os que desejassem aguardar as bebidas para não se embebedarem demasiado cedo. Afinal, o banquete iria durar o dia inteiro e prolongar-se-ia pela subsequente semana adentro, e ninguém desejava comparecer indisposto às vindouras festividades que iriam animar a cidade inteira. O pajem deixou-se ficar por um breve instante a admirar a cena, que era diferente de qualquer outro banquete ao qual tivesse comparecido. Assemelhava-se a um dos frescos retratados nas paredes do salão na sua sumptuosidade e opulência, uma cena de tempos passados nos quais Nolwyn fora uno e poderoso.

Despertou das suas contemplanções e dirigiu-se rapidamente à mesa principal com a tarte de Lethia Nehin nas mãos, vendo que a esposa de lorde Tylon aguardava com fria impaciência enquanto este falava com Aereth. A mãe da princesa envergava um vestido que lhe deixava os ombros e uma generosa parte do peito a descoberto, e os seus cabelos castanhos-escuros estavam presos em tranças dentro de dois cilindros prateados ornamentados com jóias. Cortun estava a seu lado e esforçava-se para que os seus olhos não se baixassem demasiadas vezes de viés para os seios da sua senhora, ainda que sub-repticiamente. O próprio pajem distraiu-se com um fugaz relance ao servi-la, que bastou para que a bandeja da tarte batesse num copo, fazendo o braço do rapaz recuar reflexivamente, deixando o tentilhão cair do seu ninho sobre as sobras de miolos de vaca de lorde Tylon. Os olhos cor de avelã crestada por geada da dama Lethia gelaram o pajem na sua posição, ainda com a bandeja nas trémulas mãos e indeciso quanto ao que fazer. Os lábios pintados de vermelho da mulher mexeram-se, e o rapaz leu-os, tentando decifrar o que diziam à procura de uma possibilidade de remediar o que fizera. Cortun?

Duas grandes mãos calejadas com dedos gordurosos cobriram-lhe a cara e boa parte da cabeça, começando a apertar com uma força que ameaçava estalar-lhe o crânio. O pajem largou a bandeja e agarrou os grossos pulsos peludos, mas as manípulas continuavam a apertar e apertar, tornando a pressão na sua cabeça insuportável. A sua visão começou a escurecer, granida por trémulos pontos brancos... mas subitamente, as mãos largaram-lhe a cabeça e o pajem caiu ao chão como se as suas pernas se tivessem esfacelado. Duas delicadas mãos agarraram-no, uma na nuca e a outra no peito, e quando a sua visão clareou, viu a aia de lollina que olhava para ele com grandes olhos preocupados. Lorde Aereth erguera-se e vociferava algo a Cortun, agastado, enquanto lorde Tylon lançava olhares repreendedores à sua esposa. O vibrar na sala cessara, e o pajem viu que os convivas estavam todos calados a observar a cena. A aia afagava-lhe a nuca e falava com ele, mas o rapaz estava demasiado atordoado para lhe dar atenção, despertando apenas ao ver quem se aproximava, cabriolando com destreza sobre as mesas. O seu corpo retesou-se e os seus olhos arregalaram-se, inquietando a aia, que contudo também virou a cara ao ouvir a guizalhante chegada de Dilet, o bobo.

Desgraça! Miséria! Contenda no casamento! Nobres senhores e senhoras, peço-vos: tenham tento! exclamou alarmado ao aterrar de cócoras diante de Lethia, sem tocar num único prato.

O seu traje do dia era verde e vermelho, com um barrete de três erectas pontas e sapatos de bicos invulgarmente curtos, mas nem por isso menos garridos. Lethia olhou friamente para Dilet, dando rapidamente a entender que não estava com disposição para brincadeiras, mas Dilet inclinou a cabeça, apoiando-a no indicador e perscrutando a esposa de lorde Tylon.

Linda senhora, verdadeira flor silvestre da Primavera. Devo perguntar-vos: porquê uma admoestação tão severa? indagou, arregalando as sobancelhas. Não sejais tão dura com o pobre do rapaz pediu, baixando os olhos para o peito de Lethia, pois muitos olhos certamente se perderam nesse belo regaço *falaz...*

Assim que se deu a erupção de gargalhadas no salão, Lethia levantou-se, e as costas da sua mão esbofetearam Dilet em cheio na cara. As risadas aumentaram de volume, e várias mãos bateram na mesa sobre a qual o bobo pousou graciosamente as suas, dando uma pirueta para trás para se afastar da irada mulher. O seu malar sangrava de um arranhão causado por um dos anéis de Lethia, que tremia de raiva contida atrás de uma fachada de gelo. Dilet ficou a observá-la com um sorriso torto, esperando que a cascalhada geral "diminuísse para poder falar outra vez.

A *carícia* de uma bela dama, dia alegre para um feio jogral! Mais risotas. Mas sabiamente guardo a minha distância; carícias a mais podem fazer mal! Lethia parecia prestes a rebentar de raiva, agarrando a toalha com as unhas, e o seu marido pousou-lhe uma advertente mão no ombro. Não mais cheirarei a flor, se é que tal me foi permitido. Quem triunfa na vida é o homem advertido.

Dilet pegou no tentilhão morto e fechou ambas as mãos com o pássaro dentro delas.

Hoje duas casas se uniram em carne e terra; enlace venturoso! Ditosa aliança! Alegrai-vos, regozijai, pois afinal na abandonada nação subsiste a esperança! A águia nidificou no teixo, aguardemos a ninhada! Quatro bagas na sua corte, qual delas estará envenenada?

As palavras de Dilet causaram olhares dúbios e testas franzidas, mas o bobo ainda não tinha acabado.

Mas comei, diverti-vos! Não vim para vos silenciar! Falai, divertidos, refinai o paladar! A alegria é fugaz, passageira como as ondas do mar. Aproveitai quando podeis disse, abrindo as mãos, antes que ela fuja a voar.

Perante olhares e exclamações de espanto, o pássaro morto que o bobo agarrara bateu as asas e voou até ao tecto, sobrevoando o salão

até sair por uma janela. Todos aplaudiram, e Dilet fez uma vénia antes de se retirar, cabriolando até ao palco numa estonteante série de piruetas até sair pela porta principal. Aereth deu então a ordem para que as festividades recomeçassem e todos se sentaram, retomando as conversas e a refeição. A aia virou-se para o pajem, que estava a ser acometido de suores frios.

Aquele bruto... disse, olhando venenosamente para as desmedidas costas de Cortun. Anda, levanta-te. Bebes um pouco de vinho e já te sentes melhor. Vá, eu ajudo-te.

A rapariga pôs o braço do pajem por cima do ombro e o rapaz nada fez para a impedir, concentrado apenas em amainar as batidas do seu coração.

- Ele magoou-te muito? O bruto! É uma besta! Um dia alguém

ainda lhe vai dar uma lição! Passou a delicada mão pela testa do pajem, e os seus dedos voltaram molhados. Estás todo alagado. Anda, vamos antes para o corredor. Nem peço autorização àquela megera... olha, está a falar com lorde Tylon. Espero que ele esteja a ralhar com ela.

Fora do palácio, enquanto o pajem e a aia se retiravam do salão, o

tentilhão voava erráticamente como uma mosca *zozza*.. Estava a ter dificuldades em manter-se no ar, e as penas pingavam-lhe gradualmente da pele, deixando um esvoaçante rasto atrás do pássaro, até que por fim a sua carne se desfez e os seus ossos se esfarelaram, lançando-o em queda livre contra o jardim. Quando caiu na relva, nada mais era do que uma fumegante e purulenta poça negra com penas.

ADVENTO DA BATALHA

No dia seguinte os companheiros acordaram refeitos, embora cientes de que, segundo os batedores sirulianos, o exército de Asmodeon chegaria nessa mesma tarde. A noite passada entre os Eahan fora balsâmica para os seus espíritos carregados e os seus corpos cansados e, embora partilhassem do nervosismo que de forma geral se fazia sentir entre os conscritos, sentiam-se mais prontos do que nunca para enfrentar o que vinha na direcção de Aemer-Anoth. Lhiannah fora a primeira a levantar-se, e os companheiros não a haviam visto desde então. Quenestil e Slayra saíram com os conscritos, retirando-se para uma conversa privada e deixando Aewyre, Worick, Allumno e Taislin sozinhos no quarto.

Mas aonde é que aquela cachopa terá ido? questionou-se Worick, passando os dedos pela invulgarmente limpa barba.

Certamente não saiu de Aemer-Anoth bocejou Allumno com a mão defronte da boca.

Se calhar ainda lhe dá uma ideia e corta o cabelo para se fazer passar por homem e lutar nas muralhas... Quando era criança, fez isso mesmo só para ir treinar com os rapazes.

Aewyre olhou de soslaio para o thuragar, questionando-se quanto à veracidade dessa e das outras histórias que contara acerca de Lhiannah, mas nada disse. Outras coisas lhe ocupavam a cabeça, embora sentisse uma estranha paz de espírito como há muito as suas atribuladas cismas não lho permitiam. Lhiannah deixara de ser uma preocupação, bem como a gravidez de Slayra; aceitara a morte de Babaki e resignara-se a carregar consigo a culpa pela morte da Nabella. Krór, o "tendão" e a Essência da Lâmina eram considerações a ter mais

tarde, tal como o acordara com o drahreg. Ancalach ainda lhe causava dúvidas desde o incidente nas cavernas, mas desde que o seu gume continuasse afiado e a sua ponta aguçada, não iria pensar demasiado no assunto. Sobravam a harahan, a sua alegada filha e o seu pai, mas de momento a vindoura batalha encontrava-se entre o guerreiro e essas três questões, pelo que teria de se concentrar nela como um obstáculo a ultrapassar...

... connosco, Aewyre? ouviu a voz de Allumno perguntar.

Ha? Desculpa?

Eu e o Worick vamos supervisionar as defesas nas ameias. Queres vir connosco? tornou o mago a perguntar, ajeitando o gibanete de pano encorpado que lhe fora oferecido para a sua protecção.

Ah, não, deixa estar. Eu acho que vou já vestir aquilo disse, apontando para a saca que continha a armadura siruliana oferecida pelo Mandatário. O melhor é ir-me habituando. Há já algum tempo que não uso um arnês.

É a única armadura que um homem devia usar comentou Worick, dando dois murros quase afectuosos na sua couraça.

Como é que consegues dormir dentro disso? admirou-se Aewyre. A última noite fora das poucas em que vira o thuragar dormir sem a sua armadura, e fizera questão de a vestir com a ajuda de Taislin logo de manhã. Nem os sirulianos chegam a esse ponto.

Não tenho um rabinho mole do Sul, é por isso afirmou Worick, batendo no seu traseiro acurado.

Precisas de ajuda para o vestir? perguntou Taislin, referindo-se ao arnês.

O guerreiro lembrou-se das partidas que o burrik pregara ao thuragar enquanto o ajudava a vestir-se, atando mal as correias prepositadamente, mas sabia que não o conseguiria fazer sozinho, e Allumno e Worick não pareciam dispostos a ajudá-lo.

Está bem, Taislin. Eu depois vou ter contigo, Worick. Taislin bateu com as mãos e esfregou-as de endiabrado contentamento.

Olha, mafarrico, depois vai à procura da Lhiannah e diz-lhe para ir ter à enfermaria. E se ela cortou o cabelo, traz-mo para eu a obrigar a engoli-lo... disse Worick, retirando-se com Allumno.

Os dois companheiros mais velhos caminharam lado a lado pelo corredor, silenciosos como era costume na presença um do outro,

embora Worick olhasse o mago de lado sem que este reparasse, remexendo algo nos dedos da sua mão direita, escondida de Allumno. Por várias vezes abriu a boca e virou a cara, mas voltou sempre atrás, repetindo-o tantas vezes que o mago acabou por reparar.

Sim, Worick?

O thuragar hesitou, franzindo os lábios e revolvendo o bigode com o gesto, até que acabou por se deter, virando-se para Allumno com uma expressão séria.

Mago, quero que fiques com isto disse, estendendo-lhe um objecto de pedra.

Allumno pegou instintivamente nele e examinou-o atentamente. Era uma complexa runa de pedra, habilmente esculpida e polida e do tamanho de uma pequena maçã, cujo significado o mago desconhecia. Então fora aquilo que o thuragar estivera a trabalhar e cinzelar durante boa parte da viagem...

É uma runa de protecção. Como não sei se ainda vejo a cachopa hoje... é para lhe dares no caso de me... acontecer alguma coisa disse o thuragar, esfregando a embaraçada nuca. Essa pedra esteve debaixo do berço dela e... comecei a trabalhá-la no dia em que partimos convosco. É só isso. Se alguma coisa me acontecer, dás-lha. Para ela trazer sempre consigo. Percebeste?

Perfeitamente anuiu Allumno, fechando a mão com a runa dentro dela. Porquê eu?

Porque és o único que não faz perguntas estúpidas.

Entendo. O mago enfiou a runa cuidadosamente dentro da sua sacola e deu-lhe duas palmadinhas asseguradoras.

E consegues encontrá-la no meio dessa porcaria toda?

Não te preocupes. Ela fica segura aqui. Vamos?

Os dois retomaram o passo e, assim que chegaram à escadaria, Worick resmungou algo remotamente parecido com um agradecimento.

- De nada.

Quenestil e Slayra estavam no piso inferior da torre flanqueante da muralha oeste da bastilha, que os companheiros haviam convertido em enfermaria improvisada por se encontrar no lado oposto ao da provável frente da batalha. A sala na qual se encontravam tinha o chão coberto de palha e camastrinhos e vasilhas e taças de água encostadas à parede. Braseiros sobre armações com ferros aguardavam as brasas para cauterizar feridas, e os conscritos que estavam presentes arrumavam

toalhas e ligaduras de linho. Eram homens pouco adequados para o combate: estropiados, velhos e débeis que de pouco serviriam nas muralhas além de ficarem no caminho dosãos e robustos, mas as vidas dos feridos em breve iriam depender deles. Os sirulianos haviam-lhes dado facas, serras, fórceps e pinças em número adequado, mas poucos sabiam usar tais instrumentos.

Os dois Eahan estavam à porta de mãos dadas e testas encostadas, tentando passar despercebidos. Quenestil iria para a muralha aguardar a chegada do exército, e Slayra ficaria na torre a ajudar Lhiannah e Taislin com os feridos, e os medos que a eahanoir revelara na noite anterior pesavam-lhes aos dois.

Quando é que eles chegam? perguntou a eahanna de olhos postos no chão.

Lá para o final da tarde, é o que os sirulianos dizem respondeu o shura, roçando a sua testa de montanhês contra a frente macia de Slayra.

Vais estar numa seteira, ou...?

Não, o Aewyre precisa da minha ajuda para orientar os arqueiros nas ameias. Tenho de estar lá.

Hum, assentiu a eahanoir, apertando-lhe as mãos. Tenta acertar no olho do azigoth, sim? Pode ser que assim tudo acabe mais depressa...

Quenestil esfregou o nariz no cabelo de Slayra, bafejando-o com um suspiro e beijando-lhe a testa por falta de algo encorajador para dizer.

E tem cuidado com os machados grandes... a eahanoir falava em surdina. Já aquele boaroar te ia partindo em dois...

Slayra... Quenestil libertou as suas mãos e pegou na cara da eahanna, forçando-a a olhá-lo nos olhos. Se tu não quiseses... eu posso...

Não, silenciou-o, pousando um indicador sobre os seus lábios. Eu adoro-te por quem tu és; e sei que se não ajudasses os outros e algum deles morresse, nunca mais serias o mesmo. Não desde o Babaki...

O shura foi incapaz de discordar e limitou-se a nutar com a cabeça de pálpebras fechadas.

Além disso, és demasiado tosco a tratar de feridas, não ajudarias nada aqui. Ainda matavas alguém... afirmou, calando-se antes que perdesse a voz e abraçando Quenestil com força, apertando a cara contra o novo corselete de couro do eahan.

O eahan retribuiu e afagou-lhe a nuca, beijando-lhe a cabeça e desejando ter palavras que pudessem aquietar Slayra, mas sabia bem que a eahanoir não ia em falsas promessas e preferiu nada dizer.

Aqui estou eu, então... continuou a eahanoir. A mulher chorosa a despedir-se do homem antes de este ir para a guerra...

Slayra, pensa nele interrompeu Quenestil. Pensa no nosso bebé. Também fazes isto por ele.

Eu sei, eu sei... vai lá, então. A eahanoir afastou-se, fitando-o directamente nos olhos. Mas fica vivo, ouviste? Fica vivo ou eu juro que...

O shura preferiu beijá-la antes que pudesse proferir a sua ameaça, e os dois ficaram à porta agarrados um ao outro, afagando os seus corpos mutuamente até Quenestil ouvir um pigarreio atrás de si. Desenvencilhou-se de Slayra para permitir passagem aos três conscritos que queriam entrar e aproveitou para se afastar, agarrando a mão da eahanoir até os seus braços ficarem esticados ao máximo e os seus dedos se desprenderem.

Eu ainda volto hoje assegurou ao andar para trás, ajeitando o estojo do arco ocarr à cintura. O exército só vai chegar à tarde.

Vai, foi tudo o que Slayra disse, pousando as mãos no ventre. E volta...

O shura acenou gravemente com a cabeça e voltou-lhe as costas, pondo-se a caminho da barbacã.

Aewyre e Taislin estavam sozinhos no quarto diante das peças do arnês espalhadas pelo chão num padrão minimamente organizado. Era uma armadura velha, com os anos nela estampados na forma de inúmeras marcas de golpes, mas fora bem conservada e continuava perfeitamente funcional. As partes que protegiam zonas vitais tinham bordas dobradas para fora de forma a que as pontas de armas deflectidas nelas encalhassem em vez de resvalarem pela superfície e entrarem por uma fresta vulnerável. O guerreiro oferecera o elmo tanarchiano que recebera na distribuição das armas, pois o elegantemente afunilado capacete siruliano com a sua babeira em forma de relha de arado era claramente superior. Vestia apenas as suas calças e botas Eahan e enfiava um gibão de lona forrado a linho pela cabeça enquanto esperava que Taislin se decidisse quanto à primeira peça do arnês a entregar-lhe. A vestimenta estava coberta de fíbulas e tiras para atar as peças da armadura e tinha pedaços de malha cosidos nas axilas, no interior dos cotovelos e no colarinho. Iria ter calor com a armadura por cima

do gibão, mas era o preço a pagar pela excelente protecção que o arnês lhe proporcionaria.

Então, Taislin? inquiriu Aewyre, executando movimentos longos para ajustar o gibão ao corpo.

Eh... talvez isto? sugeriu o burrik, erguendo uma manopla com a mão.

O guerreiro baixou os cantos dos lábios e as sobrancelhas.

Tu não fazes ideia, pois não?

Não. O Worick dizia-me o que queria... Aewyre suspirou.

Bom, se bem me lembro, começa-se por baixo. Por isso passa-me aquela...

A porta abriu-se e os dois viraram-se para trás a tempo de verem Lhiannah entrar no quarto.

Lhiannah. Onde estiveste? perguntou o jovem. Saíste de manhã cedo e ninguém sabia de ti.

A arinnir tinha o cabelo preso a meio por cima do ombro e envergava as roupas eahan, com as reveladoras e parcimoniosas faixas de tecido ao peito e a saia, que rasgara e atara numas calças improvisadas. *Trazia*, na cara a expressão que Aewyre já aprendera a associar a um sinónimo para "não falem comigo", mas foi a própria que lhes dirigiu palavra.

Taislin, vai para a enfermaria. Eu ajudo o Aewyre com a armadura. O burrik protestou.

Mas eu sei...

Agora. A voz de Lhiannah não dava espaço para discussões, e o burrik achou melhor retirar-se. Eu depois vou lá ter contigo.

Quando a amuada porta se fechou, Aewyre fitou a arinnir, tentando descortinar o que estava por detrás daqueles sempre enigmáticos olhos azuis.

Para que é que foi isso?

A princesa não lhe deu atenção, passou por ele e ajoelhou-se de costas para Aewyre perante as peças do arnês espalhadas no chão.

Eu ajudo-te com isso. Costumava vestir a armadura do meu pai quando ele ia para procissões disse, agarrando as duas grevas e virando-se para o guerreiro de cócoras. Chega-te aqui. E tem cuidado para os olhos não te caírem das órbitas. Já me bastou a volta que tive de dar pelas muralhas, rodeada de marmanjos.

Aewyre estivera de facto a observar atentamente os lisos músculos das costas de Lhiannah e pousara os olhos no seu peito exposto assim

que a princesa se virara, mas endireitou-se ao ser-lhe chamada a atenção.

”*Parece que a javalina acordou cedo hoje,..*”, pensou o guerreiro, aproximando-se da arinnir.

Lhiannah fechou-lhe as grevas articuladas nas canelas e ligou as correias e fivelas para as apertar, permanecendo silenciosa enquanto o fazia. De seguida colocou-lhe os coxotes e joelheiras, atando-os cuidadosamente para lhe permitir a maior flexibilidade possível nas articulações.

Põe isto por cima disto, e aperta-o bem ao jovem, passando-lhe um cinto com três fivelas e uma pequena saia de cota de malha sem olhar para cima. Aewyre fê-lo sem questionar, e a arinnir atou as correias do topo dos coxotes ao cinto. o peso para as ancas e custa-te menos.

Estou a ver. E não queres passar esse peso sobre os teus ombros para cima de alguém? Eu, por exemplo? o guerreiro inocentemente, sentindo que algo se passava.

Lhiannah fitou-o directamente pela primeira vez desde que entrara, embora brevemente, e levantou-se com a couraça articulada nas mãos.

Os braços passando o orifício da couraça aberta pelo membro direito e trancando o torso de Aewyre com um estalo metálico, procedendo a atar as correias do lado esquerdo. ontem à noite?

Foi relaxante... o jovem, erguendo o sobrolho sem que a princesa reparasse, pois a sua atenção residia inteiramente no arnês.

Imagino... Lhiannah, baixando-se para pegar na couraça inferior e atirando um segundo cinto para cima do ombro.

E tu...?

Não gostei muito da canção ligando as duas couraças com correias e atando estas aos orifícios e fivelas do gibão.

- Parece-me que tu também não, porque desapareceste logo de seguida.

O guerreiro começava a desconfiar do rumo que a conversa estava a tomar.

Lhiannah, há alguma coisa que me queiras perguntar?

Sim, a arinnir, levando o dedo ao queixo como se tivesse lembrado de algo. usar a tua camisa? Hoje até está calor lá fora, mas estas roupas são expostas de mais, se é que se pode chamar *roupas* a isto...

Ha? Sim, claro. Usa-a à vontade disse o guerreiro, cada vez mais confuso com o jogo de Lhiannah. Fossem todas as roupas assim... murmurou entre dentes enquanto a princesa enfiava a sua camisa pela cabeça. Ficava-lhe um pouco larga e folgada, mas Lhiannah não se pareceu importar e voltou ao trabalho. Sempre ficas na enfermaria?

A arinnir pegou na faldra, uma saia de placas rectangulares e curvas, e cingiu a cintura do guerreiro com ela, prendendo-a à couraça abdominal com tiras que de seguida cobriu com o encorpado cinto que pusera ao ombro de forma a não as deixar expostas.

Sim, fico. Não queria que a batalha deixasse de valer a pena se me acontecesse alguma coisa... havia sarcasmo quase palpável na sua voz.

Lhiannah, eu estava a falar a sério...

Estavas? Hmm, interessante comentou Lhiannah, inclinando a cabeça para o lado de sobrancelhas sardonicamente franzidas enquanto apertava o cinto à grossa fíbula. Então é o que é que farias se alguma coisa por acaso me acontecesse?

Aewyre tentava olhar Lhiannah nos olhos para ter alguma ideia do que estava a enfrentar, mas os fugidios orbes azuis recusaram-lhe essa vantagem e a arinnir foi buscar a escarcela, constituída por duas placas pentagonais destinadas a cobrir a linha de junção entre as defesas superiores e inferiores pelas ancas.

Se algo te acontecesse...? Mas que espécie de pergunta é essa?

Uma à qual não consegues responder, ao que parece... provocou Lhiannah, prendendo as correias da faldra às fivelas da escarcela e deixando-as pender sobre os coxotes.

Lhiannah, deixa-te de disparates. Sabes bem que nunca me perdoaria se te acontecesse alguma coisa asseverou o guerreiro, que começava a ficar ligeiramente abespinhado.

Sim? E o que queres dizer com isso, que nunca te perdoarias? continuou a princesa ao baixar-se para pegar nos braços e cotoveleiras.

Aewyre balbuciou, sentindo que estava a ser subtilmente empurrado às escuras com o intuito de o encurralar a um canto que não via.

Mas que raio, Lhiannah, aonde é que queres chegar?

Não precisas de responder, se não quiseres... foi-lhe assegurado enquanto os braços e as cotoveleiras lhe eram atados às pequenas fíbulas das mangas do gibão.

Quer dizer, precisas que eu te faça um desenho...?

Está quieto com os braços. Podes fazer um, se achas que isso ajuda...

Desgostoso? Inconsolável? tentou o guerreiro. Destroçado?

Vais ter de fazer melhor que isso, Aewyre Thoryn...

Talvez se soubesse por que razão é que tenho de fazer melhor? É alguma palavra especial que queres ouvir, é isso?

Não. Lhiannah encolheu os ombros, procedendo a cobrir os de Aewyre com um par de espaldeiras, laçando as tiras do gibão nas suas presilhas.

Então o que é?

Toma Lhiannah pousou-lhe as manoplas nas mãos. Podes ir pondo estas.

Aewyre soltou uma exclamação incrédula enquanto enfiava as luvas cosidas às manoplas, flectindo os dedos para ajustar o couro velho. A arinnir prendeu-lhe o gorjal às fíbulas da gola da couraça frontal e dorsal, resguardando-lhe o pescoço e a nuca, e terminou cingindo a faldra com o talim, do qual pendia Ancalach dentro da sua bainha de madeira revestida de couro gravado.

Aí tens admirou Lhiannah sarcasticamente, pousando as mãos nas ancas e fitando apenas o arnês. O proverbial cavaleiro de armadura reluzente, pronto a salvar as donzelas...

Foi então que Aewyre perdeu a paciência e agarrou a princesa pelos ombros, sacudindo-a.

Mas que raio, Lhiannah, olha para mim! O que é que se passa? Diz de uma vez, seja lá o que for!

Lhiannah olhou Aewyre por fim nos olhos, e a sua expressão endureceu e tornou-se séria de um momento para o outro.

Ficavas destroçado, dizes tu? rebateu. E durante quanto tempo? Até que aparecesse uma linda eahan virgem para te confortar? A princesa libertou-se das mãos do guerreiro e deu um passo atrás. Aewyre percebeu então o verdadeiro tema da conversa, mas Lhiannah ainda não tinha acabado. Ficavas triste como ficaste com a Nabella? Ou ias precisar de mais do que *duas semanas* até montares a primeira criada de estalagem que te aparecesse à frente?

A cara do jovem congelou nesse preciso instante, a sua chocada boca ficou entreaberta e os seus membros, rígidos. Foram precisos alguns instantes de silêncio para recapitular rapidamente o que a arinnir dissera, e então a sua boca estreitou-se numa linha fria e furiosa e os seus olhos endureceram. O pensamento que talvez tivesse

ido longe de mais passou pela cabeça de Lhiannah, e por momentos pensou que Aewyre a iria mesmo agredir, o que fez com que os seus músculos se retesassem em antecipação. Porém, tudo o que o guerreiro fez foi ajoelhar-se para pegar no elmo siruliano, cujo topo esfregou com a mão antes de o sobraçar, e encaminhou-se em direcção à porta com um porte rígido provocado por algo mais que o arnês. Foi a vez da arinnir de ficar surpresa ao pensar que Aewyre se iria retirar sem uma única palavra, mas o jovem parou debaixo da porta e virou-se para trás.

Sabes... semicerrando os olhos e erguendo a mão direita de palma aberta, mexendo-a para enfatizar as suas palavras. Lhiannah virou a cabeça ligeiramente para a esquerda para ouvir melhor. sei o que há entre nós... julgo que há alguma coisa, mas tu não ajudas nada, e eu gosto de ter a certeza. Quer dizer, tu insistes em deixar as coisas indefinidas e depois ainda me vens chatear por...

O guerreiro soltou uma enfática exclamação incrédula, baixando a mão.

Nem sei por que é que digo isto, mas só para que saibas, não aconteceu nada ontem à noite. Os Eahan são ainda mais pudicos nessas coisas do que o Quenestil. O que ela fez foi bem intencionado e é normal para eles; só me quis confortar, porque viu como eu tinha ficado depois da canção, para ela não foi mais do que um abraço seria para nós...

E muito gostaste tu desse "abraço", pelo que vi... Lhiannah. confortassem toda a gente assim, haveria bem mais eahan em Allaryia...

Eu... mas tu... guerreiro acabou por fazer um brusco gesto de desdém com a mão. esquece! Não estou para ouvir isto! Quando tiveres alguma coisa concreta para me dizer, podes vir falar comigo; até lá, guarda os teus ciúmes e mesquinhas!

Vai lá, então... a arinnir de braços cruzados debaixo do peito quando Aewyre se retirou a passos furiosos, sobressaltando-se quando o guerreiro por pouco não arrancou a porta das dobradiças ao fechá-la.

A sua espada e armadura estavam a um canto da sala, e a princesa foi buscá-las, segurando com as duas mãos a sua couraça embelezada por relevos dourados como um objecto há muito perdido e por fim reavido. As suas mãos começaram a tremer, e com elas a armadura, até que Lhiannah a arremessou violentamente contra a parede, fazendo-a

clangorar em protesto pelo chão. Esmurrou a parede com ambos os punhos cerrados e encostou a cabeça neles, suspirando longa e profundamente.

Worick estava ao lado de Allumno e Quenestil numa ameia com o queixo apoiado sobre o novo escudo que cingira à manopla com correias quando Aewyre surgiu de rompante das escadas da barbacã, pousando o elmo com força em cima de um merlão e apoiando-se nele. Os sete conscritos que se encontravam presentes olharam em silêncio para o portador de Ancalach.

É pena que a bicharada ainda não tenha chegado comentou o thuragar. Estás com ar de quem mataria drahregs aos magotes...

O que foi? inquiriu Quenestil.

Nada respondeu o guerreiro, olhando em frente para a paisagem. A Lhiannah já apareceu, Worick. Deve estar a caminho da enfermaria.

Ah, então foi isso... percebeu o thuragar.

Os outros abstiveram-se de comentar, sem qualquer vontade de se meterem em qualquer assunto que envolvesse as intrigas principescas de Aewyre e Lhiannah, e os quatro companheiros ficaram calados nas ameias. Estava um dia primaveril quente, e o sol brilhava no céu azul coberto de feixes de nuvens branco-arroxeadas que encabeçavam as montanhas como chapéus de aba larga. Os outeiros em frente eram como quistos no solo de Asmodeon, dos quais esperavam que ao fim do dia irrompesse o vil icor do Flagelo. Na verdade, os morros não eram muito diferentes de outros que já haviam visto, mas a imaginação de todos continuava a condicionar a forma como viam tudo o que os rodeava naquela que todas as histórias retratavam como a abominável terra da Sombra.

Vamos ficar aqui a olhar até eles chegarem? quis Quenestil saber.

Pelo menos até ao almoço respondeu o thuragar. O nosso *exército* já recebeu as suas indicações, e agora aguardam apenas a ordem do Aewyre para as porem em prática.

Se o jovem se apercebeu de que o thuragar lhe estava a passar a responsabilidade para cima dos ombros, não esboçou qualquer reacção. Worick nunca aceitaria ter os conscritos sob o seu comando; não depois do que acontecera em Alyun, que lhe avivara as memórias do seu passado fracasso, devido ao qual muitos dos seus homens haviam morrido. O thuragar dissera-lhe que estava disposto a orientar os

conscritos e a dar-lhe conselhos, mas as ordens partiriam da boca do guerreiro. Aewyre aceitara as condições, sentindo que fazia tudo parte do dever de um líder, que por uma vez tentaria ser com alguma dignidade.

Julgas que seremos logo atacados, Worick? Allumno.

Bah, eles devem montar acampamento e tudo o resto, mas sendo drahregs se calhar ainda se atiram de focinhas contra as muralhas assim que aparecerem... o thuragar, sombreando os olhos com a mão para ver melhor à distância. assim, pela altura em que vão chegar já deve estar quase escuro, por isso talvez ainda escapemos hoje sem safarrascada.

Talvez... Aewyre alto, batendo levemente com os dedos enluvados no elmo.

Não pareces muito preocupado, de uma maneira ou de outra reparou Quenestil, ainda curioso quanto à disposição do seu amigo.

O que vier, virá o guerreiro, sem nunca tirar os olhos do horizonte. só para que seja rápido e vamos tentar sair vivos disto, está bem?

Estou certo de que todos nos empenharemos nesse sentido... assegurou Allumno, olhando de soslaio para Worick, que não se pronunciou.

E depois? o eahan.

Continuamos para Asmodeon. Foi para isso que calcorreámos meia Allaryia, lembra-te?

Quenestil levantou as mãos, rendendo-se à evidência de que não valia a pena falar com o seu amigo naquele momento.

Olha, esta batalha até veio mesmo a calhar... Worick. mais drahregs matarmos aqui, menos nos aparecerão no caminho!

É um facto... Allumno a dizer. depois perguntar ao Mandatário se...

Concentrem-se na batalha, por agora Aewyre, sempre de olhos fixos no horizonte. À distância, viu um grande grupo de aves levantar voo no sopé das montanhas. pensamos no resto.

E vai haver muito em que pensar, acredita Worick. Entrar no coração de Asmodeon com uma grávida às costas não é nenhum favo de mel... mas ao menos temos mais sítios onde nos escondermos do que em Karatai. Isso sim é que foi uma sorte, não termos encontrado mais tribos.

É verdade lembrou-se Allumno. A Slayra já não se encontra em condições de viajar, Quenestil.

Sim, eu sei. Mas é como o Aewyre disse: pensamos nisso depois, O shura olhou para o guerreiro, mas ao que parecia o seu amigo

continuava a fitar o horizonte cada vez mais atentamente, pois estava inclinado sobre o merlão e tinha o pescoço esticado. Não foi senão quando viu a boca entreaberta e os tendões à vista nas mãos de Aewyre que percebeu que algo lhe chamara a atenção além da paisagem.

O seu peito inflamou-se ao ver o que se aproximava. Uma trompa ressoou longa e sonante na fortaleza e os corações de todos na bastilha começaram a bater mais depressa em aterrado uníssono, mesmo os dos que não se encontravam na muralha.

Pedras me partam, ainda é demasiado cedo! Mas o raio dos sirulianos...!

A trompa tornou a ressoar, abafando os praguejos de Worick, e os companheiros ficaram a observar a aproximação da tropa inimiga em surpreso e atemorizado silêncio. Era impossível discernir detalhes à distância que o exército ainda se encontrava, mas os seus números eram indubitavelmente elevados e marchavam com aferro, trazendo consigo a promessa de uma morte agonizante com o cintilante aço que ostentavam ao sol. A vanguarda avançava como uma caterva de revoltas formigas cinzentas, batendo o terreno para a hoste principal, em cujo meio se via uma estrutura semelhante a uma torre de cerco incipiente a ser arrastada por vultos que mesmo àquela distância pareciam enormes e que se distinguiam dos restantes. Os conscritos gritavam em Leochlan e corriam pelas muralhas, alertando a bastilha para a iminente vinda do inimigo, mas os companheiros permaneceram nas ameias, observando em terror mudo e parcamente controlado debaixo das suas peles o exército que vinha na sua direcção com o intuito de os matar a todos. Quenestil estava particularmente assustado, pois nem sequer estivera como espectador do conflito no Vale dos Ventos, mas a experiência de pouco conforto foi mesmo para os companheiros que por ela passaram. Apenas Worick parecia calmo, tão calmo quanto alguém podia estar perante a atemorizadora visão de um exército hostil em marcha. Não era nenhum novato em batalhas de grande escala, e embora já tivesse deixado os seus melhores anos para trás, ainda se sentia apto para aquela que sabia que seria uma carnificina como nunca vista pelos seus restantes companheiros. Pelo menos a Lhiannah estaria a salvo, desde que aguentassem as muralhas.

Não fiquem aqui a olhar, pedras vos partam! vociferou o thuragar. Aewyre, organiza aquela ralé antes que eles saltem das ameias! Mago, ala para o torreão que aqui não te aguentavas um instante! Eahan, prepara os arqueiros! Estão a ouvir-me? Eles estão a chegar, porra! *Eles estão aí!*

Quando o exército por fim chegou, deteve-se hesitantemente a trezentas passadas das muralhas de Aemer-Anoth, urrando e praguejando contra as odiadas pedras que a compunham e nas quais tanto sangue da progénie do Flagelo já fora derramado. Cinco mil era uma boa estimativa para os seus números, compostos por uma dianteira de ulkekh lens, pequenos humanóides corcovados de pele acinzentada criados pelo Flagelo para combater os thuragar nos seus túneis e cavernas. O seu porte era semelhante ao dos garigonor, bem como os seus olhos pretos e pequenos, mas as semelhanças acabavam aí, pois as suas testas e narizes estavam revestidos de robustas placas ósseas, os seus crânios eram alongados e acuminados, e as garras das suas mãos e pés destinavam-se a fins bem mais sangrentos além de escavar. Estes ulkekh lens em particular haviam guarnecido as suas garras com dedais de ferro afiados e farpados, e estalavam-nos em ferina antecipação. O corpo principal do exército era constituído por ferozes drahregs de pele negra e cabelos entrançados, rapados, emaranhados e tapados por escabrosos capacetes. Envergavam couro robusto e aço, e muitos traziam escudos redondos revestidos com peles cobertas de violentos símbolos pintados, tanto marcas pessoais como ameaças em Olgur que, pela sua brutal elaboração, eram perceptíveis mesmo para quem não sabia falar a língua. Estavam armados com lanças, machados, espadas de lâmina larga, farpões e arcos, e entre esses encontravam-se esquadrões de escaramuçadores que empunhavam falcatas, temíveis espadas curtas curvadas para a frente de gume único com uma pesada ponta que podia fender um elmo com um único golpe. Os que mais atenção chamavam, contudo, eram as centenas de ogroblins, imensos humanóides de pele escura maiores do que ursos e que bramiam com os seus focinhos vesiculosos de narinas bufejantes, debaixo dos quais fileiras de dentes amarelados entre dois enormes caninos protuberantes no maxilar inferior aguardavam carne na qual se pudessem enterrar. Os seus musculosos braços eram de tamanho desmedido, permitindo-lhes quase caminhar com os punhos apoiados no chão, e das suas cabeças desciam cascatas de jубas negras pelas encurvadas costas abaixo, decoradas com caveiras humanas e afins a servirem de

grotescas contas. Empunhavam enormes clavas com espinhosas cabeças de ferro, grandes machados, cutelos desmedidos, e arrastavam pesadas bolas de ferro com correntes enroladas à sua cintura, cujo fim causava apreensão aos defensores. Os ogroblins haviam puxado a estrutura inacabada daquela que viria a ser a torre de cerco, sustentando-a por trás com cordas para a impedir de tombar sobre quem a puxava durante a viagem, e tal demonstração de força causou um novo estremeção na já de si periclitante determinação dos conscritos. Do temido azigoth não havia sinal, embora fosse fácil passar despercebido no meio do exército e talvez se encontrasse escondido nas carroças, carretas e tendas por montar na retaguarda, embora essa fosse uma posição pouco habitual para quem comandava um exército, principalmente um composto por criaturas tão irredutíveis como drahregs. Ainda assim, os companheiros não puderam deixar de sentir alívio pela aparente ausência da criatura; menos um horror com o qual teriam de lidar por enquanto. Os que se lhes deparavam já eram suficientes para sujar as calças de um homem feito.

Apáticos, os defensores observavam enquanto os drahregs montavam os manteletes para a sua protecção durante a vindoura chuva de setas e aprontavam as grandes escadas com ganchos nas pontas. Tornou-se de imediato claro que iriam tentar um assalto directo, mas ninguém esperara outra coisa de tal exército. Qualquer comandante com um pinga de sensatez sabia que se arriscaria a perder todos os seus drahregs por deserção de um dia para o outro no caso de um cerco demasiado prolongado, pelo que o melhor era permitir-lhes dar largas à sua sede de sangue. O verdadeiro desafio era orientar a massa negra para um fim produtivo que não resultasse na aniquilação total do seu exército, pois drahregs eram notoriamente difíceis de controlar. Ainda assim, os números pesavam nos inexperientes conscritos, aos quais a perspectiva de cinco mil contra quatrocentos se lhes afigurava como uma morte certa. Worick sabia que não era bem assim, que preferia bem mais estar nas ameias a ter de tomar Aemer-Anoth. O castelo fora construído com mestria e estava muito bem localizado, e as frentes de ataque eram reduzidas e vulneráveis para os sitiados. Desde que conseguissem manter a moral e impedir os conscritos de debandarem em pânico, as muralhas dificilmente seriam tomadas. Talvez a parte mais difícil fosse mesmo essa: fazer com que os defensores não perdessem o alento. O thuragar quase podia cheirar o seu medo, o aterrorizado odor que emanava de cada conscrito nas ameias e nos torreões. A hora de

almoço passara há muito, mas ninguém sentira vontade de comer então nem tão-pouco naquele preciso momento, pois o medo apertava os estômagos de todos e os nervos diluíam-se em suores frios que causavam tremores involuntários. Os nós dos dedos dos arqueiros perto do thuragar estavam brancos devido à força com a qual apertavam os seus arcos, e as únicas palavras que se trocavam eram as de temor partilhado por meio de sussurros. Aewyre observava o exército com uma expressão impassível, apoiando a mão no pomo de Ancalach e tamborilando o elmo sobraçado com os dedos. Quenestil agarrava o flexível arco ocar com ambas as mãos, dobrando-o distraidamente. Allumno estava à vista na torre flanqueante, distinguindo-se entre os outros devido à ponta escarlate do seu cajado, e àquela distância era difícil detectar nele traços de nervosismo. O mago reparou que era observado e fez um aceno com a cabeça ao thuragar, que o devolveu e tornou a olhar para o exército.

Cinco mil... muito sangue iria escorrer. As pedras do maldito castelo iriam ficar uma vez mais saciadas. O sangue dos seus próprios defensores serviria provavelmente de condimento, pois aquelas pedras não lhe pareciam muito discernidoras. Havia sido talhadas para um único propósito ao qual não podiam escapar, e o sangue tornara-se parte da sua imutável natureza, quase tão certo como a chuva e a neve que caíam do céu para as cobrir. Eram pedras, mas Worick sabia que elas sentiam. As vibrações que lhe transmitiam, causadas pelas passadas e pisadas do imane exército, eram como o rufar de tambores de guerra, e pareciam-lhe quase... ansiosas.

”Vocês também, cambada de calhaus mal talhados? Bem podem estar; não há engenhos de cerco. Só têm de beber como passarocos espojados de bico aberto no ninho. Muito bem, vão ter o vosso quinhão. Hão-de beber tanto que é hoje que eu descubro se as pedras podem ou não arrotar...”

Worick Quenestil tocou-lhe no ombro e apontou em frente para a esquerda do thuragar.

Nas muralhas da fortaleza começavam a surgir as esplendorosas e imponentes figuras arnesadas de sirulianos, cujas armaduras não refulgiam ao sol por estarem cobertas por folgados briaes azuis e brancos. A sua chegada incitou a um tumulto nas fileiras do exército inimigo, que urrou e uou e bramiu de ódio na direcção dos seus inimigos declarados. Por momentos pareceu que iriam investir, mas os preparativos ainda não estavam completos, e os mais arrebatados que avançaram a correr não tardaram a voltar atrás, praguejando e prometendo dor e agonia aos sirulianos.

Parece que vamos ter ajuda... disse o eahan, sossegado com a súbita presença, ainda que distante.

Oh sim, bela ajuda que vão dar. Umas quantas setinhas para chatear o exército, é o que é! Dois mil sirulianos podiam destroçar esta ralé sozinhos, mas não querem perder homens e usam-nos a nós como escudo de carne para os desgastar! Seria uma porra de uma estratégia brilhante, se não nos envolvesse a nós, pedras os partam a todos!

De facto, embora estivessem armados, a postura dos sirulianos era a de meros observadores que monitoravam os procedimentos dentro e fora de Aemer-Anoth como árbitros. O único ânimo que poderiam providenciar provinha da sua presença, mas essa mantinha-se demasiado distante para encorajar os conscritos.

- É melhor do que nada comentou Aewyre. Fala-nos deles outra vez pediu, indicando o exército além das muralhas.

Bah, os drahregs já vocês conhecem bem. Fortes, selvagens, e sem um único membro fraco nas fileiras; esses morreram ou foram mortos à nascença. Os ulkekh lens parecem toupeiras depeladas, mas são perigosos; vão conseguir escalar esta muralha com as garras e podem distrair-vos o suficiente nas ameias e dar tempo aos outros para subirem com escadas. Os ogroblins são o que vêm: mais fortes que bois e com um geniozinho amoroso. Se algum daqueles bichos chegar às ameias, vai haver sangue, disso podem estar certos. Ah, e como vai haver muita caganeira de certeza, não se esqueçam de lembrar o nosso *exército* de fechar sempre as latrinas depois de as usar, senão os ulkekh lens são bem capazes de entrar por elas.

Muito bem. O que é que te parece, está na altura de ires para a tua posição?

Hum, é melhor; isto pode começar daqui a nada. Eahan, aguentas-te por aqui com o Aewyre?

Vou dar o meu melhor afirmou o shura.

Menos do que isso, e podes morrer. Faz chover morte sobre eles, eahan, ouviste? Quero ouvir estes fios de arco a vibrar e drahregs a gritarem como meninas. Entendido?

Faz o que te compete e racha cabeças, Worick ripostou Quenestil. Eu faço a minha parte.

O thuragar esboçou uma careta que com alguma imaginação podia ser vista como um sorriso.

Eu dizia-te qual é a tua parte... gracejou Worick. Boa sorte, eahan desejou, estendendo-lhe a mão, que o shura apertou. E tu, Aewyre, dá-lhes novas razões para terem medo dessa espada.

O guerreiro e o thuragar trocaram apertos de mão antes de Worick se dirigir à muralha do outro lado da torre flanqueante, na qual o ataque se concentraria com maior intensidade por se encontrar na área menos íngreme do afloramento. O exército inimigo cercava a bastilha num semicírculo que cobria o torreão do vértice até ao da ponta leste da base do triângulo que constituía o Esporão, cientes de que um assalto à fortaleza principal era inútil e incapazes de atacar a oeste devido à natureza escarpada do elevado afloramento nessa área. Worick e Allumno defenderiam a muralha entre o torreão da ponta do Esporão e a torre flanqueante, e Aewyre e Quenestil estariam encarregados da que chegava ao torreão da ponta da base e da barbacã que dela fazia parte, a única entrada para Aemer-Anoth e o seu ponto mais vulnerável, embora também de difícil acesso. As fileiras inimigas pareciam ficar mais excitadas a cada momento que passava: ulkekh lens que raspavam as unhas guarnecidas no chão, drahregs que lambiam as lâminas e batiam com elas nos escudos, ogroblins que pisavam o chão e bramiam como bisontes acirrados. Não haviam erguido paliçadas ou escavado quaisquer trincheiras; ou estavam cientes dos reduzidos números da guarnição e não contavam com uma surtida, ou estavam tão seguros da sua superioridade que simplesmente não se importavam, contentando-se com a protecção dos manteletes que haviam montado. A inexistência de cavalaria inimiga podia ser também um motivo, mas de uma forma ou de outra a hoste da Sombra parecia segura de si e não esperava qualquer reacção dos sitiados.

Os arqueiros, Quenestil? Aewyre de lado.

Aguardam ordens.

Manda-os prepararem-se, então.

Tens a certeza? Os arqueiros deles estão com o sol contra os olhos...

E mesmo assim mal podem esperar por atacar. Manda-os prepararem as setas.

Flechas! o shura tão alto quanto conseguiu para se sobrepor à berraria bélica dos drahregs, e os conscritos frecharam os seus arcos atabalhoadamente. Alguns deixaram as suas setas cair e atrapalharam-se ao tentarem redimir-se. Porém, ninguém riu e todos ficaram à espera da ordem para retesarem os arcos.

Raios, eles antes prefeririam o colo de Assana à espada de Gilgethan Aewyre. arcos deles tremem. Estão aterrados.

Eu também confessei o shura, sem nunca tirar os olhos do exército.

Somos dois. Ou melhor, quatrocentos e dois.

Quatrocentos e vinte e quatro, a contar connosco, se bem me lembro.

Ou isso. Porra, que são tantos...

E, parece que vamos ter de reduzir um pouco os números deles...

Só um pouco. O guerreiro pousou a mão no ombro do seu amigo e apertou-lho com força. Não queres mesmo ficar com a Slayra?

Quero - confessou o eahan, mas fico aqui.

- De certeza?

Absoluta.

Mais palavras eram desnecessárias. Aewyre apertou o ombro de Quenestil uma última vez, enfiou o elmo na cabeça, deixando a bafeira erguida, desembainhou Ancalach e subiu para uma ameia, assentando o pé esquerdo num merlão.

Estão a ver isto? gritou a plenos pulmões, brandindo a Espada dos Reis. Estão a ver? Sabem o que é, não sabem? Pois rezem para que isto seja o mais próximo que ela chega de vocês hoje!

A bravata de Aewyre teve um efeito surpreendente e imediato. A hoste inimiga calou-se, e um silêncio ensurdecedor cobriu Aemer-Anoth como um manto. O sol encontrava-se sobre a bastilha, e todos os olhos estavam virados para o jovem e para a espada que empunhava, que luzia com um fulgor acerado. A pose inspiradora do arnesado guerreiro pareceu animar os conscritos, pois uns poucos gritaram o nome de Ancalach e alguns ergueram mesmo os punhos.

Não se esqueçam, não vão lutar pelos sirulianos ou por mim! lembrou-lhes Aewyre. Vão lutar para poderem sair daqui sãos e salvos, para poderem voltar para casa! Nós estamos aqui; eles é que têm de vir cá acima! Mas desta muralha não passam!

Não! berraram vários conscritos em uníssono, deixando-se contagiar pelo ânimo do guerreiro e dos defensores que estavam mais próximos dele. Eram homens desesperados que naquele momento se apercebiam do que tinham a perder e que não estavam dispostos a deixar fosse quem fosse tirá-los, nem cinco drahegs nem cinco mil.

Então venham, seus filhos de uma puta sarnosa! desafiou Aewyre, embriagado com a sua própria fanfarronada, cobrindo o exército

inimigo com uma varredela de Ancalach e recuando com o pé para sair da ameia.

Os conscritos urraram a sua concordância e pouco depois havia quem lançasse insultos dirigidos aos drahregs e a quem os havia dado à luz, bem como promessas de morte pelo gume do Flagício, devidamente acentuadas com gestos obscenos. Os sirulianos nas muralhas e torres da fortaleza observavam impávidos, mas o exército inimigo não reagiu bem às provocações. Drahregs começaram a rugir em protesto, ulkekh lens ululavam de indignação e ogroblins bramiam, esmurrando os peitos com nodosos punhos cerrados.

”Grande rapazola, agora é que os acirraste...”, pensou Worick.

O ataque era iminente. Os conscritos estavam prontos. Lábios eram lambidos. Gargantas contraíam-se com a secura que engoliam. Os dedos do thuragar estavam crispados no cabo do seu martelo, flectindo-se em antecipação. Worick olhou em redor e sentiu necessidade de dizer algo, de atirar a sua acha para a crescente fogueira que ardia no peito dos homens na muralha.

Por Tharobar, esta maldita bastilha é a bigorna, eles são o martelo, e nós somos o que fica pelo meio... metaforizou o thuragar com rara gravidade. Resta-nos ver se quebramos ou nos mantemos firmes, ouviram? Quando as faíscas começarem a voar, é que vocês vão mesmo descobrir de que é que são feitos.

Não era possível dizer se os tanarchianos tinham compreendido as suas palavras ou não, mas todos acenaram resolutamente com a cabeça e fixaram os olhos na hoste inimiga.

E então o ataque começou.

EMBATE NO ESPORÃO

Assim que a distância de trezentos passos que separava a hoste inimiga das muralhas foi reduzida por uma passada, as setas choveram das ameias de Aemer-Anoth, sibilando pelo ar. Os ulkekh lens grunhiram selvaticamente e correram sobre os quatro membros, escancarando as bocas de dentes afiados. Quando a saraivada de pontas de ferro se abateu sobre eles, muitos tombaram e caíram feridos, mas a maré parda continuou a avançar, enquanto na sua retaguarda os drahregs empurravam os manteletes, frechando os

seus arcos.

Disparar! Quenestil, dando o exemplo com o seu arco ocarr.

Cheguem-lhes! Worick da outra muralha.

Outra chuva de flechas desceu das ameias e seteiras da bastilha, enterrando-se em terra, madeira e carne, e mais pequenos corpos ficaram a contorcer-se no chão, mas a massa acinzentada continuava a avançar inexoravelmente. O solo tremia com os milhares de passos, as rodas dos manteletes rolavam, empurradas por drahregs a urrarem e berrarem. Ogroblins estrondeavam pelo chão enquanto corriam na direcção das muralhas, empunhando enormes escudos rectangulares de grossas tábuas de madeira e carregando escadas, bramindo com desmedido furor.

Disparar! Quenestil a gritar, e a sua flecha isolada foi precedida por um coro de fios vibrantes que soltaram uma nova bâtega mortal. Da outra muralha seguiu-se uma salva semelhante, e o campo diante das muralhas ficou semeado por mais estorcegantes corpos corcovados.

Após a terceira surriada, os manteletes dos drahegs travaram e estes começaram a responder com as suas próprias saraivadas, menos concentradas e regulares, mas perigosas não obstante. Quenestil e os homens mais próximos de si encolheram-se em frente para a protecção dos merlões e ouviram as hastes e pontas embaterem e retinirem secamente contra a pedra das muralhas em frente e atrás. Ninguém grunhiu ou gritou, mas ninguém tão-pouco se deu ao trabalho de olhar em redor para ver se alguém fora atingido e todos se levantaram com os arcos frechados. Algumas setas atrasadas silvaram e embateram em redor, fazendo com que alguns homens se encolhessem instintivamente, mas os outros tiveram a presença ou ausência de espírito para soltarem a resposta. A carga dos ulkekhlen avançava rapidamente, e os seus uivos e grunhidos estavam cada vez mais próximos. Quenestil não se incomodou a gritar a ordem de disparo, pois os indisciplinados conscritos já agiam de acordo com os ditames do caos da adrenalina e despediam setas com abandono. Como era seu hábito, o eahan tentou focalizar um alvo entre a caterva de corcoveados humanóides que galopavam na sua direcção, mas eram demasiados, moviam-se muito depressa e não havia tempo para escolher um corpo entre os milhares, pelo que Quenestil se limitou a soltar a flecha e preparar outra. Ouviu um baque surdo ao seu lado e o grunhido de um homem, seguido de um tombo e um gemido rouco, e a sua reacção imediata foi encolher-se. Um conscrito tinha uma flecha cravada acima da clavícula e estava asfixiar diante dos seus olhos, enclavinando os dedos na garganta e fitando-o com os grandes olhos esbugalhados na sua face inflamada pelo rubor da morte. Não o podia ajudar. Não havia tempo para o ajudar ou a quem quer que fosse. Mais flechas retiniram contra a muralha e voaram por cima das ameias. Quenestil fechou os olhos, deixando-se imergir totalmente no fluxo da batalha antes de os tornar a abrir e se levantar com o arco frechado e retesado.

E então ouviu um avassalador coro à sua esquerda que o sobressaltou e fez com que soltasse a flecha atrapalhadamente. Uma estridente saraivada jorrou sobre o flanco da vanguarda ulkekhlen, decepando membros e projectando para o ar todos quantos atingia. O avanço não parou, mas a massa oscilou visivelmente com o brutal impacto. Impressionados, Quenestil e vários conscritos olharam para a direcção da qual a destruidora salva viera e viram os sirulianos com possantes arcos longos frechados e fios retesados. Eram incaracterísticos e desprovidos de ornamentos, mas mortíferos. Após um novo berro unissonante em Eridiaith, setas tornaram a voar, extraíndo a sua potência do poder dos

arcos e das palavras velurianas, e disseminando a morte onde caíam. Tão impressionados ficaram os conscritos que não foi senão quando uma saraivada de setas inimigas se abateu sobre as ameias que se lembraram de que deviam estar a defender a muralha. Os ulkekh lens estavam próximos, e as suas línguas rosadas pendiam-lhes para o lado como as de cães. Um grupo de ogroblins corria a passos largos para o carreiro no afloramento de rocha que levava à barbacã, e foi sobre esses que o destruidor fogo dos sirulianos passou a incidir.

Preparem-se! Aewyre, crispando os dedos em Ancalach e baixando a babeira côncava em antecipação do ataque.

Os ulkekh lens já trepavam o afloramento de rocha, escalando-o como aranhas providas de garras de aço, e os defensores estavam indecisos entre disparar sobre eles, sobre os drahegs que os molestavam detrás dos manteletes, ou os ogroblins que subiam pelo carreiro. Aewyre sentiu pelo menos duas pontas de setas resvalarem no seu arnês, desequilibrando-o momentaneamente, e viu que os ogroblins que não se dirigiam ao carreiro empunhavam as suas correntes providas de pesadas esferas e começavam a girar em si com elas, atingindo alguns ulkekh lens entretanto.

Cuidado! Eles vão atirá-las! o guerreiro, apontando para os imensos e rodopiantes humanóides, que arremessaram as esferas nesse preciso momento. Muitas foram para o lado, algumas voaram baixo e atingiram ulkekh lens pelas costas, mas a maior parte voou com ímpeto contra as muralhas e algumas chegaram mesmo às ameias.

As inúmeras colisões foram retumbantes. Grande parte das esferas embateram contra a muralha e abateram-se com grande estrépito sobre os ulkekh lens que trepavam o afloramento, esmagando alguns e desequilibrando outros, mas as que atingiram as ameias forçaram os defensores a baixarem-se ao lascarem os merlões e arrancarem pedras das suas fundações de argamassa. Quenestil levantou-se, ouvindo setas a zumbirem à sua volta, e viu que alguns dos pequenos humanóides já estavam a meio da muralha e os ogroblins também avançavam na sua direcção.

Pedras! disparando contra os que ainda não haviam chegado à muralha.

Os conscritos obedeceram, mas alguns inclinaram-se sobre as ameias para tentarem atingir os ulkekh lens que escalavam a muralha, sendo eles próprios atingidos pelo fogo draheg.

Não se inclinem! Não se inclinem! avisou o eahan. eles acertam-vos! Atirem pedras!

Vários homens corriam aos pares com cestos de pedras, pedregulhos e calhaus, distribuindo os rudimentares projecteis pelas fileiras de defensores. Enquanto uns disparavam contra os drahegs, outros atiravam pedras cegamente pela muralha abaixo, orando para que acertassem em algo. Homens gritaram na barbacã, alertando para a presença dos ogroblins em baixo, cujos enormes escudos estavam polvilhados com setas, algumas das quais enterradas na sua pele dura sem que isso os incomodasse de sobremodo.

Quenestil, vai lá! Aewyre, indicando a barbacã. Atira-lhes a água!

Água, água! o shura, correndo de cabeça baixa ao longo da muralha e ouvindo as flechas a silvarem por cima e os grunhidos, pragas e orações dos conscritos nas ameias, cujos arcos não paravam de vibrar.

Água! vários defensores em uníssono, e dois homens não tardaram a aparecer com uma grossa vara aos ombros da qual pendia um caldeirão de ferro enegrecido com borbulhante água a ferver.

Um grupo de ogroblins já chegara à barbacã e começara a cortar o portão de madeira com violentos golpes dos seus possantes machados, cientes ou não de que ainda havia um rastrilho de ferro por trás. Quenestil enfiou o arco no estojo e ajudou os dois homens que pegavam na vara a erguerem o pesado recipiente, encalhando-o entre dois merlões.

Cubram-nos! a um grupo de arqueiros, que soltaram uma salva de setas e lhes deram espaço de seguida.

Quenestil e vários outros conscritos empurraram a vara para a frente e inclinaram o caldeirão, despejando o seu escaldante conteúdo sobre os ogroblins, cujos escudos de pouca protecção lhes serviram contra a água a ferver. Embora a pele grossa os resguardasse dos piores efeitos, os grandes humanóides soltaram uma série de ensurdecedores bramidos de dor, levando as mãos aos olhos e contorcendo-se cegamente, alguns caindo do carreiro e rebolando pelo afloramento abaixo. Outros vieram substituí-los, correndo debaixo de uma chuva de flechas sirulianas.

Aewyre não se pôde dar ao luxo de soltar o grito de triunfo que lhe afluía à garganta, pois nesse preciso momento surgiu o primeiro ulkekhlen nas ameias. O conscrito que com ele deparou agrediu-o na garganta com a ponta do arco e derrubou-o, mas logo de seguida surgiram outros três, um dos quais apanhou um defensor despreparado. Com um feroz grunhido e surpreendente agilidade, o ulkekhlen

pulou da ameia para cima do homem, que deixou o arco cair quando as garras do humanóide se cravaram no seu ombro e nuca e os seus dentes se enterraram na sua garganta.

Às armas! Por Gilgethan, às armas! o guerreiro, decepando a espinha dorsal e boa parte do abdómen do ulkekhlen com um golpe de Ancalach, tarde de mais para salvar a vida da sua vítima.

Os conscritos não precisaram de mais nenhum incentivo e largaram os arcos para tirarem os escudos das costas e desembainharem as espadas que Tanarch lhes concedera, dando de imediato início à peleja nas muralhas. Os ulkekhlen escorreram então pelas ameias, berrando roucamente, pululando, mordendo e arranhando, passando por baixo de pernas, saltando para cima de ombros e costas com flechas a zumbirem em seu redor e o sangrento aço de espadas a retinir e cortar carne. Um trepou para cima de um merlão e pulou sobre o primeiro alvo que viu: Aewyre. O guerreiro recebeu a sua investida com Ancalach em riste, empalando a criatura e oscilando a ponta da espada contra o chão, pisando a cara do moribundo para arrancar a lâmina do seu abdómen e originando uma expulsão de urina e excremento ao fazê-lo. Um corpo leve caiu-lhe sobre o ombro esquerdo, raspando-lhe o elmo e a espaldeira com garras de aço à procura dos seus olhos. Aewyre agarrou um membro ao mesmo tempo que se curvava e arremessou a criatura para a frente, atingindo um conscrito pelas costas. Não houve tempo para rectificar o seu erro, pois as malditas criaturas pareciam estar por todo o lado e não lhe permitiram tempo para outras considerações além de as manter afastadas de si, cortando e decepando.

Os ogroblins na barbacã tiveram o seu refulgo quando os defensores se viram confrontados com os ulkekhlen, e Quenestil viu-se forçado a fazer uso do seu facalhão ao lado das espadas dos conscritos. Livres das pedras e da água a ferver, os enormes humanóides continuaram a golpear o portão e alguns pegaram nas escadas com ganchos de ferro nas pontas que os seus companheiros debaixo do carreiro lhes passavam, preparando-se para as encostar à barbacã. Os que atacavam o vértice do Esporão corriam com essas mesmas escadas, e nesse momento, drahregs armados de escudos e falcatas urraram em uníssono e irromperam detrás dos manteletes, correndo na direcção das muralhas e do carreiro que levava à barbacã.

As únicas flechas que provinham das muralhas eram as das seteiras e das torres, pois os restantes defensores estavam demasiado ocupados a repelir os ulkekhlen. Allumno entoava ininterruptos cânticos arcanos

do topo da torre flanqueante, fustigando o avanço inimigo com dardos místicos, rajadas arcanas, línguas de *fogo* e descargas eléctricas. Através da Palavra, criava lufadas de vento para desviar as saraivadas inimigas e derrubar os ulkekhlen que trepavam as muralhas, o que o tornava um alvo que os drahegs tentavam a todo o custo abater. Na muralha à sua direita, Worick proferia gritos de guerra e pragas em Garogar, rachando crânios e ossos à martelada.

Venham daí, seus fornicadores de toupeiras! cravando o bico recurvo do seu martelo no flanco de um dos humanóides criados para combater a sua raça e puxando com força para lhe rasgar

a carne.

A criatura caiu, mas ainda se arrastou de mão estendida para agarrar o pé do thuragar, que com ele lhe esmagou a cabeça e os dentes contra o chão. Outra pulou-lhe para cima, mas Worick recebeu-a com o seu escudo e desviou-a da sua trajectória para o chão, trazendo o martelo com destroçador efeito para baixo em seguimento. Um ulkekhlen mordida a coxa de um conscrito que acabara de varar outro com a sua espada, pelo que o thuragar correu na sua direcção com o espeto do martelo em riste, espetando-o nailharga do humanóide e alçando-o com um grunhido de esforço. O humanóide esbracejou e esperneou no ar, sustido de costas pelo espeto do martelo, e Worick atirou-o por cima das ameias para a sua morte. Ouviu um berro feroz ao seu lado e virou-se para ver um ulkekhlen de boca sangrenta escancarada com a ponta de uma espada a sair-lhe do peito. Não se incomodou sequer a olhar para a cara do homem que o salvara, pois outro berro fez com que girasse em si para esborrachar a cara de outro adversário, rachando-lhe as placas ósseas da testa e fazendo-o engolir os próprios dentes.

Drahegs! um conscrito com dois grandes arranhões na testa, apontando para além das ameias.

Worick agrediu um ulkekhlen com a ponta do cabo do martelo na barriga e despedaçou-lhe a bacia com a cabeça da arma, permitindo-se um instante para olhar. Um batalhão de ululantes drahegs corria na direcção da muralhas de redondos escudos em riste, prontos a treparem as escadas que os ogroblins sustiam.

As escadas! Derrubem as escadas! o thuragar, arrancando um queixo de ulkekhlen com uma possante martelada e correndo para o primeiro par de ganchos que avistou.

Prendeu o bico recurvo do seu martelo num deles e fez força para o soltar, mas ambos estavam bem assentes e os ogroblins seguravam-nos com força em baixo.

Pedras me partam, distraíram-nos bem! o thuragar, concutindo com o escudo um ulkekhlen que o tomara por desprevenido e sentindo uma seta embater contra o seu braço. Mago! Oh, porra, não me ouve... mas corram com estas animalárias, pedras vos partam! Os drahregs vêm aí!

Quenestil deslizou o facalhão pela garganta de um ulkekhlen, tentando desesperadamente arranjar espaço para que os conscritos pudessem fazer uso do novo caldeirão. Os defensores debatiam-se com espadas e machados com os humanóides que estavam nas muralhas enquanto outros estavam inclinados sobre as ameias a espicaçar com lanças os que ainda não haviam subido. Podia ouvir os urros dos drahregs a avançarem, mas tanto o eahan como os restantes defensores estavam de mãos cheias com os ulkekhlen e não se podiam ocupar deles. Aewyre ceifava para a esquerda e para a direita, deixando ulkekhlen desmembrados a seus pés, mas os humanóides eram implacáveis na sua vontade de ferrarem os dentes em carne. Apanhou um deles de boca aberta e cortou-lhe a cabeça do maxilar para cima, talhando de seguida outro desde o ombro até ao umbigo com um ””poderoso golpe. Teve de esmurrar um terceiro com as costas do punho acerado antes de poder sequer erguer Ancalach para podar os sôfregos braços que lhe tentaram agarrar a perna. O sexto foi atingido por uma flecha accidental na omoplata, e Aewyre decapitou a sua surpresa cabeça antes que pudesse fazer algo mais além de grunhir. O guerreiro sentia calor, e apesar de o arnês lhe permitir boa flexibilidade e ter o peso equilibradamente distribuído pelo seu corpo, era extremamente abafado, pois tanto o metal como o gibão aprisionavam o suor e calor. Há muitos anos que não estava dentro de um arnês, faltava-lhe a noção de economia de movimentos, e o sol batia calorosamente no metal, acalentando o sangue que era aceleradamente bombeado pelos seus membros e peito.

Os drahregs corriam com desordenado abandono na direcção do carreiro, deixando os mantetes para trás, instigados pela ausência de qualquer oposição visível, mas o vibrar dos arcos sirulianos cedo lhes mostrou o quão errados estavam. Os humanóides negros foram projectados para o lado com a força das flechas, e a violência do embate dos projecteis nos escudos que não atravessaram foi suficiente para quase lhes luxar as articulações dos ombros e cotovelos. O coro Eridiaith tornava as setas armas ainda mais mortíferas, e os drahregs eram alvos bem mais fáceis do que os ulkekhlen, como atestavam os

inúmeros cadáveres que o batalhão deixou atrás de si com apenas duas saraivadas. Confrontados e confundidos com o inesperado e alarmante número de mortos causados pelas destrutivas salvas, os drahregs debandaram. Os ogroblins ficaram também desmoralizados e deram o sinal de retirada com aflitos bramidos, fugindo do portão da barbacã com os grandes escudos erguidos para se resguardarem das temíveis setas que voavam da fortaleza como falcões de aço. Ao ouvirem a fuga do seu apoio, os ulkekh lens entraram em pânico e começaram a tentar fugir, mas tarde de mais constataram que era bem mais fácil subir à muralha do que descê-la, e muitos comprovaram-no da pior forma, caindo para uma morte pedregosa. Os conscritos atacaram com novo alento e tombaram muitos, cortando pernas e varando costas com lanças.

Eles fogem! Aewyre, trespassando a ilharga de um ulkekh len. fogem!

Os conscritos soltavam gritos pouco humanos, massacrando todos os ulkekh lens que não conseguiram fugir a tempo e continuando a golpear os cadáveres dos caídos quando já não havia nenhum à vista. Os pequenos humanóides fugiam e caíam em pânico; uns poucos afortunados conseguiram descer pelas escadas que os ogroblins haviam deixado para trás, outros correram pela muralha abaixo como gatos a tentarem amenizar o impacto da queda, mas a maior parte morreu a tentar fugir. Os sobreviventes ainda tiveram de escapar à chuva de setas e insultos emasculantes que se seguiram quando os conscritos recuperaram os seus arcos, rindo e gritando vitoriosamente. Aewyre ergueu Ancalach e contribuiu com os seus insultos, mas o rumor que ouviu à sua direita chamou-lhe a atenção para o outro lado da torre, no qual o ataque ainda decorria com força.

Quenestil, fica aqui. Eu vou ver ali! apressadamente, deixando um confuso eahan para trás.

O guerreiro correu pelo adarve com Ancalach empunhada, gritando palavras de encorajamento desnecessárias, puxando e chamando aleatoriamente alguns homens para virem consigo.

Worick urrou ao esborraçar a cabeça de um drahreg que acabara de surgir numa ameia, sem chegar sequer a ver o resto do seu corpo. O Primeiro Pecado estava a subir com afinco as escadas que os ogroblins seguravam, e os poucos ulkekh lens que sobravam conseguiam fazer de si verdadeiros incómodos de modo a impedir os defensores de emperigarem a sua subida.

As escadas, pela Bigorna Dourada! Derrubem as malditas escadas! o thuragar, enfiando a borda do escudo na boca de um ulkekhlen que lhe saltara para cima.

Quando se virou, um drahreg de escudo erguido já tinha um pé assente na ameia. Worick martelou o escudo do adversário, e este oscilou perigosamente para a direita com a força do golpe, agarrado ao gancho da escada com a mão que empunhava a falcata e com um pé apenas apoiado no degrau. O thuragar ia partir-lhe os dedos quando outro drahreg surgiu do espaço aberto que o seu companheiro criara com o que afinal fora uma finta, atacando o thuragar com um farpão. A arma encalhou entre a espaldeira e a couraça de Worick, incapaz de penetrar mas com suficiente força para o desequilibrar e permitir a subida de ambos os drahregs. O mesmo sucedeu em vários outros pontos da muralha, e os ferozes humanóides negros abateram-se sobre os defensores com urros de parar o coração. Um conscrito espetou a ponta da sua lança na barriga de um, mas outro decepou-lhe a haste da arma com a falcata e escachou-lhe o crânio de seguida. Outro fendeu o escudo de um drahreg com uma machadada, mas a resposta do adversário deixou-lhe a lâmina de uma falcata enterrada na garganta esguichante de vermelho.

Pressionem, pressionem! Worick, contendendo com os dois drahregs que haviam subido ao mesmo tempo. Não os deixem subir!

Um dos humanóides golpeou o seu escudo, encalhando nele a arma até metade, e o thuragar torceu o pulso para lha arrancar da mão, trazendo de seguida o martelo abaixo contra o escudo do outro adversário. O drahreg desarmado largou o escudo, sem parecer incomodado com a perda da arma, e saltou de mãos nuas sobre Worick, derrubando-o. O thuragar debateu-se com o drahreg pelo chão e foi esmurrado por duas vezes antes de lhe agarrar o pulso com a mão que empunhava o martelo e afastar a cara com a outra, empurrando o queixo do oponente. O drahreg debateu-se e procurou algo na cintura com a mão, crispando os dedos no cabo de um farpão e cravando-o na garganta de Worick antes que este sequer se apercebesse do que acontecera.

A gema na testa de Allumno luziu quando o mago conjurou uma série de crepitantes agulhões verdes que voaram das pontas dos seus dedos e se espalharam pelos drahregs que estavam a combater nas ameias. Atingiu alguns, mas o melhor que fez foi conceder aos conscritos

oportunidades para atacarem, pelo que decidiu atacar a fonte do problema: as escadas. Estavam longe da sua esfera de influência, o que dificultaria qualquer tentativa de as afectar directamente, mas o mago decidiu tentar à mesma. Entoou palavras ígneas de combustão e apontou para uma escada apinhada de vultos negros que a trepavam, mas nada aconteceu, devido a Entropia ou à distância. Allumno praguejou em surdina e pegou no cajado com ambas as mãos, usando-o como um foco para os seus poderes e repetindo a frase. Desta vez uma escada irrompeu em chamas, queimando as mãos e os pés dos drahregs que a trepavam e causando a sua sobressaltada queda. As labaredas morreram de seguida, deixando apenas madeira chamuscada para trás, pois era difícil manter um efeito prolongado a tal distância e o mago já se começava a sentir cansado. Ainda não chegara a canalizar Essência directamente, mas mesmo moldá-la através da Palavra era extenuante, especialmente quando feito ao ritmo acelerado ao qual o mago fora forçado. Allumno abaixou-se e permitiu-se uns breves momentos de descanso encostado às ameias contra e sobre as quais as setas inimigas embatiam e voavam. A sua respiração era normal, pois o cansaço que o acometia era sobretudo mental, pesando-lhe nos ossos e no espírito e deixando-o de cabeça pesada e zozna. Mas os defensores precisavam de si, precisavam da sua magia.

”Só mais uns instantes de descanso...”, impôs o mago a si mesmo. *”Não mais que uns instantes...”*

Worick grunhiu, levando a mão à ponta do farpão, que não o golpearia com força suficiente para quebrar os elos da cota de malha sobre o gorjal de couro que lhe protegiam o pescoço. Contudo, a força do golpe quase lhe esmagara a garganta e deixara o thuragar sufocado, permitindo ao drahreg que ainda se encontrava por cima continuar a pressionar o farpão contra a cota de malha. A cara do humanóide estava tão próxima da sua que Worick sentiu o calor do seu hálito a carne podre quando o drahreg lhe rosnou de boca aberta, respingando-lhe a testa e a barba de pastosa saliva azeda. Os seus olhos pretos com orbes vermelhos pressagiavam a sua morte e regozijavam-se com ela, e a grande cicatriz que lhe percorria a testa até debaixo do olho direito contorcia-se num esgar de ódio. O thuragar soltou um asfiziado grunhido de esforço, tentando a todo o custo impedir o adversário de libertar a outra mão, quando se apercebeu de que estava a prescindir da sua única vantagem. Largou-lhe o pulso e, antes que o drahreg pudesse usar a mão liberta para ajudar a enterrar o farpão no

seu pescoço, usou a sua própria mão livre para orientar o espeto do seu martelo contra a cara do oponente. O espigão atravessou a pele entre ambos os maxilares do drahreg, cravando-se-lhe violentamente no palato. O humanóide urrou de agonia, agarrando a cabeça do martelo com ambas as mãos, mas Worick torceu a arma e a cruciante dor infligida tirou o drahreg de cima de si. Ainda no chão, o thuragar agarrou o cabo com ambas as mãos e estorceu-o com força, partindo o pescoço do adversário, cujo corpo vasquejou violentamente antes de ficar quieto.

Não havia tempo para se recuperar, pelo que Worick cambaleou para os seus pés de martelo empunhado, tentando avaliar o caos de espadas, escudos, falcatas e gritos que o rodeavam. Avistou um drahreg pelo canto do olho por pura sorte e aparou o golpe com o cabo da arma na base da falcata, empurrando o braço do oponente para o lado e varando-lhe o peito com o espigão que já começava a usar mais que o próprio martelo. Os drahregs estavam em força nas ameias, e determinados a tomar as muralhas, urrando e golpeando com abandono. Os conscritos estavam claramente abalados, a sua noção de segurança atrás das ameias fora violada e agora enfrentavam a morte trazida por lâminas cruéis.

Lutem, seus desgraçados! bradou Worick, arrancando os pés de um drahreg do chão com uma martelada lateral na cabeça, aparando a falcata de um segundo com o escudo e partindo o cotovelo deste com um violento contragolpe. Lutem ou morram!

A ferocidade do thuragar animou os conscritos, mas os drahregs respondiam de igual forma, e a situação parecia ter alcançado um temporário impasse que poderia bem resultar na perda da muralha.

Lutem! Lut...

-Ancalach! ouviu-se um coro de vozes bradar, seguidas do som de uma investida.

Worick virou-se para trás no seguimento de um golpe que derrubou outro drahreg e viu Aewyre à cabeça de uma surtida de vinte homens vindos da torre flanqueante. Ancalach abateu-se sobre os escaramuçadores drahregs como uma faca em brasa sobre manteiga, abrindo uma brecha que os conscritos que o seguiam preencheram e dilataram à espadada e machadada. Aewyre avançou pelos invasores com um longo e contínuo grito, cortando, lanhando, acutilando, espadeirando e tombando drahregs num desbaste mortal. Animados pela arremetida, os defensores atacaram com força redobrada e começaram a empurrar os drahregs contra as ameias.

Isso mesmo! Worick, partindo as costas de um drahhreg que atacou pela retaguarda. com força! Empurrem-nos para fora da muralha!

Aewyre aparou uma falcata, deixando-a deslizar pela lâmina de Ancalach, que de seguida passou pela garganta do seu atacante com um passo lateral, cortando o joelho de outro em rápida sucessão e interceptando o braço de um terceiro em pleno golpe, podando o pulso da mão que empunhava a arma. Um corpo colidiu contra as suas costas arnesadas, e o guerreiro estendeu o braço para trás, girando sobre um pé e empurrando o indivíduo para o chão sem saber se era amigo ou inimigo, deparando com um drahhreg de escudo em riste a investir contra si. Aewyre baixou-se e varreu o chão com a espada, cortando o pé do adversário e derrubando-o, deparando de imediato com outro, que já se encontrava próximo e com a falcata erguida. O guerreiro levou Ancalach acima, recebendo o golpe com um bloqueio duro e deixando-o deslizar em frente pela lâmina, permitindo-lhe cravar o pomo da espada na cara do drahhreg, levantando-lhe de seguida os pés do chão com um pontapé entre as pernas. Enquanto o adversário caía de joelhos, apoiando-se com o escudo no chão, Aewyre deu uma volta e cravou Ancalach nas costas do drahhreg ao qual cortara o pé, puxando-a de seguida para decapitar o que deixara ajoelhado.

Worick conculiu um adversário com o escudo, deixando-o para trás para ser tombado pela espada de um conscrito a seu lado, e cravou o bico recurvo do martelo no escudo de outro, puxando-o para si e contra a borda do escudo que lhe esmagou a laringe. Os drahhregs estavam a recuar perante a reavivada pressão, e alguns já largavam ou embainhavam as armas para descender as escadas com os ulkekhlens antes que a debandada se tornasse geral e a sua única saída ficasse perigosamente apinhada. A quebra do moral deu-se por fim quando Allumno retomou o seu ataque arcano com um relâmpago que carbonizou o braço de um drahhreg e os humanóides começaram a fugir em desespero, sendo fatalmente empurrados das ameias pelos jubilosos defensores. Escorraçado o inimigo, os conscritos pegaram em arcos e pedras e procederam a abater pelas costas o inimigo em retirada; alguns preferiram pegar nas suas virilidades e urinar para fora das muralhas, respingando os drahhregs e soltando por fim com grande alívio a urina que quase lhes rebentara as bexigas durante o combate. Aewyre ainda empunhava Ancalach com ambas as mãos, ofegando ruidosamente e fazendo as placas do arnés respingado de sangue

roçarem umas nas outras com os seus enfunados pulmões enquanto observava a retirada do inimigo.

Pedras... me partam arfou Worick ao seu lado. Eles iam conseguindo...

O que é que... se passou aqui? quis o guerreiro saber, baixando a cruenta espada e erguendo a babeira do elmo para respirar melhor.

Aconteceu que esta muralha... tem uma superfície de ataque mais ampla... e que estes merdilheiros se esqueceram... de que deviam estar a defendê-la... acusou o thuragar, cobrindo os festivos conscritos com um desdenhoso gesto da mão. Deixaram-se distrair pelos ulkekh lens... e quando os drahregs conseguiram subir... faltou pouco para uma debandada. Chegaste... mesmo a tempo...

Achas... que vão atacar outra vez? inquiriu o guerreiro, esquadrinhando as ameias com o olhar. Havia corpos de drahregs e ulkekh lens por todo o lado, bem como de conscritos. Pairava no ar um odor a sangue, suor e urina aquecidos pelo sol.

Bateram com o nariz na parede... e sangraram bastante... não devem tornar a atacar hoje. Agora vão reorganizar-se... que é o que

”nós devíamos fazer também...

Sim... ouçam, ouçam! Aewyre ergueu a mão para chamar a atenção dos conscritos. Reunam os feridos. Levem-nos para a enfermaria...

E os mortos? perguntou um defensor com a manga manchada de sangue.

Os mortos...? O que ia fazer com os mortos? Olhou para Worick a pedir conselhos, e o thuragar limitou-se a encolher os ombros.

As ordens são tuas...

Está bem, mas o que é que achas que eu devo fazer? O thuragar tornou a encolher os ombros.

Gordura arde bem e cheira mal...

Gordura arde...? Quando percebeu o que Worick queria dizer, Aewyre ficou boquiaberto. - Queimá-los? Worick, eles não são drahregs...!

Queimá-los não, nem os drahregs. Não da forma que tu estás a pensar clarificou o thuragar, assentando o espigão do martelo no chão e apoiando ambas as mãos no pomo do cabo. Usá-los como armas. Ou pelo menos parte deles.

O guerreiro continuava boquiaberto.

Não temos terra

para os enterrar, não os podemos deixar aqui nas ameias, e não me parece que os queiras enfiar a todos nas cavas; o cheiro seria insuportável. A verdade é que nos faltam meios para defendermos as muralhas, e gordura de cadáveres é muito eficaz, seja de drahregs, ulkekh lens ou humanos...

Não posso fazer isso, Worick! Isso seria...

Estamos em guerra, rapazola. Para sobreviver, nem sempre fazemos o que gostamos. Mas é como eu disse: as ordens partem de ti. Este é só o meu conselho...

E eu só vou aproveitar metade dele, muito obrigado firmou Aewyre, enojado com a proposta do seu companheiro. Empilhem os drahregs, tirem-lhes a gordura e depois atirem-nos ao rio ordenou, apontando para a muralha oeste que o sobranceava. Os outros, envolvam-nos em panos e levem-nos para as cavas do torreão oeste acrescentou, indicando os corpos dos defensores caídos.

Vai ficar um rico cheirinho por lá...

Os sirulianos que decidam depois o que fazer com eles.

Ah, queres deixar-lhes um presente?

Sim, um presente... só espero que não fique muito maior do que já é... disse o jovem, caminhando por entre a mortandade no adarve e contemplando o exército inimigo.

Não tenhas muitas esperanças advertiu-o o thuragar, postando-se a seu lado. Rechaçámos o ataque e devemos ter morto umas boas centenas deles, mas também não escapámos ilesos, nem iremos escapar nos próximos assaltos. Isto vai ser sangrento, Aewyre.

Havia uma intensa actividade nas fileiras recuadas dos invasores, das quais emanava um rouco rumor semelhante ao de feras retraídas a lamberem as suas feridas, e todos nas muralhas podiam sentir o peso dos olhares de ódio que os visavam, prometendo um resultado diferente no próximo ataque. Os conscritos continuaram a apurar o inimigo até que por fim o seu ânimo amorteceu e começaram a levar os feridos para a enfermaria e os mortos para as cavas, tal como Aewyre ordenara.

Quantos? perguntou o guerreiro.

Quantos quê?

Homens. Quantos morreram?

Não sei, manda alguém contar. Também há os feridos, não temos ainda como saber quantos deles é que podem continuar a combater. E outra coisa: apesar de os termos repellido, isto correu bastante mal.

- É certo que estes conscritos não passam de uns bandalhos

indisciplinados, mas a forma como os drahegs conseguiram subir às muralhas... se isso tornar a acontecer, as coisas podem ficar muito feias. Como foi do outro lado?

Os drahegs não chegaram a subir. Foram destroçados pelos arcos dos sirulianos. Uns ogroblins fizeram umas rachas no portão, mas nada de maior. Matámos bastantes ulkekh lens.

Hmm... reflectiu Worick, coçando o queixo barbudo. Se calhar é melhor trocarmos de posição, nós os dois.

Aewyre fitou o thuragar.

Porquê?

As coisas parecem ter corrido bem na tua parte da muralha, segundo o que dizes. Aqui não foi assim tão bom, e apesar de toda a bazófia, os homens ficaram com a confiança um bocado abalada, enquanto na barbacã ela deve estar alta. A tua presença e a da Ancalach podem ser importantes para o moral aqui. Além disso, aqui é tudo à cachaporrada com algumas bruxarias do mago à mistura, tal como viste; não precisas de ser nenhum génio militar para aguentar a muralha.

O guerreiro ponderou os argumentos, e não viu neles qualquer falha.

Está bem. E agora, o que fazemos?

Esperamos. Tratamos dos feridos. Contamos os mortos. Vigiamos enumerou o thuragar, virando as costas às ameias e desferindo um pontapé na cabeça frouxa de um draheg. Eles vão aprontar o ataque para amanhã, mas isso não quer dizer que possamos dormir descansados. Destaca patrulhas pelas muralhas, porque aqueles ulkekh lens podem bem subi-las durante a noite. E deixa uns quantos homens na sala dos mecanismos do rastrilho da barbacã com as portas trancadas. Também...

Worick! arquejou o guerreiro, agarrando-o pelo ombro e puxando-o para trás. Eles estão a voltar!

De facto, fileiras de drahegs de escudos empunhados avançavam lentamente, e embora mantivessem as armas embainhadas, causaram o pânico nas muralhas.

Vai haver outro âmagô! gritou um conscrito em Leochlan, frechando um arco.

Calma! Calma! *Calma!* berrou Worick, levantando os braços. Não molhem as ceroulas, eles não vão atacar! Estão a ouvir? Eles não vão atacar, suas meninas!

Então vão fazer o quê? questionou Aewyre de Ancalach empunhada.

Recolher os corpos.

O guerreiro virou a cara para o thuragar, perplexo. Drahregs, a recolherem os seus mortos?

Mas Worick acertara, pois embora mantivessem os escudos erguidos, os drahregs limitaram-se a arrastar e a levar os cadáveres às costas. Os conscritos acalmaram, suspirando de alívio, e limitaram-se a observar, surpresos.

O quê? exclamou Aewyre, incrédulo.

Para quê essa surpresa? admirou-se Worick. Estão a tratar do jantar.

A compreensão de Aewyre soltou-lhe o queixo, que descaiu.

Bom proveito! berrou o thuragar com a mão ao lado da boca. Que vos caiam muito bem, porque amanhã podem ser vocês a ir para a panela! O thuragar riu da sua própria piada, Se é que eles usam panelas...

Ao fim do dia, a enfermaria improvisada era o lugar mais activo do Esporão. Slayra, Lhiannah, Taislin e os conscritos que os ajudavam não tinham mãos a medir com o número de feridos graves e ligeiros, cinquenta e um no seu total. Muitos precisavam apenas de suturas e limpeza das feridas, alguns seriam incapazes de combater no dia seguinte, outros ficariam incapacitados, e um certo número de infelizes não tardariam muito a juntar-se aos trinta e quatro que haviam morrido no embate, e o máximo que podia ser feito por eles era aliviar-lhes o sofrimento. Havia fileiras de homens gemebundos deitados nos camastrinhos ao longo das paredes, contorcendo-se e vagindo de dor, delirantes com febre, alguns com as calças sujas pelo medo e pela necessidade. Os conscritos ajudavam-nos como podiam, servindo-lhes água e colando-lhes toalhas molhadas às testas ferventes, mas pouco mais podiam fazer além disso, pois não dispunham de ervas ou vinho para lhes aplacar as dores e as infecções. Moscas haviam aparecido do nada e pairavam sobre os feridos e moribundos, zumbindo em faminta antecipação e deleitando-se com os insalubres odores de feridas infectadas.

Slayra começava a sentir a cabeça andar à roda. Amputara uma mão pendente do pulso, arrancara pelo menos quatro pontas de flechas com fórceps, empurrara dúzias de outras para fora da carne de homens feridos, e cauterizara tantos ferimentos que o cheiro a carne e pêlos queimados ainda pairava no ar. Os gemidos, os odores doentios, o calor dentro do recinto e o incessante bulício começavam a deixá-la

enjoada. Alguém lhe deu um encontro no ombro ao passar por ela, mas Slayra não lhe deu importância e deixou-se ficar de olhos fechados a inspirar fundo, agarrando o ventre e tentando impedir o seu estômago de se rebelar uma vez mais...

Não! ouviu Lhiannah gritar, e de imediato abriu os olhos, olhando em redor.

A arinnir corria na direcção de dois conscritos, um dos quais acamado e o outro ajoelhado por cima deste. O indivíduo deitado estava de tronco nu e com o abdómen cingido por ligaduras brancas manchadas de sangue. Fora ferido por uma ponta de lança na barriga, que lhe furara os intestinos e lhe roubara todas as esperanças de vida. O outro tinha uma faca sangrenta na mão, e foi só então que a eahanoir reparou que a garganta do ferido estava aberta, tingindo a almofada e a palha em redor de vermelho.

Oh não... disse, apressando-se na direcção dos dois, que Lhiannah bruscamente separou, tentando em vão tapar a ferida aberta na garganta do moribundo com uma toalha.

Infeliz, o que é que fizeste? perguntou Slayra exasperadamente, ajoelhando-se diante do moribundo com as mãos erguidas, sem saber o que fazer com elas. O ferido soltou um derradeiro gemido chiante, revirando os olhos e parando de se mexer, deixando a cabeça descair na almofada ensopada de sangue.

Ele estava a sofrer; ia morrer da axe escusou-se o conscrito com a faca sangrenta. Não o escochei. Leni a sua dor.

O quê? Slayra não percebia o que o homem estava a dizer, e sentiu o sangue retumbar-lhe nas têmporas com a frustração. Então e aquele, não o queres matar? E aquele, por que não lhe cortas também a garganta? Ou a todos, já agora? Mas assegura-te de que os outros conseguem ver, para dormirem descansados esta noite! Idiota!

O homem fitava-a com indiferença, sem qualquer arrependimento patente na sua face. A vontade de Slayra era esmurrá-lo na laringe para ver se ele também gostava, mas outra cedo se lhe sobrepôs e forçou a eahanoir a virar-lhe as costas e a correr para as escadas.

Slayra! gritou Lhiannah atrás da eahanoir, sem que esta se detivesse.

A eahanna negra desapareceu nas escadas em espiral, correndo para o andar superior e parando defronte de uma estreita janela, onde se deixou ficar a respirar fundo o ar fresco que dela provinha. Não soube dizer quanto tempo passou, mas Lhiannah acabou por surgir das

escadas, deparando com a eahanoir no corredor, vendo-a de cabeça baixa com os braços apoiados numa estreita janela a respirar pesadamente. A luz avermelhada do sol poente raiava da apertada abertura, iluminando o vulto negro de Slayra e recortando a sua palpitante sombra contra a parede.

Slayra...? A eahanoir esticou o braço com a mão aberta, respirando fundo. Lhiannah deu-lhe tempo para se recuperar e esperou até que a eahanna se endireitasse antes de se aproximar mais. Estás bem?

Melhor do que aquele pobre desgraçado...

Pois... mas estás *bem*?

Nem por isso, não. A minha boca sabe a moedas, ando sempre com a bexiga cheia, o meu esterno arde e tenho o frequente prazer de provar as refeições mais do que uma vez, se é que me entendes...

Lhiannah cruzou os braços e admirou-se por estar sozinha a falar com a eahanoir, genuinamente preocupada com ela. Muito mudara entre as duas desde o reencontro em Val-Oryth...

À parte disso...?

Vou sobreviver. Não sei por que fiquei assim tão transtornada... não faças essa cara; eu já vi bem pior. Mas houve algo que... não sei, ter de tratar de todos aqueles moribundos com os meios que nos deram... o Quenestil lá fora nas muralhas... e depois tenho andado com um feitio... vê lá tu, ainda hoje desatei a chorar quando ouvi um conscrito a rezar a Gorfanna para que o seu campo tivesse uma boa colheita, de modo a que a sua mulher e filhos não passassem fome se lhe acontecesse alguma coisa, ou algo parecido...

Lhiannah nutou compreensivamente com a cabeça, e Slayra olhou para fora da janela, abrilhantando os claros olhos azuis com a luz do sol poente.

Slayra... pigarreou Lhiannah. Se não for demasiado indiscreto... porquê um bebé? Porquê agora?

A eahanoir olhou de soslaio para a arinnir, devolvendo de seguida a atenção para o pôr do sol. Tanto ela como Quenestil haviam resumido sucintamente a sua travessia aos companheiros, pois além da morte de Babaki pouco mais lhes importara.

Se não queres responder...

Depois de o Babaki ter morrido suspirou a eahanoir, andámos umas semanas pelas florestas da Latvonia e apanhámos um barco para Tanarch numa vila. Eu fui atacada por um marinheiro numa noite, e o Quenestil tentou ajudar-me, mas foi atirado borda

fora. Mergulhei atrás dele e andámos à deriva, até sermos encontrados por um druida azul com uma jangada.

Lhiannah inclinou a interessada cabeça, ajustando os braços cruzados debaixo do peito e encostando o ombro à parede.

Os dias que passámos ali... sabíamos que tão cedo não se iriam repetir. Depois ele disse-me umas coisas... sabes como é o Quenestil, todo atabalhado quando tem de falar daquilo que sente... e eu dei comigo a pensar. Tinha perdido o Babaki, e podia bem perdê-lo a ele também; estávamos a ir para Asmodeon, afinal de contas. Se o pior acontecesse, queria ao menos ter algo dele, algo mais do que uma recordação. Queria parte dele em mim, queria um filho dele. esfregou o ventre distraidamente e virou-se para Lhiannah. é por isso que agora estou assim. O que achaste? Uma história piegas, não? Mas foi o que aconteceu.

Bem... a arinnir. piegas, mas... não é bem o que eu teria esperado de ti.

Slayra ergueu uma fina sobrancelha.

Mas também... nunca teria esperado estar aqui a falar contigo, ou ter chorado pelo Babaki abraçada a ti, ou ter-te a consolar-me quando eu estava acamada no templo... ou sequer partilhar uma banheira contigo e esfregar-te as costas, quando alguns meses atrás o mais certo era ter tentado afogar-te.

As duas trocaram sorrisos e deram consigo a abraçarem-se uma à outra. Quando se afastaram, Lhiannah olhou para o ventre ligeiramente saliente da eahanoir e deixou as mãos a escassa e hesitante distância dele.

Posso...? fez que sim com a cabeça, e a princesa passou-lhe as palmas pela barriga, rindo sem saber ao certo porquê.

Qual é... qual é a sensação?

À parte dos enjoos, das idas à latrina e do resto? É maravilhoso

afirmou a eahanoir. uma sensação única, que nem consigo descrever bem. Faz-te sentir... não sei... estás a criar vida dentro de ti... é difícil explicar. Além disso, já me tinha esquecido de como era viver sem sangrar. Que alívio!

Sangrar...?

Sim, mulher. O choro lunar?

Ah, sim. Pois... ao menos isso.

- É um pesadelo durante as viagens. Como é que nunca te queixavas? Mas também, a única coisa da qual te queixavas comigo até há bem pouco tempo era da minha presença.

As duas trocaram sorrisos,

e Slayra inspirou fundo. Bom, vamos voltar? Como é que aquilo ficou?

Ficaram um bocado agitados durante algum tempo, mas acabaram por acalmar. Mandeí o idiota atirar o corpo para o rio e saltar ele também. O Taislin ficou a tratar dos outros.

É verdade lembrou-se a eahanoir enquanto se dirigiam para as escadas, quantos morreram? Uns trinta?

Sim, foi o que disseram; trinta mortos e cinquenta feridos; isso, e que o inimigo tinha morrido às centenas no ataque.

E os... rapazes?

Ninguém me disse nada, mas pelo que percebi, parece que nenhum deles ficou ferido. Contaram-me que o Aewyre ajudou o Quenestil a aguentar a barbacã, e que de seguida foi acudir o Worick no vértice.

O Quenestil disse que ainda passava por cá hoje, mas já sabes como são os homens e as promessas, não é? Hmm? Lhiannah?

O quê? Oh, sim. Homens e promessas. Pois.

Slayra franziu as desconfiadas sobrancelhas enquanto desciam as escadas, notando que a arinnir ficara absorta nalgum pensamento.

Tu e o Aewyre... parecem estar a entender-se melhor... arriscou para ver qual a reacção de Lhiannah.

Melhor? fungou a princesa. Também eu pensava. *"Mas será que estes dois nunca mais se vão deixar desta dança?"*

admirou-se Slayra. *"Eu e o Quenestil é que devíamos ser assim..."*

Contudo, absteve-se de fazer qualquer tipo de comentário e continuou a descer as escadas.

Queres falar disso?

Não.

Está bem desistiu a eahanoir. Podia ser que o Quenestil soubesse alguma coisa acerca do que se passara entre os dois durante a separação do grupo. Mas onde estava o desgraçado do eahan?

A TORRE DE CERCO

Aewyre acordou de sobressalto com o soar da trompa nas muralhas. Adormecera sentado no chão de costas para a parede, e nem sequer tirara a armadura, o que constatou dolorosamente ao mexer o primeiro dos seus ressentidos músculos. Bateu no elmo ao seu lado com um movimento involuntário e fê-lo ressoar pelo chão, tentando de seguida apanhá-lo e falhando na tentativa. À sua volta os ensonados conscritos levantavam-se atabalhoadamente, afoitados pelo mugido da trompa mas ainda com um pé em Aemer-Anoth e o outro nos sonhos. Aewyre pegou no elmo e levantou-se de costas apoiadas na parede, assegurando-se de que Ancalach se encontrava embainhada.

Para as muralhas! tartameleante. as muralhas!

Fora uma noite mal dormida para todos, não só para os que haviam sido destacados para os turnos de vigia. O som de madeira a ser cortada, serrada e martelada fizera-se ouvir durante a noite inteira no exterior da bastilha, roubando o sono a quem estivera instalado a nascente das muralhas. Além disso, houvera quatro sorrateiras incursões de ulkekhens, o que obrigara os defensores a uma vigia atenta das muralhas. Aewyre julgava ter ouvido dizer que um homem chegara mesmo a ser atacado por um enquanto se encontrava na mais vulnerável das posições numa latrina, mas talvez não tivesse passado de um sonho; ou melhor, um pesadelo. Assentou o elmo na cabeça enquanto subia apressadamente as escadas em espiral para o topo da barbacã à frente dos defensores, tentando não pensar muito nos horrores que o dia decerto lhe guardava. Quando chegou ao cimo da escadaria, deparou com Worick a berrar indicações e a empurrar

conscritos para as suas respectivas posições enquanto Quenestil preparava os arqueiros ao longo das ameias. Alguns homens carregavam ganchos e compridas cordas, o que o jovem de imediato estranhou. A primeira coisa que lhe ocorreu, contudo, foi o quão à vontade o thuragar estava a dar ordens, apesar da sua recusa em assumir o comando, sendo a segunda o quão claro e brilhante o céu estava tão cedo de manhã, pontilhado apenas por alguns cirro-cúmulos, prometendo mais um dia quente. Tanarch e Sirulia estavam a roubar-lhe a noção de tempo, que naquele momento não tinha em suficiente abundância para gastar em tais considerações.

Worick? a atenção ao thuragar.

O quê? Aewyre? Vai já para o vértice, pedras te partam! Worick com urgência. vão cair-nos em cima daqui a nada!

Para que é que são as cordas?

Para a torre! Vá, não faças perguntas, vai lá! E não te esqueças de usar as medas, ouviste?

Torre...? só então que o guerreiro viu a periclitante torre de cerco que fora erguida defronte da muralha, por cima de um pavimento de toros que chegavam até ao carreiro que levava à barbacã. Então fora essa a razão do incessante ruído durante a noite...

Era uma estrutura imensa e imponente, embora se notasse claramente que fora construída à pressa. Boa parte da construção era sustida por cordas e não por pregos, e toda ela rangia assustadoramente a cada movimento, levando os conscritos a questionarem-se acerca da ameaça que realmente representava. Tinha uma improvisada ponte levadiça erguida no topo, e sua frente estava coberta de peles húmidas; uma precaução desnecessária, pois os defensores não dispunham de flechas incendiárias ou de qualquer material inflamável para usar em projecteis. Ainda assim, o simples facto de terem terminado a estrutura numa única noite era um claro indício da tenacidade e determinação dos drahregs.

Mas de que é que estás à espera? Worick. a mexer, mas que raio!

De facto, as fileiras do exército inimigo agitavam-se, e pareciam prontas a investir a qualquer instante. Drahregs urravam, ogroblins bramiam, ulkekh lens berravam, todos numa atemorizante cacofonia que fazia tremer o mais resolutos dos conscritos. Nas muralhas da fortaleza já se viam as imotas figuras dos sirulianos a contemplarem os sitiados como gárgulas vigilantes com as pontas dos seus arcos a sobressaírem dos merlões.

”Desgraçados...”, pensou Aewyre enojado, pondo-se a caminho da torre flanqueante. ”Se estivessem aqui connosco, destroçávamos estes malditos com um mínimo de perdas tanto para nós como para eles, mas preferem ver-nos sangrar até à morte e levar connosco tantos bichos quantos conseguirmos...”

Não conseguia acreditar que fossem estes os sirulianos das histórias, os alegados defensores de Allaryia. Podia compreender os eahan, que eram verdadeiramente poucos e que o próprio Aewyre não sabia se aceitaria ou não a sua ajuda, pois não conseguia deixar de os ver como uma raridade que Allaryia não se podia dar ao luxo de perder...

”Mas as famílias destes pobres desgraçados se calhar também não se podem dar ao luxo de perder um filho, ou um marido...”, pensou o guerreiro, distribuindo palmadas e palavras de apoio pelos defensores enquanto se dirigia ao vértice.

Entrou na torre e atravessou rapidamente o corredor que levava ao outro lado, mas antes que saísse, ouviu um ribombante urro anunciar o início do assalto.

Maldição! galgando o espaço que faltava percorrer e gritando para anunciar a sua chegada à muralha coberta de nervosos defensores, que pareceram aliviados com a sua presença.

Os manteletes drahegs já rolavam, empurrados pelos uivantes arqueiros negros, precedidos por ogroblins com as possantes esferas acorrentadas, e os ulkekh lens seguiam aos calcanhares de ambos, esperando prudentemente que os defensores engajassem primeiro os resguardados drahegs. A primeira saraivada de setas das muralhas não tardou, com Quenestil a ordenar com exíguo sucesso aos seus arqueiros que disparassem em arco por cima dos manteletes. Os sirulianos aguardaram, pois as suas salvas não serviam para molestar o adversário mas sim para o destroçar na altura certa. Os drahegs pararam e começaram a abrir fogo detrás do abrigo dos seus manteletes, e os ogroblins desprovidos de escudos principiaram a oscilar as pesadas esferas de ferro. Debaixo da cobertura do fogo amigo, os ulkekh lens berraram então roucamente e desataram a cavalgar na direcção das muralhas quando as setas e esferas começaram a embater contra estas. Os conscritos responderam à altura e abateram inúmeros pequenos humanóides pela sua ousadia com uma mortal salva, o que contudo não os deteve, nem a segunda, nem a terceira, a partir da qual as saraivadas passaram a ser irregulares devido à indisciplina dos conscritos, que ou se atrapalhavam, ou começavam a atrasar-se. Um segundo grupo de ogroblins corria no encalço dos ulkekh lens, carregando enormes escadas, enquanto o primeiro se preparava para tornar a arremessar as

pesadas esferas, que atingiam os seus e as muralhas com igual e arrasadora frequência. Uma chegou mesmo a arrancar a cabeça de um merlão, projectando dois conscritos pelo pátio adentro.

Espadas, em frente! Aewyre, baixando a babeira do elmo em preparação para o iminente embate, pois os ulkekh lens já haviam começado a trepar a muralha.

Os arqueiros recuaram e homens armados de escudos erguidos e espadas acocharam-se nas ameias de armas em riste, aguardando a chegada dos pequenos humanóides enquanto os conscritos armados de arcos continuavam a disparar atrás de si, alternando com o cego arremesso de pedras. Era o máximo de disciplina que o guerreiro esperava poder inculcar aos defensores, mas não podia ser pior do que o desempenho dos homens no primeiro dia do cerco, no qual a cortina sul da muralha quase fora perdida. As primeiras faíscas chamejaram à sua esquerda quando Allumno começou a despedir feitiços ofensivos do topo da torre flanqueante, da qual manava uma constante chuva de setas. Drahregs urraram e começaram a correr assim que os ogroblins chegaram a determinada distância das muralhas com as suas escadas com pontas de ferro recurvas. O assalto começara, os expectantes músculos dos defensores estavam tensos como arames prestes a estalar, determinados a não cederem uma única pedra das ameias, e a única coisa na qual Aewyre conseguia pensar era que devia ter urinado logo ao acordar, e para a fossa com a trompa.

A primeira cabeça ulkekh len a surgir nas ameias foi varada de um lado ao outro pela ponta romba de uma espada, a do segundo foi escachada por um exaltado altabaixo, mas o terceiro foi suficientemente rápido para evadir um golpe e conseguir esgueirar-se por entre dois merlões, sendo de seguida pontapeado contra a pedra. Aewyre cortou o braço ao quarto, o quinto mordeu um escudo antes de ser decapitado pela cunha de um machado, e foi só a partir do sexto que os conscritos se viram envolvidos num feroz combate com o inimigo que saltava de todas as ameias. De repente, Aewyre só ouvia rosnidos, guinchos, berros, grunhidos, aço a clangorar e silvar e cortar, tudo abafado pelo seu elmo. Viu o corpo cinzento de um ulkekh len saltar para cima de alguém pela limitada visão periférica da sua fresta, mas a sua atenção foi dividida entre um que se pendurou do pescoço de um defensor, abocanhando-lhe o nariz, e outro que mordida a perna de um conscrito que mantinha outro à distância com o escudo. Com um grito, Aewyre pisoteou o torso do humanóide que mordida a perna e espedaçou a anca do que estava pendurado com um revés de

Ancalach. Não teve sequer tempo para ver se o defensor estava bem ou para ajudar o outro, pois um ulkekhlen agarrou-se-lhe de seguida ao braço esquerdo e mordeu-lhe a mão enluvada com força. Os dentes rilharam no metal da manopla e o couro era robusto, mas ainda assim o guerreiro pensou sentir pontas afiadas picarem-lhe a carne. Grunhiu e levou um joelho ao chão, trazendo o cume do alongado crânio da criatura com ímpeto contra as pedras do adarve, com as quais colidiu com um enojante estalo. Aewyre tentou levantar-se, mas um ulkekhlen aterrou-lhe nos ombros e outro agarrou-se ao seu braço direito, ambos mordendo e arranhando em vão. Ainda assim, arriscava-se a ficar soterrado debaixo de uma massa das desgraçadas criaturas se permanecesse em tal posição, mas o ulkekhlen às suas costas deu um grito e um estremeção, e o guerreiro deixou de sentir o seu peso. Aliviado, estocou em frente com o braço do qual praticamente pendia o outro ulkekhlen, enfiando a ponta de Ancalach na barriga de um terceiro.

Arqueiros, às armas! esmurrando o humanóide que ainda estava agarrado ao seu braço, e os conscritos que ainda empunhavam arcos largaram-nos e aprestaram as espadas e os machados para se juntarem à peleja. A primeira linha aguentara bem o assalto, mas o guerreiro queria tirar os ulkekhlens da muralha antes que os drahregs chegassem, e nesse preciso momento as pontas recurvas da primeira escada engancharam-se no cunhal de uma ameia.

Drahregs! um conscrito, levando a espada abaixo com ambas as mãos e fendendo o crânio de um adversário.

Drahregs! outro em aflição. Era óbvio que ninguém desejava que a brutal investida do dia anterior se repetisse, e os ulkekhlens foram vítimas de uma alentosa pressão que ameaçava empurrá-los a todos pelas muralhas abaixo.

Uma flecha resvalou na espaldeira de Aewyre, outra enterrou-se no peito acolchoado da armadura de pano de um defensor, distraíndo-o o suficiente para um ulkekhlen lhe rilhar a canela com os dentes.

Lanças! o jovem. atrás, peguem nas lanças!

Não pôde olhar para trás para ver se a sua ordem fora cumprida, nem tinha como saber se fora sequer ouvido devido à babeira que lhe resguardava a face abaixo dos olhos. Limitou-se a pressionar, a estocar em frente e a agredir com o pomo e os copos de Ancalach e com o seu próprio punho, encurralando as pequenas feras e esmagando-as contra as ameias até as forçar a baterem em retirada. A implacável pressão

estava a funcionar, até os primeiros drahregs aparecerem, ferozes e de farpões empunhados, que logo arrojaram contra os defensores. Muitos caíram feridos pela salva de arremessos, mas os lanceiros não tardaram a avançar, atacando por trás da primeira linha com as compridas hastes, estocando os negros humanóides no peito e na garganta e empurrando-os para fora das ameias que tentavam transpor. Porém, os drahregs não tardaram a afastar e podar as lanças com as pesadas lâminas das suas falcatas, e o caminho ficou uma vez mais aberto. Aewyre urrou, desferindo um pontapé no queixo de um teimoso ulkekhlen e cortando pelo pulso o braço com o qual um drahreg se segurava a um merlão, causando a sua queda. Encalhou a parte superior da lâmina no pescoço de outro e libertou-a com um sacão que trouxe um jorro vermelho atrás de si. Um machado desceu ao seu lado e enterrou-se violentamente no escudo de outro drahreg, desequilibrando-o e derrubando-o da escada.

Eles não vão avançar! declarou o jovem. Não vão *avançar*!

E de facto os drahregs estavam a ter sérios problemas em assentarem os pés na muralha devido à implacavelmente obstinada pressão dos defensores. A imagem da cruenta Ancalach a ceifar vida após vida nas ameias, empunhada pelo filho de Aezrel Thoryn no seu imponente arnês siruliano inflamava e galvanizava os conscritos, que combatiam com uma ferocidade equiparável à do Primeiro Pecado. Os ulkekhlen já fugiam, descendo atabalhoadamente pelo lado interior das escadas erguidas pelos ogroblins, e a arremetida dos drahregs começava a vacilar.

Eles

acuum! regozijou-se um defensor que vergastava os adversários com a lança cortada. Os perros acuum!

Aewyre não se permitiu a mesma alegria, pois vislumbrou as fileiras de drahregs que corriam para as escadas para dar continuidade ao ataque, que desta vez não seria tão facilmente repellido.

Continuem! bradou o guerreiro. Ainda não acabou! Vêm aí mais!

O refolgó dos surrados drahregs veio na forma de uma concentrada saraivada de flechas e esferas de ferro inteiramente direccionadas às muralhas, ignorando o torreão. As setas abateram-se indiscriminadamente sobre todos os que combatiam nas ameias, e as esferas causaram mais abalos do que danos, mas foi o suficiente para permitir aos atacantes recobrem o fôlego e retomarem a ofensiva. Os ulkekhlen foram ameaçados e obrigados a tornar a trepar as muralhas pelos drahregs em baixo, que de seguida começaram a subir as escadas para

substituir os caídos. Várias fateixas encalharam nas ameias, mas ninguém lhes deu mais atenção do que às pontas de ferro das escadas, ocupados como estavam a impedir os atacantes de ganharem terreno. Aewyre fendeu a cabeça de um drahreg, que caiu morto de barriga sobre a ameia, e o que se lhe seguiu estocou com extraordinária rapidez com uma lança, cuja ponta resvalou pela sua babeira acima, encalhado na borda dobrada para fora, que a impediu de entrar pela viseira adentro e furar um olho ao guerreiro. Incapaz de se aperceber ou dar valor à sorte que tivera, o jovem trouxe Ancalach acima com ambas as mãos e deslizou a lâmina debaixo da axila do adversário, gritando ao desferir o golpe:

Continuem! Não parem!

De repente, um aterrador bramido fez-se ouvir à esquerda e todos se viraram para ver um enorme ogroblin de boca escancarada e vesiculoso focinho enfunado, agarrado a um merlão com um braço e a derribar quatro conscritos e três drahregs com uma varredela da clava que empunhava a meio do comprimento para melhor a manejar no espaço apertado. A criatura subira por uma das cordas ancoradas, e agora espalhava o caos e o medo onde antes haviam estado defensores determinados. Aewyre raspou a cara de um drahreg com uma oscilação da ponta de Ancalach, cortando-lhe o nariz e o lábio superior, e investiu contra o monstro antes que este destroçasse a fileira dos conscritos. O ogroblin golpeava com o braço direito, que acabara de levar atrás no momento em que Aewyre chegou. Quando desferiu a nova varredela, o guerreiro penetrou-lhe pelo movimento adentro pela esquerda e interceptou-lhe o golpe, cortando-lhe a artéria no interior do braço. A criatura bramiu de dor, deixando a clava cair, e Aewyre grunhiu ruidosamente ao trazer Ancalach pelo percurso inverso, decepando-lhe a mão que o sustia às ameias. O monstro soltou um bramido ainda mais fragoroso e caiu para a sua estrondosa morte.

Aewyre gritou com o coração a bater ao pulso da batalha e ergueu a Espada dos Reis, deixando o sol ruborizar a sangrenta lâmina para que todos a vissem.

Ancalach! Morte à Sombra!

Morte à Sombra! os conscritos de volta, abatendo-se sobre os invasores.

Quenestil urrou ao enterrar o facalhão na barriga de um drahreg com um farpão levado atrás, e o humanóide escarrinhou-lhe sangue para cima do ombro. Grunhindo, o shura empurrou-o com a mão

livre e arrancou-lhe a lâmina do ventre a tempo de aparar a espadada do que surgiu no lugar do seu companheiro morto. Aos seus lados ouvia os grunhidos e ofegos dos conscritos, que estocavam, lanhavam e varavam, apresentando uma frente de escudos, espadas, machados e pontas de lança. Os mortos já eram tantos que os pés de defensores e atacantes não mais pisavam as pedras do adarve, mas sim os corpos dos caídos, amigos e inimigos. O calor humano que emanava dos apertados corpos em furioso movimento era sufocante, e o sol quente acalentava o sangue derramado nas muralhas, tornando o seu férreo odor ainda mais pungente. O arco e a aljava à cintura atrapalhavam-lhe os movimentos, mas sabia que se os largasse, nunca mais os veria. O eahan desviou o segundo golpe de espada, inverteu o aperto na arma e deslizou a lâmina pela garganta do adversário, deixando-o tombar gorgolejante em frente. Já estava rouco de tanto gritar, embora os brados dos conscritos que o ladeavam tornassem difícil dizer se estava ou não a berrar, mas a cada novo golpe Quenestil tornava a forçar a garganta, tal como o fez quando se baixou para evitar uma cutilada e de seguida enfiou a ponta do facalhão na axila do quinto drahreg. Ou talvez fosse o sexto desde que começara a contar. Talvez mesmo o sétimo. A verdade é que já não sabia quantos havia morto desde que a investida começara. Não podia estar ali há muito tempo sol pouco ou nada se mexera parecia já ter passado uma eternidade de morte, sangue e gritos. Não conseguia ver o portão da barbacã, mas sabia que os ogroblins se encontravam aos pés da muralha, desbastando a portada de madeira com as suas imensas armas. Não era preocupante, pois ainda teriam de contender com o rastrilho de ferro, mas estavam numa posição vulnerável que devia ser explorada. Quenestil deu lugar a um conscrito, olhou para trás e viu que os homens que empunhavam a vara do caldeirão de água quente aguardavam impacientemente que alguém lhes abrisse caminho para despejarem morte escaldante sobre o inimigo. Worick estava algures no meio da peleja, mas o único sinal do thuragar eram os seus desmedidos urros de guerra, pelo que o shura decidiu tomar a iniciativa.

Abram caminho! indicando com o cruento facalhão o contestado lanço de merlões sobre o portão da barbacã. Os ogroblins que se encontravam em baixo haviam erguido escadas por cima das suas cabeças, permitindo a passagem a drahregs e resguardando-se a si mesmos. caminho para o caldeirão!

Os defensores que se puderam dar ao luxo de seguir a ordem do eahan fizeram-no, virando a sua atenção e as suas espadas e lanças para os drahregs que estorvavam as ameias sobre a barbacã.

Caldeirão! Quenestil, e os homens ergueram o fervente receptáculo de ferro chamuscado, aprestando-se para correrem para as ameias. Os drahregs foram surpresos pela súbita acometida dos defensores e muitos caíram das escadas, mas os que subiram em outros pontos da muralha compensaram a perda. Saíam da frente!

Os conscritos do caldeirão gritaram em uníssono e marcharam apressadamente em frente, derramando chapejantes quantidades de água a ferver enquanto o faziam. Os únicos homens que permaneceram nas ameias sobre o portão foram os lanceiros que tentavam manter o inimigo à distância até o caldeirão estar devidamente assente entre dois merlões. Quenestil caminhava ao lado dos conscritos e afoitava-os, acometido de uma primordial e cruel ansiedade de ver a fervente água ser vertida e ouvir os urros de agonia do inimigo. Por sua vez, os defensores encarniçavam-se mutuamente, prometendo uma morte escaldante aos sitiantes e regozijando-se com tal prospecto. Por essas mesmas razões, a surpresa dos defensores foi grande e aterradora quando o homem à dianteira da vara do caldeirão tombou com uma flecha perdida espetada no pescoço e o que ia atrás nele tropeçou. Todos soltaram gritos de aviso quando o caldeirão caiu ao chão, entornando a fumegante água a ferver no adarve, mas muitos foram apanhados desprevenidos quando os seus pés de repente arderam, e os feridos e inconscientes empilhados nas ameias soltaram uivos de despertar quando a fervente torrente se abateu sobre eles. O pânico instalou-se em redor do caldeirão entornado, com homens a saltarem de pés queimados, a escorregarem e a escaldarem as mãos e a criarem espaços abertos na muralha ao desviarem-se da água.

Mas o que é que se está a passar? Worick, fazendo o olho de um drahreg saltar da órbita com uma violenta martelada na cabeça. que é que está tudo a fazer no... pedras me partam, ajudem-nos ali!

O thuragar viu as aberturas causadas pelo incidente e os drahregs que por elas estavam a entrar. Não sabia o que acabara de acontecer, mas também não tardou a fazer a ligação entre o caldeirão caído e a água fumegante em redor de vários corpos esperneantes no chão.

Não, esperem! e estendeu o martelo a seu lado a tempo de impedir alguns conscritos de correrem cegamente contra os invasores que trepavam pelas ameias sem qualquer oposição. Os

drahregs saltaram, uivando em antecipação, e foram os primeiros a escorregar assim que puseram os pés no adarve.

Os defensores avançaram cautelosamente e abateram-se sobre os inimigos caídos, alguns derrapando ao fazê-lo, e Worick ficou para trás para continuar a orientar a defesa, exemplificando com a cabeça do seu martelo e a de outro desventurado drahreg. Apesar do contratempo dos defensores, os sitiados estavam a ter dificuldades em assentarem os pés na muralha. O grosso dos ulkekh lens já fora repellido e poucos dos drahregs que a custo chegavam ao fim das escadas conseguiam transpor as ameias, pois além dos determinados defensores ainda tinham de se haver com o devastador fogo dos sirulianos no flanco. Os ogroblins em baixo grunhiam e bramiam enquanto esfaqueavam o portão com bordoadas, machadadas e cutiladas, mas poucos lhes davam atenção. As baixas do inimigo amontoavam-se no campo, na base da muralha e sobre as ameias, mas ainda assim a hoste avançava como uma inexorável maré a abater-se contra um firme quebramar. Porém, enquanto as ondas embatiam em vão contra a bastilha, aproximava-se um vagalhão na forma da torre de cerco, arrastada por duas filas de ogroblins de escudos erguidos a puxarem grossas cordas. A vacilante torre era empurrada por drahregs e sustida por trás e pelos lados por cordas puxadas por outro grupo de ogroblins, e estava perigosamente apinhada de ulkekh lens e mais drahregs que se esforçavam por equilibrá-la por dentro.

Olha a torre! Worick, avistando o topo do engenho entre dois merlões ao derrubar um drahreg da ameia entre eles.

Eahan! Vai buscar as medas!

Quenestil cravou o facalhão nas costas de um estrebuchante drahreg com ambas as mãos ao ouvir o grito do thuragar e arrancou-o com um grunhido ao erguer-se para olhar em frente. A torre aproximava-se de facto, e estava na altura de fazer bom uso da gordura dos cadáveres do inimigo.

Continuem! Não os deixem passar! o shura, chutando a cabeça de um drahreg que se tentava levantar. digam aos outros para irem buscar as medas! Vocês, venham comigo!

disse a seis conscritos, que prontamente o seguiram para o lado interior do topo da barbacã, no qual estavam empilhadas medas de palha enfaixada com trapos e untadas com a gordura dos cadáveres de drahregs e ulkekh lens mortos no dia anterior.

As medas emanavam um nauseante odor rançoso e eram sebosas ao toque, mas ninguém hesitou em sobraçar tantas quantas conseguia

debaixo dos braços e correr com elas para as ameias. Quenestil pegou numa das tochas de vigia que ainda ardiam e foi atrás dos seis homens, vendo que o combate nas ameias continuava tão acirrado como quando o deixara momentos atrás, com Worick a servir de sólido exemplo para a inflexível resistência nas muralhas, urrando e oscilando e quebrando com igual ferocidade.

Worick! Tenho-os aqui! o eahan, acenando em vão com a tocha, pois o thuragar estava de costas para ele. Raios, não me ouve... ponham isso no chão! Ponham-nos no chão! Vão buscar mais e distribuam-nos pela muralha! Vão!

Os conscritos assim fizeram e o shura juntou-se à furiosa pugna nas ameias. Uma flecha zumbiu perigosamente perto da sua cabeça, e Quenestil encolheu-se instintivamente, endireitando-se de seguida para passar com um berro entre dois conscritos e queimar a cara de um drahreg com a ponta da tocha. O humanóide urrou, levando as mãos à cara queimada, e caiu da muralha abaixo. O eahan desferiu um golpe lateral e acertou na nuca de um outro que tentava trepar um merlão, chamuscando-lhe os cabelos e fazendo-o bater com o queixo contra a pedra. Um terceiro surgiu na ameia em frente e arremessou um desajeitado farpão que passou por cima da cabeça de Quenestil, que por sua vez o empurrou com o pé na cara. Entretanto, a torre aproximava-se e dirigia-se claramente à barbacã, pronta a baixar a balanceante ponte levadiça no seu topo.

Worick! O que fazemos agora? o eahan, agredindo a haste de uma lança inimiga com o facalhão.

Ha? som de uma cabeça esborrachada distraiu o thuragar, que olhou rapidamente em redor antes de avistar o seu companheiro. Estás aí? E as medas?

Estão ali atrás! Quenestil, desviando-se da segunda estocada da mesma lança, cujo empunhador se escondia atrás de um merlão.

Então acende-os e manda-os! O que estás aqui a fazer? berrou Worick, falhando uma mão que se retirou e atingindo a pedra de uma ameia.

A única resposta do shura foi um grunhido ao agarrar a haste da teimosa lança com a mão da tocha, encostá-la ao cunhal de uma ameia e parti-la com o pé, feito o qual se retirou de forma cambaleante, dando lugar a um conscrito com o braço ligado. Os seis homens que destacara já haviam empilhado uma quantidade razoável de medas e corriam a buscar mais.

Isso! Vamos atirar estas agora! Quenestil, passando a tocha apressadamente pelas medas, que facilmente se atearam. Peguem nelas! Atirem-nas para fora da muralha!

Os defensores pegaram cuidadosamente nas ardentes medas e correram a atirá-las por cima das ameias, voltando atrás para repetirem o processo. Os restantes grupos ao longo da muralha perceberam o sinal e fizeram o mesmo, arrojando os fumegantes fardos para o amontoado inimigo aos pés do afloramento debaixo da muralha.

Isso mesmo! Worick, bloqueando uma lançada com o escudo e avistando a torre. agora! Peguem nas cordas!

O thuragar pegou no braço de um defensor e puxou-o para o seu lugar, baixando-se de seguida para pegar numa das muitas cordas estendidas ao longo do adarve, percorrendo-a até chegar ao gancho na sua ponta. Tomara providências ao ver a torre, e mandara alguns homens procurarem corda e ganchos, alguns dos quais foram removidos da sala de mecanismos do rastrilho da barbacã.

Estão a ouvir? erguendo a sua corda e entregando-a a um conscrito para exemplificar a quem o estava a ver. nelas, a torre já está perto!

Todos os homens que puderam ser dispensados da defesa das ameias recuaram e remexeram as cordas misturadas no chão à procura da sua, incitados pelo impaciente thuragar enquanto outros continuavam a arremessar as fumegantes medas de palha gordurosa. A torre aproximava-se, rebombando pelo chão e seguida por uma ferina fileira de alvoroçados escaramuçadores drahregs, as flechas continuavam a silvar incessantemente pelo ar, o inimigo continuava a ser morto e repellido das muralhas. A batalha corria de feição para os defensores, e estes não estavam dispostos a permitir que a maré de alguma forma se alterasse, com ou sem torre de cerco. As medas começavam a semear a confusão onde caíam, engasgando o inimigo com o seu odor rançoso, obscurecendo-lhe a vista com o fumo e queimando-o com a palha ardente enquanto a chuva de pontas de ferro continuava a cair. O caos apenas aumentou quando os ogroblins que puxavam a torre depararam com o afloramento e se aperceberam de que já não tinham mais espaço para caminhar em frente e passaram a puxar para os lados, derribando quem se lhes pusesse no caminho, passando o bruto do esforço para os drahregs que empurravam a estrutura e retardando substancialmente o seu avanço.

Preparem-se! Worick, medindo o progresso da torre. Um grupo de vinte defensores segurava nervosamente as cordas

enquanto os seus companheiros rechaçavam os avanços dos drahegs. Quando eu disser...!

Quenestil e os seus conscritos continuavam a arremessar pedras por cima das cabeças de quem lutava nas ameias, proferindo maldições e rogando pragas ardentes. O calor do sol e da palha a arder era abrasador e o odor quase sufocante, mas ninguém parou por um instante sequer, recusando-se a ceder o mais ínfimo passo ao inimigo. Os homens que defendiam as muralhas eram movidos pelo mais básico instinto de sobrevivência, e sabiam que esta dependia do facto de os drahegs passarem ou não das ameias, o que os incitava a uma obstinada recusa da mais racional vontade de arredar e fugir.

Preparem-se...! Worick a avisar, vendo o topo da torre cada vez mais próximo. atirem!

À ordem do thuragar todos oscilaram os ganchos das cordas e um por um arrojaram-nas na direcção da estrutura com sucesso variável. Boa parte dos ganchos prendeu-se em vigas, traves ou cordas no topo da torre, embora muitos falhassem o alvo ou caíssem de seguida sem se conseguirem enganchar em lado algum. Os que falharam os arremessos largaram as suas cordas e agarraram as dos seus mais certos companheiros, firmando o seu aperto nelas.

Puxem agora! como se a vossa vida estivesse nessas cordas! Worick, pegando também numa para dar o exemplo. O grupo de defensores ugoou em uníssono e puxaram com todas as suas forças, retesando as cordas e inclinando a torre perigosamente para a frente.

A base da estrutura estava prestes a embater contra a vertente do carreiro que levava à barbacã, mas os ogroblins que seguravam a torre por trás sentiram que estava a ser indevidamente puxada e tentaram compensar, cada um com a força de cinco homens.

Mais força! Puxem com mais força, não parem! Worick os dentes, arrastando os pés pelo adarve da muralha ao sentir a torre resistir-lhes.

O refolego dos conscritos veio na forma de uma destruidora saraivada dos sirulianos, cujos possantes projecteis cortaram cordas e abateram ou feriram ogroblins, desequilibrando o certame de forças que contestavam a torre para o lado dos defensores. Assim que sentiram a tracção oposta vacilar, humanos e thuragar soltaram altos grunhidos e fizeram um derradeiro esforço que os deixou quase de costas no chão. A base da torre embateu nesse momento contra o carreiro, e as cordas dos conscritos que a puxavam por cima inclinaram a estrutura

para a frente, causando a sua tangente e aterradoramente lenta queda. Drahregs e ulkekh lens bramaram em pânico ao sentirem os seus estômagos subirem-lhes à boca, e houve um coro geral de consternação nas fileiras inimigas quando estas viram o seu trunfo tombar com grande estrépito contra a sólida muralha e sobre os ogroblins que tentavam destruir o portão da barbacã. Madeira estalou e quebrou, cordas desprenderam-se, ossos partiram-se, coberturas de peles rasgaram-se, corpos foram esmagados, farpas e lascas voaram, e os conscritos soltaram um grito de vitória... que rapidamente deu lugar a um de alarme quando dois dos seus e o thuragar foram arrancados da muralha pelo brusco sacão da corda que agarravam e que estivera presa a algo que se partira. Os três voaram brevemente antes de se abaterem sobre os escombros da torre que tapavam a entrada da barbacã.

Do seu posto elevado na torre flanqueante, Allumno viu a queda da torre e os três corpos que sobre ela caíram de seguida. A visão do thuragar arnesado a precipitar-se sobre os escombros como um pássaro abatido arregalou-lhe os olhos e reteve-lhe a respiração, arruinando o feitiço que estivera a preparar. A runa que Worick lhe dera pesou-lhe subitamente na sacola, e o mago correu para a vertente da torre virada para norte, empurrando um conscrito boquiaberto e inclinando-se sobre uma ameia na qual se apoiou com as mãos.

Não... deuses, não... Allumno. vez não...

Worick! Quenestil em desespero ao ver os pés do seu companheiro desaparecerem atrás de um merlão.

O eahan acotovelou o seu caminho até às ameias, derrubando conscritos e gritando que lhe saíssem da frente. Saltou para cima de uma ameia e olhou para baixo, alheio aos gritos dos defensores e às flechas que zumbiam à sua volta. A torre ruíra sobre o carreiro, cobrindo completamente a entrada da barbacã e criando sobre esta com as sobras da sua ponte levadiça uma espécie de plataforma destrocada que ainda podia ser explorada pelo inimigo. Algumas cordas pendiam frouxamente das ameias como fios da teia de uma aranha, e o que sobrava das escadas do inimigo estava desocupado, visto que quem as estivera a usar no momento da queda fora esmagado pela torre. O thuragar não estava à vista, mas, para grande aflição dos defensores, isso não impediu Quenestil de saltar das muralhas, empunhando facalhão e lança partida e gritando o nome do seu companheiro.

Era um longo salto, mas não para além dos limites de um filho dos montes, que aterrou de quatro membros sobre a destrozada ponte levadiça com um impacto que lhe abrasou joelhos e tornozelos. Ignorando a dor, o shura rebolou pelas tábuas da ponte e agarrou-se à borda para se estabilizar, avaliando a situação à sua volta e avistando um drahreg que se contorcia em dores, preso da bacia para baixo debaixo de uma viga. Quenestil rosnou, pegou-lhe pelos cabelos entrançados e cortou-lhe a garganta sem piedade, procurando de seguida por vestígios do thuragar. Os escombros da torre rangiam e estalavam por todo o lado, sobrepondo-se aos gemidos e vagidos dos que debaixo deles estavam soterrados, e Quenestil não soube por onde começar a procurar, optando por entrar pela primeira abertura que se lhe deparou.

À sua volta era um caos de vigas, barrotes, madeiros, tábuas, cordas e traves, tudo lascado, partido, rachado, vergado, rangente. O piso era traiçoeiro, membros de drahregs e ulkekhens pendiam aleatoriamente, alguns ainda se mexiam mas nenhum mereceu a atenção de Quenestil. Deparou com outro drahreg caído, este com o braço esmagado entre dois barrotes, e acabou com o seu sofrimento com uma brusca lançada no pescoço sem sequer se deter na sua procura.

Worick! Estás aí? à madeira, obtendo como resposta apenas alguns rosnidos e gemidos vindos de parte incerta, nenhum dos quais parecidos com voz do seu companheiro. No exterior ouviram-se rugidos e berros do alvoroçado exército inimigo; em breve a torre encher-se-ia de drahregs e outras criaturas vis.

Quenestil tropeçou numa viga enquanto caminhava com apressado cuidado, bateu repetidas vezes com a cabeça e com os joelhos, e enterrou o pé num buraco, por pouco não torcendo o já ressentido tornozelo. O interior da torre destruída era variavelmente iluminado, dependendo da extensão dos estragos da parte pela qual passava, e o passo apressado do eahan propiciava-se a acidentes.

Worick! a gritar, sem se importar se era ou não ouvido pela hoste que o aguardava no exterior. se me estás a ouvir!

Ninguém respondeu, mas o shura deparou subitamente com o corpo caído do thuragar debaixo de uma viga e sobre uma série de peles, cordas e traves partidas. Correu de imediato na sua direcção e ajoelhou-se diante do seu companheiro, orando para que estivesse apenas inconsciente. Tentou ver-lhe o pulso, mas o arnês do thuragar e o gorjal de couro resguardavam-lhe o pescoço, e os pulsos

estavam cobertos pelas manoplas e pelas luvas. Tinha de estar vivo. Tinha de estar. Quenestil recusava-se a sequer considerar a alternativa.

Aguenta-te, seu nanico rabugento e malcheiroso... o eahan, embainhando o facalhão e tentando a viga que entalava Worick. tiro-te daqui... fazendo em vão força para a erguer. assim não. Vamos lá ver...

Antes que o eahan pudesse pensar noutras formas de libertar o thuragar, ouviu passos e estalos, seguidos de grunhidos e bufidos de algo ou alguém que tentava transpor um obstáculo. Desembainhou o facalhão e empunhou a meia lança que tirara ao drahreg na muralha com a mão esquerda, avistando quase de imediato a cabeça de pastosos cabelos do drahreg que acabara de subir e que também o viu, rosnando e empunhando um machado. Quenestil saltou por cima da viga, colocando-se entre Worick e o drahreg, que gritou algo para trás de si antes de atacar, provavelmente a chamar os seus companheiros. Empunhou o machado com ambas as mãos e investiu, berrando uma obscenidade em Olgur ao tentar partir o eahan em dois. Porém, o espaço era demasiado apertado e a arma do humanóide embateu contra uma trave rachada, fazendo chover lascas sobre Quenestil e praticamente travando o golpe. O shura aparou o que sobrou da força da machadada com a haste da lança e cortou os tendões do braço do adversário com um golpe do facalhão, derrubando o drahreg com um pontapé no estômago. Desembaraçou-se do adversário caído com uma cutilada na nuca antes que o segundo aparecesse, este com uma falcata sedenta de sangue. Os olhos vermelhos do drahreg inflamaram-se e o humanóide escancarou a boca ao arremeter, obrigando Quenestil a desviar-se do primeiro golpe e do rápido segundo que o impediu de efectuar um contragolpe. O seu oponente era um escaramuçador e lutava como um possesso, e o shura já conseguia ouvir os companheiros que vinham atrás, pelo que não podia perder demasiado tempo com ele. As suas costas bateram contra um barrote, e Quenestil torneou-o instintivamente antes que o adversário lhe pudesse talhar o ombro, fazendo-o embeber a arma na madeira ao invés disso. Com o barrote a separá-lo do drahreg, o eahan estendeu o braço, agarrou os cabelos do oponente e puxou a sua cara com força contra o madeiro, partindo-lhe o nariz e concutindo-lhe a cabeça com o pomo do facalhão de seguida. Dois outros drahregs surgiram antes que o escaramuçador caísse, armados de espadas e farpões, e outros tantos vinham atrás deles. Quenestil embainhou o facalhão, pousou a lança, tirou o

arco e frechou-o antes que os inimigos dessem mais do que dois passos, plantando uma flecha no peito de um drahreg. Antes que o drahreg se apercesse do perigo ou pudesse avisar os que vinham atrás, foi silenciado por uma ponta de aço na garganta. Os outros três que surgiram pouco depois foram semelhantemente abatidos pelos céleres disparos do eahan, embora um deles ainda conseguisse arremessar um farpão antes de uma seta se alojar na sua coxa, obrigando o shura a baixar-se durante um instante que bastou para que quatro drahregs surgissem do nada, trepando pelos escombros como cães famintos. Quenestil soltou duas flechas em rápida sucessão, uma das quais apenas atingiu o escudo do alvo, e então os três drahregs estavam em cima dele. O shura ainda disparou uma última flecha à queima-roupa por baixo do queixo de um inimigo, rebolando de seguida pelos dolorosos e irregulares escombros para longe do alcance dos outros dois, que o seguiram com espadadas falhadas. O eahan largou o arco e pegou no pedaço de uma viga que encontrou por acaso, usando-o para aparar um golpe e chutando o joelho do adversário, que se vergou. O outro veio pelo lado e golpeou Quenestil com um altabaixo que partiu tábuas quando o eahan rebolou para o lado oposto. Os seus pés assentaram em escombros suficientemente firmes para o shura se agachar e trazer o pedaço de viga com ímpeto para cima, atingindo o drahreg com o joelho magoado no queixo e aparando ao mesmo tempo a nova espadada do outro. A força do impacto desequilibrou ambos e tanto Quenestil como o drahreg cambalearam pelo acidentado piso, tentando recuperar a estabilidade antes do outro. O eahan tornou a desembainhar o facalhão, empunhando-o de forma reversa, e distraiu o drahreg com um arremesso do pedaço de viga, que o adversário deflectiu com a lâmina da espada, expondo-se numa posição vulnerável que o shura aproveitou, praticamente saltando em frente num desajeitado golpe que enfiou a ponta do facalhão pela coxa do drahreg adentro. O humanóide uivou e, com o adversário a seus pés, trouxe a espada cegamente abaixo, atingindo apenas madeira. Quenestil cingiu-lhe a cabeça com as pernas e puxou-lhe a cara para o chão, contra o qual colidiu com um estalo de madeira e ossos, cravando-lhe lascas e farpas na face. Ergueu-se sem demora, arrancando a lâmina do facalhão da coxa do adversário caído e defrontando os outros três que surgiram, empunhando lanças e machados, antevendo os vultos de outros tantos atrás deles. Estava mal armado para defrontar tantos e tão bem armados, mas tocou no dente de carcaju no seu colar, rosnou e investiu como um animal

encurralado, jurando que não sairia dos escombros da maldita torre sem Worick. Não iria permitir a morte de mais um companheiro.

Saltou de lado para cima de uma trave inclinada, que cedeu assim que o shura nela se impulsionou para cima dos oponentes, e caiu sobre dois dos que empunhavam machados antes que estes pudessem trazer as armas aprestadas para a frente. Os três debateram-se no chão, rosnando, e Quenestil conseguiu enterrar a arma no peito de um antes de algo afiado lhe lacerar o braço esquerdo e se cravar na barriga do outro. O drahreg que permanecera de pé praguejou e trouxe a lança acima para um novo golpe, mas o que fora atingido no abdómen tirou o eahan de cima de si com um golpe do cabo do machado na cara enquanto o terceiro crispava os dedos no punho do facalhão cravado no seu peito. Quenestil caiu de costas, procurando cegamente por algo que servisse de arma enquanto o drahreg ferido na barriga se recusava a receber a morte e o da lança se preparava para varar o shura como a um porco. Encontrou uma tábua que prontamente agarrou, usando-a como escudo improvisado para deflectir a lançada que o visava, arremessando-a de seguida contra o drahreg, atingindo dolorosamente os dentes da sua boca aberta, à qual levou ambas as mãos, largando a arma. O outro drahreg arrastara-se para perto, empunhando o machado perto da cunha, e Quenestil livrou-se dele com um certo pontapé no queixo, tropeçando ao tentar levantar-se para pegar no seu facalhão. O drahreg que atingira na boca aproveitou e desferiu-lhe um pontapé no estômago, pegando no eahan pelas costas e atirando-o contra um conjunto de vigas caídas. Quenestil cambaleou após o impacto, agarrando-se onde podia na tentativa de se manter de pé, e recuperou a sua visão a tempo de ver o adversário pegar na lança caída e arrojá-la na sua direcção. O shura desviou-se do singrante projectil, que se cravou ruidosamente contra uma viga, e o drahreg rugiu de fúria, exibindo dentes ensanguentados e atacando Quenestil com as mãos nuas. O eahan rosnou em resposta, e os dois embateram violentamente, golpeando-se mutuamente. Quenestil baixou-se para evitar um murro oscilante e esmurrou as costelas do drahreg, mas este desferiu-lhe uma pancada com as costas da mão e arremeteu com ele contra um barrote, cabeceando-o de seguida sobre o olho. Quenestil descontrolou-se e abocanhou a orelha pontuda do adversário, arrancando-lha inteira com um selvagem rosnido. O drahreg uivou de dor, e o shura acotovelou-lhe o queixo por baixo, carregando com ele de seguida contra os outros inimigos que entretanto haviam surgido e empurrando-o contra as pontas das armas que

estes empunhavam, derrubando-os. Sem se deter, correu a arrancar o seu facalhão do peito do moribundo drahreg, virando-se numa selvática postura acocorada para receber o ataque dos outros, que não tardaram a desenhencilharem-se do empecilho que lhes fora atirado. Eram cinco, e mais vinham a caminho. O exército inteiro estava a entrar pelos rangentes escombros da torre, e o eahan dispunha apenas de um facalhão para os combater. O sabor do sangue drahreg abrasava-lhe as papilas, a ferida no seu braço estava quente e molhada, e dores por todo o seu corpo estavam a ser emudecidas a custo pela bombeante adrenalina. Mas não iria desistir.

Venham, desgraçados... agachando-se e rosnando como um carcaju.

O drahreg da frente aceitou o desafio, urrando e investindo de falcata erguida.

E os tendões dos seus jarretes foram cortados por uma sibilante lâmina, que o derrubou.

Antes que Quenestil ou os drahregs se apercebessem do que estava a acontecer, um dos humanóides virou-se contra os seus, e uma cabeça voou, seguida de uma mão ainda a empunhar uma falcata, grunhidos roucos e surpresos, silvos de aço, gorgolejes de gargantas cortadas e ossos a serem fendidos por lâminas. O eahan permaneceu imóvel enquanto tudo sucedia, e durante o breve intervalo que se seguiu à matança, contemplou as costas de um drahreg que empunhava dois sangrentos alfanges e que se virou para ele enquanto outros vinham ululantes na sua direcção. Olhos cinzentos e vermelhos fitaram-se em reconhecimento, e os do drahreg deslizaram para o corpo caído de Worick, voltando dubiamente para os de Quenestil, que se lembrava do drahreg, mas ainda não sabia o que deduzir da sua presença na torre.

Ele... vive? este.

Sim o shura, ainda agachado. O drahreg acenou com a cabeça.

Tira-o. Eu não os deixo passar urrando e virando-se para receber os atacantes de alfanges brandidos.

Aewyre urrou e fendeu outra cabeça de cabelos entrançados, levando Ancalach acima para repelir outro drahreg que já se dependurava de um merlão, quando duas lâminas silvaram e entrechocaram dentro da sua cabeça, paralisando-o momentaneamente. O guerreiro virou a

cabeça para o outro lado da muralha, sentindo a inconfundível presença de Kror e o avassalador puxar do "tendão". Aqui? Agora? Como?

Algo lhe explodiu no crânio, fazendo o seu elmo gritar e arrancando-lho da cabeça. A sua visão apagou-se e as suas pernas cambaram, momentaneamente incapazes de susterm o peso do corpo. A peleja nas ameias extinguiu-se praticamente, manifestando-se apenas como um leve rumor de fundo, e o jovem sentiu que era o eixo do mundo e que este girava à sua volta. Os seus membros estavam entorpecidos, privados de toda e qualquer sensação, e o sentimento de leveza era tal que Aewyre pensou estar a voar até embater de lado contra pedra fria que lhe beijou a têmpora, uma, duas vezes até a sua cabeça assentar por fim no chão, roçando a sobrancelha direita contra a aspereza pétrea. Algo quente lhe escorreu do escalpo, percorrendo os sulcos da sua testa enrugada e a maçã do seu rosto, passando-lhe por baixo do nariz com o seu odor cúbreo. Os olhos de Aewyre entreabriram-se, trémulos, e nada mais viram além de furiosos pés, chão molhado de vermelho, caretas de dor de homens e drahegs que se contorciam no chão, membros imóveis. Tudo parecia mexer-se tão devagar, de forma tão indistinta... os pés... por que se afastavam os pés das ameias...? As ameias! Os defensores recuavam! Tinha de defender as ameias!

Assomou-se um grito à garganta de Aewyre, borborejando das profundezas dos seus pulmões e crescendo até uma eclosão vocal que culminou quando o guerreiro voltou para os seus pés, oscilando brutalmente com Ancalach ao fazê-lo e cortando ambas as pernas a alguém que estivera ao seu lado, amigo ou inimigo, não soube dizer. O berro continuou a jorrar da sua boca como uma fonte acabada de rebar, mas os únicos borbotões eram os do sangue que a Espada dos Reis vertia em seu redor, dançando e cantando a silvante réquia de todos os que rodeavam o jovem. Algo colidiu no seu flanco, e a resposta de Ancalach foi rápida e fulminante, originando berros e gritos de dor e medo ao lacerar couro, cota de malha e carne. A ponta da espada enterrou-se num abdómen, e Aewyre nem viu quem afastou com o pé para arrancar a lâmina, batendo em alguém atrás de si com o pomo ao fazê-lo. Não via nada além dos drahegs à sua frente, o resto nada mais era além de movimentos borrados e erráticos. Não ouvia nada além do seu próprio berro que lhe raspava a garganta, silenciando os gritos de sofrimento das suas vítimas. Também não havia espaço para o pensamento racional e o guerreiro abnegou-o, limitando-se a cortar e a decepar tudo o que se mexia à sua volta num festival de sangue e carne vermelha de feridas abertas.

Quando caiu em si, o guerreiro havia chegado aos merlões, com a cruenta Ancalach pousada sobre uma poça de sangue numa ameia e o coto de uma mão decepada encostado a um dos lados do gume. O guerreiro ofegava como um cavalo cansado e tinha os cabelos colados à cabeça por suor e sangue, que também lhe cobria boa parte da armadura e lhe tornava o aperto no punho da espada pegajoso. A cada inspiração sua manava-lhe ar quente e húmido do gorjal, e o jovem apercebeu-se de que a sua bexiga estava prestes a rebentar, decidindo simplesmente soltá-la e ignorar a urina quente que lhe escorreu pela perna esquerda abaixo.

Os ruídos em seu redor avivaram-se então, e Aewyre lembrou-se de que não estava sozinho nas muralhas, reassumindo uma nada dignificante postura de combate com uma poça de urina a formar-se em redor do seu pé esquerdo. Não sabia quanto tempo ficara no chão, mas ocorreu-lhe que o efeito da sua queda podia ter sido devastador para o moral dos defensores. Contudo, o seu assomo de fúria bélica parecia ter inflamado os conscritos, que estavam a repelir os drahregs das muralhas à semelhança do dia anterior, empurrando-os e espicçando-os para fora das ameias.

Ancalach! Aewyre uma vez mais, ostentando a lâmina vermelha da Espada dos Reis. à Sombra!

Morte à Sombra! os conscritos, destroçando a investida inimiga e forçando os drahregs a uma debandada geral das muralhas.

Kror rosnava enquanto os seus alfanges sibilavam como serpentes encarniçadas, tombando quem quer que tentasse passar por ele, e Quenestil levou algum tempo a ajustar as suas percepções até conseguir agir. Não percebia o que estava a acontecer, mas o drahreg estava a dar-lhe tempo que de outra forma não teria para libertar Worick. O thuragar continuava imóvel debaixo da pesada viga, e o shura não tinha força para a erguer. Olhou impacientemente em redor, abrindo e fechando as mãos com ânsia de as crispar em algo que o pudesse ajudar, até avistar o cabo do machado de um drahreg, que de imediato correu a agarrar. Empunhou a arma com ambas as mãos e dirigiu-se apressadamente a Worick, tentando não se deixar distrair com os ruídos do combate atrás de si enquanto preparava a primeira machadada, receoso de ferir o thuragar. Inspirou fundo, levou a cunha acima e trouxe-a com ímpeto para baixo, fendendo o cunhal da viga.

Worick estrebuchou.

Worick! exclamou Quenestil, assustado.

O que... ha? Au, porra... onde estou...? esperneou fracamente o thuragar, olhando em redor com olhos pouco cientes.

Não te mexas, Worick. Estamos dentro da torre e estás preso debaixo dessa viga, mas eu já te tiro daí. Fica só quieto...

Quietos...? Mas o que... ei, o que vais fazer com esse... ei, *et!* O thuragar cobriu a cara com a mão livre quando o shura desferiu

uma nova machadada na viga, cujo impacto Worick sentiu mesmo debaixo da armadura.

Mas o que é que estás a fazer, eahan dum raio?

Quenestil ignorou as perguntas e continuou a falquear a viga que prendia o seu companheiro, desbastando a madeira com violentas machadadas enquanto Kror matava drahregs nas suas costas. Por fim, o eahan prendeu a cunha do machado num dos lados da profunda ferida da enfraquecida viga, pousou o pé sobre o outro e puxou, grunhindo de satisfação ao ouvir o tão aguardado estalo.

Estás bem? ofegou o shura.

Acho que dei um jeito no braço, mas além disso... ajuda-me a levantar pediu Worick.

Quenestil estendeu-lhe a mão, mas um desmedido bramido nas suas costas fê-lo girar em si de machado empunhado com ambas as mãos.

Um enorme ogroblin viera com os drahregs, mexendo-se com dificuldade no apertado espaço dos destroços da torre e causando um crepitante e audível rangido com o seu próprio peso ao tentar passar o resto do corpo pela abertura pela qual os drahregs haviam entrado. Kror recuou perante a ruidosa chegada do monstro, que estendeu uma grande mão de dedos nodosos para o agarrar e desmembrar. Um alfange mordeu-lhe profundamente os dedos e o ogroblin bramiu, esbofeteando o drahreg e projectando-o de costas contra um barrote. Quenestil não pensou sequer e investiu de machado ao lado, soltando um grito pouco humano e saltando sobre o surpreso monstro, enterrando-lhe a cunha do machado entre o ombro e o pescoço. O ogroblin bramou de dor, esticando a mão sã cujos dedos cobriram a cabeça do eahan e o ergueram no ar, principiando a esmagá-lo como a uma uva. Quenestil esperneou e sentiu o seu crânio ranger, reagindo cega e desesperadamente ao desembainhar o facalhão e espetá-lo no pulso do monstro, empurrando ainda o gume da lâmina em frente para alargar o golpe na artéria. A pressão na sua cabeça desapareceu subitamente, e o shura caiu atordoado sobre um monte de escombros, cortando-se no decurso da

queda com o facalhão miraculosamente ainda empunhado. O moribundo ogroblin agarrava o pulso ferido, do qual esguichava sangue intensamente vermelho aos borbotões, e contorcia-se violentamente, estalando madeira e obstruindo completamente a entrada enquanto o fazia. Quenestil percebeu que chegara a altura de fugir e preparou-se para ir ajudar Worick, que se tentava levantar a custo, mas a visão do atordoado Kror com os alfanges caídos a seu lado fê-lo hesitar.

O drahreg acabara de o ajudar, provavelmente salvara a sua vida e a de Worick, mas ainda assim auxiliar o Primeiro Pecado era algo impensável para qualquer raça senciente de Allaryia. Aproximou-se, irresoluto, e pegou no alfange com o pomo argênteo incrustado com uma pedra azul enquanto se tentava decidir. Porém, a sua decisão pareceu-lhe subitamente muito mais fácil, evidente mesmo, assim que empunhou a arma, como se a resposta lhe fosse descortinada defronte da cara. Claro que tinha que ajudar o drahreg. Era a coisa certa a fazer. A única coisa a fazer. Só não devia pegar no outro alfange. Pegou no drahreg debaixo do braço e puxou-o, incitando-o a levantar-se.

Anda, vem connosco entregando-lhe a arma.

Kror estava zozzo, mas pegou no alfange e embainhou-o desajeitadamente atrás das costas, olhando primeiro para Quenestil e depois para o ogroblin, atrás do qual se ouvia o intenso alarido de drahregs que tentavam tirá-lo do caminho. Assim que largou o alfange, o shura estranhou a sua decisão e considerou repensá-la, mas sentiu que não o conseguiria fazer de consciência leve.

Worick, onde estão os outros?

Esquece-os. Não temos tempo, e as armaduras não os podiam proteger da queda. Eu cá de pés e ia-me partindo todo...

O eahan hesitou, mas sabia que o thuragar tinha razão e foi forçado a concordar com ele.

Vá, consegues andar? Ótimo, segue-me dirigindo-se a Worick para ajudar o thuragar a levantar-se, pegando no seu arco pelo caminho. embora daqui antes que eles voltem.

O que é que *este* está aqui a fazer? Worick de olhos semicerrados, agarrando o braço magoado.

Ainda tonto, Kror pegou e embainhou o seu outro alfange, apoiando-se com o braço livre contra um barrote caído.

Também não sei, mas ajudou-nos. Vá, vamos sair daqui. Worick não estava com disposição para mais perguntas, Kror não

parecia ter nenhuma e Quenestil estava com pressa, pelo que os três

tropeçaram e arrastaram-se pelos escombros até à abertura pela qual o eahan entrara. No exterior choviam flechas, drahregs e ulkekh lens, e escadas eram derrubadas com os seus gritantes ocupantes em queda livre. Os sitiados estavam a ser escoraçados das ameias, mas os três ainda se encontravam fora da segurança das muralhas e era urgente que saíssem dos destroços antes que estes ficassem infestados pelo inimigo. Quenestil olhou em redor, ponderando as suas opções, e Kror aguardou a sua decisão em aturdido silêncio, até Worick chamar a atenção do shura com uma cotovelada.

As cordas disse, praticamente arrastando o eahan na direcção de uma.

Os três tropeçaram várias vezes antes de alcançarem a frouxa corda que pendia de uma ameia, gritando pelos conscritos enquanto o faziam. Algumas cabeças repararam na sua presença e vários dedos apontaram na sua direcção, embora ninguém soubesse o que fazer. Gritos de aviso foram proferidos, provavelmente devido à presença de Kror, mas os dois companheiros ignoraram-nos e esperaram que ninguém tivesse a ousadia de tentar atingir o drahreg tão perto deles.

Como é que subimos? inquiriu Quenestil, ofegante. Não conseguimos trepá-las; tu não consegues de certeza...

Amarra-a à minha cintura grunhiu Worick, cerrando os dentes com a dor no braço. Eles puxam-me e vocês vão agarrados a mim. Vá, enrola essa porcaria! Eles podem estar a ganhar lá em cima, mas nós estamos cá em baixo...

Quenestil fê-lo apressadamente, fitando Kror de soslaio e questionando-se uma última vez acerca da sua decisão. A torre rangia, e sentiam-se movimentos no seu interior. Os sirulianos na fortaleza haviam-nos avistado aos três e abatiam todos quantos apareciam à superfície dos escombros, sem que nenhum visasse Kror, que mesmo assim se manteve perto dos dois companheiros. Quando a cintura de Worick ficou cingida, o thuragar achegou-se da muralha e puxou a corda com força, gritando para as ameias.

Vocês aí! Estão a ouvir? Puxem isto! Virou-se para Quenestil e Kror. Eahan, agarra-te à minha cintura e usa-me como escudo enquanto subirmos. Tu, drahreg, ficas agarrado às minhas pernas e reza para que os teus amigos não te escolham como alvo.

Os dois assim fizeram, e a corda retesou-se após uma segunda série de gritos e puxões do thuragar. A força de vários conscritos começou a alçar os três pela muralha acima, com Quenestil abraçado à cintura de Worick e Kror agarrado às pernas deste numa bizarra postura.

O inimigo retirava, mas ainda assim foram visados por um número de flechas isoladas, a maior parte das quais embateu muito ao lado, mas uma chegou a resvalar na couraça do thuragar enquanto estavam a meio da muralha. A ascensão pareceu interminável, mas subitamente as espaldeiras de Worick foram agarradas por várias mãos e os três foram puxados para o lado interior das ameias, caindo sem cerimónia no sangrento adarve coberto de corpos perante os vitoriosos gritos dos defensores. O thuragar grunhiu e praguejou por causa do braço sem ser ouvido, mas assim que os pontos brancos desapareceram da sua visão, a primeira coisa que fez foi erguer-se e abraçar um surpreso e ofegante Quenestil com um braço apenas.

Seu desbragado de orelhas pontudas! Worick. que raio foste tu fazer lá abaixo?

Tirar o teu nariz da colmeia... o eahan, sufocado pela inesperada efusividade.

Ainda morríamos os dois, meu idiota! o thuragar, desferindo pancadas com a manopla nos rins do eahan.

De nada Quenestil, apoiando-se com a mão numa ameia. não é só a mim que deves agradecer... indicando Kror com a cabeça.

O drahreg estava encostado a um merlão, olhando para as intrigadas caras dos conscritos que o fitavam de ensanguentadas armas empunhadas. Worick teve a sensação de que bastaria um movimento em falso de Kror para que os defensores o fizessem em pedaços e os atirassem pela muralha fora, pelo que decidiu intervir.

Alto aí, não lhe façam mal atraindo vários olhares surpresos. ser um drahreg, mas... mas... mas o quê? perguntou a si mesmo, olhando para Quenestil sem obter qualquer ajuda. eu sei ao certo. Olhem, é um drahreg, mas não é para vocês matarem. Pedras me partam, alguém vá chamar o Aewyre. Não vou ser eu a explicar isto de certeza...

NOVOS ALIADOS

Anoitecia no vasto acampamento do exército de Asmodeon, e os drahegs uivavam e rugiam de raiva com o falhanço do seu segundo assalto, devorando sofregamente os cadáveres dos caídos, o espólio do seu fracasso. Piras e fogueiras ardiam, espalhadas aleatoriamente pelo bivaque, e o Primeiro Pecado dava largas à sua frustração, mutilando os ulkekhens que eram apanhados separados dos seus grupos. Os ogroblins mantinham-se juntos, bramindo ferozmente perante a aproximação de drahegs, que ainda compunham o grosso do desfalcado exército e cujos comandantes não se incomodavam a impor a ordem, participando eles também nos desacatos. A mera presença do maldito Flagício nas muralhas incitara a hoste a um descontrolado frenesim em ambos os assaltos, e muitos haviam morrido no segundo, reduzindo o exército a menos de metade dos seus números originais nesse dia, com a ajuda adicional de algumas deserções. Os defensores haviam-nos humilhado, pavoneando cabeças de drahegs e ulkekhens espetadas em lanças e atirando-lhas das muralhas com as bocas cheias de excremento. Um ogroblin esventrado fora dependurado das ameias pelos tornozelos, servindo de festim para os corvos, que se regalavam com a mortandade aos pés da muralha.

Ahrab era o *arrhak* de um reduzido batalhão, e partilhava da raiva e frustração dos drahegs sob o seu comando. Estivera dentro da torre de cerco aquando da queda desta e fora mais afortunado do que boa parte do seu batalhão, escapando apenas com alguns arranhões e o pulso do braço do escudo torcido. Os seus cabelos grosseiramente emaranhados estavam presos em três tranças na nuca e o seu porte distinguia-o entre os restantes drahegs, o que lhe conferia uma dose

maior de respeito necessária ao comando dos da sua espécie. Envergava uma loriga de pontudas lâminas metálicas e empunhava uma pesada espada de lâmina larga com a qual cortou em dois o corpo de um guinchante ulkekhlen estendido por um par de drahregs, que de imediato principiaram a devorar o moribundo juntamente com os companheiros que haviam observado a cena. Ahrab urrou de raiva por descarregar e retirou-se, pois a satisfação de matar ulkekhlen era exígua perante a humilhação da derrota, e deixou os seus homens ao seu festim, rosnando ferozmente enquanto desferia pontapés e encontrões por quem passava. Os sobreviventes do batalhão de Ahrab estavam na orla exterior num dos flancos do acampamento, o que tornava os seus homens mais propensos ainda a deserções, sobretudo durante a noite, e o drahreg não esperava ter mais do que um punhado de guerreiros sob o seu comando na manhã seguinte. Fumegante, Ahrab dirigiu-se à pira em volta da qual estavam sentados vários drahregs a tratarem das suas feridas, circundados por vários outros que os fitavam com algo mais do que interesse. Ninguém os ajudaria, e provavelmente não sobreviveriam à vindoura noite se não conservassem forças suficientes. O comandante sentiu-se tentado a decepá-los ali mesmo, e só o aviso de um drahreg a apontar para o exterior do acampamento salvou os feridos, desviando a faminta atenção dos que os rodeavam para três vultos que se aproximavam a leste. Não faziam parte do exército, isso era certo, mas caminhavam com um à-vontade que os denotava como neutros ou inimigos muito estúpidos, o que só por si despertou a curiosidade de todos os que os avistaram.

Ahrab foi em frente como lhe competia, e um grupo crescente de drahregs seguiu-o de armas desembainhadas. Os três desconhecidos não se detiveram e continuaram a avançar com o sol poente a oeste a bater-lhes de frente, estendendo-lhes as sombras grotescamente para trás. As pontas dos chifres recurvos do elmo do vulto mais imponente brilhavam com a moribunda luz do pôr do sol, mas as faces dos outros dois estavam ensombradas por capuzes. Ahrab crispou os dedos no punho da espada, sentindo-se apreensivo com a aproximação dos estranhos, mas os drahregs que ouvia atrás de si reforçaram a sua coragem e continuou a avançar até ficar a uma distância segura dos três. Rosnou-lhes que parassem em Olgur, e dois deles assim fizeram, mas o do elmo com chifres não se deteve e veio na sua direcção. O comandante tornou a vociferar e empunhou a espada com ambas as mãos, incitado pelos rosnidos de antecipação dos outros drahregs, e deu dois ameaçadores passos em frente com o ombro direito virado para o desconhecido.

Quando os pontos vermelhos brilharam nas órbitas daquela que então percebeu ser uma caveira, já era demasiado tarde e o mundo andou à sua volta antes de o chão se precipitar contra a sua cara, obscurecendo-lhe a visão. A cabeça de Arhab rebolou pelo escabroso solo, respingando-o com sangue, e a negra espada que a decapitara sorveu a mancha vermelha na lâmina. Os drahegs recuaram, empunhando as armas e rosnando como animais assustados, e mais se lhes juntaram, envolvendo os três estranhos num semicírculo ao mesmo tempo fascinado e receoso. Apesar da postura ameaçadora dos drahegs, o moorul parecia estar a olhar para além deles na direcção da fortaleza, e os outros dois estranhos acharam por bem manterem-se próximos dele.

Ancalach... disse, originando uma cacofonia de rosnidos e berros dos drahegs que lhe chamou a atenção.

Aewyre Thoryn... disse Hazabel em surdina, olhando para os contornos das ameias iluminados pela avermelhada luz do sol poente e afagando o braço entalado.

Dizes tu que os dois eahan estão com esse Aewyre Thoryn, mulher? inquiriu Tannath a seu lado, olhando para os drahegs em redor com as mãos perto das armas debaixo da capa.

Não sei admitiu a harahan desinteressadamente. São seus companheiros, mas não tenho como saber se estão com ele ali ou não.

O eahanoir lançou um odioso olhar de soslaio à mulher. Passara dias infernais sozinho com ela e com o moorul na barça, sempre temente de acordar com a cabeça cortada ou com um buraco sangrento onde o seu fígado deveria estar, tudo pela ténue esperança de vir a encontrar Quenestil e Slayra junto do jovem que os seus dois companheiros de viagem perseguiam. Não tinha certezas, mas também não tivera nenhuma desde que deixara Jazurrieh, pelo que acabara por se contentar em deixar-se arrastar pelos ventos do destino e esperar que estes lhe concedessem a bênção de deparar com os dois eahan responsáveis pela sua ruína. Isso se os drahegs que os cercavam não os fizessem em pedaços ali mesmo, pois a menção da Espada dos Reis deixara-os deveras acirrados.

Moorul, é melhor fazeres alguma coisa antes que eles nos caiam em cima disse despidoradamente ao seu terrífico companheiro, que não pareceu prestar-lhe atenção.

Ancalach repetiu com uma voz diferente, dando um passo em frente e fazendo os drahegs darem um atrás.

Por exemplo isso... comentou Tannath, seguindo o moorul a lado de Hazabel.

Os drahregs recuavam perante o avanço do imponente vulto, mas começaram a formar um subtil corredor conforme este se adiantava, dando ao eahanoir e à harahan a sensação de que estavam a ser conduzidos para uma armadilha da qual já não podiam escapar. O moorul desconhecia ou ignorava o facto, mas os três estavam a entrar pelo acampamento adentro entre duas paredes de rosnadoras carrancas de dentes arreganhados e cruéis armas aprestadas.

Ignora-os aconselhou-o Hazabel. Se um deles se sentir provocado por olhares para ele estamos mortos.

O eahanoir acatou o conselho e evitou as centenas de orbes vermelhos que o tentavam fitar, olhando em frente para um ponto indeterminado. A única orientação de que os três dispunham era a fortaleza, da qual se estavam claramente a afastar, mas nenhum ousou protestar. Por fim, quando já pensavam que estavam a ser conduzidos em círculos no interior do acampamento, depararam com uma grande e rústica tenda de peles animais e não só. Era desprovida de adornos ou de quaisquer indicativos de estatuto, nem sequer dispunha de um buraco pelo qual o fumo de uma fogueira pudesse sair. Nada a distinguia das restantes além do seu tamanho, mas a intenção dos drahregs parecia ser fazê-los entrar nela, ao que os três hesitaram, constatando de seguida que a sua retaguarda também já estava bloqueada.

Deixam-nos poucas opções, os nossos anfitriões... comentou Tannath, fazendo uso de todo o seu sangue-frio para esconder o nervosismo que o acometera.

Hazabel nada disse e olhou para o moorul, que por sua vez olhou para trás para a fortaleza e para os drahregs, que não mais pareciam dispostos a recuar. Como se tivesse tencionado fazê-lo desde o início, o moorul avançou e puxou o reposteiro de pele da entrada da tenda, entrando com Tannath e Hazabel ao seu encalço.

O interior estava escuro e abafado, impregnado com um intenso cheiro a suor que fez com que Tannath e Hazabel se engasgassem e no qual havia indícios de um olor que ambos apenas conseguiam descrever como o de insectos mortos e penas queimadas. A luz avermelhada do sol poente embatia fracamente nas peles da tenda nas suas costas, iluminando pouco mais além das pedras no chão da entrada desprovida de qualquer cobertura. A escura tenda estava silenciosa quando entraram, mas a sua chegada desencadeou uma série de gemidos de humanóides moribundos cujas vozes estavam gastas e roucas de gritar, e pedras foram movidas enquanto braços e pernas exaustos por espasmos de agonia tentavam arrastar os seus corpos quebrados. Tannath e Hazabel

não conseguiam ver os moribundos, mas ouviam com toda a clareza o seu esforço e a plangência das suas vozes enquanto faziam uma derradeira tentativa de fuga, o que suscitou em ambos impressões da terrível agonia pela qual obviamente haviam passado e que de alguma forma parecia ter ficado entranhada nas peles que revestiam a tenda.

”O que é isto?” *Tannath*, semicerrando os olhos numa tentativa de se adaptar às parcas condições de luminosidade do interior e crispando os dedos nos punhos das armas.

Hazabel também estava pouco à vontade e sentiu-se aliviada por ter o moorul entre si, e o que quer que estava naquele lugar, que não parecia ter pressa em se revelar e os deixou com os esvanecentes gemidos e lamentos. Contudo, a sua presença era inocultável, pois fazia-se sentir e demarcava a sua posição mesmo que não pudesse ser vista. *Tannath* tinha a impressão de que se desse um passo em frente na penumbra, podia muito bem esbarrar de cara com o horror que estava por se revelar mas aparentemente sem qualquer pressa de o fazer. *Eahanoir* e *harahan* não ousaram proferir qualquer palavra e permaneceram em silêncio, e o moorul limitava-se a olhar em redor com os brilhantes pontos vermelhos nas suas órbitas como se pudesse ver, e talvez pudesse mesmo, mas não acusava a percepção de coisa alguma.

Vocês procuram a espada do rapaz? a maléfica voz de um terror invisível. Era chiante e áspera, e o ar sibilava, furiosamente ao sair da sua garganta como o contínuo silvo de uma serpente.

Houve um momento de silêncio que nem o moorul preencheu, embora provavelmente por razões diferentes das dos seus dois companheiros. Algo quitinoso arrastou-se pelas escabrosas pedras do chão, bem como o gume de algo metálico, e o movimento de algo emplumado agitou o ar pesado do interior da tenda.

Procuram *Ancalach*? a perguntar no mesmo tom.

Ancalach? um coro de vozes proveniente da cavidade debaixo do maxilar superior do moorul.

O nosso propósito.

Procuramo-la, sim.

Hazabel reaveu por fim a sua voz.

Sim... eu também e o moorul olhou-a de soslaio. Um novo momento de silêncio levou a que *Tannath* encolhesse os ombros e se pronunciasse também, farto da situação.

Nada quero com a espada. Procuo dois *eahan*.

Os *eahan*? a tetra voz com curiosidade.

Não, um eahan da montanha e uma eahanoir. Podem ficar com a maldita espada, vocês os três, eu só quero entrar naquela fortaleza e matar dois eahan. O resto não me interessa.

Inesperadamente, a voz riu, um riso crespo e terrível, e algo quitinoso tornou a arrastar-se pelas pedras do chão.

Também desejás Ancalach, desconhecido? perguntou uma das muitas vozes do moorul.

Procura-la, tal como a desgarrada filha da Sombra?

Não afirmou a presença oculta com áspera firmeza. A única coisa que pretendo é a dor e o sofrimento de todos dentro da fortaleza. Ajudem-me e podem ficar com a espada. Tu, eahanoir, podes ajudar se quiseres. A tua presença é-me indiferente, bem como as vidas dos eahan.

Uma insidiosa vontade insinuou-se então nas mentes de Tannath e de Hazabel na forma de uma sussurrante voz, mexendo nos seus mais básicos instintos e instigando-os a seguirem as suas verdadeiras vontades, fazendo a oferta do seu interlocutor parecer irrecusável. O moorul não aparentou ser tão afectado como os seus dois companheiros, mas estacou bruscamente como se só então se tivesse apercebido de algo que sempre estivera presente. A harahan mesclou-se às sombras de forma quase involuntária, seguindo contra a sua vontade o anseio primário de se unir à penumbra que era o seu domínio, e através da sua visão umbral distinguiu uma horrenda silhueta, que encorpava perfeitamente a terrível presença que sentira no interior da tenda. A sua atenção foi, porém, quase de imediato desviada para a espada que a silhueta empunhava, para o opaco aço da lâmina, a verdadeira fonte da voz que lhes sussurrara as insidiosas palavras. Ao reconhecê-la, Hazabel arfou e voltou à sua forma corpórea, dando um passo atrás.

Pelo Flagelo, quem é você...? perguntou a harahan por fim, respirando mais depressa e com um formigueiro no escalpo.

Eu sou Bathrazhúl disse a voz, e pela minha vontade, as pedras de Aemer-Anoth tremerão com os gritos de dor dos seus defensores.

Ao cair da noite, Quenestil, Worick, Allumno e um grupo de conscritos observavam o acampamento inimigo do topo da barbacã. Embora se apoiasse no cajado com ambas as mãos, o mago era o único que não estava com um ar surrado e sujo de sangue, embora o combate do dia tivesse deixado na sua cansada mente as marcas que deixara nos corpos dos outros. Quenestil tinha uma ligadura no braço esquerdo,

nódoas negras e escoriações um pouco por todo o corpo, e os ligamentos nas suas pernas estavam ressentidos da aterragem na torre. Os ferimentos de Worick não estavam à vista, mas as caretas que fazia a cada movimento eram um claro indício de que também não estava nas suas melhores condições.

Soprava um vento frio de Leste, vindo das escarpadas montanhas coroadas por densas nuvens negras, alumiadas por relâmpagos distantes que ribombavam ameaçadoramente, cada vez mais próximos. Aemer-Anoth estava a ser aspergida por uma chuva fraca que começara há algum tempo, mas Quenestil reparara nos cirro-cúmulos durante o dia e sabia que estes vaticinavam chuva forte, e o facto de as nuvens terem levado boa parte do dia a formarem-se e o vento vir da direcção da tempestade era sinal de que se aproximava uma longa tormenta. Worick pensara em pegar fogo aos escombros da torre, visto que podiam facilitar o acesso à barbacã e ocultavam o portão principal, mas a chuva fê-lo reconsiderar e chegar à conclusão de que seria melhor usá-la como armadilha e pegar-lhe fogo durante o novo assalto, que seguramente viria assim que o sol nascesse. O moral dos conscritos era alto, pois haviam repellido duas violentas investidas e infligido massivas baixas nas fileiras inimigas, que agora viam estarem reduzidas a metade do seu número, o que os tornava confiantes apesar de sobraarem bem menos do que trezentos defensores nas muralhas. O inimigo não mais era temido, mas sim zombado, e aqueles que certamente não passavam de homens normais haviam dado mostras de uma macabra criatividade com os cadáveres dos invasores para dar largas à sua zombetaria. Ouviam-se uivos e gritos vindos do acampamento dos sitiantes, onde provavelmente mais drahegs estariam a morrer naquele preciso momento. Todos estavam convencidos de que, se aguentassem a próxima investida, a hoste desintegrar-se-ia, e a ansiedade na bastilha era quase palpável. Muitos homens rondavam as muralhas, incapazes de dormir pelas mais variadas razões, e alguns falavam mesmo descontraidamente nas ameias como se Aemer-Anoth não estivesse em estado de sítio ou sequer ameaçada, mas os que se encontravam na barbacã observavam em sóbrio silêncio, influenciados pela calma dos três companheiros.

Quenestil torceu o nariz perante o pestilento odor a morte fora das muralhas que o vento trazia consigo, mas deu-se por afortunado por o seu corpo não estar a contribuir para o cheiro. Fora cegamente arrojado ao saltar para a torre, e a cada instante que dentro dela passara tivera dezenas de oportunidades para morrer. Fora visitar Slayra de seguida para tratar das feridas e para a ver, e tivera de fazer um esforço

tremendo para sair da enfermaria, tanto pela vontade que tinha de ficar, como pela força do aperto da eahanoir. Falara ainda um pouco com Taislin e Lhiannah, que lhe perguntara por Aewyre e fizera uma careta ao saber da aparição de Krór. O seu amigo e o drahhreg ainda não haviam voltado da fortaleza, pois Krór surpreendera todos ao pedir para falar com os eahan como se os conhecesse, e ao conseguir que os sirulianos baixassem a ponte levadiça simplesmente por brandir os alfanges por cima da cabeça.

Percebes aquele drahhreg, mago? perguntou Worick de repente, parecendo ter lido a mente do eahan.

Allumno não respondeu logo nem olhou para o thuragar, continuando a fitar o acampamento dos sitiados enquanto coçava o queixo.

Sinceramente, não lembrou-se da bizarra experiência pela qual passara ao tocar a essência dos alfanges no Pilar e que originara mais perguntas do que as que respondera.

- É um mistério para mim, mas suspeito de que em breve seremos elucidados acerca da sua pessoa.

Pedras me partam, então ele vai falar com os eahan, e os sirulianos não lhe enfiaram uma espada pelo rabo acima? Se calhar o Aewyre foi com ele para fazer isso mesmo, com essa lengalenga da Essência da Lâmina... deve ser por isso que ele está aqui, não?

Não faço ideia, Worick admitiu Allumno, esfregando um pingo de chuva do nariz. Os riscos que ele correu para chegar aqui... eles os dois tinham um acordo, e alguma coisa deve ter acontecido para ele decidir vir ao encontro do Aewyre outra vez.

Mas não veio para lutar comentou Quenestil, tendo sido inteirado pelo mago acerca da história entre ambos os guerreiros após a batalha. Não com o Aewyre, pelo menos. Ainda não.

Não, também não me parece. Em breve tudo será esclarecido, espero eu.

Que coisa mais esquisita... continuou Worick. Qualquer dia temos eahan a montarem ovelhas e ogroblins a oferecerem flores às moças...

Existem sempre exceções, Worick disse Allumno. Tu és um bom exemplo disso. Quando o thuragar nada disse e se limitou a resmungar mais um pouco, Quenestil e o mago trocaram um invulgar piscar de olhos. É verdade, queres que te devolva a...

Fica com ela interrompeu-o Worick bruscamente, irritado pelo facto de Allumno falar do assunto à frente do eahan e transmitindo-lho com o olhar. Ainda falta pelo menos um assalto e muito pode acontecer.

Como queiras acedeu o mago, dando palmadinhas asseguradoras na sacola.

Quenestil olhou para ambos, mas cedo percebeu que não deveria esperar respostas dos seus companheiros acerca do assunto. Cada um com os seus segredos; era algo que sabia respeitar, pelo que nada disse e continuou a fitar em silêncio o acampamento intermitentemente iluminado pelos cada vez menos distantes relâmpagos. Iria ser uma noite agitada para os drahregs, ulkekh lens e ogroblins, pois a actividade no bivaque era furiosa e os ruídos dele provenientes pareciam os de um canil apinhado de cães raivosos. O facto de uma horda tão selvagem e desregrada conseguir sequer trabalhar para um propósito comum confundia o shura, mas palpitava-lhe que o que quer que os estivesse a manter minimamente coesos em breve deixaria de ser suficiente. Talvez se matassem uns aos outros e lhes poupassem esse trabalho. De qualquer forma, já não tinham a mínima hipótese de tomar Aemer-Anoth, pois mesmo que o Esporão caísse, o inimigo ainda teria de se haver com mil sirulianos, e mesmo fora das muralhas esse era um confronto ao qual nenhum drahreg sobreviveria. A razão que os instigava a continuar era um mistério para Quenestil, e muito provavelmente residia no azigoth que ainda estava por se revelar. Estaria mesmo um monstro desses a comandar a hoste? Os azigoth eram um mal primevo, criados por Luris a par dos divaroth de Sirul e os uman de Siris aquando da criação do Pilar de Allaryia, e o shura decididamente não ansiava por ver um.

O ruído de uma ponte levadiça a baixar-se chamou a atenção de todos, e os três companheiros dirigiram-se às ameias que davam ao pátio para verem Aewyre e Krór surgirem do portão da barbacã norte, caminhando lado a lado com visível tensão entre ambos. O drahreg trazia aos ombros uma capa azul que não tivera antes, provavelmente para impedir que fosse morto pelos defensores durante o próximo assalto, no qual tudo indicava que iria participar.

Olhem, ainda estão vivos reparou Worick. Querem ver que os sirulianos os mandaram lutar aqui para não sujem de sangue o pátio deles?

Não, não me parece que seja esse o caso disse Allumno. Talvez agora as nossas dúvidas possam ser esclarecidas.

E talvez as possamos esclarecer dentro da barbacã sugeriu Quenestil ao sentir a chuva intensificar-se. Não tarda nada isto vai ficar feio.

Se estás com medo de te constipar, vai andando convidou o thuragar, toda a sua gratidão aparentemente já esquecida. Eu

quero falar com o Aewyre acerca da disposição da nossa soldadesca amanhã. O bruto da bicharada quase de certeza virá contra a barbacã, com aqueles escombros ali em baixo, e temos de ver se os destroçamos o mais depressa possível.

A madeira certamente ficará demasiado húmida para lhe pegares fogo como tencionavas opinou Allumno, olhando para o escuro céu chuvoso de olhos semicerrados.

Pois, mas se atirmos os fardos lá para dentro o cheiro e o fumo devem desorientá-los bastante, talvez mesmo sufocar uns quantos. Aqueles escombros têm dois gumes: podem ajudá-los a entrar, mas também nos podem ajudar a encurralá-los numa armadilha mortal.

Allumno não podia nem queria rebater tal facto, pois o thuragar era de todos os companheiros o mais versado nas artes bélicas, pelo que nutou com a cabeça e fez sinal com a mão a Aewyre. O jovem ergueu a sua em reconhecimento e dirigiu-se com Krór à barbacã, medindo cada passo que dava ao lado do drahreg.

Parecem dois cães em território por marcar... comentou Worick. Qual deles irá mijar primeiro?

Ninguém respondeu, e enquanto esperavam que os dois chegassem ao topo da barbacã, a chuva intensificou-se ligeiramente, com alguns pingos já grandes o suficiente para tamborilarem no arnês do thuragar. A maior parte dos conscritos que não haviam sido encarregados de vigiar começou a retirar-se para os dormitórios na barbacã, e os que ficaram muniram-se de capas e capuzes.

Pode ser que os desgraçados se afoguem... imaginou Worick, indicando o acampamento do inimigo com um gesto da cabeça.

Ou que se constipem comentou Quenestil com prepositada secura, verificando o estojo do seu arco para ver se estava devidamente fechado.

Ou isso... então aqueles dois, começaram à porrada lá dentro ou quê?

Em resposta ao thuragar, os dois guerreiros surgiram da escadaria da barbacã com Aewyre à frente, embora o guerreiro se apressasse a pôr-se ao lado de Krór, como se o facto de lhe ter dado as costas tivesse sido uma experiência enervante para ambos. As suas expressões não traíam qualquer emoção especial ou grande novidade que os restantes companheiros esperavam, embora houvesse nelas uma clara contenção forçada. A proximidade dos dois devia ser uma verdadeira provação, pensou Allumno, embora nem o mago pudesse conceber verdadeiramente o esforço que ambos faziam naquele preciso momento

para não se atacarem mutuamente. O "tendão", como Aewyre lhe chamava, estava tenso como uma câibra. Os conscritos que se encontravam no cimo da barbacã fitavam o drahreg com uma mistura de sentimentos, nenhum deles de confiança.

Então, como foi? Quenestil.

Aewyre e Kror olharam um para o outro, dando a entender que de facto havia algo a contar, mas incertos quanto a quem o devia fazer.

Vamos, desembuchem Worick. é? Podemos confiar nele? Vai lutar connosco? Contra nós? Contigo? Conhecia os Eahan? Por que é que os sirulianos não o cravejaram de setas assim que o viram? Vá, estamos todos à espera. Os homens não gostam muito da ideia de terem um drahreg nas suas costas, e de certeza gostariam de ouvir uma explicação.

Vários conscritos concordaram com as cabeças, aguardando uma elucidação quanto aos motivos e propósitos de Kror.

É complicado... Aewyre, esfregando os pingos de chuva do cabelo. Perdera o elmo ao ser golpeado na cabeça, mas não o substituíra ao descobrir a falta que sentia de andar com ela a descoberto. Kror... bem, o Kror é...

Um colossal urro proveniente das gargantas de dois mil drahregs, ogroblins e ulkekh lens reverberou pelo ar, e o chão tremeu com a

investida colectiva da hoste inteira.

Todos nas muralhas ficaram momentaneamente paralisados de incrédulo terror ao verem a arremetida da selvagem horda ser iluminada por um relâmpago próximo, que fulgurou momentaneamente no aço de milhares de armas erguidas e no branco de dentes de bocas escancaradas. Mais parecia um imenso vagalhão negro prestes a rebentar contra as adormecidas muralhas de Aemer-Anoth, e o trovão que ribombou reforçou a imagem.

Mas... mas eles são completamente loucos! Worick, correndo a espreitar por uma ameia. escuro, está a chover! Os idiotas vão-se matar!

Aewyre desembainhou Ancalach, e Kror fez o mesmo com os seus alfanges, dando início à explosão de actividade nas ameias.

Pedras me partam, soem a trompa! Chamem todos, todos às suas posições! Às armas, por Tharobar! Eles vão mesmo atacar!

CONVERGÊNCIA FATAL

A trovejante hoste investia na direcção das muralhas, e nas ameias os defensores apressavam-se para as suas posições, muitos a julgarem que ainda não tinham acordado e que a arremetida não passava de um pesadelo. Homens corriam, tropeçavam e escorregavam ao longo do adarve, prendiam escudos, bradavam o apelo às armas a plenos pulmões. A trompa foi soprada no torreão, ressoando como o bramido de um enorme animal ferido de morte. A confusão era grande e maior ainda era a surpresa, pois ninguém contara com um ataque durante a noite, muito menos em tais condições. Os conscritos frecharam os seus arcos atabalhoadamente, embora já com um mínimo de noção de sincronia, e soltaram um tipo diferente de chuva sobre os invasores, que ouviam mais do que viam. Porém, apenas a primeira salva se fez sentir minimamente, pois o vento contrário quebrantava a força das flechas e a chuva em breve ensoparia os fios dos arcos, privando-os de força. Da parte do exército inimigo não veio um único projectil. Todas as mãos empunhavam armas e escudos, todos iriam participar directamente no assalto. Worick ainda considerou atirar as pedras para os escombros, mas a meio de uma tempestade seria inútil tentar pegar-lhes fogo ou sequer esperar que fumessem.

Pedras me partam, eles vão pôr tudo o que lhes resta neste ataque! o thuragar, berrando para quem o pudesse ouvir.

Larguem os arcos! Aewyre, já com Ancalach desembainhada e com Krór de alfanges empunhados a seu lado. os arcos! Só estão a desperdiçar flechas! Vão buscar as pedras e preparem-se para o assalto!

Os conscritos fizeram como lhes foi ordenado e outros tantos chegaram pelas escadas, acabados de sair dos dormitórios e despertos da sua sonolência pela cada vez mais intensa chuva. O guerreiro repetiu as ordens a todos os recém-chegados e olhou para o torreão da fortaleza, no qual não havia um único siruliano ou eahlan à vista. Fora das muralhas, drahregs e ulkekh lens já corriam livremente pelo carreiro acima, carregando escadas sem terem de se preocupar com fogo inimigo, e um relâmpago iluminou uma caterva de ulkekh lens a treparem pelos escombros da torre como formigas. Em breve começaram a chover pedras e pedregulhos das ameias, ameigando elmos e deslocando ombros, obrigando os sitiantes a erguerem os escudos mas incapazes de sequer fazerem a maré vacilar. Alguns drahregs refugiaram-se debaixo dos escombros, outros subiram por eles com escadas que vários ogroblins começaram a tentar engancha nas ameias, tanto aos pés da muralha como por cima dos destroços, o que lhes dava uma vantagem de altura. Os defensores empurravam as escadas com lanças e armas de haste, mas os ogroblins eram fortes e alguns estabilizavam-nas puxando compridas cordas atadas a degraus nas extremidades. Ainda houve quem tentasse abater os inimigos mais próximos através de tiros de arcos, mas o seu sucesso foi irrisório, e Aewyre ordenou-lhes que parassem. O único que conseguia causar reveses minimamente assinaláveis aos intentos dos invasores era Allumno, cujos feitiços alumiaavam a barbacã em tons iridescentes e faziam drahregs chamuscados e queimados caírem pelo afloramento abaixo. Ainda assim, as primeiras pontas de ferro de escadas e fateixas não tardaram a roçar na pedra dos cunhais das ameias.

Deixa-os vir disse Worick a Aewyre de barba a pingar, empunhando o martelo com ambas as mãos. O ataque deles está concentrado. Vão ser trucidados quando chegarem cá acima.

Pode ser, mas quero tornar-lhes isso o mais difícil possível replicou o jovem. Vocês! Vão aquecer a água! Ainda podemos vir a usá-la!

Os ulkekh lens haviam-se escondido entre os escombros da torre e nenhum subia as muralhas, mas como os conscritos não podiam usar os arcos, a situação não lhes fez grande diferença, permitindo-lhes apenas atirar pedras e outros detritos sem distrações. Seguiu-se a grande desordem de todos os primeiros assaltos, durante a qual drahregs tentavam subir pelas escadas e eram derrubados por projecteis e os defensores se apertavam nas ameias da barbacã de machados e lanças em riste de forma a tapar todos e quaisquer pontos de entrada

possíveis. Boa parte das defesas da bastilha estavam concentradas naquele lugar, e mais vinham a caminho. Os drahegs começaram a arremessar farpões antes de tentarem subir às ameias, mas eram rapidamente varados ou alanhados pelo determinado aço dos defensores. A clava de um ogroblin bateu cegamente contra um merlão, e a mão que a empunhava tentou agarrar-se, mas os seus dedos foram rapidamente decepados à machadada. Pedras eram arremessadas por cima da cabeça dos defensores, precipitando-se contra os sitiante em baixo, e alguns usavam as lanças como armas de arremesso, ansiosos por infligirem baixas ao inimigo que estava fora de alcance. A dada altura, a frente da barbacã nada mais era do que um amontoado de escadas apinhadas com grossas cordas à mistura. Um grupo de bramantes ogroblins sobre os escombros da torre começou a arremessar as suas pesadas esferas, que eram bem mais perigosas quando arrojadas do alto da ruína. Pequenas brechas foram abertas quando os defensores tiveram de se baixar ou recuar perante a ameaça dos enormes projecteis, e alguns drahegs conseguiram chegar às ameias, dando início às primeiras escaramuças. As famintas falcatas dos drahegs tombaram alguns conscritos, mas a resposta não tardou e muitos caíram, já mortos, das escadas. A defesa era demasiado compacta, o ponto de ataque demasiado estreito e a investida demasiado concentrada para que o inimigo conseguisse fazer algum avanço.

Um relâmpago faiscou quando Worick trouxe o martelo abaixo, rachando a testa a um inimigo, e o thuragar berrou desnecessárias palavras de encorajamento aos homens à sua volta, que matavam a um ritmo e frequência embriagantes, desbastando a investida dos sitiante. Todos sentiam que, caso continuasse assim, o inimigo seria chacinado e a batalha terminaria em breve, o que afoitou todos a um esforço adicional para repelir o assalto. Um farpão resvalou na espaldeira de Aewyre e o jovem fendeu a cabeça do draheg que lho arremessara, impelindo os cabelos molhados para a frente com a força do golpe. Não tinha espaço de manobra para fazer nada mais além de estocar e golpear com altabaixos, pois estava ombro a ombro com os conscritos aos seus lados, mas também não precisava de mais do que isso para se deixar imergir na rotina de matar e esperar que aparecesse o próximo para ser morto. Perdera Krór de vista, mas sentia a sua presença com uma intensidade aguçada pela peleja como havia muito não experienciava. Um encontrão ao seu lado desequilibrou o guerreiro ao espetar a ponta de Ancalach na garganta de um draheg, e teve de se apoiar com uma mão na ameia para não cair quando a gravidade

libertou a sua lâmina da carne do inimigo. Um relâmpago iluminou tudo nesse preciso momento, e Aewyre alarmou-se ao ver uma parte do exército dirigir-se à praticamente desprotegida muralha do outro lado da torre flanqueante.

Pela espada cruenta de Gilgethan! recuando da ameia e deixando um conscrito entrar no espaço que deixara livre. Worick! Worick! olhando em redor sem contudo avistar o thuragar. Quenestil estava à vista, pelo que se dirigiu apressadamente ao eahan enquanto este dava ordens a homens com cestos de pedras.

O eahan olhou na sua direção e os dois aproximaram-se um do outro aos encontros.

O que f...

Vai para o vértice e leva homens contigo! Os que precisares! Agora! praticamente empurrando o eahan. drahregs que se estão a dirigir para lá! Não te preocupes, as coisas estão controladas aqui!

Os dois amigos fitaram-se por breves instantes, ouvindo a voz arcana de Allumno no meio da refrega, seguida de um clarão escarlata, e o shura acabou por nutar com a cabeça. Aewyre deu-lhe uma forte pancada nas costas e devolveu a sua atenção à acirrada escaramuça nas ameias, avistando então Worick, cuja cabeça do martelo subia e descia às suas costas, pingando, vermelha. Os malditos não tinham hipótese, pensou o jovem. Desta vez não iriam sequer pôr os pés na muralha, e o seu ousado ataque ameaçava sair-lhes caro ao ponto de desbaratar o exército. Só tinham de aguentar e manterem-se firmes mais um pouco; o pesadelo estava prestes a acabar... quando um disforme vulto se abateu com um desnatural guincho estrídulo sobre a retaguarda dos conscritos, fazendo sangue espirrar e membros decepados voar, revolteando o ar chuvoso com possantes asas. O vulto virou em pleno ar, assentou os pés sobre dois merlões e varreu tudo à sua frente com um golpe que tombou outros tantos defensores. Um relâmpago coriscou, iluminando uma abominação que estremeceu todos os que o viram na barbacã por um instante que mais pareceu uma eternidade.

A criatura era um horror espinhoso, sinuosamente musculada e com espículos sobre boa parte da sua quitinosa pele azulada matizada de branco, sobretudo nos ombros, cabeça e espinha dorsal. Era mais alta do que Aewyre, mas as suas asas de negras penas molhadas e a sua nervosa cauda com um cruel ferrão faziam-na parecer maior ainda.

Tinha uma cara triangular emoldurada por espinhos, com dois cornos curvos sobre os pequenos olhos vermelhos, duas achatadas fossas nasais oblíquas, uma boca de dentes afiados, um queixo que terminava numa excrescência óssea da qual pingava chuva e as garras dos seus pés agarravam-se aos merlões como as de uma demoníaca ave. Todos souberam de imediato que estavam diante do alegado líder do exército, um azigoth, um terror alienígena do qual muitos apenas tinham ouvido falar em atemorizantes histórias e contos à lareira. Mas havia algo mais neste, além da sua mera presença: a espada bastarda que a sua mão de espinhosos nós empunhava. Era terrivelmente bela e ornada, com dentes incrustados no pomo e nas pontas dos copos de ferro negro e uma rubiácea gema facetada embutida na guarda, da qual partia uma lâmina de aço baço. O azigoth ostentou a espada ao alto, soltando outro guincho vibrante, e todos os defensores ouviram uma voz nas suas cabeças, sedutora e sussurrante, que os despiu de uma só assentada de todos os revestimentos de sofisticação civilizada, descobrindo os seus instintos mais básicos e trazendo-os à tona. Medo exacerbado proliferou nas fileiras dos defensores, instigado por uma vontade exterior que lhes abria os olhos para os números e a ferocidade do inimigo, e todos reconheceram a espada pelo que ela era, embora nunca a tivessem visto: a própria espada do Flagelo.

Dalshagnar! gritaram vários, aterrados.

A Língua Negra! secundaram outros tantos, recuando com os seus companheiros.

Verguem-se perante Bathrazhúl, humanos! berrou a criatura na sua estrídula voz.

Nesse preciso momento, drahregs urrantes irromperam das ameias, e o inimigo pôs os pés no adarve, abatendo-se de seguida sobre os surpresos e amedrontados defensores.

Lutem, seus desgraçados, lutem! gritou Aewyre, que também ouvira a voz, mas que, tal como os seus outros companheiros e um punhado de homens mais determinados, não se deixara afectar mais além da surpresa que fora o súbito aparecimento do azigoth.

O guerreiro e Krór foram os primeiros a ripostar à investida inimiga, atacando lado a lado e ceifando todos à sua frente numa mortal safra. Worick veio atrás, martelando o seu caminho através do inimigo, e apenas Allumno permaneceu estarecido a olhar para o azigoth e para a espada que empunhava, provavelmente o único ciente da gravidade daquilo que via. Mais do que um azigoth, o inimigo que defrontavam era um azathrax, um demónio de dor e agonia destinado

a espalhar o sofrimento e a angústia. A criatura não estava interessada na tomada de Aemer-Anoth, o seu intento não era a conquista, mas sim causar o maior sofrimento ao maior número de seres. E empunhava Dalshagnar, a Língua Negra, a pérfida espada do Flagelo.

”Deuses, ele não quer vencer esta batalha! Só quer que todos sofram, não importa que todo o seu exército seja morto!”, apercebeu-se Allumno ao ouvir o azathrax soltar outro vibrante guincho aquando do embate dos sitiados e sitiantes. o azigoth! em aflição, apontando para ele com o cajado.

Mas todos estavam de mãos cheias com o Primeiro Pecado, sedento de sangue e vingança pelas humilhações sofridas. Os mais determinados defensores foram afoitados pela investida de Aewyre e dos seus companheiros, mas muitos ainda recuavam, aterrados pelas insidiosas palavras de Dalshagnar, e Allumno percebeu que teria de afastar a fonte do medo dos defensores. Entoou palavras arcanas que alumiarão a gema do seu cajado, que irradiou uma rajada escarlate contra o azigoth, fazendo-o oscilar com o impacto. O azathrax guinchou, identificou o seu agressor e bateu com as asas negras, de cujas penas molhadas jorraram bátegas, voando na direcção do mago com a espada erguida. Aewyre viu o terror voar por cima de si e atingiu-lhe a perna com um golpe de Ancalach, desequilibrando-o e obrigando-o a aterrar atempadamente no meio dos defensores. O azigoth guinchou em fúria e decepou dois conscritos assim que os seus pés assentaram no chão, virando-se de seguida para o guerreiro. De perto a criatura era ainda mais terrífica e intimidante, mas Aewyre estava demasiado ciente da gravidade da situação para sentir medo e as lâminas de ambos entrechocaram, estrídulas. Worick quis ajudá-lo, mas viu-se obrigado a proteger as costas do seu companheiro dos alentados drahegs que, inspirados pela presença do azigoth e pelo recuo dos defensores, atacavam com redobrada fúria. Krór dançava entre os seus congéneres, que tombavam surpresos ante os seus rodopiantes alfanges, e Allumno bombardeava as fileiras inimigas com uma pletora de feitiços que iluminavam a escaramuça quase tanto como os relâmpagos da tempestade que se sucediam. Aewyre e Bathrazhúl prosseguiram com o seu combate singular e as suas lâminas lambiam-se, silvantes. O azigoth era rápido e os seus golpes fortes, mas não tinha a perícia do guerreiro e estava com as costas expostas aos defensores na sua retaguarda, o que um grupo de quatro homens não tardou a aproveitar. Contudo, a cauda do azathrax espadanou e derrubou três deles, cravando o ferrão no quarto com estonteante velocidade.

O conscrito atingido caiu de imediato ao chão, gritando e contorcendo-se em cruciante agonia como se as suas entranhas estivessem em fogo. Aewyre grunhiu em voz alta, desviou uma espadeirada de Bathrazhúl e escoriou-lhe o espinhoso ombro. A pele do azigoth era dura e quitinosa, mas o gume de Ancalach mordida-a ferozmente e causava-lhe dor que estava habituado a provocar e não a sentir. Furioso, o azathrax fez uso da sua cauda, cujo ferrão surgiu do nada e se espetou contra o flanco de Aewyre, embora incapaz de penetrar na fresta da armadura. Desequilibrado, o jovem agradeceu uma vez mais à mestria dos ferreiros sirulianos quando foi incapaz de bloquear o golpe seguinte e Dalshagnar se abateu sobre a sua espaldeira direita, amolgando-a e atirando-o de lado ao chão com a força do golpe. Um relâmpago de Allumno chamuscou as costas do azigoth, mas este não estava disposto a prescindir da sua vulnerável presa e o ferrão da sua cauda desceu, visando a cara de Aewyre. O guerreiro desviou-a e agarrou-se à cauda com a mão esquerda antes que esta fugisse, fazendo uso do seu impulso recuante para se levantar e golpear Bathrazhúl, que apartou Ancalach atempadamente.

Worick urrou ao rebentar as vísceras de um drahreg à martelada, "e espirrando pingos de chuva com a violência do golpe. Passado o temor inicial causado pelas palavras de Dalshagnar, os defensores começavam a recuperar o alento e juntavam-se aos companheiros na peleja, mas os drahregs já estavam no adarve e mostravam-se determinados a não serem repelidos, animados pela presença do azigoth e da espada do seu desaparecido senhor. Kror rosnava enquanto combatia os seus, tentando ignorar as insistentes vozes de Kerhex e Sassiras's na sua cabeça.

Idiota! Volta-te contra eles agora, ajuda-os a tomar a fortaleza! Mata o azatbrax e torna-te senhor entre os teus inferiores!

Ajuda-os, Kror! Eles precisam de ti!

As palavras do azigoth e da divaroth eram mutuamente contraditórias como sempre, mas desta vez o drahreg sentia-se verdadeiramente dividido. Ajudar os defensores era de facto a coisa menos lógica a fazer; eram superados em números pelos inimigos e apenas a presença dos companheiros os impedira de debandarem. De facto, Kror começava a repensar o que estava a fazer, mesmo enquanto tombava atacante após atacante. Os seus instintos mais primários despertavam, e Kerhex cavava por eles como um cão obstinado enquanto Sassiras's fazia os possíveis por tapar o buraco causado pelo seu companheiro no escudo protector que a tanto custo viera a criar.

Sim... sim! o azigoth.

Kror, não! Não depois de tudo que...

Os olhos do drahreg ficaram vidrados e sentiu um rosnido primordial aflorar-se-lhe do peito pela garganta acima, alteando-se num berro que lhe escapou da boca escancarada quando Kror virou as costas aos seus e atacou os surpresos defensores atrás de si. O primeiro ficou com um alfange afundado na garganta até ao osso, sendo empurrado com um pé para cima de um segundo, e o terceiro ainda aparou uma espadada antes de a ponta do outro alfange lhe entrar pela virilha acima, passando debaixo da saia da sua túnica de cota de malha.

Drahreg de um raio! Worick, rachando a nuca de um e atacando Kror. sabia que não podíamos confiar em ti!

O drahreg ainda decepou a mão a um defensor antes de reparar no thuragar que investia contra ele, e a sua reacção foi pegar no sangrento braço do homem e atirá-lo contra Worick, que se deteve para tirar de cima de si o conscrito em estado de choque. Um outro drahreg surgiu para o distrair, e o thuragar teve de lhe dar atenção para desviar a sua lançada com o cabo do martelo e cravar-lhe o espigão na coxa, partindo-lhe o queixo de seguida. Kror corria na direcção do azigoth, cortando e acutilando por entre os ainda abalados defensores enquanto a espada do azathrax cantava um estridente dueto com a de Aewyre. A sua inesperada investida surpreendeu Bathrazhúl, cuja asa esquerda foi mordida por um alfange que fez penas negras voarem. O azigoth reagiu em estrídula fúria, encalhando Dalshagnar entre ambos os alfanges num forte golpe que fez Kror recuar, mas deixou uma abertura que Aewyre aproveitou com um golpe que cortou vários espinhos do braço do adversário. Bathrazhúl guinchou e bateu as asas, impelindo o corpo para trás e girando em si, decapitando e desmembrando vários conscritos com um único golpe antes de aterrar para enfrentar os seus dois inimigos. Allumno estava prestes a soltar um feitiço quando ouviu a voz de Zoryan na sua cabeça.

Não... será possível?

Mestre?

A gema, Allumno!

O mago deteve-se e olhou atentamente para a gema facetada incrustada em Dalshagnar enquanto o azigoth matava os defensores. Homens corriam e gritavam ao seu lado, mas Allumno permaneceu quieto, esmagado ao perceber o que Zoryan quis dizer.

Deuses... o mago em surdina, correndo de imediato para dentro da torre contra a maré de conscritos que avançavam para a defesa da barbacã.

Kror, deixa-o! Aewyre, atacando Bathrazhul ao lado do drahreg, ajudar os homens!

Kror ignorou-o e rosnou, desviando uma espadada do azigoth e desferindo um altabaixo com o outro alfange, do qual o azathrax se desviou, bloqueando Ancalach no mesmo movimento. Aewyre ripostou com um corte transversal que o adversário aparou com um bloqueio duro, varrendo os pés de Kror com a cauda e derrubando o drahreg antes que este pudesse aproveitar a abertura. Uma das suas mãos largou o punho da espada e golpeou um homem atrás de si, rasgando-lhe a cara com os espinhos nos nós dos dedos, e Aewyre deu uma passada lateral, torcendo os pulsos e estocando o flanco do azigoth de raspão. Bathrazhul soltou um protesto guinchante e obrigou Aewyre a defender-se de uma chicotada da sua cauda com o braço, o que fez com que desse três desequilibrados passos para trás. Kror tentava erguer-se, mas o azigoth trouxe Dalshagnar triunfantemente acima e preparou-se para partir o drahreg ao meio. Nesse preciso e longo momento, Aewyre e Kror sentiram o "tendão" esticar-se ao máximo, parecendo ranger e ameaçando estalar com a tensão. O guerreiro aliviou instintivamente a pressão e simplesmente... deixou de puxar, quedando-se imóvel ao fazê-lo. O não mais contestado "tendão" arremeteu para o drahreg, originando nele um impulso reflexo que lhe percorreu o corpo inteiro com uma extasiante sensação de unidade com os seus alfanges e com tudo e todos os que o rodeavam. Os movimentos à sua volta eram claros e bem definidos, deixando rastos no ar como se efectuados debaixo de água, e sentiu que podia isolar individualmente todos os combatentes na barbacã. A ameaça mais imediata era Dalshagnar e Kror isolou-a de todo o resto enquanto a Língua Negra cortava o ar em aparente lentidão, deixando um ondulante rasto para trás. Um surto de energia permitiu ao drahreg impelir o seu corpo para o lado com um golpe de pernas e descrever um arco à sua frente com ambos os alfanges enquanto o fazia. A reverberante ondulação causada pelo primeiro embateu solidamente contra a Língua Negra, desviando-a da sua trajectória, e a do segundo causou uma racha no quitinoso ventre do azigoth, vertendo sangue roxo. Bathrazhul guinchou estridulamente de dor e recuou um passo, mas Kror insistiu no ataque, ainda revigorado pela estranha sensação, e desferiu uma cutilada de lado com ambos os alfanges. Bathrazhul oscilou Dalshagnar a tempo de travar as armas do drahreg, afastou-o com uma larga varredela da espada e tornou a bater com as asas, impulsinando-se desta vez para fora do adarve e esvoaçando pelo pátio interior.

O combate nas ameias tornou-se uma vez mais rápido e arrebatado para Kror, juntamente com a indistinta cacofonia da peleja e os movimentos borrados dos combatentes que corriam e gritavam à sua volta. Fitou Aewyre estupidamente durante breves instantes, até o guerreiro reaver a sua presença de espírito e se aperceber de que o azigoth se dirigia para as frágeis defesas na outra muralha.

Maldição, o Quenestil! Kror, vai atrás dele! o guerreiro, virando-se de imediato para o combate nas ameias, mas algo fez com que esquecesse momentaneamente a ameaçada muralha e devolvesse a sua atenção ao drahreg.

Os olhos vermelhos de Kror fitavam-no, com algumas ensopadas tranças defronte da cara que o drahreg tirou com uma brusca sacudidela da cabeça. Os seus díspares alfanges pingavam sangue aguado e ergueram-se lentamente para uma postura de combate, brilhando com um relâmpago que iluminou os pingos que escorriam pela sua pele negra e os afiados caninos dos seus dentes arreganhados. Aewyre percebeu e também sentiu o que motivava Kror, sentiu-o sobrepôr-se ao pensamento racional, ao acordo que tinham feito, aos seus propósitos e objectivos, a tudo menos ao irresistível desejo de medir aço com o drahreg. O guerreiro crispou os dedos de ambas as mãos no punho de Ancalach e aprestou-a a seu lado, pingando do nariz e queixo e com a grossa chuva a tamborilar-lhe no arnês.

Se tiver de ser assim...

Worick surgiu repentinamente do nada, gritando enquanto corria contra Kror com um drahreg trespassado pelo espeto do martelo à sua frente. Kror foi surpreendido e atingido pelas costas do seu congénere, que o derrubou e que de seguida caiu com o furioso thuragar por cima. Aewyre sentiu-se despertar de um sonho do qual se lembrava perfeitamente e olhou alternadamente para Kror e para Worick, que arrancou o espigão do peito do drahreg e lho cravou na garganta com um grunhido, fitando logo de imediato o guerreiro e o seu adversário.

Vamos desancar esse desgraçado... o thuragar, levantando-se de martelo empunhado.

Worick, não! Aewyre, apontando para a muralha que mal viam atrás da torre flanqueante. atrás do azigoth; o Quenestil está sozinho com poucos homens!

O thuragar pareceu momentaneamente indeciso, mas viu a razão nas palavras do seu companheiro e correu na direcção indicada após lançar um olhar ameaçador a Kror, deixando os dois à sua querela. Correu por entre o combate, distribuindo marteladas e encontrões

aleatoriamente e gritando palavras de apoio aos defensores. A sua vontade era permanecer para ajudar os conscritos, pois a arremetida do inimigo estava a ser feroz, mas sabia que a morte do azigoth seria mais eficaz e desmoralizante do que a de mil drahregs. Partiu a bacia a um drahreg ao passar por trás dele e tropeçou num cadáver, levantando-se sem demora e entrando pela torre flanqueante adentro sem sequer reparar em Allumno, que estava sentado de pernas cruzadas e encostado à parede ao lado da entrada pela qual o thuragar irrompera. O mago estava de olhos fechados e a gema na sua testa refulgia, indicando a sua imersão no Pilar de Allaryia.

Aemer-Anoth brilhava furiosamente com os milhares de pontos cintilantes dos combatentes, que mais pareciam um enxame de pirilampos na translúcida imensidão do Pilar. Embora Ancalach, Dalshagnar e os alfanges de Krór se destacassem todos claramente, o azigoth era perfeitamente distinguível, possuindo mesmo uma silhueta parecida com a do seu verdadeiro corpo pelo simples facto de a sua raça ser praticamente nativa do Pilar. Foi na sua direcção que Allumno voou, alheio a tudo menos à Língua Negra, ansioso e ao mesmo tempo temente daquilo que ia experimentar. Assim que o alcançou, pairou a seu lado e concentrou-se no ponto escarlate da gema facetada que fulgurava com um brilho próprio no meio da fulgência de Dalshagnar.

Tem a certeza, mestre? o mago, hesitante. que tenhamos razão, desconhecemos os potenciais efeitos...

Só há uma maneira de descobrir, pupilo Zoryan. Tenho confiança nas tuas capacidades.

A manifestação etérea do mago soltou o que fora do Pilar seria um suspiro e estendeu a mão para tocar na brilhante forma da gema. E desapareceu.

O fio molhado do recurvo arco oarr de Quenestil soltou pingos de chuva ao vibrar, e a fraca flecha que disparou atingiu o ombro de um drahreg que subia uma escada, derrubando-o. O eahan pegou na ponta da haste de mais uma e tornou a frechar o arco, escolhendo um alvo casualmente enquanto o pequeno grupo de homens que trouxera rechaçava os que chegavam às ameias. O drahreg que seguidamente atingiu debaixo da axila levou outro consigo ao cair, mas o shura nem sequer soltou uma exalação de triunfo ao frechar o arco uma vez mais. A arma estava a perder a potência e apenas conseguia atingir alvos

próximos, e mesmo assim requeria a apurada pontaria do eahan para acertar em pontos vulneráveis, pois qualquer armadura já era protecção a mais. Os seus homens estavam a aguentar-se bem, e os drahegs ainda eram importunados pelo fogo dos arcos secos dos homens nas seteiras da torre flanqueante, mas eram poucos e o inimigo vinha às centenas, apesar de não passar de uma manobra de diversão para obrigar os defensores a dividirem os seus recursos. Ainda assim, nenhum draheg conseguira ainda pôr os pés no adarve, e apenas dois dos trinta homens que Quenestil trouxera haviam morrido. Se conseguissem aguentar o ritmo da batalha, o inimigo certamente acabaria por se destroçar...

Mas ninguém contava com o horror que desceu dos céus sobre a retaguarda dos conscritos, abatendo-se sobre eles com a fúria acerada de uma terrível espada que numa única varredela tomou a vida a quatro e feriu outros tantos. O aterrador guincho que o horror soltou debelou a firmeza com a qual os homens defendiam a posição, e a sussurrante voz que ouviram dentro das suas cabeças incitava-os a todos a fazerem a coisa mais lógica e natural: fugir dos avassaladores números do inimigo. Alguns homens largaram as armas, outros ficaram estarecidos quando o monstro pousou sobre dois merlões, brandindo a sua cruel espada e soltando outro arrepiante guincho vibrante. Quenestil não hesitou em disparar e a sua flecha enterrou-se na quitinosa pele do dorso do terror, embora parecesse tê-lo surpreso mais do que o incomodou. Quenestil não sabia o que enfrentava, mas calculou que pudesse ser o azigoth do qual todos haviam falado e que era um alvo a abater, pelo que frechou o arco rapidamente e soltou outra flecha, que atravessou a asa direita do monstro. O azigoth reagiu com um incomodado guincho e preparou-se para saltar para cima do ousado eahan, mas quando os primeiros drahegs surgiram nas ameias, achou melhor garantir a sua entrada com mais umas cabeças decepadas e optou por o ignorar. Quenestil preparava-se para disparar outra vez, tentando visar a garganta do azigoth, quando um relâmpago estalou e lhe ofuscou momentaneamente a visão, após o qual uma voz atrás de si causou um ardente afloramento no seu epigastro.

Quenestil!

O shura olhou para trás, apontando a flecha para o chão, e viu Tannath.

O ribombo de um trovão fez a muralha estremecer, mas o eahanoir continuou a avançar a passo cuidado e descontraído, empunhando

estilete e quebra-espadas de pontas viradas para baixo. A sua capa negra estava ensopada e mal se mexia com o vento, e os seus sedosos cabelos puxados para trás e presos num rabo-de-cavalo pareciam colados à cabeça, realçando a alvura do seu semblante. A rubra tatuagem em redor do seu vivo olho cinzento parecia brilhar na obscuridade, mas decerto isso não passava de uma ilusão. A escaramuça nas costas de Quenestil perdeu toda a sua importância, os gritos dos defensores e dos drahregs, os guinchos e o silvo da espada do azigoth; o eahan apenas tinha olhos e ouvidos para Tannath.

Tu. Como...?

Um amigo com asas trouxe-me até à muralha gritou o eahanoir sem se deter. O resto não precisas de saber. Vem desafiou, cruzando os braços e levando as armas aos ombros em falsa saudação, larga esse arco e vamos jogar.

O shura continuava com uma expressão ilegível na cara a apontar a flecha para o chão como a estátua imóvel de um arqueiro à chuva, embora Tannath continuasse a avançar.

Devo-te dor, Quenestil disse o eahanoir. A ti e à Slayra, que vai ter uma pequena conversa comigo assim que nós tratarmos

”dos nossos assuntos...

Foi a pior coisa que Tannath podia ter dito. O fio molhado do arco vibrou e uma seta singrou contra o surpreso eahanoir, atravessando-lhe o antebraço esquerdo perto do cotovelo. Tannath grunhiu de dor, largou as armas e cambaleou, agarrando a haste da flecha com a mão direita. Quenestil atirou o arco ao chão e encaminhou-se de punhos fechados na direcção de Tannath, que cerrou os olhos e puxou a seta, cuja haste e volante de penas deslizaram dolorosamente para fora da ferida. E então o shura estava em cima dele, esmurrando-lhe o estômago, a cara duas vezes, agarrando-o pelo colarinho e impelindo a sua cabeça contra um merlão. O eahanoir embateu com a testa na pedra e o seu mundo apagou-se por breves instantes, iluminado de seguida pela aguda dor causada pelos repetidos golpes de Quenestil nos seus rins. Impeliu o cotovelo direito instintivamente para trás e atingiu o eahan no olho, tirando-o de cima de si e ganhando espaço para respirar, mas o shura rosnou e saltou-lhe em cima, agarrando o pulso do seu braço bom e pressionando-lhe o queixo com o seu, inclinando-o para trás com o intuito de lhe partir o pescoço. Tannath não contara com tanta raiva, mas via que o ódio que Quenestil por ele sentia era motivado por algo mais além de Slayra. Slayra...

O eahanoir cerrou os dentes, crispou o punho esquerdo e agrediu a têmpora do eahan com o nó do polegar, levando o joelho acima de seguida contra a sua virilha. Quenestil grunhiu de dor e aliviou consideravelmente a pressão, permitindo a Tannath espetar-lhe dois dedos hirtos nas costelas e esmurrá-lo na cara, tirando-o de cima de si. O eahan cambaleou e escorregou no adarve molhado, caindo ao chão. O eahanoir não perdeu tempo e chutou-o na barriga, curvando-o.

Vocês destruíram-me, tu e a Slayra disse calmamente sem prestar a mínima atenção ao furioso combate que se desenrolava poucos passos atrás, levantando Quenestil do chão com outro pontapé quando este se tentou erguer. Tiraram-me tudo. Um chuto no queixo para enfatizar, que fez o eahan cair de costas, espirrando pingos de água do seu cabelo e sangue da boca.

Algumas madeixas do cabelo de Tannath haviam-se soltado e estavam coladas à sua invulgarmente calma face, embora sangrasse de uma ferida na testa e do canto da boca. Quenestil virou-se de barriga para o chão e tornou a tentar erguer-se, mas o eahanoir calcou-lhe os rins com o calcanhar.

Eu até nem desgostava de ti, sabes? Estava disposto a soltar-te e ao teu amigo afirmou, pisando casualmente a nuca do eahan e fazendo-o embater com a testa contra o chão. Mas assim que soube o que a Slayra estava a tentar fazer... a sua voz ficou apertada e o eahanoir grunhiu ao pontapear o estômago de Quenestil, que arfou, sufocado.

Espero que tenhas gostado de a comer, Quenestil, porque eu vou ser o último a fazê-lo antes de lhe cortar a garganta! afirmou, levando o pé atrás para chutar a cabeça do eahan contra as ameias, mas desta vez Quenestil agarrou-lhe o tornozelo e calcanhar com ambas as mãos, torcendo-lho com um rosnido e derrubando-o.

Os dois rebolaram pelo adarve como cães acirrados, rosnando e grunhindo e agredindo-se mutuamente.

Worick carregou contra os drahregs que contestavam a cortina sul da muralha com o pequeno grupo de conscritos, bradando a plenos pulmões um pétreo grito de guerra em Garogar. Quenestil combatia um adversário do outro lado da escaramuça, mas não parecia precisar de tanta ajuda como os defensores, pelo que a raiva do thuragar ficou reservada para os drahregs. Caiu sobre os invasores como um projétil de aço, abrindo uma brecha com uma larga martelada e malhando os inimigos que a tentavam colmatar. A atempada intervenção de

Worick deu aos conscritos o breve instante de que necessitavam para recuperarem o fôlego e vieram em socorro do thuragar com espadas, lanças e machados. Bathrazhúl guinchou em estrídula fúria, bateu as asas negras e abateu-se sobre o thuragar com Dalshagnar levada atrás. Um relâmpago faiscou atrás do azigoth, sombreando a sua dianteira e tornando-o aos olhos de Worick num imenso vulto negro com uma rutilante espada pronta a decepá-lo. Ergueu o escudo que atara à manopla e tremeu com o violento impacto que por pouco não lho estraçalhou, ripostando com uma martelada que atingiu um drahreg que apareceu defronte do azathrax em vez deste. Bathrazhúl atingiu outro defensor com o ferrão da sua cauda enquanto combatia o thuragar, e o homem gritou em agonia quando todos os músculos do seu corpo se contraíram espasmodicamente. Worick grunhiu quando a ponta de uma lança resvalou na sua couraça e concutiu o drahreg que estava entre si e o azigoth, que por sua vez enterrou Dalshagnar no ombro protegido por cota de malha de um defensor.

Enfrenta-me a mim, coisa feia! o thuragar, partindo o cotovelo a um drahreg que atacava um homem ao seu lado.

Bathrazhúl aceitou o repto com um guincho e bateu com as asas para fora, afastando todos os que o rodeavam, amigos e inimigos, e empunhou a espada com ambas as mãos. Uma ferida no seu ventre vertia sangue roxo, bem como duas incisões no braço e na perna, mas não parecia incomodado de sobremaneira.

Vem, refugio de humanos na sua chiante e áspera voz.

Eu dou-te o refugio, minha azémola! o thuragar, investindo por entre a refrega de defensores e drahregs com o martelo erguido.

Bathrazhúl aparou o golpe, escoriando o cabo do martelo com o gume da lâmina, e o seu ferrão arremeteu contra a garganta do thuragar, incapaz de penetrar no couro e na cota de malha do seu gorjal, mas com força suficiente para o desequilibrar. O azigoth levou Dalshagnar acima, descrevendo com ela um semicírculo sobre a sua cabeça, e trouxe-a com ímpeto para baixo num golpe transversal. Worick ergueu o improvisado escudo e os ossos do seu braço rangeram com a força da colisão entre aço e madeira quando o gume da espada se enterrou na madeira. O thuragar aproveitou o instante que o azathrax usou para tentar libertar Dalshagnar e virou a face do martelo, levando-o atrás e deixando o cabo deslizar pela sua mão até ser travado pelo pomo, desferindo de seguida um altabaixo no ombro

de Bathrazhúl com o bico recurvo da arma. A dura pele quitinosa do azigoth cedeu com um estalo e sangue roxo brotou da ferida, fazendo-o soltar um vibrante guincho de olhos fechados e responder com um golpe das costas da mão, cortando a cara do thuragar com os espinhos nos nós dos seus dedos. Worick grunhiu e aproveitou o facto de o bico estar cravado no ombro do adversário para puxar o martelo, reduzindo a distância que os separava e magoando o azigoth ao fazê-lo. O seu próprio sangue escorria-lhe dos arranhões na testa e no septo nasal, acalentando-lhe a cara e tapando-lhe ambos os olhos, e Worick debateu-se cegamente com Bathrazhúl, acabando por dar consigo nas espinhosas costas do monstro com o braço direito à volta do seu pescoço e a agarrar um espinho do ombro, e o outro a torcer o bico do martelo na ferida do azathrax. A chuva que lhe batia na cara clareou-lhe os olhos a tempo de ver Dalshagnar vir na sua direcção, embatendo contra o seu elmo num desajeitado golpe, e Worick torceu o martelo em resposta, rasgando o ombro do azathrax por dentro. Bathrazhúl tornou a guinchar e algo embateu duas vezes em vão contra as costas do thuragar, provavelmente o ferrão.

Agora vamos ver quem é o refugo, passarinho! berrou o thuragar ao ouvido do azigoth, torcendo o martelo mais um pouco e cuspiendo penas negras da boca quando Bathrazhúl bateu as asas em fúria.

Kror desferiu uma cutilada oblíqua com o alfange direito, esticando o esquerdo para trás em preparação do seguimento, mas Aewyre leu-lhe os movimentos e aparou o primeiro com o lado da lâmina de Ancalach, travando-o com os copos e usando a mão esquerda para empurrar o alfange para a sua direita. Ao fazê-lo, bloqueou a trajectória do segundo e oscilou a Espada dos Reis por cima da sua cabeça num golpe que deveria atingir os rins do drahreg, mas com um golpe destes e com um rápido ajuste da perna direita para trás, Kror aparou a cutilada a tempo. Aewyre deu uma passada atrás e descreveu um semicírculo inverso com a arma, visando a perna do drahreg, mas este fez o mesmo movimento de pés e bloqueou o golpe com o alfange direito, usando o seguinte numa cutilada contra a cabeça do adversário. O guerreiro viu-se forçado a ceder outro passo, cruzando a perna esquerda atrás da direita e trazendo o pomo de Ancalach acima para receber o golpe com a lâmina, cuja ponta ficou apontada para a garganta de Kror, que se desviou rapidamente da subsequente estocada, assumindo de seguida uma posição defensiva. Aewyre sentia-se mais

limitado que o drahreg, pois por muito cómoda e flexível que a armadura fosse, os seus movimentos estavam mais restritos do que os de Kror. Teria de fazer bom uso da protecção adicional que o arnés lhe providenciava e resguardar a cabeça, e acima de tudo fazer os possíveis por ignorar o furioso combate que se desenrolava à sua frente e no qual devia estar a participar, a ajudar os conscritos antes que estes fossem esmagados pelos números do inimigo. Mas a força do "tendão" era demasiada. Não iria ser negado desta vez, não a meio de uma batalha, não quando o aço frio retinia nos seus ouvidos e a fraqueza da carne perante o seu afiado beijo se evidenciava em redor de ambos. Os dois guerreiros fitaram-se um ao outro, ofegantes, pingando e escorrendo chuva. Nenhum tencionava morrer, pois tanto um como o outro ainda tinha objectivos a cumprir, mas o "tendão" queria o sangue de um deles. Aewyre ponderou por breves instantes o que acontecera quando Bathrazhúl estivera com Kror a seus pés e lembrou-se do sucedido no Poço de Songul, quando um repentino surto de energia o salvou de ser morto por dois arqueiros oarr. Na altura recebera algo; desta vez concedera-o, mas o quê? A Essência da Lâmina estava dividida entre ambos, apenas a morte de um conferiria plenos poderes ao outro, e contudo...

Kror não parecia disposto a reflexões, e o seu corpo tensionou-se quando outro relâmpago coriscou, despertando o guerreiro dos seus pensamentos e fazendo-o crispar os dedos no punho de Ancalach reflexivamente. Parecia haver apenas uma maneira de acabar com tudo...

Um trovão estrondeou quando os dois avançaram, mas algo mais se fez ouvir a meio do ribombo, algo cruel, desumano, e gélido como os ventos do Norte, algo que parou o combate nas ameias por breves instantes. Aewyre e Kror tiraram os olhos um do outro e viram o vulto entre dois merlões, ensoberbecendo-se sombriamente sobre os combatentes com dois pontos vermelhos brilhantes no lugar dos olhos. O guerreiro reconheceu-o.

Ele... em surdina.

Baodegoth viu-o e tornou a uivar, abatendo-se sobre os combatentes em fúria.

Ancalach! gritou um coro de vozes provenientes do vazio debaixo do seu maxilar superior enquanto fazia a linha de defensores recuar com violentas ceifadelas da sua porosa espada negra. Os drahregs urraram, inspirados pela presença do moorul, e carregaram contra os já vacilantes conscritos.

Ainda assim, Aewyre continuava dividido entre Kror e Baodegoth, pois o "tendão" nunca estivera tão tenso como naquele momento, exigindo o fim decisivo da contenda. Não foi senão quando um horriestridente grito se ouviu no ar e uma sombra voou contra Aewyre que o encanto por fim se quebrou, obrigando o jovem a baixar-se para evitar as garras que visavam a sua cara.

"Não, não é possível...", pensou, olhando para trás e vendo a sombra assumir a furiosa forma da harahan, cujo braço estava entalado. *"O Kror, o moorul, e agora a harahan? O que é que se está a passar aqui?"*

Por sua vez, o drahreg pareceu ficar possesso ao ver Hazabel e investiu contra ela antes que o guerreiro pudesse decidir o que fazer. A harahan, Kror, Baodegoth... acabou por optar pelo moorul, ciente de que estava a desperdiçar a oportunidade de obter respostas a respeito da sua alegada filha e de terminar de uma vez por todas a contenda da Essência da Lâmina. Brandiu Ancalach e juntou-se aos conscritos na cada vez mais desesperada defesa da barbacã.

Kror rosnava ao arremeter de alfanges em riste contra uma surpresa Hazabel, que obviamente não esperara encontrá-lo tão longe das estepes e que provavelmente o confundira com um drahreg comum.

Não, idiota! O que estás a fazer? Kerhex na sua cabeça.

Sim, Kror! Cumpre a tua promessa! Sassiras's. Hazabel tornou a mesclar-se às sombras e deslizou pelo adarve na direcção de Aewyre, mas o drahreg não estava disposto a deixá-la escapar tão facilmente e arrojou o alfange de pomo rubiáceo, que girou pelo ar, sibilante. A harahan sentiu algo afiado morder-lhe a sombria coxa e assumiu a sua forma corpórea ao cair, derrapando pelo chão com o alfange a retinir ao seu lado. Kror empunhou o seu outro alfange com ambas as mãos e correu com intentos assassinos na direcção daquela que causara a morte de tantos dos seus irmãos, daquela que mutilara a Venerável, cujo fetiche parecia arder-lhe sobre o peito. Viera para Aemer-Anoth, porque o rasto da harahan o conduzira ao mar e porque sentira a sua vinda na direcção da fortaleza, e agora estava na hora de cumprir o papel de vingador que assumira. Porém, a poucos passos de Hazabel surgiu um conscrito que o tomou por inimigo e arrojou uma lança na sua direcção. Kror girou em si e deflectiu-a com o alfange, mas o humano desembainhou a espada e atacou-o, berrando pela sua morte. O drahreg desviou facilmente a sua espadada e passou-lhe o gume do alfange pelo interior do braço, desarmando-o e acutilando-lhe o pescoço de seguida. Quando se virou, algo duro lhe vergastou os rins, desequilibrando-o, e a outra

metade da haste da lança que Hazabel empunhava atingiu-o de seguida na barriga, encaixando-se seguidamente na sua nuca e puxando a sua cabeça contra o joelho da harahan. Krór não esperara tal força e rapidez e o seu mundo ficou turvo, mas ainda viu a cara de dentes cerrados de Hazabel antes de a haste o atingir em cheio na sua, atirando-o rodopiante para o chão. A única coisa que o salvou de ser varado pela lança foi a aparição de outro conscrito que atacou Hazabel e que teve atravessado na barriga o destino que lhe fora reservado. E então a escuridão desceu.

Aewyre decapitou um drahreg, cuja cabeça rapada rodopiou por cima das dos combatentes, regando-as com sangue que rapidamente foi lavado pela chuva. Baodegoth estava a poucos passos de distância, espalhando caos e morte pelos defensores que não haviam recuado, mas os drahregs pareciam querer impedir o guerreiro de medir aço com ele.

Saiam-me da frente, desgraçados! aparando uma machadada, batendo num escudo, cortando um pulso, desferindo um pontapé na desprotegida canela de um adversário e fazendo a sua

””cabeça estalar com uma pancada do pomo de Ancalach.

O moorul reparou no seu esforço e pareceu decidir compensá-lo, pois os drahregs à sua frente gritaram *de* surpresa dor quando a espada negra lhes lanhou as costas.

Ancalach! o bizarro coro de vozes a gritar.

É esta! Aewyre, passando a espada pelo abdómen de um drahreg e pelo seu dorso, abrindo caminho para o moorul. Estava demasiado imerso no júbilo da batalha para sentir medo ou dúvidas. Vem buscá-la!

Baodegoth aceitou o desafio e investiu com uma violenta espadeirada descendente que o guerreiro desviou, obrigando o moorul a baixar-se com um corte horizontal de duas mãos que lhe decepou três dos recurvos chifres do elmo. A espada negra voltou e Aewyre cruzou as pernas, orientando a ponta de Ancalach para baixo e bloqueando o golpe que visara o seu joelho. As duas lâminas roçavam asperamente uma na outra devido à textura escabrosa da espada do moorul, criando uma áspera música enquanto se lambiam uma à outra. Baodegoth conseguiu atingir o adversário no braço, mas o braçal deflectiu a lâmina sem perigo e o jovem pôde ripostar com um corte rente à cabeça que arrancou dentes à caveira. Os olhos do moorul brilhavam, mas falhavam em incutir medo a Aewyre devido à determinação

do guerreiro e à situação de conflito generalizado a meio da qual se encontravam. Um drahhreg surgiu no meio de ambos e teve a perna decepada pelo guerreiro e a cabeça escachada pelo moorul, roubando apenas esse instante de atenção aos dois combatentes.

Dá-nos a espada ou morre, humano! uma voz, deixando a lâmina de Ancalach deslizar pela porosa espada e oscilando-a em arco, atingindo o joelho de Aewyre.

O jovem desequilibrou-se e a joelheira atingida bateu no chão, deixando-o ajoelhado perante o adversário, que trouxe a espada pelo caminho inverso e na direcção do pescoço de Aewyre. O guerreiro empunhou Ancalach com ambas as mãos e recebeu o golpe com os copos da espada, nos quais a encalhou para ganhar tempo para se levantar. Baodegoth resistiu, mas Aewyre continuou a exercer pressão e torceu os copos, passando a lâmina do moorul por cima da sua cabeça e esmurando-o como seguimento do movimento. A sua manopla esraçalhou o que sobrava do maxilar superior de Baodegoth, mas este não pareceu afectado e respondeu com um golpe das costas da mão que atirou o jovem para trás apesar de apenas o atingir de raspão. Aewyre colidiu contra um grupo de drahhregs e levou uma machadada que lhe amolgou a espaldeira esquerda antes de se virar para os enfrentar. Sabia que o moorul vinha atrás de si, mas não podia ignorar as restantes ameaças e estocou a garganta do inimigo mais próximo. Um outro atacou-o enquanto a ponta de Ancalach ainda estava alojada debaixo do queixo do drahhreg que acabara de matar, e o jovem aparou a espadeirada instintivamente com o braço, aliviado ao ouvir o retinir metálico do arnês que se esquecera de estar a envergar. O drahhreg que o agredira tentou golpeá-lo outra vez, mas Aewyre desviou-se, puxou Ancalach rapidamente, pegou no drahhreg degolado pelos cabelos e atirou-o para trás e contra o moorul, que se atrapalhou tempo o suficiente para Aewyre entrar pelo terceiro golpe do adversário adentro e deslizar a espada pela axila do drahhreg, sacando-a bruscamente para lhe cortar o músculo peitoral. Interrompeu o ataque de um terceiro a meio e cortou-lhe os dedos que agarravam o cabo do machado que empunhava, feito o qual Baodegoth tornou a exigir a sua atenção.

Dá-nos Ancalach! forçando o jovem a desviar a sua estocada e a responder com uma que passou por baixo do seu maxilar desfeito e atravessou o guarda-nuca de cota de malha do seu elmo. Dá-nos Ancalach! batendo de forma bruta na espada do adversário para a afastar.

Mas será que nada te cala? o guerreiro, demasiado atento ao combate para reparar que o moorul falava de si no plural. Começava a sentir-se cansado, pois já era a sua segunda batalha num único dia e ainda não tirara o arnês, pelo que os seus golpes eram cada vez mais violentos e executados com menos perícia.

Interceptou o altabaixo seguinte de Baodegoth com uma pancada dura na lâmina, deixando Ancalach seguir o seu percurso natural e oscilando-a de seguida num arco vertical por cima da cabeça que fendeu o elmo do moorul, baixando-lhe violentamente a cabeça. Aewyre tentou decapitar o seu adversário, mas este absorveu o golpe com a espaldeira, que foi fendida, e respondeu com uma poderosa pancada que colidiu violentamente contra Ancalach, fazendo o guerreiro cambalear para trás. Ao recuperar o equilíbrio, Aewyre cortou o jarrete a um drahtag e enterrou um dos gumes de Ancalach na nuca de outro enquanto Baodegoth se erguia. Os conscritos estavam a ceder visivelmente ante a pressão do inimigo, e o jovem soube que teria de fazer algo depressa a respeito do moorul, mas antes que pudesse tomar qualquer iniciativa algo gritante embateu contra o seu flanco, derrubando-o e deslizando com ele pelo chão.

Hoje morres, Aewyre Thoryn! a harahan histericamente, procurando os seus olhos com as garras.

Aewyre esbracejou para manter as mãos da mulher longe da sua desprotegida cara e conseguiu afastá-la com um murro no queixo, encostando-se às ameias laterais da barbacã para se erguer. Baodegoth surgiu de repente, empunhando a sua espada com ambas as mãos com o intuito de lhe escachar a cabeça. Aewyre desviou-se, e a lâmina embateu contra a pedra, mas o pé acerado do moorul colidiu contra a sua escarcela e impediu-o de se levantar. O guerreiro deixou-se cair de lado e aproveitou o movimento para golpear o tornozelo de Baodegoth, separando-lhe o pé da greva e rebolando pelo chão para ganhar distância. Baodegoth cambou e teve de se apoiar com uma mão num merlão, mas antes que Aewyre pudesse aproveitar o momento de adaptação do moorul, Hazabel tornou a gritar nas suas costas e empurrou-o de barriga contra as ameias. O jovem arfou bruscamente, grunhindo quando os fortes dedos da mulher se crisparam no seu cabelo e lhe puxaram a cabeça com tal força para trás que por pouco não lhe partiram o pescoço. A mão de Aewyre ergueu-se mais por instinto que por qualquer outra razão e agarrou o pulso entalado da harahan antes que esta enterrasse as garras na sua garganta. Os dois ficaram num impasse, tremendo ao medirem forças embora o braço

que lhe visava a garganta estivesse bem mais fraco do que o que lhe estava quase a arrancar os cabelos.

Causaste-me muito sofrimento, rapazinho... disse Hazabel venenosamente ao seu ouvido, com os seus dedos hirtos de unhas negras a escassa distância dos olhos do guerreiro. Agora vais...

Aewyre viu o moorul aproximar-se de espada erguida pelo canto do olho e impeliu-se para trás, aproveitando a força com a qual a harahan lhe puxava a cabeça e sentindo a porosa lâmina de Baodegoth rasar-lhe o queixo. Caiu sobre Hazabel, que arfou ruidosamente debaixo do seu peso, e rebolou de cima dela para uma vacilante posição de combate. Baodegoth não lhe deu refolgo e obrigou-o a menear Ancalach para desviar os seus incansáveis golpes, que forçaram o guerreiro a recuar para fora da barbacã e para perto das escadas que desciam coladas à muralha. Estava a afastar-se demasiado dos conscritos, mas o moorul não exigia menos do que a sua total atenção enquanto o mantinha à defesa com a sua incessante saraivada de golpes. Uma desajeitada defesa fez com que o jovem tropeçasse para a esquerda, onde deparou com Hazabel, que lhe amolgou a espaldeira e braçal esquerdos com o golpe de um machado que apanhara e o fez cambalear de volta para o moorul. A espada de Baodegoth colidiu violentamente contra a sua couraça inferior, derrubando-o, e Aewyre caiu de costas com a cabeça à beira do adarve, virando-a e vendo, as escadas em baixo. Desviou-se para o lado para evitar a nova espadeirada de Baodegoth, que repenicou contra pedra, e respondeu com uma cutilada que lhe penetrou por baixo da espaldeira, mas o seu adversário não tinha carne para cortar e desferiu-lhe um pontapé na barriga que o atirou do adarve abaixo. O jovem clangorou pesadamente contra as escadas, expelindo todo o ar dos seus pulmões com o impacto e batendo com a nuca num degrau. A única sensação que teve foi a de que não doeu tanto como devia ter doído, mas o seu mundo andou à roda e todos os sons ficaram embotados quando o ruído seco do embate do seu crânio contra pedra lhe ressoou pela cabeça. Ficou paralisado durante alguns instantes até a couraça dorsal do seu arnês escorregar pelos degraus molhados e o deixar estendido de lado sobre a escadaria. Aewyre apoiou as mãos nos degraus e levantou-se, agarrando Ancalach com força por medo que os seus dedos o traíssem e encostando o ombro à face interior da muralha para se estabilizar. Baodegoth descia as escadas, coxeando, mas uma sombra voadora contornou-o e planou na direcção do jovem, que antes que pudesse reagir viu Hazabel materializar-se à sua frente e arremeter

com o ombro contra si, esmagando-o contra a muralha com o impacto e esmurrando-o de seguida com tal força que o guerreiro deu uma volta, respingando água do cabelo e caindo pelas escadas abaixo.

Quenestil e Tannath debatiam-se pelo adarve, esbracejando e esperneando, até que o eahan conseguiu ficar em cima e libertou um braço, com o qual prontamente esmurrou o adversário. A sua mão esquerda agarrou-o pelos colarinhos e o shura tornou a agredi-lo, outra vez, e outra, e mais outra, rosnando e nada mais querendo além de matar o maldito eahanoir, nem que tivesse de o fazer com as mãos nuas. O braço ferido de Tannath foi ignorado e começou a vasculhar freneticamente a pedra molhada do adarve até crisar os dedos no couro do punho de uma das suas armas.

Morre, desgraçado! o shura, rebentando o lábio ao adversário com outro golpe e soltando um grunhido de surpresa quando algo aguçadamente frio lhe mordeu o ombro. Tannath torceu o estilete e rasgou a carne de Quenestil, que gritou de dor e libertou o eahanoir, permitindo-lhe tirá-lo de cima de si.

Os dois levantaram-se atabalhoadamente, e o eahan atacou antes *tu*, que o adversário fizesse uso da arma, mas Tannath desferiu-lhe um pontapé certo no estômago e outro com o calcanhar na cabeça, deixando-o encostado às ameias de joelhos e com os braços sobre um merlão. Preparou-se para lhe chutar o dorso, mas Quenestil virou-se rapidamente e deslizou com as pernas pelo chão, varrendo o pé do adversário e derrubando-o. Tannath caiu de costas sobre o adarve e o shura desferiu-lhe um desajeitado soco assim que este tentou erguer o tronco, ficando lado a lado com ele no chão. O eahanoir arrastou-se para o lado oposto e pôs os pés entre si e Quenestil, pontapeando-o na cara com ambos para ganhar tempo para se levantar. Os dois encararam-se então um ao outro, ofegando e sangrando das suas feridas. O shura tinha as marcas sujas e molhadas dos pés do eahanoir na cara, que também estava manchada com o sangue proveniente da sua têmpora e boca, e a ferida aberta no ombro ardia-lhe. Tannath tinha um lábio rebentado, o vermelho proveniente da sua testa mesclava-se ao da tatuagem do seu olho esquerdo e colava-se ao desalinho de madeixas pendentes, e o seu braço esquerdo pendia, gotejando sangue e água das pontas dos dedos.

Sabes o que é que me contaram acerca do teu amigo antes de eu partir? o eahanoir, cuspiendo cuspe vermelho para o lado.

Quenestil estacou e pareceu empalidecer perante a menção de Babaki.

Estofaram-lhe o corpo e agora deve estar a decorar a sala de entrada de um prestigiado eahanoir...

Um relâmpago iluminou Aemer-Anoth e Quenestil atacou, gritando de raiva. Tannath estocou em frente, mas o shura bateu-lhe no pulso, afastando-lhe a arma, e enterrou o cotovelo direito no seu epigastro, erguendo o punho cerrado e esmurrando-lhe a cara com as costas da mão. Cingiu o pescoço do eahanoir com o mesmo braço e arrojou-o por cima do seu ombro para o chão, já com o punho esquerdo erguido para o golpear, mas Tannath deu um pontapé para trás e acertou na cabeça do eahan com a canela, saltando para os seus pés de seguida com um golpe de chicote de ambas as pernas. Quenestil tornou a investir quando o trovão ribombou e oscilou selvaticamente com o punho, do qual Tannath se baixou, agarrando o eahan pelas costas e puxando-o contra o seu joelho, no qual embateu com o estômago. Curvado, o shura levou seguidamente com o outro joelho na cara, e uma rasteira frontal atirou-o ao chão de barriga para baixo. O eahanoir quis chutá-lo na barriga, mas Quenestil agarrou-lhe a perna e puxou-o para o chão, no qual ambos tornaram a rebolar até Tannath conseguir por fim ficar em cima, ameaçando a garganta de Quenestil com a lâmina do estilete. Tanto um como o outro mediam forças com os braços feridos, enquanto os dois se debatiam pelo estilete. Tannath grunhia de dentes cerrados, tremendo com o esforço e prometendo morte ao adversário com os seus olhos, enquanto Quenestil mantinha os seus na aguçada ponta do estilete, cuja proximidade oscilava.

Primeiro tu... Tannath com a voz apertada e dentes sangrentos. a Slayra. Mas com ela demoro mais tempo... muito, muito mais tempo.

Não! o shura, largando o pulso esquerdo do eahanoir, agarrando-lhe a parte interior do cotovelo com a mão livre e executando-lhe um movimento de alavanca com o braço armado, enterrando-lhe o estilete no coração.

Tannath soltou um arfar sufocado, acometido de um espasmo, arregalou os olhos e olhou para o pomo da arma que ainda empunhava. O seu sangue quente brotava às golfadas sobre o peito de Quenestil, que o fitava com um olhar vítreo, quase maníaco, e a sua cara foi a última coisa que o eahanoir viu.

Porra, Quenestil... em surdina, tombando de lado e de braços estendidos que ainda arranharam a pedra do adarve enquanto a

vida lhe escorria para fora do peito. Os seus olhos fixaram-se no tempestuoso céu, e não se fecharam perante o faiscar de outro relâmpago.

O shura levantou-se a custo, agarrando o ombro ferido e incapaz de tirar os olhos do maldito eahanoir, mas nesse momento os ruídos da batalha pareceram voltar e chamaram-lhe a atenção para as ameias, nas quais Worick se debatia contra o azigoth e os conscritos tentavam a custo expulsar os drahregs que já haviam entrado. O eahan forçou as suas pernas a correrem para junto do thuragar, ignorou o seu arco ocarr caído no chão, pois o fio decerto já estaria ensopado e inútil, e pegou no machado de um conscrito caído antes de entrar na peleja.

Aguenta-te, Worick! partindo a coluna a um drahreg pelas costas à machadada.

Nem penses em salvar-me outra vez, eahan dum raio! o thuragar de cabeça encolhida e com os olhos cobertos de sangue, agarrado ao pescoço do azigoth e com o bico recurvo do seu martelo nele espetado. O azathrax batia-lhe repetidamente com a espada e com a cauda, mas Worick não largava.

Quenestil bateu no escudo de um adversário, que foi golpeado na perna pela espada de um conscrito, e esmagou a laringe de outro com a ponta do cabo do machado.

Aguentem firme! vendo que Worick estava demasiado ocupado para encorajar os defensores. firme!

Aewyre caiu de ombros no pátio interior, cujo piso de terra batida se convertera num autêntico lamaçal, e deu uma cambalhota para trás, parando por fim a sua violenta queda pelas escadas abaixo. Todo o seu corpo era dor, os cabelos da sua cabeça pendente tocavam na lama e apenas os seus trémulos cotovelos lhe sustiam o tronco. Ancalach continuava milagrosamente na sua mão direita, mas não estava certo de ainda ter forças para a empunhar. Doía-lhe tudo, estava cansado e tinha a certeza de ter torcido algo, senão mesmo o corpo inteiro. Ergueu Ancalach a custo e espetou-a no chão, apoiando-se nela para erguer o seu torso dorido, e conseguiu arrastar o joelho de uma perna e levantar a outra para ficar numa ofegante posição ajoelhada. Ergueu a cara meio tapada com cabelos molhados e enlameados e viu que Hazabel e Baodegoth desciam a escadaria na sua direcção, embora duvidasse de que estivessem a oscilar tanto quanto a sua visão dava a entender. O moorul coxeava com uma confiante calma, mas a harahan corria pelos degraus abaixo de garras hirtas como as de um predador.

Os dois... como podia vencer os dois...? E os drahregs... já os via a empurrarem os conscritos, pressionando-os pelas escadas e muralha fora, para longe da barbacã tomada.

Levantou o braço esquerdo e apoiou-o nos copos de Ancalach para se erguer e ao menos resistir com dignidade, mas reparou num pormenor que o deteve. A sua visão fosca distinguiu algo fino e amarelado que pendia do seu ameigado braçal esquerdo, e o guerreiro pegou nele, puxando-o para fora do amachucado resguardo e focando os olhos no estranho objecto sobre a sua enluvada mão aberta manchada de sangue e lama.

Uma mecha de cabelo louro entrançado.

Aewyre crispou os dedos nela e levou o cerrado punho à cara, apoiando o cotovelo no joelho e exalando de olhos fechados.

”Lhiannah, sua estúpida!” pensou, e então o grito de Hazabel encheu-lhe os ouvidos.

Os seus olhos abriram-se bruscamente, duros como aço, e o guerreiro ergueu-se para enfrentar a sombria forma semimaterializada da harahan prestes a cair-lhe em cima. Para grande surpresa desta, Aewyre ergueu ambos os braços, agarrou-a em pleno ar e arremessou-a por cima da cabeça, fazendo-a baquear de costas no chão e deslizar pela lama. Pegou em Ancalach de seguida, arrancou-a do chão e brandiu-a ao subir as escadas de encontro a Baodegoth, defrontando-o com a Espada dos Reis empunhada com ambas as mãos. O moorul não se mostrou impressionado e atacou da sua posição superior, deixando a perna decepada atrás para se equilibrar, e Aewyre recebeu as suas espadeiradas com vigor, desviando, aparando e batendo na porosa lâmina com força que faria o seu mestre levar as mãos à cabeça. Baixou-se de uma cutilada horizontal, impeliu a espada do moorul contra a muralha com uma pancada e golpeou-lhe o braço esquerdo pela cotoveleira, que cedeu com um agudo ruído metálico ao ser seccionada do braçal. Baodegoth não sentiu dor, mas recebeu logo de seguida um violento golpe que lhe fendeu o elmo de lado, deixando uma peça de metal retorcida sobre a sua caveira. Ripostou com uma espadeirada lateral, mas Aewyre baixou-se e golpeou-lhe a ilharga com força, deixando o adversário perto o suficiente da beira das escadas para o empurrar com um pontapé. O moorul caiu e o guerreiro viu o grupo de conscritos e drahregs que combatiam enquanto desciam pelas escadas, mas optou por correr a encontro de Baodegoth e acabar de uma vez por todas com o maldito acossador. Saltou das escadas para cortar caminho, e Hazabel voou obstinadamente na sua

direcção assim que os seus pés chapejaram na lama, esperando apanhá-lo pelas costas, mas Aewyre virou-se e acutilou a forma sombria da mulher de lado, fazendo-a ir contra a parede. Hazabel agarrava o ventre com ambas as mãos, olhando para o sangue negro que vertia do seu ferimento com olhos arregalados e empurrando o seu corpo com os pés contra a parede para se manter de pé. Aewyre derrubou-a com um golpe das costas da mão esquerda, virando-se ao ouvir metal ranger para encarar um enlameado Baodegoth, que investia, coxeante.

Dá-nos Ancalach, humano! tornou o coro de vozes a exigir, enfatizando com um tremendo altabaixo que o guerreiro facilmente desviou com um toque de Ancalach, entrando de seguida pela defesa do adversário adentro.

Ela passou a lâmina pelo que seria a garganta do moorul, decepando-lhe a caveira e o elmo e arrancou parte da joelheira da perna boa por trás com um golpe transversal para baixo, trouxe a Espada dos Reis para cima e para baixo, deslocando a espaldeira esquerda de Baodegoth - tua! O seu último golpe resvalou na couraça do moorul, mas foi desferido com suficiente força para o derrubar.

Com o moorul à sua mercê, Aewyre preparou-se para o despedaçar, mas um peso abateu-se sobre as suas costas e uma já não tão forte mão tapou-lhe a boca e o nariz, enquanto a outra lhe agarrava o braço esquerdo.

Mataste-me, Aewyre Thoryn... disse a rouca voz de Hazabel ao seu ouvido, crepitando com sangue que lhe subia pela garganta. Mas morro com a satisfação de saber o que está reservado para a tua... para a *nossa* filha...

A sua filha...? A distracção por pouco não provou ser fatal, pois Baodegoth o que sobrava dele erguia-se, animado por uma vontade que parecia estar além da vida ou da morte. Vinda de nenhures, uma cacofonia de vozes isoladas fez-se ouvir em seu redor.

O nosso propósito!

Ao nosso alcance!

Ancalach!

Sangue!

Livres!

ANCALACH.

Aewyre não quis acreditar quando viu a carcaça do moorul de pé a empunhar a espada de forma reversa e a erguê-la com o intuito de o empalar. A sua reacção foi imediata e instintiva. Levou o joelho

direito ao chão e curvou-se, apresentando as costas de Hazabel à ponta da porosa lâmina, que nelas se enterrou, varando-a e embatendo secamente na sua couraça dorsal. O jovem ouviu o sufocado arfar da harahan ao ouvido e, ainda ajoelhado, libertou o seu braço esquerdo para agarrar o pomo de Ancalach e impeliu a espada com toda a força para cima, soltando um grito de raiva. A Espada dos Reis forçou a sua passagem através da fresta da couraça peitoral, atravessou o que quer que continha no seu interior e perfurou a couraça dorsal, saindo do outro lado.

O que sobrava de Baodegoth estacou, e os três combatentes ficaram parados num obscuro quadro de morte durante o que pareceu uma eternidade, até que Aewyre se desembaraçou de Hazabel e se viu forçado a largar a espada para sair debaixo do moorul, afastando-se ao ver que este ainda se mexia. Drahegs e conscritos batalhavam e caíam do adarve e das escadas, mas naquele momento Aewyre só tinha olhos para a harahan, que se contorcia de barriga na lama com a negra espada atravessada nas costas, e para o moorul, que tremia e executava gestos bruscos com Ancalach atravessada na sua couraça. Estaria a absorver o sangue da mulher para se curar?

”Deuses, será que nada o pára?”, interrogou-se o guerreiro, esperando pelo próximo movimento do adversário.

Porém, Baodegoth nada fez além de se contorcer como Hazabel, embora Aewyre tivesse a nítida sensação de que algo se estava a passar. Não era só a chuva que aumentara de intensidade; o ar ficara subitamente mais pesado no pátio, um sentimento primordial e anciano revelou-se em cheiro e sensação, e um zumbido estático alojou-se no ouvido de todos, imperceptível de início mas rapidamente assumindo um volume perceptível. Baodegoth torceu a espada e a harahan arfou roucamente, erguendo a cara enlameada com a boca a sangrar, pálida de morte. Ancalach fervilhava na armadura do moorul, que parecia estar a recompor-se ao mesmo tempo que se desintegrava. O metal cor de sangue pisado do seu arnês assumiu uma consistência quase líquida, mantendo a sua forma e consistência, mas moldando-se e fluindo livremente ao mesmo tempo. Quando Aewyre julgou que o seu adversário estava mesmo a sarar e se preparou para investir, o zumbido deixou de ser estático e tornou-se mais audível, aumentando gradualmente de intensidade. Um relâmpago despejou luz sobre o pátio, mas não teve qualquer efeito nas sombras que, como tentáculos, se começaram a contorcer para fora da ferida causada por Ancalach, cingindo Baodegoth num abraço umbroso enquanto este

era acometido de convulsões cada vez mais violentas. Hazabel esticou o pescoço uma última vez com a boca aberta sem que dela saísse som algum e Baodegoth começou a cambalear à volta do eixo representado pela sua espada cravada na harahan. Nesse preciso momento, o zumbido revelou ser um grito que todos ouviam como se proferido à distância, mas que tendia a aumentar progressivamente. Sitiados e sitiados pararam de combater em Aemer-Anoth, sentindo eles também a indefinível perturbação além do germinante grito que todos ouviam nas suas cabeças.

Worick e Bathrazhúl interromperam a sua acirrada contenda; Quenestil ficou com o machado erguido, pronto a desferir um golpe; Krór despertou com um ofego, olhando em redor; humanos e drahregs olhavam para o pátio ou na direcção deste, incapazes de ignorar o que se estava a passar embora não soubessem de que se tratava. Baodegoth estava coberto de sombras que serpenteavam dentro e fora do seu corpo, e Aewyre foi incapaz de combater o instinto primário de recuar daquele que sentia ser um perigo terrível e desconhecido. O grito tornava-se lancinante, e muitos taparam os ouvidos na tentativa de o abafar, mas ele não iria ser silenciado. Era um grito de dor, de inimaginável agonia, de fúria e alívio, todas juntas no rebentamento vocal de algo ou alguém que nada mais podia conhecer além do sofrimento. A lama aos pés de Baodegoth começou a borbulhar, e Ancalach contrastou com as sombras que o envolviam, brilhando como um feixe de sol e irradiando ofuscantes raios de luz. O horrendo grito ameaçou rebentar os tímpanos a todos ao atingir o seu auge, e nesse momento desceu um relâmpago dos céus que se abateu sobre Baodegoth, explodindo com um faiscante clarão, expelindo Ancalach do moorul como um projectil e forçando todos a cobrirem os olhos. Aewyre foi projectado de costas para o lamacento chão, e a Espada dos Reis singrou pelo ar até embater agudamente com o pomo contra a cortina sul da muralha e cair ao chão.

Quando descobriram os olhos, os combatentes viram o círculo fumegante para dentro do qual a lama líquida se recusava a escorrer e no qual se encontrava a carcaça carbonizada da harahan e um vulto ajoelhado. O fumo dissipou-se rapidamente, e o vulto revelou ser um cabisbaixo homem arnesado com as mãos estendidas aos seus lados e os joelhos enterrados no chão. Todos os olhos na bastilha incidiam sobre ele em silêncio absoluto, com um misto de inexplicáveis pavor e admiração. Aewyre apoiou os cotovelos na lama e levantou a cabeça para ver o que acontecera, sentindo cada gota de chuva na pele da cara

escaldada pelo calor do relâmpago. A cabeça do homem ergueu-se quando outro raio faiscou, e todos deram um involuntário passo atrás, independentemente da distância à qual se encontravam dele. O seu joelho ergueu-se e o homem levantou-se, deixando a chuva lavar a lama que manchava o seu esplendoroso arnês cor de sangue pisado e olhou em redor, avaliando o que o rodeava enquanto um trovão ribombava. Alto, com cabelos cor de azeviche, mais belo do que o sol da alvorada, mais terrível do que a tempestade que fustigava a fortaleza. O terror que causou nos conscritos foi palpável, mas a reacção dos drahregs foi bem diferente. Como um só, o Primeiro Pecado levou os braços ao ar e urrou em puro arrebatamento, fazendo as pedras de Aemer-Anoth tremer.

Nunca ninguém o vira.

Todos sabiam quem era.

O FLAGELO RENASCIDO

Toda a esperança acabou para os defensores quando a onda negra rugiu. A cortina sul estava prestes a ser tomada, a barbacã fora cedida e o rastrilho desta era erguido por ogroblins que haviam passado por baixo dos escombros da torre, arrombado o portão e que agora abriam passagem aos ulkekh lens que esperavam ansiosamente atrás deles.

A batalha tornou-se um massacre com pontos de resistência isolados e vacilantes, e a determinação dos conscritos passou a desespero. O Flagelo de Allaryia regressara. O Anátema vivia. O Segundo Pecado estava entre eles. O Bastardo iria matá-los a todos.

Aparentemente alheio ao terror que provocava, à chacina que se desenrolava e à intensa chuva que o regava, colando-lhe os negros cabelos à cabeça, Seltor continuava a olhar atentamente em redor como um animal após longa hibernação. Aewyre não conseguia obrigar o seu corpo a erguer-se da lama, nem sequer a tentar fazê-lo, tal era a proximidade do Flagelo. O próprio Usurpador de Deuses estava a poucos passos de distância, ignorando-o por enquanto, e Ancalach fora projectada para longe que lhe passasse sequer pela cabeça empunhá-la contra o Flagelo naquele momento. A sua vontade era fugir, mas estava demasiado aterrorado para sequer se mexer, quanto mais combater. Seltor ergueu a mão direita, olhando com interesse para os dedos enluvados enquanto os flectia, como se estivesse desabituaado ao corpo. Conscriitos eram massacrados na escadaria e no adarve em seu nome, mas não lhe mereciam a atenção que foi direccionada para Aewyre. O jovem sentiu-se ser varado contra o lamacento chão, embora o Anátema nada mais fizesse além de olhar para ele.

Aewyre Thoryn... disse numa voz calma, profunda e sedutora, que de alguma forma se fez ouvir a meio dos ruídos da batalha e da chuva. O jovem ficou paralisado, incapaz de reagir perante a sua atenção.

O rastrilho da barbacã rangeu, e os ulkekh lens gatinharam atabalhoadamente para o pátio, escorregando pela lama de encontro ao seu senhor, atrás do qual os drahegs que desceram pela escadaria se postaram, as suas armas vermelhas com o sangue dos defensores. A luta continuava sobre a muralha, mas a hoste de Asmodeon começava a concentrar-se atrás do Flagelo, aguardando as suas ordens. De um lado estava Aewyre, deitado de costas na lama e incapaz de se mexer; do outro, Seltor com um crescente exército às suas costas.

Devo-te muito, meu rapaz afirmou, alheio a tudo menos ao aterrado jovem. Não havia qualquer hostilidade na sua cativante voz, mas os seus penetrantes olhos despiam Aewyre até ao âmago do seu ser, trazendo ao de cima os seus mais primários medos. Nada disto teria sido possível sem ti.

Enquanto falava, os ogroblins debaixo da barbacã posicionaram barrotes da torre para susterm o rastrilho e entraram eles também no pátio, bramindo e ansiando por morte mas detendo-se respeitosamente atrás do seu senhor. Drahegs mostravam os dentes e rosnavam, ulkekh lens esgravatavam o lamacento chão com as garras, todos se enlevavam com a eminente presença de Seltor, filho de Luris, geradora do Primeiro e Segundo Pecados.

Não tem de terminar assim, Aewyre Thoryn, não são necessárias mais mortes hoje assegurou-lhe, cobrindo o exército de Asmodeon com um gesto aberto de ambas as mãos. Eles pararão a uma palavra minha. Para isso preciso apenas de que tu...

O rastrilho da barbacã norte ergueu-se com o som de metal a raspar em pedra e correntes a rechinarem, chamando a atenção de todos para o portão de entrada. Passos apressados ressoaram pela ponte levadiça, e o tilintar e o franger de metal precederam o batalhão de sirulianos que surgiu. Um coro de possantes vozes gritou algo em Eridiaith que fez o exército inimigo dar um involuntário passo atrás e que despertou Aewyre do seu paralisante pavor, permitindo-lhe arrastar-se de costas para trás na direcção da força de alívio. Centenas de sirulianos dispuseram-se ordeira e rapidamente numa coluna de batalha, apresentando uma frente de piques reforçados por alabardas nas filas anteriores. Os Miliciares e Ajuramentados envergavam armaduras com placas corrugadas desprovidas de ornamentos, elmos afunilados

com babeiras em forma de relha de arado, empunhavam compridas armas de haste de lâminas possantes e enormes e afiados espadões às costas. Avançaram o suficiente para que dois homens pegassem em Aewyre e o puxassem para dentro das suas fileiras e detiveram-se a dez longos passos do Flagelo e do seu exército.

Dentro de um mar de braços e pernas arnesados, o ainda amedrontado guerreiro tentou sem grande sucesso recuperar a sua presença de espírito enquanto era arrastado para as fileiras de trás. Acabou por ser atirado para o chão na retaguarda da coluna, e um Ajuramentado virou-se para ele, desembainhando o seu grande espadão.

Vai, Aewyre Thoryn entregando-lhe a arma nas confusas mãos e apontando para o topo da barbacã. ajudar a princesa.

A... princesa...? Aewyre sem perceber, confuso e abalado. O jovem siruliano contudo nada mais adiantou e retomou o seu lugar na fileira, deixando o jovem a olhar para o topo da barbacã sem nada ver.

Porém, assim que distinguiu o barulho de uma refrega vindo de cima, lembrou-se de repente de que nenhum conscrito fora destacado para a barbacã norte, mas alguém abria o rastrilho para permitir a entrada aos sirulianos.

Lhiannah! por fim, escorregando para os seus pés e correndo de espada em riste para a porta lateral que levava às escadas da barbacã, todos os seus medos esquecidos.

Os sirulianos encaravam os seus inimigos declarados em silêncio e imóveis como estátuas, enquanto estes rosnavam e rugiam e bramiam atrás do seu senhor, aguardando a ordem para atacar. Um relâmpago estalou, banhando os contendores com luz branca que se reflectiu nos arneses dos defensores de Aemer-Anoth. Seltor cobriu as filas de majestosos guerreiros arnesados com os olhos, parecendo fitar cada um e ler-lhe a alma, e ao acabar abanou a cabeça em desprezo.

Convosco é impossível falar erguendo ambas as mãos bruscamente. Uma força invisível arrancou dezenas de sirulianos das linhas da frente, arrojando-os por cima das cabeças dos seus companheiros e contra a muralha.

Os drahregs berraram e carregaram sobre os seus detestados inimigos com ulkekh lens aos seus calcanhares e ogroblins às costas. A fileira de sirulianos recompôs-se com grande rapidez e disciplina e receberam a investida de armas aprestadas, apresentando uma linha

firme de pontas de piques. O embate deu-se com violência, e com o ruído de madeira a esstraçalhar-se, metal a embater, gritos de morte e o ribombar de um trovão, e depois as pesadas alabardas sirulianas desceram com aterradores gritos em Eridiaith. Seltor permanecia de mãos erguidas enquanto o seu exército explodia em seu redor, mas algo o fez estacar repentinamente, como se tivesse sido golpeado nos rins, e olhou para trás, para a cortina sul da muralha leste.

Worick, Bathrazhúl, Quenestil e todos os que se encontravam nas ameias do vértice olhavam pasmados para a distante figura que se erguia do fumegante círculo, mas a quietude foi quebrada quando uma onda de furor percorreu a hoste inimiga, incitando-a a um frenesim assassino que rebentou por todo o lado. Os conscritos não estavam prontos para o que se seguiu, e muitos tombaram antes que conseguissem sequer reagir. Bathrazhúl soltou um guincho estrídulo, passou Dalshagnar para a mão do braço no qual Worick espetara o bico do martelo e agarrou-o com a mão livre, atingindo dois drahregs à sua frente ao usar o corpo do thuragar como uma marreta. O azigoth agarrou então a espada com ambas as mãos e levou-a acima para partir Worick ao meio, mas um machado rodopiou na sua direcção e a cunha enterrou-se com um estalo na sua asa direita. Bathrazhúl guinchou de dor, vacilando, e o seu guincho aumentou de intensidade quando o thuragar lhe martelou o pé, partindo-lhe uma das garras e rebolando por baixo das suas pernas de seguida. Quenestil desviou-se da espadeirada vertical de um drahreg, esmurrou-o, baixou-se e desembainhou o facalhão ao evitar uma machadada que acabou por atingir um adversário atrás de si, cortou o jarrete ao agressor e agarrou-o pelos cabelos, espetando-lhe a arma na garganta. Vislumbrou uma lança caída no adarve e agarrou-a, correndo a acudir Worick. O thuragar levantou-se atrás do azathrax e martelou-lhe a ilharga, partindo vários espinhos com a pancada. Bathrazhúl guinchou, girou em si e espadeirou Worick em cheio de lado, atirando-o de costas contra as ameias, nas quais embateu com um drahreg atrás de si. O azigoth arrancou o machado da sua asa direita e decepou um conscrito ao seu lado, preparando-se para atacar o thuragar quando ouviu o grito de Quenestil, que investiu de lança em riste e lha espetou no flanco. Worick aproveitou a distração e atacou o azathrax, embatendo contra o adversário com o ombro e caindo com ele para fora do adarve. Bathrazhúl bateu na escadaria da muralha e caiu de costas no lamacento pátio com o thuragar em cima.

Outra vez...! o shura em surdina, desferindo uma cotovelada na cara de um drahreg e saltando para a escadaria para acorrer Worick.

Bathrazhúl esbracejava e adejava selvaticamente debaixo do thuragar, fazendo lama respingar por todos os lados, e Worick tentava a custo contê-lo o suficiente para lhe dar uma martelada na cara. Porém, a força da criatura era demasiada e acabou por conseguir tirar o empecilho de cima de si, erguendo-se então com as asas enlameadas e o seu sangue roxo a tingir o chão em redor. Pisou o thuragar com o seu pé são, imobilizando-o, e pegou na espada caída na lama para acabar de vez com o incomodativo adversário que já o magoara demasiado. Quenestil galgou os degraus e derrapou ao aterrar no piso escorregadio do pátio, caindo de nádegas perto de Ancalach, que estava meio imersa na lamarosa água. O eahan nem se questionou quanto ao porquê de a Espada dos Reis se encontrar ali e pegou nela sem mais demora, empunhando-a com as lamacentas mãos e investindo contra Bathrazhul, que se limitou a bater directamente na lâmina para a arrancar das mãos do shura e derrubá-lo.

Agora morres, refugio de humanos... o azigoth na sua voz vibrante, erguendo Dalshagnar com ambas as mãos de ponta para baixo sobre a cabeça. O faiscar de mais um relâmpago iluminou o seu grotesco semblante, de cujas inúmeras protuberâncias e espinhos pingava chuva.

Worick olhou o seu executor nos olhos, mas foi forçado a fechá-los quando algo escarlate e brilhante explodiu na espada, originando um guincho de Bathrazhul e fazendo-o tirar o pé de cima de si. O thuragar rebolou para o lado, grunhindo como um porco na lama, e levantou-se de pernas vacilantes, sendo forçado a dar vários passos atrás para se estabilizar. Quenestil estava ajoelhado com o atordoado azigoth entre si e Ancalach, mas acorrido perto da espada estava um recém-chegado que o eahan não reconheceu. Um homem moreno e de robusta estatura baixa olhava em redor com ar perdido, envergando um singelo corselete de couro e roupas de viajante que não o distinguiam de forma alguma de qualquer outro conscrito. A sua encrespada barba não era feita há semanas, e o emaranhado dos seus espessos cabelos negros foi a custo alisado pela intensa chuva, que escorria irregularmente por eles. Bathrazhul recuperou então, olhando com espanto para a cavidade vazia na guarda de Dalshagnar na qual anteriormente estivera a facetada gema vermelha e para o humano que subitamente surgira do nada. Farto de interrupções, o azigoth soltou

um ruído vibrante parecido com um rosnido e alçou a Língua Negra para aniquilar o novo incômodo, mas o homem surpreendeu os três ao dar uma cambalhota em frente para se desviar do golpe e erguer-se com Ancalach já empunhada, completamente transfigurado e com um ribombo de trovão para enfatizar a alteração. Havia algo no seu olhar e postura repentinos que o denotavam como sendo perigoso, mas Bathrazhúl não se deixou intimidar e tornou a atacar antes que Quenestil ou Worick pudessem fazer qualquer coisa. O humano tornou a surpreendê-los ao avançar em vez de se defender, e algures no movimento que executou o pulso que empunhava Dalshagnar separou-se do resto do braço, ficando a flutuar pelo ar. Outro borrão acerado, e o ferrão com o qual o azigoth atacara ao mesmo tempo foi decepado; outro borrão, e o homem estava atrás de Bathrazhúl, empunhando Ancalach com ambas as mãos dos braços estendidos, e a cabeça do azigoth reboiou incrédula pelo ar, mergulhando de cara numa poça quando o tempo retomou o seu passo normal, e pulso, ferrão e corpo tombaram, chapejantes.

Quenestil e Worick ficaram boquiabertos nas mesmas posições, olhando para o desconhecido com um misto de espanto e temor.

”Mãe, nunca vi nada tão rápido...”, pensou o eahan, erguendo-se devagar como o fana perante uma cobra, temente de que esta reagisse mal ao seu movimento.

Pedras me partam... o thuragar, baixando o martelo. posso...

O humano relaxou a postura e baixou os braços, olhando para os dois guerreiros que desconhecia, esperando por uma reação que os denunciasses como amigos ou inimigos.

Aezrel Thoryn... Worick, reconhecendo por fim o homem que vislumbrara tantos anos atrás na última assembleia de Nolwyn como nação.

O homem inclinou a cabeça, vertendo a água que se acumulara sobre o seu encrespado cabelo.

E... o meu nome numa voz rouca. Aezrel desaparecera havia vinte anos, mas não parecia ser mais velho que Allumno. Onde estou?

Antes que Quenestil ou Worick pudessem responder, Dalshagnar levantou voo e singrou para longe dos três. Aezrel empunhou Ancalach com ambas as mãos, dando por fim atenção ao aglomerado de homens que vira à distância e reconhecendo entre eles aquele a cuja mão a Língua Negra foi parar.

Seltor... disse em surdina, esquecendo por completo os seus interlocutores e avançando a passo moderado na direcção do seu algoz.

Thuragar e eahan olharam com forçosa admiração para ambos os contendores, sentindo que estavam a presenciar o reatar de um duelo havia muito adiado, mas assim que as hostilidades foram abertas perceberam o quão perigoso era ficarem a observar. Seltor golpeou bruscamente o ar com Dalshagnar, mas o seu golpe reverberou num sombrio arco ascendente na direcção de Aezrel, que executou uma guarda alta e o desviou com um agudo ruído em tudo idêntico ao embater de duas lâminas. Desviado, o golpe veio na direcção de Quenestil e Worick na forma de ar distorcido e trémulo, e os dois atiraram-se ao chão, ouvindo-o embater estridentemente na muralha. Aezrel respondeu com uma espadeirada sua, também ele golpeando o ar, mas a cinética do seu golpe cortou a chuva na direcção de Seltor, que o espedaçou com uma oscilação de Dalshagnar. O thuragar olhou por cima do ombro enquanto Quenestil observava, fascinado, e viu o lanho na pedra causado pelo golpe desviado.

Anda, eahan disse-lhe, agarrando-o pelo ombro. Temos que sair daqui.

- Não o ajudamos...? perguntou o shura sem grande convicção.

Como? Servindo-nos às postas ao... pedras me partam, não acredito que seja mesmo O Flagelo! E o Azrel Thoryn... mas anda. Aquele homem sabe cuidar de si.

Os dois levantaram-se e ponderaram rapidamente as suas opções, que consistiam em voltar para a cortina sul, combater nas ameias da barbacã ou participar na batalha no pátio. Worick viu que a cortina estava perdida, mas os drahregs que entrassem iriam ao menos defrontar os sirulianos de frente, pelo que se tratava de um mal menor. O combate nas ameias da barbacã norte ainda estava acirrado, o que provavelmente queria dizer que restava uma bolsa de resistência dos conscritos. Participar na batalha implicaria passar pelo Flagelo e atacar o inimigo por trás, o que podia ser eficaz se fossem mais. Também lançou um olhar à torre da enfermaria, mas esta estava fora de perigo por enquanto.

Anda, vamos subir disse o thuragar, apontando para a escadaria que conduzia à torre flanqueante da muralha leste. Se os drahregs tomarem a barbacã norte, podem atacar os sirulianos pela retaguarda. Os outros devem estar lá. Vamos!

Allumno despertou do seu transe meditativo com um sobressalto, soltando um arquejo de surpresa e tentando estabilizar-se com as mãos a seus lados. Libertara Aezrel. Conseguiu. Olhou em redor, pensando que o pai de Aewyre pudesse estar próximo de si, mas constatou que o interior da torre flanqueante estava vazio, e que do exterior vinham os ruídos da batalha que ainda não terminara. Pegou no cajado, descruzou as pernas e ergueu-se com um grunhido de esforço por causa do joelho, apoiando-se com a mão livre à parede. Assim que se virou para a porta ao seu lado, deparou com um drahreg a sangrar de um ferimento no olho, que gritou assim que o viu e preparou-se para o varar com a espada antes que o mago tivesse tempo para esconjurar um feitiço.

Algo afiado o rasgou por trás, e o drahreg tombou, roncando, dando lugar a um outro com dois sangrentos alfanges empunhados. Kror estava ferido, mas não parecia ter perdido o alento para lutar como os conscritos massacrados que Allumno viu estendidos pelo adarve.

Vem, humano. Tens de sair daqui disse, virando-se para aparar a espadeirada de outro drahreg e lhe passar o alfange pelo ventre.

Allumno aniquilou outros dois com um leque de chamas azuladas que saiu da sua mão de dedos estendidos.

Onde estão os outros? perguntou a Kror enquanto este cravava o alfange no adversário que tombara. A barbacã estava praticamente vazia, mas no pátio desenrolava-se uma acirrada batalha entre sirulianos e o exército inimigo, e havia drahregs a combaterem na barbacã norte.

Não sei respondeu o Kror, desviando uma espadeirada e escachando a cabeça de outro.

Allumno entoou palavras arcanas e tentou impelir o último drahreg à vista para fora das ameias com uma força invisível, mas esta esvaneceu-se nos seus resquícios de Entropia e o inimigo arrojou um farpão na sua direcção. O alfange de Kror interceptou-o a tempo, espedaçando a arma, e o escaramuçador que a arremessara teve o pescoço cortado pelo drahreg ao investir com uma falcata.

Vem disse o mago, sem tempo para se sentir aliviado. Mais drahregs subiam pela escadaria da muralha para se juntarem aos que combatiam na barbacã norte, onde os seus restantes companheiros certamente estariam caso ainda estivessem vivos. Vamos ajudá-los.

Kror não levantou qualquer objecção e seguiu Allumno, que se deteve subitamente a meio da barbacã semeada de cadáveres, olhando fixamente para o pátio.

Em nome de todos os deuses... vendo o extraordinariamente rápido combate de dois guerreiros isolados, que de imediato identificou.

Lhiannah aparou o altabaixo do drahreg, desferindo-lhe um pontapé na virilha que o curvou e uma bordoadada com o pomo da espada no elmo. A princesa defendia a entrada para a barbacã norte com o que sobrava dos conscritos e os feridos que trouxera consigo da enfermaria. Ninguém esperara o ataque durante a noite, e Lhiannah estivera a observar o decorrer da batalha do topo da torre da enfermaria, assistindo horrorizada ao virar da maré aquando do aparecimento do azigoth. Tomara então uma decisão e corra a chamar todos os feridos que estivessem minimamente aptos a combater, armando-os com o que havia à mão e com o que tinham vestido e conduzindo-os pela muralha oeste até à barbacã norte. Algo sucedera então, algo visceral que se fizera sentir no ar, acompanhado de um horrendo grito que quase roubara todo o alento ao seu grupo. Lhiannah vira então os sirulianos sobre a ponte levadiça baixada a gritarem-lhe que abrisse o rastrilho para se poderem juntar à batalha e a sua brigada de feridos assim fez, acolhendo de seguida na barbacã os conscritos escorraçados.

Agora tentavam travar a investida dos drahregs que subiam à muralha com o intuito de atacarem os sirulianos pela retaguarda. Lutavam num espaço apertado à entrada da barbacã, que não permitia a entrada a mais do que dois inimigos de cada vez e que começava a ficar atulhado de cadáveres drahregs com alguns humanos à mistura. Os defensores eram constituídos por homens com mais ligaduras do que armadura e que empunhavam ferros de cautério, espadas cheias de bocas, machados embotados e afins armas descartadas. O desespero era a única força que os instigava a combater, pois já nenhum nutria esperanças de vencer a batalha; queriam apenas sobreviver. Lhiannah gritava e grunhia, os seus braços ardiam e a camisa de Aewyre que vestia estava colada ao seu corpo pela chuva que apanhara ao vir para a barbacã. A sua espada subia e descia, recuava, estocava e torcia, gotejando sangue drahreg a cada movimento, mas surgia sempre mais um para substituir o que acabara de morrer. Uma lançada vinda detrás de um adversário que combatia raspou-lhe o ombro, mas a arinnir ignorou a dor, agarrou a haste da lança, puxou-a para bater na cabeça do drahreg à sua frente e enfiou-lhe a ponta da sua espada debaixo do queixo.

Lutem! os conscritos. não podem entrar!

Aewyre surgiu de rompante das escadas, mas apenas os conscritos que estavam atrás da barreira humana à saída para a muralha o viram. O guerreiro avistou os cabelos louros de Lhiannah no meio da peleja e chamou pelo seu nome, mas não se conseguiu fazer ouvir. Os homens gritaram-lhe qualquer coisa, mas Aewyre também não percebeu e olhou em redor. Não tinha espaço para manejar o espadão siruliano, e não havia maneira de conseguir passar para a linha da frente a menos que puxasse os homens um por um, pelo que optou por continuar a subir, ignorando os gritos dos conscritos. Chegou até ao chuvoso topo da barbacã norte e inclinou-se sobre as ameias que davam vista para a muralha, cujo adarve estava repleto de drahregs que tentavam entrar na barbacã. Subiam pela escadaria da muralha leste, mas a sua passagem era barrada por dois homens, um dos quais empunhava duas espadas curvas e o outro fazia iridescentes feitiços. Não via Quenestil nem Worick, e pelo vislumbre que lançou ao pátio, o exército de Asmodeon fazia-se em pedaços contra a sólida coluna de sirulianos. Aewyre tomou uma irreflectida decisão, saltou para cima das ameias e delas pulou para a muralha, para cima da chusma de drahregs. Um relâmpago faiscou nas suas costas, e a visão do guerreiro em pleno ar, gritando com abandono e uma enorme espada empunhada, estarreceu os drahregs que olharam para cima e sobre os quais Aewyre se abateu, amortecendo a sua queda com eles e deixando-se cair de frente sobre os outros, confiando no arnês para o proteger do pior. O guerreiro afastou-se dos surpresos inimigos com um empurrão e pegou no espadão com ambas as mãos, varrendo-os com um devastador golpe acompanhado de um ribombo que decepou vários e atirou outros das ameias abaixo para o fosso. Aproveitou o abalo dos inimigos para se virar rapidamente para trás e atingir os que se haviam apercebido do inesperado ataque, voltando-se de seguida para os da frente. A lâmina siruliana era maior e mais pesada que a de Ancalach, e o guerreiro fez o máximo uso do ímpeto que o seu peso lhe conferia, oscilando-a sobre a cabeça e cortando ar e drahregs com um ruidoso chofre.

Kror e Allumno aguentavam a muralha sozinhos, impedindo os drahregs que subiam pela escadaria de pousarem um único pé sobre o adarve. Os alfanges zumbiam, sangrentos, a voz do mago não tinha descanso e os degraus da escadaria estavam escorregadios com chuva e sangue dos corpos sobre eles empilhados. Os Miliciares e Ajuramentados estavam a sair-se bem contra a investida do inimigo e Seltor

estava totalmente absorvido no seu combate com Aezrel; cabia-lhes a eles aguentar a secção da muralha para salvaguardar a retaguarda da coluna siruliana, mas os drahregs formigavam quase ininterruptamente da hoste principal para subirem pela escadaria.

Allumno optou por uma abordagem mais criativa ao problema e manipulou a água da chuva que escorria pelos degraus abaixo, vaporando-a e confundindo os drahregs com uma súbita nuvem de vapor que fez com que vários tropeçassem ou caíssem. A confusão permitiu a Kror recuperar o fôlego, e nesse preciso momento Worick e Quenestil surgiram da torre flanqueante a correr.

Tu! o thuragar ao ver Kror. bestiaga...!

Worick, espera! Allumno, interpondo-se entre os dois com o cajado em ambas as mãos. é...

Eu sei o que ele é, um monte de esterco preto traidor! acusou, apontando para Kror com o pingante espeto do martelo.

Traidor? Ele salvou-me e esteve a combater a meu lado... Worick, não!

O thuragar berrou e avançou de martelo erguido contra Kror, que se desviou e viu um drahreg surgir da cortina de vapor e ficar com a cabeça do martelo quase enfiada na sua. O thuragar empurrou o moribundo da muralha com um pontapé e apontou um dedo a Kror.

Não sei qual é o teu jogo, mas vou ficar de olho em ti, drahreg. Outros dois surgiram do vapor, presas fáceis para uma oscilante martelada que os apanhou a ambos e os atirou pela escadaria abaixo.

Olhem, na barbacã! Quenestil, apontando na direcção referida com um machado drahreg de lâmina em forma de meia-lua que apanhara.

Os quatro olharam para a barbacã norte e viram um guerreiro isolado a defrontar uma enfiada de drahregs no adarve da muralha.

E o Aewyre! Allumno.

Temos de o ajudar! Worick, rachando mais uma cabeça. tu e o eahan aguentam isto?

Temos que o fazer, não é? Quenestil resignadamente, avançando de machado em punho para tomar o lugar do thuragar.

Eu e o drahreg aqui vamos lá. E ai de ti se te virares contra nós

outra vez...

Kror mostrou os dentes a Worick e tomou a dianteira, correndo para o torreão na ponta da base da bastilha.

Boa sorte, e cheguem-lhes a valer! desejou Worick, seguindo o drahreg.

Allumno vociferou algo de seguida e apontou com ambas as mãos para as silhuetas que se mexiam no vapor, descarregando uma rajada escarlate sobre elas. Quenestil aguardava de machado erguido, rosnando com um pé no adarve e o outro num degrau.

Aewyre não parava de oscilar os braços, segando todos à sua frente numa sangrenta colheita de corpos desmembrados. Anéis de cota de malha voavam, sangue irrompia de cotos decepados, metal era ameigado, couro e carne eram rasgados pela possante e afiada lâmina. O guerreiro sentia-se cansado, muito cansado, mas a única alternativa era largar a arma e deixar-se trucidar pelos drahregs, pelo que continuou a golpear e lanhar. Ouvia a voz de Lhiannah a gritar algo nas suas costas, mas não se atrevia a olhar para trás, não podia tirar os olhos dos adversários por um instante sequer. Provavelmente já tinham morto os drahregs que haviam ficado para trás, mas não o podiam ajudar a combater devido ao espaço de que necessitava para manejar o espadão siruliano. Teria de aguentar, embora não soubesse até quando, mas a ajuda veio por fim na forma de várias figuras arnesadas de cabelos brancos molhados que de repente se ergueram nas ameias da fortaleza do outro lado do fosso.

Os eahan frecharam em perfeita sincronia os seus longos arcos em forma de dois crescentes originantes do punho e soltaram uma saraivada reforçada com palavras em Eridiaith que ajudaram as setas a deslizar pela chuva e o vento até se cravarem nos flancos dos alvos. O efeito dos projecteis foi violento, pois os fios dos arcos eahan ainda estavam secos e a distância que separava ambas as muralhas não era grande. Aewyre pressionou quando os seus adversários vacilaram, e vários objectos rodopiantes arremessados pelos conscritos silvaram-lhe aos ouvidos, embatendo e espetando-se contra os drahregs à sua frente. Quando a segunda salva se abateu sobre o inimigo, o guerreiro viu Worick e Krór surgirem do torreão, martelando e acutilando a surpresa retaguarda drahreg.

Aewyre gritou de alívio, desbastando mais três adversários, e pegou no espadão a meio do comprimento da lâmina com a mão esquerda, usando-o como um cajado. Os conscritos atrás de si perceberam o sinal e investiram à espadada e machadada aos seus lados enquanto o guerreiro concutia com o pomo da espada e espetava com a ponta. Confusos e surpresos com o repentino ataque em três frentes, os

drahregs começaram a desbaratar, mas ao verem que ambas as saídas estavam barradas entraram em pânico e todos os que não saltaram da muralha foram sumariamente chacinados. Aewyre abateu o seu último drahreg com uma cutilada que enterrou a lâmina do espadão do ombro até meio da coluna vertebral do adversário. Worick praguejou ao ver o seu alvo escolhido saltar das ameias, e Kror cravou ambos os alfanques nas costas de um que acabara de derrubar. Os drahregs que ainda se mexiam eram os que se contorciam no chão com ferimentos, e os conscritos acabaram com o sofrimento desses rapidamente e com sádico prazer. O coração de Aewyre trovejava dentro do seu peito, parecendo ressoar pelo metal do arnês, e um fragmento da sua mente tentou convencê-lo de que a batalha acabara, que tudo estava terminado, mas os ruídos vindos do pátio desacreditaram-no impiedosamente. Kror ofegava a poucos passos de distância, e os seus orbes cruzaram-se fatalmente, atraindo, cativando, chamando...

Aewyre! disse uma voz feminina atrás de si.

Lhiannah... respondeu o guerreiro, virando-se e apoiando-se no ombro da princesa, que lhe agarrou o braço com a mão livre. Os seus cabelos louros estavam presos num molhado rabo-de-cavalo, os seus olhos azuis de pestanas molhadas pareciam maiores, a sua roupa branca ensopada e manchada de sangue que felizmente não era o seu. A Slayra, o Taislin...?

Estão na torre, barricados no último piso.

Os dois fitaram-se, e ambos viam atrás dos olhos um do outro um sem-fim de palavras que esperavam para serem ditas, mas que teriam de aguardar um pouco mais.

Aewyre! chamou-lhe Worick a atenção, acotovelando-lhe a faldra. O Allumno e o Quenestil são capazes de precisar de ajuda...

Onde? virou-se o jovem imediatamente, olhando para o pátio. A coluna siruliana tomara a ofensiva e avançava com ímpeto, desbastando o inimigo com alabardadas.

Ali, na muralha! indicou o thuragar, mas o jovem deu pela falta do Flagelo e apercebeu-se de que era uma das duas figuras isoladas que lutavam com uma rapidez como nunca vira.

Quem... quem é aquele? perguntou, incrédulo por ver alguém a defrontar o Bastardo cara a cara.

Lhiannah também o avistou pela primeira vez e ficou boquiaberta, e o mesmo se passou com todos os conscritos que olharam. Os dois combatentes estavam perfeitamente alheios à batalha e completamente absortos no seu duelo.

É o teu pai, não vês? disse o thuragar com o seu habitual tacto.

O quê? exclamaram o jovem e Lhiannah em uníssono.

Arre, o teu *pai*! Aezrel Thoryn! Não me perguntes de onde ele veio que eu não faço ideia, mas é ele e... ei!

Aewyre empurrou o thuragar abruptamente, desatando a correr desenfreadamente pelo adarve fora.

Espera aí! gritou Worick, que fora agarrado por um conscrito antes que caísse. Oh, que o martelo de Tharobar parta isto tudo... vamos atrás dele!

Em baixo, os sirulianos batalhavam contra o que sobrava da hoste de Asmodeon, avançando com precisão e disciplina na formação compacta contra a qual a massa de drahregs era rasgada como terra perante uma charrua de alabardas. Os ulkekh lens passavam por baixo das armas de haste e pernas dos sirulianos, mas eram prontamente pisoteados e poucos estragos conseguiam fazer. Os ogroblins tentavam esfaquear a formação, atacando com as suas massivas clavas, mas as pontas das armas de haste encolhiam-se como os espinhos de um animal retraído e os homens da fila dianteira ajoelhavam-se, baixando os compridos piques e espetando-os nas pernas e virilhas dos ferozes humanóides, que eram seguidamente talhados com precisão pelas alabardas. A meio da coluna encontrava-se um Miliciário que gritava em Eridiaith como se estivesse a dar ordens, e cada palavra sua era repetida em uníssono, aterrando o adversário, motivando os companheiros ou dando força adicional às armas. Equipada com as melhores armas e armaduras, extremamente disciplinada e rigorosamente treinada desde a mais tenra idade, a infantaria siruliana era unanimemente considerada a melhor de Allaryia, capaz de apresentar uma barreira inamovível ou investir como um aríete imparável, e os homens no pátio faziam jus à sua reputação, matando os filhos do Flagelo às centenas.

A meio do pátio, Aezrel Thoryn digladiava-se corpo a corpo com Seltor, e Ancalach e Dalshagnar lambiam-se agudamente, respingando água a cada embate. A esfarrapada capa do Flagelo esvoaçava, e os pés de ambos derrapavam pela lama e pisavam poças sem nunca perderem o equilíbrio, deslocando-se em frenéticos passos de uma mortífera dança. Os seus movimentos eram tão rápidos que mal podiam ser acompanhados a olho nu, e as lâminas pareciam estar em todo o lado enquanto deslizavam pelo ar, cortando-o sibilantes. Seltor

apareceu um golpe transversal, baixou a lâmina para bloquear outro que visava o seu joelho e teve o seu altabaixo desviado por uma defesa alta que de seguida se converteu num corte direccionado ao seu jarrete. Soltou a mão direita antes que o golpe o atingisse e percutiu Aezrel no ombro direito com a manopla, afastando-o de si a deslizar pela lama. Enquanto o adversário estava no chão, O Flagelo tornou a empunhar Dalshagnar com as duas mãos e descreveu um arco ascendente que avançou contra Aezrel na forma de uma undíflua reverberação sombria que relhava o chão molhado enquanto se aproximava, espirrando água e lama para os lados. O humano deu uma cambalhota para o lado e respondeu com um golpe seu, cujo revérbero de ar distorcido embateu contra o de Seltor, estilhaçando-se com ele. Os dois deslizaram então em redor de um eixo invisível com passadas laterais, brandindo as espadas e golpeando com elas como se estivessem a combater adversários invisíveis, mas os embates davam-se no ar, estridentes e faiscantes. Ambos pararam em perfeita sincronia, cada movimento a provocar uma resposta automática, e correram na direcção um do outro, continuando a espadeirar o ar e a verem os seus golpes reverberarem e embaterem estridulamente. A distância certa, Aezrel girou Ancalach sobre a cabeça e Seltor baixou-se com a perna de trás estendida, deslizando contra o adversário até trazer Dalshagnar acima. As duas espadas gritaram ao entrecocar e ambos ficaram quietos pela primeira vez, fitando-se mutuamente à chuva por detrás das lâminas. Aezrel tinha Ancalach vertical entre ambos os olhos e Seltor espreitava por cima do gume horizontal de Dalshagnar. O Flagelo era mais alto do que o humano, mas estava numa posição meio acorçada que permitia a Aezrel olhá-lo de igual para igual. O semblante do Bastardo continuava como se lembrava dele: impossivelmente belo, uma imaculada escultura de mármore de elegantes feições e olhos capazes de descortinarem os mais profundos e recônditos segredos da alma.

Vinte anos... Seltor. anos dentro dessa maldita espada. Cada instante, agonia. Consegues imaginar, Aezrel? Destinavas-me a um fim bem mais cruel do que aquele que eu te reservei, não achas?

As lâminas roçaram uma na outra ao deslizarem ligeiramente com a força que ambos faziam, e Aezrel ajustou a perna de trás.

Nada que não merecesses, maldito o guerreiro. Poucos castigos seriam mais adequados aos teus crimes. E que queres dizer com vinte anos?

Gotas de chuva escorriam ao longo do gume de Dalshagnar, acumulando-se na guarda e pingando do dente incrustado no copo.

Que quero dizer? Meu caro, o tempo não parou enquanto estivemos aprisionados. Vinte anos passaram desde o nosso fatídico confronto. Quanto aos meus crimes, isso já são certamente conversas da tua bela esposa. sirulianos sempre foram irredutíveis nas suas injuriosas crenças a respeito da minha pessoa. Ah, ela morreu, sabias? lembrou-se o Flagelo de repente, erguendo as sobranceiras em quase sincera candura. desgosto do desaparecimento do marido foi mais do que pôde suportar, temo bem.

Mentes, desgraçado! Aezrel, afastando-se e retomando o ataque. como sempre! Dessa tua pérfida boca só saem mentiras!

O Flagelo aparou as ferozes espadeiradas do humano e dançou com elas, desviando-se e esquivando-se.

Infelizmente não retribuindo com um golpe transversal. aprisionado numa gema anímica, preso em estase, imune à passagem do tempo. desferiu dois reverses seguidos, obrigando Seltor a recuar. dos mais profundos desejos humanos, não? E certamente um destino consideravelmente mais suportável do que a agonia pela qual eu passei na tua pernicioso espada...

O humano conseguiu fintar Seltor com um revés para cima, torcendo os pulsos para o transformar num corte horizontal que rasou a cara do Flagelo, raspando-lhe o malar. Seltor gritou como se lhe tivessem cauterizado a face e recuou, oscilando amplamente com Dalshagnar para afastar o adversário. Aezrel levou o punho de Ancalach atrás e estocou em frente com firmeza, arrojando da ponta um filamento de ar distorcido que se projectou contra O Anátema, perfurando-lhe a escarcela e vertendo sangue negro da sua anca. Seltor tornou a gritar, cambaleando, e retribuiu em fúria com uma selvática oscilação da Língua Negra que sulcou o chão aos pés de Aezrel, fazendo água lamacenta irromper sobre o guerreiro e cegando-o momentaneamente. Desenhou logo de seguida um arco horizontal no ar antes que a água caísse, atravessando-a com a sombria reverberação do golpe, que embateu contra Ancalach e ainda escoriou o braço de Aezrel. Uma terceira oscilação fez o humano recuar mais uns passos e os dois oponentes fizeram um novo intervalo, ficando apenas a olhar um para o outro em mútua avaliação, ofegantes e totalmente alheios à batalha que se desenrolava a poucos passos de distância. O sangue negro de Seltor escorria do ferimento no seu malar, escurecendo-lhe o

lado direito da face. Ao que parecia, Aezrel não perdera nenhuma da determinação de o matar, mas também, vinte anos de êxtase não permitiam grandes reflexões...

Vamos acabar isto, Aezrel O Flagelo, empunhando Dalshagnar atrás e apresentando-lhe um convidativo ombro.

O humano flectiu as pernas, pronto para tudo menos para a voz que ouviu.

Pai!

Os dois combatentes viraram as cabeças e viram um jovem alto e arnesado correr na sua direcção, empunhando um grande espadão siruliano com o qual podou um drahreg que estava no seu caminho. Aewyre ignorara os gritos dos seus amigos e corra pela muralha fora, passando por Allumno e Quenestil e descendo a escadaria contra a minguante maré de drahregs que por ela subia. Esquecera todo o medo, perdera todo o cansaço; era o seu pai!

Aewyre, espera! Allumno, vergastando um drahreg com o cajado a crepitar de energia escarlate.

Os seus companheiros e Kror haviam ficado para trás e foram forçados a lidar com a retaguarda do exército inimigo ao pé da escadaria quando a irregular brecha aberta pelo guerreiro se fechou. Aezrel viu que vários drahregs corriam atrás do jovem na sua direcção e cortou o ar com um revés, cuja reverberação diagonal passou por cima da cabeça de Aewyre e ceifou os inimigos que o perseguiam ao meio como uma grande foice. Seltor aproveitou a distração do humano e estendeu o braço esquerdo de mão aberta na direcção do rapaz, que estacou como se tivesse embatido contra uma parede invisível e foi alçado ao ar por uma força opaca, deixando a espada cair. Aezrel reverteu a oscilação de Ancalach e desferiu com ela uma cutilada contra O Flagelo, que a aparou, recuando de braço esquerdo estendido. Aewyre foi arrastado pelo ar, imóvel e emitindo ruídos sufocados, e quando Seltor semicerrou os dedos começou a gritar de dor.

Ele apanhou o Aewyre! Quenestil, alarmado ao escachar a cabeça de um drahreg do cimo da escadaria.

Um ogroblin surgiu, bramindo com uma enorme clava empunhada, e os companheiros saltaram da escadaria para a lama, deixando a arma embater violentamente nos degraus. Kror ficara para trás e pulou para cima da clava, correndo rapidamente por ela abaixo enquanto o ogroblin a alçava e acutilando-lhe a garganta ao mesmo tempo que saltava para fora do seu alcance. Lhiannah levantou-se atabalhoadamente da lama a tempo de bloquear a espadeirada de um

drahreg, e o machado de Quenestil esfaqueou as costelas do seu adversário enquanto este estava de braços erguidos. Ainda no chão, Worick apresentou o espigão do seu martelo a um ulkekhlen que lhe saltara em cima e empalou-o, enquanto Allumno cerrava olhos e dentes com a dor no joelho causada pela queda. Krór aterrou a poucos passos do mago, rebolando pelo chão e erguendo-se de alfanges cruzados para bloquear uma espada, passando de seguida um alfange pelo joelho do drahreg que o atacara. Vendo os companheiros encurralados contra a muralha, muitos os tomaram por presas mais fáceis do que os sirulianos ou que os conscritos que ainda defendiam a apertada escadaria. Desesperados, os cinco provaram-lhes o quão errados estavam. Aewyre tornou a gritar de dor, e Aezrel olhava alternadamente para o jovem e para O Flagelo.

Deixa o rapaz, Seltor. Por que o metes nisto?

Queres dizer que não o reconheces, Aezrel? admirou-se o Bastardo em tom quase reprovador de braço erguido. Olha bem.

Seltor torceu o pulso, e Aewyre foi virado de cabeça para baixo, aproximando-se de Aezrel, que olhava desconfiadamente para o Flagelo e não se atrevia a fazer mais do que vislumbrar o rapaz.

Deixa-me ajudar-te... ofereceu-se Seltor, circundando Aezrel com o seu filho. A cara de Aewyre passou a escassa distância da sua, e embora estivesse dependurada e os cabelos molhados lhe pendessem, houve algo nos olhos escuros do jovem e nas suas hirtas feições que despertou memórias no coração do velho guerreiro.

O queixo de Aezrel descaiu, e Ancalach baixou ligeiramente, mas então Aewyre tornou a gritar de dor e foi arrancado da sua presença, arrastado pelo ar até uma distância segura, e o guerreiro retomou a sua postura de combate. O seu olhar, contudo, era mais incrédulo que odiento.

O teu filho cresceu e tornou-se um belo rapaz, Aezrel elogiou o Anátema. Não me forces a matá-lo por causa da tua obstinação. Crava essa maldita espada no chão e eu solto-o.

O humano não mexeu um músculo sequer, claramente dividido, e Aewyre gritou em agonia enquanto a força tetra que o sustia começou a apertar mais, comprimindo-o dentro da sua armadura.

Embora para ti possa ser difícil acreditar, tudo o que eu quero é a Ancalach. Tu e o teu filho e todos os outros podem ir-se embora depois. Viverei bem comigo mesmo se não te matar, apesar de todo o mal que me causaste.

Ainda nenhuma reacção de Aezrel, que continuava imóvel.

O... meu exército está vencido, não tarda a debandar. Apenas a minha presença os instiga a continuar, mas nada mais resta para mim aqui. Espeta a espada no chão e *eu* vou-me embora. Hesita muito mais, outro grito estrangulado de Aewyre, e o teu filho morre.

O guerreiro atreveu-se então a olhar mais prolongadamente para o jovem, embora mantivesse Seltor na sua visão periférica. O Bastardo não mentia, não desta vez. Mas entregar-lhe Ancalach, enterrá-la no solo de Asmodeon, onde ele certamente a conseguiria de alguma forma aprisionar, deixá-lo escapar... todas as mortes, todos os bons homens caídos, mulheres e crianças massacradas e violadas... Zoryan, Torun, Sarea... tantas mortes a pesarem-lhe na consciência, a clamarem por vingança...

Outro grito do jovem, que sabia ser seu filho.

É o meu último aviso, Aezrel advertiu Seltor. Espeta a espada ou ele morre e nós retomamos a nossa contenda, e que o melhor ganhe.

O guerreiro baixou a cabeça e fechou os olhos, murmurando palavras que ninguém foi capaz de ouvir a meio da tempestade. Quando a ergueu, havia uma nova determinação na sua face que deixou o Flagelo na expectativa, mas acabou por erguer Ancalach e girá-la na sua mão, empunhando-a de forma reversa com a ponta apontada para o chão. O rei sem linhagem ficou nessa posição durante longas batidas de coração, olhando Seltor nos olhos enquanto a chuva escorria pela lâmina da sua espada e pelos seus cabelos ensopados. Seltor anuiu com a cabeça, incitando-o a fazê-lo de uma vez por todas e relaxando ligeiramente os dedos, o que aliviou a pressão sobre Aewyre, que gemeu de alívio. Aezrel olhou uma última vez para o seu filho, mexendo os lábios em palavras que este não pôde ouvir, e baixou-se lentamente, erguendo a mão que empunhava Ancalach. O Flagelo acompanhou a vagarosa descensão da Espada dos Reis com os olhos, crispando os ansiosos dedos no punho de Dalshagnar. A pingante ponta que já provara o seu sangue estava cada vez mais próxima do chão, uma presa acerada prestes a enterrar-se na terrosa carne de Asmodeon.

Uma gota de chuva pingou sobre o seu olho direito, e nesse momento o corpo de Aezrel explodiu em acção. Avançou com a perna traseira, levou o braço que empunhava Ancalach atrás e arremessou a espada rodopiante pelo ar contra Seltor, que arregalou os olhos assim que os abriu e virou a mão estendida na direcção do guerreiro. Aewyre

caiu de ombro no chão, enterrando metade da cara na água lamacenta, e dos dedos do Flagelo projectaram-se afiadas garras negras que se alongaram sinuosamente como serpentes sombrias pelo meio das quais Ancalach rodopiou. Aezrel foi empalado pelas garras, que perfuraram couro, pele e carne, saindo-lhe sangrentas pelas costas e alçando-o pelo ar. Ancalach atravessou Seltor de um lado ao outro no ventre, fazendo-o curvar-se e cambalear para trás, soltando um rouco grito ao sentir o aço queimá-lo por dentro.

Como um só, os drahregs, ulkekh lens e ogroblins vacilaram quando o seu senhor foi atingido, e os sirulianos abateram-se sobre os inimigos em fúria fria e implacável.

Eles estão a desanimar! Worick, martelando o peito de um drahreg que olhara para trás.

Lhiannah grunhiu em resposta, arrancando a lâmina da sua espada do torso de um inimigo, enquanto Quenestil percutia outro na nuca com a parte anterior do machado. Krór dançou por entre os seus congéneres, deixando para trás parceiros mutilados e feridos de morte, e Allumno semeou a desordem nos já abalados drahregs com uma flamância escarlate proveniente do seu cajado que queimou todos quantos tocou. O mago já gastara mesmo as suas reservas de energia, estava exausto e via-se forçado a fazer uso do cajado para canalizar pura Essência.

O Aewyre! Onde está o...

Os drahregs que retiraram permitiram-lhe ver o culminar do duelo entre Seltor e Aezrel. O guerreiro estava estendido no chão, contorcendo-se de costas e arrastando os dedos e calcanhares numa poça de lama e do seu próprio sangue. O Flagelo gritava de agonia com Ancalach atravessada no seu ventre, e assim que crispou ambas as mãos no punho da Espada dos Reis estes fumegaram, soltando o chio de pele e carne queimada até Seltor a conseguir arrancar do seu abdómen, atirando-a ao chão e deixando-se cair de joelhos na lama com um braço apoiado no chão e o outro a tapar a ferida. Estava visivelmente com dores, e a sua forma diluiu-se repentinamente com um grito de raiva e frustração, unindo-se às sombras da noite e desaparecendo da vista.

Pai! Aewyre, arrastando-se pelo lamacento pátio até Aezrel, que vasquejava como um animal ferido, olhando fixamente para o tempestuoso céu.

Irremediavelmente desmoralizado pela fuga do seu senhor, o que sobrava do exército de Asmodeon destroçou-se em pânico, e a coluna

de sirulianos avançou desapiedada sobre o inimigo em debandada, abatendo pelas costas todos os que estavam ao alcance das suas longas armas de haste. A chacina continuou até à barbacã leste, e muitos ogroblins e drahregs ficaram encurralados entre os apertados escombros da torre e os espadões que os sirulianos na vanguarda da coluna desembainharam, sendo cortados em pedaços até ao último humanóide.

Não houve, porém, qualquer grito de vitória aquando da retirada do inimigo. Os sirulianos terminaram a fria carnificina ordenadamente, afivelaram os espadões às costas e voltaram para os que haviam permanecido atrás e que se aglomeravam num círculo a meio do pátio semeado de cadáveres. Um respeitoso silêncio desceu sobre a bastilha, quebrado apenas pelo ocasional trovão enquanto os companheiros cercados de Ajuramentados e Miliciares observavam aquele que desconheciam mas sabiam ser um herói, aninhado nos braços do seu filho. Aewyre abraçava o seu pai, cuja pele morena empalidecia a olhos vistos e cujo sangue manchava o couro da sua armadura, tingindo a lama em seu redor de vermelho.

Pai? Pai? Está a ouvir-me? perguntou o jovem, abanando o guerreiro gentilmente.

Os olhos de Aezrel viraram-se para uns idênticos aos seus, escuros como os dos sulistas de Nolwyn, e o guerreiro disse entre tossidos sangrentos:

Aereth...?

Não, pai. É o Aewyre. Aewyre. Aguenta-se, por favor... pediu o jovem numa voz plangente, deslizando a mão enluvada até à nuca do pai, apoiada sobre o seu joelho.

Os companheiros estavam indecisos entre avançar ou não, mas algo na cena os impediu de darem um passo sequer em frente. Quenestil foi o único a tentar fazê-lo, atirando o seu sangrento machado drahreg ao chão ao avançar, mas Allumno agarrou-lhe o braço, abanando a cabeça.

Aewyre... suspirou Aezrel, acenando com a fraca cabeça. Meu filho...

Sim, pai. Eu estou aqui assegurou-lhe o jovem, agarrando-lhe a mão suja de lama. Aguenta-se. Os eahan...

A Adelayne? interrompeu o guerreiro, tossindo. E o Aereth? Onde estão?

Estão em Nolwyn, pai. Os dois. O pai não envelheceu nada! soluçou Aewyre, afagando os enlameados cabelos de Aezrel.

Então o desgraçado mentiu... alegrou-se o velho guerreiro, olhando para o céu que chorava em seu redor, criando anéis no alagado pátio com cada pingo. Eu sabia que ele estava a mentir...

Sim, ele estava a mentir concordou Aewyre sem saber ao que o seu pai se referia. E agora vai pôr-se bom e nós os dois vamos voltar para Nolwyn, onde o esperam há tanto tempo...

O toque frio e molhado de Aezrel na sua face surpreendeu-o, e o seu pai passou-lhe a avaliadora mão pela cara, deixando manchas de lama pela sua pele.

Meu filho... estás um homem... mais alto do que o teu pai... um ataque de tosse trouxe-lhe sangue aos cantos da boca, alarmando Aewyre.

Aguate-se, pai! Fique comigo, por favor! suplicou o jovem, agarrando a mão de Aezrel quando esta se afastou da sua cara. Tenho tantas coisas para lhe dizer, tantas perguntas para fazer... e o Aereth também, ele também precisa do pai... nós todos precisamos...

Diz... à tua mãe... que lamento. E que a amo pediu Aezrel, arranjando forças para retribuir o aperto na sua mão direita enquanto a outra agarrava o braço que lhe cingia a cintura. Tu e o Aereth... os meus filhos... tão pequenos quando parti...

Pai, pare com isso! Não vai partir outra vez! recusou Aewyre, apertando-lhe a mão com mais força. Não pode! Nós temos tanto que falar... não me deixe!

Adelayne... meus filhos... perdoem-me... murmurou Aezrel, inclinando a cabeça sobre o joelho de Aewyre e molhando a barba com o sangue que lhe escorreu do canto da boca.

Claro que perdoamos, pai! Claro que perdoamos! assegurou o jovem com a voz trémula, largando-lhe a frouxa mão para lhe pegar pela nuca. Mas não nos deixe, pai, por favor!

Eu fiz o melhor que podia... tive de o fazer... desculpem-me... pediu Aezrel, a sua respiração um estertor.

Pai...? Pai!

Ilegíveis e solenes, os sirulianos empunhavam as armas de haste e mantinham as cabeças respeitosa e baixas.

Pai...? perguntou Aewyre, sacudindo Aezrel suavemente. Worick baixou a sua cabeça e a do martelo, apoiando as mãos no pomo do cabo. Lhiannah tapava a boca com uma mão, abraçando a cintura com a outra. O shura tinha ambas as mãos sobre os ombros da princesa, recitando uma silenciosa elegia em Eahan. Allumno amparava-se pesadamente no seu cajado, fechando os olhos e abanando

lentamente a cabeça. Krór permanecia em silêncio, isolado no meio da multidão e observando a cena com ambos os alfanges baixados.

Pai...? o jovem, agarrando a cabeça do guerreiro com ambas as mãos, tentando que os seus olhos se cruzassem com os seus.

A mão de Aezrel caiu na poça tinta com o seu sangue, perturbando os anéis dos pingos da chuva e contraindo os dedos durante alguns instantes antes de parar de se mexer.

Pai... Aewyre, encostando a cabeça à de Aezrel.

Um relâmpago iluminou o derradeiro momento do rei sem linhagem nos braços do seu filho, seguido por um pesarosamente ribombante trovão.

SEQUELAS

- Ele sempre esteve lá disse Allumno aos presentes. O Flagelo esteve dentro de Ancalach durante vinte anos, tramando, espiando, agindo através de intermediários.

O mago e Worick eram os dois únicos companheiros presentes no salão da torre de menagem, e estavam a ser ouvidos pelo Castelão, sentado no cimo do estrado, o Factoto Caendal, o Mandatário Aelgar e o Patriarca Hanal, todos com os respectivos arneses envergados. A luz do sol da tarde entrava obliquamente pela janela elevada sobre o cadeirão, interceptada por Aedreth, cuja enorme silhueta ensombrava os dois companheiros, que ostentavam as sangrentas e lamacentas marcas da batalha na pele e nas roupas.

Dentro de Ancalach? ressoou a voz do Castelão. Aprisionado?

De certa forma. A sua essência passou para a lâmina quando o seu corpo foi presumivelmente destruído por ela no confronto com Aezrel, e de alguma forma persistiu, subsistindo na forma de uma manifestação senciente do seu poder. A presença sombria foi na verdade detectada por vários magos, incluindo eu, mas sempre interpretada como um vestígio residual do seu contacto directo com dois entes tão poderosos e malignos como Wrallach e Seltor, razão pela qual foi ignorada.

Worick olhou de soslaio para Allumno, descortinando a raiva fria atrás da rígida verbosidade com a qual respondia às perguntas dos sirulianos numa voz calma e comedida. O thuragar franziu o cenho e os três tenros arranhões que lhe atravessavam a testa, nariz e lábio superior protestaram.

Uma série de bizarros incidentes ocorreram com Ancalach, evidências de faculdades previamente desconhecidas e desconformes efeitos

sobre várias criaturas por ela mortas... todas elas ocasionadas pela vontade do Flagelo na sua procura por um hospedeiro adequado para ocupar.

Hospedeiro esse que encontrou em Aemer-Anoth... disse Caendal de braços cruzados.

De facto. Tratava-se de um moorul, de seu nome Baodegoth, que de alguma forma conseguiu seguir o rasto de Ancalach através de Allaryia até nos encontrar. É certo que expressava um desejo coincidente com o de qualquer outro da progénie da Sombra ao deparar com a Espada dos Reis, nomeadamente o de se apossar dela, embora duvido de que soubesse ao certo o que fazer com a espada, mas o facto de nos ter seguido por tão longa distância levanta muitas perguntas para as quais malogradamente não disponho de respostas. Julgando pelas descrições que me foram facultadas, creio que o renascimento do Flagelo tenha sido o resultado de uma *aziaga* série de convergências, que podem ou não ter sido arquitectadas pelo próprio. O moorul e uma harahan que também nos perseguia desde há longa data devido a uma quezília com o Aewyre atacaram-no no assalto final, e nesse confronto a harahan foi empalada pela espada negra do moorul enquanto este foi varado por Ancalach. Os moorul são essencialmente carcaças vazias desprovidas de vida, movidas pela essência vital dos que matam, pelo que se afigurava como o hospedeiro ideal. Com o veículo que portava o seu senhor atravessado no seu corpo, o moorul terá então dado início a uma permutação unilateral. Porventura a sua carcaça vazia não teria conseguido comportar a imensamente poderosa essência do seu senhor sem ser destruída, mas o facto de ter empalado a harahan terá resultado numa concatenação de energias que lhe permitiu resistir à pressão, auferindo de uma oportuna equanimidade de reacções opostas.

Worick não percebera rigorosamente nada, mas se o mesmo se passara com os restantes ouvintes, as expressões serenas destes não o acusavam.

E... Aezrel Thoryn? perguntou Aelgar.

Assim que divisei a gema facetada incrustada na guarda de Dalshagnar, ocorreu-me de imediato o destino de Aezrel, estando relativamente familiarizado com as vicissitudes de semelhantes artefactos explicou Allumno, indicando subtilmente a gema na sua testa com o indicador. Gemas facetadas como essa são comumente concebidas com o fim de aprisionar seres, absorvendo-os e deixando o prisioneiro em êxtase permanente até ser liberto. Julgo que o azathrax terá sido o seu anterior ocupante até ser forçosamente

substituído por Aezrel, feito o qual se terá apossado de Dalshagnar e decidido formar um exército para cumprir o seu propósito: espalhar a dor e o sofrimento. O que fez durante vinte anos, desconheço, mas os mais aparentes resultados do seu esforço foram ontem a custo destruídos. O mago pigarreou, respirando pelo que pareceu a primeira vez antes de continuar. De qualquer forma, assim que me apercebi das implicações da gema, transferi de imediato a minha consciência para o Pilar de Allaryia e introduzi-me forçosamente dentro dela. Tais jóias são essencialmente pequenas distorções no espaço físico de Allaryia, refractando-o como o fariam com luz, nas quais o corpo e a alma podem ser encarcerados à parte do mundo que os rodeia. A forma mais directa de libertação implica a destruição física da gema, mas visto tal estar fora do meu alcance, optei por um mero processo de distorção levado a cabo pela minha manifestação etérea, cuja presença no interior da jóia causou um efeito de refacção antagónico. A minha presença física em Allaryia permitiu à minha manifestação servir de conduta, libertando Aezrel.

Os sirulianos e o Patriarca ruminaram as palavras de Allumno, considerando todas as suas implicações.

O Flagelo... renascido disse Aedreth, cofiando a barba.

Em Aemer-Anoth aditou Aelgar.

Acarreado através de meia Allaryia por um jovem inconsciente acrescentou Caendal em tom de acusação mal disfarçado, e os seus olhos azuis pesaram sobre os dois companheiros que achou por bem trazer a única arma que O Flagelo teme para as mãos dos seus lacaios.

Allumno ficou mais hirto ainda e pareceu prestes a responder, mas Worick antecipou-se-lhe.

E vocês bem se aproveitaram disso! acusou, apontando o dedo. Sabiam que a Ancalach iria atrair os bichos como moscas para um cadáver e ter-nos-iam deixado lá a todos a morrer, não fosse pelo aparecimento do Flagelo, seus cobardes pomposos!

As feições dos três sirulianos petrificaram-se, e as do Patriarca enrugaram-se de pesar. Dos quatrocentos e dezassete conscritos apenas cinquenta e dois haviam sobrevivido aos dois dias de cerco, e desses apenas vinte e um regressariam relativamente sãos a casa; os restantes estavam mutilados ou de alguma forma incapacitados, e nada mais seriam do que fardos para as suas famílias.

Se fosse possível teres coração, thuragar disse o Factoto numa voz fria como aço diria que falavas dele. Sendo tu um

exemplar vulgar da tua raça, contudo, leva-me a crer que, na tua prodigiosa ignorância, apenas falas daquilo que não percebes e que podes portanto ser perdoado pelo que disseste...

Podes pegar no teu perdão e enfiá-lo no...!

Basta! vociferou Hanal, descendo do meio do estrado e colocando-se entre os dois grupos de protectoras costas para os companheiros. Não é a altura de arrojarmos culpas, sobretudo quando são inexistentes em ambas as partes! Estes dois homens e os seus amigos sofreram uma perda que toda Allaryia irá lamentar, e centenas de vidas foram perdidas nesta batalha! Será o thuragar quem verdadeiramente carece de coração?

As duras mas razoáveis palavras do Patriarca puseram fim à contenda, e o salão ficou-se silencioso. Caendal e Worick ainda ficaram a olhar um para o outro, mas nada mais disseram e Hanal baixou os braços, suspirando.

Não é de facto a altura para inculpações, Patriarca concordou Aedreth, coçando o nariz com o cotovelo apoiado no braço do cadeirão. O Flagelo ressurgiu, e medidas urgentes devem ser tomadas. Há muito trabalho a fazer, e quanto mais cedo começarmos, melhor. Allumno da Gema Vermelha e Worick de Taramon, quais os vossos planos e os dos vossos companheiros?

Dispomos de liberdade de escolha, Castelão? Aedreth acenou com a cabeça.

Estão ilibados e livres de partir, tal como ditam as condições da Lei da Conscrição de Clausura.

Assim sendo, de momento apenas posso falar por mim e comunicar-vos que partirei em breve. O regresso do Flagelo precipitou a minha decisão, e como haveis dito, medidas urgentes devem ser tomadas.

E Ancalach? lembrou-se o Factoto Caendal.

Allumno hesitou por um momento, como se estivesse a ponderar as suas palavras.

Não é do conhecimento geral, mas quando Ancalach foi forjada dos fragmentos da Lança de Istegard, Aezrel teve de auxiliar Tharobar a colmatar o dano no material quebrado, imbuindo a lâmina com um fragmento da sua própria alma. Por essa razão, a Espada dos Reis apenas resguardará quem a empunha do pernicioso poder do Flagelo se essa pessoa tiver o sangue de um Thoryn. Desejais porventura apropriar-vos de Ancalach e conservá-la nas cavas de Aemer-Anoth como chamariz para as hordas do Flagelo?

Não, assegurou o Castelão. Apenas desejo saber o que pretendem fazer com a única arma capaz de destruir o nosso inimigo comum.

A resposta inesperadamente calma de Aedreth fez Allumno cruzar os sossegados braços atrás das costas, suspirando o que quase eclodira como uma explosão de raiva.

Aewyre irá levar a Espada dos Reis consigo; o que com ela pretende fazer ainda desconheço. Agora, temos a vossa permissão para nos retirarmos, Castelão?

Aedreth tornou a acenar com a cabeça e indicou a porta do salão com a mão. Allumno fez uma contrita vénia, e Worick nem a isso se dignou, virando de imediato as costas aos sirulianos e preparando-se para se retirar. Apenas a voz do Patriarca os deteve.

Esperem! pediu, e os dois companheiros viraram-se para trás. Hanal dirigiu-se a eles e pousou as mãos sobre os seus ombros. Digam ao príncipe Thoryn que lamentamos a sua perda. E eu... lamento que tenham passado pelo que passaram. Se vocês ou os vossos companheiros precisarem de algo, venham à nossa estância. Nada que estiver ao nosso alcance vos será negado.

Era impossível duvidar das palavras do eahan. Allumno e Worick nutaram com as cabeças em agradecimento e o Patriarca largou-os, falando serenas palavras em Eridiaith que lhes aliviaram ligeiramente a raiva e o ressentimento que sentiam. Lançando um último olhar aos três inescrutáveis sirulianos, mago e thuragar saíram da sala.

Lhiannah caminhava por um dos solitários e parcamente iluminados corredores da torre de menagem, acompanhada apenas pelo eco dos suaves passos das suas imundas sapatilhas eahan. A camisa roxo-azulada emprestada por Aewyre estava salpicada de sangue, e as bocas da sua saia rasgada e enfaixada nas pernas como calças improvisadas estavam pesadas com lama seca. A espada desajeitadamente embainhada balanceava-lhe pela perna enquanto percorria as solitárias galerias, procurando uma porta que se assemelhasse vagamente à de uma sala de veladura. O corpo de Aezrel fora honrosamente levado para o local onde os mortos de Aemer-Anoth por princípio apenas sirulianos eram velados, e Aewyre não saíra de lá desde então. Por fim, avistou uma entrada em arco ornada com motivos fúnebres alusivos à escalada dos mortos nas suas Montanhas que destoava claramente de todo o resto, e concluiu que encontrara a sala.

Não apressou o passo, pois não tinha pressa de descobrir o que queria dizer ao guerreiro, mas a súbita saída de Kror da sala deu-lhe um indesejado pretexto para se deter. O drahreg também pareceu surpreso ao ver a princesa, pois parou assim que a viu, e os dois ficaram a olhar um para o outro em silêncio. Kror podia ter lutado a seu lado durante a batalha e ter uma misteriosa relação com os eahan ainda por explicar, mas Lhiannah continuava com dificuldades em aceitar a presença do drahreg e não se sentia à vontade na sua companhia.

O Aewyre...? perguntou, indicando a entrada. Kror acenou com a cabeça.

Obrigada agradeceu em surdina, retomando o passo ao mesmo tempo que o drahreg. Os dois passaram a uma respeitosa distância um do outro, fazendo os possíveis por evitar um olhar de soslaio e falhando na tentativa.

A súbita tensão no corredor baixou com o distanciamento dos passos de Kror, e Lhiannah pôde por fim entrar na sala de veladura. O compartimento em questão era pequeno e abobadado, e Lhiannah ficou surpresa com as inesperadamente belas pinturas nas abauladas paredes, que retratavam a jornada de figuras arnesadas através de uma etérea paisagem montanhosa. A sala era sobriamente iluminada por dois pares de tochas penduradas nas quatro molduras opostas da abóbada, e no seu centro encontrava-se uma laje de mármore sobre a qual jazia o corpo de Aezrel Thoryn. Fora obviamente feita a pensar no enorme porte dos sirulianos, e o baixo nolwyno quase parecia uma criança, deitado nela de mãos sobre o peito. O seu corpo estava cingido por uma mortalha branca que cheirava a rosmaninho, dissimulando o cheiro a morte, e as suas empalidecidas feições pareciam serenas na morte como nunca o haviam sido em vida, ou pelo menos assim Allumno afirmara. Aewyre estava ao lado do seu pai e de costas para Lhiannah, com ambas as mãos apoiadas sobre o pomo de Ancalach. Ainda envergava o arnês siruliano, que estava praticamente coberto de sangue e lama. A arinnir deteve-se à entrada, questionando-se quanto à conveniência da sua presença em tal momento, mas acabou por entrar e dirigir-se lentamente ao guerreiro, tendo o cuidado de arrastar ligeiramente as sapatilhas para anunciar a sua chegada. Aewyre não se mexeu, e Lhiannah deteve-se detrás dele a menos de um passo de distância, puxando para trás as madeixas de cabelo soltas do rabo-de-cavalo e incerta quanto ao seguinte passo a tomar. As suas irresolutas mãos acabaram por se erguer, percorrendo o inesperadamente

longo caminho até às espaldeiras do guerreiro, sobre os quais pairaram, hesitantes, até por fim pousarem.

Eu... lamento muito, Aewyre.

A cabeça do seu companheiro mexeu-se quase imperceptivelmente, acusando a recepção das suas palavras e pouco mais do que isso. Lhiannah afagou-lhe as espaldeiras, sem saber o que dizer a um homem que acabara de perder o pai pelo qual viajara através de meia Allaryia.

O meu pai nunca alcançará o pináculo da sua montanha disse Aewyre de repente, quebrando o velado silêncio.

Lhiannah não esperara tal afirmação e levou alguns instantes a conseguir perguntar:

Porquê...?

O Allumno contou-me. Ele concedeu um fragmento da sua própria alma para que Tharobar conseguisse forjar Ancalach, fundiu-se a ela. Agora que morreu, a sua alma foi absorvida. A ponta da espada rilhou o chão com a força que o guerreiro fez no seu pomo. Não subirá à sua montanha, não terá o direito às últimas palavras com a minha mãe, nem comigo ou com o Aereth quando morrermos. A única coisa que o espera é o oblívio dentro da lâmina de uma espada... foi por isso que ele me pediu desculpa...

Lhiannah não tinha palavras. Mas, reflectiu, se o Allumno lhe contara isso...

Ele sempre soube, desde o início completou o guerreiro o seu pensamento. Sempre soube que o meu pai não tinha morrido, era mais do que uma esperança vã. Só não sabia *onde* ele estava.

Estás... zangado com ele? Aewyre não respondeu de imediato.

Não, afirmou por fim. Talvez até devesse, mas não estou. Ele nunca me mentiu e deixou que as minhas próprias esperanças me movessem. Não, toda a minha raiva vai para uma pessoa apenas...

A sua voz endurecera de repente e o guerreiro virou-se para a arinnir, empunhando Ancalach defronte da sua cara. A bruxuleante luz das tochas reflectia-se no imaculado aço que Aewyre estivera obviamente a limpar, inflamando-o como se espelhasse a ardente cólera de quem a tinha em mãos.

Vou matá-lo, Lhiannah declarou, empunhando Ancalach em trémulas mãos iradas. Vou matar o maldito desgraçado. Não sei como, mas juro que o vou matar.

Deixou a sua solene promessa persistir alguns momentos no ar antes de embainhar a espada e olhar para a princesa pela primeira vez

desde que esta entrara. Lhiannah apertava as improvisadas calças com os nervosos dedos e olhava fixamente para os orbes escuros do guerreiro. Ainda pensou em perguntar acerca de Krór só para contrariar o desconfortável mutismo que os acometera a ambos, mas havia demasiadas outras coisas que lhe queria dizer para gastar o seu fôlego com o drahreg. Coisas que não se sentia confortável a dizer na sala onde jazia o corpo do pai de Aewyre. Mas o silêncio era intolerável.

Aewyre, eu... Olhou para o chão, pigarreando e tornando a erguer a cabeça. Eu queria pedir-te desculpa... pelo que disse, e...

Não, Lhiannah interrompeu-a o guerreiro, surpreendendo-a ao pegá-la pelos ombros. Não interessa, nem o que tu disseste, nem o que eu disse. Agora não interessa mesmo nada. Eu preciso do teu apoio. O resto não interessa.

As mãos sujas de Aewyre apertavam-lhe os ombros, e estava tão próximo que a arinnir podia cheirar o seu odor a sangue, suor e urina. Apesar de coberta por um restolho de barba, a sua face mais parecia a de um menino triste e assustado a pedir conforto do que a de um guerreiro determinado a matar o próprio Flagelo. Os seus olhos escuros e francos, as suas mãos másculas, tão forte e tão frágil, acalorando-a por dentro com a sua proximidade e fazendo o seu coração bater mais depressa... As já vacilantes incertezas de Lhiannah esvaneceram-se por fim e a princesa fechou os olhos suavemente, inclinando a cabeça ligeiramente para trás e apartando os lábios enquanto as mãos de Aewyre deslizavam pelo seu torso abaixo...

Os surpresos olhos da arinnir abriram-se quando sentiu a soluçante cabeça de Aewyre pousar de lado sobre o seu peito e os seus braços a abraçarem-lhe a cintura com força. O guerreiro ajoelhar-se e agora chorava como uma criança no seu colo, molhando-lho com lágrimas que até então haviam teimado em sair. Lhiannah levou algum tempo para compreender o que se passara, piscando os olhos e olhando para baixo em momentânea e quase indignada perplexão com os confusos braços estendidos a seus lados. O patético pranto do guerreiro não tardou a comovê-la, contudo, e a arinnir acabou por lhe abraçar a cabeça, afagando-lhe meigamente os cabelos e apertando-a contra o seu terno colo. Lhiannah exalou ruídos tranquilizadores através dos dentes, oscilando levemente como o faria para embalar uma criança e vascolejando mansamente as lágrimas para fora de Aewyre.

O sol do entardecer afundava-se nas já dispersas nuvens da tempestade que retiravam para oeste, ruborizando-as com o seu minguante calor. Aewyre e Kror encaravam-se no lamacento pátio da bastilha, sozinhos e observados pelos restantes companheiros no topo da barbacã leste. As suas armas estavam embainhadas, e os dois guerreiros não mexiam um músculo havia bastante tempo, apenas com os cabelos a abanarem ao vento. Quenestil e Slayra estavam abraçados, Allumno apoiava-se no cajado, Worick observava de braços cruzados e Lhiannah tinha as mãos sobre os ombros de Taislin, que estava sentado sobre uma ameia. A maior parte dos conscritos trabalhava em baixo, desobstruindo o portão dos escombros da torre, mas alguns passeavam desorientados pelas muralhas enquanto procuravam ocupar o seu tempo até à sua libertação no dia seguinte, e poucos mostraram interesse no que se passava no pátio.

O que é que eles vão fazer? perguntou o burrik.

Isso estamos nós à espera de descobrir, meu pequeno amigo disse Allumno com os cabelos e as pontas da capa colada ao seu corpo a adejarem.

Um deles tem de morrer para que a Essência passe para o outro explicou Quenestil. Slayra afagou-lhe a cara maculada de cortes e inchaços e os dois eahan fitaram-se mutuamente. O corpo de Tannath fora atirado para o rio antes que a eahanoir o pudesse ter visto, e, talvez fosse melhor assim. O shura beijou-lhe a testa e abraçou-a com mais força, acariciando o seu ventre.

Assim o ditam as leis pelas quais a Essência se rege... obstou Allumno no momento em que os dois guerreiros no pátio desembainharam as suas armas, silenciando todos nas muralhas com o silvo do aço.

Aewyre e Kror continuaram imóveis e nunca tiraram os olhos um do outro, embora Ancalach e os alfanges parecessem vibrar nas suas mãos como amantes palpitantes ansiosos por se beijarem. Passaram-se alguns momentos tensos, durante os quais todos esperaram que os dois dessem início ao combate, mas nada aconteceu e humano e drahreg acabaram por apenas erguer as lâminas em saudação, embainhando-as de seguida.

... mas o Aewyre nunca foi muito de se reger pelas leis comentou o mago.

Então? admirou-se Worick. O que é que ele está a fazer?

A recusar-se a combater, a desafiar a Essência da Lâmina explicou Allumno, suspirando. Irá com o Kror para a Cidadela da Lâmina.

Os companheiros viraram os olhares para o mago, admirados. A Cidadela era o reduto de todos os que portavam a Essência da Lâmina, um refúgio seguro onde os seus portadores não receavam a perseguição e onde podiam aprender a manejar as suas habilidades debaixo da tutela dos melhores espadeiros do continente. Era provavelmente o local mais seguro de Allaryia, embora fosse vista por muitos como o mais perigoso.

O que espera ele fazer lá? quis Quenestil saber.

Nem ele sabe ao certo. Porventura procurar uma forma de tornear o preço de sangue que a Essência da Lâmina exige, se é que tal coisa é possível...

Mas por que não luta ele contra o drahreg? sugeriu Worick.

Porque o desfecho de tal combate é imprevisível. São os dois grandes espadeiros, e a verdade é que o Aewyre não deseja matar o Krór, tanto por nos ter ajudado como pela sua estranha ligação com os eahan. Além disso, se morresse no confronto, o que seria perfeitamente possível, apenas o seu irmão Aereth poderia empunhar Ancalach contra O Flagelo, e não se encontra apto para tal tarefa.

Mas que bela barganha de eahanoir... comentou o thuragar, ignorando o olhar de soslaio de Slayra.

E nós? lembrou-se Taislin. O que fazemos?

Boa pergunta, meu amigo disse o mago, sorrindo fracamente ao burrik. O Aewyre descobriu por fim o seu destino, e aceitou-o, mas infelizmente é algo que ele e o Krór deverão fazer sozinhos. Não o podemos ajudar no que ele se propôs a fazer.

As palavras do mago eram desagradavelmente terminantes, mas ninguém as pôde contrariar.

Quanto a nós, a Slayra não está pronta para uma viagem, pelo que deverá ficar com o Quenestil e com os eahan em Aemer-Anoth até o bebé nascer. Os eahan ofereceram-se amavelmente para os alojar aos dois. Nenhum dos eahan discordou. Alguém tem de levar o corpo de Aezrel para Ul-Thoryn. Lhiannah? Talvez tu, o Worick e o Taislin o possam fazer?

Claro acedeu a princesa, ignorando um resmungo de Worick perante a perspectiva de uma viagem com Taislin. E tu, Allumno? Vens connosco ou ficas com o Quenestil e a Slayra?

O mago virou a cara e olhou para Aewyre e Krór, que se dirigiam para a barbacã, e seguidamente para o céu avermelhado. Pareceu perder-se momentaneamente no nublado horizonte, mas acabou por responder com um tom de voz mais baixo.

Eu terei de vos deixar. Deixou alguns instantes passarem para deixar as suas certamente inesperadas palavras assentarem no seio dos companheiros. Apenas Worick soubera da sua decisão de antemão e não se mostrou admirado. Há... coisas que tenho de fazer, pessoas com as quais devo falar. Mas não partirei de imediato. Ainda temos muito que discutir, todos nós. Muito mesmo...

Nenhuma outra palavra foi proferida na barbacã. Nada mais havia a dizer por enquanto, e todos preferiram a visão dos últimos raios do sol às incertas expressões evidenciadas nas caras de todos. Aewyre sabia qual o seu destino, e aceitara-o. Mas quais seriam os seus?

EPÍLOGO

Lorde Tylon Nehin caminhava pelos corredores iluminados por tochas de Aemer-Anoth, voltando do habitual passeio noturno que o seu físico lhe recomendara para a digestão. Comera demasiado durante os festejos do casamento da sua filha, e os seus intestinos estavam desregulados. Pelo menos tudo correria de feição. Aereth e a sua filha já haviam consumado o seu casamento no leito de núpcias, pelos restos de sangue que as criadas haviam visto nos lençóis, e a aliança entre Ul-Thoryn e Lennhau fora terminantemente reforçada. Em breve comunicaria os progressos ao seu mestre, que nunca esperara um desenvolvimento tão conveniente da situação a servir os seus propósitos. Os seus dias como regente de Lennhau aproximavam-se do fim; em breve poderia aspirar a ambições maiores...

O tinir de um guizo no corredor chamou-lhe a atenção, e Tylon Nehin deteve-se abruptamente, olhando para trás. Ninguém. Apenas as águias de ferro a servirem de tocheiras o fitavam, átonas, e o único movimento era o do vento que entrava pelas janelas abertas. Outro guizo tiniu, desta vez à sua frente, e Tylon deparou com um ligeiro sobressalto com o bobo.

Dilet estava de braços cruzados atrás das costas numa pose invulgarmente composta, e vestia o mesmo traje verde e vermelho do dia do casamento, como se não tivesse mudado de roupa desde então. Baixo e magro, parecia enfezado perante a corpulência de lorde Tylon, mas o porte do regente não o intimidava minimamente. A narina mais elevada do que a outra e os seus incisivos leporinos faziam parecer que estava a franzir o nariz em desprezo, mas os cantos da boca estavam erguidos num confiante sorriso e os olhos de carúnculas

bem visíveis brilhavam com uma estranha alegria. O primeiro instinto de Tylon foi o de enxotar a criatura, mas esta na verdade despertara a sua curiosidade desde o primeiro dia que a vira, e nunca tivera ocasião de falar com ele a sós.

Encontrarás poucos ouvintes para os teus chistes a estas horas, bobo comentou na sua voz de barítono, cruzando os braços debaixo do abarrilado peito.

Horas pouco apropriadas para chistes, é certo concordou Dilet, surpreendendo o regente com a ausência de rima e uma voz surpreendentemente nivelada. Pouco apropriadas para muitas outras coisas, na verdade. As horas da noite, lorde Tylon, pertencem ao nosso senhor uma vez mais.

O grande homem foi surpreendido e o seu queixo descaiu ligeiramente.

Como...?

Ele voltou, lorde Tylon, não importa como. As nossas preces foram ouvidas, e O Flagelo regressou.

O regente de Lennhau estava sem palavras. O Flagelo, vivo uma vez mais? E o que sabia o bobo disso?

Como... como pode saber?

Ouvi as sombras, lorde Tylon. Escutai os sussurros da noite. Não conseguis senti-lo? *Othragon* não vos avisou?

O seu peito acalorou-se perante a menção do nome do seu mestre.

O que és tu, criatura? perguntou Tylon quase em surdina, subitamente receoso do estranho bobo.

Apenas mais um humilde servo do nosso senhor. Tal como vós, que o servis através de *Othragon*. Trago-vos uma oferenda, lorde Tylon, com a qual melhor o podereis servir.

O homem olhou desconfiadamente para os braços de Dilet, que continuavam escondidos atrás das suas costas, e estava incerto quanto a aceitar ou não fosse o que fosse do enigmático bobo. Ainda estava demasiado aturdido para responder ou perguntar qualquer coisa quando Dilet lhe apresentou um bebé cingido por um envolvido de linho branco, arregalando-lhe ainda mais os olhos.

Nada temais, lorde Tylon. É uma pobre órfã de mãe, e só será perigosa quando crescer.

Hesitante, Tylon estendeu as grandes mãos e pegou no bebé, que estava acordado e perfeitamente sossegado. As farripas de cabelo sobre a sua testa eram castanhas, as suas anafadas bochechas saudavelmente rubicundas, e os seus bonitos olhos tinham uma cor azul a tender para

o arroxeador. O regente de Lennhau ficou a olhar perplexamente para a bebé nas suas mãos e o bobo passou ao seu lado, caminhando como se a sua tarefa estivesse cumprida.

Aonde vais? quis Tylon saber, virando-se para o bobo, que continuou a andar. De quem é esta criança? O que é que eu faço com ela?

Servireis os propósitos do nosso senhor cuidando dela, lorde Tylon. Considerai-a um... recurso de contingência. Arranjai-lhe uma mãe ou uma ama-de-leite, tendes mulheres em abundância na vossa corte. Nada mais é exigido de vós.

Mas... mas...

Regozijai, lorde Tylon recomendou-lhe Dilet de costas, erguendo uma mão à laia de despedida antes de desaparecer da esquina do corredor. O nosso senhor regressou...

O homem ainda balbuciou algumas palavras, segurando a bebé como se fosse algo que desejasse manter longe de si.

O nosso senhor regressou? E fui avisado por um bobo? Resignado, o regente de Lennhau acabou por pegar no bebé ao colo, ignorando os seus ruídos de curiosidade e dando-se por afortunado por ao menos não estar a chorar. Tinha de falar com mestre Othragon. Urgentemente.

A verdadeira Demanda pelo Trono começara, e aparentemente não a estava a jogar apenas com Aereth Thoryn.

POSFÁCIO

Aconteceu.

O Flagelo ressurgiu e Allaryia perdeu o seu campeão, tudo num único e cruel golpe repentino e inesperado. O Bastardo acompanhara os companheiros desde a fatídica partida de Ul-Thoryn, influenciando subtilmente o seu percurso por Allaryia a favor dos seus desígnios. Tudo isto me era conhecido, mas a minha tarefa é meramente observar e relatar, nada mais.

Aewyre Thoryn irá tentar algo nunca experimentado: empossar-se da Essência da Lâmina sem matar o adversário que por ela lhe foi destinado, Krór, o misterioso drahreg. Muito certamente aguarda estes dois guerreiros, unidos pela necessidade de se matarem um ao outro na tentativa de a abnegar. Os restantes companheiros procuram o seu papel naquele que, de um dia para o outro, se tornou um mundo completamente diferente. Resta-lhes ver o quanto Allaryia mudou ou está para mudar nos tempos vindouros.

As tramas urdidas pelo Anátema durante os seus vinte anos de cativo começam por fim a revelar-se, desenrolando-se insuspeitas e sem oposição significativa. Sirulia foi avisada e prepara-se para o que decerto virá, estarão as restantes nações prontas para o vindouro pesadelo? O que a Sombra reserva para Allaryia é-me desconhecido mesmo a mim; resta-me observá-lo e registá-lo como me compete. Até lá, que os deuses estejam connosco.

Pearnon, o Escriba Crónicas de Allaryia

GLOSSÁRIO

Acquon (Á-quón) Deus da medicina.

Adelayne (a-de-LAI-ne) Princesa siruliana, mulher de *Aezrel Thoryn*, de quem teve dois filhos, *Aereth Thoryn* e *Aewyre Thoryn*. Morreu de desgosto quando se disse que o marido morrera em *Asmodeon*.

Aedreth Caeryth (EI-dré-th-QUEI-rith) Castelão de Aemer-Anoth.

Aelgar Moryth (EIL-gáre-mó-RÍ-TH) *Mandatário* de Aemer-Anoth.

Aereth Thoryn (EI-reth-THÓ-rine) Irmão de *Aewyre Thoryn*, filho de *Aezrel Thoryn* e *Adelayne*. Reina em Ul-Thoryn como o primogénito de *Aezrel*.

Aezrel Thoryn (EI-zrél-THÓ-rine) Herói da *Guerra da Hecatombe*, o rei sem linhagem, pai de *Aereth Thoryn* e de *Aewyre Thoryn*. Casado com *Adelayne*. Desaparecido e dado como morto após a batalha com *Seltor* em *Asmodeon*.

Ajuramentado Termo pelo qual os *sirulianos* se denominam quando não são detentores de nenhum outro cargo de renome; equivalente ao estatuto de recruta.

Allaryia, Pilar de Obra das *Entidades*, um imenso pilar que atravessa Allaryia de um lado ao outro, fazendo com que gire em si e permitindo-lhe ser banhada pelo sol. Contém a essência das *Entidades*, da qual se alimentam os *Novos Deuses*, a fonte de energia que também é moldada pela *Palavra*.

Arinnir (a-RINE-nir) Povo de mulheres exiladas que vivem em sociedades matriarcais, pregando a paz e isolando-se do mundo, que

consideram corrupto e mau. Os únicos homens presentes nessas sociedades são escravos e reprodutores.

Asmodeon (az-MÓ-dé-ón) Antiga *Syntadel*, posteriormente corrompida por *Seltor*. Fortaleza negra situada numa península homónima, ligada ao continente pelo Istmo Negro.

Assana (as-SA-na) Deusa do amor, da paixão e do casamento.

Azigoth (á-zí-GÓTH) Seres demoníacos criados à imagem de *Luris*.

Azathrax (á-zá-THRÁCS) Espécie de *azigoth* dedicada a espalhar a dor e o sofrimento indiscriminadamente e para a qual a agonia dos outros é um fim em si.

Batedor Designativo de *sirulianos* que vivem no ermo de *Asmodeon*, cuja função é monitorar os movimentos de quaisquer forças hostis e engajar o inimigo em operações arriscadas.

Bellex (BEL-lécs) Deus da lei e da justiça.

Castelão Designativo dos comandantes das fortalezas sirulianas; regentes autónomos dos feudos da Sirulia.

Cortun Allark (QÓR-túne ál-LÁRQ) Paladino de Lorde *Tylon Nehin*.

Dalshagnar (DAL-xá-gnár) A Língua Negra, espada de *Seltor*.

Deuses, Novos Divindades criadas aquando da fragmentação *As Entidades*. São eles *Acquon*, *Assana*, *Bellex*, *Gilgetban*, *Gorfanna*, *jjoral*, *Kispryn*, *Nirille* e *bambar*.

Divaroth (dí-vá-RÓ-th) Seres angelicais criados à imagem de *Sirul*.

Eahan (ÉAL-lane) *Eahan* antigamente protegidos por *Sirul*, tendo vivido debaixo do braço da benévola Entidade até esta se fragmentar. Migraram para Sirulia, onde vivem com os seus habitantes, ansiando pelo dia em que poderão tomar *Asmodeon*.

Eluana Lasan (é-lii-Á-na-la-XÃN) Eahana, esposa de *Hanal Lasan*.

Entropia A essência caótica primordial, à qual as *Entidades* se sobrepuseram durante a Criação. Para grande pesar dos magos, resquícios dela ainda perduram em Allarya, o que frequentemente interfere com o seu uso da *Palavra*.

Essência, Resíduo de energia deixado pelas *Entidades*, que move o *Pilar de Allarya* e alimenta os deuses.

Factoto Designativo do braço-direito de um *Castelão*.

Fadados Seita de *Seltor* constituída por homens e mulheres que ofereceram as suas almas em troca da dádiva negra. O aspecto do

Flagelo que veneram é a faceta da morte que o seu senhor adquiriu ao tomar o lugar de Ankhamon. A sua doutrina assenta na crença que cada morte causada é um passo em frente para o regresso de *Seltor*.

Flagelo, Filhos do Cabala dispersa e oculta de adoradores de *Seltor*, que acreditam que um dia o seu senhor regressará. As suas fileiras são constituídas por indivíduos sem escrúpulos, ladrões, assassinos e afins párias da sociedade. Também usado como expressão geral para denominar toda a progénie da Sombra.

Fronteiro Designativo dos comandantes dos fortes e guarnições avançadas de *Asmodeon*.

Garigonor (gá-ri-GÓ-nóre) *Thuragar* escravos considerados pelos seus pares como pouco mais do que toupeiras amestradas, humanóides baixos, corcovados e peludos, perfeitamente adaptados à vida subterrânea.

Garogar (GA-ró-gáre) Língua dos *thuragar*.

Gilgethan (GUIL-gé-thãne) Deus da guerra, da força de armas e dos feitos heróicos, bons ou maus.

Glottik (GLÓ-tiq) Linguagem derivada dos antigos dialectos sirulianos. Presentemente, é a língua corrente em Allaryia, falada ou aceite em quase todas as regiões como o idioma universal.

Gorfanna (gór-FAN-na) Deusa da agricultura, dos animais domésticos, da colheita, do lar e das terras domadas.

Guia Obscuro ser incumbido pelas *Entidades* de velar pelas almas dos defuntos, o seu dever é guiá-las até às suas *Montanhas*, deixando-as seguir o seu caminho sem interferir. Representa a morte em oposição à vida representada pela *Mãe*.

Hanal Lasan (há-NHÖL-la-XÂN) Patriarca da família *Lasan*, líder do último reduto de *Eahan* em *Asmodeon*.

Iolinnah Nehin (IÓ-lín-na NE-hine) Princesa de Lennhau, filha de *Tylon Nehin* e *Lethia Nehin*, prometida de *Aereth Thoryn*.

Joral (Jô-RÁLE) Deus do dinheiro, dos negócios e do comércio.

Kispryn (kiss-PRINE) Deus da rebeldia, da irreverência, da brincadeira, das partidas, o Parlapatão dos Deuses. Criador dos *burriks*.

Leochlan (LE-óq-lãne) Língua de Tanarch.

Lethia Nehin (LE-thia-NE-hine) Esposa de *Tylon Nehin*.

Linsha Akselban (LÍNE-xâ-ÀC-sél-bâne) Pupila de *Malagor*, feiticeira pertencente aos *Filhos do Flagelo*.

Mãe Obscuro ser incumbido pelas *Entidades* de velar pela Natureza em Allaryia, representando a vida em oposição à morte representada pelo *Guia*.

Malagor (má-lá-GÓRE) O Alto Vulto, o líder dos Filhos do Flagelo. Membro do *Triunvirato*.

Mandatário Designativo dos sirulianos incumbidos de assegurarem a pureza da linhagem siruliana, encarregues de levarem a cabo as acções de procriação com as sirulianas exiladas em Tanarch.

Miliciar Designativo de *sirulianos* com o treinamento de recruta completo.

Montanha Aquando da morte de um indivíduo, a alma deste voa para um estranho e montanhoso reino espiritual. Lá deve escalar a montanha que representa aquilo que alcançou enquanto vivo, sendo a sua altura correspondente aos seus feitos, daí a expressão "subir a montanha" como eufemismo para a morte. No fim da escalada, na qual um indivíduo revê tudo em retrospectiva, são-lhe abertas as portas para o domínio do deus que venera ou, no caso dos magos, são absorvidos na *Essência* do *Pilar de Allaryia*.

Nirille (ni-RÍL-le) Deusa da arte, da música e da dança.

Nolwyn (NÖLE-uin) A que já foi a mais poderosa das nações humanas, presentemente reduzida a oito domínios de cidades-estado, que são: *Ul-Thoryn*, *Vaul-Syrith*, *Sardin*, *Lennhau*, *Promontório de Durlan*, *Sicoro*, *Antumnia* e *Sandona*.

Nycatalos (ni-CÁ-tá-lóx) Criaturas da Sombra, parecidas com morcegos humanóides. A sua saliva impede que as feridas por eles infligidas parem de sangrar e os seus guinchos afectam o ouvido interno dos adversários.

Ogroblin (õ-GRÓ-bline) Criações de *Seltor*, humanóides de grande porte, parecidos com enormes drahegs. Vivem apenas para matar e comer, e as regiões que habitam tendem a ficar extremamente pobres em fauna e flora.

Olgur (ÓLL-gúre) Idioma falado em *Asmodeon*.

Palavra, A Língua primordial, ensinada pelas *Entidades* aos humanos durante a Terceira Era. Através das palavras nela proferidas, é possível fazer uso da *Essência* para criar efeitos desejados. Este acto é conhecido como a Arte da Palavra e a sua ciência é conhecida como Magia. Leigos chamam-lhe "esconjurar feitiços" ou "encantamentos".

Sarea (SA-ria) O Arauto Divino, enviada pelos *Novos Deuses* para combater a nefasta influência de *Seltor* em *Allaryia*. Pereceu dos ferimentos que recebeu no combate ao lado de *Aezrel Thoryn* contra *Seltor*.

Seltor (SEL-tóre) Filho da união profana entre *Luris* e um mortal. O Segundo Pecado, o Usurpador de Deuses, o Flagelo de *Allaryia*, o Anátema, o Bastardo, o Mal Encarnado, a Sombra.

Sirulianos Humanos que viveram sob a protecção de *Sirul* durante a Quarta Era. São um povo alto, forte e nobre, que habita Sirulia e cujos castelos servem de barreira às ameaças de *Asmodeon*.

Terceiro Pecado Expressão alusiva a um acto impensado de consequências graves ou uma grande asneira. O primeiro e segundo foram a criação dos drahegs e a concepção de Seltor, respectivamente.

Tharobar (THÁ-ró-báre) Deus da manufactura, dos ferreiros e do engenho.

Torun (TÓ-rune) Filho de *Sirul* e *Luris*. Irmão de *Wrallach*. Morto durante a Guerra da Hecatombe.

Triunvirato, O O concelho regente de Tanarch, constituído por três poderosos magos mercantes, conhecidos como Os Três.

Tylon Nehin (TÍ-lón NÉ-hine) Regente de Lennhau. Casado com Lethia Nehin.

Ulkekhlen (UL-qéq-lén) Pequenos duendes malignos, criados por Seltor para combater os Thuragar.

Uman (Ú-má-ne) Seres andróginos, criados à imagem de *Siris*.

Veluriano Língua abastardada da Palavra.

Wrallach (WRAL-laqh) Filho de *Sirul* e *Luns*. Irmão de *Torun*. Morto durante a Era Negra, posteriormente ressuscitado por *Seltor* e definitivamente morto na Guerra da Hecatombe.

Zoryan (zó-RI-âne) O Arquimago, companheiro de *Aezrel Thoryn*. Morto durante a Guerra da Hecatombe.

ÍNDICE

Prefácio

Prólogo

LIVRO QUINTO

Confidências forçadas

Velhos ressentimentos

Feridas da carne e da alma

Revelações 67

A Capoeira

Despertar

Perigos descartados

Um toque feminino

Incursão no Pilar

Um convite irrecusável

Preparativos

O senhor da Torre Judicante

Alas conturbadas 185

Pesadelo inconcluso

Entre o punho e a palma

Condenados 230

LIVRO SEXTO

A barça dos conscritos

Os segredos do Mandatário

Conluio nas sombras

557

Medos confrontados

A noite dos vultos

A caminho da Sirulia

Aemer-Anoth 340

Expectativas

Os filhos de Sirul

A águia nidifica

Advento da batalha 408

Embate no Esporão

A torre de cerco

Novos aliados

Convergência fatal

O Flagelo renascido

Sequelas

Epílogo

Posfácio

Glossário

558